

• ANAIS •

# II Simpósio Internacional Futebol, Linguagem, Artes, Cultura e Lazer



**FUTEBOL**  
SIMPÓSIO INTERNACIONAL  
LINGUAGEM • ARTES • CULTURA • LAZER

08 a 10 de setembro de 2016

Belo Horizonte

• **A N A I S** •

**ISBN: 978-85-61537-25-8**

## **Organizadores**

Silvio Ricardo da Silva  
Élcio Loureiro Cornelsen  
Sarah Teixeira Soutto Mayor  
Alexandre Francisco Alves  
Georgino Jorge de Souza Neto

# II Simpósio Internacional Futebol, Linguagem, Artes, Cultura e Lazer

1ª edição



Belo Horizonte  
2016

S612a Simpósio Internacional Futebol, Linguagem, Artes, Cultura e Lazer (2. : 2016 : Belo  
2016 Horizonte, MG)

Anais do II Simpósio Internacional Futebol, Linguagem, Artes, Cultura e Lazer  
[recurso eletrônico] / organizador Silvio Ricardo da Silva [et al.] – Belo Horizonte :  
EEFFTO/ UFMG, 2016

291 p.

Inclui bibliografia

1. Futebol - Congressos. 2. Lazer – Congressos. 3. Cultura – Congressos.  
I. Silva, Silvio Ricardo da. II. Título.

CDU: 796.332(063)



# Ficha Técnica



## Organização:

GEFuT – Grupo de Estudos sobre Futebol e Torcidas  
Coordenador: Silvio Ricardo da Silva

FULIA – Núcleo de Estudos sobre Futebol, Linguagens e Artes  
Coordenador: Élcio Loureiro Cornelsen

## Comissão editorial:

Silvio Ricardo da Silva  
Élcio Loureiro Cornelsen  
Alexandre Francisco Alves  
Sarah Teixeira Soutto Mayor  
Georgino Jorge de Souza Neto

## Palestrantes:

Ramon Llopis Goig  
Silvana Vilodre Goellner  
Gilmar Mascarenhas  
Priscila Augusta Ferreira Campos  
Maurício Murad  
Elcio Loureiro Cornelsen  
Bernardo Borges Buarque de Hollanda  
Marcelo Weishaupt Proni  
Arlei Sander Damo  
Júlio Frydenberg

## Coordenadores de Mesa:

Silvio Ricardo da Silva  
José Aelson Silva Júnior  
Leandro Batista Cordeiro  
Georgino Jorge de Souza Neto  
Marina de Mattos Dantas

Sarah Teixeira Soutto Mayor

## Coordenadores de Sessão Temática:

Jefferson Nicássio Queiroga de Aquino  
Christian Matheus Kolanski Vieira  
Felipe Vinícius de Paula Abrantes  
Luiz Gustavo Nicácio  
Erick Alan Moreira Ferreira  
Tiago José Silva Santana  
Carlos Coelho Ribeiro Filho  
Adriano Lopes de Souza  
José Aelson Silva Júnior

## Pareceristas:

André Maia Schetino  
Bruno Otávio de Lacerda Abrahão  
Cléber Augusto Gonçalves Dias  
Gustavo Cerqueira Guimarães  
Leda Maria da Costa  
Luciano Pereira da Silva  
Martin Christoph Curi Sporl  
Rogério Santos Pereira  
Sérgio Settani Giglio  
Sílvio Ricardo da Silva  
Priscila Augusta Ferreira Campos  
Venílson Luciano Benigno Fonseca

## Debatedores:

Bruno Otávio de Lacerda Abrahão  
Priscila Augusta Ferreira Campos  
Georgino Jorge de Souza Neto  
Venílson Luciano Benigno Fonseca  
Luciano Pereira da Silva  
Luiza Aguiar dos Anjos  
Rodrigo Bagni Moura Caldeira  
Thiago Carlos Costa  
Marina de Mattos Dantas



# Comissões

## **Comissão Científica:**

Alexandre Francisco Alves  
Georgino Jorge de Souza Neto  
Sarah Teixeira Soutto Mayor

## **Comissão de Transporte e Hospedagem:**

Jefferson Nicássio Queiroga de Aquino  
Erick Alan Moreira Ferreira  
Leandro Batista Cordeiro  
Carlos Coelho Ribeiro Filho

## **Comissão de Alimentação**

Amarildo da Silva Araújo  
Adriano Lopes de Souza

## **Comissão Financeira**

Silvio Ricardo da Silva  
Luciano Pereira da Silva  
Élcio Loureiro Cornelsen

## **Comissão de Apoio e Infraestrutura**

Adriano Lopes de Souza  
Thiago Carlos Costa  
Mariana Nunes de Carvalho  
Dayara Bruna de Oliveira  
Equipe do Museu Brasileiro do Futebol

## **Comissão Cultural**

Felipe Vinícius de Paula Abrantes  
Thiago José Silva Santana

## **Comissão de Comunicação e Divulgação**

Alexandre Francisco Alves  
Bárbara Gonçalves Mendes  
Gabriel Canuto Nogueira da Gama  
Marina de Mattos Dantas

Diego Fernando Bolaños

## **Comissão de Organização da exposição 10 anos do GEFuT**

Marina de Mattos Dantas  
Felipe Vinícius de Paula Abrantes  
Priscila Augusta Ferreira Campos  
Thiago Carlos Costa  
Bárbara Gonçalves Mendes  
Ricardo Malagori Videira Guedes

## **Exposição Mulheres no Futebol**

Thiago Carlos Costa  
Luiza Aguiar dos Anjos  
Silvana Vilodre Goellner  
Equipe do Museu Brasileiro do Futebol  
Equipe Museu do Futebol (SP)  
Equipe Centro de Memória do Esporte

## **Comissão de Lançamento de Livros**

Erilma Desireé da Silva Conceição  
Priscila Augusta Ferreira Campos  
João Paulo Maciel de Azevedo  
Mariana Nunes de Carvalho  
Cristiane Nestor de Almeida

## **Comissão de Jornalismo**

Gabriel Canuto Nogueira da Gama  
Alice Rojo Novais

## **Identidade Visual**

Ricardo Malagori Videira Guedes  
Bárbara Gonçalves Mendes

## **Secretaria**

José Aelson Silva Júnior  
Christian Matheus Kolanski Vieira  
Luiz Gustavo Nicácio  
Bárbara Gonçalves Mendes



### **Cerimonial**

Priscila Augusta Ferreira Campos

### **Produção do Programa especial do Óbvio Ululante**

Rafael Miguel – Rádio UFMG

Educativa

Sílvio Ricardo da Silva

Thiago José Silva Santana

Felipe Vinícius de Paula Abrantes

Georgino Jorge de Souza Neto

Sarah Teixeira Soutto Mayor

Luiza Aguiar dos Anjos

Marina de Mattos Dantas

André Silveira Gomes

## SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO.....	9
TORCER, RETORCER, DISTORCER E DESTORCE: NOTAS SOBRE FUTEBOL, HOMOFOBIA E PERTENCIMENTO <i>José Aelson da Silva Júnior</i> .....	10
LAS BARRAS POPULARES EN COLOMBIA: ALTER COMPLEMENTARIOS EN LA SOCIALIDAD <i>Diego Fernando Bolaños</i> .....	22
A HIPER-REAL VERDADE: TRÊS DISCURSOS DO <i>THE SUN</i> PÓS-DESASTRE DE HILLSBOROUGH <i>Matheus Passos Beck</i> .....	35
SIGNIFICADOS DO FUTEBOL AMADOR EM PETROLINA-PE E JUAZEIRO-BA: UMA LEITURA DAS VOZES DOS ATORES DO BAPE <i>Francisco Demétrius Luciano e Bruno Otávio Abrahão</i> .....	48
A BOLA ENTRE A CAPITAL E O INTERIOR DE MINAS GERAIS: UMA TRIANGULAÇÃO HISTÓRICA POSSÍVEL <i>Igor Maciel da Silva, Cleber Dias, Georgino Jorge de Souza Neto e Sarah Teixeira Soutto Mayor</i> .....	54
PERCEPÇÕES DOS PROFESSORES SOBRE O LEGADO DO MEGAEVENTO COPA DO MUNDO FIFA BRASIL 2014 EM UMA ESCOLA ESTADUAL DE BELO HORIZONTE – MG <i>Amarildo da Silva Araujo</i> .....	67
SOBRE O QUE PENSAM AS MULHERES? ELABORAÇÕES INICIAIS SOBRE A RELAÇÃO ENTRE MULHERES, O FUTEBOL E A PESQUISA <i>Luiza Aguar dos Anjos e Marina de Mattos Dantas</i> .....	81
RELAÇÕES DE GÊNERO NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR: O CONTEÚDO FUTSAL COMO CAMPO DE INVESTIGAÇÃO <i>Mariana Cristina Borges Novais, Tatiane de Paula Rodrigues, Lídia dos Santos Zacarias e Ludmila Mourão</i> .....	97
A PARTICIPAÇÃO DE MULHERES NAS TORCIDAS COMO UMA INCLUSÃO E UMA LEGITIMAÇÃO DO TORCER: ALGUMAS REFLEXÕES <i>Bárbara Gonçalves Mendes</i> .....	108
O TORCEDOR-CONSUMIDOR: APONTAMENTOS SOBRE MUDANÇAS NO MODO DE CONSUMIR O FUTEBOL <i>Gabriel Moreira Monteiro Bocchi</i> .....	117
CAIO MARTINS: O PRIMEIRO COMPLEXO ESTÁDIO-PRISÃO DA AMÉRICA LATINA <i>Henrique Sena Guimarães Lopes</i> .....	131

FUTEBOL E MEMÓRIAS INDÍGENAS ENTRAM EM CAMPO NO MUSEU BRASILEIRO DO FUTEBOL <i>Lucas Mendes Abdo e Marcus Ítalo da Cruz Augusto</i> .....	142
“A GALOUCURA NUNCA PARA DE CANTAR”: TORTURA SÔNICA, INÉRCIA E TEMPORALIDADES EM PARTIDAS DE FUTEBOL DO CLUBE ATLÉTICO MINEIRO. <i>Pedro Marra</i> .....	153
O FUTEBOL AMADOR COMO PRÁTICA DE LAZER: UM ESTUDO SOBRE O USO DO PARQUE ECOLÓGICO DO TIETÊ <i>Reinaldo Pacheco</i> .....	165
VIOLÊNCIA E ABANDONO NO ESTÁDIO DO MARACANÃ: A CONSTRUÇÃO DO CAOS PARA LEGITIMAR O PROCESSO DE PRIVATIZAÇÃO. <i>Krycia da Silva Pemi</i> .....	180
FUTEBOL AMADOR E PATRIMÔNIO CULTURAL: PERCURSOS DE UM DEBATE NECESSÁRIO <i>Raphael Rajão Ribeiro</i> .....	193
O FUTEBOL E O TORCEDOR BRASILEIRO NA SOCIEDADE DE CONSUMO <i>Alexandre Gidaro</i> .....	207
MÉTODOS DE ENSINO DO FUTSAL NA EDUCAÇÃO FÍSICA DO ENSINO FUNDAMENTAL <i>Mariana Nunes de Carvalho, Marcos Gonçalves Maciel e Vinícius Moraes de Souza</i> .....	215
PAIXÃO CLUBÍSTICA NO FUTEBOL, MIGRAÇÃO ESTUDANTIL INTERNACIONAL E LUGAR: ALGUMAS APROXIMAÇÕES <i>Leandro Batista Cordeiro</i> .....	226
A SISTEMATIZAÇÃO DO ENSINO DO FUTSAL NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA <i>Mariana Nunes de Carvalho e Marcos Gonçalves Maciel</i> .....	237
UMA ANÁLISE POLÍTICO-ECONÔMICA CRÍTICA DO FUTEBOL: POTENCIALIDADES DE ESTUDOS A PARTIR DA EPC <i>Irlan Simões da Cruz Santos e Anderson David Gomes dos Santos</i> .....	246
UM GESTO ELEVADO: DEFININDO A POSIÇÃO DE AMADOR. <i>Rodrigo Carrapatoso de Lima</i> .....	256
VIOLÊNCIA, TORCIDAS E INTOLERÂNCIA NO FUTEBOL: O CASO DOS HOOLIGANS COMO FENÔMENO DA EXPRESSÃO DA AGRESSIVIDADE FORA DAS “QUATRO LINHAS” <i>Vinícius Triches</i> .....	267
A EXPOSIÇÃO DO MUSEU BRASILEIRO DO FUTEBOL: ESCRITA DA HISTÓRIA E CULTURA DO ESPORTE. <i>Thiago Carlos Costa</i> .....	282

## APRESENTAÇÃO

Como costumava dizer o icônico cronista esportivo Nelson Rodrigues, “em futebol, o pior cego é o que só vê a bola”. E é com o intuito de enxergar o esporte mais popular do país para além das quatro linhas que os núcleos de pesquisa da UFMG, o GEFuT – Grupos de Estudos sobre Futebol e Torcidas – e o FULIA – Núcleo de Estudos sobre Futebol, Linguagem e Artes – organizaram, em parceria, a segunda edição do Simpósio Internacional Futebol, Linguagem, Artes, Cultura e Lazer, em Belo Horizonte-MG. O evento foi realizado entre os dias 8 e 10 de setembro de 2016, no Museu Brasileiro do Futebol (MBF), no Estádio do Mineirão, e nos espaços da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional (EEFFTO-UFMG). Na ocasião, foi comemorado também os 10 anos de fundação do GEFuT.

O II Simpósio Internacional objetivou reunir pesquisadores do Brasil e do exterior que atuam em diversas áreas do conhecimento e que contemplam de modo interdisciplinar o tema do futebol nos seus estudos e, com isso, fomentam o intercâmbio de pesquisas. Indo além da visão pragmática do futebol, questões como gênero, educação, memória, história e globalização do esporte, ou seja, o futebol pensado na sua relação com as ciências humanas e sociais, serviram como pano de fundo para os debates nos diversos campos dos estudos.

A segunda edição do evento foi uma continuidade do primeiro encontro, realizado em 2013, e ratificou o crescimento dos estudos sobre o futebol nas últimas décadas.

Gabriel Canuto Nogueira da Gama  
Organização

**TORCER, RETORCER, DISTORCER E DESTORCE:  
NOTAS SOBRE FUTEBOL, HOMOFOBIA E PERTENCIMENTO**

***QUESTIONS ABOUT SUPPORT PRACTICES:  
NOTES ABOUT SOCCER, HOMOPHOBIA AND SENSE OF BELONGING***

**José Aelson da Silva Júnior<sup>1</sup>**

**Resumo:** O presente texto faz algumas incursões acerca da assistência do futebol e suas relações com as questões de gênero e sexualidade, problematizando e fomentando uma reflexão crítica e atual sobre o torcer como possibilidade de lazer, como espaço de afirmação de uma masculinidade hegemônica, cujas práticas denotam uma suposta universalidade da dominação masculina sobre o feminino e sobre outras formas de ser masculino. As notas estão dispersas na introdução e subtítulos do trabalho, apresentando através de enunciações a temática proposta.

**Palavras-chave:** futebol; gênero; torcer; torcida.

**Abstract:** This paper makes some incursions on soccer assistance and its relations with the issues gender and sexuality, questioning and fostering a critical and current reflection on the support soccer of leisure, as an affirmation space of a hegemonic masculinity, whose practices show a supposed universality of male dominance about women and about other ways to be male. The notes are scattered in the introduction and captions work, presenting through enunciations the proposed theme.

**Key-Works:** soccer; gender; support; fans

## **1. Introdução**

O texto a seguir é um compilado de fragmentos acerca do futebol como possibilidade de lazer e os significados assumidos por este fenômeno esportivo ao trazer consigo códigos de acesso e restrição de cunho homofóbico, visto o exercício da assistência ao jogo, ou mesmo o jogo em si, como espaços e práticas próprias a uma heteronormatividade singular e concisa.

De forma ensaística, a argumentação que orienta esta reflexão busca referências em trabalhos acadêmicos e outros textos não científicos que problematizam as relações de gênero e sexualidade no futebol, tendo como foco principal a experiência do torcer na sociedade brasileira, questionando a natureza unívoca de manifestar o pertencimento clubístico através da atitude máscula e viril requerida por esse esporte e seus agentes.

As notas presentes no corpo do texto fazem menção à participação de torcedores gays e da organização desses torcedores, intitulados torcidas queer, torcidas livres, bem como os

---

<sup>1</sup> Universidade Federal de Minas Gerais. E-mail: aelson.junior@ifmg.edu.br

que utilizam do substantivo que outrora fora utilizado para depreciação de seu clube, como no caso do Bambi Tricolor<sup>2</sup>.

Jogando com as palavras abaixo problematizamos algumas questões importantes para o entendimento e análise dos objetivos apresentados, *a posteriori*, nessa narrativa. TORCER, RETORCER, DISTORCER E DESTORCER a torcida no futebol.

O *Torcer* como ponto de partida suscita a ideia da construção dos significados dessa prática, estabelecendo à torcida e aos espaços constituídos para ela, como território de uma educação viril. Diferentemente deste primeiro, da possibilidade de uma gestualidade retorcida e de um torcer aviadado<sup>3</sup>, afetado, trejeitado, emerge um novo tipo de torcedor com seu jeito insinuantemente torto de torcer: um *retorcer*.

Esse jeito de torcer gay representa uma distorção nesse universo viril da torcida, constituindo uma verdadeira invasão de território. Uma torcida que, ao se mostrar retorcida, *distorce* o espaço da torcida viril. Uma torcida que destoa, incomoda, desequilibra a imagem “reta” do torcedor.

O jogo finda na perspectiva do *Destorcer*. Surge e fica a dúvida: O que é destorcer se não colocar as “coisas” no lugar? E o que está fora do lugar? É preciso destorcer o que está retorcido ou destorcer o torcer?

Neste sentido, esse ensaio tem como desafio desmistificar esse possível torcer gay, organizado em torcidas ou não, que se configura por meio de um emergente público torcedor, trazendo para cena da academia questões históricas, sociais e culturais acerca da invenção de um torcer masculino e de suas resistências quanto à participação, neste universo do futebol, de sujeitos que contrapõem tal ordem dominante.

As lacunas existentes e resistentes a essa temática justificam a relevância em problematizar o futebol e o torcer, como espaços de vivência do lazer, cuja dominação masculina é evidenciada e valorizada.

## 2. Futebol e torcida como possibilidades de lazer

A adequação do futebol, esporte inglês que desembarcou no Brasil em fins do século XIX, às características culturais do povo brasileiro explica o alto poder simbólico que esse esporte adquiriu ao longo dos tempos, passando a representar o povo brasileiro da mesma forma que fazem outros fenômenos nacionais, como o carnaval (DAOLIO, 2000).

A perspectiva que conduz a narrativa que, por hora, sustenta essa iniciativa de pesquisa, assume uma dimensão sociocultural nos processos de investigação do objeto demarcado pelo Futebol e suas interfaces, como o fazem vários autores brasileiros (Roberto Damatta, Jocimar Daolio, Silvio da Silva, Arno Vogel).

Damatta (1982, 1994) afirma que o futebol constituiu-se em veículo para uma série de dramatizações e representações da sociedade brasileira, permitindo a expressão e vivência de problemas nacionais. Afirma, ainda, que o futebol pode ser visto como “[...] uma imensa tela onde a experiência humana pode ser vivida e, o que é melhor, recordada e revivida.” (DAMATTA, 1982, p. 14)

De acordo com Rosa (2010), ao longo dos séculos XIX e XX, os processos de institucionalização e universalização do esporte, reconhecido aqui como fenômeno

<sup>2</sup> Galo Queer, Palmeiras Livre e Bambi Tricolor são alguns exemplos de torcidas organizadas através das redes sociais e declarados torcedores dos clubes do futebol brasileiro: Atlético Mineiro, Palmeiras e São Paulo.

<sup>3</sup> O termo “aviadado” não pertence ao léxico português, mas seu uso, de tão comum, legítima seu emprego em estudos que abordam as temáticas gays.

sociocultural, intensificaram-se com a formação de clubes e ligas esportivas expandindo-se para todos os estratos sociais e contextos geográficos.

Algumas pesquisas no campo da história do futebol corroboram com esses dados, como as investigações desenvolvidas por Marcelino da Silva, Raphael Ribeiro, Euclides Couto, Georgino Souza Neto e Rodrigo Moura, organizados em um coletivo de textos sobre as histórias do futebol e do torcer em Minas Gerais.<sup>4</sup>

Segundo Souza Neto (2012), nas primeiras décadas do século XX, começa a se configurar um novo comportamento do público em relação ao esporte *Bretão*. Esse mesmo autor sinaliza a transição de uma assistência do futebol para uma relação de predileção aos clubes e/ou times de futebol, estabelecendo algum tipo de vinculação com eles - o que se traduz no torcer. Damo (1998) esclarece esse novo sentido atribuído ao futebol pelo sujeito torcedor ao dizer que torce por um time assume contornos de uma identidade social e corresponde a códigos e valores que dizem muito acerca de quem somos.

Assim como aponta Silva *et al* (2012, p.23), entender e compreender que o torcer “representa uma real possibilidade de lazer” é pressuposto fundamental para fazer dessas manifestações culturais e dos sujeitos que ali estão, focos de investigação e pesquisa no campo das ciências humanas e sociais.

Nesse sentido, as torcidas têm sido objeto de interesse de diversas áreas do conhecimento. Dentre elas, as torcidas organizadas (TO's) aparecem como categoria muito rica em conteúdo e análises, visto a relação que essas estabelecem com os clubes e entre seus pares.

Sobre as TO's, Silva *et al* (2012, p. 24) faz a seguinte caracterização: as TO's “têm grande vinculação com o clube e são identificadas através dos uniformes dentro dos estádios, nasceram tendo como um dos objetivos a ideia dos clubes de uniformizar o torcer dentro das arquibancadas.” Segundo Toledo (2002), as primeiras formas coletivizadas de torcer surgiram durante as décadas de 1940 e 1950 e eram denominadas torcidas uniformizadas.

Embora o torcer surja com o advento do esporte e da modernidade, hoje em dia, podem ser observados comportamentos muitas vezes hostis que revelam, na linha do progresso que acompanha a transformação das cidades e os modos de vida, práticas de torcer pouco “civilizadas”.

Algumas questões relativas a esse universo alocam-se no campo da violência, do sexismo, do preconceito racial e de um modo de torcer unívoco, leviano e intolerante, revelando outras faces do torcer e trazendo à tona, para além da festa, questões de fórum sociológico, cultural e político.

Silva *et al* (2012) destaca a necessidade de maior volume de investigações que auxiliem na compreensão e na promoção de políticas públicas mais adequadas à realidade das TO's, de certo heterogêneas. Os autores ressaltam, ainda, o fato de que “as torcidas são um objeto em constante transformação, que não se consolidam de maneira aleatória, mas sim possuem “porquês” e “comos” que se relacionam diretamente ao perfil que possuem.” (SILVA *et al*, 2012, p. 45)

Os estudos de Norbert Elias e Dunning (1992), Rosa (2010), Moura (2003, 2005) e Campos (2010, 2012) chamam atenção, em suas elaborações, à condição do esporte, mais detidamente do futebol, “como área reservada masculina”. Os dois últimos autores questionam o papel atribuído e assumido pelas mulheres brasileiras no futebol, o que representa nessa elaboração teórica o gatilho de um debate que dá corpo aos estudos sobre gênero, esporte e homofobia que aqui se pretende.

---

<sup>4</sup> SILVA, Silvio Ricardo da; DEBORTOLI, José Alfredo de O.; SILVA, Tiago Felipe (Org.). *O Futebol nas Gerais*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2012.

Emerge nesse cenário do torcer no futebol, o “risco” da presença de um novo (?) torcedor: o torcedor gay e as respectivas torcidas organizadas gays.

Retomando as considerações de Silva *et al* (2012), em relação “a constante transformação das torcidas”, surge um outro questionamento. Reconhecida a tradição de o estádio, o futebol e as torcidas representarem um espaço para práticas masculinas, de atitudes viris e de domínio do macho, e reconhecido também o surgimento de grupos gays como torcedores de futebol, como se dá o convívio desses dois modos de ser torcedor? Há indícios de haver espaço para esse convívio? Quais condutas, discursos e representações precisam ser “destorcidas”? Quais as possibilidades e os limites para a mudança?

### 3. Futebol e torcida como espaço do masculino

Segundo Rosa (2010), já existe um amplo acervo de trabalhos voltados a discutir as relações entre homofobia e esporte. Neste sentido, citando Liotard, o autor entende que:

As abordagens teóricas e os estudos empíricos realizados tanto na América do Norte como na Europa, junto a atletas masculinos e femininos, em esportes profissionais e amadores, em estruturas escolares ou universitárias, associativas ou comerciais, em equipes locais ou nacionais colocaram em evidência não somente os comportamentos, mas também uma cultura homofóbica<sup>5</sup>. (LIOTARD, citado por ROSA, 2010, p.14)

No tocante ao futebol, pesquisas científicas cujas temáticas refletem o futebol como espaço heteronormativo são expressivos, entretanto, quando se refere à apropriação do torcer no futebol por grupos gays, e/ou sobre homofobia no futebol, temos um campo de pesquisas ainda incipiente. Na presente proposta de pesquisa, as possíveis evidências para uma história do futebol e homofobia são balizadas pelos estudos de Rosa (2008 e 2010).

Um pouco dessa história será descrita através de “enunciações”, como assim designa Rodrigo Rosa ao narrar alguns episódios relativos à homofobia e futebol, depreendido de suas fontes de pesquisa:

Já é noite feita. Acabo de retornar do Estádio Moisés Lucarelli, casa da Associação Atlética Ponte Preta, equipe que há minutos atrás perdeu o jogo válido pela décima terceira rodada do Campeonato Paulista da série A1 de 2010. Perdeu para o São Paulo Futebol Clube, por 2 a 0. Fui ao jogo porque queria experenciar dividir o estádio de futebol com Richarlyson e outras milhares de pessoas, entre jogadores e trabalhadores do espetáculo e torcedores/as. Mas especialmente, queria estar com Richarlyson. Queria ver a Torcida Independente gritar os nomes dos componentes do São Paulo e ignorar o do suposto gay que os envergonha. Apesar de não conseguir discernir absolutamente tudo que a torcida entoava, estou seguro que não

---

<sup>5</sup> “[...] a palavra homofobia já circulava nos discursos populares e acadêmicos desde 1970, é somente em meados de 1990 que emerge como conceito central de análise em reflexões sobre o fenômeno esportivo, na produção científica da Educação Física Brasileira. Paulatinamente, autoras e autores deste campo de conhecimento passam a atentar-se para este encontro temático. Todavia, em comparação com outras discussões caras à Educação Física, elaborações sobre homofobia e esporte ainda são raras.” (ROSA, 2008, p. 50)

ouvi o nome dele. Lembro-me de gritarem pelo Rogério Ceni, pelo Dagoberto, Marcelinho Paraíba... mas nada de Richarlyson. Fui também para ver como se comportavam torcedores diante de um adversário que escolheram ser gay e o que presenciei superou minhas expectativas. Além dos termos viado e bicha - com seus respectivos desdobramentos derivados dos mecanismos da língua que chamamos de aumentativos e diminutivos - serem os mais frequentemente emitidos, depois de filho-da-puta, nada movia mais os torcedores da Ponte do que tentar atingir Richarlyson com palavras. Quero dizer, ainda que todos os jogadores do São Paulo tenham sido alvejados por gritos de “Bambi!”, carga reservada aos que se contaminaram, por atuar naquele clube e por dividir campo, vestiário, folha de pagamento com um “suspeito”, o alvo preferencial, sem dúvida alguma, era Richarlyson. Por conta de sua suposta bichice, foram muitos os torcedores que se levantaram, agarraram a própria genitália e a ofereceram ao jogador. Não foram poucas as torcedoras que sugeriram que ele fosse fazer o que elas diziam ser o que ele mais gostava: dar o cu! Tampouco foram poucas as crianças, meninos na sua totalidade, que se esforçavam em desqualificá-lo, escolhendo agregar um “bichona” ao clássico “filho-da-puta”, incentivados e incentivadores dos pais e mães que urravam as mesmas frases. Aos meus olhos e ouvidos, as maravilhas do jogo sucumbiram ao horror do seu entorno.”(ROSA, 2010, p. 1-2)

O depoimento de Rodrigo Rosa apresenta indicativos de uma conduta “natural”, banal, que constitui numa forma singularizada de torcer. Um “torcer viril”. Isso fica mais evidente quando Dunnig e Maguirre (1997) salientam que o esporte tornou-se expressão cultural cada vez mais importante dos valores masculinos tradicionais e o esporte organizado transformou-se na principal experiência de validação da masculinidade.

Assumindo o futebol como fenômeno cultural e detentor de um poder simbólico, como definido por Jocimar Daolio (2000), é possível inferir que esse esporte tem sido o espaço de validação da masculinidade e o nicho de preservação dos códigos e valores tradicionais dessa masculinidade para cultura brasileira.

Ainda neste sentido, Moura (2005) e Ponciello (apud RAGO, 1995/1996), atentam ao fato de que os esportes coletivos (nesse caso o futebol) são os últimos lugares em que os valores masculinos podem ainda ser investidos publicamente, legitimamente e sem vergonha, ou seja, foi o espaço social que sobrou para os homens referenciarem sua masculinidade.

A espreita das análises a seguir parece conformar o que aqui foi suposto como uma educação para o torcer, confluyente para uma educação viril.

Segundo Dunning e Maguirre (1997, p. 345), “o esporte representa para uma maioria de homens o principal local de ensino, de preservação e de expressão pública das normas tradicionais de masculinidade.” Em relação ao campo futebolístico, Moura (2005, p.138) aponta para o fato da formação, determinação e manutenção dos papéis sexuais “acontecerem no seio familiar e na escola”.

É notório que o universo do futebol caracteriza-se por ser, desde sua origem, um espaço eminentemente masculino: como esse espaço não é apenas esportivo, mas também sociocultural. Os valores nele embutidos e dele derivados estabelecem limites que, embora nem sempre tão claros, devem ser observados para a perfeita manutenção da ‘ordem’, ou da ‘lógica, que se atribui ao jogo e que nele se espera ver confirmada. (FRANZINI, 2005, p. 316)

Não existe o conceito de macho sem que também haja o conceito de fêmea. O que simbolicamente demarca posições e reforça os papéis permitidos ao masculino e ao feminino

são os códigos de conduta atribuídos a esses sujeitos, a fim de manter uma suposta ordem social, onde cada um desempenha o seu papel.

A participação das mulheres na história do futebol revela um doutrinamento para que elas se aproximassem ao máximo, sem destoar, do comportamento esperado pelos homens, o que se observa na banalização de um torcer, na contemporaneidade, marcado por palavrões e gestos obscenos que, no espaço da torcida são permitidos e até mesmo desejados, tornando-se naturalizados.

Isso fica ainda mais evidente quando, dentro dessa lógica, se relativiza a participação das mulheres no jogo de futebol por um atributo sexual que lhes aproxima da virilidade: sua orientação sexual representada pelo lesbianismo. Para Liotard (2003, p. 04)

o mundo dos esportes depende da estigmatização, tanto dos homens que se afastam dos caminhos da virilidade tradicional quanto das mulheres que dele se aproximam, associando num mesmo movimento, sexismo e homofobia. Se por um lado a presença de sapatas no esporte também desperta o mesmo pânico moral desencadeado pelas bichas, por outro a pressuposição de que, enquanto lésbicas, seriam também masculinizadas e viris, às tornaria mais aptas às práticas esportivas demandantes de virilidade.

Campos (2012), ao se dedicar à pesquisa sobre mulheres torcedoras, apresenta elementos que indicam essa educação para o torcer como uma educação paternalista. Referindo-se à participação dos homens na introdução das mulheres aos estádios de futebol, essa autora destaca que

Foram eles que abriram uma concessão para que suas mães, esposas, namoradas e filhas frequentassem esse local, desde que acompanhadas por eles. A entrada da mulher nesse espaço masculino não foi marcada pela intenção de mudar a condição feminina, a ordem social ou mesmo a hierarquia de gênero que se estabelece na sociedade. (CAMPOS, 2012, p. 173)

Sobre a relação pai-filha-futebol, esse mesmo estudo indica um doutrinamento nutrido pelos laços familiares, marcado pela admiração, pelo respeito ou por determinada forma de estabelecer vínculos afetivos com a figura paterna que faz com que a imagem do pai e seus respectivos gostos sejam acolhidos por suas filhas torcedoras; “sua forma de pensar e agir tende a ser seguida, muitas vezes, sem questionamentos.” (CAMPOS, 2012, p.175)

Alguns reflexos dessa educação viril ficam explicitados no discurso de torcedoras, sujeitos da pesquisa desenvolvida por Campos (2012, p.179).

[...] muitas torcedoras disseram que cantavam, pulavam e falavam palavrão. Fato que chamou a nossa atenção durante as entrevistas foi que muitas das que assumiram falar palavrão no estádio não conseguiram reproduzir os cânticos e nem os xingamentos durante as falas em um contexto fora do estádio.

Vale observar que o ritual descrito se encaixa no espaço do masculino, onde esse tipo de comportamento, supostamente parte da catarse do torcedor, é banalizado e, por isso mesmo, esperado e permitido. De acordo com Daolio (1997), o estádio de futebol tornou-se um espaço de permissividade para certo tipo de violência simbólica. “Com isso, algumas atitudes reprováveis dentro da sociedade são admitidas nesse espaço.”

Retomando as constatações de Campos (2012, p.179), uma das suas entrevistadas afirmou que “[...] mulher não pode falar palavrão que é feio”. Entretanto, no ambiente da torcida, esse comportamento “desviante” da conduta feminina encontra seu eixo: torna-se aceito, adequado, acolhido. Daí ser possível depreender a ocorrência de uma nova identidade. Não mais da mulher, mas sim da torcedora viril.

Campos (2012, p. 181) também destaca o fato de que “o lócus do preconceito é o mais diverso e ocupa vários ambientes. É praticado por ambos os sexos, a partir do momento em que não reconhecem a ida ao estádio como um lazer também pertencente à mulher.” Poder-se-ia acrescentar, a essa ideia, a negação de pertencimento a todo aquele que não representa/assume o seu devido papel, o de um(a) torcedor(a) viril.

Outra enunciação apresentada por ROSA (2010, p. 59) converge com as inferências de uma educação *moral* atribuída ao futebol.

Em outro episódio, Lampion<sup>6</sup> revela uma manifestação da homofobia no meio esportivo em que o futebol aparece como prática com características curativas, capaz de livrar o sujeito e conseqüentemente o seu entorno, dos malefícios da homossexualidade e das efeminações. Em um breve texto publicado em 1978, o poeta Paulo Augusto revelava o drama que seu irmão caçula vinha enfrentando desde que a família interceptara cartas trocadas entre eles em que confidenciavam seus desejos e experiências homossexuais. Os familiares vinham obrigando o rapaz a cursar uma universidade que escolheram, trabalhar onde conseguiram encaixá-lo, jogar futebol e namorar com moças (“Uma história de família”, Lampion, n. 04, p. 16, 1978). A prática do futebol aparecia como penosa, para alguém que não a apreciava, porém mais do que um castigo, aquela obrigação permitia denotar a crença familiar de que tal prática masculinizaria o caçula e poderia contribuir para afastá-lo da homossexualidade. O futebol configurava-se como uma estratégia de heterossexualização, ao lado da escolha da profissão e do trabalho, como um método de blindagem contra o contágio da viadagem.

Esta última enunciação demonstra quanto o imaginário sobre o futebol e a representação que se tem sobre ele está arraigado ao simbolismo de uma prática masculinizante, o que, dessa forma, faz com que o torcer no futebol também o seja.

#### 4. A emergência da torcida e de um torcer gay no futebol

‘Homossexualidade: o tabu das arquibancas’<sup>7</sup>. Assim era intitulado o editorial da revista masculina, *Papo de Homem*, em sua seção de artigos e ensaios. Por não se tratar de uma revista para um público específico, como, por exemplo, as revistas destinadas a seguimentos sociais ou de gênero, chamou atenção a evidência de um tema, como o próprio editorial afirmou – um *tabu*.

<sup>6</sup>Lampion foi um dos periódicos utilizados por Rodrigo Rosa em sua pesquisa de Mestrado. Ver: ROSA, Rodrigo Braga do. *Enunciações afetadas: relações possíveis entre homofobia e esporte*. (Dissertação) Universidade Estadual de Campinas - Faculdade de Educação Física. Campinas, 2010.

<sup>7</sup> Ver: <<http://papodehomem.com.br/homossexualidade-o-tabu-das-arquibancadas/>>. Acessado em 23 de mar. de 2014.

Esse mesmo artigo diz ser inevitável falar sobre esse assunto e apresenta pontos sérios a serem discutidos - o da identidade do torcer e a territorialidade no futebol, visto que, segundo a revista online *Papo de Homem*, “enquanto torcedores formam grupos para dar visibilidade à homossexualidade, torcidas organizadas temem perda de espaço”.

Embora surja como fenômeno recente, há registros mais longínquos da existência de torcidas gays no Brasil. Poucos sabem que o espaço das arquibancadas já foi dividido com uma torcida “requebrante”: Coligay, “a alegre torcida do Grêmio”.<sup>8</sup>

Lúcia Brito (2006), em reportagem publicada na revista *Imortal Tricolor*, totalmente devotada ao Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense, afirmou que essa irreverente torcida teria surgido em 1977, destacando o destemor destes torcedores, em tempos de liberdades civis cerceadas e de inquestionável domínio de machos nas arquibancadas.

O Brasil vivia sob a ditadura militar e não eram tempos dos mais arejados. Era preciso ser muito macho para sair do armário e revelar a preferência sexual alternativa. Que dizer então de sair no maior modelão e ir para um estádio de futebol reduto praticamente exclusivo de homens com H, onde as poucas mulheres que se aventuravam a entrar eram alvo de grosserias no mais baixo nível. (BRITO, 2006, p. 24)

Algumas enunciações presentes nas fontes (periódicos específicos) pesquisadas por Rosa (2010), bem como os fragmentos descritos a seguir, caracterizam o torcer da Coligay, e sinalizam uma relação de tolerância entre eles e os outros torcedores.

Eles passaram a levar faixas identificativas, a bailar – rebolando e levantando graciosamente o pezinho e quando uma bola raspava a trave defendida pelo goleiro do Grêmio, juntavam as palmas das mãos e soltavam agudos gritinhos de emoção. (FONSECA, 1977, p. 50)

Se destacavam pela animação, - cantando, gritando, pulando e rebolando o tempo todo – e pelo figurino extravagante, com túnicas sedosas esvoaçantes, plumas, paetês e muito, muito glamour.” (BRITO, 2006, p. 24)

Em seus estudos, esses autores declararam também uma aparente relação de cortesia entre a Coligay e o Clube. Aos poucos, a Coligay foi ganhando a simpatia de outros torcedores e tornou-se uma espécie de amuleto para os jogos do Grêmio.

---

<sup>8</sup> O nome Coligay faz referência e seria uma homenagem de Volmar Santos à boate Coliseu, voltada para o público homossexual, e à identidade dos componentes do grupo de torcedores. Ver Gerchmann (2014).



**Figura 3:** Foto da torcida do Grêmio Futebol Clube, a Coligay<sup>9</sup>. **Fonte:** Revista on-line *Papo de Homem*

Outra torcida que surge nesse mesmo contexto é a torcida organizada Fla-gay, grupo que se dizia torcedor do Clube de Regatas do Flamengo. Entretanto, os dados apresentados por Rosa (2010), registram, diferentemente do sentimento atribuído à Coligay, uma grande rejeição à Fla-gay, sendo ela impedida de entrar nos jogos do Flamengo por decisão da própria diretoria do clube.

Ao que se sabe, nenhuma das torcidas gays resistiram no tempo. Nesse sentido, a cronologia desenvolvida por Fachini (2006, p.84) em “três ondas”<sup>10</sup>, demarcam temporalmente os movimentos de militância LGBT<sup>11</sup> no Brasil e nos permite aproximar o declínio das torcidas ao contexto histórico que se dava nas décadas de 70, 80 e a partir de 90, no Brasil e no mundo. Isso fica mais claro no trecho abaixo, exposto por Rosa (2010, p. 169-170).

Se nas décadas de 1970 e início dos anos 1980, estes fenômenos tiveram alguma visibilidade midiática, o período seguinte seria silencioso a respeito das torcidas gays. O recuo do movimento organizado, desarticulado por múltiplos fatores internos e externos já tratados anteriormente, que marcaram a segunda onda do ativismo homossexual no país, parecia compor a explicação mais plausível para o desaparecimento daqueles grupos de torcedores. Em tempos de organização social fragilizada e do estigma flagelante da Aids, torcedores recolheram suas cornetas e

<sup>9</sup>A tentativa de formar uma torcida organizada gay não é novidade no futebol brasileiro. Foi no dia 10 de abril de 1977, quando o Grêmio foi disputar uma partida pelo Campeonato Gaúcho contra o Santa Cruz (RS), que a novidade estampava as arquibancadas do estádio Olímpico: cerca de 60 torcedores homossexuais impressionaram os demais pela festa que faziam. Era a Coligay, a primeira torcida organizada assumidamente gay do Brasil. A Coligay foi fundada por Volmar Santos, que hoje é colunista social do jornal O Nacional, de Passo Fundo (RS). Disponível em: <<http://papodehomem.com.br/homossexualidade-o-tabu-das-arquibancadas/>>. Acessado em: 23 de mar. de 2014.

<sup>10</sup> Três períodos marcadamente distintos pelas quais passou esta militância: uma primeira onda correspondente ao “surgimento e expansão do Movimento durante o período de abertura política”, que se estende de 1978, com a fundação do grupo “SOMOS”, até meados da década seguinte, com a retomada do regime democrático e a emergência da AIDS como “peste gay”; uma segunda onda que compreende o restante da década de 1980, marcada por uma reordenação do Movimento que, Edward MacRae (1990) nomeou como um “período de declínio” e; uma terceira onda, caracterizada por um reflorescimento e constante expansão das atividades militantes, que teve início com a chegada dos anos 1990.

<sup>11</sup> LGBT é o acrônimo de Lésbicas, Gays, Bissexuais e Transgêneros, mas, em alguns casos, a letra T remete a Travestis e Transexuais.

faixas, mas quando o movimento refloresceu em meados dos anos 1990, elas não retomaram a expressividade que um dia obtiveram.

As notas até aqui desenvolvidas dão fôlego a emergente organização de torcedores gays no futebol brasileiro. Segundo o site da EBC (Empresa Brasileira de Comunicação), o que se tem observado é o fato de que, desde 2013, muitos torcedores vêm utilizando as redes sociais<sup>12</sup> para se vincularem às torcidas organizadas gays de seus times. Essas torcidas têm utilizado desses canais para enfrentar o preconceito no futebol<sup>13</sup>.

Aos acréscimos deste ensaio, cabem indagações acerca da identificação desse torcedor e desse torcer. Já pareça certo que, dentre as razões que motivam esses torcedores, exercer o direito de torcer pelo seu time e usufruir dos espaços destinados a esse lazer são fundamentais e se justificam. Analisando os depoimentos de Volmar Santos, idealizador da Coligay, e Felipeh Campos, idealizador da Gaivotas Fiéis<sup>14</sup>, podemos depreender tais indícios.

O que eles não entendem é que antes de tudo somos gremistas, que vibramos de paixão pelo nosso clube. Toda essa turma que está aí já vinha ao estádio há muito tempo, e a única diferença é que agora estamos reunidos, torcendo numa boa, na nossa. (FONSECA, 1977, p. 49)

Sou corintiano roxo, ou rosa, como preferirem. [...] quero ter mais acesso aos estádios. Evitar represálias já vivenciadas por amigos. [...] Quero ser torcedor como qualquer homem. Por que antes de ser gay, sou homem e sou corintiano. Quem vai me impedir? (Fala de Felipeh Campos em Entrevista cedida ao site Terra)

A afirmação da orientação sexual não pode sobrepujar a afirmação do ser torcedor. Se assim acontecer, a torcida será tornada meio, e não fim. Funcionará muito mais como “vitrine” para manifestação de uma identidade minoritária do que como espaço identitário constituído a partir do envolvimento afetivo por um time.

O que podemos ver nas páginas das torcidas queer/livre são discursos de pertencimento clubístico e de uma posição política. Mesmo ocupando outros espaços de assistência ao futebol, diferentemente dos estádios, visto a negação deste espaço a esses torcedores dissidentes, o ambiente virtual é explorado de modo providencial como espaço “seguro” de denúncias e questionamentos sobre o enraizamento do preconceito sobre mulheres e homossexuais nesse esporte.

<sup>12</sup> Atlético Mineiro: <https://www.facebook.com/pages/Galo-Queer/260183954118767?fref=ts>

Cruzeiro: <https://www.facebook.com/torcidacruzeiromaria>

São Paulo: <https://www.facebook.com/BambiTricolor>

Grêmio: <https://www.facebook.com/pages/Gremio-Queer/596222133723294>

Vitória: <https://www.facebook.com/ecvitorialivre>

Bahia: <https://www.facebook.com/pages/EC-BAHIA-LIVRE/494001227314767>

Internacional: <https://www.facebook.com/pages/QUEERlorado/164289153730713>

Palmeiras: <https://www.facebook.com/PalmeirasLivre>

Acessado em 23 de mar. de 2014.

<sup>13</sup> <http://www.ebc.com.br/esportes/2013/04/torcidas-organizadas-gays-usam-redes-sociais-para-enfrentar-preconceito-no-futebol>. Acessado 23 de mar. de 2014.

<sup>14</sup> Entrevista sedida ao site Terra. Ver em <<http://esportes.terra.com.br/corinthians/idealizador-de-gaivotas-fieis-felipeh-campos-diz-sofrer-ameacas.9050eaa2886d1410VgnCLD2000000ec6eb0aRCRD.html>>. Acessado em 23 de mar. de 2014.

## Referências

- BRITO, Lúcia. Nação Tricolor: Coligay. In: *Revista Imortal Tricolor*, n. 03, jan. 2006, p. 24.
- CAMPOS, Priscila Augusta Ferreira. As mulheres torcedoras do Cruzeiro Esporte Clube presentes no Mineirão: suas características e relações com o clube e com o estádio. In: SILVA, Silvio Ricardo da; DEBORTOLI, José Alfredo de O.; SILVA, Tiago Felipe da. (org.). *O futebol nas Gerais*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2012.
- \_\_\_\_\_. *Mulheres torcedoras do Cruzeiro Esporte Clube presentes no Mineirão*. Mestrado (dissertação) – Universidade Federal de Minas Gerais, Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional. Belo Horizonte, 2010, 142fls.
- DAMATTA, Roberto (org.). *Antropologia do óbvio: notas em torno do significado social do futebol brasileiro*. Revista USP – Dossiê Futebol, n. 22, pp. 10-17, 1994.
- \_\_\_\_\_. *Universo do futebol: esporte e sociedade brasileira*. Rio de Janeiro. Pinakotheke, 1982.
- DAMO, Arlei Sander. *Bons para torcer, bons para se pensar: os clubes de futebol no Brasil e seus torcedores*. MotusCorporis. Rio de Janeiro, v. 5, n. 2, p. 11-48, 1998.
- DAÓLIO, Jocimar. As contradições do futebol brasileiro. In: CARRANO, Paulo. (org.). *Futebol: paixão e política*. Rio de Janeiro, DP&A, 2000.
- \_\_\_\_\_. *Cultura, educação física e futebol*. Campinas. Editora Unicamp, 1997.
- DUNNING, E. & MAGUIRE, J. *As relações entre os sexos no esporte*. *Estudos Feministas*, v. 2, 1997, pp. 321-348.
- ELIAS, Norbert. *Os estabelecidos e os outsiders*. Rio de Janeiro: Jorge Zajar Ed., 2000.
- ELIAS, Norbert; DUNNING Erik (org.) *A busca da excitação*. Lisboa, 1992.
- FACCHINI, Regina; BARBOSA Regina Maria. *Dossiê saúde das mulheres lésbicas: promoção da equidade e da integralidade*. Belo Horizonte: Rede Feminista de Saúde, 2006.
- FRANZINI, Fábio. *Futebol é ‘coisa para macho’? Pequeno esboço para uma história das mulheres no país do futebol*. *Revista Brasileira de História*. vol. 25, n. 50, 2003, pp.316-328.
- FONSECA, Divino. Para o que der e vier. In: *Revista Placar*, n. 370, mai. 1977, pp. 48-50.
- FREITAS, M. *Do amor grego à paixão nacional: masculinidade homoeroticidade no futebol brasileiro*. Acesso em 07 de março de 2015. <http://www.efdeportes.com/efd55/paixao.htm>
- GERCHMANN, Léo. *Coligay: tricolor e de todas as cores*. Porto Alegre: Libretos, 2014.
- JUNQUEIRA, Rogério Diniz. O reconhecimento da diversidade sexual e a problematização da homofobia no contexto escolar. In: RIBEIRO, Paula Regina Costa; SILVA, Méri Rosane Santos; SOUZA, Nádia Geisa Silveira; GOELLNER, Silvana Vilodre e SOUZA, Jane Felipe (Orgs). *Corpo, gênero e sexualidade: discutindo práticas educativas*. Rio Grande: Editora da UFRG, 2007.
- LIOTARD, Philippe. Sport et Homophobie. In: TIN, Louis-georges (Org.). *Dictionnaire de l'Homophobie*. Paris: Press Universitaires de France, 2003.
- PEREIRA, A. S.; et al. *Preconceito contra homossexuais no contexto do futebol*. *Revista Psicologia & Sociedade*, 2014, v. 26 (3), 737-745.
- PINTO, Mauricio Rodrigues . *Torcidas Queer e Livres em Campo: Sexualidade e Novas Práticas Discursivas no Futebol*. Ponto Urbe [online], 2014. Acessado em 28 de abril de 2015. Disponível em <http://pontourbe.revues.org/1460>
- PINTO, Mauricio Rodriguez; ALMEIDA, Marco Bettine. *As torcidas queer em campo: a emergência de grupos que questionam a homofobia e o machismo no futebol*. *Revista Brasileira de Estudos do Lazer*. Belo Horizonte, v. 1, n 2, p105-116.

- RAGO, Margareth. "**Adeus ao feminismo? Feminismo e pós-modernidade no Brasil**". *Cadernos AEL*, n. 3/4, p. 12-43, 1995/1996.
- ROSA, Rodrigo Braga do. *Enunciações afetadas: relações possíveis entre homofobia e esporte*. Dissertação (Mestrado em Educação Física). Faculdade de Educação Física - Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 2010.
- \_\_\_\_\_. *Homofobia e esporte na produção da educação física brasileira (1979-2007)*. Trabalho de conclusão de curso. Faculdade de Educação Física – universidade Estadual de Campinas. Campinas: 2008.
- SILVA, Silvio Ricardo da. *Tua imensa torcida é bem feliz... da relação torcedor com o clube*. Tese (Doutorado em Estudos do Lazer). Faculdade de Educação Física - Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 2001.
- SILVA, Silvio Ricardo da; DEBORTOLI, José Alfredo de O.; PRAÇA, Gibson Moreira; AUGUSTO, Izabela Guimarães; SILVA, Tiago Felipe da; GOMES, André Silveira. *Torcedores organizados em Belo*. In: SILVA, Silvio Ricardo da; DEBORTOLI, José Alfredo de O.; SILVA, Tiago Felipe da. (org.). *O futebol nas Gerais*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2012.
- SOUZA, Marcos A. **Gênero e raça: a nação construída pelo futebol brasileiro**. *Cadernos Pagu*. Campinas, v. 6, n.7, p. 109-152, 1996.
- SOUZA NETO, Georgino Jorge. *A invenção do torcer em Belo Horizonte: da assistência ao pertencimento clubístico (1904-1930)*. In: SILVA, Silvio Ricardo da; DEBORTOLI, José Alfredo de O.; SILVA, Tiago Felipe da. (org.). *O futebol nas Gerais*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2012.
- TOLEDO, Luiz Henrique de. *Lógicas no futebol*. São Paulo, Hucitec/Fapesp, 2002 (coleção Paideia).

## LAS BARRAS POPULARES<sup>15</sup> EN COLOMBIA: ALTER COMPLEMENTARIOS EN LA SOCIALIDAD

### *TORCIDAS ORGANIZADAS NA COLÔMBIA: ALTER COMPLEMENTÁRIOS NA SOCIALIDADE*

**Diego Fernando Bolaños<sup>16</sup>**

**Resumen:** Este escrito se orienta desde el enfoque hermenéutico de Hans George Gadamer y los referentes teóricos de la Sociología de la cotidianidad propuestos por Michel Maffesoli. Aquí se pretenden demostrar que las agrupaciones de fanáticos conformadas alrededor del fútbol en Colombia, y que eufemísticamente se les llama “barras bravas”, presentan características de neotribalidades con dinámicas particulares y singulares devenidas de relaciones intersubjetivas e intercontextuales que envuelven afectos, emociones, pasiones y tensiones que deberán ser interpretadas, entendidas y comprendidas como tramas sociales contemporáneas y no como acciones antisociales. De ahí el acento que se hace para orientar su denominación hacia barras populares (BP).

**Palabras Clave:** Socialidad, Tribus urbanas, Barras Populares, Comunidades afectivas.

**Abstract:** This writing is oriented from the hermeneutical approach Hans George Gadamer and the theoretical framework of sociology of everyday life proposed by Michel Maffesoli. Here they are intended to demonstrate that clusters of fans formed around football in Colombia, and euphemistically called "hooligans" have characteristics of neo-tribes with individual and unique dynamic devenidas of intersubjectives and intercontextuals relations involving affections, emotions, passions and tensions that must be interpreted, understood and understood as contemporary social patterns and not as anti-social actions. Hence, the emphasis is to guide its name to “popular bars”.

**Keywords:** Society, Urbans Tribes, Popular Bars, emotional Communities.

Michel Maffesoli (MAFESSOLI, 1985, p. 20; 2004, p. 6) posicionándose de manera crítica a las formas de estudiar las relaciones sociales de la contemporaneidad y reflexionando sobre cómo se dan las relaciones interpersonales y la construcción de dinámicas societales propuso “la metáfora del tribalismo”, teniendo como criterio que es en la búsqueda de salidas al constreñimiento social, o en el encuentro con ellas, que la persona (re)-edifica o reconstruye la existencia de sus complementos. Los opuestos más que ser contradictores son impulsores societales. Así, el que antes deambulaba como un intocable, insignificante o inimitable llega a ser compañero de andanzas y proezas. La conversión en el otro, en el alter,

<sup>15</sup> Catalogadas aquí Barras Populares (BP) en reemplazo de barras bravas del fútbol. Se hace referencia a las agrupaciones que desde inicios y mediados de los años 1990 se ubicaron en las tribunas denominadas populares por su bajo costo para la adquisición de boletas y porque sus manifestaciones masivas se enlazan con lo festivo, el jolgorio y lo carnavalesco de las poblaciones.

<sup>16</sup> De nacionalidad Colombiana. Profesional en Ciencias del Deporte; Psicólogo y Magister en Educación. Doctorando del programa “Doctorado Latinoamericano en Educación, Políticas Públicas y Profesión Docente” de la Facultad de Educación. Universidad Federal de Minas Gerais (UFMG) Brasil. Integrante de los Grupos GEFuT (Grupo de Estudios sobre Fútbol y Torcidas) de la Escuela de Educación Física, Fisioterapia, Terapia Ocupacional de la UFMG; INCIDE (Investigación en Ciencias del Deporte y Educación Física de la Universidad del Valle) y Psicología y Moralidad de la Universidad Nacional de Mar del Plata (Argentina). E-mail: diferbol21@gmail.com

formando “un nosotros”, se da como fuerza implicativa de sentido compartido o, como lo dice Maffesoli (1985, p. 179), “*la relación con la alteridad, la orientación hacia el otro...es la estructura esencial de la vida en sociedad*” ya que, en líneas generales, la sociedad se está viendo agotada en las razones y en lo lógico del devenir ordenado, ante lo cual se da búsquedas de salidas afectivas, emocionales y orgánicas. Salidas que posibiliten su constitución como ser humano creativo que le de-construya desde los afectos y las emociones salvaguardando toda la potencialidad de sentir que le enmarcan como ser que encuentra en el otro su reflejo y que, a partir de dicho reflejo, plasma procesos identitarios.

Los movimientos y agrupaciones que no significaban nada para el sujeto, o que significando mucho se tornaban inalcanzables, hoy condicionan -delinean<sup>17</sup>- su accionar y se convierten en sus mundos. La esfera dominante será la de los grupos correspondientes, amigos, compañeros de trabajo, de estudio, de chat, de farra, de celebración, de deporte, del jet set. En fin, toda la gama heterogénea que hoy en día cuenta en el polimorfismo cotidiano y que instaura categorías en “formación integral”, que, en la orientación de un dinamismo del ser, nunca termina de formarse. De todo esto lo que resulta son relaciones entre sujetos que aproxima los extremos en lo identitario; pero manteniendo la diferencia es decir la singularidad, gracias a lo cual se acepta y respeta que “existe el pluralismo y la diversidad” (MAFFESOLI, 1985, p. 182) es decir que hay confortación (concordancia social) y confrontación (disonancia social) unidas en la intersubjetividad. Así, desde el marco de la sociología de la cotidianidad y la Hermeneutica gadameriana las Barras Populares (BP) pueden ser leídas como: 1. Tribus urbanas; 2. Comunidades afectivas, emocionales o con horizonte de sentido y 3. Grupalidades de festejo y pasión. Tres denominaciones que caben para grupalidades emergentes en sociedades que han desplazado el sentir pasional por racionalismos. Asumir las BP en las tres denominaciones planteadas permite interpretarles con una mirada más amplia que se corresponde con la fuerza de socialidad que encierran y con la que revierten: el mecanicismo citadino, la exclusión urbana y las acentuaciones de rutinas productivas.

## 1. Las BP como tribus urbanas

El apelativo de tribus urbanas como recurso y opción para el fenómeno BP es elocuente. A través de él se hace posible la comprensión de muchos de sus actos enjuiciados como acciones antisociales de vándalos, violentos y des-adaptados. Es procedente entonces revisar los contextos y dinámicas que permiten inscribir las BP en dicha metáfora. Inicialmente hay que afirmar que las barras de fútbol se inscriben en la dinámica de las urbes, es un fenómeno citadino a través del deporte, como fenómeno social cultural de la modernidad. O sea que se da en las dinámicas de las grandes ciudades, inscripción que acentúa las relaciones Deporte-urbanismo; Deporte-industrialización<sup>18</sup> y Deporte-comercio como macro-contextos con relación ínter contextual que orientan cambios en ciudadanías y en especial en las formas de ver y sentir la pasión por el fútbol. Así, se observa que unas formas de interactuar consideradas *sui generis* para estas grupalidades tienen alta posibilidad de

<sup>17</sup> En este planteamiento lo que se resalta es la diferenciación que plantea Maffesoli (1985, p. 178) sobre el paradigma individualista que sugiere la existencia de un individuo y una sociedad funcional y el paradigma societal que hace manifiesto la existencia de una persona o varias a la vez, y una comunidad.

<sup>18</sup> Estas relaciones son ampliamente comentadas por ejemplo en el capítulo I del “El deporte como objeto de estudio”. (VARGAS, 1994), adicionalmente en “El fútbol como ideología (VINNAI, 1974) en su versión al español y en la revista virtual Lectura de Educación Física y Deportes en la entrevista a Marcelo Parrilli realizada por Tulio Guterman. No. 8, Diciembre de 1997.

ampliar el espectro a una gran masa llamada espectadores quienes en la efervescencia del espectáculo también se dejan arrastrar por el bullicio, la algarabía, el colorido y el paroxismo que ponen como ejemplo las BP, incluso es posible que esto se de en los mismos jugadores (caso reciente el observado en la Eurocopa 2016 de los jugadores y fanaticada de la selección de Islandia haciendo una coreografía conjunta luego del triunfo ante Inglaterra).

Otro tipo de relaciones que acentúan las BP es la de los “mundos de las personas”. Los ambientes que han permitido conformar una parte de ese polimorfismo llamado sujeto actual o su inter-subjetividad (MAFFESOLI, 2004, pp. 97; 195) no se quedan inmutables ante la experiencia barrista. Estos mundos o ambientes no se quedan aislados ni al margen en el nuevo ambiente construido por las dinámicas de las neogrupalidades. El barrista trae consigo sus prácticas culturales, sus identidades, sus relaciones afectivas y sus identificaciones las cuales se extienden en el tapiz del nuevo espacio que lo circunda. El espacio vital se revitaliza con el nuevo entorno, se toma de atrás (la experiencia) y se proyecta en el momento de la vivencia grupal de las barras; por eso hablar de liderazgo en ellas es minimizar esa confluencia experiencial y, aunque hayan sujetos visibles, en las BP lo que más sobresale es la capacidad de respuesta liderada por “el todos”, convertido en un nosotros, en diferentes espacios y momentos. Masa amorfa, sin liderazgos pero con objetivos. También es relevante hacer notar las relaciones interpersonales que se dan en el interior de las BP, aquellas que están atravesadas por lo orgánico, por el sentir y por el afecto hacia el otro. Desde la misma heterogeneidad de las grupalidades las BP instituyen interacciones de grandes diferencias, pero a la vez con inmensa similitud. Relaciones interpersonales que se funden en las minucias, en el estar juntos en “la trascendencia Inmanente” (MAFFESOLI, 2004, p. 69) o energía que sirve de cemento a los pequeños grupos y a las comunidades. Esta trascendencia inmanente se lleva a cabo en los contornos y en los exteriores de lo institucional y al interior de la gran cotidianidad que genera “el caldo de cultivo” para lo que se denomina el espectro viral con sus eventos singulares de contagio (DUCHESNE, 2001, p. 21) demarcando la existencia de una presencia Inter e híper-actual.

En el sentido de lo híper-actual y agregando lo heterogéneo, las barras presentan un complejo devenir de movilizaciones masivas en las cuales, el individuo es arrastrado por la excitación, como si se tratase de una fuerza exterior que lo deja insensible a su ser y a su voluntad (MAFFESOLI, 1996, p.13). Las calles principales de las grandes ciudades se colman de aficionados, pero estos ya no solamente se destacan por deambular con los colores y simbología de su equipo, ahora hay unas masas que cantan, saltan y demuestran su pasión antes, durante y después de los encuentros de fútbol. Una masa que se apodera del espacio y se empodera en su mutua compañía. Espacio y barrista envueltos en la pasión de lo festivo, del jolgorio y de lo carnavalesco transformando escenas sociales grises en coloridas tramas vitales. Así, los tipos de relaciones que se dan en y a partir de las BP, al menos las que inspiraron estas líneas (macro-contextuales, subjetivas, Intersubjetivas e interpersonales) permiten asumirlas como actores sociales de amplio espectro y fuerza.

Indistintamente de su no oficialidad o de su contra-institucionalidad<sup>19</sup> en y con las BP se tejen un sinnúmero de relaciones que nutren las dinámicas ciudadanas dando la pauta diferente que permite que el gran espectáculo de masas, el show del fútbol se viva como fiesta y carnaval. Pensar diferente es desconocer la fuerza del deporte como fenómeno social cultural y la incidencia que tiene en dichas dimensiones lo cual ha sido ampliamente argumentado por la historia, la antropología y la sociología del deporte. En la misma lógica de reconocer las relaciones que se dan en las barras, debe reconocerse que ellas, como tribus

---

<sup>19</sup> A pesar que lo contra-institucional se halla cada vez más cuestionado ya que lo que más caracteriza la sociedad actual es, como lo argumenta Tuoraine (1998, p. 44) la “decadencia de las instituciones” o de la institucionalidad, las declaraciones en contra de las BP cierran puertas a declararles como contra las instituciones.

urbanas, conforman colectivos públicos y privados. De un lado “comparten” los espacios y escenarios públicos con todos los ciudadanos, son filmados, fotografiados y hasta entrevistados. De otro lado instauran privacidad en su interior, no es tan fácil “entrarles” a su dinámica y menos a su núcleo. En ocasiones puede acercárseles y hasta compartir periféricamente con algunos de sus integrantes pero esto no da carta abierta para que pueda haber intromisión en sus asuntos. Se puede participar de sus actividades pero no intentar modificárselas. Presentan una especie de código de honor, una forma de ensimismamiento o recogimiento sobre sí que les protege contra lo que viene de fuera (MAFFESOLI, 1990, p. 167).

Con tal dicotomía las BP se asumen, en el análisis social tradicional como anomalías sociales, como un género de agrupaciones nada convencionales e incluso con poco valor tanto en estructuras y dinámicas del conglomerado social. Sólo se mira hacia ellas cuando al manifestarse protagonizan algún desmán siendo clasificadas como factores de desorden que deben intervenir. Dicha clasificación olvida que las relaciones de la cotidianidad, atraviesan espacios privados y públicos sin que para ello se haga selección alguna y que esto puede generar tensiones las cuales en el día a día se van resolviendo. Entonces, en la mayoría de ocasiones la intervención sobre las BP se transforma en confrontación por la mirada racional de los Gobiernos, Administraciones y Fuerza Pública al querer domesticarles, encerrarles y homogeneizarles en el “universo de sentido” propuesto por el sistema dominante (PARDEY, 2004, P. 119) de la civilidad.

Es posible interpretar que los barristas utilizan ciertas manifestaciones a veces como resistencia, a veces como defensa, otras veces como forma de oposición y en otras más como una alternativa de vida; así, nutren sus propuestas de elementos existentes sin perder validez su forma de resistencia e innovación social - cultural. La fuerza que presentan las BP en cuanto a socialidad y manifestación cultural responde a prácticas que albergan lo “pluri” en sus manifestaciones; son un fenómeno social emergente en donde se hace proclamación expresa de sentidos colectivos y grupales por encima del individualismo lo que se observa en la conquista de espacios que cobran importancia vital (PARDEY, 2004, p. 112) y generan procesos de identificación similares al fenómeno de los grupos Funki de Rio de Janeiro presentados e interpretados lucidamente por George Yudice (2002).

Siendo así, la confrontación a la cual llegan las BP entre sí, o con la fuerza pública refleja y enmarca, más que a unos sujetos des-adaptados, sobre los cuales debe actuarse con “legitimidad” y derecho del orden social, a unas personas que, en la búsqueda de nuevas manifestaciones de socialidad y de cultura, retoman elementos de lo ya establecido en lo macro social. Debemos reflexionar sobre nuestra sociedad colombiana la cual se ha destacado por ser fuente de violencia a tal punto de considerarse, como lo refiere Alberto Valencia (2001, p. 1) que en el país se da la existencia de una “cultura de la violencia” esto en la dificultad de explicarse muchos fenómenos de las relaciones sociales. Precisamente, en ocasiones, las BP se remiten a violencias como dispositivos para regular sus propias estructuras y dinámicas. No tener esto en la óptica y generar atributos reduccionistas a estas grupalidades sólo minimiza su alcance social y les genera imágenes cristalizadas (DUSCHATZKY, 2000, p.8) que llegan estimular tendencias de visibilización por la violencia.

## **2. Atisbando al interior de las barras**

Al interior de las barras se da una empatía generalizada. En su base se da un “cara a cara” cautivador, un (re)conocimiento constante del otro como el amigo, el hermano, el

infaltable compañero por el cual se es capaz de dar hasta la vida<sup>20</sup>. Atrás van quedando las rencillas personales, los cabos sueltos de los barrios, las pandillas y hasta las oficinas de delincuencia tan fuertes como peligrosas en el contexto colombiano. Estas premisas de interacción enmarcadas en la fidelidad se reproducen constantemente y cobijan al conglomerado, a toda la masa, incluso a aquellos que son hinchas ajenos a la barra, pero que los une el color de camiseta. Y, a pesar de que esto suene a generalización utópica, una característica de estas grupalidades es la hermandad, la empatía y la solidaridad.

Las barras mantienen su unión orgánica. Ellas ritualizan las sensaciones y percepciones afines. Las emociones, los afectos y el sentir colectivo son manifestados en la fiesta del fútbol y ésta, como celebración – ritual, toma trascendencia vinculante que los lleva a superar obstáculos diversos. Los enemigos, son en mayor grado, el medio (lo económico como determinante de un estatus), la sociedad (hostil ante el surgimiento de nuevas formas de agrupación) y la legalidad que los quiere cooptar e institucionalizar para que “dejen de atentar contra ella”. En menor grado, pero mayor expuestos por los medios, se encuentran sus antagonistas cotidianos, los contrarios y contradictorios de la acción de su equipo amado, las otras BP, los árbitros, los dirigentes y todo aquello que atente supuesta o realmente contra el oncenno que animan.

En conclusión las barras responden a la clasificación de noetribalismo ya que en ellas se distingue fácilmente aspectos como la estructuración y potenciación de tendencias gregarias y asociativas de las personas (en su mayoría jóvenes) que comienzan a sentirse insertadas a unidades de orden superior en donde adicionalmente establecen cofradías a partir de “consaguinidades simbólicas”. El barrista se identifica con su barra y a través de ella se expresa continuamente. Se es del color de la camiseta del equipo y en su vida; lo fisiológico es una casualidad pues lo que cuenta es su sentir y a ese sentir le atribuyen el existir. La defensa de intereses comunes (defensa del equipo, desarrollo de la barra entre otros) sirviendo esto como soporte y eslabón que une y vuelve sólidos los vínculos de socialidad. Estos vínculos los barristas los hacen depender de valores específicos tales como sentir pasión hacia el fútbol, ser fanático del mismo equipo, identificarse en los mitos y ritos juveniles, viajar juntos, cantar al unísono y hasta el haber enfrentado enemigos, mostrándose como grandes guerreros. El barrista en su imaginario es un héroe de mil batallas.

Las BP son ámbitos precisos y preciosos para compartir experiencias y ritualizar la pasión hacia el fútbol, pasión que, siendo colectiva, es cada día más fuerte consolidando mucho más la pertenencia a la tribu. El barrista se integra con sus compañeros a tal punto que forman uno solo y en esa unicidad se fortalece más el colectivo. La lucha constante por una territorialidad que es abstracta en lo pasional pero que se concreta en los estadios y en las calles de las urbes. Las BP muestran su ser aguerrido y guerrero en la experiencia vital que les representa el fútbol y es en el encuentro semanal en donde se muestra todo su poderío para la defensa de su territorio la cual en muchas ocasiones se hace a fuerza de pulso y tensión. También se dan celebraciones constantes que fortalecen vínculos del colectivo y su sentir pasional. Para las barras la fiesta y el carnaval en la tribuna son la celebración por excelencia, en ella se da la máxima expresión de su pasión.

Existe en las BP la actitud de “propagación gregaria” desde la cual aumentan cada día el número de integrantes y sus acciones de visibilización son más contundentes y efectivas para su expansión territorial. Buscan a toda costa propagar su imperio pasional y ante tal propósito, no escatiman en esfuerzos. Articulan todas las estrategias de socialidad posibles,

---

<sup>20</sup> El día 08 de septiembre de 2004 se presentó un suceso de violencia y agresión en la tribuna sur del estadio Olímpico Pascual Guerrero de la ciudad de Cali entre espectadores – fanáticos del club América. De este hecho resultaron lesionados 6 jóvenes. Al ser entrevistado uno de los agresores identificados, este respondió “agredí porque vi que le estaban dando a mi compañero, esto me hizo dar mucha rabia” Diario el País, 10 de septiembre de 2004.

incluso aquellas que se enmarcan en la fuerza y la tensión. Las barras se muestran ante los medios, su estruendosa aparición busca impactar el entorno, al hincha esporádico y al fanático de poco compromiso, quieren con esto, siendo modelos de fanáticos, afectar-les, es decir tocar sus afectos (FABRI, 1999, p. 13). Adicionalmente incluyen en su devenir cotidiano aspectos culturales de naturaleza general (el baile, el vestir, el hablar) de donde cohabitan y, a la vez proponen aquellas que les caracterizan intentando expandirlas a todo el conglomerado ciudadano y más allá de las fronteras de sus ciudades. Funcionan entonces como lo que Nancy Frasser (1997, p. 115) denomina contra “*públicos subalternos*”. Para el barrista el otro que tiene una práctica cultural diferente no le es ajeno, se integra con él y se compactan haciendo suyas toda la gama de opciones existentes en su grupalidad.

### 3. Las BP como grupalidades de festejo y de pasión

Las ciudades colombianas son zonas en donde el orden del Estado marca invisibilidad y ausencia de libertad. Quieren aparentar desarrollo, fiel reflejo de un panóptico moderno de industrias atravesado por políticas de orden policial que en reciente pasado se denominaban de “seguridad democrática”, con su principal exponente el Escuadrón Móvil Antidisturbios (ESMAD) en donde la mínima de las expresiones de protesta y sublevación, así como de euforia y alegría entra a ser objeto de control y represión. Así, cualquier manifestación puede llegar a ser sancionada bajo el juicio de ser alteración del “orden público”, auxiliadora de quien sabe qué o representantes de entes ilegales. Cuando no terroristas. Cómo en la óptica de las administraciones ha imperado una visión de desarrollo enfocada ciegamente hacia la modernización y tecnificación de los espacios sin ocuparse por el elemento humano cuando este se empodera, organizándose y manifestándose viene la acción de represión con los medios correspondientes.

Adicionalmente las ciudades colombianas se caracterizan por ser zonas de interacciones particularmente intensas (DUCHESNE, 2001, p. 231). Dicha intensidad o densidad se profundiza a partir de la confrontación entre la racionalidad administrativa domesticadora versus la búsqueda de liberación orgánica o sensible de las personas (ciudadanos), especialmente jóvenes quienes, en su carácter de “irreverentes” e “indomables”, intentan por todos los medios hacerse visibles y sentirse familias en unos espacios que, por la “fuerza de Prometeo” (MAFFESOLI, 1996, p. 26) solo producen extrañeza y desolación. Como caso particular en Cali, Bogotá, Medellín, Manizales, Ibagué, Barranquilla entre otras, emerge un nuevo tipo de ciudadano, el barrista que, catalogado como “joven extremo” por su forma de vestir, hablar, comportarse y habitar las ciudades. Este ciudadano (en ocasiones aún sin cedula de ciudadanía) se abre paso en medio de la mantenida pero ya deteriorada urbanidad de Carreño, la vapuleada cívica ciudadina y la moral mojígata (característica sui géneris de una Colombia colonial que aún persiste en los recodos de la postmodernidad).

El barrista despierta enjuiciamientos y juicios de valor que se lanzan sin previo conocimiento de dinámicas internas y poca comprensión de los sentidos del accionar barrista; solo se ve en él su accionar en desmán del bien público y de la seguridad urbana. Siendo así la confrontación (racionalidad administrativa vs liberación orgánica) refleja y enmarca la lucha entre unos sujetos “des-adaptados” sobre los cuales actúa la otra parte “los buenos” con legitimidad y derecho del orden social. Los barristas son personas, ciudadanos, que reciben denominaciones cargadas de eufemismos y generalizaciones enmarcadas en desconocimiento de lo pasional hacia el fútbol. Se les asigna identidades cristalizadas (DUSCHATZKY, 2000, Op-cit), una de ellas puede ser la de sujetos del miedo (DUCHESNE, 2001), que dan miedo, tal vez porque sea esta la emoción que más despiertan en los transeúntes y la que más pueda

llegar a interesar a aquellos que ven en el barrismo una, remota, pero al fin posibilidad, de organización popular de fuerza y resistencia.

Para el transeúnte, ajeno a las manifestaciones de lo pasional propias de los barristas, el caminar en masa, el grito gutural, el salto constante, el cántico con un madrazo, el cuerpo tatuado, la doble camiseta, la gorra ajada, el rostro pintado y la mirada perdida por lo intenso de sus emociones, puede infundir el mayor de los temores, más aún si a este se acompañan las imágenes de los operativos de la fuerza pública y de los diarios y de la televisión reportando violencia y agresión de estos “locos” y “sin sentido”. Para el que no siente en su sangre la pasión por el fútbol, el enamoramiento vital por un club y la simpatía por un jugador, las manifestaciones llenas de alboroso, las expresiones saturadas de jolgorio y los enfrentamientos entre los bandos bien sea con cánticos, señas y hasta forcejeos, pueden llegar a convertirse en zona de amenaza y de gran peligrosidad y esto consigue crear una imagen congelada. En momentos el supuesto sujeto de miedo, fanático barrista como los describió Eduardo Galeano (2003, p. 105) cumple con su supuesto objetivo, inyecta temor en los otros y por ello es respetado aunque, también, odiado y perseguido. En lo agreste de las ciudades comienza a imperar el crujir de los barristas y de sus manadas “peligrosas”, entonces los cazadores (como en una especie de Jumanji) salen en su cacería.

#### **4. Señales de reconocimiento social**

Las barras como tribus, son poseedoras de unas condiciones particulares que se “implantan” en sus integrantes a manera de marcas identitarias. Tales marcas identitarias los hace resaltar entre los demás; ellos se distinguen por sus ropas, tatuajes, caminado, hablar, consumo, delirio; pero ante todo por la manifestación que hacen de su pasión hacia el fútbol. Toda una parafernalia que se pone en moda y así se extiende a toda la ciudad los días de fecha futbolera. Pero, también en otros momentos su incursión en las ciudades es visibilizada como referente de liderazgo, organización y convivencia; así, los barristas propugnan por coexistir en las megalópolis. Cohabitan con otros tantos tipos de ciudadanos; hacen parte de la polifónica, polisémica y proxémica ciudadanía actual. Manteniendo sus condiciones se proyectan en la empatía por otros ciudadanos que menos tienen, es por eso que albergan en sus actividades “ollas comunitarias” (para dar comida a desplazados, indigentes y demás necesitados); también llevan a cabo colectas de ropa, y de alimentos no precederos que entregan a fundaciones sin ánimo de lucro. Otro aspecto que les caracteriza en esta incursión de lo social, es el la pintada, aseo e incluso “saneamiento” (desplazamiento de consumidores de alucinógenos) de los parques en los cuales llevan a cabo sus reuniones semanales. Adicionalmente y cuando su labor toma fuerza se comienza a pensar en la conformación de organizaciones tales como fundaciones que les permita apoyarse y seguir apoyando a su equipo, razón de vivir.

Entonces, las BP en Colombia han sobrepasado el salto y el grito de la tribuna. Instaurándose, desde una perspectiva social, como un actor de ciudadanía. Es por eso que no se detienen para proponer que detrás de sus acciones hay un estilo de vida barrista y con él intentan reivindicar a un sujeto particular “el vago de estadio”, aquel que sin ser Hooligan, ultra o barra brava desfoga su pasión en momentos paroxísticos entregándose por completo a la manifestación hedónica de sus sentimientos, aquel que vive por fútbol, siendo su templo de adoración el estadio, su dios el equipo y los iluminados o enviados los jugadores, gladiadores de sus sueños, ante los cuales todo rito es válido y necesario. En el fondo de las BP no hay nada de insano ni grotesco que tenga que ser extirpado como factor de violencia, sin embargo para esto se requiere des-asumir las visiones sesgadas que los convierten en ciudadanos

poderosos por el miedo que infringen y en causantes de desastres ciudadanos por el alborozo de sus celebraciones. Tal vez si se asume con una mirada diferente el fenómeno y se abre paso a toda la fuerza de acción societal que este encierra, estaríamos hablando de surcos de personas entregando día a día unos motivos más para vivir de fiesta, feria y carnaval constantes como impactantes “movimientos culturales” (HELLER, 1991) hacia cambios sociales.

## 5. Las BP: comunidades afectivas, emocionales y con horizonte de sentido

Ya ha sido planteado que las BP contienen en su interior relaciones interpersonales que ponen en juego subjetividades disímiles por la polifonía de su formación, pero a la vez similares y casi iguales en el trasfondo de su sentir, en la expresión de sus afectos y en la manifestación de las emociones siendo un “cobijo emotivo” (COSTA, PEREZ & TROPEA, 1996, p. 11) de su pasión al darse conformación de unidades comunes, no homogéneas (ni en discurso ni en prácticas) pero en común unidad. Es este el primer elemento que puede utilizarse como argumento para la hipótesis sobre la existencia de comunidades afectivas, emocionales y de horizonte de sentido al interior de las BP.

¿Por qué comunidades? Es de afirmar que los barristas presentan en sus múltiples acciones unidades comunes de comportamiento, realizan rituales y construyen mitos compartidos, se encuentran en el estadio, viajan, se reúnen, marchan, saltan, cantan y vociferan al unísono formando un espectro humano difícil de fragmentar porque ya en sí son un fragmento societal y como fragmento resulta duro e irrompible (FABBRI, 1999, p.19). Así, crean una comunalización abierta (MAFFESOLI, 1990, p. 38) que, al conectarse con la emoción compartida, generan un grupo múltiple con gran vínculo social y fuerte solidez societal (referido aquí en la perspectiva de movimiento social – cultural). Bajo la significación de uniones comunes, las BP, siendo un todo para sus integrantes, representan para ellos el espacio y el tiempo de vida. Presencia conjunta que a la vez les fortalece como miembros de una grupalidad superior; la imagen del Otro vinculador que les da forma de personas vinculadas.

El espacio que las barras habitan puede referirse de manera física como aquellos lugares en los que comparten su presencia (estadio, barrios, calles, autobuses y hasta aviones) pero también, y mucho más allá, el espacio para las barras puede significar el lugar del fútbol en la sociedad, recuérdese que esta disciplina es parte de una estructura social (el deporte) y que a su vez ya tiene a su haber una macroestructura representada en clubes, ligas, federaciones y su asociación<sup>21</sup>, pero ahí no se agota su alcance. Como estructura, ya su lugar no es solamente el estadio, así como el de la economía no lo es solamente la banca, el de la justicia no lo es solamente el juzgado y el de las religiones no lo son exclusivamente los templos.

Para hacer referencia al espacio en las barras, deberá hablarse entonces de un espacio no regular ni regularizado sino significado por sus integrantes. Este, para darle algún nombre que responda más con la expresividad de las barras puede ser el de las emociones compartidas, el de los afectos y los sentimientos. Más exclusivamente el de la pasión. Las barras se fortalecen en su pasión, se nutren de ella, expresarla es su objetivo y su fin. Detrás de ella o de manera subyacente están el apoyo que le brindan a su divisa, las diferencias con

<sup>21</sup> A nivel internacional dicha asociación recibe el nombre de FIFA y es una especie de pulpo socio-económico y político asimilable en fuerza y capacidad de decisión lo que representan el Fondo Monetario Internacional y el Banco Mundial de Desarrollo, incluso como antecedente para dicha afirmación se retoma el que la primera muestra de globalización (comercio globalizado) la dieron las transacciones del fútbol.

sus antagónicos, el asumir a estos como sus rivales, el confrontar a la fuerza pública, el hacer resistencia a formas de hegemonía y el manifestar su irreverencia.

¿Cuál es su horizonte de sentido? En las barras, la pasión se convierte en el horizonte de sentido. No hay nada más allá, el paroxismo total es el medio para expresar todo lo que se tiene de pasional, todo lo que en semana se guarda y hasta se reprime por acciones del sistema, de las normas y de la rutina. Cuando los barristas llegan a la cúspide, a la cima de su expresión consagran su ser al fútbol y en especial al equipo, viven por ellos y de alguna forma a ellos le acreditan su existir. Así las BP, como Comunidad con horizonte de Sentido, responden, de manera abstracta, a:

La motivación intrínseca de unos sujetos hacia algo, el fútbol y su equipo, que les colma todo su ser y hacia los cuales solo saben responder con devoción y entrega total a tal punto de no existir más que por lo que ellos le significan; las motivaciones, emociones y afectos compartidos que, frente a un entorno y en ocasiones por un entorno, las sienten y las asumen entre sí como una unidad común (comunidad) y frente a ella guardan la misma significación; la pluralidad, entendida y compartida no como diferencias sino como quiebres de vínculos que los hace complementarios y los proyecta así en la unicidad de la grupalidad.

Y, de manera concreta, se tiene que el aguante<sup>22</sup> se convierte en un punto de evaluación entre sí; a partir de él habrá aceptación o rechazo y los vínculos podrán fortalecerse o debilitarse. La fiesta y del carnaval en la tribuna facilitan el encuentro y reconocimiento. El festejo borra al individuo y da paso a lo colectivo<sup>23</sup> con lo cual se establece un cúmulo de acciones vinculantes entre los participantes; y es precisamente esto lo que sucede cuando en la tribuna popular se asocian, en un colectivo inseparable, jóvenes de diferencias marcadas que van desde clase social hasta formación académica y profesional. Los anteriores elementos se enmarcan en una recreación constante de vínculos que a su vez se encuentran mediados por aspectos tales como; el ser hincha - fanático del fútbol y de un equipo; ya esto de por sí los pone en un mismo plano de identificación, no importa de dónde se es, qué se tiene o de qué se adolece, ni como se viene, en la barra se está para alentar al equipo, para aguantar por él de manera unificada.

El horizonte de sentido deja ver unas relaciones interpersonales apuntando a un fin compartido en el cual todo su ser, en potencia ser - persona (ser máscara en su sentido etimológico) se manifiesta en interacción en estas nuevas acciones comunes que fortalecen todo el andamiaje afectivo y emocional de los barristas, en la medida en que hay una multiplicidad de personas en el “Tu” que fortalecen el existir cotidiano de un “Yo”. El hablarse, el tratarse, el comer y beber juntos compartiendo una jerga común, un “pica pulmón”<sup>24</sup> o una buena presa de pollo, un chirrinchis<sup>25</sup> o un trago de aguardiente, el compartir el “pulman” del autobús en el viaje o las calles intermunicipales cuando el desplazamiento es a “dedo”, el corear el cantico que va a salir de la tribuna, el aportar para los insumos de la fiesta en la tribuna entre otros aspectos que resaltan las relaciones personales de los barristas al interior de la tribu.

¿Cómo son sus afectos y emociones? En las BP también se da otro marco que puede referir el tipo de relaciones de la intersubjetividad, del cual el sujeto toma partes o conjuntos de partes de su formación como sujeto en la experiencia; trazos que pone en constante juego. Este marco es el de la creación de significantes Inter.-subjetivamente. El emerger de tales significantes se da a partir de experiencias previas advenidas de interacciones. Los

<sup>22</sup> Categoría polisémica (ALABARCES & otros 2008) que conjuga diferentes significados y provoca distancias y distinciones ente los espectadores. Aquí es asumida básicamente como resistencia y bravura. (BOLAÑOS, 2011)

<sup>23</sup> El individuo se siente arrastrado por la excitación de la masa, como si fuera una fuerza exterior, insensible a su ser y a su voluntad individual (MAFFESOLI, 1996, p. 95).

<sup>24</sup> CocaCola 350 ml y un Pan de mil (1000) pesos.

<sup>25</sup> Bebida preparada con Vino y tampico” jugo de “naranja” envasado.

significantes previos de un sujeto se ponen en función de los de los otros y en la interacción se crean los nuevos que no opacan ni borran a los anteriores; se fusionan y complementan, de ahí que se hable de una re-creación de ellos; por ejemplo, re-significación del color del equipo al cual siguen y de sus símbolos como distintivos también de la barra que se tienen que defender (entonces ellos mismos entran a significarse como soldados que los custodian, se transforman de seguidores – hinchas, a soldados -guerreros o custodios – defensores); re-significación de identificación y apoyo a su equipo a través de los “trapos” y banderas como distintivos de la barra (el llegar a perderlos se traduce en una afrenta por lo cual se toman acciones conjuntas que los unen mucho más como barra y los re-significa como compañeros, hermanos combatientes, cruzados por lo símbolos que defienden y protegidos entre sí; el colorido y la parafernalia de su defensa son un insumo más de la pasión demostrada). Re-significación de las tribunas populares que entran a significar su fortín (espacio en donde no tiene cabida otro que no sienta el fútbol o su equipo como ellos los sienten). Entonces más que ser habitantes de un espacio y un terreno, son poseedores de ellos. Re-significación del Fútbol ausente del consumismo diferente al de la esférica en el campo de juego y al de los gladiadores de su equipo, el fanático barrista se declara y resignifica en resistencia constante frente a los sistemas políticos, sociales y económicos.

Todos los anteriores funcionan como canales o si se quiere medios (mediación) de expresión de un significante mayor la PASIÓN la cual los convoca a realizar acciones en colectivo que a su vez expresan su sentir común. Un sentir común en donde el predominio es de la empatía comunalizada y de los afectos. Sentimientos vivenciados en común que se convierten en base sólida de las relaciones cotidianas ya no determinadas tanto por la funcionalidad sino por la emocionalidad que permite recoger entonces el término de éticas fragmentadas (DUCHESNE, 2001, p. 231) en donde tienen cabida la seducción, el goce, el placer, la lúdica, la pasión, la máscara, el jolgorio, el carnaval, el paroxismo, lo orgiástico entre otras manifestaciones jubilosas de la persona. Éticas fragmentadas que también muestran la realidad polar en la cual se articula lo emocional, la permanencia y la inestabilidad. Dichas manifestaciones jubilosas representan a su vez una memoria colectiva que insta una fuerza socializadora en donde la experiencia del -y con- el otro funda unidad común y suprime tendencias individualistas. En las BP se siente y se hace constante hincapié en la “globalidad” de los efectos y de los afectos dirigidos a un mismo fin, la expresión de la pasión sin que esto represente búsqueda de homogeneidad. Lo anterior quiere decir que a diferencia de la simpatía particular tradicional elemento indispensable para la conformación de los grupos, lo que se advierte en las barras es una empatía generalizada o implementada por la mayoría de los agrupados o de los comunales y de quienes van llegando como neófitos del barrismo.

La socialidad “comunalizada” de las BP presenta un acento en lo orgánico y orgiástico o como lo lee Touraine (1998, p. 146) una especie de abandono al “placer de los sentidos” que se antepone a lo mecánico, funcional y racional de las relaciones sociales oficializadas en especial las institucionales. Dicha socialidad encuentra mayores argumentos en su lógica comunicacional dotada de símbolos, ritos y mitos que significan la entrada a, retomando a Berguer y Lukman (1995, p.116), un “universo de sentido compartido”. Son los cánticos, la ropa, el hablar y el poblar los estadios una expresión de los barristas y con ella comunican a los demás su presencia, se hacen notar a la vez que entre ellos, éstos son elementos compartidos que reflejan su valentía y arrojo. También hay argumentos en las interacciones cargadas de afecto y emotividad por el vínculo del fútbol, los espacios compartidos en aquella experiencia vital de ser fanático y de lo cotidiano en donde una mano extendida puede significar el salvar la vida y el proteger de un grave peligro o “simplemente” el apretón que los remite a ser hermanos de sangre y de pasión.

Lógica comunicacional e interacciones que generan una “socialidad de base” a través de la pasión y en la que la cotidianidad (la vida de barrio, de oficina, de buses, de plazas públicas, de medios masivos o de la informática) cobra realce e importancia debido a lo proxémico, multicultural, pluridimensional e interpersonal de lo vivido, que a pesar de partir y nutrirse de los presentes, trasciende las significaciones momentáneas y se ubica en simbolizaciones duraderas. Lo interpersonal y lo intersubjetivo se conjugan con tiempos y espacios de formación disímiles pero congruentes y consistentes en la experiencia compartida. Las BP como comunidades afectivas o emocionales construyen un sustrato que puede matizarse como una vitalidad común o un “alma colectiva” fortalecida en los quiebres de la cotidianidad la que le construye y constituye en el placer de “estar juntos” (MAFFESOLI, 2013)<sup>26</sup>. La existencia del barrista se constituye en un evento de masas y en ellas de personas, que se vinculan, tal vez repitiendo nuevamente la evolución del humano, a través de mitos, rituales y costumbres. Costumbres que más que ser de todos, o incluir a todos, es común a todos, todos se recogen en ellas y todos se sienten en ellas, no hay un universo diferente. Tal vez por ello se encuentre en las barras una fidelidad casi única a su equipo y a su tribu a partir de las cuales la derrota de los otros es un estímulo que acrecienta su pasión igualmente la asistencia al estadio y los viajes que son actos de devoción. El atuendo de barrista también se convierte en talismán de buena suerte y en ocasiones el consumir cierto tipo de sustancias estimula la percepción de un triunfo constante, así sea que en la realidad del fútbol (marcador o título) este no se haya dado.

Las BP como comunidades representan para sus integrantes una unicidad en credo e ideología barrista. Los barristas pueblan los territorios (formando clanes) por proximidad y afinidades variadas, en esta dinámica revalúan la lucha interbarrial y la territorialidad que le subyace. También existen las comuniones (uniones-comunes) por trivialidades, por lúdica y por hedonismo presentadas en la cotidianidad, situaciones imperceptibles que constituye y construyen una trama comunitaria (MAFFESOLI, 1990, p. 113 – 2004, p. 150). Estas presentan gran continuidad, peso y repercusión gracias a la fuerza de lo cotidiano, lo rutinario y/o lo ordinario. Es claro entonces que lo próximo y lo cotidiano, pese a que parezcan insulsos en el resto de sectores, para las BP aseguran la soberanía de su propia existencia.

En líneas generales, las BP redimensionan las llamadas comunidades domésticas (comunidad vecinal), instaurando comunidades Inter.-barriales que se unen a través de la pasión y que vienen a significar unas comunidades de nuevo tipo dejando atrás las pugnas territoriales entre barrios y el dominio colonial por un espacio ya demarcado. Los afectos y la pasión sirven de medicamento y de purga para exorcizar a los jóvenes de las tendencias colonialistas enmarcadas en espacios de barrios concretos y generadoras de luchas o disputas (las dadas entre galladas y que marcan barrios y sectores con la categoría de ilegalidad) que sólo sirven para limitar su creatividad y su alcance emancipador de lo concreto y de lo razonable. Las BP presentan una gama amplia como se dejó ver a lo largo de este escrito. Pero, ante todo, siendo muchas las acciones en común que las identifican también muchas son las acciones singulares que las diferencian. Identidad y diferenciación interna, otra característica de la socialidad que responde a la distinción de las BP como tribus, grupalidades y comunidades de sentido de una temporalidad posmoderna enmarcada en lo heterogéneo del sentir, la plurisemia de gustos, lo alternativo y subjetivo del espacio y del territorio y lo proxémico de las relaciones interpersonales en el cual la persona se des-individualiza y da paso imperante a la desinstitucionalización de su ser dejando de lado lo que conforma rigidez institucional y social.

---

<sup>26</sup> Entrevista realizada por la revista Enie. [http://www.revistaenie.clarin.com/ideas/Michel-Maffesoli-senor-todas-tribus\\_0\\_858514154.html](http://www.revistaenie.clarin.com/ideas/Michel-Maffesoli-senor-todas-tribus_0_858514154.html)

## Bibliografía

- ALABARCES & Otros. El aguante y las hinchadas argentinas. **Horizontes antropológicos**. Porto Alegre. Año 14, n. 30, jul./dez, p. 113-136. 2008. Disponible en formato virtual en <http://www.scielo.br/pdf/ha/v14n30/a05v1430.pdf>. Acceso: Octubre 20 de 2012.
- BERGER M. & T. LUCKMAN. (1995). *Modernidad, Pluralismo y Crisis de Sentido*. Barcelona. Paidós. 1°.Edición.
- BOLAÑOS, Diego Fernando. El Deporte y la Socialidad. **Pensando la UCEVA**, Revista Institucional de la Unidad Central del Valle UCEVA. Tulúa. No 7. Abril 2005, p. 14-19.
- \_\_\_\_\_. **Fútbol: tradiciones y pasiones en fanáticos**. Armenia: Kinesis. 2011.
- \_\_\_\_\_. Mitos y rituales en la tribu urbana barón rojo sur, barra seguidora del club de fútbol américa de Santiago de Cali. **Revista Borrromeo** N° 4, p. 46-72. 2013 <http://borrromeo.kennedy.edu.ar>.
- COSTA, Peré Oriol; PÉREZ, José Manuel & TROPEA Fabio. **Tribus Urbanas**. El ansia de identidad juvenil. Paidós. Barcelona.1996.
- DICCIONARIO PRIBERAM de lengua Portuguesa. Disponible en: <https://www.priberam.pt/DLPO/alteridade>
- DUCHESNE, Winter. **El Ciudadano Insano y otros ensayos**. San Juan de Puerto Rico: Callejón, 2001.
- DUSCHATZKY Silvia, **Tutelados y Asistidos**. Buenos Aires: Paidós, 2000.
- FABBRI, Paolo. **El Giro Semiótico**. Barcelona: Gedisa. 1999.
- FRASSER, Nancy. **Iustitia Interrupta**. Santa Fe de Bogotá : Siglo del Hombre, 1997.
- GADAMER, Hans Gerge. **Antología**. Barcelona: Sígueme, 2001.
- \_\_\_\_\_. **Verdad y Método II**. Barcelona: Sígueme, 1992.
- GALEANO, Eduardo. **El fútbol a sol y sombra**. Madrid: Siglo Veintiuno, 2003.
- GUTERMAN, Tulio. **El juicio a la barra de Boca Juniors**. Entrevista a Marcelo Parrilli. En Revista virtual Educación Física y Deportes: EF deportes. No 8. Diciembre de 1997. Disponible en: <http://www.efdeportes.com/efd8/parril8.htm>
- HELLER, Agnes. Los movimientos Culturales como vehículo de Cambio. En: VIVIESCAS, Fernando & GIRALDO, Favio (et al.) Comp. **Colombia el Despertar de la Modernidad**. Santa Fe de Bogotá: Foro Nacional por Colombia. 1991, p 96-115
- MAFFESOLI, M. **El Conocimiento Ordinario**. México: Fondo de Cultura Económica. 1°. Edición, 1985
- \_\_\_\_\_. **El tiempo de las Tribus**. Barcelona: Icaria, 1°.Edición, 1990
- \_\_\_\_\_. Michel. **De la Orgía**. Barcelona: Ariel, 1996
- \_\_\_\_\_, **El tiempo de las tribus**. El ocaso del individualismo. Daniel Gutiérrez Martínez (Trad). Ciudad de México. Siglo XXI, 2004
- MOLINA, Juan Carlos. Juventud y tribus urbanas. **Revista última década**. No 13 septiembre de 2000. Viña del Mar.p. 121-140
- PARDEY, Becerra Harold & Otros. **La ciudad de los fanáticos**, 2001. 110 p. Monografía. Escuela de Comunicación Social. Universidad del Valle. Cali, 2001.
- TOURAINÉ, Alan. **¿Podremos Vivir Juntos?** Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 1998.
- VALENCIA, Alberto. **La violencia y la memoria colectiva**. Revista exclusión social y construcción de lo público en Colombia. Bogotá. Cerec. 2001. Disponible en: [http://www.academia.edu/9354721/La\\_violencia\\_y\\_la\\_memoria\\_colectiva](http://www.academia.edu/9354721/La_violencia_y_la_memoria_colectiva)
- VARGAS, Carlos E. **El Deporte como Objeto de Estudio**. Cali: Feriva, 1994.
- VERDU, Vincent. **El Fútbol: Ritos, Mitos y Símbolos**. Madrid: Alianza, 1980
- VINNAI, Gerar. **El Fútbol como Ideología**. México: Siglo XXI, 1974

YUDICE, George. **El Recurso de la Cultura**. Barcelona: Gedisa, 2002.

[http://www.revistaenie.clarin.com/ideas/Michel-Maffesoli-senor-todas-tribus\\_0\\_858514154.html](http://www.revistaenie.clarin.com/ideas/Michel-Maffesoli-senor-todas-tribus_0_858514154.html)

2013.

Consultado: 04 02 de 2014.

## A HIPER-REAL VERDADE: TRÊS DISCURSOS DO *THE SUN* PÓS-DESASTRE DE HILLSBOROUGH<sup>27</sup>

### *THE HYPER-REAL TRUTH: THREE DISCOURSES OF THE SUN POST-HILLSBOROUGH'S DISASTER*

Matheus Passos Beck<sup>28</sup>

**Resumo:** O presente artigo busca analisar os discursos produzidos pelo jornal *The Sun* sobre o Desastre de Hillsborough em três momentos: nas edições de 19 de abril de 1989, quatro dias após a tragédia; de 13 de setembro de 2012, após a divulgação do relatório independente sobre o caso; e de 27 de abril de 2016, quando da decisão judicial. O objetivo é perceber as diferenças no posicionamento de fala do veículo conforme a passagem do tempo e sua atualização discursiva. Como metodologia, é utilizada a Hermenêutica de Profundidade (HP), com ênfase na análise de discurso. Desta forma, poderemos verificar a alternância no discurso de acordo com o momento histórico e como as estratégias discursivas sobre a construção do real foram moldadas conforme a posição do público em relação ao veículo.

**Palavras-chave:** comunicação social; mídia; discurso; *The Sun*; Hillsborough.

**Abstract:** This article intends to analyze the discourses produced by *The Sun* on the Hillsborough's Disaster in three stages: April 19, 1989, four days after the tragedy; September 13, 2012, after the publication of the independent report on the case; and April 27, 2016, following the court's decision. The main goal is to understand the differences in the positioning of the vehicle's speech in the passage of time and its discursive update. As methodology, Depth Hermeneutics (HP) is used, with emphasis on discursive analysis. This way, we can verify the alternation in speech according to the historical moment and how the discursive strategies of the reality construction have been shaped according to the position of the audience about the newspaper.

**Keywords:** Communication; Media; Discourse; *The Sun*; Hillsborough.

## 1. Introdução

O Desastre de Hillsborough, na Inglaterra, em 1989, não foi a primeira tragédia em estádios de futebol na história — os primeiros registros oficiais datam de 1902, quando 33 pessoas morreram esmagadas com a superlotação no estádio Burnden Park, em Bolton, e outras 25 pessoas morreram na queda de uma arquibancada do estádio Ibrox Park, em Glasgow, na Escócia. Tampouco foi o evento com maior número de vítimas fatais (96 torcedores do Liverpool) — em 1964, 328 pessoas morreram asfixiadas ou com hemorragia interna após pânico generalizado no estádio Nacional, em Lima, no Peru, e 127 foram vitimadas em situação semelhante no Accra Sport Stadium, em Accra, capital de Gana, em

<sup>27</sup> Artigo científico para o II SIMPÓSIO INTERNACIONAL FUTEBOL, LINGUAGEM, ARTES, CULTURA E LAZER, enviado em 30 de junho de 2016.

<sup>28</sup> Jornalista (PUCRS), especialista em Jornalismo Esportivo (UFRGS). Pesquisador do Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social (PUCRS), integrante do grupo de pesquisa “Comunicação, Emoção e Conflito” (CEC). E-mail: matheuspbeck@gmail.com

2001. No entanto, nenhuma delas se compara à tragédia inglesa em relação às consequências no mundo esportivo, jurídico e, no nosso caso, midiático.

Batalhas judiciais envolvendo as famílias das vítimas, o condado de South Yorkshire e o governo inglês se estendem até os dias de hoje. Além disso, as considerações sobre a organização de um evento esportivo feitas por especialistas após o caso levaram à reformulação do futebol inglês e a criação da Premier League<sup>29</sup>, e as readequações arquitetônicas feitas no estádio guiam as orientações feitas pela Federação Internacional de Futebol Associação (FIFA) nas reformas e construções das novas arenas. Contudo, o foco deste artigo é identificar e analisar o discurso sobre a tragédia pela imprensa local — no caso, no jornal *The Sun* — em três momentos distintos: quatro dias após o evento, quando as primeiras conclusões dos inquéritos policiais foram levadas à tona; em setembro de 2012, quando o relatório independente conduzido pelo Hillsborough Independent Panel (painel independente instituído pelo governo britânico para revisar o caso) foi divulgado; e em abril de 2016, quando a Justiça aplicou a sentença final.

Na primeira parte, será apresentado um recorte do contexto sócio-histórico em que o evento e seus desdobramentos estão inseridos na Inglaterra dos anos 1980 e atualmente, política e esportivamente. Em seguida, serão expostos e dissecados os discursos do jornal em cada período sob a luz da Análise de Discurso (AD), baseada nos conceitos do semiolinguista e estudioso das mídias Patrick Charaudeau. Por fim, será interpretada a maneira como esses discursos se opõem ou se complementam conforme a metodologia de análise da Hermenêutica de Profundidade (HP) proposta pelo sociólogo e analista da influência midiática na formação das sociedades modernas John B. Thompson.

## 2. A tragédia

No final dos anos 1980, a Inglaterra vivia um momento de instabilidade política e social. A década dominada pela doutrina da primeira-ministra Margaret Thatcher se encaminhava para o fim. No futebol, em particular, os *hooligans* e o hooliganismo<sup>30</sup> ganharam vulto naqueles anos em grande parte devido ao Desastre de Heysel<sup>31</sup>, em 1985, no qual 39 pessoas — a maioria composta por torcedores italianos da Juventus — foram mortas durante a final da Liga dos Campeões da Europa. A atuação violenta da torcida inglesa, considerada determinante para a tragédia, fez com que a União das Federações Europeias de Futebol (UEFA) banisse clubes da Inglaterra de competições europeias por seis anos. Para muitos, era apenas o reflexo da convulsão social ocorrida fora dos estádios.

Naquele mesmo ano, só que 18 dias antes, um incêndio no estádio Valley Parade, em Bradford, havia deixado 56 mortos e 265 feridos. De arquitetura antiquada, as arquibancadas de madeira foram rapidamente consumidas pelo fogo, o que levou a *Football Association* (FA), principal órgão do futebol inglês, a instaurar um inquérito para investigar as causas do

<sup>29</sup> Liga de futebol profissional da Inglaterra e do País de Gales.

<sup>30</sup> O significado etimológico para *hooligan*, segundo o dicionário Oxford, é “causador de problemas, típico membro de uma gangue”, e tem origem no final do século XIX como uma variação de *Hoolihan*, sobrenome de uma família irlandesa que viveu em Londres. O termo, associado a torcedores violentos na Inglaterra, ganhou relevo internacional nos anos 1980, embora tenham sido identificadas variações desde o início da era profissional do futebol, entre as décadas de 1870 e 1880 (DUNNING; MURPHY e WILLIAMS, 2014).

<sup>31</sup> Estádio da cidade de Bruxelas, na Bélgica, renomeado para *King Baudouin Stadium* em 1995. Antes do início daquela partida, torcedores de ambos os clubes entraram em confronto, com parte da torcida do Liverpool invadindo um espaço considerado neutro arremessando objetos e forçando a torcida da Juventus a fugir pelo lado oposto. Alguns foram pressionados contra um muro e morreram em decorrência dos danos causados pelo esmagamento.

incidente. O resultado foi o denominado Relatório Popplewell, que, entre outras observações, orientou para o uso de circuito fechado de câmeras nos estádios do país.

Popplewell não discutiu a infraestrutura insegura dos campos de futebol: as instalações decadentes das arquibancadas e as grades e cercas para o “controle da torcida” indomável que ainda são mantidas para enjaular os torcedores. Nos três anos de Relatório Popplewell, o futebol inglês passou pelos piores desastres em estádios, em uma situação inteiramente sem *hooliganism* (GIULIANOTTI, 2010, p.103).

Restrita a suas fronteiras e sem controle efetivo sobre a organização do futebol, a federação inglesa determinou que Hillsborough, pertencente ao Sheffield Wednesday, sediase a partida entre Liverpool e Nottingham Forest em uma das semifinais da Copa da Inglaterra de 1988/89. O estádio havia sido sede de quatro jogos da Copa do Mundo de 1966 e tinha passado por uma reforma recente com a colocação de divisórias adicionais entre os setores, a fim de evitar contato direto e confronto entre as torcidas — oito anos antes, na mesma competição, o jogo entre Tottenham Hotspur e Wolverhampton Wanderers teve superlotação em uma das arquibancadas e 38 pessoas ficaram feridas.

Até 45 minutos antes do início da partida, poucos torcedores do Liverpool haviam entrado nos setores norte e oeste, nos quais seriam alocados pouco mais de 24 mil fãs. Os torcedores do Forest ocupariam os setores sul e leste, em um espaço para 29,8 mil pessoas. Pouco antes das 15 horas, horário marcado para o início da partida, cerca de cinco mil torcedores — muitos deles sem ingresso — se aglomeravam em um estreito portão no lado oeste. A polícia, sem conseguir controlar a multidão, permitiu que o portão fosse aberto como forma de aliviar a pressão externa. Os torcedores entraram diretamente para os dois blocos centrais de um total de sete no setor oeste, superlotando o espaço. Como não podiam ir alcançar os outros blocos devido às grades, os torcedores que não conseguiram pular para o gramado ou serem puxados para o andar de cima da arquibancada foram esmagados. A partida foi interrompida com menos de seis minutos de jogo. Catorze torcedores faleceram ao chegar no hospital. No total, 96 pessoas morreram.

### 3. A cobertura em três tempos

Nos dias posteriores, a cobertura do jornal *The Sun*<sup>32</sup>, embora ampla e mantendo suas características formais e editoriais<sup>33</sup>, foi dirigida aos eventos que levaram à tragédia e à atualização sobre as condições dos feridos. Entretanto, atentemo-nos aqui a três datas consideradas chave no processo a longo prazo sob a ótica do mesmo periódico: o quarto dia a partir da tarde do desastre, data de veiculação das manifestações policiais sobre a investigação em andamento (figura 1); em 2012, quando da conclusão do relatório independente que contestava as ilações anteriores (figura 2); e em 2016, quando a decisão judicial selou as quase três décadas de apuração (figura 3). Por critérios metodológicos, serão analisados apenas os textos principais das três edições, sem ênfase para as matérias periféricas.

<sup>32</sup> O *The Sun* é um diário inglês em formato tabloide fundado em 1964. Ele se caracteriza pelas manchetes sensacionalistas, pelo alinhamento político conservador e pelo apelo a conteúdos populares, como sexo e a vida de celebridades. Desde a época do Desastre de Hillsborough até hoje, ele lidera o ranking de circulação de um jornal diário no Reino Unido, conforme o Audit Bureau of Circulations (ABC UK).

<sup>33</sup> O selo *Gates of Hell*, ou Portões do Inferno, por exemplo, foi inserido para identificar o desastre.



Fig. 1



Fig. 2



Fig. 3

### 3.1. A verdade

No quarto dia da tragédia, o jornal estampou na capa as afirmações mais contestadas e que acabaram por gerar um boicote permanente por parte da população de Liverpool. A edição de 19 de abril de 1989 trazia a manchete “A Verdade” e, nas linhas de apoio, as informações de que alguns fãs teriam “roubado as vítimas”, “urinado nos bravos policiais” e “agredido policiais durante a respiração boca-a-boca”. A única foto sobre o assunto mostrava o rosto do superintendente Roger Marshall, responsável por supervisionar a segurança do lado externo do estádio, com a legenda “sob fogo cruzado”. Em seguida, no lide da reportagem, que inicia logo na capa, foi dito que “torcedores bêbados do Liverpool atacaram violentamente socorristas enquanto estes tentavam reanimar as vítimas do desastre futebolístico de Hillsborough, foi revelado na noite passada”.

A reportagem segue ampliando os destaques das manchetes. Primeiro descreve, em ordem direta, de modo narrativo e descritivo, que policiais, bombeiros e paramédicos foram atingidos por socos, chutes e urina de um *hooligan* no meio da multidão. Depois, que bandidos saquearam os bolsos de torcedores desacordados estirados no gramado. Em um episódio caracterizado como “vergonhoso” pelo jornal, é descrito que uma “gangue de torcedores do Liverpool”, ao observar um policial tentando reviver uma jovem que estava com a blusa levantada sobre os seios, pediu a ele: “Jogue ela para cá que \*\*\*\*\* ela”. Os quatro asteriscos foram usados na redação da notícia para omitir a palavra utilizada literalmente (presumivelmente *fuck*, “fodemos”). Nesta parte, a descrição é intercalada pelo intertítulo “*Stung*”<sup>34</sup>.

Sob o título “A Trágica Verdade”, a sequência da reportagem é uma sobreposição de falas de oficiais afirmando que o trabalho de resgate foi prejudicado pelos torcedores violentos do Liverpool. Ao menos seis fontes diretas e indiretas são citadas observando a partir da perspectiva das instituições de South Yorkshire — além da esposa do superintendente Marshall, que declarou que “ele não teve alternativa” ao abrir os portões que causaram a superlotação. A foto que ilustra a matéria é de um tributo dos fãs, que depositaram flores no estádio Anfield, sede do Liverpool.

<sup>34</sup> Pretérito de “sting” (picar, ferrear, pungir), é também gíria para “bêbado” (NA)

A reportagem secundária, que ocupa as páginas dois e três, é sobre o luto da princesa Diana pela morte do adolescente Lee Nichol, de 14 anos, então a 95ª vítima fatal. É citado um trecho da mensagem de condolências que ela teria enviado à família de Lee, segundo um assessor do Palácio de Buckingham. A narração dos acontecimentos envolvendo a vida e a morte do garoto é em tom dramático do início ao fim. A imagem que ocupa mais da metade da página à direita mostra a tentativa de ressuscitação do menino com a legenda “batalha em vão”. Ao lado, uma foto de seu rosto, um pouco mais novo, com a legenda “Trágico Lee... Possuía um cartão de doador”, referindo-se à informação creditada à sua mãe que, semanas antes, ele havia se declarado doador de órgãos para salvar outras crianças. O relato sublinha que seu amigo Austin Grimmond, cuja idade era a mesma mas sobrevivera ao esmagamento, insistia repetidamente que não tinha sido sua culpa a morte do companheiro.

Fechando a matéria, sob o intertítulo “Milagre”, é descrita a história do estudante Roy Pemberton, de 23 anos, que é outra das 96 vítimas. Nove anos antes — idade próxima à de Lee —, ele teria entrado em coma em decorrência da diabetes e, ao recobrar os sentidos, foi perguntado quem seria o goleiro de seu time, e ele respondeu corretamente: “Bruce Grobbelaar”. Desta vez, ao assistir ao ídolo presencialmente, não resistiu aos ferimentos e faleceu.

### 3.2. A verdade real

A edição de 13 de setembro de 2012, mais de 23 anos depois, se assemelha em muitos fatores à de 19 de abril de 1989. Mesmo com tecnologia mais avançada, métodos de diagramação mais modernos e impressão colorida — em contrate com o preto e branco da época da tragédia —, foi adotada uma capa similar à anterior. A manchete estampada foi “A Real Verdade”, seguida por quatro destaques: “Policiais macularam torcedores do Liverpool para se isentarem de culpa”, “41 vidas poderiam ser salvas, apontam novas provas”, “Famílias das 96 vítimas entram com processo” e “Estamos profundamente arrependidos por falsos relatos” — este último com o logotipo do *The Sun* ao lado. Ao fundo, emoldurado pelo texto gráfico, a imagem de arquivo de um torcedor sentado sobre os escombros do setor norte de Hillsborough com o rosto entre as mãos.

O lide apresenta objetivamente que “um relatório independente revelou a tentativa da polícia de encobrir falhas catastróficas desgraçadamente maculando torcedores do Liverpool”, e acrescenta que “41 vidas poderiam ter sido salvas caso os serviços de emergência tivessem atuado rapidamente”. No entanto, antes de esmiuçar as conclusões do relatório de maneira descritiva, admite que o jornal estava “profundamente envergonhado e imensamente arrependido” pela publicação conhecida como “A Verdade”, buscando argumentar que a narrativa foi baseada nas versões da polícia sobre os eventos. Depois, sim, a matéria discorre sobre os resultados do relatório: “as declarações dos policiais foram manipuladas para sugerir que os torcedores estavam embriagados, entraram sem ingresso e forçaram a entrada no campo” e “foram coletadas amostras de sangue das vítimas — algumas de 10 anos de idade — para tentar comprovar o alto teor alcoólico”. Por fim, destaca que os mais de 400 mil documentos provam que 164 relatórios policiais foram alterados posteriormente — 116 deles para remover críticas à operação no dia da tragédia.

A reportagem segue em tom misericordioso, costurando declarações de fontes de diversas origens comentando o resultado da investigação. O então primeiro-ministro David Cameron se desculpa publicamente às famílias pelos erros do Estado, e outros três representantes da polícia lamentaram o ocorrido. Mais uma vez, os editores do *The Sun* se desculpam pela reportagem do passado justificando que se sustentaram nas declarações

policiais e ressaltando que cooperaram com a formulação do novo relatório independente. Pelo menos três representantes das famílias também comentaram de maneira direta as novas revelações e a decisão de levar adiante o processo judicial. Um espaço considerável é destinado para o posicionamento oficial da federação inglesa, antes de, uma vez mais, retomar o posicionamento do veículo. O editor do jornal em 1989, Kelvin MacKenzie, afirma que “foram necessárias duas décadas, mais de 400 mil páginas e dois anos de inquérito para descobrir, para meu horror, que eu seria mais preciso se tivesse escrito *A Mentira* em vez de *A Verdade*”. Outra vez a publicação se utiliza do primeiro-ministro para afirmar que a construção da reportagem anterior foi baseada no que reportou uma agência de notícias de Sheffield, cuja fonte eram oficiais da polícia de South Yorkshire. No final da reportagem, a fala de dois policiais do condado que dizem “não ter nada a esconder” e se oferecem a contribuir com a investigação são sucedidas pelo pedido da líder do grupo de apoio às famílias para que se demitam. Por fim, o então prefeito de Londres, Boris Johnson, se desculpa por um comentário feito em 2004, no qual afirmava haver torcedores embriagados envolvidos no desastre.

### 3.3. A verdade hiper-real

Quatro anos depois desta publicação e 27 anos após o Desastre de Hillsborough, o *The Sun* voltou ao tema para cobrir o veredito da Justiça sobre o caso. Desta vez, porém, não estampou na capa da edição do dia seguinte nenhuma chamada relacionada ao assunto — a reportagem ficou relegada às páginas oito e nove, enquanto que a capa continha um suposto escândalo com o primeiro-ministro David Cameron envolvendo uma troca de mensagens de texto.

A grande cobertura aconteceu no dia 26, no site do jornal, deixando para o dia seguinte uma matéria mais concisa e objetiva. Nela, o periódico deu menos destaque à decisão do júri, conforme a qual policiais e paramédicos contribuíram para o agravamento da tragédia, do que à celebração dos familiares. Sob o título “A Grande Denegação da Justiça: 96 torcedores do Liverpool foram mortos ilegalmente no Desastre de Hillsborough, em 1989”, a reportagem dispõe grande parte de seu texto de abertura à longa duração do processo e ao sentimento de justiça em memória das vítimas, para somente depois visitar o caso. Quatro falas de fontes diretas — três parentes e o primeiro-ministro — foram creditadas. As demais se baseiam em declarações indiretas de terceiros e no próprio veredito. Pela primeira vez, uma estimativa de custo das investigações — 116 milhões de libras — foi suscitada. No entanto, o diário não se estende em relação à polêmica envolvendo suas edições passadas, afirmando apenas que “a polícia maculou os torcedores com um monte de mentiras que, em 1989, o *The Sun* e outros periódicos engoliram”, e encerrando com duas breves frases de desculpas e condolências às famílias. As imagens dos familiares celebrando a decisão e de homenagens aos mortos foram colocadas junto a fotografias de arquivo da tragédia e de um mosaico com o rosto das vítimas. As 14 respostas respondidas pelos jurados também ganharam menção destacada.

## 4. As realidades e as verdades

Verdade e real são dois conceitos que estamparam as edições de *The Sun* em momentos distintos e revelam posicionamentos intrínsecos do jornal. Primeiro, mais

evidentemente, de perceber-se legitimado pelo público a informar, a desvelar algo oculto. Neste caso, podemos assumir que o jornalismo praticado pelo periódico ocorreu conforme a definição de Patrick Charaudeau de que “a informação é (...) a transmissão de um saber, com a ajuda de uma determinada linguagem, por alguém que o possui a alguém que se presume não possuí-lo” (2015, p. 33). Menos explicitamente, porém, está posta a ideia de que ambos os conceitos, segundo o mesmo autor, são construções.

A informação não existe em si, numa exterioridade do ser humano, como podem existir certos objetos da realidade material (uma árvore, a chuva, o Sol) cuja dignificação, certamente, depende do olhar que o homem lança sobre esses objetos, mas cuja existência é independente da ação humana. A informação é pura enunciação. Ela constrói saber e, como todo saber, depende ao mesmo tempo do campo de conhecimentos que o circunscreve, da situação de enunciação na qual se insere e do dispositivo no qual é posta em funcionamento (2015, p. 36).

Partindo deste pressuposto, de que o ato comunicacional é construído a partir do ser humano, investigaremos mais a fundo essas duas concepções — realidade e verdade — e qual o lugar de fala da instância do produtor do discurso para dar sentido a elas.

#### 4.1. As verdades encenadas

O conceito de verdade, para Charaudeau, ganha uma distinção importante entre seu valor e seu efeito. O *valor* de verdade é uma construção instrumentada por um certo saber científico, ou “um conjunto de técnicas de saber dizer, de saber comentar o mundo” (2015, p. 49). Já o *efeito* de verdade está relacionado ao sujeito e sua relação com o mundo, pois não existe “fora de um dispositivo enunciativo de influência psicossocial” (ibid). Neste caso, o que se busca é a credibilidade em poder dizer algo. Quando o *The Sun* usa, em 1989, duas vezes a palavra *verdade* (na manchete de capa e na matéria interna), ele se posiciona em condição de determinar como tal legitimado por um público-leitor, e constrói seu discurso buscando o efeito de adesão ao que ele expõe. Tanto que se utiliza de ferramentas como as citações diretas creditadas a fontes oficiais para dar ideia de cientificidade e autenticidade.

É preciso ressaltar que, dentro do espaço social, há vários tipos de verdade em jogo. Um deles, em especial, é aprofundado por Charaudeau (2015, p. 267) e nos interessa neste momento: a verdade de emoção. Esta tem a ver com o sistema de valores dos indivíduos e se estabelece de acordo com a reação subjetiva destes. Os termos “trágico” e “tragédia” saltaram naquela primeira edição buscando uma reação emocional. Neste caso, foi projetado levar ao público uma resposta possível às causas do evento e identificá-lo com as consequências dessa tragédia. Contudo, “ao mesmo tempo, toda emoção é socializada” (CHARAUDEAU, 2015, p. 268), e a verdade pode variar de grupo para grupo. Como o período já reunia muita contestação à autoridade de Estado estabelecida, o jornal, como extensão do mesmo, passou a ter seu discurso suspeitado e, em seguida, rechaçado. Logo, a visada pretendida inicialmente não conseguiu conter a possibilidade de organização e mobilização desta audiência. Como sugere o sociólogo e filósofo Jean Baudrillard:

Sempre se acreditou que são os meios de comunicação que enredam as massas — o que é a própria ideologia dos *mass media*. Procurou-se o segredo da manipulação numa semiologia que combate os *mass media*. Mas se esqueceu, nessa lógica ingênua da comunicação, que as massas são um meio muito mais forte que todos os meios de comunicação, que são elas que os enredam e os absorvem - ou que pelo menos não há nenhuma prioridade de um sobre o outro. O processo da massa e dos meios de comunicação são um processo único (2004, p. 38 e 39).

Quando, em um segundo momento histórico, o assunto é retomado como “mentiras vergonhosas”, a busca é pela inversão desse sentimento, a fim de reconstruir o vínculo do leitor com o jornal. A verdade perde seu sentido absoluto de valor intrínseco para ser exposta como uma representação momentânea por determinado meio.

Os fatos não têm uma verdade em si. É em sua encenação, num certo dispositivo, que surge, diante daquele que é tomado por este mesmo dispositivo, uma verdade subjetiva que tende a objetivar-se num movimento de compartilhamento universal (CHARAUDEAU, 2015, p. 269).

Disto, podemos depreender que a escolha editorial pela manchete “A Verdade” buscava passar ao leitor provas que justificassem a tragédia com base em uma investigação policial sigilosa. Por mais que a partida tenha sido transmitida ao vivo pela televisão e a imprensa houvesse feito a cobertura dos desdobramentos, as informações haviam sido concentradas entre as autoridades policiais, que reservaram a si o direito de divulgá-las somente no quarto dia após o incidente. Expô-las significava, para o jornal, levar à luz possíveis razões para as mortes trágicas. Houve, contudo, uma adesão irrestrita à autoridade de Estado na construção do discurso enunciativo. O jornal optou por destacar três manchetes sensacionalistas que incutiam aos torcedores a responsabilidade indireta pelas mortes por terem atrapalhado e dificultado os resgates. Na capa, a foto de maior destaque era de um oficial que, segundo a esposa, enfrentava pressão psicológica por ter permitido a superlotação. Além desta, outras seis fontes oficiais foram usadas, enquanto nenhum torcedor, funcionário do estádio, representante dos clubes ou familiares foram ouvidos.

O erro talvez esteja na balança entre a credibilidade de um veículo e sua necessidade de captar a atenção do público. Não uma manipulação explícita do acontecimento, mas um desequilíbrio entre os procedimentos jornalísticos e a forma com que a informação foi exposta.

Não é propriamente o jornalista que é manipulador, pois ele mesmo está preso numa máquina manipuladora. A instância midiática é vítima de seus sistema de representação, pois em vez de efetuar a troca entre ela e o cidadão, a troca ocorre entre ela e os atores da máquina econômica, a fim de sustentar sua própria promoção (CHARAUDEAU, 2015, p. 260).

Se partirmos do princípio sugerido pelo pesquisador da mídia Roberto Ramos, de que “a Mídia massiva carrega uma carga de apelo sensacional nas suas diferentes produções de sentido” (2012, p. 32), verificamos que o sensacionalismo não aparece apenas no conteúdo, mas também em sua forma. A descrição sobre um suposto aliciamento de torcedores a uma das vítimas é intercalada com o intertítulo “Bêbados!”, sugerindo uma crítica velada aos *hooligans* sob uma exclamação de uma fonte policial. Da mesma maneira, a fusão em um mesmo contexto de duas histórias semelhantes (dois jovens fãs do Liverpool), destacando suas atitudes heróicas (um havia se declarado doador de órgãos, enquanto o outro havia sobrevivido à diabetes) em meio à comoção (da princesa Diana, de familiares e da comunidade esportiva), expõe a dicotomia entre o fim trágico de jovens vítimas, alegadamente, da ação desmedida de outros jovens.

O que a reportagem de 1989 buscava construir, portanto, não era a verdade conforme o título apregoava, mas um efeito de verdade, que, para Charaudeau:

Surge da subjetividade do sujeito, em sua relação com o mundo, criando uma adesão ao que pode ser julgado verdadeiro pelo fato de que é compartilhável com outras pessoas, e se inscreve nas normas de reconhecimentos do mundo (2015, p. 49).

Este discurso foi alicerçado pelas vozes consoantes das autoridades do Estado e respaldado pelo contexto sócio-histórico, visto que o problema de violência no futebol na década de 1980, na Inglaterra, havia encontrado seu ápice. No entanto, não foi levado em conta que “a escrita desempenha o papel de prova para a instauração da verdade” (CHARAUDEAU, 2015, p. 114), sendo assim, não é efêmera. O texto fixado em tempo e espaço ganhou estado de verdade e estimulou um questionamento permanente do público sobre o que era estampado nas edições do jornal. Tanto que, 23 anos depois, o *The Sun* precisou reconhecer o equívoco e marcar sob as mesmas condições uma retratação sobre as escolhas editoriais de antes.

## 4.2. O real pretendido e o real real

O conceito de real varia conforme a linha filosófica ou sociológica adotada. A concepção outrora teológica hoje se aproxima mais das comprovações científicas. Alguns pesquisadores entendem a realidade como algo objetivo e material alheio ao homem. Outros compreendem-na por sua subjetividade, existente a partir de uma representação, de uma construção social. O psicólogo Duarte Júnior afirma que ela “nasce de um jogo dialético entre o homem e o mundo físico, entre a consciência e o trabalho humano e a materialidade das coisas” (1988, p. 91). Tomemos, aqui, entretanto, a conceituação de Charaudeau, mais próximo da segunda vertente.

As representações, ao contraírem uma representação do real através de imagens mentais transpostas em discurso ou em outras manifestações comportamentais dos indivíduos que vivem em sociedade, estão incluídas no real, ou mesmo dadas como se fossem o próprio real (2015, p. 47).

Logo, a escolha editorial do *The Sun* ao adjetivar a verdade como real, em 2012, revela três movimentos importantes. Em primeiro lugar, ele reconhece que a pretensa verdade revelada na edição de 1989 era um embuste da polícia endossado pela imprensa. Ademais, não apenas a manchete, mas a construção da narrativa como um todo encaminhava para uma adesão ao discurso policial — vide, por exemplo, a escolha da palavra “*stung*”, e seu significado dubio, como intertítulo. Num segundo momento, o jornal apresentou outras manifestações e questionamentos — como se o atendimento às vítimas foi adequado — que, em princípio, não foram levantados, não sendo compreendidos dentro do escopo de verdade pretendida.

Em segundo lugar, a manchete “A Real Verdade” expõe o posicionamento do veículo diante do paradoxo entre atender a múltiplos critérios noticiosos e captar a atenção do público com um enquadramento sensacionalista. A opção por detalhar as cenas de violência e descrevê-las de maneira exagerada é totalmente modificada de um período para o outro. O real, neste caso, também serve como uma correção particular da instância midiática, como se o modelo atual superasse o anterior, afastando o discurso atual do passado.

Por fim, ela traz à tona a noção de que a mídia é mais uma ilusão do que uma verdade pura. Ela não é um canal direto entre o acontecimento e a audiência, mas uma construção a partir de códigos e sistemas de crenças e valores inscritos em determinado tempo e lugar. Se, em um momento, a verdade era a violência de alguns atores sociais, em outro foi a manipulação desses fatos que adquiriu o estado de verdade. Para Charaudeau:

Os procedimentos midiáticos permitem cada vez mais criar a ilusão do factual, do autêntico, da prova da realidade dos fatos, pela investigação do privado, do íntimo, do testemunho, persuadindo-nos de que “isso realmente aconteceu assim”. É o que

pode ser chamado de verossímil, ou de “verdadeiro verossímil”, o que faz com que se fundam os dados da ficção com a ilusão do autêntico, que dá um suporte da realidade tangível às figuras de identificação da ficção (2015, p. 273).

O paradoxo fica evidente quando percebemos que o adjetivo “vergonhoso” caracteriza duas coisas distintas em momentos diferentes: em 1989, a violência dos torcedores que supostamente aliciaram uma jovem desacordada, e em 2012, a própria atuação do jornal no caso. A realidade, como discurso, foi modificada de acordo com o tempo em que ela está inserida, pois não é mais o torcedor descrito como violento, mas as narrativas errôneas sobre ele.

Na realidade que buscou-se construir na edição de 2012, foi adotada uma estratégia que remetesse e ao mesmo tempo corrigisse o passado com uma reprodução quase idêntica da capa anterior: a manchete em letras capitais, desta vez com o título “A Verdade Real”, em preto e branco (embora a tecnologia permitisse a coloração), os destaques pontuados sobre a imagem de um torcedor lamentando em meio aos escombros da arquibancada e o lide da reportagem, já na capa, com as escusas do veículo, inclusive com o selo da empresa. A gama de fontes foi ampliada, com falas de agentes da polícia contrabalançadas por afirmações de familiares, além de pontuações do primeiro-ministro inglês, do prefeito de Londres e do atual editor de Esportes do *The Sun*. Ao mesmo tempo, apesar de as justificativas e pedidos de desculpas do jornal serem recorrentes (elas aparecem mais de uma vez ao longo do texto), elas são complementadas por dizeres contritos das autoridades do Estado, imiscuindo ao pedido de desculpas uma co-participação de outras partes na construção do discurso de que torcedores violentos causaram o desastre. Tanto que o comentário do prefeito de Londres foi feito em 2004, 15 anos após o ocorrido, quando o resultado do primeiro inquérito policial já era contestado, mas cuja capa do jornal ainda permanecia arraigada na memória dos ingleses.

### 4.3. Possibilidades linguísticas

Pela ótica de Charaudeau podemos observar, ainda, outras características deste ato de linguagem. O sujeito comunicante (compreendido aqui como EUc, no caso, o jornal *The Sun*) utiliza estratégias para seduzir e transmitir algo a um público desconhecido, mas projetado como ideal (ou TUD, o destinatário idealizado a partir da visada inicial do comunicador), afinal, “comunicar é um ato que surge envolvido em uma dupla aposta ou que parte de uma expectativa concebida por aquele que assume tal ato” (CHARAUDEAU, 2014, p. 57).

No primeiro caso, em 1989, o periódico se valia do desconhecimento do público sobre os fatos para explorar sua estratégia de encenação por meio do exagero. Isto porque, naquele momento, não havia como contestar as informações visto que o acesso a elas era restrito. Tanto que se escorou indiscriminadamente na hipótese da polícia. Porém, nos períodos posteriores, quando os desdobramentos sócio-históricos apontaram um novo caminho, a estratégia inicial mudou, pois também a audiência havia mudado.

Se, de um lado, o sujeito comunicante é senhor de sua encenação, do outro (o da recepção propriamente dita), ocorre o contrário: o sujeito interpretante pode não dominar completamente os efeitos produzidos na instância de comunicação do sujeito comunicante. (...) Em outras palavras, pode produzir no sujeito-interpretante efeitos não previstos ou desejados (ibid).

Portanto, mesmo que a reportagem de 2012 tenha adotado uma estratégia linguageira semelhante à de 1989 (remetendo a lógica anterior da mensagem do sujeito enunciador — EUe — para o sujeito destinatário — TUD) para conseguir o efeito de identificação do público

com a causa do jornal, não conseguiu controlar o circuito entre o comunicante (EUc) e o interpretante (TUi) — que, neste momento, já havia passado a desconfiar e até mesmo rejeitar o contrato.

Já em 2016, o não-discurso sobre a tragédia pode ser entendido como uma aceitação por parte do *The Sun* de que, em nenhuma hipótese, conseguiria manter um vínculo adequado com seu público seja qual fosse a estratégia adotada. O que fortalece esta interpretação foi a maneira como o jornal noticiou, em 2016, o veredito da Justiça sobre o caso. A cobertura principal aconteceu no site ao longo do dia 26 de abril, relegando à versão impressa no dia seguinte duas páginas internas sobre o caso e nenhuma menção na capa. Embora o texto presente, novamente, reiterados pedidos de desculpas, o texto centraliza-se na questão jurídica e dá enfoque ao sentimento de justiça dos parentes das vítimas. A decisão editorial de manter as notícias no portal online se justifica visto que o suporte reforça o sentido de atualidade dos fatos, permite uma interação instantânea com o público e o texto pode ser enriquecido com elementos gráficos e audiovisuais (a declaração oficial do porta-voz da polícia, por exemplo, foi disponibilizado em vídeo na íntegra, em contraste a uma citação simples entre aspas no jornal). Porém, outra leitura possível é de que o veículo percebeu desnecessário um novo posicionamento acerca do caso quatro anos após o pedido de desculpas oficial e optou por minimizar sua participação no caso. Por isso, decidiu não usar o espaço nobre da capa ou fez qualquer alusão direta a sua postura nas outras ocasiões. Afinal, segundo Charaudeau:

As estratégias de poder exercidas em uma sociedade são o resultado de um jogo de ser e de parecer entre o estatuto social dos sujeitos do circuito comunicativo (EUc/TUi) e o estatuto linguageiro dos sujeitos que a manifestação linguageira constrói (EUe/TUd) (2014, p. 62).

Este silêncio, incorporado a críticas de veículos como *The Guardian*, *BBC* e até mesmo do ex-jogador da Seleção da Inglaterra e comentarista da *BT Sport* Gary Lineker, em última instância, se tornou um novo discurso. O analista de mídia Paul Connew também afirmou em um artigo no *The Drum*<sup>35</sup> que “foi um erro colossal” omitir da capa uma menção ao veredito. A interpretação do que foi dito pelos próprios sujeitos, aqui, segue o que Thompson indica sobre a análise das formas simbólicas de que “os sujeitos que constituem o campo-sujeito-objeto são, como os próprios analistas sociais, sujeitos capazes de compreender, de refletir e de agir fundamentados nessa compreensão e reflexão” (2011, p. 359). Podemos re-interpretar isto como um entendimento do público de que a omissão de um texto ampliado sobre o caso foi, também, um discurso que simboliza a tentativa de afastamento do *The Sun* à Tragédia de Hillsborough, mas não necessariamente de suas estratégias discursivas de representar a realidade de modo amplificado e sensacionalista. Conforme sublinha o filósofo Michel Foucault:

(...) em toda sociedade a produção de discurso é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certo número de procedimentos que têm por função conjurar seus poderes e perigos, dominar seu acontecimento aleatório, esquivar sua pesada e temível materialidade (2010, p. 8 e 9).

## 5. Considerações finais

<sup>35</sup> CONNEW, Paul. THE SUN'S FAILURE TO MAKE THE REAL TRUTH OF HILLSBOROUGH FRONT PAGE NEWS WAS THE WRONG CALL. *The Drum*, 27 de abril de 2016, London, Opinion. Disponível em: <http://www.thedrum.com/opinion/2016/04/27/suns-failure-make-real-truth-hillsborough-front-page-news-was-wrong-call>. Acessado em: 30 de junho de 2016.

Embora o *The Sun* tenha baseado sua reportagem de 1989 na manifestação policial para construir seu discurso, ele não pode, em si, ser considerado uma instância de poder. Para Charaudeau, “o poder nunca depende de um único indivíduo, mas da instância na qual se encontra o indivíduo e da qual ele tira sua força” (2015, p. 18). O jornal escorou-se na autoridade policial e amplificou a fala vigente naquele âmbito. Entretanto, a própria rejeição do público, engajando-se no boicote e conduzindo um novo inquérito independente, explica o questionamento quanto à ilegitimidade do veículo na detenção de poder absoluto para falar sobre o caso. O que podemos assegurar, sim, é que “as mídias constituem uma instância que detém uma parte do poder social” (2015, p. 63).

Da mesma forma, não se pode afirmar categoricamente ter havido manipulação das informações por parte do jornal — ao menos não no sentido negativista que ficou arraigado ao termo. As agências de notícias se basearam nos relatórios policiais (estes, sim, manipulados por agentes de postos mais altos na hierarquia) e se aproveitaram da credibilidade atribuída a si para buscarem o que o semiolinguista francês Patrick Charaudeau chama de “fazer saber”. A manipulação está no campo do “incitar a fazer”, se utiliza de uma ilusão para esconder seu projeto de realização e se consolida na recepção. Logo, se ambos os lados reconhecem os termos do contrato comunicacional, não se pode dizer que o discurso é manipulatório. Aqui, a manipulação aparece mais no sentido essencial (preparar com as mãos) e sutil, pois, como Charaudeau afirma, “as mídias manipulam de uma maneira que nem sempre é proposital, ao se automanipularem, e, muitas vezes, são elas próprias vítimas de manipulações de instâncias exteriores” (2015, p. 252).

O que podemos compreender do episódio da relação entre *The Sun* e o Desastre de Hillsborough é que mídia e público cidadão não são instâncias de poder desequilibradas e diretamente influenciáveis, mas que este poder se constitui precisamente da relação de significação de uma por outra. Além disso, a tragédia demonstrou que, independentemente do período em que ocorreu, a construção do discurso está ligada ao conhecimento do sujeito da instância de recepção e à relação deste com o sujeito comunicante, e sua posição sócio-histórica. Embora se apoiasse em um contexto de violência social latente, a posição discursiva do *The Sun*, inicialmente, desconsiderou o poder do público ao se sustentar no poder estatal. E, anos mais tarde, ao arrefecer seu envolvimento com a história consolidada do caso, despertou, novamente, o sentimento de rejeição, pois o público interpretou sua omissão e falso sentido de objetividade como um novo discurso de busca pelo afastamento do que está registrado historicamente. A materialidade da tragédia incutiu ao *The Sun*, neste caso, um irremovível peso histórico. As escolhas na construção discursiva do fato tornaram-se, elas mesmas, história.

## Referências

- BAUDRILLARD, Jean. **À sombra das maiorias silenciosas: o fim do social e o surgimento das massas**. São Paulo: Brasiliense, 2004.
- CHARAUDEAU, Patrick. **Linguagem e discurso: modos de organização**. São Paulo: Contexto, 2014.
- CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso das mídias**. São Paulo: Contexto, 2015.
- DUARTE JÚNIOR, João Francisco. **O que é realidade**. São Paulo: Brasiliense, 1988.
- DUNNING, Eric; MURPHY, Patrick; WILLIAMS, John. **The roots of football hooliganism: an historical and sociological study**. Oxford: Routledge, 2014.
- FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso - aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970**. São Paulo: Edições Loyola, 2010.

GIULIANOTTI, Richard. **Sociologia do futebol: dimensões históricas e socioculturais do esporte das multidões**. São Paulo: Nova Alexandria, 2010.

RAMOS, Roberto. **Os sensacionalismo do sensacionalismo: uma leitura dos discursos midiáticos**. Porto Alegre: Sulina, 2012.

THOMPSON, John B. **Ideologia e cultura moderna: teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa**. Petrópolis: Vozes, 2011.

## **SIGNIFICADOS DO FUTEBOL AMADOR EM PETROLINA-PE E JUAZEIRO-BA: UMA LEITURA DAS VOZES DOS ATORES DO BAPE**

### ***THE SIGNIFICANCE OF AMATEUR FOOTBALL IN PETROLINA-PE E JUAZEIRO-BA: READING ON BAPE'S ACTOR'S VOICES***

**Francisco Demétrius Luciano<sup>36</sup>**  
**Bruno Otávio Abrahão<sup>37</sup>**

**Resumo:** O objetivo deste estudo é interpretar os significados da realização do BAPE, um campeonato de futebol amador nas cidades de Juazeiro (BA) e Petrolina (PE). Para este estudo, tomamos como fontes as entrevistas de ex-atletas, dirigentes, e torcedores que protagonizaram estas partidas de futebol no Sertão médio do São Francisco. A metodologia primou pela História Oral interpretada pela concepção da História Cultural, como instrumento de interpretação dos significados das práticas culturais. A partir das vozes dos atores envolvidos foi possível compreender que o BAPE significou uma prática social no âmbito do lazer de grande importância para o encontro e socializações de duas cidades, revelando um marco esportivo com possibilidades de se entender o desenvolvimento do futebol amador nessa região do país, uma vez que esta compreensão ainda está por ser feita.

**Palavras-chave:** futebol; sociedade; cultura; significados; BAPE.

**Abstract:** The aim of this study is to interpret the meanings of the realization of the BAPE , an amateur football league in the cities of Juazeiro ( BA ) and Petrolina (PE) . For this study , we take as sources of the former athletes interviews , officials, and fans who staged these football matches in high Hinterland San Francisco. The methodology was conspicuous by Oral History interpreted the concept of cultural history , as aid to interpreting the meanings of cultural practices . From the voices of the actors involved was possible to understand that the BAPE meant a social practice in the great importance of leisure for the meeting and socialization of two cities , revealing a sporting milestone with possibilities to understand the development of amateur football in this region the country , since this understanding know still be made.

**Keywords:** soccer; society; culture; meanings ; BAPE.

### **1.Introdução**

O campeonato futebolístico denominado BAPE , sigla que designa respectivamente os estados da Bahia e Pernambuco foi idealizado pelas cidades de Petrolina-PE e Juazeiro-BA na década de 1980, se estendendo até meados da década de 1990. Ele foi uma iniciativa do poder público municipal das duas cidades, juntamente com o apoio dos admiradores do futebol e patrocínios da iniciativa privada que visualizam o futebol no âmbito do lazer como uma possibilidade de congregar as equipes amadoras dessas cidades em um único evento esportivo, uma vez que Petrolina e Juazeiro já possuíam muitas equipes amadoras organizadas

---

<sup>36</sup> E-mail: demetriuscaldas@hotmail.com

<sup>37</sup> E-mail: bolabra@gmail.com

naquele período, e o futebol amador desde já era fenômeno no vale do São Francisco (Brito, 1995).

A história dessas cidades separadas por uma ponte guardava rivalidades históricas nas dimensões econômicas, políticas ou culturais, e o BAPE foi um espaço que promoveu na esfera do lazer a vivência destas rivalidades, que também estavam permeadas por sentimentos de vizinhança e amizade. A experiência de residir em Petrolina permite observar que as rivalidades se expressam nas comparações e verbalizações que questionam qual das cidades oferece melhores condições de vida, ofertas de lazer, cultura e educação para seus habitantes. Nesses jogos, essas rivalidades não eram silenciadas, mas sinalizavam juntamente com outras manifestações inerentes a uma grande congregação de cidades vizinhas, significados importantes no que se refere à organização desses jogos por e para estas cidades. O fato de um campeonato opor equipes que representam estas cidades proporcionava um terreno fértil para a ebulição de traços identitários imaginados como pertencentes a aquelas comunidades. Nesse contexto, as questões de identidade e diferenças se enaltecem, pois são elas que fundamentam o envolvimento e comportamento desses torcedores nesses jogos. Woodward (2011, p.40) aponta que:

As identidades são fabricadas por meio da marcação da diferença. Essa marcação da diferença ocorre tanto por meio de sistemas simbólicos de representação quanto por meio de formas de exclusão social. A identidade, pois, não é o *oposto* da diferença: a identidade *depende* da diferença.

Salientamos ainda que a identidade marca o encontro do passado com as relações sociais, culturais e econômicas nas quais se vive o presente. A identidade é entendida como a intersecção de vidas cotidianas com as relações econômicas e políticas, a identidade e diferença são o resultado de um processo de produção simbólica e discursiva, e que a identidade, tal como a diferença, é uma relação social sujeita a disputa de forças ou a relações de poder. Existindo dentro de um sistema de linguagens e signos, elas não convivem harmoniosamente, mas sim num contexto de disputas (WOODWARDE, 2011).

O objetivo deste estudo é interpretar os significados da realização destes jogos. Para este momento, tomamos como fontes as oralidades dos seus próprios protagonistas que vivenciaram esse momento ímpar na história do futebol amador nessa região do Brasil, seja como torcedor, atleta amador, jornalista esportivo ou dirigente de alguma agremiação. Este estudo procura dar conta das primeiras impressões sobre este evento esportivo realizado no Sertão do São Francisco, região cujo enraizamento histórico do esporte em geral e do futebol em particular ainda está por ser compreendido. Nas compreensões de Garrido (1993) a utilização de fontes orais permite construir um discurso de interpretação histórica mais completo, mais rico e mais complexo. Para o autor, essas fontes orais possibilitam desenvolver abordagens diferentes em história, incorporando novos sujeitos e ampliando as possibilidades de pesquisa.

Sobre o futebol na região, os poucos estudos apontam uma forma de consumir e vivenciar o futebol característico das localidades distantes dos grandes centros urbanos, sobretudo do sudeste brasileiro que historicamente condensou o futebol profissional, aclamado pelas mídias que inspirava as equipes amadoras nos rincões deste país de dimensões continentais. Como nos relembra Pimenta (2009) ao relatar as peculiaridades do futebol como lazer no sertão:

Os jogos de futebol amador no sertão têm uma característica importante que os distingue dos jogos que ocorrem no meio urbano, pois se neste espaço os jogos dos times reforçam os laços de identificação com a comunidade - e claro, momentos de lazer e descontração, principalmente entre os homens - no meio rural, os jogos, sejam eles de campeonatos ou apenas jogos amistosos, convertem-se numa “festa”

que envolve não apenas a díade jogadores-torcedores, mas também a maioria dos membros da família dos jogadores e diretores. (PIMENTA p. 110-111 . 2013).

De forma preliminar, este estudo se propõe a dar voz aos seus atores e interpretá-las tendo como suporte teórico- metodológico a Nova História Cultural, uma vez que esta perspectiva da pesquisa histórica nos permite o reconhecimento de demais fontes de pesquisa, sobretudo neste caso das fontes orais.

Segundo Melo e Fortes (2010), foi a partir de diálogos com a Antropologia e com a linguística, que a cultura passou a ser valorizada enquanto objeto de estudo nas ciências humanas e sociais. E Nesse contexto, as práticas corporais institucionalizadas, neste caso o futebol, ganharam espaço e legitimidade. Barros (2010, p. 12) argumenta que:

Através de cada realização no universo do esporte – iluminada pelo olhar historiográfico, sociológico e antropológico – podemos compreender como a sociedade funciona, como cada cultura se expressa, como a política se estabelece, como a economia se modifica. O esporte, enfim, oferece ao olhar dos seus estudiosos um meio privilegiado para enxergar a sociedade como um todo e cada instância social em particular. O esporte ao ser estudado permite que compreendamos a própria história.

Se acreditarmos que uma historiografia dos esportes, através da História Cultural pode se constituir em um método científico capaz de revelar as camadas históricas que construíram uma prática no passado, possibilitando responder nossas questões do presente, é imprescindível ampliar as fontes de pesquisa. A História cultural de acordo com Burke (2005 p.7) prima pela “ênfase as diferenças, aos debates e conflitos, mas também aos interesses e tradições compartilhados”. Essa perspectiva concebe um olhar historiográfico que compreende o esporte não como “algo em se”, mas como um produto histórico e cultural, sobre o qual são atribuídas diferentes significações, em que muitas histórias são possíveis de serem narradas e que estas dependem não apenas do referencial teórico que orienta o olhar de quem narra, mas, sobretudo, da qualidade das fontes acessadas (GOELLNER. 2005).

## **2. Primeiros contados: gestores, dirigentes, jogadores, árbitros e torcedores**

Iniciamos esta apresentação reconhecendo que estas contribuições representam os passos iniciais da pesquisa, e dessa forma os limites do texto recaem nas informações que conseguimos coletar até o presente momento. Nesse sentido três participantes do campeonato BAPÉ serão apresentados a partir das informações, argumentos, e registros particulares fornecidos nesses primeiros contatos.

O entrevistado 1 vivenciou o BAPÉ inicialmente como gestor da política municipal de Juazeiro e em seguida como dirigente esportivo, e foi da experiência na gestão que relatou que a primeira vez que as duas cidades pensaram e realizaram um encontro a partir do futebol amador foi no ano de 1965, em uma disputa intitulada *Torneio Edson Ribeiro*, um médico atuante na cidade de Juazeiro nesse período e que tinha aspirações políticas. O entrevistado 1 esclarece:

Já naquele tempo Petrolina e Juazeiro tinham muitas equipes amadoras, umas mais organizadas que as outras. Às vezes aconteciam jogos com poucas equipes das duas cidades em Petrolina ou em Juazeiro, mas ainda não era uma coisa bem organizada. Quando foi pensando o torneio, o *Edson Ribeiro* mobilizou essas equipes e era nas duas cidades que as partidas aconteciam, ali era o início de tudo.

Na sua compreensão aquele era o embrião do BAPE, pois foi daquela iniciativa que os encontros entre as equipes das cidades começaram a compor a cultura local, se estendendo até início década de 1970. Esclarece que por razões financeiras e desinteresse dos organizadores, o torneio Edson Ribeiro não prosseguiu em suas edições, encerrando no ano de 1972. Em suas palavras o BAPE só seria iniciado a partir de 1980. Como gestor, tinha aproximações com o jornalismo local e desse convívio é que analisa a importância do jornalismo para a divulgação e consolidação do BAPE no cenário esportivo da região. Mesmo reconhecendo a atuação da imprensa escrita por meio dos jornais da época ( O farol e Diário da região), para o entrevistado foi a cobertura radiofônica a grande divulgadora do evento, informando o local das partidas, horários e resultados dos jogos.

Finalizando esta aproximação, apresentou um esboço pessoal que vem construindo com um amigo jornalista sobre a história do futebol em Petrolina e Juazeiro. A iniciativa já tinha completado uma década sem ser finalizada, e não divulgava as informações por falta de apoio editorial e de consenso com o outro autor. Ele enfatiza:

Sempre tive vontade de contar a história do futebol na região, não só do BAPE, mas do futebol como um todo, a luta das equipes para se organizar, treinar e aparecer, se destacar nos jogos. Fico adiando por que quero fazer com um amigo jornalista...não te entrego o que já fiz por que não falei com ele, e ele pode não gostar.

O entrevistado 2 esteve no BAPE como jogador de uma das equipes de Juazeiro e também como árbitro. Afirma que a primeira edição do campeonato ocorreu em 1982, encerrando suas atividades nos primeiros anos da década de 1990. Relata o papel fundamental da liga esportiva Juazeirense e da liga esportiva de Petrolina na realização do evento, que segundo suas palavras tinha em sua organização uma série A e B (conhecida como Pedro Laju) com uma duração de aproximadamente 3 meses. Esse entrevistado revela que:

Eram muitas equipes boas, que treinavam bastante antes de começar o BAPE, já tinha jogadores com condições de ir para uma equipe profissional. Mas lembro que tiveram alguns anos, bem pouco, que o BAPE não aconteceu na década de 1980, devido as prefeituras que não se organizaram, não tiveram interesse. Aí logo no início de 1990 a coisa desandou, muitos jogadores jogando no profissional, patrocinadores privados não queriam mais investir e o poder público também não ajudou.

A ênfase desse participante está no potencial que essas equipes tinham nesse campeonato de dar visibilidade aos seus jogadores de ponta, estabelecendo uma certa rivalidade entre as cidades, no que se refere a que cidade projeta no futebol profissional mais jogadores. Entre esses jogadores cita o nome do jogador Nixon que foi atuar no Flamengo e do jogador Petrus, que fez carreira na Espanha. Nessa disputa, sinaliza claramente que a cidade de Juazeiro sempre teve uma tradição maior em projetar atletas amadores para o cenário do futebol profissional. Quando questionado sobre a não continuidade do BAPE nos anos de 1990, ele alega a inércia do poder público em dar continuidade com a política esportiva e também à chegada e consolidação do futebol profissional na região, como um elemento que desmotivou muitos jogadores e patrocinadores do torneio. Infere que a profissionalização do futebol desvirtuou a cultura do “jogar pelo time” pela “comunidade”, pois os jogadores agora queriam um salário, vivenciar o “estrelismo” que o futebol possibilita.

O entrevistado 3 conheceu o BAPE enquanto dirigente e torcedor, mas foi na torcida pelas equipes de Juazeiro que suas memórias se concentraram. Retratou a movimentação nas duas cidades nos dias em que as grandes partidas ou jogos finais aconteciam, a mobilização em torno dos estádios ou campos de várzea, que bem antes de um jogo começar já estavam

ocupados pela população que disputava o melhor lugar para visualizar a atuação das equipes. Assim, sentenciamos:

Era uma festa principalmente nos jogos finais. Não era só os torcedores que vinham não, mesmo quem não torcia por um time estava na multidão. E aí começavam em um clima de amizade as rivalidades com músicas e às vezes palavrões. Algumas vezes o negócio engrossava e era preciso acalmar o povo. Cada um querendo dizer que a equipe da sua cidade era melhor que a outra, defendiam tanto o time como a cidade ...era um lazer pra todo mundo, muita resenha pra contar.

Não esconde o saudosismo que sente quando compara as partidas de futebol que aconteciam no BAPE com as atuais em campeonatos locais; afirma que antes as partidas de futebol amador da região eram tidas como principal espaço de lazer nos fins de semana, que eram os dias destinados aos “clássicos” da região. Relembra as manifestações de rivalidade entre as torcidas que ocupavam os estádios, o de Petrolina ( Estádio Paulo de Souza Coelho) e o de Juazeiro( Estádio Aduato Morais ), que ocupavam as arquibancadas com as cores que representavam suas equipes. Nesses espaços eram socializados hinos, canções, bandeiras, gritos de guerra, charangas e provocações das mais variadas em defesa de uma equipe, que era representada não somente pela equipe técnica e jogadores, mas por toda a comunidade da qual fazia parte.

Enfatiza a rivalidade entre as torcidas que externavam nessas partidas as tensões sociais, políticas e econômicas entre as cidades, que disputavam simbolicamente o maior destaque no desenvolvimento econômico da região. Os estudos de Queiroz (2015) apontam diferenças históricas significativas em relação a Petrolina, quando comparada a Juazeiro. A cidade pernambucana nas últimas décadas despontou nos números que sustentam crescimentos nas áreas de infraestrutura, população, saúde, emprego e renda, e educação. Se Petrolina despontava nos números econômicos, Juazeiro se destacava no número de “craques de bola” do cenário regional para o nacional, e eram essas rivalidades que algumas vezes extrapolavam os limites da civilidade chegando a comportamentos agressivos nessas partidas.

### 3. Considerações finais

A partir dessas vozes que vivenciaram este evento esportivo, inferimos que dentre os atores que construíram essa história, os relatos potencializam o olhar dos organizadores do torneio ou do gestor público, dos dirigentes esportivos e dos torcedores. Nesse sentido, analisamos que as potencialidades que o BAPE agregou nessa região começa a ser explicada pela multiplicidade de atores ou protagonistas envolvidos na realização dessas partidas de futebol. Este mosaico foi um espaço de encontros e confrontos de identidades e diferenças, de pertencimentos sociais e culturais de habitantes de cidades distintas, mas interligadas pela própria história. O exercício de desvendar os significados sobre O BAPE guarda um ineditismo que nos permite entender a própria história do futebol no sertão médio do São Francisco.

Ainda que de forma preliminar, as fontes orais constituíram-se elementos de suma importância nessas aproximações com os participantes do BAPE. Os depoimentos denunciaram um pouco da dimensão e extensão do evento na cultura de Petrolina e Juazeiro, bem como as possibilidades de compreender esses significados por outras fontes advindas posteriormente desses atores, como coleções particulares de fotografia, registros históricos pessoais e as próprias fontes escritas representadas pelos jornais da região, *O Farol* da cidade de Petrolina e o *Diário da região* de Juazeiro. O pioneirismo desses jogos estava na iniciativa de

aproximar através do futebol amador cidades tidas como irmãs, mas detentores de histórias, identidades e diferenças singulares.

## Referências

- BARROS, José d'Assunção. **O campo da história**. Petrópolis: Vozes, 2004.
- BURKE, Peter. **O que é história cultural?** Tradução de Sérgio Goes de Paula. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005, 191 p.
- BRITTO, Maria Creuza de Sá Y. **Petrolina: Origem, fatos, vida, uma história**. Petrolina: Tribuna do Sertão, 1995. N°.p 381(Ilustrada).
- GARRIDO, Ioan del Alcazar i. **As fontes orais na pesquisa histórica: uma contribuição ao debate**. Revista Brasileira de História, São Paulo, v. 13, n. 25/26, set192-ago/93, p. 33.
- GOELLNER, Silvana Vilodre. **Locais da memória: história do esporte moderno**. Arquivos em Movimento, Rio de Janeiro, v.1, n.2, p. 79-86, julho/dezembro, 2005. Disponível:[http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/2010/artigos\\_teses/Educação Física/artigos/Goellner\\_Artigo\\_3](http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/2010/artigos_teses/Educaçãofísica/artigos/Goellner_Artigo_3). Acesso: 35 maio 2016.
- MELO, Victor Andrade; FORTES, Rafael. **História do esporte: panorama e perspectivas**. Fronteiras, Dourados, MS, v. 12, n. 22, jul./dez. 2010. Disponível em: [www.periodicos.ufgd.edu.br](http://www.periodicos.ufgd.edu.br). Acesso em: 25 abril 2016
- PIMENTA, Rosângela. **Futebol amador na cidade e no sertão: o jogo das regras e a dinâmica figuracional elisiana**. XII Simpósio internacional Processo Civilizador. Recife, Brasil, 2009. Disponível em: [http://www.uel.br/grupoestudo/processoscivilizadores/portugues/siteseais/anais12/artigos/pdfs/mesas\\_redondas/MR\\_Pimenta.pdf](http://www.uel.br/grupoestudo/processoscivilizadores/portugues/siteseais/anais12/artigos/pdfs/mesas_redondas/MR_Pimenta.pdf). Acesso 18 de junho 2016.
- QUEIROZ, Francisco Aves. **As disparidades no desenvolvimento sócioeconômico de Juazeiro e Petrolina**. Curso de Formadores. Cachoeira, 2015. Disponível :<http://professorfranciscoqueiroz.blogspot.com.br/2011/05/juazeiro-e-petrolina.html>.
- WOODWARD, Kathryn. **Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual**. In: SILVA, Tadeu da (org). **Identidade e Diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. 10.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

**A BOLA ENTRE A CAPITAL E O INTERIOR DE MINAS GERAIS:  
UMA TRIANGULAÇÃO HISTÓRICA POSSÍVEL<sup>38</sup>**

***THE BALL BETWEEN THE CAPITAL AND MINAS GERAIS  
COUNTRYSIDE: A POSSIBLE HISTORIC TRIANGULATION***

**Igor Maciel da Silva<sup>39</sup>**

**Cleber Dias<sup>40</sup>**

**Georgino Jorge de Souza Neto<sup>41</sup>**

**Sarah Teixeira Soutto Mayor<sup>42</sup>**

**Resumo:** Este artigo tem como objetivo analisar o desenvolvimento histórico de futebol em três distintas regiões de Minas Gerais: Belo Horizonte, Montes Claros e o Triângulo Mineiro. Para isso, o estudo baseou-se na revisão de alguns dos principais trabalhos historiográficos já realizados sobre o assunto, além de pesquisas em fontes primárias de diferentes arquivos mineiros. Assim, articulamos interpretações sobre a realidade histórica de diferentes regiões de Minas Gerais, ainda pouco estudadas pela historiografia do esporte. Para além de elementos convergentes (como o início do século XX demarcando as primeiras experiências esportivas e a adesão/resistência à um discurso modernizador), aspectos particulares (notadamente entre a capital e o interior), também emergiram. Enquanto Belo Horizonte, fundada sob a égide da modernidade, foi formatada para receber práticas alinhadas à construção de um novo tempo, as cidades do interior reelaboraram tais experiências na transição dos tempos. No entanto, em todos estes espaços, o futebol se mostrou como uma vitrine fundamental para expor um novo cotidiano social, atrelado à lógica da exposição pública e do ativismo, características essenciais à construção de uma outra sensibilidade.

**Palavras-chave:** História do esporte; História regional do Brasil; Esportes; Minas Gerais.

**Abstract:** The aim of this article is to analyze the history of football in three different regions at Minas Gerais: Belo Horizonte, Montes Claros and Triângulo Mineiro. The article used a review of the main works about this issue and researches in primary sources in archives from Minas Gerais. Thus, we articulate interpretations about the historical reality of different regions few studied yet. In addition to converging elements (such as the early twentieth century marking the first sporting experiences and adherence / resistance to a modernizer speech), particular aspects (especially between the capital and the interior), also emerged. While Belo Horizonte, founded under the auspices of modernity, has been formatted to receive practices aligned to the construction of a new time, the inner cities reworked such experiences in the transition time. However, in all these areas, football proved as a key showcase to expose a new social daily life, linked to the logic of public exposure and activism, essential to the building of another sensibility.

<sup>38</sup> Este estudo contou com apoio financeiro da Fapemig e da Capes.

<sup>39</sup> Discente do curso de Mestrado em Estudos do Lazer, da Universidade Federal de Minas Gerais. Contato: deigorparalaboratorios@gmail.com

<sup>40</sup> Professor da Universidade Federal de Minas Gerais. Contato: cleberdiasufmg@gmail.com

<sup>41</sup> Professor da Universidade Estadual de Montes Claros e Doutorando em Estudos do Lazer na Universidade Federal de Minas Gerais. Contato: netogeorgino@gmail.com

<sup>42</sup> Doutoranda em Estudos do Lazer na Universidade Federal de Minas Gerais. Contato: sarahtsouttomayor@hotmail.com

**Keywords:** Sport History; Regional History; Sports; Minas Gerais.

## 1. Introdução

Este estudo propõe analisar o desenvolvimento histórico do futebol em três distintas regiões de Minas Gerais: Triângulo Mineiro; Montes Claros, no Norte do Estado; e Belo Horizonte, sua capital. Para isso, o artigo baseou-se na revisão sistemática de alguns dos principais trabalhos historiográficos já realizados sobre o assunto, ao mesmo tempo em que apresenta também resultados de pesquisas em fontes primárias de diferentes arquivos de Minas Gerais. A ideia é oferecer uma breve visão panorâmica de aspectos da história do futebol em Minas Gerais através da articulação das três situações que tomaremos aqui para análise.

Fundamentos teóricos dos estudos históricos sobre o esporte geralmente associam o florescimento de práticas esportivas a um quadro geral de modernização, destacando, especialmente, a urbanização e a industrialização como principais índices desse processo (DIAS, MELO, 2009; LUCENA, 2001; MELO, 2001; VAMPLEW, 1988). Todavia, o caso brasileiro apresenta algumas situações em que o desenvolvimento histórico dos esportes se deu em circunstâncias bastante diversas, em contextos pouco ou nada urbanizados, inteiramente rurais às vezes, ausentes de quaisquer vestígios de industrialização ou urbanização, mas mesmo assim tomados pelo entusiasmo com os esportes (DIAS, 2013).

Nesta perspectiva, de contrariedade a um certo metropolitanismo incidente, é que este estudo propõe analisar o desenvolvimento histórico do futebol em três localidades distintas de Minas Gerais. Embora Belo Horizonte seja a capital do estado, possui uma representação periférica se comparada a cidades como Rio de Janeiro e São Paulo. E, obviamente, esse não é o caso apenas da capital mineira. De fato, considerando a história de cada uma dessas cidades, não é possível falar de uma mesma “modernidade” que chegou a um mesmo Brasil, trazendo as mesmas práticas, costumes e ideais, de um modo passivo e generalizado. O ideário da modernidade chegou a inúmeros lugares, de inúmeras maneiras. Assim, da mesma forma que esse processo não é e nem poderia ser o mesmo em diferentes capitais, também não o é entre cidades ou regiões de um mesmo estado (mesmo reconhecendo pontos de convergência). E nesse ínterim, o surgimento e a consolidação da prática do futebol também requerem um olhar que extrapola a retidão das narrativas centralizadoras.

## 2. Futebol no Triângulo Mineiro

Na região do Triângulo Mineiro, os padres Maristas estão entre os grupos sociais que primeiro aparecem como responsáveis pelo desenvolvimento dos esportes, em geral, e do futebol, em particular. Por volta de 1903, membros desta irmandade assumiram a direção do Ginásio Diocesano de Uberaba. Desde o início, práticas esportivas ou ao menos análogas aos esportes já eram desenvolvidas. Com o tempo, segundo Hildebrando Pontes (1972), alunos do Ginásio foram se engajando nesses jogos e por volta de 1905 conseguiram comprar regras e guias sobre o futebol em São Paulo. Ato contínuo, formaram um time, chamado Clube de Futebol. Segundo ainda descrições legadas por Hildebrando Pontes (1972), que registrou os episódios em larga medida na condição de testemunha ocular, os jogos praticados nessa época, apesar do nome e do contato com as regras do *association*, eram ligeiramente

diferentes do futebol, tal como o conhecemos atualmente, permitindo-se ainda o uso das mãos.

De todo modo, o Ginásio Diocesano ganhou fama e prestígio para além das fronteiras de Uberaba. Segundo memórias de Joaquim Rosa (1974), que fora aluno da instituição, o Ginásio Diocesano era conhecido como “o mais famoso do Brasil Central” (p. 24), atraindo estudantes de outras cidades e até de outros Estados. Parte da reputação da escola relacionava-se, justamente, a seu precoce envolvimento com práticas esportivas. Por volta de 1910, propagandas sobre as vantagens da escola já mencionavam, além da “educação esmerada”, da “pensão módica” ou da “situação excepcional para comunicações e viagens”, os “grandes pátios de recreio e vastíssimo campo de esportes para jogos escolares” (GYMNASIO DIOCESANO, 1910, p. 2).

Paralelamente, uberabenses que haviam estudado no interior de São Paulo, começavam a voltar para Uberaba nessa época, trazendo consigo mais entusiasmo pelo esporte bretão, com mais noções de regras, técnicas e táticas. Em 1906, parte desse grupo se cotizou para comprar uma bola de futebol em São Paulo. Eles pretendiam formar um clube de futebol, o que acabou não ocorrendo. Mesmo assim, segundo conclusões de Pontes (1972), “o movimento pró-futebol ia se acentuando em Uberaba[...] a população de Uberaba não mais ignorava que existia uma espécie de diversão esportiva denominada futebol” (p. 38).

Em 1908, uma área atrás do Ginásio Diocesano foi adquirida para a realização de evoluções militares. O local acabou servindo também como campo de esportes, usado para partidas de futebol entre times do colégio. Os jornais uberabenses da época falavam desses jogos como “animados *matches* de futebol no *sport field* do Ginásio”. Em abril de 1909, segundo notícia publicada no jornal *O Paladino*, teria sido “animadíssimo e muito concorrido” o jogo de futebol realizado ali (PONTES, 1972, p. 49).

Em 1910, a Reitoria do Ginásio Diocesano instituiu um campeonato interno. Logo outros clubes de futebol surgiram na cidade, como o Atlético Futebol Clube e o Mogiana Futebol Clube. Fenômeno análogo também começaria a se registrar em outras cidades da região. Em 1911, por ocasião de uma exposição agropecuária realizada em Uberaba, times de Uberaba e de Araguari já se apresentavam para um confronto intermunicipal. O processo teria, então, animado maior entusiasmo pelo novo esporte entre moradores da região.

Nessa época, times multiplicaram-se rapidamente em Uberaba: Tiradentes, Comercial, Floriano Peixoto, Duque de Caxias, Coronel Sampaio, Guarani. Entusiastas de Uberaba já cogitavam a formação de uma liga, planejavam a organização de um campeonato e testemunhavam a fundação de um jornal esportivo (em 1918). Segundo Pontes (1972):

O fanatismo pelo futebol atingiu a um grau muito elevado. A terminologia técnica torna-se familiar a todos. Ninguém mais diz coice; porque chute é mais elegante e moderno. As palestras com facilidade tombam para o lado do jogo e se alongam por tempo quase indefinido. Os fabricantes de bebidas dão a uma nova marca de sua fabricação o nome de *Licor Futebol* (p. 40).

Em 1912, partidas seriam realizadas já com “grande concorrência de pessoas”, conforme começariam a registrar alguns jornais (SPORTS, 1912). Em 1916, até mesmo a pequena e pacata Cidade de Frutal, também no Triângulo Mineiro, já conhecia, inclusive, divergências e cisões que levavam a criação do segundo time de futebol da cidade: o Gomes da Silva Football Club (GOMES DA SILVA, 1916, p. 2). Em 1918, no contexto das comemorações do aniversário do Uberaba Sport Club, da cidade de mesmo nome, já se apresentando como o “campeão do Triângulo”, também anunciava partidas contra equipes do interior de São Paulo, mais especificamente contra o Palestra Itália de Ribeirão Preto, que teria “elementos muito conhecidos”, segundo anunciava parte da imprensa local (FOOT-

BAAL, 1918, p. 2)<sup>43</sup>. Daí em diante, confirmando a consolidação da nova cultura esportiva na região, jogos entre equipes de cidade do Triângulo Mineiro e de outras partes, sobretudo o interior de São Paulo, tornar-se-iam mais comuns. Regra geral, essas ocasiões pareciam mobilizar grande interesse da população, movimentando aquele mundo esportivo e tornando as cidades do Triângulo Mineiro, conforme registrara um dos jornais da região, “festiva[s] e alegre[s]”. Em 1920, por exemplo, Uberaba Sport Club batera-se contra o Corinthians de Jundiaí, em peleja registrada pela imprensa como “renhida”, “colossal” e “assombrosa”. Faltando mais de duas horas para o início da partida, que teria reunido mais de 4 mil almas, “já se vê incessante rodar de veículos, uma romaria a caminho da velha praça de esportes”. (ARGUS, 1920). Dois anos depois, em 1922, equipes do Triângulo Mineiro, de Uberaba, em especial, não apenas viajavam para o interior de São Paulo para disputar partidas de futebol, como voltavam vitoriosas. Em partida entre o Uberaba Sport Club e o Paulista Sport Clube, da cidade de Ribeirão de Preto, os jogadores de Minas Gerais teriam se mostrado “verdadeiros ‘sportmen’ e mestres do no ‘foot-ball’”. O número “colossal” de espectadores, calculados em mais de 5.000, reuniu pessoas de São Carlos, Campinas, São Paulo, Barretos, Rio Claro, Limeira e Araraquara, que viram duas convincentes vitórias do time de Uberaba (MINAS CONTRA SÃO PAULO, 1922, p. 2).

Em princípios dos anos 1920, poesias como às assinadas por Jeca Tatu (1921), pseudônimo de colunista regular do jornal *O Araguary*, da cidade de mesmo nome, denunciavam uma marcante presença do futebol no cotidiano daquela população. Segundo os versos:

Vocês não têm minhas trovas  
 Hoje aqui neste jornal...  
 - porque eu só penso nas sovas  
 Que hão de haver no “footbal” [sic]! (p. 4).

Embora o futebol fosse seguramente o mais popular dos esportes, com penetração social cada vez maior, havia também espaço para algumas outras práticas. Nessa época, isto é, princípios da década de 1920, estabelecimentos comerciais do Triângulo Mineiro como a “Casa Sport”, além dos serviços de mensageiro ou de conserto de câmaras de ar de automóveis, vendia e alugava bicicletas (CASA SPORT, 1920). Na mesma época, membros da elite de Uberaba, cidade mais populosa e economicamente dinâmica da região, discutiam intenções de reabertura do hipódromo da cidade.

De diferentes modos, todas essas iniciativas, ligadas ao futebol ou a outros esportes, articulavam-se com uma espécie de retórica do progresso, que enfatizava a necessidade de se modernizar os costumes, incluindo os costumes de divertimento, pois as práticas de lazer serviam como índices públicos e, portanto, claramente visíveis de modernidade e progresso comportamental. O anúncio da tentativa de reativação do hipódromo de Uberaba é bastante revelador nesse sentido. Notícia publicada no jornal *O Garoto* destacava o caráter “acatado” que este tipo de diversão tinha na cidade. Segundo o jornal, a falta de diversões em Uberaba

<sup>43</sup> A imprensa da cidade vizinha, Uberlândia, anunciou um dos encontros do local Uberabinha Sport Club também com o Palestra Itália de Ribeirão Preto, como “uma tarde deliciosamente esportiva, cheia de lances emocionantes”. (A TRIBUNA, 1933, p.4). Isto pode denotar a importância deste time para a região do Triângulo, pois o fato de competir com mais de uma cidade desta região, e em anos distintos - 1918 com o Uberaba e 1933 com o Uberabinha, apenas como exemplo, faz pensar na circulação e continuidade do mesmo nos campeonatos de futebol da região.

<sup>43</sup>Silva e Lima (2016) discutiram um pouco da relação entre os times de futebol do Triângulo com os de São Paulo no início do século XX. Refletem que a presença de uma linha férrea que cruzava o estado de Minas Gerais, partindo do Triângulo Mineiro e findava em São Paulo, pode ter sido um dos principais motivos pela facilidade de acesso de um Estado a Outro. Este fato que permitiu trocas econômicas e no exemplo dos autores, experiências esportivas de futebol.

seria “uma queixa geral”: “não se tem onde ir aos domingos, dias santos e feriados”. O motivo fundamental da situação estaria na postura dos empresários locais, cuja ganância “terrível” e o desejo de lucro rápido desestimulava investimentos para construção de oportunidades de diversão. De acordo com essa postura, apontada pelo jornal como responsável por embasbacar o progresso da cidade, qualquer iniciativa com ganhos inferiores aos 200% não seria negócio. “Querem que a salvação do capital seja feita logo no começo do que se iniciar e eis porque, numa cidade onde todo o mundo é capitalista, vive-se como frade no convento, chocando os montões de dinheiro nas *burras* dos gabinetes”. Por fim, arrematando a indignação:

Onde está o rink? Onde está o parque do rio Grande, onde? [...] Pois a ocasião é mais que propícia, ajuntem-se os capitalistas de Uberaba, fundem-se numa associação e reabram o hipódromo com todo o conforto possível ao público, introduzindo, além das corridas de animais, também as de bicicleta, automóveis e, se puder, até de pedestres, que além de ser uma diversão é também um magnífico exercício físico. Façam tudo isto não se esquecendo do *foot-ball* [...] (O RESSURGIMENTO DO PRADO, 1917, p. 1).

Em razão de sua situação de entreposto comercial obrigatório entre Goiás, São Paulo e Rio de Janeiro, Uberaba acabava funcionando como ponto de referência simbólico e geográfico para toda a região, a “Princesa do Sertão”, como era conhecida; lugar de intermediação entre a modernidade civilizada do litoral e a ruralidade atrasada do sertão. Não por acaso, no início dos anos 1920, quando jovens de algumas cidades de Goiás estavam interessados em praticar o futebol, era até Uberaba que viajavam para comprar bolas, chuteiras e uniformes (ver FERREIRA, 1981).

### 3. Futebol em Montes Claros

Os primeiros movimentos da constituição de um campo esportivo na cidade de Montes Claros, encravada no sertão mineiro, ocorreram entre a primeira e segunda década do século XX, tal como em outras partes do Brasil. Em larga medida, a inovação esportiva representada pelo futebol articulava-se com o contexto político republicano, marcado, entre outras coisas, pelo desejo de instituir comportamentos apropriados ao novo mundo nas cidades que se desenvolviam. Nesse sentido, os esportes apareciam como uma das estratégias possíveis para a realização deste ideal.

Em busca da importância do futebol para o desenvolvimento do município de Montes Claros recorreremos aos relatos de memorialistas locais e aos periódicos constituídos no período. Perseguimos, em linhas gerais, os vestígios da constituição das práticas e vivências esportivas, associadas ao crescimento urbano no município de Montes Claros. No geral, as práticas esportivas ganharam, no decorrer da história, funções sobrepostas que hoje marcam fortemente o imaginário social. Já foram, e, em muitos aspectos, ainda são consideradas sinal de desenvolvimento das urbes, de saúde para os trabalhadores, já estiveram ligadas ao discurso higienista, compuseram o discurso sobre o lazer, o turismo, a educação e a disciplina dos corpos.

A chegada do ideário esportivo no seio da sociedade montesclarensense deu-se pelo viés de um modelo emblemático: o futebol. Diferentemente de outras cidades, mais atentas à época para os elementos da modernidade, que mesmo antes do futebol já experimentavam outras práticas esportivas, notadamente o ciclismo, o turfe e o remo, em Montes Claros as primeiras experiências neste sentido ocorrem mesmo no interior do universo futebolístico.

Em Montes Claros foi clara a tentativa de inserção de uma sensibilidade esportiva para o conjunto da população. A nota do jornal *Montes Claros*, referente ao surgimento daquele que seria o primeiro clube organizado de futebol na cidade, revela a importância que o esporte passaria a ter na sociedade montesclareense, ocupando interstícios outrora inexistentes. Com o sugestivo (e não casual) título de “Vida Social”, seguia-se a matéria:

A sociedade evolue dia a dia; e aos poucos vão aparecendo e vão chegando uns influxos novos de geração também nova e o modo como vae esta trilhando pela senda do progresso. O sport esta hoje em moda e constitue a nota emocional e palpitante das populações metropolitanas. As regatas, as corridas equestres, os matches de foot-ball, o ciclismo e muitos outros aspectos desse genero de diversão, enthusiasmam as massas, empolgam as atenções e fazem a delicia dos seus campeões e protagonistas. E vão se desdobrando, espalhando-se e hoje em muitas cidades brasileiras existe ao menos um club de foot-ball. Montes Claros, apesar de afastada dos centros de irradiação algumas dezenas de legoas, já possui também um club sportivo. E assim que vamos ter no domingo, cinco do corrente, o match inaugural do “Mineiro Foot-Ball-Club”. Ao que nos consta e segundo o programma que vimos esboçado, vae ser uma festa á carioca e que certamente despertará nos assistentes e nos campeões aquelle entusiasmo proprio e aquelles lances empolgantes do momento. Ali, em torno ao campo onde vae se ferir o match inaugural, teremos occasião de ver reunida a elite montesclareense e, excepcional e fazendo-a realçar, as nossas gentis patricias sempre jovias e promptas a prestarem o seu concurso a reuniões assim. Aguardamos, pois, com anciedade e com interesse o resultado da projectada festa de d’aqui mandamos desde já o nosso brado de applauso e de estimulo aos jovens iniciadores da ideia. Que um verdadeiro successo coroe a festa de domingo!... (VIDA SOCIAL, 1916, p. 3)

Nota-se que a matéria ainda faz menção a certa distinção entre os que se envolvem com esportes e os que não. Enfatiza ainda o aspecto da sociabilidade do esporte, da diversão e, por fim, o associa ao desenvolvimento e à modernização. Pertencer a um distintivo grupo de sujeitos, afeitos e atentos a uma nova forma de viver o cotidiano social, com um novo conjunto de valores e atitudes, onde a exposição pública (via divertimentos ao ar livre), o consumo de bens materiais com alto conteúdo simbólico, como carros, cigarros ou roupas; a vertigem das experiências lúdicas, como o cinema, o esporte, os bares e cafés, acabava se tornando um indicativo singular: a de um sujeito pertencente a outro tempo.

Em Montes Claros, se a onda esportiva ainda demoraria a acontecer, a segunda década do século passado já revela o início de um movimento que futuramente ganharia corpo e intensidade. Neste sentido, o futebol surge como fio condutor do forjamento de uma sociedade em mutação. Segundo Ribeiro (2007), além da possibilidade de estabelecer um divertimento moderno que ajudaria a movimentar o ritmo de vida local e a proporcionar a ocupação de espaços de convívio público, o futebol contribuiria para a melhor constituição física e moral da população.

Divertimento moderno, convívio público e potencialização de uma população mais forte, física e moralmente, estavam por detrás um projeto maior de condicionamento social, pautado sob a égide dos valores republicanos. Se isto estava presente neste primeiro movimento de constituição esportiva no sertão mineiro, vinha acompanhado de uma lógica bastante peculiar à região e à cidade: um movimento com clara penetração política, de demarcação de forças governantes que se opunham localmente. Em Montes Claros, a organização do campo esportivo centrou-se nos grupos políticos que detinham o controle da governança municipal.

Se temos em 1916, com o surgimento do Mineiro Foot-Ball Club, a presença de uma organicidade mais sistemática desta prática, reconhecemos que em anos anteriores o jogo bretão flertava com a cidade, sendo, no entanto, uma experiência efêmera e pouco organizada, com uma presença menos pontual e mais fragmentária. Os primeiros registros do futebol, captados a partir da escrita de memorialistas, indicam que a modalidade se apresentava como

uma estratégia de um grupo religioso (os premonstratenses) para maior penetração e influência na sociedade montesclareense. Hermes de Paula narra com incrível precisão aquela que provavelmente foi uma das primeiras partidas de futebol por estas terras. Segundo ele:

Ainda, como se fora hoje, me recordo da primeira tarde de futebol em Montes Claros. Devia ter sido lá pelo ano de 1905. À falta de local apropriado, jogou-se no largo da Matriz e a idéia fora lançada pelos padres premonstratenses, naquela época aqui chegados. Quero crer que, apesar de anunciada a novidade, ninguém da gente sisuda de então, se arredou de seus confortos para assistir o desenrolar do jogo. O que me lembro bem é do desenlace. Colocada a bola ao largo e ao apito do treinador, a rapaziada neófita e destraquejada daquele tempo entrou furiosamente a desenvolver coices desordenados, à direita e à esquerda, obrigando a bola a bater-se rigidamente nas janelas das casas, quebrando os vidros com estardalhaço e aos protestos dos proprietários. E foi assim que o insipiente time dos rapazes do S. Noberto não passou daquela tarde em que tão fragorosamente as vidraças se quebravam [...] (PAULA, 2007, p. 267).

A efemeridade de práticas e entidades esportivas não era algo incomum para a grande maioria das cidades brasileiras. Os ideais de modernidade, afinal, não se instalavam facilmente, mas sim por meio de muitas resistências e enfrentamentos, naturais de uma transição tão radical de hábitos e valores. Se em 1905 o infeliz episódio do jogo de futebol por parte dos religiosos premonstratenses representava um ato isolado e sem repercussão imediata, anos depois a cidade demonstrava estar mais preparada para receber tal fenômeno.

A inauguração do Mineiro Foot-Ball Club não nos passou despercebida. O fato aparentemente banal constituiu-se em enorme impacto na sociedade da época, estabelecendo importantes relações com uma série de elementos sociais, como política, economia e lazer. Assim, fazia emergir também a inevitável oposição de muitos valores, como tradicional x moderno, individual x coletivo, privado x público. Neste sentido, é emblemático o discurso produzido para a inauguração do referido clube, pelo orador oficial da festa, o farmacêutico Antonio Ferreira de Oliveira. Reproduzido na íntegra pelo periódico *Jornal de Montes Claros*, que inclusive pertencia ao próprio orador, o texto é revelador de um sujeito que se mostrava extremamente atento às mudanças que se davam em outras plagas, notadamente aquelas mais urbanas e modernas que a cidade sertaneja.

Logo no primeiro momento, o letrado farmacêutico aponta para a nova sociedade que se forjava naquele instante, com valores e percepções diferentes, singulares. Segundo ele, era fundamental estabelecer “o traço de união entre a sociedade que se inaugura” e aquela que ali estava reunida. Entendia, pois, que uma transição estava em curso e o futebol tomava parte importante no processo.

A chegada do America Foot-Ball Club, no início do ano seguinte (1917), além de demarcar uma cisão política de membros da diretoria do Mineiro F. C., representava também uma espécie de simulacro social fundante da lógica esportiva: a competição. Os embates entre Mineiro e America seriam revestidos de intensa emulação, com uma rivalidade que ultrapassaria as quatro linhas do contexto esportivo. A notícia de mais um clube de futebol na cidade foi assim anunciada pelo jornal Montes Claros:

Mais uma associação do genero sportivo se funda nesta cidade é a que tem o titulo da epigraphe supra. Endereçamos á directoria da novel sociedade nossos sinceros agradecimentos pela communição que nos fez e formulamos os nossos melhores votos pelas suas francas e constantes prosperidades. Eis o officio: Illmº. Sr. Tenho a honra de communicar a V. Sa. a fundação nesta cidade, do “America Foot-Ball Club”, cuja directoria, empossada hontem, ficou assim composta: Presidente honorário, Cônego Carlos Vincart; presidente effectivo, dr. José Barbosa Netto; vice-presidente, dr. Luiz de Oliveira; 1º secretario, dr. E. Castelar Prates; 2º secretario, Hermenegildo Chaves; Thesoureiro, dr. Giovanni Vecchio. Apresento a

V. Sa. meu saudar respeitoso. Illmº Sr. Pharmaceutico A. Ferreira de Oliveira, redactor do “Montes Claros”. Montes Claros, 9 de Fevereiro de 1917 (AMERICA FOOT-BALL CLUB, 1917, p. 2)

O sentido da inserção do esporte bretão na cidade sertaneja foi marcado, sobremaneira, pelo desejo do desenvolvimento urbano e pelo apego aos valores burgueses. Montes Claros apenas começava a respirar os ares do *ethos* da modernidade, e a chegada do futebol é fato emblemático disto.

#### 4. Futebol em Belo Horizonte

Da história do futebol em todas as cidades e regiões de Minas Gerais, a sua capital, Belo Horizonte, certamente está entre as mais investigadas, embora a constituição histórica do futebol belo-horizontino seja uma preocupação relativamente recente de estudiosos que analisam este esporte sob a ótica das ciências humanas e sociais. O início dos anos 2000 é o momento em que se concentra a maior parte das pesquisas, que se baseiam, especialmente, nos anos finais do século XIX e nas três primeiras décadas do século XX.

De maneira geral, há uma preocupação comum e recorrente: a identificação do momento em que o futebol chega à capital mineira, mesmo que o período estudado tenha seu início em ocasião posterior a 1904, consenso entre os pesquisadores sobre o provável ano em que Belo Horizonte recebe o *jogo de shoots*, pouco tempo depois de sua própria fundação, em 1897. Destaca-se o papel de Victor Serpa – um jovem carioca que regressara da suíça após uma temporada de estudos e que passara a residir em Belo Horizonte para cursar Direito – como principal introdutor do futebol na cidade, prática que proporcionou um misto de espanto, admiração e repugnância na nova capital.

De fato, em 1904, o jornal *A Epocha* (1904, p.2) já falava em uma “mania do *foot-ball*”, tamanho o crescimento de sua prática na percepção dos que escreviam naquele periódico. Em outra edição do mesmo impresso, a associação de Victor Serpa com o jogo inglês mostrava-se clara na irônica nota “Cousas que implicam”.

A cornêta do collegio Raposo.  
 O bigode rapado do dr. Nelson.  
 Os jornaesinhos sanguesugas.  
 A unha do sr. Julio Salles.  
 O féto *nati morti* (?).  
 A batuta branca do Nicodemos.  
 O *foot-ball* do Victor Serpa.  
 Os bigodes do sr. Zé Alves.  
 O binoculo do camarote da Epocha.  
 Os vales da prefeitura.  
 O proteccionismo do dr. Salles.  
 E... O cupim da Praça da Liberdade (A EPOCHA, 1904, p. 2).

Na leitura desse jornal também se subentendia que Serpa representava o ideário esportivo (posto no incentivo da prática do futebol) harmonizado com a ambiência da ideia de novidade, suficientemente necessária à superação de um entendimento de atraso e de provincianismo do povo mineiro e horizontino (SOUTTO MAYOR; SOUZA NETO, 2014). Em outra nota, um cronista que escrevia no mesmo jornal, publicou em versos jocosos, o seguinte texto:

Vive a ensinar o jogo estúpido das bolas,  
 Nas praças, nos cafés, nas ruas, nas escolas;  
 E quando alguém se espanta ao ver os seus calções  
 Exquisitos demais, sem ligas, sem botões,  
 Elle fica sem graça e diz muito apressado  
 ‘É preciso educar o povo atrasado!’  
 ‘Na Europa – norte a sul – não se encontra um lugar  
 Onde o povo não saiba as bolas atirar;’  
 ‘E eu vou contar um caso esplendido a respeito...’  
 E logo vem um caso intermino e sem geito!  
 Já jogou com Loubet as bolas de manhan,  
 E de tarde fez verso ao lado de Rostand  
 Affirmam que elle é todo um monte de borracha,  
 Pois sempre cae no chão e nunca se esborracha!  
 Quando joga no Parque a pela, exposto ao Sol,  
 Parece resumir o medonho foot-ball! (FAGULHAS, 1904, p. 2)

As críticas proferidas nos versos sinalizam algumas importantes questões. A primeira delas se refere ao incômodo causado pela excessiva prática do futebol, representada no texto pelas praças, cafés, ruas e escolas. Pode-se inferir a partir daí, a amplitude de espaços em que futebol circulava. A segunda questão é a associação do jogo com a educação de uma nova sensibilidade e com a formação física e moral de uma sociedade mais afeita aos princípios do século XX, em uma cidade planejada para esse contexto. A frase “é preciso educar o povo atrasado” (mesmo com as ironias implícitas), sintetiza a função social atribuída ao esporte e ao futebol, sobretudo ao citar logo em seguida a Europa como referência. Por fim, o “medonho foot-ball” representa as ambiguidades de um esporte que, rapidamente, virou mania e paixão, mas não sem resistências e estranhamentos.

Outro exemplo da importância que o jogo adquiria no cotidiano da cidade é a reportagem publicada na Revista *Vita*, no ano de 1913.

É deveras difficil a tarefa de escrever sobre sport em Bello Horizonte. O turf não existe; a natação e o rowing não podem existir; o tennis é desconhecido. Aqui desde que se falle em sport, entende-se que se quer dizer foot-ball: essas duas palavras tornaram-se synonymas; todas as nossas sociedades sportivas cultivam exclusivamente o foot-ball. E isso é triste. Nas nossas condições actuaes, vários outros gêneros de sports podiam desenvolver-se parallelamente a esse tão querido foot-ball. Si a natação e o rowing nos são, por natureza, interdictos, si o turf difficilmente si poderá praticar aqui, o tennis, o ciclismo, o cricket, a patinação e diversas outras espécies poderiam tomar largo encremento. Lá está por exemplo o rink recentemente construído á Praça da Liberdade quase sempre vasio. Porque? Ás nossas sociedades sportivas cumpre terminar com esse estado de cousas. Um pouco de boa vontade, e muito se ha de fazer, com sensível beneficio para a capital (julho, 1913, p.32).

O tom de desaprovção e de decepção manifestado pela revista, motivado pela percepção de certo monopólio esportivo conferido ao futebol, retrata, para além dos problemas mencionados pelo autor, como o futebol, já na primeira década do século XX, tornava-se um elemento central da cultura esportiva belo-horizontina.

O torcer também passa a representar uma importante manifestação social, reverberando comportamentos até então inexistentes nos primeiros anos da capital. Às primeiras manifestações mais consistentes da prática do futebol em Belo Horizonte notava-se a formação de um público seletivo (assim como os praticantes), marcado pela noção de distinção e *status* social. No entanto, com o desenvolvimento do futebol na cidade, já se era possível observar, entre os anos de 1920 e 1930, a sedimentação das torcidas e dos torcedores

enquanto agrupamento de pessoas imbuídas do pertencimento clubístico, o que fez emergir acontecimentos singulares, tais como: a inauguração da violência e seu posterior crescimento, a participação de grupos sociais específicos (políticos e mulheres, por exemplo), o estabelecimento de locais próprios para a torcida (geral e arquibancadas), dentre outros (SOUZA NETO, 2010)<sup>44</sup>.

Entretanto, foi nas décadas posteriores que o jogo passou a estampar, com mais frequência, os periódicos citadinos, por meio de revistas e jornais especializados na temática esportiva. Joaquim Nabuco Linhares, destacado memorialista e colecionador local, ao descrever um dos jornais de sua coleção (*O Diário Esportivo*, 1945-1946), oferece uma importante pista não apenas sobre o protagonismo do futebol nos jornais esportivos, mas sobre a relevância desse esporte na sociedade belo-horizontina na década de 1940.

Não é preciso proclamar que teve grande circulação, porque na época que atravessamos, o futebol a quase todos empolgou e tudo avassalou. E aí do jornal que não consagrar a este gênero de esporte desenvolvida seção. Se isso não fizer, verá irremediavelmente suas edições encalhadas nas agências e bancas (LINHARES, 1995, p.414).

Ainda, ao referenciar outro título esportivo criado em 1946, o colecionador fez a seguinte observação: “Mais um jornal esportivo. A época é deles, pois só se trata de futebol na atualidade” (LINHARES, 1995, p.433).

Nesse contexto surgiram também os impressos dedicados a clubes de futebol da capital, tais como a revistas *América* (1947-1950), *Vida Esportiva* (1946-1950), *Olímpica* (1946-1949) e *O Campeão* (1949) e o jornal *A Raposa* (1946). A primeira revista, como o próprio nome diz, era destinada ao América Futebol Clube, as duas seguintes, ao Clube Atlético Mineiro e a última, ao Cruzeiro Esporte Clube. O jornal mencionado também era destinado a essa última agremiação.

Cada periódico pesquisado traz em suas páginas informações diversas acerca da prática do futebol no contexto belo-horizontino. Mesmo que o foco de cada um deles seja prioritariamente voltado para o clube que eles representam, muitos aspectos sinalizados extrapolam a especificidade clubística. Características diversas do período podem ser vislumbradas nas edições desses impressos, tais como os conflitos entre o amadorismo e o profissionalismo, os problemas enfrentados pelos clubes, as periódicas excursões para outras cidades e países, o êxodo de jogadores, as relações estabelecidas com a política da cidade e, ainda, a recorrência às ideias de cavalheirismo e nobreza vinculadas à prática do futebol, mesmo em um momento em que pouco se observava dos valores amadores iniciais.

Em linhas gerais, encontram-se na bibliografia sobre a história do futebol belo-horizontino problematizações acerca da prática desse esporte inserida em um rol de novos hábitos de vida, em conjunto com outras modalidades esportivas, mantendo-se relações com uma ideia de modernidade que se almejava para a cidade de Belo Horizonte, planejada sob novos preceitos urbanos e arquitetônicos que preconizavam um distanciamento da “antiquada” Ouro Preto. Alguns trabalhos, como o de Rodrigues (2006) e o de Ribeiro (2007), atentam-se à necessidade de relativizar o que se manifestava como “moderno” na capital mineira naquele começo do século XX, problematizando as distâncias entre os discursos de estadistas e jornalistas e a realidade de uma cidade ainda recém-construída, repleta de problemas estruturais e marcada pelos velhos costumes de grande parte de seus habitantes,

---

<sup>44</sup> SOUZA NETO, Georgino Jorge. **A invenção do torcer em Belo Horizonte: da assistência ao pertencimento clubístico (1904-1930)**. 2010. 130 f. Dissertação (Mestrado em Lazer) - Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2010.

muitos deles oriundos da antiga capital imperial. Outro ponto de encontro nos trabalhos consultados é a constatação de que as primeiras iniciativas do futebol em Belo Horizonte foram fortemente relacionadas a uma juventude cidadina local, suficientemente detentora dos meios econômicos necessários à prática de tal novidade (COUTO, 2003; RODRIGUES, 2006; RIBEIRO, 2007; MOURA, 2010; SOUZA NETO, 2010; LAGE, 2013; ALVES, 2013).

No entanto, as contradições presentes na cidade planejada e suas relações com o futebol enquanto um dos elementos de uma modernidade relativa, ainda constituem problemáticas pouco questionadas em Belo Horizonte. Ao mesmo tempo em que há o reconhecimento deste esporte enquanto marca inegável de um preceito moderno, pouco se problematiza sobre o que poderia significar tal signo distintivo na capital mineira no começo do século XX, momento que coincide com a própria formação da cidade. Em meio aos trabalhos pesquisados, há aproximações entre a chegada do futebol em Belo Horizonte e em cidades como Rio de Janeiro e São Paulo, com menções aos possíveis introdutores ou incentivadores da prática em cada caso (COUTO, 2003; RODRIGUES, 2006; RIBEIRO, 2007; ALVES, 2013). De fato, a origem via jovens de classe privilegiada (Charles Miller, em São Paulo; Oscar Cox, no Rio de Janeiro; e Victor Serpa, em Belo Horizonte), pode ser um ponto de congruência, mas é preciso cautela para que outros parâmetros de comparação não se estabeleçam naturalmente, pois no momento em que Belo Horizonte era fundada, as outras capitais já eram centros urbanos e comerciais importantes e amplamente popularizados.

Nesse caso, se comparada a estas outras capitais, Belo Horizonte comporta uma particularidade. O futebol surge em um período em que tudo estava por se construir na cidade, ou melhor, a própria cidade estava por se fazer. Pode-se inferir que a chegada do futebol em Belo Horizonte caminhou junto com a própria utopia da modernização, fez parte dela e alimentou a esperança da construção de uma nova sociedade.

## 5. Considerações finais

O desenvolvimento histórico dos esportes em Minas Gerais, em conformidade a apontamentos e conclusões já apresentadas para outras regiões, parece ter se desenrolado de forma articulada com a próprio imaginário da modernização. Ideais e discursos sobre progresso e modernidade, que presidiram, em larga medida, iniciativas no âmbito dos esportes. Este corolário de ideais encontrou entre alguns determinados grupos das elites locais condições de possibilidade favoráveis ao seu florescimento. Estas elites, detentoras de meios econômicos e também simbólicos para a tentativa de realização prática de tais novidades, muitas vezes envolveram-se e empenharam-se na disseminação de esportes e toda a escala de valores que lhe era peculiar. Ao colocá-los em circulação, todavia, os sentidos implícitos às práticas esportivas tendiam a se transformar, por vezes, afastando-se da cadeia semântica originalmente pretendida. Aliás, no próprio processo de assimilação dessas práticas e discursos em diferentes regiões do país, como foi o caso de Minas Gerais, os significados sociais dos esportes podiam já transformar-se ao sabor das peculiares circunstâncias históricas locais.

É possível perceber que pesquisas históricas sobre o futebol em diferentes cidades mineiras tem crescido nos últimos anos e se constituído em temáticas de estudo bastante diversas. Entretanto, como observou Silva (2012), referindo-se, especificamente, ao caso de Belo Horizonte, mas em posição que poderia estender-se a outras regiões, elas ainda são poucas, além de estarem quase sempre concentradas nas primeiras décadas do século XX, “permanecendo na sombra todo o desenvolvimento posterior da história social e cultural desse esporte [...]” (p. 71). A importância que o jogo inglês adquiriu na vida social de Minas Gerais

e a permanência regular de tal manifestação no cotidiano das cidades é apenas um dos indícios de sua consolidação, que pode ser pensada também e, mais evidentemente, por meio de fatores mais pontuais, tais como a criação de clubes e o recrudescimento de rivalidades; a construção de campos e estádios e, sobretudo, a forte presença do futebol na imprensa, situação que se inicia no próprio momento em que os primeiros contatos com o jogo são anunciados.

## Referências

- A EPOCHA. Belo Horizonte. 30 out. 1904, p.2
- A TRIBUNA. Uberlândia. 9 ago. 1933, n. 714, p.4.
- ALVES, Rogério Othon Teixeira. *A lucta dos titans: a invenção da rivalidade entre Clube Atlético Mineiro e a Sociedade Sportiva Palestra Italia: 1921-1942*. Dissertação [Mestrado em Estudos do Lazer]. Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Educacional, UFMG, 2013.
- AMERICA Foot-Ball Club. *Jornal Montes Claros*. Montes Claros, 15 de Fevereiro de 1917. Anno I – n. 40, p. 2.
- ARGUS. Notas sportivas. *O Gaiato*, Uberaba. 25 jul, 1920, n. 3, p.3-4.
- CASA SPORT. *Iris*, Uberaba, 29 abr. 1920, n. 89, p. 4.
- COSTA, S. Desprovincializando a sociologia: a contribuição pós-colonial. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, São Paulo, vol. 21, n. 60, p. 117-133, Fev. 2006.
- COUSAS que implicam. *A Epocha*. Bello Horizonte. 4 set. 1904, p.2.
- COUTO, Euclides de Freitas. *Belo Horizonte e o futebol: integração social e identidades coletivas (1897-1927)*. Dissertação [Mestrado em Ciências Sociais]. Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2003.
- DIAS, Cleber; MELO, Victor Andrade de. Lazer e urbanização no Brasil: notas de uma história recente. *Movimento*, Porto Alegre, v. 15, n. 3, p. 249-271, jul. / set. 2009. Disponível em: <http://seer.ufrgs.br/Movimento/article/view/4557>. Acesso em 3 jan. 2014.
- DRUMOND, M. *Nações em jogo: esporte e propaganda política em Vargas e Perón*. Rio de Janeiro: Apicuri, 2008.
- FAGULHAS. *A Epocha*. Bello Horizonte. 16 out. 1904, p.2.
- FERREIRA, Haydée Jayme. *Anápolis: sua vida, seu povo*. Brasília, 1981.
- FOOT-BAALL [sic]. *Jornal do Triangulo*, Uberaba, 29 set. 1918, n. 89, p. 2.
- FRANZINI, F. *Corações na ponta da chuteira: capítulos iniciais do futebol brasileiro (1919-1938)*. Rio de Janeiro, DP&A, 2003.
- GASTALDO, E. L.; GUEDES, S. L. (Orgs.). *Nações em campo: Copa do Mundo e identidade nacional*. Niterói: Intertexto, 2006.
- GOMES DA SILVA Football Club. *Cidade do Fructal*, Fructal, 6 ago. 1916, p. 2.
- GYMNASIO DIOCESANO de Uberaba. *O Jatahy*, Jatahy, 15 mar. 1910, n. 10, p. 2.
- LAGE, Marcus Vinícius Costa. *Deixem em paz os nossos cracks: análise sociológica da profissionalização do futebol belo-horizontino: a regulamentação e os significados sociais*. Dissertação [Mestrado em Ciências Sociais], Programa de pós-graduação em Ciências Sociais, PUC, Belo Horizonte, 2013.
- LIMA, A. W.; et. Al. As ligas esportivas de São João del-Rei (1930-1955): a busca pela afirmação do futebol local. *Recorde*, Rio de Janeiro, v. 2, n. 2, p. 1-10, dez. 2009. Disponível em: [http://www.sport.ifcs.ufrj.br/recorde/pdf/recordeV2N2\\_2009\\_13.pdf](http://www.sport.ifcs.ufrj.br/recorde/pdf/recordeV2N2_2009_13.pdf). Acesso em 3 jan. 2014.

- LUCENA, Ricardo. *Esporte e cidade: aspectos do esforço civilizador brasileiro*. Campinas: Autores Associados, 2001.
- MELO, Victor. *Cidadesportiva: primórdios do esporte no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará / Faperj, 2001.
- MINAS CONTRA SÃO PAULO. *A Separação*, Uberaba 21 maio 1922, n. 109, p. 2.
- MOURA, Rodrigo Caldeira Bagni. *O amadorismo, o profissionalismo, os sururus e outras tramas: o futebol em Belo Horizonte nas décadas de 1920 e 1930*. Dissertação [Mestrado em Lazer], Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional, UFMG, Belo Horizonte, 2010.
- O RESSURGIMENTO DO PRADO S. Benedicto. *O Garoto*, Uberaba. 22 abr. 1917, n. 81, p. 1.
- PONTES, Hildebrando. *História do futebol em Uberaba*. Uberaba: Academia de Letras de Uberaba, 1972
- RIBEIRO, Raphael Rajão. *A bola em meio a ruas alinhadas e a uma poeira infernal: os primeiros anos do futebol em Belo Horizonte (1904-1921)*. Dissertação [Mestrado em História]. Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2007.
- RODRIGUES, Marilita. *Constituição e enraizamento do esporte na cidade - Uma prática moderna de lazer na cultura urbana de Belo Horizonte (1894- 1920)*, [Tese Doutorado], Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2006.
- SILVA, Igor Maciel da; LIMA, Cássia Danielle Monteiro Dias. A bola rolando no Triângulo: apontamentos sobre a história regional do futebol mineiro e seus diálogos com São Paulo no início do século XX. *Vozes, Pretérito & Devir* Revista de História da UESPI, v. 5, p. 149162, 2016.
- SILVA, Luciano Pereira da. O futebol e o início da diversão esportivizada em Montes Claros – MG. *Licere*, Belo Horizonte, v. 16, n. 1, p. 1-30, mar. 2013. Disponível em: [http://www.anima.eefd.ufri.br/licere/pdf/licereV16N01\\_a4.pdf](http://www.anima.eefd.ufri.br/licere/pdf/licereV16N01_a4.pdf). Acesso em: 3 jan. 2014.
- SILVA, Marcelino Rodrigues da. Picadinho de Raposa com sopa de Galo. In: SILVA, Sílvia Ricardo da; DEBORTOLI, José Alfredo de O; SILVA, Tiago Felipe da. (orgs.). *O futebol nas Gerais*. Belo Horizonte, UFMG: 2012.
- SOUTTO MAYOR, Sarah Teixeira; SOUZA NETO, Georgino Jorge de. Victor Serpa e a mania do *foot-ball*: o mito fundador do esporte bretão na cidade de Belo Horizonte (1904-1905). *Podium. Sport, Leisure and tourism review*. Rio de Janeiro. v.3, n.1, 2014.
- SOUZA NETO, Georgino Jorge de. *A invenção do torcer em Belo Horizonte: da assistência ao pertencimento clubístico (1904-1930)*. Dissertação [Mestrado em Lazer], Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional, UFMG, Belo Horizonte, 2010.
- SPORTS. *Gazeta de Uberaba*, Uberaba, 14 maio 1912, n. 445, p. 2
- TATU, Geca. Da minha tapéra. *O Araguary*, Araguary, 12 nov. 1921, p. 4.
- VAMPLEW, Wray. Sport and Industrialization: An Economic Interpretation of the Changes in Popular Sports in Nineteenth-Century England In: MANGAN, J. A. (ed.). *Pleasure, profit, proselytism: British culture and sport at home and abroad, 1700-1914*. London: Frank Cass, 1988. p. 7-20.
- VIDA SOCIAL. *Jornal Montes Claros*. Montes Claros, 02 de novembro de 1916, Anno I, n. 26, p.3.

**PERCEPÇÕES DOS PROFESSORES SOBRE O LEGADO DO  
MEGAEVENTO COPA DO MUNDO FIFA BRASIL 2014  
EM UMA ESCOLA ESTADUAL DE BELO HORIZONTE – MG**

***PERCEPTIONS OF TEACHERS ON THE LEGACY OF THE MEGA-  
EVENT FIFA WORLD CUP BRAZIL 2014 IN A PUBLIC SCHOOL IN  
BELO HORIZONTE – MG***

**Amarildo da Silva Araujo<sup>45</sup>**

**Resumo:** O megaevento da Copa do Mundo da FIFA Brasil 2014 trouxe mudanças nas cidades-sedes e produziu impactos em diversos campos como: economia, política, organização espacial, dentre outros campos da sociedade. A educação não ficou alheia a esse quadro, visto que a Copa atingiu as pessoas independente delas serem torcedoras ou não e também chegou às instituições escolares. Assim, este estudo teve como objetivo analisar a opinião dos professores sobre o legado do megaevento de lazer em uma escola pública. Foi realizado o estudo de caso com utilização de entrevista. Os resultados mostraram que para os docentes esse megaevento de lazer envolveu o legado para a educação e cultura se desdobrando para a formação dos alunos e o esporte, e também a negação desse legado com efeitos na perspectiva econômica.

**Palavras chave:** Copa do Mundo da FIFA Brasil 2014; Educação; Lazer.

**Abstract:** The mega-event 2014 FIFA World Cup in Brazil brought changes in the host cities and produced impacts in various fields such as economy, politics, spatial organization, among other fields of society. The education was not immune to this mega-event, where people were affected being fans or not and also reached the schools. Thus, this study aimed to analyze the opinion of teachers from a public school about this mega-event of leisure. It was made by a case study with use of interviews. The results showed that for teachers this mega-event of leisure involved some legacies to education and culture, then promoting formation to students and sport, and also a negative legacy in the economic perspective.

**Keywords:** 2014 FIFA World Cup in Brazil; Education; Leisure

## 1. Introdução

A realização do megaevento da Copa do Mundo da FIFA Brasil 2014 (Copa 2014) trouxe mudanças nas cidades-sedes e produziu impactos em diversos campos como: economia, política, organização espacial, dentre outros campos da sociedade. Também, independente das pessoas serem torcedoras ou não, ela atingiu às instituições escolares, como nos mostra a Lei nº 12.663, no seu artigo 64<sup>46</sup>.

Segundo Libâneo, Oliveira e Toschi (2008), os acontecimentos contemporâneos (dentre eles, ressalto a Copa 2014) afetam a educação escolar de várias maneiras, a saber:

<sup>45</sup>Mestre do Programa de Pós Graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer. Universidade Federal de Minas Gerais. E-mail: silvabh@gmail.com

<sup>46</sup> Art. 64. Em 2014, os sistemas de ensino deverão ajustar os calendários escolares de forma que as férias escolares decorrentes do encerramento das atividades letivas do primeiro semestre do ano, nos estabelecimentos de ensino das redes pública e privada, abranjam todo o período entre a abertura e o encerramento da Copa do Mundo FIFA 2014 de Futebol.

modificam objetivos e prioridades da escola; produzem alterações nos interesses, nas necessidades e nos valores escolares; forçam a escola a mudar suas práticas; e induzem a transformações na atitude do professor e no trabalho docente. Estes autores reconhecem que os conhecimentos advindos das produções socioculturais que se originam fora da escola interferem de alguma maneira, nas práticas escolares.

Ao refletir sobre as possíveis relações entre a Copa 2014 referentes e a educação investiguei a seguinte questão: qual o legado deixado para a educação do megaevento da Copa 2014 na percepção dos professores? Assim, esse estudo teve por objetivo analisar a opinião dos professores sobre o legado desse megaevento para a educação escolar. Pois, se negligenciarmos a existência de vínculos entre esses elementos pode conduzir a uma interpretação que desqualifica a escola como local onde não se discutem questões que afetam o cotidiano da sociedade ou onde não se atribui a elas a devida e/ou merecida importância.

A propósito dessa questão, Bracht e Almeida (2013) afirmam que na relação megaeventos esportivos e escola, existem zonas de conflito dos códigos e princípios do modelo dominante de esporte com os da instituição escolar. Sem se render à lógica do sistema esportivo, a escola deve voltar o esporte aos objetivos educacionais, visando promover ampla “alfabetização esportiva” da população. Justificando a lógica do sistema esportivo que predomina fora da escola, Bracht e Almeida (2013) consideram que a Copa 2014 apresenta risco renovado de se instrumentalizar o esporte na escola; ou seja: reproduzir, nela, seu formato baseado no rendimento esportivo e na competição.

Madrugá (2008) defende a realização dos megaeventos com amparo na ideia de relação custo/oportunidade. Esse binômio voltado para a escola pode ser entendido como educação/oportunidade; ou seja: a escola busca se envolver com esse momento histórico e social que a população e o País estão/estavam vivend(o) e, por meio de ações pedagógicas extrai desse megaevento o máximo de possibilidades educativas.

Desse modo, é possível afirmar que o processo educativo dialoga diferentes esferas, como os megaeventos e seus impactos produzidos. A Copa 2014 foi uma entre outras possibilidades de vivência do lazer e de oportunidade para o ambiente escolar refletir sobre essas questões; além disso, desenvolver saberes que sejam significativos para o estudante, para o professor e para a escola.

## **2. Metodologia**

Nessa investigação, de abordagem qualitativa, foi realizado o estudo de caso em uma escola da rede pública estadual do município de Belo Horizonte. A escolha da instituição ocorreu por meio de sorteio. Foi investigado um professor por disciplina do ensino médio nos turnos da manhã e noite. Participaram 23 (vinte e três) docentes, sendo 12 (doze) pelo turno da manhã e noite 11 (onze) para a noite, atuantes no terceiro ano do ensino médio. A coleta dos dados ocorreu nas dependências da escola com a realização de entrevista semiestruturada em novembro 2013.

Utilizando a análise de conteúdo proposta por Bardin (1997), as falas semelhantes foram agrupadas, em seguida, foram formadas as unidades de significação relacionadas às afinidades atribuídas nas verbalizações de cada sujeito e nomeadas as categorias. Apesar de que cada fala pertencer a uma das unidades de significação, ela pode passar por outra(s).

### 3. Fundamentação Teórica

Algumas cidades buscam, na organização dos megaeventos, a possibilidade de se promoverem mundialmente e de impulsionar o seu desenvolvimento. A tarefa de sediar uma empreitada como a Copa 2014 tornou-se uma alternativa para acelerar a construção de planos de (re) estruturação das cidades e, como consequência, melhorar a qualidade de vida da população (PIRES; BAPTISTA; PORTUGAL, 2013).

Assim, a escolha de um país para sediar um megaevento requer, de modo geral, o aporte de vultosos recursos econômicos, além dos montantes usuais nos orçamentos públicos, e a capacidade de negociação, em diferentes esferas do poder público, para atender os pré-requisitos de um megaevento.

De acordo com Ratton (2012) os megaeventos apresentam duas características principais: as consequências trazidas para as cidades, regiões ou países e a atração da cobertura midiática que eles geram. Esses megaeventos ocorrem em intervalos temporais maiores do que campeonatos e ligas esportivas habituais, apresentando estrutura e programação de grande porte, bem acima da média dos eventos esportivos nacionais ordinários. Também contam com os meios de comunicação de massa, em suas mais variadas formas, para potencializar a sua.

Rubio (2005) afirma que um megaevento se caracteriza por seu caráter temporal, sua capacidade de atrair um grande número de participantes de diversas nacionalidades e, também, por chamar a atenção dos meios de comunicação, com abrangência e ressonância global. A propósito da sazonalidade dos megaeventos esportivos, Machado e Rubio (2013, p.70) afirmam que “são eventos de curto prazo, com duração variável de duas semanas a um mês, com consequência de longo prazo para a localidade que os abriga”. Destacam, ainda, a exibição das cidades na mídia, durante seu período de realização, de uma forma que jamais conseguiriam atingir.

France e Roche (1998) consideram que os megaeventos são utilizados como uma estratégia para a regeneração das cidades onde são realizados, ao demandarem intervenções no espaço e no imaginário urbano. Para esses autores, os principais instrumentos e veículos de políticas de transformação das cidades, cujas imagens se encontram degradadas, são as criações de atrações turísticas, como a realização de grandes exposições artísticas e a organização de eventos esportivos, ou seja, são atrações voltadas essencialmente para o campo do lazer.

Já para Roche,

[São] eventos de larga escala cultural (incluindo comerciais e esportivos) que tem uma característica dramática, apelo popular massivo e significância internacional. Eles são tipicamente organizados por combinações variáveis de governos nacionais e organizações internacionais não governamentais e ainda podem ser ditos como importantes elementos nas versões “oficiais” da cultura pública. (ROCHE, 2000, p. 1).

Em decorrência da Copa 2014 e dos Jogos Olímpicos 2016, segundo Tavares (2011), os termos “megaevento” e “legado” tornaram-se bem presentes em nosso cotidiano, gerando crescentes debates e investigações. Esse autor ressalta que os esforços acadêmicos para a conceituação de megaevento, no Brasil, ainda são objeto de importantes discussões.

De modo geral, legado pode ser entendido como o resultado de um determinado acontecimento. Para o governo, a Copa 2014 se constituiu como um catalisador de obras e investimentos, ao dinamizar a economia, fortalecendo, assim, a posição do país no mercado

mundial (COPA, 2014)<sup>47</sup>. Dessa forma, a aceleração das economias locais, as inovações tecnológicas e técnicas demonstram o potencial de impacto desses acontecimentos e, portanto, conduzem a uma imagem positiva do espaço urbano, socialmente atraente e organizado para a recepção dos turistas e a melhoria da qualidade de vida dos moradores, tornando as cidades-sede competitivas e articuladas com os propósitos dos legados desse evento. Conforme o portal da Copa (2014),<sup>48</sup> “a visibilidade obtida pelo Brasil no exterior, impulsionada pela realização da Copa 2014 já trouxe ganhos expressivos no turismo”. Logo, esse megaevento de futebol é instrumento de produção do discurso sobre os legados esportivos, dada a sua projeção local, regional, nacional, continental e mundial.

O legado comumente é visto como um benefício em diversas áreas, trazido por uma intervenção planejada para as cidades que sediam os megaeventos esportivos. Por serem complexos e multidimensionais, esses eventos implicam em contradições e dificuldades, podendo ocorrer um legado negativo. Eles necessitam ter um planejamento comprometido com a população local e estar em consonância com o plano urbano para se tornarem positivos (RODRIGUES; PINTO, 2008). Para as autoras, do ponto de vista social, espera-se que os legados de megaeventos esportivos ao transformarem a estrutura e o cotidiano das cidades beneficiem toda a população.

De acordo com Preuss (2006, p.3) “o legado é a estrutura planejada ou não, positiva ou negativa, tangível ou intangível que foi ou será criada por meio de um evento esportivo e que permanece depois do mesmo” (tradução minha). Sobre a estrutura Preuss (2006), concordo com a observação de Souza e Pappous (2013), que ela corresponde aos elementos que foram criados ou modificados como consequência da realização do megaevento, como: infraestruturas, desenvolvimento de habilidades e educação, imagem, emoções, redes de interação e valores culturais gerando os legados tangíveis e intangíveis. Os legados tangíveis, por terem maior visibilidade, normalmente assumem maior importância e prioridades quando se trata dos megaeventos. As estruturas, materiais e econômicas são elementos de maior precisão quando se busca medir e avaliar os resultados. Quanto aos legados intangíveis, são imateriais, e há uma dificuldade de aferir com precisão os resultados.

Villano *et al.* (2008, p.48), ressaltam que “é necessário se ter em mente a importância do custo-oportunidade”. Afirmam que não há lugar para improvisação em megaeventos, por isso, um planejamento consistente pode gerar: “a) legados do evento em si; b) legados da candidatura do evento; c) legados da imagem do Brasil; d) legados de governança; e e) legados de conhecimento”. Para Filgueira (2008), o grande desafio que deve pautar e orientar as ações dos nossos dirigentes é a produção de legados que venham a contribuir para a reversão do quadro de injustiça, exclusão e vulnerabilidade social que caracteriza a sociedade brasileira.

Segundo Proni (2012) os efeitos imediatos de um megaevento esportivo como a Copa do Mundo de Futebol e os legados mais duradouros, são bastante diferentes entre as nações, devido aos estágios de desenvolvimento econômico diferentes. Países emergentes requerem mais investimentos em infraestrutura aumentando consideravelmente os riscos e custos de oportunidade, porém, o custo do trabalho é relativamente mais baixo, podendo representar custos operacionais e de infraestrutura menores. Em contra partida a realização de uma Copa pode canalizar recursos para sanar tais problemas.

No que diz respeito aos diferentes efeitos e demandas dos megaeventos, observa-se que os investimentos educacionais e propostas pedagógicas cujos ganhos são intangíveis e, portanto mais difíceis de serem previstos, por serem de difícil mensuração, passam a depender de muitos fatores para geração de resultados, já que estes não se fazem de imediato. O legado

---

<sup>47</sup> Informações do Governo Federal sobre a Copa 2014. Disponível em: <http://www.copa2014.gov.br/>. Acesso 30/ Mai/2014.

<sup>48</sup> Ver mais sobre esse assunto. Disponível em: <http://www.copa2014.gov.br/>. Acesso 30/ Mai/2014.

pode ser visto como um processo para realização de um evento como o da Copa 2014. Para Bernabé e Starepravo (2014) os megaeventos contribuem para educação, principalmente para a Educação Física, por se tratar de discussões do esporte, práticas corporais e desenvolvimento físico.

Silva (2013) também aborda a Educação Física escolar relacionada aos legados de megaeventos esportivos, com destaque para possíveis aspectos positivos e negativos que poderão refletir nessa disciplina. Com relação aos aspectos positivos dos legados de megaeventos para a Educação Física escolar é enfatizado: 1) aulas que viabilizem aos alunos a produção de novos conhecimentos, visando a parceria dos alunos na ressignificação de temas, com base no conhecimento sistematizado; 2) busca da articulação teoria-prática, da transformação da informação em conhecimento, para que os alunos analisem as mensagens da mídia na formação do espectador sem formatação; 3) aulas em que se tenha possibilidade de debater, refletir e ressignificar o esporte e outras práticas corporais; e 4) a possibilidade de uma educação para o lazer com ênfase no conteúdo físico esportivo que poderá viabilizar para o aluno o acesso a elementos que serão fundamentais em suas opções de lazer durante a vida. Esses aspectos são importantes e devem ser buscados independente de um megaevento, porém o contexto oportuniza tais legados.

A respeito dos possíveis aspectos negativos a autora destaca: 1) a questão de a Educação Física escolar reforçar a ideia presente no senso comum de que o esporte é um meio para retirar jovens da rua e do vício, tendo a mídia exacerbando o esporte de alto rendimento como se atingisse todos os jovens; 2) o problema de não haver reflexão sobre as informações difundidas no meio social e de não haver a transformação das mesmas em conhecimento; e 3) o fato de a Educação Física escolar enfatizar os megaeventos esportivos sem levar em conta a realidade dos alunos, sua compreensão inicial e tratar o esporte como o único elemento da cultura corporal de movimento a ser discutido na escola.

Os megaeventos são uma oportunidade de realizar essa discussão em conjunto com a academia. As escolas e os governos devem criar oportunidade para os professores de Educação Física terem acesso aos novos conhecimentos produzidos na área e manter um processo contínuo de formação, gerando mais chances de construção de projeto escolar comprometido com a emancipação dos estudantes (SILVA, 2013).

Daólio (2013) se preocupa com a maneira como tem ocorrido a concepção e organização dos megaeventos esportivos no País, para esse autor existe o risco de gerar pessoas passivas que apenas consumam os espetáculos esportivos e os produtos a eles associados predominando o consumismo, sem possibilidade de maiores conhecimentos e, sobretudo, de prática. Também chama a atenção para o papel do professor que deve assumir esse trabalho de esclarecimento com os estudantes. Daólio afirma que:

[...] a tarefa urgente e fundamental da Educação Física escolar: diante do fato de que os megaeventos esportivos estão mesmo acontecendo, os professores da área devem assumir esse tema em suas aulas, não no sentido de reproduzir o ufanismo acrítico propalado pela mídia, mas de estimular junto aos alunos um conhecimento crítico que leve à prática esportiva consciente e transformadora. Como mediadores pedagógicos que são, os professores de Educação Física atualizam significados junto com seus alunos, desconstruem visões de senso comum e reconstruem e ampliam outras formas de compreensão em relação aos conteúdos da área. Nesse sentido é possível esperar que, a partir da mediação da Educação Física escolar, a compreensão e a relação dos alunos com os megaeventos esportivos serão qualificadas. (DAÓLIO, 2013, p. 135).

Considerando a Copa 2014 como um megaevento de lazer e buscando um maior envolvimento das disciplinas escolares, Bracht (2003) afirma que as diferentes disciplinas da

escola devem contribuir para a educação para o lazer. Porém, de acordo com a organização dos conhecimentos e práticas escolares a Educação Física e a Educação Artística possuem uma relação mais direta com o lazer, pois educam para ele ao transmitir suas práticas que podem ser vivenciadas nessa dimensão da vida. Bracht defende a ideia de que:

[Não] devemos responsabilizar exclusivamente uma ou outra disciplina escolar pela a educação para o lazer (a Educação Física e a Educação Artística por exemplo), mas que a escola como um todo, deve assumir a educação para o lazer como tarefa nobre e importante, o que implica em colocar em questão as próprias finalidades sociais da instituição escolar. Isso implicaria em uma razoável mudança naquilo que poderíamos chamar de cultura escolar que, diga-se logo, não envolve apenas os saberes e as práticas escolares, mas também, o tempo e o espaço (BRACHT, 2003, p.164).

Em uma direção semelhante que busca a relação entre os conhecimentos, Silva *et al.* (2011), ao refletir sobre o lazer na escola, diz: “é fundamental e requer urgência o encaminhamento de propostas de ação que contemplem o desenvolvimento e a sistematização de experiências interdisciplinares no âmbito do lazer. Portanto, podemos identificar a aproximação entre essa tríade: o megaevento da Copa 2014, lazer e educação.

#### 4. Análise e discussão dos dados

**Quadro 1 - Categorias estabelecidas para os legados**

Aproximação entre as falas dos sujeitos	Sujeitos / entrevistas	Unidades de significação	Categorias
<ul style="list-style-type: none"> <li>Os cursos são positivos para educação.</li> </ul>	1, 2 e 3	Legado para a formação	Legado para a educação e cultura
<ul style="list-style-type: none"> <li>“Há uma valorização da educação com a Copa”.</li> </ul>	4		
<ul style="list-style-type: none"> <li>“A Copa traz mensagem de paz, harmonia, contra violências e agressões”.</li> </ul>	2		
<ul style="list-style-type: none"> <li>“O legado é relacionar as dimensões, políticas, geográficas, sociológicas e econômicas com os campos do saber”.</li> </ul>	6		
<ul style="list-style-type: none"> <li>“As manifestações trouxeram mais participação dos jovens”.</li> </ul>	9 e 4		
<ul style="list-style-type: none"> <li>“As manifestações mostraram como a população está insatisfeita”.</li> </ul>	3	Legado para o esporte	
<ul style="list-style-type: none"> <li>“O futebol mostra o trabalho em equipe (relacionamento)”.</li> </ul>	7		
<ul style="list-style-type: none"> <li>A copa traz mais jogos para a Educação Física (mais esporte).</li> </ul>	8 e 9		
<ul style="list-style-type: none"> <li>“O legado pode ficar para o esporte, mas não sei se fica para a educação”.</li> </ul>	10		
<ul style="list-style-type: none"> <li>“Ver os jogos de perto mais próximo do real, é ver o espetáculo”.</li> </ul>	11		
<ul style="list-style-type: none"> <li>“A reflexão para a escola e para o mundo”.</li> </ul>	12	Legado para a educação	
<ul style="list-style-type: none"> <li>“Reflexão sobre o sentido de ser um cidadão brasileiro”.</li> </ul>	13		
<ul style="list-style-type: none"> <li>Aproximação dos alunos com outras culturas.</li> </ul>	14,15,16, 17 e 18	Legado para a cultura	
<ul style="list-style-type: none"> <li>“Vai trazer um conhecimento e uma boa experiência”.</li> </ul>	19		
<ul style="list-style-type: none"> <li>É um evento enorme, de grande riqueza cultural.</li> </ul>	20		

A experiência que os brasileiros vão ganhar vai trazer melhorias para cada pessoa.	21 e 5		
“Não vai deixar nada nem para a educação e nem para escola”	23	Não deixa legado para a educação	Negação do Legado para a educação
Não vejo herança para a educação e não é do ponto de vista do pedagógico.	22 e 18		
“Não há investimentos no esporte na própria escola”.	20	Legado e negócio	Legado para a educação
“É um evento mais comercial que educativo. Não é para a educação, parece ser publicitário e comercial. Não se sabe se ideologicamente há ensinamentos, é mais comercial que cultural. O foco é o comércio, a mercadoria, é a marca, vitrine. Somos mercadoria”.	5		

Fonte: Autor da pesquisa.

Duas categorias foram construídas neste estudo: a denominada de “legado para a educação e cultura” e a segunda “negação do legado para a educação”. A primeira foi composta por quatro unidades de significação analisadas na seguinte ordem: legado para a cultura, legado para a formação; legado para a educação e legado para o esporte. A segunda foi constituída pelo legado e negócio e não deixa legado para a educação.

Na análise da unidade de significação legado para a cultura, Bracht (2003) entende que a cultura que dá sentido e justifica a educação, o que permite pensar em uma forma de educação que não privilegia somente o saber lógico formal presente no conhecimento científico. Esse autor opera com uma ampla noção de cultura, afirmando que a função social da escola é a transmissão de parte do legado cultural da humanidade. Assim, o lazer como um elemento da cultura é responsabilidade da escola, porque o que justifica o empreendimento educativo é a transmissão e perpetuação da experiência humana como cultura.

Segundo Silva (2013), a escola deve ser um espaço de troca de conhecimentos que são historicamente construídos ao longo do tempo e precisa estar aberta a novos saberes que são elaborados permanentemente pela sociedade. Um megaevento como da Copa 2014 pode ser entendido como exemplo dessas trocas de conhecimentos, que na visão de Damo (2009) ocorrem no campo simbólico com forte apelo para a sua realização.

De acordo com entendimento de alguns participantes, esse megaevento poderia trazer como legado a “aproximação dos alunos com outras culturas”, conforme as entrevistas 14,15,16,17 e 18, pelo fato de ser “um evento enorme, de grande riqueza cultural” segundo o sujeito 20, e “vai trazer um conhecimento e uma boa experiência”, de acordo com o relato 19.

As respostas indicam que o legado da Copa 2014 poderia ser uma oportunidade da escola ser um veículo de transmissão de cultura para o estudante conhecer e aproximar das pessoas de outras nacionalidades, percebendo que as diferenças com os outros mostram a diversidade como uma riqueza cultural. Daólio ao afirmar que:

[Um] costume ou uma prática de um determinado grupo não devem ser vistos como certos ou errados, melhores ou piores do que outros do nosso próprio grupo. Ambos têm significados próprios que os justificam no grupo no qual ocorrem. Portanto, a diferença não deve ser pensada como inferioridade. O que caracteriza a espécie humana é justamente sua capacidade de se expressar diferenciadamente. Porque os homens são iguais justamente pela expressão de suas diferenças (DAÓLIO, 1995, p.100).

Com relação a educação e a cultura, Forquin (1993) ressalta que a cultura escolar se refere aos acontecimentos intencionalmente trabalhados na escola. De acordo com esse autor, “educar, ensinar é colocar alguém em presença de certos elementos da cultura a fim de que deles se nutra, que os incorpore à sua substância, que ele construa a sua identidade intelectual e pessoal...” (FORQUIN, 1993, p. 168). Então, a aproximação dos elementos da cultura (o

lazer, o futebol e a Copa 2014) articulados com projetos desenvolvidos pela escola consiste em uma forma contextualizada para se educar.

Dessa forma, Rubio (2009) considera que a realização de um megaevento esportivo pode representar um momento oportuno para alavancar a discussão a respeito do multiculturalismo, pela sua capacidade de estabelecer na escola o reconhecimento de igualdade dos povos, a negação da intolerância e a prática da compreensão. Logo, os megaeventos são considerados um “campo fértil de investigação de relações sociais complexas e paradoxais da sociedade moderna” (ALMEIDA; MEZZADRI; MARCHI JR., 2009, p.181).

As entrevistas dos sujeitos 21 e 5 referem-se “a experiência que os brasileiros vão ganhar vai trazer melhorias para cada pessoa”. Essa afirmação “determinista” parece estar em discordância com Forquin (1993) e Bracht (2003), que propõe uma relação crítica com a cultura em suas várias manifestações. Entendo que a subjetividade de cada experiência atinge os indivíduos de forma e intensidade diferentes, não podendo ser universalizada a ideia que “vai trazer melhoria para cada pessoa”.

Sobre o legado para a formação, para Dantas Junior (2013) o esporte tem uma finalidade formativa, voltada para humanizar o sujeito e não excluí-lo ou animalizá-lo. Ainda Dantas Junior, (2013, p. 34) questiona “o que podem os megaeventos esportivos acrescentar à formação das crianças e jovens brasileiros? Sobretudo, como a escola, já por demais espetacularizada, e a Educação Física se inserem nesse debate?”. Esse autor traz uma contribuição importante, questionando a ação formativa dos megaeventos.

As entrevistas a seguir se inserem na ideia do legado para a formação. São elas:

- “os cursos são positivos para educação” (Sujeitos 1, 2 e 3);
- “a valorização da educação” (Sujeito 4);
- “a copa traz mensagem de paz, harmonia, contra violências e agressões” (Sujeito 2);
- “o legado é relacionar as dimensões políticas, geográficas, sociológicas e econômicas com os campos do saber” (Sujeito 6);
- “as manifestações trouxeram mais participação dos jovens” (Sujeitos 9 e 4); e
- “as manifestações mostraram como a população está insatisfeita” (Sujeito 3).

Assim, o legado aparece por meio de ações formativas que possam ser significativas para os professores e os estudantes. Libâneo nos diz que a escola:

[é] aquela que assegura a todos a formação cultural científica para a vida pessoal, profissional e cidadã, possibilitando uma relação autônoma, crítica e construtiva com a cultura em suas várias manifestações: a cultura promovida pela ciência, pela técnica, pela estética, pela ética, bem como pela cultura paralela (meios de comunicação de massa) e pela cultura cotidiana (LIBÂNEO; 2002, p.7).

A formação cultural ocorreu também com a participar dos alunos nos protestos nas ruas reivindicando transparência e participação nas decisões do país. Durante a Copa das Confederações em 2013 ocorreu um grande número de protestos pelo país, sendo muitos deles com confronto entre os manifestantes e a segurança policial. As manifestações tinham intenções, intensidades e reivindicação distintas, porém uma pauta comum foi à organização da Copa 2014, seus custos, seus legados e também a ingerência da FIFA no país e nas cidades-sede.

Os relatos dos entrevistados 9 e 4 “as manifestações trouxeram mais participação dos jovens”; e 3 “as manifestações mostraram como a população está insatisfeita”. A escola pesquisada<sup>49</sup> se organizou e participou dos protestos. Essa ação estimulada pelo corpo docente

<sup>49</sup> Alguns professores se organizaram com alunos e foram para as ruas, mostrando que a escola estava presente nas manifestações.

contribuiu para a formação dos estudantes que vivenciaram uma experiência concreta como forma de manifestar os seus direitos como cidadãos.

Pinto (2008) considera que o conhecimento é o centro na relação lazer e educação como processo/produto de formação humana que promove não só o domínio de conhecimentos específicos sobre o lazer como também de competências e habilidades adequadas a formação/atuação política, ética e estética. Dessa forma, o lazer no processo educativo adquire um papel que está na base da formação humana.

Quanto ao legado para a educação, a fala sujeito 6, a afirmação que o legado da Copa 2014 estaria em “relacionar as dimensões, políticas, geográficas, sociológicas e econômicas com os campos do saber”. Ou seja, esse entrevistado traz para a escola o megaevento numa perspectiva educativa dentro de uma abordagem multidisciplinar como considera (BRACHT, 2003). Silva (2013) propõe que as aulas devem propiciar o debate, a reflexão e a ressignificação do esporte e transformar a informação midiática em conhecimento. A escola como um espaço de reflexão é condição de possibilidade para problematizar e estabelecer suas análises e também o legado de forma independente e autônoma.

As entrevistas 12 “a reflexão para a escola e para o mundo” e 13 “a reflexão sobre o sentido de ser um cidadão brasileiro”; apontam que a Copa 2014 traz o legado da reflexão para a escola, portanto são os atores da própria escola que está refletindo sobre aquilo que pode ser o seu legado. Se esse evento apresenta a possibilidade de reflexões no ambiente escolar, sinaliza que a instituição pode se apropriar dos legados educacionais que emergem desse contexto, uma vez que possui autonomia para problematizá-lo e construí-lo.

Marcellino (1990), Daólio (1995), Mascarenhas (2004; 2007), Bracht (2003), Melo (2004; 2006), Pinto (2008), Silva (2013), Dantas Junior (2013), Silva e Campos (2014), são autores que mesmo com as suas diferentes concepções e propostas autônomas no campo do lazer e da educação apresentaram um traço em comum, que é a necessidade da reflexão do sujeito sobre os contextos sociais que estão envolvidos e a constante busca do desenvolvimento do espírito crítico. Ao considerar essa ideia encontrada em todos esses autores penso que a problematização é o legado desse megaevento para a educação.

Portanto, o legado da Copa 2014 para a educação pode e deve ser elaborado pela própria escola. Problematizar dos múltiplos aspectos desse megaevento esportivo, possibilita identificar e analisar os diferentes pontos de vistas sobre esse acontecimento. A partir das problematizações poderão surgir os diversos olhares sobre esse legado, apontando os pontos positivos e negativos que o envolve. Dessa forma, defendo que o maior legado para a educação desse megaevento está na sua capacidade de aprofundar na problematização sobre a Copa 2014 e isso constitui em um papel da escola.

Entretanto, se defendo a problematização, já problematizo que os aspectos apontados por Silva (2013) afirmando a existência de possíveis legados positivos e negativos para a Educação Física escolar, podem ser pensados que, de fato, não é necessário ter uma Copa do Mundo de Futebol para se considerar os aspectos reflexivos apontados pela autora como possíveis legados, pois esses aspectos devem fazer parte “do cotidiano” das aulas. De fato deve estar inserido no dia a dia, mas penso que a Copa 2014 não foi um fato do cotidiano e não é um evento como os ordinários (campeonatos estaduais e brasileiro), foi um megaevento extraordinário pela sua dimensão e complexidade que merecia uma diretriz educacional oficial para as unidades escolares com vistas a tratar a Copa 2014 pedagogicamente, tomando como referência a relação da educação/oportunidade, pois envolveu a sociedade brasileira e apresentou a possibilidade de vários legados dentre eles para a educação. O diferencial está em todo o contexto, nos diferentes impactos e na repercussão desse megaevento. Dessa forma, essa discussão evidencia a dificuldade de se determinar o legado pela sua intangibilidade, mostrando que os legados para a educação são alvo de polêmicas.

O legado para a educação, que em muitos casos são proclamados por indivíduos que desconhecem o cotidiano da escola. Para isso, Paulo Freire (2009) menciona que a reflexão crítica se torna uma exigência para a compreensão da realidade de forma autônoma. Dessa forma, uma educação que busca na autonomia, uma forma de intervenção no mundo com liberdade e consciência nas decisões e nos diálogo, incorpora esses elementos nas ações educativas pelo e para o lazer. Logo, a escola é a instituição legítima para estabelecer qual o legado para a educação advindo da Copa 2014.

Sobre o legado para o esporte, de acordo com as entrevistas 8 e 9, “a Copa traz mais jogos para a Educação Física (mais esporte)”. Se aderirmos à lógica hegemônica do esporte fora da escola corre-se o risco de aplicarmos o esporte de rendimento aos estudantes. Bracht e Almeida (2013) nos alertam para o ímpeto de adotarmos a lógica do esporte dos megaeventos como o esporte da escola. Os educandários são instituições com códigos, princípios, valores e interesses voltados aos objetivos educacionais, enquanto o esporte de rendimento prima pela vitória, pelo lucro, pela supremacia e pelo espetáculo.

Mascarenhas (2012), em relação aos megaeventos e à Educação Física escolar, considera negativa a retomada da ideia de pirâmide esportiva e chama a atenção para os perigos em relação à perda do projeto político pedagógico da Educação Física para o esporte de rendimento. Segundo Mascarenhas;

[há] de se dizer que os objetivos da Educação Física devem ser os objetivos da escola e não de políticas e interesses transitórios e externos à sua realidade, como o demandado pelos megaeventos esportivos, em especial, pelo projeto olímpico. Deste modo, o esporte não pode ser confundido com Educação Física, mas deve ser compreendido apenas como um dos seus elementos, junto com a ginástica, o jogo, a dança, a luta, dentre outras práticas corporais produzidas pela humanidade. (MASCARENHAS, 2012, p.60).

O legado da Copa 2014 segundo a entrevista 11, é “ver os jogos de perto mais próximo do real, é ver o espetáculo”. A ideia de espetáculo pode ser encontrada em Debord (1997, p.14), “o espetáculo é o capital em alto grau de acumulação que se torna imagem”. Esse autor é um crítico do capital e apresenta como elemento central de sua teoria a alienação que está para além de uma descrição de emoções. É o modo de organização social no capitalismo que assume novas formas e conteúdos em seu processo coisificação da vida humana.

Os sujeitos das entrevistas 7 e 10 afirmam, respectivamente, que “o futebol mostra o trabalho em equipe (relacionamento)” e “o legado pode ficar para o esporte, mas não sei se ficará para a educação”. A esse respeito Silva (2013) destaca o papel da escola, em especial, das aulas de Educação Física com a possibilidade de debater, refletir e ressignificar o esporte e demais práticas culturais. Assim, as ações e os legados podem deixar ganhos e perdas a partir da reflexão que se constrói.

A segunda categoria de negação do legado para a educação constitui-se em um contraponto com a categoria educação e cultura. Enquanto a primeira categoria analisada afirma que existem legados para a educação, a segunda estabelece que a Copa 2014 não apresentou legado algum no campo da educação escolar..

A Copa 2014 “não vai deixar nada nem para a educação e nem para escola” (entrevista 23) e “não vejo herança para a educação e não é do ponto de vista do pedagógico” (entrevista 22 e 18). Essas falas negam um legado para a educação advindo da Copa 2014.

O sujeito 20 relata que “não há investimentos no esporte na própria escola”. De fato a fala 20 revela um quadro que pode ser constatado na rede pública estadual. Além disso, não é raro encontrar as aulas de Educação Física sendo compreendidas apenas como esporte, não considerando a ginástica, o jogo (brincadeiras), a dança, a luta, dentre outras práticas

corporais produzidas pela ao longo história. Retomo a ideia “os objetivos da Educação Física devem ser os objetivos da escola e não de políticas e interesses transitórios e externos à sua realidade, como o demandado pelos megaeventos esportivos” (MASCARENHAS, 2012 p.60). Portanto, há um disparate entre o esporte hegemônico que é apresentado pela mídia e a precariedade dos investimentos destinados ao esporte escolar.

O sujeito entrevistado 5 nos diz que a Copa do Mundo de Futebol

“é um evento mais comercial que educativo. Não é para a educação, parece ser publicitário e comercial. Não se sabe se ideologicamente há ensinamentos, é mais comercial que cultural. O foco é o comércio, a mercadoria, é a marca, vitrine. Somos mercadoria”.

Essa fala nos coloca como reféns de um sistema econômico. Porém dialogo com a ideia de Mascarenhas (2004; 2007) ao acreditar que é possível buscar mudanças para enfrentar a condição de dominação que os grupos hegemônicos nos impõe, através da intervenção nas organizações populares utilizando o lazer como instrumento de educação cidadã, buscando humanizar essa lógica da mercadoria.

As cidades também parecem ser atingidas pela lógica da mercadoria. As cidades-sede sofreram mudanças para atender prioritariamente às demandas turísticas, e também às exigências da FIFA (assim como seus patrocinadores). As transformações readequaram as cidades para que proporcionassem maior conforto e uma melhor circulação dos turistas quanto aos pontos a serem visitados, de forma a privilegiar as imagens dos patrocinadores do evento que possuem interesse em dar visibilidade global em seus produtos (GONÇALVES, 2013).

A respeito do caráter econômico citado na entrevista 5, não restam dúvidas de que o megaevento da Copa 2014 se transformou nas últimas quatro edições em um lucrativo negócio, evidenciando um ganho econômico para a FIFA e deixando a expectativa de muitos ganhos para a cidade. Além de comercializar as imagens com a televisão, acrescenta-se aos ganhos a venda de ingressos para os jogos, os patrocinadores e o fato de a FIFA não custear as construções e reformas nos estádios, além das obras de infraestrutura exigidas para o evento. Portanto, nada mais justo que diante de tantas exigências de investimento feitas pela FIFA, houvesse um retorno para a educação num país que notoriamente carece de investimentos maciços nessa área.

Assim, a Copa 2014 apresentou uma expectativa positiva sobre o legado econômico reconhecido principalmente pelos governos envolvidos, sobretudo com as obras e os empregos temporários, e também para dos grupos empresariais que se beneficiaram com o evento. Vale lembrar, que restam por todo País uma série de obras equivocadas e/ou inacabadas, evidenciando o desperdício do dinheiro público. Além disso, esse estudo constituiu em uma contribuição para pensar o legado desse megaevento para a educação que ficou aquém das suas possibilidades.

## 5. Considerações Finais

Os legados que envolvem uma Copa do Mundo de Futebol podem ser tangíveis ou intangíveis. De modo geral, os tangíveis por terem maior visibilidade assumem maior importância e prioridades quando se trata dos megaeventos. As estruturas, materiais e econômicas são elementos de maior precisão e percepção quando se busca medir e avaliar os resultados. Quanto aos legados intangíveis, são imateriais, e há uma dificuldade de aferir com

precisão os resultados. Neste estudo, a intangibilidade dos legados da Copa 2014 para a educação mostrou a complexidade em se tratar desse assunto no campo educacional, devido à imaterialidade dos mesmos.

No propósito de saber dos entrevistados se a Copa 2014 deixaria algum legado para a educação foram construídas duas categorias. A primeira de legados para a educação e cultura que envolveu também a intervenção na formação dos alunos e para o esporte. Por meio dessa categoria, foi abordada a questão da escola como um espaço de reflexão, ao problematizar esse megaevento, ou seja, os sujeitos da própria instituição escolar estariam estabelecendo o legado para a educação, construindo de forma autônoma o seu próprio legado.

A segunda categoria recebeu a denominação de negação do legado para a educação. Essa categoria encontrou-se fundamentada em negar que há legados para a educação ao ignorar a possibilidade de intervenção pedagógica, demonstrando que esse megaevento apontou um caráter econômico e comercial. Porém, baseado na primeira categoria (legado para a educação e cultura), os argumentos construídos e apresentados demonstraram um forte indício na existência do legado para a educação. No entanto, não é possível negar a finalidade econômica, comercial e os múltiplos interesses na realização da Copa 2014.

## Referências

- ALMEIDA, B. S.; MEZZADRI, F. M.; MARCHI JR., W. Considerações sociais e simbólicas sobre sedes de megaeventos esportivos. In: Dossiê 2007- 2016 - A Década dos Megaeventos Esportivos no Brasil. **Motrivivência**, Florianópolis, ano XXI, n. 32/33, p. 178-192, jun/dez.2009.
- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1979.
- BERNABÉ, Andressa Peloi. STAREPRAVO, Fernando Augusto. Megaeventos esportivos: o desenvolvimento do legado esportivo educacional. **Pensar a Prática**, Goiânia, v. 17, n. 2, p. 456-471, jan./mar. 2014.
- BRACHT, Valter; ALMEIDA, Felipe Quintão de. Esporte, escola e a tensão que os megaeventos esportivos trazem para a Educação Física Escolar. **Em Aberto**, Brasília, v. 26, n. 89, p. 133-145, jan./jun. 2013.
- BRACHT, Valter. Educação física escolar e lazer. In: WERNECK, Christiane Luce Gomes; Isayama, Hélder Ferreira (Orgs.). **Lazer, recreação e educação física**. Belo Horizonte: Autêntica, v. 1, p147 -172. 2003.
- BRASIL. **Lei nº 12.663**, de 05 de Junho de 2012. Dispõe sobre as medidas relativas à Copa das Confederações FIFA 2013, à Copa do Mundo FIFA 2014 e à Jornada Mundial da Juventude - 2013. Disponível em [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2011-2014/2012/Lei/L12663.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2012/Lei/L12663.htm). Acesso em: 17 jan. 2014.
- DAMO, Arlei Sander. O simbólico e o econômico no futebol de espetáculo: as estratégias da FIFA para tornar as Copas lucrativas a partir de uma interpretação antropológica. In: **Razón Y Palabra**, Monterrey, n. 69, p.1-35, jun./ago. 2009. Disponível em: <http://cev.org.br/arquivo/biblioteca/3000731.pdf> acesso 30 dez. 2012.
- DANTAS JUNIOR, Hamílcar Silveira. Espetacularização da escola: a Educação Física, o esporte e os megaeventos esportivos. **Em Aberto**, Brasília, v. 26, n. 89, p. 35-46, jan./jun. 2013.
- DAÓLIO, Jocimar. Educação física escolar e megaeventos esportivos: desafios e possibilidade. **Revista Kinesis**, Rio Grande do Sul, v. 31, n. 1, p. 125-137, jan./jun. 2013.
- DAÓLIO, Jocimar. **Da cultura do corpo**. Campinas: Papirus. 1995.
- DEBORD, Guy. **A Sociedade do espetáculo**. 4. ed. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

- FILGUEIRA, Júlio Cesar Monzú. Importância dos Legados de Megaeventos Esportivos para a Política Nacional do Esporte: Cidade, Cidadania e Direitos dos Cidadãos. In: RODRIGUES, Rejane Penna *et al.* (Orgs.). **Legados de megaeventos esportivos**. Brasília: Ministério do Esporte, 2008.p. 65-73.
- FORQUIN, Jean-Claude. **Escola e Cultura**: as bases sociais e epistemológicas do conhecimento escolar. Porto Alegre: Artes Médicas, 1993. 205 p.
- FRANCE, A.; ROCHE, M. Sport mega-events, urban policy and youth identity: sigues of citizenship and exclusión in Sheffield. In.: M. Roche (ed.) **Sport, popular culture and identity**. Aachen: Meyer & Meyer, 1998.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996. (Coleção Leitura).
- GONÇALVES, Glauco Roberto. A lógica do “elefante branco”: obsolescência programada do espaço na Copa de 2014. **Ateliê Geográfico**. Goiânia-GO, v. 7, n.3, p.240-256, dez. 2013. Disponível em: <<http://www.revistas.ufg.br/index.php/atelie/article/view/26406/15737>>. Acesso em: 15 jul. 2014.
- LIBÂNEO, José Carlos; OLIVEIRA, João Ferreira de; TOSCHI, Mirza Seabra. **Educação escolar**: políticas, estrutura e organização. 6. ed. São Paulo: Cortez, 2008. 407 p. (Coleção docência em formação, saberes pedagógicos).
- LIBÂNEO, José Carlos. **Adeus professor, adeus professora?:** novas exigências educacionais e profissão docente.6.ed. São Paulo: Cortez, 2002. 104 p. (Questões da nossa época; v.67). .
- MACHADO, Raoni Perrucci Toledo; RUBIO, Kátia. Legados do esporte: atleta, cultura e educação. In: MARCELLINO, Nelson Carvalho (Org.). **Legados de megaeventos esportivos**. Campinas, SP: Papirus, 2013. (Coleção fazer/lazer).
- MADRUGA, Djan. Megaeventos esportivos como gestão de custos Oportunidades. In: RODRIGUES, R. P.; PINTO, L.M.; DAC. (Org.). **Legados de megaeventos esportivos**. Brasília: Ministério do Esporte, 2008.p. 59-64.
- MARCELLINO, Nelson Carvalho. **Pedagogia da animação**. Campinas: Papirus, 1990.
- MASCARENHAS, Fernando. Megaeventos esportivos e educação física: alerta de tsunami. **Revista Movimento**. Porto Alegre, v. 18, n. 01, p. 39-67, jan/mar de 2012.
- MASCARENHAS, Fernando. Políticas sociais, lazer e educação: apontamentos para uma pedagogia crítica. **Revista Corpo consciência**, Santo André, SP, v. 11, n. 2, pág. 02-09, jul/dez, 2007.
- MASCARENHAS, Fernando. **Lazer como prática da liberdade**: uma proposta educativa para a juventude. Goiânia: Editora UFG, 2004.
- MELO, Victor Andrade de. **A animação cultural**: conceitos e propostas Campinas: Papirus, 2006. p.144.
- MELO, Victor Andrade de. Verbete Lúdico. In: GOMES, Christianne Luce. (Org.). **Dicionário crítico do lazer**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2004. p.12-15.
- PIRES, L. S.; BAPTISTA, L. F. S. Portugal. Megaeventos e o Desenvolvimento Urbano e Regional: uma análise das especificidades e impactos proveniente dos jogos olímpicos e um panorama para a cidade do Rio de Janeiro. **Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais**, Anpur. 2013. Disponível em: <<http://www.anpur.org.br/revista/rbeur/index.php/anais/article/viewFile/4209/4080>>. Acesso em: 13 mar. 2014.
- PREUSS, H. Lasting Effects of Major Sporting Events. **Institute of Sport Science**, Germany, 2006.
- PINTO, Leila Mirtes Santos de Magalhães. Lazer e educação: Desafios da atualidade. In: MARCELLINO, N. C. **Lazer e sociedade**: múltiplas relações (Org.). *Lazer e sociedade*: algumas reflexões. São Paulo: Alínea, 2008. p. 45-61.

- PRONI, M. W. SILVA, L. O. da. **Impactos econômicos da Copa do Mundo de 2014: projeções superestimadas**. Texto para Discussão. IE/UNICAMP, Campinas, n. 211, out. 2012.
- RATTON, José Luiz. Megaeventos esportivos, violência e pânico moral: breves considerações sociológicas. **Coletiva**. n.8, abr/maio/jun 2012. Disponível em: [http://www.coletiva.org/site/index.php?option=com\\_k2&view=item&layout=item&id=99&Itemid=76&idrev=11](http://www.coletiva.org/site/index.php?option=com_k2&view=item&layout=item&id=99&Itemid=76&idrev=11). Acesso em: 30 dez. 2012.
- ROCHE, Maurice. **Mega-events and modernity: Olympics and expos in the growth of global culture**. New York: Routledge, 2000.
- RODRIGUES, Rejane Penna. PINTO, Leila Mirtes Santos de Magalhães Subsídios para pensar os legados de megaeventos esportivos em seus tempos presente, passado e futuro. In: RODRIGUES, Rejane Penna *et al.* (Org.). **Legados de megaeventos esportivos**. Brasília: Ministério do Esporte, 2008. p.21- 25.
- RUBIO, K. O legado educativo dos megaeventos esportivos. **Motrivivência**, Florianópolis, v. 2, n. 32/33, p. 71-88, jun./dez. 2009.
- RUBIO, Kátia. Os Jogos Olímpicos e a Transformação das Cidades: Os Custos Sociais de um Megaevento. **Revista electrónica de geografía y ciencias sociales**, Universidad de Barcelona, v. IX, n. 194 (85), 2005. Disponível em: <<http://www.ub.edu/geocrit/sn/sn-194-85.htm>>. Acesso em: 13 mar. 2014.
- SILVA, Cintia Lopes da. Legados de megaeventos esportivos: perdas e ganhos para a educação física escolar. MARCELLINO N.C. (Org.). **Legados de megaeventos esportivos**. Campinas, SP: Papirus, 2013. (Coleção Fazer/Lazer).
- SILVA, R. S. da. CAMPOS, P. A. F. Futebol e Educação Física na escola: possibilidades de uma relação educativa. **Ciência e cultura**. v.66, n.2, São Paulo. Jun. 2014. Disponível em: [http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?pid=S00067252014000200015&script=sci\\_arttext](http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?pid=S00067252014000200015&script=sci_arttext) Acesso em: 07 jul. 2014
- SILVA, S. R.; SOUZA NETO, G. J.; CAMPOS, P. A. F. Lazer, torcidas e futebol. In: ISAYAMA, H. F.; SILVA, Silvio Ricardo da. **Estudos do lazer: um panorama**. Rio de Janeiro, Apicuri, 2011. p. 111-123.
- TAVARES, Otávio. Megaeventos Esportivos. **Movimento**, Porto Alegre, v. 17, n. 3, p. 11-35, jul./set. 2011.
- VILLANO, B. SILVA D.M. Coréia da. RIZZUTI, E. COSTA, L. P. da. MIRAGAIA, A. M. Gestão de Legados de Megaeventos Esportivos: Pontos de Convergência. In: RODRIGUES, Rejane Penna (Orgs.). **Legados de megaeventos esportivos**. Brasília: Ministério do Esporte, 2008.p. 47-50.

## SOBRE O QUE PENSAM AS MULHERES? ELABORAÇÕES INICIAIS SOBRE A RELAÇÃO ENTRE MULHERES, O FUTEBOL E A PESQUISA

### *WHAT WOMEN THINK ABOUT? FIRST ELABORATIONS ABOUT WOMEN, SOCCER AND RESEARCH*

**Luiza Aguiar dos Anjos<sup>50</sup>**  
**Marina de Mattos Dantas<sup>51</sup>**

**Resumo:** O artigo se propõe a apresentar elaborações iniciais sobre a presença das mulheres no universo das pesquisas sobre futebol, principalmente em relação àquelas que não pesquisam temáticas relacionadas às discussões sobre gênero como elemento central em seus trabalhos, destacando nesse processo a relação entre mulheres e o meio acadêmico. Para tal, discutimos a presença das mulheres na universidade e nos estudos sobre futebol, e realizamos entrevistas com duas mulheres pesquisadoras, buscando compreender algumas relações entre as mulheres, o futebol e a pesquisa. Embora os estudos sobre gênero venham crescendo nos últimos anos, levantamos alguns indícios de que a maioria das mulheres que estudam futebol no Brasil estão envolvidas com estudos que, não necessariamente, envolvem essa discussão e também discutem questões relacionadas ao futebol jogado por homens sem que o tema das masculinidades e feminilidades se torne central. Nas trajetórias de nossas entrevistadas, encontramos aproximações com a temática de gênero, além de processos de estranhamento e desconfiança por serem mulheres.

**Palavras-chave:** mulheres; pesquisa; futebol.

**Abstract:** The article intends to submit initial elaborations about the presence of women in the universe of the research on football, especially compared to those who do not research themes related to the discussions about gender as a central element in their work, highlighting in this process, the relationship between women and the academic world. To this end, we discussed the presence of women in university and in studies on football, and we performed interviews with two women researchers, seeking to understand some relations between women, football and the research. Although the studies about gender are growing in recent years, there is some evidence that the majority of women studying football in Brazil are involved with studies that do not necessarily involve this discussion and also discuss issues related to football played by men without the theme of masculinities and femininities becoming central. In the trajectories of the women we interviewed, we found approximations with the theme of gender, and also processes of estrangement and distrust because they are women.

**Keywords:** women; research; soccer.

---

<sup>50</sup> Formada em Educação Física, mestre em Estudos do Lazer, doutoranda em Ciências do Movimento Humano na UFRGS, e pesquisadora no Grupo de Estudos sobre Esporte, Cultura e História (GRECCO) e no Grupo de Estudos sobre Futebol e Torcidas (GEFuT). E-mail: luizaaguiardosanjos@gmail.com.

<sup>51</sup> Formada em psicologia, mestre em Psicologia Social, doutoranda em Ciências Sociais na PUC-SP, e pesquisadora no Grupo de Estudos sobre Futebol e Torcidas (GEFuT). E-mail: marinamattos@gmail.com

No universo do futebol, observa-se que as mulheres têm, cada vez mais, conquistado espaços diversos – como os de jogadoras, árbitras, jornalistas, entre outras funções. Tais conquistas, contudo, expressam um avanço ainda tímido nas esferas de controle, organização e decisão sobre a modalidade esportiva, como a gestão de clubes e federações, por exemplo. Concomitantemente à essa ampliação da presença feminina, vê-se também aumentarem quantitativa e qualitativamente as discussões acerca dessa presença, questionando a participação pequena – ainda que crescente – das mulheres no futebol, os obstáculos impostos à sua inserção e manutenção na modalidade, as representações objetificantes às quais são frequentemente submetidas, entre outras questões.

Diante desse cenário, voltamos nossa atenção para a relação das mulheres com o futebol também “fora das quatro linhas” e da arquibancada, pensando sobre sua relação com esse esporte no âmbito da pesquisa. Tendo em vista um aparente protagonismo das mulheres nas discussões acerca do futebol feminino e do que tange às relações de gênero, optamos por investigar as mulheres que desenvolvem pesquisas sobre outros temas relativos ao futebol que não as próprias mulheres.

Assim, o objetivo desse texto é levantar alguns indícios sobre a presença das mulheres no meio acadêmico e nos estudos sobre futebol, bem como analisar a trajetória de pesquisadoras do futebol na área das ciências humanas e sociais, focando nas experiências que emergem a partir do ofício de fazer pesquisa no Brasil acerca desse esporte tradicionalmente associado aos homens, sendo mulher.

Com esse intuito, além de levantamentos da presença das mulheres em universidades, liderando grupos de pesquisa e também em universidades públicas, realizamos duas entrevistas com pesquisadoras que estudam temáticas relacionadas ao futebol, sendo elas Leda Maria da Costa e Sarah Teixeira Soutto Mayor.

As entrevistas foram realizadas no mês de junho do ano de 2016, via Skype, e duraram cerca de uma hora cada. A escolha das entrevistadas teve como critério que suas pesquisas estivessem voltadas para o universo futebolístico em suas várias temáticas possíveis, mas que o tema central não fosse sobre mulheres e/ou as questões de gênero.

Escolhemos pesquisadoras com uma formação acadêmica recente – uma com doutorado em andamento e outra com ele concluído há menos de dez anos –, não visando, colocá-las como representantes de uma classe, nem hierarquizar e/ou qualificar mulheres mais ou menos importantes no meio dos estudos sobre futebol. Não se pretende a retratação de experiências pioneiras, e, tampouco temos o intuito de comparar as trajetórias das duas entrevistadas, mas sim conhecer como elas se aproximaram, lidam e convivem com o tema futebol.

Algumas perguntas iniciais nortearam as entrevistas, as quais buscavam abordar a relação das mulheres pesquisadoras com o futebol e o ambiente acadêmico. Queríamos saber: como elas se envolveram com o futebol e com o mundo acadêmico; quais os temas de pesquisa sobre futebol desenvolvem; se são convidadas a falar sobre futebol em contextos acadêmicos e/ou midiáticos e sobre quais temas; se a temática de gênero aparece no cotidiano delas; quais as dificuldades encontradas por elas em serem pesquisadoras do futebol; e como avaliam a participação de mulheres nos estudos sobre futebol.

Nesse sentido, recorreremos à história oral, mais como postura ética de pesquisa do que como técnica no tratamento das entrevistas, uma vez que o que nos interessava ao conversar com as entrevistadas era acessar algo da subjetividade das mesmas sobre a temática do ser pesquisadora. Dessa forma, não coletamos dados, dialogamos com outras experiências.

Essa postura de pesquisa permeou os procedimentos com as entrevistadas e também o processo de construção do artigo, durante o qual somos pesquisadoras de futebol falando sobre pesquisadoras de futebol. E, se reconhecemos que a neutralidade dos autores é algo impossível, mesmo em outros casos, nessa pesquisa, reconhecemos que somos,

inequivocamente, parte da fonte que pesquisamos, assim como reconhecemos as pesquisadoras entrevistadas, de certo modo, também como interlocutoras no processo de construção desse texto<sup>52</sup>.

## 1. Considerações sobre a presença de mulheres na Academia

Historicamente, o campo da ciência foi entendido e construído como uma atividade realizada por homens. Segundo Leta (2003), apenas a partir da segunda metade do século XX se percebem mudanças mais agudas no que tange ao acesso de mulheres à educação científica e a carreiras nesse campo. Ainda que seja possível identificar mulheres cientistas em períodos anteriores, comumente, a elas era imposto que assumissem funções de suporte ou interlocução de pesquisadores homens, e/ou eram vistas à margem destes.

O processo de conquista das mulheres no ambiente acadêmico-científico foi paulatino e relaciona-se com a luta feminista mais ampla. Reivindicações relacionadas a uma extensa gama de questões como usos do corpo, sexualidade, família e trabalho emergiram a partir da década de 1960 em várias partes do mundo, no que se costuma definir como a Segunda Onda do Feminismo. Segundo Costa (2005), na América Latina o movimento emerge em 1970, em meio à vivência de governos ditatoriais em muitos países, estando ligado também aos movimentos de oposição aos Regimes. Entre outros desdobramentos, implicou em uma maior incorporação das mulheres no mercado de trabalho e na ampliação do sistema educacional.

Também na década de 1970 e, principalmente, na de 1980 pesquisas sobre gênero e ciência passam a ganhar destaque, colocando em pauta a invisibilidade e a sub-representação das mulheres na produção do conhecimento (LETA, 2003). Tais trabalhos deram visibilidade a essa questão, além de questioná-la e trazerem discussões com vias a desconstrução do pressuposto de que as mulheres não estavam na ciência por desinteresse ou incapacidade vinculados à uma natureza feminina.

As mudanças de lá para cá são evidentes. Dados de 2013, mostram que nos anos de 2010 a 2013 as mulheres representaram mais de 50% dos/as ingressantes e dos/as concluintes de cursos de graduação no Brasil (CENSO, 2015). A tabela abaixo expõe as variações desse percentual conforme a área de conhecimento a que o curso se insere:

**TABELA 1 - Número Total e Percentual de Ingressos e Concluintes de Graduação, por Sexo, segundo a Área Geral do Conhecimento – Brasil – 2013**

Área Geral do Conhecimento	Ingressos <sup>53</sup>			Concluintes <sup>54</sup>		
	Total	% M	% H	Total	% M	% H
Total Geral	2.742.950	56,1	43,9	991.010	60,6	39,4
Agricultura e Veterinária	56.957	47,8	52,2	19.111	43,9	56,1
Ciências Sociais, Negócios e Direito	1.133.115	56,9	43,1	439.250	58,3	41,7
Ciências, Matemática	177.229	29,8	70,2	55.176	32,5	67,5

<sup>52</sup> Nesse ponto, concordamos com o que coloca Portelli sobre a história oral, entendendo que “informantes são historiadores, de certo modo; e o historiador é, algumas vezes, uma parte da fonte (PORTELLI, 1997, p.38).

<sup>53</sup> Corresponde ao total de vínculos de aluno com ano de ingresso no curso superior igual ao ano de referência do Censo (2013).

<sup>54</sup> Corresponde à soma de vínculos de aluno a um curso superior igual a “formado”.

e Computação						
Educação	468.747	71,2	28,8	201.011	76,3	23,7
Engenharia, Produção e Construção	402.978	31,9	68,1	80.850	30,2	69,8
Humanidades e Artes	65.359	55,3	44,7	27.172	57,5	42,5
Saúde e Bem-Estar Social	341.340	75,7	24,3	139.880	76,8	23,2
Serviços	83.550	59,8	40,2	28.560	60,7	39,3
Não aplicável <sup>1</sup>	13.675	49,9	50,9			

Fonte: Censo da Educação Superior. Inep/Deed.

<sup>1</sup> Não aplicável: Corresponde à Área Básica de Ingresso – ABI

Nota: M = Mulheres; H= Homens

Verifica-se nessa tabela que áreas entendidas como tradicionalmente masculinas – caso principalmente da “Engenharia, Produção e Construção” – ainda são majoritariamente ocupadas por homens. Já no caso das mulheres, o estereótipo de sua adequação a atividades relacionadas ao cuidado indicaria sua predominância em áreas vinculadas à educação, saúde e assistência social, o que se evidencia, sobretudo, nos altos valores percentuais de mulheres na área de “Saúde e Bem-Estar Social”.

No âmbito da pós-graduação, por sua vez, observando a quantidade de mestres e doutores no país, verificamos diferenças entre homens e mulheres na continuidade em uma carreira acadêmica. Segundo dados de 2010<sup>55</sup>, as mulheres representam 52% dos mestres ou doutores do país. Contudo, ao comparar o percentual de mestres e doutores, elas mantêm-se como maioria apenas entre os mestres. Elas são 54% dos mestres e 48% dos doutores.

O cenário referente aos professores universitários, aqueles que hoje produzem a maior parte das pesquisas no Brasil, opõem-se ao que se observa entre seus alunos de graduação. Se o alunato total é majoritariamente feminino, no caso do corpo docente há um predomínio masculino: os homens representam 55% do total de funções docentes<sup>56</sup> em exercício no Brasil (CENSO, 2015).

Velho e León (1998), em pesquisa na qual analisam quatro institutos da Unicamp<sup>57</sup>, notaram também que, no cenário estudado, menos mulheres atingem estratos mais elevados da carreira e, em média, levam mais tempo para ascender a cada nível. Tendo em vista que a progressão de tais profissionais ocorre a partir de tempo de serviço e produtividade, foi possível identificar, como justificativa para o fato, uma produção científica inferior por parte das mulheres. A partir de entrevistas com algumas pesquisadoras, as autoras contextualizaram tal dado identificando como demandas domésticas e familiares, tradicionalmente impostas às mulheres, fazem com que muitas delas não possam se dedicar da mesma forma que os homens à academia.

Melo e Oliveira (2006) analisaram um outro cenário relevante à nossa discussão, o dos integrantes de grupos de pesquisa. Ao observarem os grupos registrados no CNPq, novamente encontraram um maior percentual de homens, além de verificarem que o predomínio de homens e mulheres em certas áreas de conhecimento também tende a corresponder à

<sup>55</sup> Dados do CNPq, divulgados no site da Revista Galileu. Disponível em: <<http://revistagalileu.globo.com/Multimedia/Infograficos/noticia/2015/06/analizamos-os-cursos-de-pos-graduacao-no-brasil2.html>>. Acesso em 2 de julho de 2016.

<sup>56</sup> A função docente representa o vínculo com uma instituição de ensino.

<sup>57</sup> Instituto de Física (IF), Instituto de Química (IQ), Instituto de Biologia (IB) e Instituto de Ciências Humanas e Sociais (IFCH).

expectativa referente a atividades ditas masculinas ou femininas, conforme é possível verificar na tabela abaixo.

**TABELA 2 - Brasil, número de pesquisadores e sexo, segundo área do conhecimento do grupo de pesquisa (%)**

Área do Conhecimento	2002			2005/04-2006*		
	Total	% M	% H	Total	% M	% H
Ciências Agrárias	100	32,49	67,51	100	34,48	65,34
Ciências Biológicas	100	52,44	47,55	100	52,59	47,18
Ciências da Saúde	100	58,13	41,86	100	58,32	40,95
Ciências Exatas e da Terra	100	30,77	69,20	100	31,64	68,06
Ciências Humanas	100	60,20	39,77	100	59,81	39,55
Ciências Sociais Aplicadas	100	47,36	52,61	100	45,88	53,34
Engenharias	100	24,49	75,51	100	25,41	74,30
Linguística, Letras e Artes	100	68,27	31,73	100	66,26	33,04
Total	100	45,57	54,41	100	46,3	53,22

Fonte: Diretório dos Grupos de Pesquisa, CNPq, 2006 (<http://dgp.cnpq.br/planotabular/>).

Nota: O total inclui pesquisadores cujo sexo não foi identificado.

\*os dados de 2006 se referem à base atualizada em 01/04/2006.

Além da escolha de determinados cursos, os essencialismos acerca de habilidades e competências de um ou outro sexo parecem influenciar, também as subáreas de um curso às quais os pesquisadores se dedicam. Também na pesquisa de Velho e León (1998) há alguns exemplos disso. Pesquisadoras da química, por exemplo, justificam o maior número de mulheres na química orgânica em relação à inorgânica por envolver menos química e matemática, disciplinas cujo gosto e habilidade são associados aos homens.

Outras colaboradoras do trabalho afirmaram, ainda, que tópicos de pesquisa entendidos como menos importantes costumam ser “empurrados às mulheres”<sup>58</sup> (VELHO; LEÓN, 1998, p.327).

Nessa circulação de homens e mulheres pelo meio acadêmico, cabe pontuar que cada área é marcada por suas especificidades. Os estudos do futebol, tomados pelo viés das Ciências Humanas e Sociais, vêm sendo empreendidos em diversas disciplinas, como Educação Física, História, Antropologia, Letras, entre outros. Assim, há diferenças entre as barreiras encontradas para as pesquisadoras de cada campo<sup>59</sup>.

<sup>58</sup> A fala é exemplificada a partir de uma pesquisadora das Ciências Sociais que, em um projeto de pesquisa no qual era a única mulher, conta que foi responsável pelo subtema da cultura e ideologia, ficando com os colegas homens os subtemas considerados mais valorizados, como economia, política e o Estado.

<sup>59</sup> Destacamos que, via de regra, o futebol não é visto como fenômeno social de maior importância no meio acadêmico. Em muitas áreas ele é preterido ante estudos relacionados à Economia, Política e Saúde. No âmbito da Educação Física, por sua vez, onde o esporte é comumente valorizado, é a perspectiva das Ciências Humanas

A fim de verificar a participação das mulheres em pesquisas especificamente sobre futebol, fizemos um levantamento de mulheres que são líderes de grupos que tratam do assunto, seja de forma central ou dentre outras temáticas<sup>60</sup>.

De um total de 61 grupos levantados, identificamos 13 com mulheres em ao menos um dos postos de líder, das quais verificamos que 10 efetivamente se envolveram em algum momento de suas carreiras com pesquisas sobre futebol. Abaixo expomos tais grupos:

**TABELA 3 – Grupos de pesquisa que envolvem o tema futebol e que possuem líderes mulheres**

INSTITUIÇÃO	GRUPO	LÍDER	2º LÍDER	ÁREA PREDOMINANTE
Universidade Federal do Rio Grande do Sul	Grupo de Estudos sobre Esporte, Cultura e História (GRECCO)	<b>Silvana Goellner</b>	-	Ciências da Saúde; Educação Física
Universidade Federal Fluminense	Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre Esporte e Sociedade (NEPESS)	Luiz Fernando Rojo Mattos	<b>Leda Maria da Costa</b>	Ciências Humanas; Antropologia
Universidade Federal do Rio de Janeiro	Sustentabilidade Ambiental Urbana	Luiz Pinguelli Rosa	<b>Sylvia Meimaridou Rola</b>	Ciências Sociais Aplicadas
Universidade Federal do Pernambuco	Observatório de Gênero, Democracia e Direitos Humanos	<b>Soraya Maria Bernardino Barreto Januário</b>	-	Ciências Sociais Aplicadas
Universidade Federal de Santa Catarina	Núcleo de antropologia visual e estudos da imagem/ Grupo de Antropologia (NAVI)	Alex Giuliano Vailati	<b>Carmen Silvia Rial</b>	Ciências Humanas
Universidade Estadual de Campinas	Grupo de Estudos e Pesquisas de Futebol (GEF)	<b>Heloisa Helena Baldy dos Reis</b>	Osmar Moreira de Souza Júnior	Ciências Humanas
Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho	Grupo de Estudos e Pesquisa do Futsal e Futebol	<b>Camila Buonani da Silva</b>	-	Ciências da Saúde

que provoca certo descrédito, linha por vezes vista como menos relevante ou menos científica que as discussões no âmbito das Ciências Biotônicas.

<sup>60</sup> Informações levantadas a partir da base do Diretório de Grupos do CNPq, no mês de maio de 2016, utilizando “futebol” como palavra-chave para a busca. Selecionamos os grupos que continham a palavra-chave no nome e/ou nas linhas de pesquisa e/ou no resumo do grupo.

Universidade Federal do Paraná	Grupo de Estudos sobre Dinâmicas Metropolitanas (GEDiMe) <sup>61</sup>	Madianita Nunes da Silva	<b>Olga Lúcia Castreghini de Freitas Firkowski</b>	Ciências Humanas
Universidade Federal de Santa Maria	Análise dos cenários esportivos na mídia	Antonio Guilherme Schmitz Filho	<b>Bruna Bellinaso</b>	Ciências da Saúde
Universidade Federal de Ouro Preto	Controle e automação industrial	<b>Karla Boaventura Pimenta Palmieri</b>	-	Engenharias

Fonte: elaborada pelas autoras.

Das pesquisadoras listadas apenas duas não trabalham na perspectiva das Ciências Humanas e Sociais, sendo elas Camila Buonani da Silva, cuja produção referente a futebol concentra-se na análise da composição corporal de jogadores, e Karla Boaventura Pimenta Palmieri, que trabalha com o desenvolvimento de robôs jogadores de futebol.

Destacamos, ainda, que, dessas dez pesquisadoras, duas, Silvana Goellner e Soraya Maria Bernardino Barreto Januário, focam na participação das mulheres e nas relações de gênero em suas pesquisas.

Ainda que esse conjunto de acadêmicas represente apenas uma pequena parte de todas aquelas que vêm pesquisando futebol no país, é um quadro que fortalece os indícios de que há pesquisadoras envolvidas nessa temática, inclusive em posições de protagonismo, e que elas não vêm se restringindo a pesquisar mulheres. Essa informação vem ao encontro da proporcionalidade de mulheres pesquisadoras do futebol não envolvidas – ou, não envolvidas somente – com os estudos de gênero que encontramos em um levantamento prévio (DANTAS e ANJOS, 2016) no qual das 40 pesquisadoras que escreveram para a sessão Arquibancada<sup>62</sup> do *site* Ludopédio<sup>63</sup>, 29 falam em seus textos de assuntos ligados ao futebol praticado por homens e sem discutir gênero.

Cabe destacar, ainda, que o nome de Simoni Lahud Guedes é diversas vezes evocado no reconhecimento de uma vanguarda nos estudos sobre o futebol no âmbito das ciências humanas e sociais (TOLEDO, 2001)<sup>64</sup>. Ao lado de Carmen Rial (Brasil), Beatriz Vélez (Colômbia), Maria Graciela Rodríguez (Argentina) e Verônica Moreira (Argentina), a antropóloga se destaca pelo pioneirismo e pela continuidade dos estudos sobre o futebol na área da Antropologia na América Latina (ALABARCES, 2014).

Além de Simoni Guedes, identificamos outras três pesquisadoras professoras de universidades públicas desde antes dos anos 2000 que se dedicam aos estudos sobre futebol: Carmen Rial (UFSC), também antropóloga, e as professoras de educação física Heloísa Helena Baldy dos Reis (Unicamp) e Silvana Goellner (UFRGS).

Interessante notar que 2 dessas 4 mulheres –Rial e Goellner – se dedicam centralmente aos estudos sobre gênero. Já entre as pesquisadoras identificadas como pioneiras por

<sup>61</sup> O GEDiMe possui duas líderes mulheres, sendo que apenas Olga Lúcia Castreghini de Freitas Firkowski atua com o tema futebol.

<sup>62</sup> Sessão de periodicidade semanal que publica textos relacionados à temática futebolística, independente das posições teóricas e ideológicas adotadas pelo autor.

<sup>63</sup> [www.ludopedio.com.br](http://www.ludopedio.com.br)

<sup>64</sup> A pesquisadora iniciou seus estudos no início dos anos 1970 a partir de uma dissertação de mestrado em que tratou das relações entre copa do mundo e identidade nacional.

Alabarces (2015), em duas das cinco, Carmen Rial e Maria Graciela Rodrigues, as discussões sobre gênero aparecem com maior destaque e frequência<sup>65</sup>.

Esses mapeamentos indicam que, dentre as mulheres que estudam futebol no Brasil, embora aquelas que estudam gênero tenham mais visibilidade, a maioria das está envolvida com trabalhos que não envolvem tal discussão.

Tendo isso em vista, realizamos entrevistas com duas pesquisadoras envolvidas com os estudos sobre futebol que não têm em suas trajetórias o trabalho com gênero ou com mulheres como tema central de suas pesquisas.

## 2. As pesquisadoras entrevistadas

Sarah é mineira, formada em Educação Física pela Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG) e mestre em Estudos do Lazer pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Começou seus estudos sobre futebol há três anos, quando iniciou seu doutorado, também na UFMG. A pesquisadora integra o Grupo de Estudos sobre Futebol e Torcidas (GEFuT). Seus trabalhos se desenvolvem principalmente na área da história do futebol. Sua tese tem como temas o amadorismo e profissionalismo em Minas Gerais – principalmente o período que sucede o momento da transição do futebol amador para o profissional, após 1933 – e as tensões que envolvem o ajuste dos clubes a esse processo. Além disso, Sarah já produziu artigos sobre estádios, rivalidade entre torcidas e os primórdios do futebol em Belo Horizonte.

A outra pesquisadora entrevistada, a carioca Leda, cursou graduação e Mestrado em Letras, e Doutorado em Literatura Comparada, todos na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) e é integrante do Núcleo de Estudos e Pesquisas Sobre Esporte (NEPESS/UFF) e do Grupo de Pesquisas Esporte e Cultura (FCS/ UERJ). Ela vem pesquisando futebol há 12 anos, tendo iniciado esse enfoque também a partir de seu doutoramento. Sua pesquisa de tese tratou da seleção brasileira e seus vilões, aqueles jogadores aos quais a culpa da derrota em Copas do Mundo foi atribuída. A pesquisadora resume seus interesses de pesquisa de forma objetiva em futebol e imprensa, torcida e gênero.

O interesse da imprensa perpassa seu entendimento de que o futebol espetáculo que experimentamos cotidianamente é mediado pelas representações construídas pelos meios de comunicação, muitas das quais apoiadas na literatura para a construção de narrativas acerca de jogadores, treinadores e torcedores.

No que tange às torcidas, ela tem se voltado ao que chama de torcidas contra-culturais do futebol, “torcidas que pregam o ‘não ao futebol moderno’ e que, se apropriam, desses espaços desses clubes pequenos, para experimentar um futebol fora do circuito midiático”.

As questões de gênero se centram na participação da mulher, sobretudo como torcedora, no universo do futebol. Leda vincula tal interesse à sua trajetória pessoal. Ela é torcedora do Vasco, identidade essa não apenas evidenciada, mas enfatizada ao longo de toda a entrevista.

Embora Leda tenha interesse nas relações entre gênero e futebol, verificamos que seus trabalhos se concentram na relação entre imprensa e esse mesmo esporte – sendo, inclusive esse, o mote pelo qual discute a própria participação das mulheres<sup>66</sup>.

---

<sup>65</sup> Não afirmamos com isso que as demais pesquisadoras neguem a possibilidade da discussão de gênero ou considerem a temática sem relevância, mas o que estamos levando em consideração aqui é a centralidade desse tema na maioria dos estudos.

<sup>66</sup> Na época na qual foi entrevistada a pesquisadora estava se dedicando mais ao tema das torcidas.

## 2.1. O encontro com o campo: aproximações e distanciamentos com os estudos sobre futebol e gênero

É comum que pesquisadores se envolvam com os estudos sobre futebol por gostarem muito de jogar e/ou de torcer, motivação essa percebida entre nossas entrevistadas.

Leda destaca sua paixão pelo futebol como motor do interesse pela pesquisa: “Antes de ser pesquisadora eu sou torcedora. E o meu interesse pelo futebol surgiu pela minha paixão pelo Vasco”. No caso de Sarah, tanto a experiência de jogar como de torcer delimitam essa relação anterior à pesquisa com futebol.

A primeira experiência acadêmica sobre futebol de Leda ocorreu no momento de escrita de seu trabalho de conclusão de curso. O trabalho envolveu a produção de um glossário dos principais termos usados no futebol, mostrando como esse linguajar penetrou a língua portuguesa para além do contexto esportivo. A satisfação da professora com o trabalho lhe surpreendeu. “Eu pensei ‘Nossa! Então é possível trabalhar com futebol na Academia! Uau!’” Apesar da aprovação da professora, Leda relata que, de forma geral, os fenômenos de massa são pouco explorados e pouco valorizados na Letras, onde o Letramento e a Literatura são privilegiados.

No mestrado ela acabou voltando-se para outra temática, mas no doutorado a discussão do futebol tornou-se uma condição para sua continuidade na pós-graduação: “eu conversei com meu então orientador que só seguiria no doutorado se ele aceitasse orientar uma tese que tivesse futebol como tema. E ele aceitou.”

A resistência da área parece reafirmada quando a pesquisadora explica que certos elementos facilitaram o aceite do orientador – sua formação híbrida e o fato de ser ex-jogador –, indicando que outros talvez não fariam o mesmo.

O início do doutorado coincide com a entrada no Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre Esporte e Sociedade (NEPESS). A partir desse grupo, o qual hoje ela lidera ao lado do prof. Luiz Fernando Rojo, ela passou a frequentar fóruns de pesquisa sobre o futebol, passando a conhecer outros pesquisadores do tema. A importância do NEPESS é enfatizada por ela, sendo este descrito como um espaço extremamente importante da construção da “Leda como pesquisadora de futebol”.

No caso de Sarah, também o grupo do qual faz parte, o Grupo de Estudos sobre Futebol e Torcidas (GEFuT) representou um importante espaço de diálogo e formação, sendo que alguns colegas, inclusive, se tornaram parceiros de produção de textos acadêmicos.

Sendo a pesquisa sociocultural sobre futebol um tema pouco abordado e, sobretudo, valorizado tanto na Letras, quando na Educação Física, é possível imaginar que a presença desses interlocutores tenha sido importante para motivar a continuidade dessas pesquisadoras nesse objeto de pesquisa, o que parece se confirmar pela fala de ambas.

Embora o intuito das autoras desse texto tenha sido realizar entrevistas com mulheres que não tivessem os estudos de gênero como tema principal de pesquisa, acabamos nos deparando com o fato de que esses estudos, de maneiras e temporalidades diferentes, passaram em algum momento pela vida acadêmica das entrevistadas.

Leda cita logo de início essa relação, pois se deu dentro dos estudos sobre o futebol. A possibilidade de voltar-se para os estudos das mulheres no futebol interpelou-a logo que decidiu estudar esse esporte no doutorado. Seu primeiro projeto tinha como o tema o futebol feminino. Assim ela explica a escolha inicial:

Essa ideia do futebol feminino, ela foi uma ideia que partiu mais até do meu orientador do que propriamente de mim. Ele achava que o tema estava pouco explorado e que eu deveria tentar isso no doutorado, falar sobre esse tema. Também

porque eu era mulher e eu poderia contribuir, de algum modo, com a minha experiência nesse âmbito.

Não deixando de reconhecer a possibilidade e relevância do futebol feminino como tema, cabe pontuar que Leda, apesar de mulher, não era praticante de futebol. Assim, sua afinidade com questões acerca do futebol masculino, do qual ela era assídua assistente e torcedora, a princípio, parecem mais evidentes. Nos parece que há certa expectativa de que as mulheres busquem estudar as especificidades das experiências das próprias mulheres e não questões referentes aos homens ou, ainda, fenômenos do futebol que não envolvem relações de gênero.

Nesse processo, os objetos que se referem a vivências pautadas pelo gênero – feminino ou masculino – parecem entendidos como algo concernente às mulheres, para serem discutidos entre elas. E os outros assuntos, ligado ao futebol jogado – e administrado – por homens são tratados como “sem gênero”, mas explorados, por fim, pelos homens.

Com Sarah a aproximação com os estudos sobre gênero se deram antes de seu encontro acadêmico com o futebol, como relata:

Eu comecei estudando gênero. Porque eu fui estudar na minha monografia os papéis atribuídos a meninos e meninas na educação física escolar. Era a minha paixão estudar gênero. Daí quando eu fui fazer minha especialização, eu fui estudar gênero no carnaval, porque era outra coisa que me chamava muito a atenção. O gênero na festa. Como homens e mulheres eram representados, como eram vendidos pela publicidade. Mas na especialização eu não foquei tanto no estudo de gênero, foquei mais no corpo jovem na festa. É óbvio que apareceram uma série de questões sobre gênero. E aí, tendo contato com o carnaval, eu tive vontade de estudar a história do carnaval. E aí uma coisa foi puxando a outra. E eu fui cansando dessa coisa de corpo e de gênero e aí fui estudar a história do carnaval de Ouro Preto, a transformação da festa que, de alguma forma, envolve a transformação dos corpos também.

Notamos que, apesar de não terem os estudos de gênero como algo central em suas trajetórias, em algum momento essas questões se tornaram objeto de estudo para essas mulheres. Talvez, porque, assim como a paixão pelo futebol as tornou sensíveis a questões que atravessam esse campo, o ser mulher no mundo também as tornaram sensíveis às questões de gênero. Uma fala de Leda ilustra essa aproximação que ocorre a partir de suas experiências de vida:

[...] Eu tenho muito interesse porque, por experiência própria, não é fácil ser mulher e gostar de futebol, e se interessar por futebol. Recai sobre você um certo descrédito, recai sobre você uma certa desconfiança de que você não entende, de que você está ali porque está observando um jogador bonito, porque você é uma maria-chuteira...

Indo ao encontro do que Deleuze-Guattari (1995) denominaram de ciência nômade – que não se pretende totalizadora e reconhece a inexistência de neutralidade absoluta no processo científico – mulheres acabam percebendo objetos (ou sujeitos) científicos mais facilmente pela aproximação cotidiana com as questões de gênero em sua vida, o que pode fazer parecer “natural” que muitas mulheres se aproximem desse campo.

Como efeito contrário a essa observação, talvez, por isso o campo dos estudos de gênero não seja povoado por homens que se aproximam mais do padrão heteronormativo, e seja, majoritariamente, ocupado por mulheres – independente do atravessamento da sexualidade – e por homens homossexuais, que, por estarem cotidianamente em enfrentamento com construções de gênero relacionadas a masculinidade, também se aproximam desse campo. Esse pensamento explicita, talvez, um dos motivos porque as mulheres acabam se tornando notórias nesse campo de estudos.

## 2.2. Falando sobre futebol em eventos públicos: entre incômodos e estranhamentos

Um segundo ponto abordado nas entrevistas foi sobre a circulação dessas mulheres no meio acadêmico e midiático falando sobre o assunto futebol. Sobre essas experiências, Sarah menciona episódios nos quais tratou de Copa do Mundo, de sua tese e sobre a rivalidade Cruzeiro x Atlético. Em nenhuma das ocasiões de apresentação pública Sarah foi solicitada a falar de questões relacionadas a gênero.

Já no caso de Leda, apesar de a maioria de suas pesquisas voltarem-se para temas que não envolvem as mulheres, ela conta que os convites para falas, sobretudo de veículos da mídia, são quase exclusivamente para abordar tal questão. Além disso, a pesquisadora afirma ser recorrente que se pergunte acerca da participação feminina também quando está tratando de outras pesquisas. Se, por um lado, a pesquisadora reconhece que o fato dela ser mulher influencia na realização de tais questionamentos, por outro, identifica uma “demanda por uma participação mais efetiva da mulher nos diversos níveis do futebol”, o que motiva o surgimento de interpelações relativas a elas.

É muito difícil tratar o futebol hoje, em qualquer nível que seja, sem tocar em determinados assuntos: racismo, homofobia e o papel que a mulher assume no futebol. Hoje é muito difícil falar, o que é um aspecto positivo. Significa que as pessoas estão sentindo um pouco falta de falar sobre isso. Significa que de que algum modo há uma reivindicação para que se pense um pouco mais sobre o status da mulher no futebol então acaba sendo um assunto um pouco inevitável.

Se por um lado, Sarah comenta que nunca foi questionada acerca de questões relativas a mulheres e gênero em suas falas públicas, ela percebe outras reações nesses eventos relacionadas com o fato de ser mulher:

Se vale a minha percepção subjetiva, eu acho que há sim um estranhamento das pessoas quando você vai falar. Por exemplo, quando há uma chamada na faculdade que vai se falar de futebol e aparece o nome de uma mulher. Há um estranhamento, pelo menos pela minha percepção pessoal, porque não se é esperado. Não que eu tenha sido desrespeitada alguma vez, não isso. Mas você percebe um certo olhar diferente. [...] Mas nunca me questionaram diretamente.<sup>67</sup>

Esse estranhamento em relação a uma mulher falar sobre futebol - visto como algo incomum, quando não impensável – é notado por ambas as entrevistadas como algo que tem intensidades diferentes conforme o ambiente e o público para o qual se fala. O estranhamento é reconhecido por Sarah como maior quando o assunto não é o futebol de mulheres e/ou gênero.

[...] E eu não falo de temáticas de mulher, de gênero. Seria mais comum assistir uma palestra na qual a mulher falaria de uma coisa voltada para uma discussão de gênero em relação a mulher. Mas eu trato de assuntos muito gerais em relação ao futebol. Já aconteceu, por exemplo, mas isso não no contexto acadêmico, de ficarem surpresos com as informações que eu tenho – históricas –, porque as pessoas nunca esperam isso. Mas isso mais em contextos do dia-a-dia. Talvez se fosse um homem com essas informações [...] acredito eu que não assustaria, ter um conhecimento mais aprofundado sobre isso.

<sup>67</sup> Essa fala de Sarah vai ao encontro de impressão similar relatada por Simoni Guedes em entrevista concedida ao site Ludopédio. Disponível em: <<http://www.ludopedio.com.br/entrevistas/simoni-lahud-guedes/>>. Acesso em 20 de junho de 2016.

Leda relata similar sensação de surpresa e estranhamento por parte de um público ouvinte com relação a sua posição de uma estudiosa, e, portanto entendedora, do futebol. A pesquisadora afirma que, com frequência, escuta afirmações em tom de surpresa: “‘Nossa! Você é mulher e gosta de futebol?!’, ‘Nossa, você é mulher e entende de futebol?!’. Mesmo em seminários. Em algum momento vai se fazer esse tipo de comentário”. Ainda sobre a reação dos outros quanto ao seu conhecimento do futebol, Sarah acrescenta:

O fato de você ser mulher assusta as pessoas, como se esse conhecimento não fosse permitido para a gente. É como se você fosse um ser extraterrestre e aí essa questão aflora quando você vai trabalhar no meio acadêmico. As pessoas ficam te olhando um pouco desconfiadas. O olhar da desconfiança e do não pertencimento àquele lugar. Embora isso não seja muito explícito, em forma de preconceito ou de alguma outra violência. As pessoas não me agradem nem nada. Mas eu sinto muito isso.

Há ainda uma diferença mencionada pelas entrevistadas, em relação a essa questão do estranhamento, conforme o perfil do público assistente. Ambas notam que esse estranhamento tende a ser maior conforme a distância do público dos estudos sobre o futebol na área das Ciências Humanas e Sociais. Os pares tendem a estranhar menos ou a demonstrar menos estranhamento, enquanto o público não acadêmico tenderia a expressá-lo mais. Ambas também reparam que, apesar desse estranhamento, não chegaram a viver situações de agressão verbal mais contundentes em relação a isso em nenhum dos dois contextos. Sobre essa questão, Sarah disse:

Então, assim, acho que no meio acadêmico do futebol não tem tanto essa coisa. As pessoas sabem o que as mulheres estudam e isso não é nenhuma barreira. Mas quando você vai para um outro lugar, aí gera um estranhamento. E aí é um pouco a questão que eu tentei abordar naquele texto<sup>68</sup>, dessa distância entre meio acadêmico e outros meios. Tanto entre o nosso núcleo que estuda<sup>69</sup> ou em outros núcleos. Porque no nosso núcleo isso é uma coisa comum, mas você vai em outros espaços isso é uma coisa estranha ainda, a mulher tratando de temas como o futebol. Claro que no meio acadêmico, em um congresso e tal, as pessoas tem mais trato com isso. Mas quando são pessoas que estão ali, todas apresentando um trabalho. Agora, quando você vai, como eu disse, em uma palestra, em uma universidade, trabalhar com meninos de graduação, um outro público, isso causa estranhamento. Você percebe um olhar um pouco duvidoso daquilo que você está falando, num certo enfrentamento que é pacífico, mas ele existe. Como mulher eu sinto umas coisinhas assim nesse sentido.

O estranhamento, por vezes, pode estar até mesmo em um objeto de pesquisa em potencial. Sobre isso, Leda afirma que dificilmente conseguiria pesquisar torcidas organizadas, por exemplo. Ela conta que no convívio com esse grupo teria que suportar “ouvir gracinhas”, o que não iria aguentar.

Para além de ser “autorizada” ou não pelo público ao falar de futebol, Sarah percebe, ainda, que as questões de gênero são vistas como “coisas que mulheres têm que tratar e os homens não”.

Assuntos que as pessoas jogam para as mulheres como se as mulheres tivessem que tratar. Não que não seja importante tratar, mas acho que isso é colocado mais ou menos assim: é a mulher que tem que tratar de questões relacionadas a gênero. E não é isso.

<sup>68</sup> Sarah se refere a um texto recém-escrito e que na ocasião da conclusão do presente artigo ainda não havia sido publicado.

<sup>69</sup> Sarah se refere ao GEFuT.

É interessante perceber como esse pressuposto – de que cabe às mulheres pesquisar gênero – parece partir da noção de que o gênero é uma categoria de análise que serve exclusivamente às mulheres, o que não procede. Ainda que, de fato, esse conceito, em um sentido político, tenha sido elaborado dentro do movimento feminista, em função de uma demanda das mulheres, ele contempla a análise de feminilidades e masculinidades, rompendo com perspectivas biologizantes e singulares sobre o ser *mulher* e também o ser *homem* (VEIGA; PEDRO, 2015).

### 2.3. A participação das mulheres nos estudos acadêmicos sobre futebol na atualidade

Leda, ao avaliar o contexto acadêmico atual, afirma haver um número muito maior de mulheres no seu grupo de pesquisa, nos eventos a que atende e no contexto do futebol de forma geral, ao que a pesquisadora demonstra satisfação:

A diversidade é sempre boa né? É muito ruim você entrar num lugar e só ter você [de mulher] lá ou só ter no máximo uma outra pessoa. É uma coisa meio solitária. É uma coisa meio angustiante. Você se sente... mesmo que de fato não aconteça nenhum tipo de impedimento, você se sente mal. Você se sente solitário. É estranho. É uma sensação estranha. Você pensa "Nossa, cadê as mulheres? Cadê a diferença?" Hoje em dia com relação a isso é bem mais confortável. Graças a Deus!

Essa fala enfatiza a importância da presença de mulheres para que as mesmas se sintam pertencentes e à vontade no espaço do futebol, na Academia ou fora dela. Seu relato acerca de seu ingresso em grupos de pesquisa compostos majoritariamente por homens, no início de sua trajetória, reforça tal argumento.

Eu lembro que quando eu comecei a pesquisar, quando eu entrei no NEPESS, na UFF, era um mar de homens. Quando eu entrei no grupo de pesquisa também do Victor Andrade<sup>70</sup>, o Laboratório do esporte<sup>71</sup>, do IFCS, lá da UFRJ, era um mar de homens. E a sociabilidade masculina ela tem suas dimensões. Nem sempre é fácil de você interagir. Não foi fácil ser pesquisadora nesse sentido.

Sua fala indica que a presença majoritária de homens promovia naquele espaço modos de relação próprios de espaços de homosociabilidade masculina<sup>72</sup>, geralmente pautados em uma espécie de pedagogia da masculinidade viril, onde os homens sentem-se imbuídos a executar práticas de reafirmação dessa masculinidade, envolvendo falas e gestos rudes e obscenos (OLIVEIRA, 2008).

O interesse pelo futebol pode, ainda, funcionar como combustível para tais relações. Isso porque a sociabilidade futebolística envolve, frequentemente, relações de jocosidade nas quais trocas de ofensas entre os envolvidos, entendidas como brincadeiras, são previstas e autorizadas, e entre os insultos mais recorrentes estão aqueles nos quais se desqualifica a masculinidade do outro, acusando-o de homossexual ou associando-o à atitudes e comportamentos ditos femininos (GASTALDO, 2005), o que pode ser entendido como um ambiente hostil às mulheres.

Apesar de apontar tais dificuldades em sua inserção, Leda deixa claro que nunca sofreu discriminação e que sempre foi muito bem tratada, reafirmando o apontamento anterior

<sup>70</sup> Victor Andrade de Melo.

<sup>71</sup> Sport: Laboratório de História do Esporte e do Lazer.

<sup>72</sup> Espaços onde homens “vivem momentos de iniciação ao mundo do homem adulto e “macho”: inicia-se no compartilhamento de segredos sobre vida sexual ativa, na ingestão de bebidas alcoólicas, em provas de coragem frente as provocações e rivalidades, entre outras modalidades” (OLIVEIRA, 2008, p.62).

de que nos contextos acadêmicos, ainda que predominantemente masculinos, as entrevistadas não foram alvo de exclusão ou preconceito explícitos, segundo suas percepções. Ela caracteriza a dificuldade de sua inserção, assim, como um estranhamento seu.

Quanto a participação de mulheres nas pesquisas sobre futebol, é interessante notar as diferenças entre as visões das duas entrevistadas. Leda, partindo de um referencial comparativo do início de sua trajetória de estudos do futebol, celebra um expressivo aumento, enquanto Sarah, pautando-se na análise da atualidade e, de certo modo, comparando aos homens, identifica uma baixa representação.

[Luiza] Como você avalia a participação das mulheres nas pesquisas sobre futebol?

[Leda] Tem melhorado  *muito*! Tô espantada e feliz com isso! Eu lembro que quando eu comecei a pesquisar, quando eu entrei no NEPESS, na UFF, era um mar de homens. [...] Mas hoje em dia eu acho que houve um crescimento qualitativo e quantitativo de pesquisadoras e de pesquisas sobre a mulher e o esporte, e a mulher e o futebol. Temos hoje a Katia Rubio, a Simoni Guedes, que é a minha ídola intelectual, que é uma precursora dos estudos sobre esporte, tem uma produção absolutamente fundamental para quem quer falar sobre futebol, mas ela não está mais isolada. Ela está cercada de outras pesquisadoras que falam sobre assuntos diversos que vão desde algo relacionado ao universo feminino e os esportes a outros assuntos.

[Sarah] Estou tentando pensar nas mulheres que produzem ainda... eu acho que não são muitas, não sei se você concorda. Eu não consigo ter um panorama, eu não saberia dizer, no país, como está a produção das mulheres, essa participação. Agora, uma coisa eu posso dizer: posso contar nos dedos, ainda mais na história, eu acho que só tenho duas referências de trabalhos feitos por mulheres em toda a minha tese. A grande maioria são homens. Eu não sei o que isso pode nos dizer, eu só sei dizer dessa área da história. Mas, assim, eu já li muita coisa também, para poder fundamentar meu trabalho, e tirando a Simoni Guedes, tirando as pessoas do GEFuT, eu não consigo pensar em um nome muito forte. Tem a Leda, que a gente tem contato, mas eu não consigo pensar em um nome referência, tirando a Simoni Guedes. Por exemplo, hoje a gente tem um tanto de autores homens referência. Não vou citar, mas todo mundo que estuda futebol trabalha com uma série de homens referencias. E uma mulher referência, tirando a Simoni Guedes? Eu posso estar sendo injusta, pode ser um problema meu de não lembrar, mas eu não consigo. Então isso pode ser algo a ser problematizado, que diz de alguma coisa, é uma coisa que até merece ser mais pensada.

Não há, no entanto, uma contradição expressa entre as falas das entrevistadas. Se é possível afirmar que é crescente o número de mulheres estudando futebol, podemos pensar que, se comparado à quantidade de homens dedicados a mesma temática, há, de certo modo, ainda poucas mulheres.

### 3. Sobre a relação entre mulheres, o futebol e a pesquisa

Durante esse texto, expusemos algumas elaborações acerca da presença das mulheres no meio acadêmico e dialogamos com as experiências de duas mulheres acerca dos processos concernentes ao fazer pesquisa sobre futebol.

Mesmo sem o intuito de generalizar aquilo que nossas entrevistadas destacam em suas trajetórias, reconhecemos que uma experiência nunca é totalmente individual. Nesse sentido, no que tange às vivências relatadas marcadas pelo prisma do gênero, são situações, ainda que particulares, que emergem em um contexto social de desigualdades.

A partir de pesquisa bibliográfica, verificamos que ao longo dos anos há uma crescente inserção das mulheres no meio acadêmico, mas que a medida que observamos estratos mais avançados da formação de um/a pesquisador/a, assim como de postos na pesquisa (graduação – mestrado – doutorado e participação em grupos de pesquisa) o percentual de mulheres reduz. Além disso, expectativas acerca de lugares “mais apropriados” a homens e mulheres ainda se evidenciam nas escolhas de cursos, subáreas e temas de pesquisa.

Diante desse cenário, o futebol, entendido como prática tradicionalmente masculina, apresenta-se como uma temática cujo interesse se espera que surja entre homens. Às mulheres que optam por dedicar-se a tais estudos, paira a desconfiança e o estranhamento, fato apontado por nossas entrevistadas em algumas situações. A discussão das vivências das mulheres nesse esporte surge como uma alternativa às pesquisadoras, um tema cuja participação de mulheres é compreendida, aceita e, até mesmo, incentivada, numa compreensão de que o gênero seria um assunto e/ou categoria analítica de e para mulheres.

Tanto a Leda quanto a Sarah não possuem o tema gênero como algo central em seus estudos de maneira geral, porém, em algum momento da vida, ambas tiveram esses estudos em sua trajetória, seja por um interesse pessoal e/ou pelo incentivo externo.

Na fala de nossas entrevistadas, a dedicação, as oportunidades e interpelações para que pesquisadoras abordem questões relativas à mulheres e gênero relaciona-se com três elementos: uma demanda da sociedade por maior participação de mulheres no futebol e por mais reflexões sobre seu status nesse esporte; a construção de uma sensibilidade para esse tema por parte das pesquisadoras, que emerge a partir de suas experiências pessoais como torcedoras e/ou jogadoras; e um incentivo daqueles que as cercam de que elas opinem e se posicionem sobre a experiência específica das mulheres.

A partir de diferentes mapeamentos entre pesquisadoras que se dedicam ao futebol, identificamos que, embora as mulheres que estudam gênero tenham mais visibilidade no Brasil, a maioria delas estão envolvidas com trabalhos que não envolvem a discussão sobre mulheres e gênero.

Não estamos dizendo que não se deve falar sobre futebol feminino e gênero, nem que isso não seja importante e nem que, em alguma medida, o protagonismo feminino na discussão de gênero não seja relevante. Apenas enfatizamos que em outras discussões também pode e deve haver mulheres, não devendo ser aquele o único espaço que lhes é legitimado para pensar o futebol.

Somos a favor que as pessoas escrevam sobre o que queiram escrever. Mas é importante não perder de vista que esse “querer escrever” pessoal também é determinado por uma série de atravessamentos políticos e sociais que nos constituem como humanos, dentre eles as questões de gênero expostas aqui. Embora consideremos importantes os espaços para as mulheres e para se falar de gênero de maneira mais abrangente, pensamos ser igualmente interessante quando mulheres surgem em contextos que não foram “separados” para elas ou constituídos como um “oásis” por elas próprias.

## Referências

- ALABARCES, Pablo. **Heróes, machos y patriotas**. Buenos Aires: Aguilar, 2014.
- CENSO da educação superior 2013**: resumo técnico. Brasília: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, 2015.
- DANTAS, Marina de Mattos; ANJOS, Luiza Aguiar dos. Sobre o que pensam as mulheres? Notas sobre futebol, mulheres e pesquisa. **Ludopédio**, v.81, 2016. Disponível em: <

<http://www.ludopedio.com.br/arquibancada/sobre-o-que-pensam-as-mulheres-notas-sobre-futebol-mulheres-e-pesquisa-2/> >. Acesso em jun. 2016.

GASTALDO, Edison Luis. O Complô da Torcida: futebol e performance masculina em bares. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, v. 11, p. 107-123, 2005.

LETA, Jacqueline. As mulheres na ciência brasileira: crescimento, contrastes e um perfil de sucesso. **Estudos Avançados**, n.17, v.49, 2003.

MELO, Hildete Pereira de; OLIVEIRA, André Barbosa. A produção científica brasileira no Feminino. **Cadernos Pagu**, 27, julho-dezembro de 2006, pp.301-331.

OLIVEIRA, Marcelo José. **Entre amigos**: Antropologia da homossociabilidade masculina em camadas populares na periferia metropolitana da Grande Florianópolis. 2008. 199f. Tese (Doutorado em Antropologia Social) - Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2008.

TOLEDO, Luiz Henrique de. Futebol e teoria social: aspectos da produção científica brasileira (1982-2002). **Revista Brasileira de Informação Bibliográfica em Ciências Sociais**. São Paulo, n.52, p. 133-165, 2001.

VEIGA, Ana Maria; PEDRO, Joana Maria. Gênero. In: COLLING, Ana Maria; TEDESCHI, Losandro Antonio (Orgs.). **Dicionário crítico de gênero**. Dourados, MS: Ed. EFGD, 2015.

VELHO, Léa; LEÓN, Elena. A construção social da produção científica por mulheres. **Cadernos Pagu**, 10, 1998, pp.309-344.

## RELAÇÕES DE GÊNERO NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR: O CONTEÚDO FUTSAL COMO CAMPO DE INVESTIGAÇÃO

### *GENDER RELATIONS IN PHYSICAL EDUCATION SCHOOL: THE CONTENT FUTSAL AS A RESEARCH FIELD*

Mariana Cristina Borges Novais<sup>73</sup>

Tatiane de Paula Rodrigues<sup>74</sup>

Lídia dos Santos Zacarias<sup>75</sup>

Ludmila Mourão<sup>76</sup>

**Resumo:** Este trabalho propõe uma discussão acerca da temática gênero no contexto das aulas de Educação Física. A pesquisa foi desenvolvida no Colégio de Aplicação João XXIII na cidade de Juiz de Fora, em uma turma do sexto ano do ensino fundamental, com o objetivo de investigar como se configuram as relações de gênero no contexto da Educação Física escolar, especialmente nas aulas de futsal. Os participantes da pesquisa foram sete alunos e duas professoras, que realizaram uma vivência prática com a utilização do método projetivo de pesquisa e responderam a uma entrevista semiestruturada, respectivamente. Foi possível concluir que trabalhar com a referida temática, especialmente nas aulas de futsal, deve ter como foco a ressignificação do esporte, promovendo a vivência esportiva baseada na diversidade e no respeito aos limites do outro bem como trabalhar com pluralidade cultural presente no âmbito escolar.

**Palavras chaves:** gênero; Educação Física escolar; futsal.

**Abstract:** This paper proposes a discussion about the gender issue in the context of Physical Education classes. The research was conducted at Colégio de Aplicação João XXIII in Juiz de Fora city, in a sixth primary school class, in order to investigate how to configure gender relations in the context Physical Education school, especially in futsal classes. The participants were seven students and two teachers who have undergone a practical experience using the projective research method and a semi-structured interview, respectively. It was concluded that working with this theme, especially in futsal lessons it should be focused on the redefinition of the sport, promoting the sport experience based on the diversity and each other's limit respect and work with this cultural plurality in schools.

**Key-words:** gender; Physical Education; futsal.

### 1. Introdução

No campo da Educação Física e das práticas desportivas em geral é possível perceber que os fatores socioculturais são mais fortes na formação de identidade e comportamento

<sup>73</sup> UFJF. E-mail: [mariana-bn@hotmail.com](mailto:mariana-bn@hotmail.com)

<sup>74</sup> UFJF. E-mail: [tatyaluap@tahoo.com.br](mailto:tatyaluap@tahoo.com.br)

<sup>75</sup> UFJF. E-mail: [lidia.zacarias@ufjf.edu.br](mailto:lidia.zacarias@ufjf.edu.br)

<sup>76</sup> UFJF. E-mail: [mouraoln@gmail.com](mailto:mouraoln@gmail.com)

diferenciados para os sexos. A força da cultura e dos costumes — nos quais se encontram as brincadeiras, os jogos e as formas de movimento, que se constituem o objeto da Educação Física — tem sido escondida atrás de determinações genéticas, para proporcionar o condicionamento social desejado pelo sistema (SARAIVA, 1999).

Isto posto, notamos que a cultura constrói e distingue corpos e sujeitos femininos e masculinos, permitindo-nos transitar pelos mais distintos espaços que trazem as marcas das relações construídas socialmente. Dentre esses espaços está o futebol que é um esporte construído por homens e para homens (VAZ, 2005). O futebol aparece, portanto, como uma configuração social de gênero, que se reflete em quase todos os espaços sociais onde a participação das mulheres ainda é inferior à dos homens (SANTOS *et al.*, 2010). O desporto foi identificado como um importante espaço na construção e incorporação de relações de gênero (THEBERGE, 1987) e não é de ignorar, nem tão pouco de desprezar, que o futebol, pela sua elevada importância em muitas sociedades, tem o potencial de se constituir como agente na mudança da ordem de gênero. (THEBERGE, 1985).

A construção do gênero e da sexualidade é um procedimento circunstanciado, sutil e inacabado que acontece ao longo de toda a vida por meio de diversas aprendizagens e práticas escancaradas ou mascaradas que são incentivadas por diversas instâncias e espaços sociais, que têm o poder de decidir e inscrever em nossos corpos marcas e normas que devem ser seguidas (LOURO, 2008). Scott (1989), diz que o conceito de gênero foi criado para opor-se a um determinismo biológico nas relações entre os sexos, dando-lhes um caráter fundamentalmente social. Nas palavras da autora, “gênero” torna-se uma forma de indicar “construções culturais”. Assim, o que seria adequado aos homens e às mulheres são criações inteiramente sociais.

Nesse sentido, Goellner *et al.* (2009) definem gênero como: condição social através da qual nós nos identificamos como masculinos e femininos. Não é algo natural que está dado, mas é construído social e culturalmente e envolve um conjunto de processos que vão marcando os sujeitos a partir daquilo que se identifica como masculino e feminino.

Compreender esses desdobramentos históricos e socioculturais que circundam as relações humanas é apenas um passo para começar a trabalhar na busca pela transformação na relação dos educandos no dia-a-dia das escolas e para despertar a necessidade de mudanças efetivas nas práticas pedagógicas na disciplina Educação Física.

Sob essa perspectiva, este estudo busca compreender como as relações de gênero se configuram na prática do futsal no contexto da Educação Física Escolar.

## 2. Metodologia

O presente trabalho de abordagem qualitativa e do tipo descritivo, tem como procedimento metodológico o estudo de caso que de acordo com Gil (2010), consiste no estudo profundo e exaustivo de um ou poucos objetos, de maneira que permita seu amplo e detalhado conhecimento.

Participaram do estudo 7 alunos do sexto ano do Ensino Fundamental e duas professoras que ministram a disciplina Educação Física nas referidas turmas do Colégio de Aplicação João XXIII, uma escola pública da rede Federal do município de Juiz de Fora.

Todos os sujeitos participantes e também aqueles envolvidos indiretamente, tal como os pais dos alunos, foram esclarecidos quanto a natureza da pesquisa e assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

Diante dos objetivos do estudo, a entrevista semiestruturada foi utilizada como instrumento de coleta de dados para identificar a visão das professoras das turmas. Os dados foram registrados por meio de gravação em áudio e anotações.

Para a coleta de dados acerca da visão dos alunos, dois instrumentos foram utilizados. O primeiro se tratou da observação descritiva não estruturada e não participante que foi realizada durante o desenvolvimento de um estágio nas turmas de sexto ano do ensino fundamental. O segundo consistiu no uso do chamado método projetivo. O principal objetivo em uma abordagem com esse método é um dispositivo de evocação que pode assumir a forma de uma fotografia, um desenho, um desenho animado e afins (LANKSHEAR; KNOBEL, 2008). Na pesquisa educacional recente, as abordagens projetivas e os dispositivos de evocação têm sido utilizados para coletar informações sobre contextos, participantes do estudo, eventos ou práticas passadas, atitudes e motivações, dentre outros (PLUMMER, 2001). O dispositivo utilizado foi um desenho animado da segunda temporada da série *Baby Looney Tunes*, episódio 9 denominado “Driblar como Petúnia” onde situações vividas nas aulas de Educação Física pelos alunos foram trazidas de maneira animada e em uma linguagem adequada para a idade. Logo após a exibição do vídeo foi realizada a interação verbal com as crianças por meio também de um roteiro semiestruturado.

### **3. Análise dos dados**

Os dados foram analisados seguindo os princípios da técnica análise de conteúdo cujo foco é qualificar as vivências do sujeito, bem como suas percepções sobre determinado objeto e seus fenômenos (BARDIN, 1977 *apud* CAMPOS, 2004).

Levando em consideração os objetivos do estudo e os benefícios do processo de categorização do método de análise, quatro categorias foram criadas: conflitos, habilidade, competição e desafios pedagógicos nas relações de gênero que serão discutidas a seguir.

## **5. Resultados e discussão**

### **5.1 Conflitos nas aulas e a aceitação do outro**

Muitas vezes, conflitos surgem durante as aulas e podem ser encarados pelos docentes de formas diferentes. Por um lado, como fonte de criação e intervenção docente, compondo o planejamento, enquanto, por outro, podem ser ditos como algo a ser evitado, levando alguns conteúdos a serem preteridos nas aulas, em função das tensões criadas, no nosso caso, relacionadas ao gênero que suscitam (ALTMANN; AYOUB; AMARAL, 2011).

As observações do cotidiano das aulas foram marcadas por brigas, discussões e agressões de ordem física e verbal. As aulas sempre começavam fora da quadra ou em roda no centro da mesma sem nenhum material próprio da modalidade futsal que pudesse desviar a atenção dos alunos. Essa estratégia era utilizada com o intuito de conseguir organizar a turma de maneira rápida para uma conversa inicial sobre os objetivos e desenvolvimento da aula. Entretanto, observamos que a turma era muito difícil de se reunir e isso fazia com que a atividade inicial que deveria ter a duração de cinco minutos, perdurasse por quase todo o tempo da aula. Durante as explicações, alguns meninos se socavam, chutavam e xingavam (mesmo que de brincadeira) ou faziam comentários preconceituosos, e a professora neste

contexto sentia necessidade de refletir com eles e com elas, ficando o conteúdo nesse caso, para depois.

Naquele momento, ouvíamos falas dos alunos que ficavam irritados com a demora em começar a “jogar bola”, principalmente meninos com frases quase unânimes do tipo “*Quero jogar bola logo, fessora!*” e também “*Nunca vi Educação Física parado!*”.

Essa percepção que a observação nos trouxe, acerca da dificuldade de organizar a turma e iniciar as aulas, é confirmada pela professora Entrevistada I que diz “*(...) e esse ano as turmas tiveram muitos conflitos de aceitação do outro*”. A principal inferência feita por nós como sendo a razão de tantos conflitos foi de que o futsal era a modalidade causadora dessas tensões devido a todo o contexto histórico e sociocultural próprio do esporte na cultura brasileira e que, em outras aulas, esses impasses ocorriam em menor frequência. Entretanto, a professora Entrevistada I revela que “*Não, eles tem conflito de qualquer jeito, mas o esporte coletivo por si só ele já trás uma relação de conflito por conta daquilo que a gente vê o tempo todo, que é social mesmo*”.

Isso mostra que há outras razões para que os alunos briguem tanto entre si. Perspectivas teóricas da psicologia de Wallon e Carvalho (1995) e Erikson e Cabral (1976) apresentam considerações sobre o conflito no processo de desenvolvimento humano.

O crescimento é, portanto assinalado por conflitos, como se fosse preciso escolher entre um antigo e um novo tipo de atividade. O que se sujeita à lei do outro tem que se transformar, e perde em seguida o poder de regular utilmente o comportamento do indivíduo. Mas a maneira como o conflito se resolve não é absoluta nem necessariamente uniforme para todos. E em cada um deixa sua marca. (WALLON; CARVALHO, 1995 *apud* ZACARIAS, 2009)

Talvez o fator idade e/ou fase do desenvolvimento pela qual as crianças desse estudo passam, seja relevante na emergência de tantos conflitos. De acordo com Zacarias (2009), quando a criança chega a adolescência, passa pela crise de identidade *versus* confusão de papéis:

Esta é a fase da formação da “identidade do ego”, que significa, para o jovem, saber quem é e como se encaixa no resto da sociedade. O jovem experimenta uma série de desafios que envolvem suas atitudes para consigo, com seus amigos, com pessoas do sexo oposto [...] (ZACARIAS, 2009)

As próprias crianças também identificaram os conflitos como um fator que atrapalha as aulas e que é muito presente. Após a exibição do vídeo, durante a interação verbal realizada com elas o aluno Peixuala disse: *Tinha briga*. Outro aluno, Luan de Oliveira completa: *Tinha muita pancadaria dos muleque*. A questão do gênero como motivadora de conflitos aparece na fala da aluna Aurora: *Aí se uma menina ficasse no time do Gabriel, ele ficava reclamando*.

A visão das professoras vai ao encontro da fala de Aurora que explicita o fato de que esses conflitos são intensificados em função da competição que o desporto traz. A professora Entrevistada II diz que: *(..) os conflitos eles são muito intensos, e assim trabalhar os elementos dos fundamentos, das regras, isso é muito tranquilo, e a dinâmica da aula que envolve competição, valores, relação dos alunos, questões de gênero, isso que acaba sendo as situações que dificultam o trabalho do conteúdo, em especial no sexto ano que tem uma característica né, e também dessa dificuldade nessa relação e é primeiro ano no João XXIII que eles estão começando essa sistematização do conteúdo*.

Os relatos das professoras e também o referencial teórico que aporta essa discussão desconstruem a ideia inicial que motivou a realização desse estudo, isto é, o conflito não é gerado pelo futsal, mas sim, pela competição exacerbada e pela fase do desenvolvimento das

crianças, bem como pelo momento de transição escolar que passam as crianças no sexto ano, no caso desta escola.

Além disso, devemos destacar que o conflito não deve sempre ser encarado como algo negativo e que diferencia-se dos termos “violência” e “agressividade”, (ZACARIAS, 2009). É preciso considerar que, embora possam estar muito próximos, nem todos os conflitos são desencadeadores de atos violentos:

[...] os conflitos interpessoais, aqui entendidos como situações de interação social de confronto, desacordo, frustração, etc, e que são desencadeadoras de afetos negativos, podem ser resolvidos de maneira violenta ou pacífica, dependendo, justamente, dos recursos cognitivos e afetivos envolvidos e dos contextos sociais em que ocorrem. (DA SILVA LEME, 2004)

Dessa forma, cabe questionar se os conflitos que aparecem nas aulas, de forma explícita, velada ou mesmo oculta, devem ser silenciados, evitados ou transformados em objeto de intervenção pedagógica, tendo em vista que ao evitar a diversidade e os conflitos dela decorrentes, corre-se o risco de contribuir para que sejam exacerbadas atitudes de intolerância, preconceito, homofobia e discriminação não apenas entre meninas e meninos, mas entre os sujeitos de forma geral. A capacidade de perceber e enfrentar tais conflitos consiste num importante desafio da educação (ALTMANN; AYOUB; AMARAL, 2011).

## 5.2. Habilidade para o jogo: o que dizem eles e elas?

Identificamos também a habilidade como um fator de inclusão ou de exclusão, e consequentemente, de respeito ou desrespeito entre os alunos da turma. Sempre que uma atividade exigia divisão de equipes, os meninos já procuravam juntar grupos mais habilidosos. As meninas, por sua vez, preferiam realizar a atividade sem mesclar as equipes com os meninos. Declararam que durante o jogo se sentiam excluídas por eles, conforme podemos confirmar na fala da aluna Aurora: *Os meninos não tocam a bola pras meninas, as meninas não tem contato com a bola*. Tal argumento é tão verdadeiro que o aluno Luan de Oliveira diz: *De vez em quando eu dou um passe... mas quando essa Aurora tá no meu time cruz credo!* O momento da escolha das equipes também era marcado pela preferência aos mais habilidosos. É interessante notar que, para os meninos, o maior problema não é o fato de jogar com as meninas, mas sim o fato de, nas palavras deles “*elas não saberem jogar e só atrapalharem*”. Isso fica ainda mais evidente quando Aurora dia: *Quando as meninas jogam o time perde, somente quando a Alana joga o time ganha.*

Corroborando com as falas dos alunos e das alunas e também com a percepção formada através das observações, a professora Entrevistada I relata: *em alguns momentos, nas aulas acontece essa separação de gênero, quando? [...] Quando os alunos solicitam isso, quando eles são permitidos de fazer algumas escolhas, e ai eles não permitem algumas meninas, a não ser que eles achem que essa menina é boa de bola.*

A professora Entrevistada II, compartilha da mesma visão da colega quando diz:

*[...] eles tem também uma dificuldade é, na interação dos meninos e das meninas na composição de grupos, mas também tem um problema ali não aceitação e exclusão entre os próprios meninos por exemplo, porque eu acho que pesa em algumas situações é muito a habilidade, que se a menina for boa, ela vai ter espaço, ela vai tá no time, se a menina não for boa, a posição deles é que ela não permaneça e se os meninos não são bons eles também não querem. Por isso eles, as vezes são tão cruéis [...]*

O que devemos questionar é o porquê das meninas terem menos habilidade em determinadas atividades motoras em relação aos meninos, uma vez que, estão nas mesmas condições etárias e de escolaridade. De acordo com Mourão e Morel (2008), se recorrermos à história vamos verificar que às mulheres não foram dadas oportunidades equivalentes às dos homens no que diz respeito à prática de atividades físico-desportivas. A construção histórico-cultural brasileira concebe o esporte e especialmente o futebol, como um espaço de práticas sociais masculinas. E o futebol como uma prática esportiva identitária da construção deste masculino, terminou por representar uma barreira ainda maior do que as outras atividades, à prática feminina. Mais uma vez, a professora Entrevistada I exemplifica o que a literatura traz, com base nos acontecimentos das aulas de Educação Física:

*[...] quando você trás o futsal... e você põe uma menina no mesmo grupo de um menino que faz éé...fez um teste para o vasco por exemplo, no mesmo grupo onde a menina nunca chutou uma bola porque a família acha que aquilo é coisa de menino [...] quando você colocar essa menina com esse menino nesse mesmo espaço, eles precisam aprender a relação de respeito um com o outro, de dar conta dos limites de cada um.*

Nesse sentido, Pereira e Mourão (2013) corroboram com o relato da professora quando dizem que diferenças nos gestos e habilidades motoras, entre meninos e meninas, tornam-se observáveis nos primeiros anos de vida escolar e o que se avalia sobre esta construção é que a vivência corporal praticada e permitida aos meninos prepara melhor seu desenvolvimento motor geral, uma vez que eles jogam bola, sobem em árvores e soltam pipa. Enquanto as meninas concentram as brincadeiras em representações miniaturizadas do cotidiano doméstico e de preparação da futura mamãe. Os papéis de gênero são, pois, deflagrados nas famílias e reforçados pelas instituições (PEREIRA; MOURÃO, 2013), especificamente, a igreja e a escola.

Neste sentido, pensamos que a escola, deve ser um ambiente de construção e reflexões, e sobretudo, um ambiente de coletivização dessas reflexões, onde a aceitação passiva de valores de exclusão como o gênero precisa ser superada.

### **5.3. Competição é uma questão de gênero?**

As aulas eram planejadas com o intuito de compartilhar com os alunos as características do futsal, como por exemplo, sua história, principais regras e seus fundamentos. Para atingir tal objetivo, a estratégia mais utilizada foi a do jogo. Não o jogo pelo jogo, mas sim atividades adaptadas à realidade do jogo com foco no tema da aula. Entretanto, por mais lúdica e educativa que fosse a proposta, os alunos colocavam a competição exacerbada na atividade e isso comprometia o desenvolvimento da mesma devido aos conflitos que emergiam. A professora Entrevistada I confirma a impressão que as observações deixaram quando diz “*[...] é o ganhar a qualquer custo... e isso é o que gerava uma grande dificuldade nas aulas*”. Complementa narrando um exemplo de aula que retrata bem a questão da competitividade como fator gerador de conflitos:

*Às vezes o movimento era só de coordenação motora, de toque de bola para à coordenação motora... né o objetivo da aula I deles era esse, e no entanto eles não davam conta, eles geravam conflitos... tanto que a gente precisava de muito mais tempo de organização...*

Nesse aspecto da competição, a questão do gênero surge como fator pré-determinante de habilidade na visão dos alunos. A priori, eles não querem a presença de meninas no time

porque, de acordo com a fala de Aurora “*Se entrasse alguma menina no time do Gabriel, ele falava assim... ‘Ah não, o time vai perder’*”. A professora Entrevistada I compartilha dessa visão dos alunos e termina dizendo que “[...] *se eles têm as meninas no grupo deles a fala deles é. ‘As meninas não sabem jogar’, como se ali eu tivesse trabalhando com eles um extra classe, uma equipe competitiva [...]’*”.

Entretanto, apesar de a rivalidade entre os alunos intensificar-se e polarizar-se em torno dos gêneros, ela não se restringia a isso. Altmann (1999) verificou que em um jogo esportivo, uma bola era disputada não apenas entre times opostos, mas dentro da própria equipe; em outras palavras, um jogador buscava um bom desempenho não apenas em relação ao seu adversário, mas também em relação aos seus companheiros de equipe, criando situações de exclusão. Nossas observações e também a da professora Entrevistada II vão ao encontro desses resultados quando ela narra:

*[...] em especial nessa turma uma competição tão exacerbada que ela interfere muito nas questões de gênero no futsal. Isso é uma característica dessa turma, eles são muito competitivos, ganhar pra eles um jogo é muito importante.*

*[...] como eles valorizam demais isso [...] também tem um problema ali de não aceitação e exclusão entre os próprios meninos.*

A exclusão gerada pela competitividade, portanto, na realidade que estudamos assim como no estudo de Altmann, não se manifestava apenas quando o jogo era praticado de maneira mista, ou seja, ela não era um problema somente de gênero. Gênero, idade, força e habilidade eram critérios – entre possíveis outros – que formavam um emaranhado de exclusões nessas atividades. A professora Entrevistada II levanta essa questão em uma de suas falas:

*[...] mas no futsal eu acho que soma muito acho que o que determina muito ali é a relação de gênero, é o fato da não às vezes da habilidade, por na maioria das meninas na vida delas o futsal não ser uma coisa muito presente, então aquilo tá distante e estando distante elas também não se colocam numa condição de jogo, de falar, de conversar sobre o conteúdo com propriedade, elas se colocam numa condição meio que inferiorizada, então elas já se excluem também e aí eles acabam não se empenhando pra inclui-las e esse é o nosso desafio que gente não pode ser indiferente a isso.*

Corroborando com essa reflexão, destacamos Mônica Schpun, (1997), que ao estudar o desenvolvimento do esporte organizado em São Paulo na década de 1920, demonstrou que quanto menos competitiva fosse a atividade, mais as mulheres tomavam parte. Os homens praticavam esportes, enquanto as mulheres, ginástica, a qual era completamente despida de competitividade, agressividade e desejo de vitória, ou seja, das emoções constitutivas dos jogos coletivos.

#### **5.4 Desafios pedagógicos nas relações de gênero**

Enquanto algumas escolas propõem em seus planos pedagógicos a oportunização do futsal para todos os alunos de maneira mista, conforme a realidade observada nesse estudo, outras ainda não trabalham esse conteúdo com as meninas ou, quando trabalham, o fazem de maneira segregativa. Não obstante, o que está em causa é a educação e a aprendizagem, logo, a Educação Física deve ser sentida por todos e todas como uma experiência positiva e

importante na vida, deve proporcionar a rapazes e moças experiências que não tenham como eixo orientador estereótipos de gênero (SILVA; GOMES; GOELLNER, 2008).

De acordo com Auad (2005), a coexistência de indivíduos membros de grupos sociais variados, no seio de um mesmo espaço social ou institucional pode causar diferenças, distinções e diversidades hierarquizadas, ou seja, desigualdades. O âmbito escolar é um desses espaços compartilhados por grupos variados.

No que se refere especificamente à educação escolar, são muitas as pesquisas e publicações que afirmam, com propriedade, que a escola é um espaço pautado pelas relações de gênero e, portanto, pelas desigualdades entre o masculino e o feminino.

A temática - gênero - nos debates da Educação Física Escolar, dos esportes e da atividade física é considerada relativamente recente, e um dos focos motivadores dos novos estudos têm se inspirado na tentativa de superar o modelo tradicional de se pensar o corpo em movimento separado por sexo, que esteve por muito tempo presente na Educação Física (PEREIRA; MOURÃO, 2005). As oportunidades de conhecimento que vêm sendo historicamente oferecidas para meninas e meninos são diferenciadas e, não raro, marcadas por concepções restritas e estereotipadas (ALTMANN; AYOUB; AMARAL, 2011). Portanto, nota-se que as relações de gênero são um desafio para a escola conforme destaca a professora Entrevistada I se referindo ao conteúdo futsal: *“Porque aí a gente trás uma possibilidade maior né... dessa relação de gênero que é a nossa é...como é que eu vou falar... desafio na escola”*.

O maior desafio pedagógico está relacionado ao rompimento, por parte da escola, com as imposições socioculturais. A professora Entrevistada I ilustra bem esse fato ao afirmar que:

*Então aquilo que é social, você romper dentro da escola, é muito complicado. É muito difícil, em alguns momentos a gente já rompe, porque as nossas turmas são mistas... mesmo quando a gente divide os conteúdos, por exemplo, futsal e dança..né porque se a gente pensar socialmente um conteúdo é bem mais masculino do que o outro, a gente não faz isso. As turmas são mistas o tempo todo! É possível correlacionar a fala da professora sobre a característica masculina do conteúdo futsal com a visão proposta por Neira:*

O esporte moderno surgiu, desenvolveu-se e se difundiu como uma prática masculina. A vinculação direta a qualidades como virilidade, competitividade e coragem, vistas à época como exclusivas dos homens, serviu de obstáculo ao envolvimento das mulheres. A persistência da segregação baseava-se no discurso preconceituoso que restringia a atuação feminina ao casamento e à maternidade, situações que mobilizavam valores e comportamentos opostos aos exigidos pela prática esportiva. (NEIRA, 2014, p. 129)

O aluno Khyro é enfático ao afirmar que *“Os meninos jogam futsal e as meninas vôlei... aí jogam bem mais”*. Essa fala se deu após a apresentação do desenho animado, durante a integração verbal com eles, especificamente, no momento em que discutiam o porquê das meninas participarem menos nas aulas de futsal. De acordo com Khyro, jogar vôlei é a preferência da maioria delas e as mesmas não fazem muita questão de se inserirem no jogo de futsal.

A Educação Física enquanto componente curricular da Educação Básica deve assumir a tarefa de introduzir e integrar o aluno na cultura corporal do movimento, formando o cidadão que vai produzi-la, reproduzi-la e transformá-la, instrumentalizando-o para usufruir do jogo, do esporte, das atividades rítmicas e dança, das ginásticas e práticas de aptidão física, em benefício da qualidade da vida. *“A integração que possibilitará o usufruto da cultura corporal do movimento há de ser plena – é afetiva, social, cognitiva e motora. Vale dizer, é a integração de sua personalidade”* (BETTI; ZULIANI, 2002, p. 75). Entretanto, meninos e meninas foram experimentando uma educação corporal com foco apenas em suas diferenças, sem vislumbrar incentivos comuns de convivência desses mesmos corpos na prática da

ginástica, do esporte, da dança, das lutas, dos jogos e brincadeiras (PEREIRA; MOURÃO, 2005).

A vivência nas aulas, proporcionada pelas observações e eventuais intervenções, alertou para a necessidade de identificar as possíveis razões de tamanho desafio enfrentado pela docência em seu dever de contemplar os objetivos da Educação Física dentro da escola. Ao ser indagada sobre as principais dificuldades ao ministrar as aulas de futsal, a professora Entrevistada I, além das questões já mencionadas nas demais categorias, destaca que:

*Eles não conseguem se relacionar sem ofender o outro... e isso pra nós é um outro processo de desafio porque assim... faz parte do amadurecimento deles, faz parte dessa mudança do quinto para o sexto ano, das cobranças que são diferentes, mas também tem um outro lado que... no meu olhar né é muito mesmo de acolhimento familiar... a gente percebe algumas crianças sem essa estrutura familiar sólida e eu não estou dizendo de estrutura familiar de pai, mãe e filho não é isso! Independente das formações de família, porque hoje em dia a gente tem N formações de família, é dar esse suporte para que ele consiga encarar essa mudança sem tantos conflitos e sem tantas agressões uns com os outros, né...*

Neira (2014, p.139) destaca que é preciso lembrar que os sujeitos da educação também são cidadãos do mundo e, sendo assim, deparam-se cotidianamente com discursos, noções, fragmentos, representações e conhecimentos alusivos ao esporte. Por isso, é muito nobre a concepção da professora quando se refere à importância da família no processo de formação do sujeito dentro da escola, ou seja, educação do sujeito como cidadão é tarefa compartilhada entre família e escola. Ainda de acordo com Neira (2014, p. 139), cada qual analisa o que vê e ouve ao seu modo, atribuindo-lhe significados variáveis. Nesse sentido, a professora Entrevistada I atenta-nos para uma reflexão pertinente ao citar a influência do modelo esportivo atual sobre o pensamento das crianças:

*Eu vejo assim, por mais que a gente trabalhe desde o primeiro ano com turmas mistas, chega um momento da vida deles que eles fazem uma divisão em relação ao esporte e tem uma influência também cultural... porque o esporte ele não existe misto, ou você tem o futsal feminino ou você tem o futsal masculino, você tem o vôlei feminino e o vôlei masculino. Então eles veem isso, vivenciam isso na relação do cotidiano deles.*

Advém daí a importância de proporcionar situações pedagogicamente organizadas para que a criança tenha condições de compreender a ocorrência do fenômeno esportivo e também de assumir sua condição de sujeito capaz de atribuir à cultura, novos significados (NEIRA, 2014). Na educação Física, as aulas devem ter por objetivo estabelecer uma relação crítica e qualificada com o esporte, tornando o aluno capaz de entendê-lo e produzi-lo na escola em conformidade com as características e limites do grupo (NEIRA, 2014). A professora Entrevistada II, compartilha desse pensamento:

*Essa questão de valores é muito importante. Eles tem que entender a importância do outro pra compor o grupo e reconhecer a diferença que existe ali com respeito, pra que eles possam, de forma harmônica, vivenciar conteúdo, futsal.*

O professor deve, portanto, permanecer atento às relações embutidas na trajetória e organização da prática corporal tematizada, procurando ajudar o grupo a significá-las (NEIRA, 2014). O docente poderá questionar a turma sobre condições desiguais de participação dos sujeitos, refletir sobre questões de gênero, consumo, história, formas de organização da prática, entre outros aspectos (NEIRA, 2014). É possível identificar que na

realidade observada o corpo docente traz consigo essa preocupação em fazer com que a prática esportiva seja interpretada e modificada pelos alunos em prol do desenvolvimento dos mesmos como a sujeitos ativos na construção cultural e na transformação das relações interpessoais.

O âmbito esportivo oferece um espaço aberto ao conflito, à expressão da rivalidade e diferenças sociais e é nesse emaranhado que o praticante terá sua identidade exaltada ou desqualificada de acordo com o contexto em que está inserido. A depender do grupo que pertence e da modalidade que é praticada, qualquer um poderá figurar como identidade ou diferença. De acordo com Neira (2014), quanto mais variadas e interseccionadas forem essas experiências, melhores serão os efeitos pedagógicos.

## 6. Considerações finais

A pesquisa qualitativa proporciona contato direto do pesquisador com o fenômeno investigado e a característica pormenorizada da mesma, permite reflexões diversas e inimagináveis a priori. Esse estudo elucida a importância de se valorizar a prática pedagógica e com ela se desenvolve, acreditando ser ela, a maneira mais eficiente de transformação da realidade intra e extraescolar.

O estudo permitiu compreender de maneira mais aprofundada as relações de gênero nas aulas de Educação Física onde o desporto futsal era trabalhado e foi possível notar a presença expressiva de conflitos entre os alunos. Os dados apontaram que o gênero influencia a existência de tais eventos, todavia, a competição exacerbada e, conseqüentemente, a preferência pelos mais habilidosos são os principais fatores causadores dos mesmos. Ainda que haja preconceito de gênero e estereótipos sobre a capacidade inferiorizada do sexo feminino, principalmente por questões impostas histórica e culturalmente, esse parece não ser o aspecto mais relevante nas relações estabelecidas durante as aulas.

Considerando o quão forte ainda se estabelece a influência das questões socioculturais sobre a temática do gênero e levando em conta também o papel da Educação Física na escola, conclui-se que trabalhar com a referida temática, especialmente nas aulas de futsal, deve ter como foco a ressignificação do esporte, promovendo a vivência esportiva baseada na diversidade e no respeito aos limites do outro bem como trabalhar com pluralidade cultural presente no âmbito escolar.

## Referências

- ALTMANN, Helena. Marias (e) homens nas quadras: sobre a ocupação do espaço físico escolar. **Educação e realidade**. Rio Grande do Sul, v.24, n.2, jul./dez. 1999, p. 157-173.
- ALTMANN, Helena; AYOUB, Eliana; AMARAL, Sílvia Cristina Franco. Gênero na prática docente em educação física: “meninas não gostam de suar, meninos são habilidosos ao jogar”? **Estudos feministas**, v. 19, n. 2, p. 491, 2011.
- AUAD, Daniela. Relações de gênero nas práticas escolares: o aprendizado da separação nas "misturas" no pátio. **Revista Ártemis**, n. 2, 2005.
- BETTI, Mauro; ZULIANI, Luiz. Roberto. Educação física escolar: uma proposta de diretrizes pedagógicas. **Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte**, v. 1, n. 1, 2002.
- CAMPOS, Claudinei. Método de análise de conteúdo: ferramenta para a análise de dados qualitativos no campo da saúde. **Revista Brasileira Enfermagem**, v. 57, n. 5, p. 611-4, 2004.

- CERVO, Amado Luiz; BERVIAN, Pedro Alcino. **Metodologia científica: para uso de estudantes universitários**. 3ed. São Paulo: McGraw-Hill do Brasil, 1983.
- DA SILVA LEME, Maria Isabel. Resolução de conflitos interpessoais: interações entre cognição e afetividade na cultura. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, v. 17, n. 3, p. 367-380, 2004.
- ERIKSON, Erik; CABRAL, Álvaro. **Identidade: juventude e crise**. Rio de Janeiro. Zahar, 1976.
- GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo. Atlas, 2010.
- GOELLNER, Silvana Vilodre; VOTRE, Sebastião Josué; MOURÃO, Ludmila; FIGUEIRA, Márcia Luiza Machado. **Gênero e raça: inclusão no esporte e lazer**. Porto Alegre: UFRGS, 2009.
- LANKSHEAR, Colin.; KNOBEL, Michele. **Pesquisa Pedagógica: do Projeto à implementação**. Porto Alegre. 2008, p.328.
- LOURO, Guacira. Lopes. Gênero e sexualidade: pedagogias contemporâneas. **Pro-Posições**, Campinas, v. 2, n. 56, p. 17-23, 2008.
- NEIRA, Marcos. **Práticas Corporais: brincadeiras, dança, lutas, esporte e ginástica**. São Paulo: Melhoramentos, 2014.
- MOURÃO, Ludmila; MOREL, Marcia. As narrativas sobre o futebol feminino o discurso da mídia impressa em campo. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v. 26, n. 2, 2008.
- PEREIRA, S. A.; MOURÃO, L. Identificações de gênero: jogando e brincando em universos divididos. *Motriz*, Rio Claro, v. 11, n. 3, p. 205-210, 2005.
- PEREIRA, Sissi Martins; MOURÃO, Ludmila. Desenhando a identidade de gênero na educação física escolar. **Instrumento-Revista de Estudo e Pesquisa em Educação**, v.7, n.1, 2013.
- PLUMMER, Ken. The call of life stories in ethnographic research. **Handbook of ethnography**, p. 395-406, 2001.
- SANTOS, Heliany. Pereira; LOURENÇO, Maria Carolina; SILVA, Mário Moreno Rabelo; SILVA, Fernanda Gonçalves. As relações de gênero e o futebol nas aulas de educação física em Catalão-GO. **Póiesis Pedagógica**, v. 6, n. 1, p. 51-72, 2010.
- SARAIVA, Maria do Carmo Oliveira. **Co-educação física e esportes: quando a diferença é mito**. Unijui, 1999.
- SCHPUN, Monica Raissa. Códigos sexuais e vida urbana em São Paulo: as práticas esportivas da oligarquia nos anos vinte. **Gênero sem fronteiras**. Florianópolis: Editora Mulheres, 1997.
- SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação e realidade**, v. 16, n. 2, p. 19, 1989.
- SILVA, Paula; GOMES, Paula; GOELLNER, Silvana Vilodre. As relações de gênero no espaço da educação física: a percepção de alunos e alunas. **Revista portuguesa de ciências do desporto**. Porto. Vol. 8, n. 3 (set./dez. 2008), p. 396-405, 2008.
- THEBERGE, Nancy. Toward a feminist alternative to sport as a male preserve. **Quest**, v. 37, n. 2, p. 193-202, 1985.
- VAZ, Antônio Carlos. Futebol e representações de gênero: engendrando ações afirmativas e pedagógicas. **SOUZA, Adalberto dos Santos. Desafios para uma educação física crítica. São Paulo: Cult**, 2005.
- WALLON, Henri; CARVALHO, Cristina. **A evolução psicológica da criança**. 1995.
- ZACARIAS, Lídia dos Santos. **Conflitos em jogo: a visão das crianças**. 167 p. il., Tese Doutorado Programa de Pós-Graduação em Educação. Área de concentração Psicologia e Educação, Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2009.

## **A PARTICIPAÇÃO DE MULHERES NAS TORCIDAS COMO UMA INCLUSÃO E UMA LEGITIMAÇÃO DO TORCER: ALGUMAS REFLEXÕES**

### ***WOMEN'S PARTICIPATION IN THE SOCCER CONTEXT AS AN INCLUSION AND A LEGITIMATION OF THEM AS SOCCER FANS: REFLECTIONS***

**Bárbara Gonçalves Mendes<sup>77</sup>**

**Resumo:** Há algum tempo, principalmente após a realização da Copa do Mundo FIFA no Brasil, em 2014, tem-se falado sobre uma maior presença de mulheres em estádios, porém nem sempre elas são vistas como torcedoras. Partindo desta hipótese, este ensaio foi elaborado com o objetivo de discutir a participação das mulheres em torcidas, tendo em vista que estas não são legitimadas no seu torcer. A imagem de mulheres neste ambiente é construída visando uma diversidade de objetivos que vão desde o aumento do público nos estádios, até à veiculação do universo do futebol como algo alheio a uma lógica de violência. Tal situação se sustenta pela vigência de normas sociais de gênero apresentadas como ontológicas. Elas gerem as vivências dos sujeitos em sociedade e, desse modo, as mulheres passam a ir aos estádios acompanhadas de homens, e tem seu torcer sempre mediado por eles, tendo em vista que o futebol não é constitutivo da identidade feminina. Por fim, conclui-se que apesar do aumento numérico de mulheres nos estádios, seguimos numa lógica de inclusão perversa que não se desvincula dos limites sócio-históricos impostos às torcedoras no meio futebolístico.

**Palavras-chave:** futebol; torcida; mulheres torcedoras.

**Abstract:** For some time, especially after the completion of the FIFA World Cup in Brazil in 2014, we have been talking about a greater presence of women in stadiums, but they are not always seen as cheerleaders. Based on this hypothesis, this paper has been prepared with the aim of discussing the participation of women in hanks, given that these are not legitimate as soccer fans. The image of women in this environment is built towards a diversity of objectives ranging from increased public in the stadiums, to the placement of the soccer universe as something alien to the logic of violence. This situation is supported by the presence of social gender norms presented as ontological. They generate the experiences of individuals in society and thus, women go to stadiums accompanied by men, and has its root always mediated by them, bearing in mind that football is not constitutive of feminine identity. Finally, it is concluded that despite the increased number of women in stadiums, follow a perverse inclusion logic that does not relieve the socio-historical limits on the cheerleaders in the soccer context.

**Keywords:** soccer, soccer fans, women soccer fans

---

<sup>77</sup> Mestre em Psicologia Social pela Universidade Federal de Minas Gerais. Participa do Grupo de Estudos sobre Futebol e Torcidas (GEFuT/UFMG) e do Núcleo de Direitos Humanos e Cidadania LGBT (NUH/UFMG). E-mail: baarbaragm@gmail.com

## 1. Introdução

Este ensaio parte de algumas inquietações sobre a inserção de mulheres no espetáculo futebolístico, mais especificamente como torcedoras que frequentam estádios. Tais reflexões foram suscitadas a partir de entrevistas com torcedoras organizadas, de pesquisas e discussões no Grupo de Estudos sobre Futebol e Torcidas da Universidade Federal de Minas Gerais (GEFuT-UFGM), bem como, da leitura de trabalhos acadêmicos (CAMPOS, 2016) e de notas divulgadas na mídia<sup>78</sup> sobre o aumento de mulheres nos estádios de futebol.

Procurei neste trabalho problematizar a ideia de um aumento de torcedoras neste contexto, com enfoque em Belo Horizonte-MG, como uma inclusão efetiva<sup>79</sup> de mulheres neste meio esportivo. Para tanto, ressalto a importância de ter em vista que, muitas vezes, este suposto aumento de participação vem associado às reformas dos estádios para a Copa do Mundo FIFA de 2014. O discurso de que essa modernização teria permitido a participação feminina é permeado por uma ideia de que a participação de mulheres neste contexto não se dá nos marcos de uma série de hierarquias e relações de poder. Alguns elementos serão levados em consideração, como por exemplo, a história das mulheres no futebol, a representação construída sobre mulheres nos estádios e, acima de tudo, as lógicas de socialização e sociabilidade feminina no futebol.

Antes de tudo, como neste trabalho tratarei de questões relacionadas a representações e vivências de mulheres, é necessário deixar claro o que entendo por gênero. Partindo das ideias de Louro (1995), gênero é uma categoria social que interfere diretamente no cotidiano dos sujeitos estabelecendo padrões de relacionamento e comportamentos esperados e diferenciados. Ainda segundo esta autora, são categorias baseadas em diferenças genitais que determinam modelos de masculinidades (pênis) e feminilidades (vagina) aprendidos desde a infância e incorporados fortemente no desenvolvimento humano, se integrando às identidades sociais. Vale bem dizer, que neste processo de socialização já fica claro que gênero é uma “forma primária de significar as relações de poder” (SCOTT, 1995, p. 86).

Partindo destas ideias e da convicção de que existe uma ideologia sexista vigente na sociedade, que ensina a diferenciar o que é “de menino” e “de menina”, construindo uma dupla moralidade (MOURA, 2005), as mulheres não tem abertura para o desejo. Como deixa claro Azerêdo (2011), ao se basear nos conceitos de Guattari e Rolnik (1993), este desejo não diz de um conceito psicanalítico, mas de “todas as formas de vontade de viver, vontade de criar, vontade de amar, vontade de inventar outra sociedade, outra percepção do mundo, outros sistemas de valor” (p.215). Assim, a inserção de mulheres em um espaço para o qual não foram socializadas, pode se consistir em um desejo e, porque não, em um fazer político.

## 2. Mulheres e futebol: contextualização histórica

Ao longo da história do futebol no Brasil, fora delegado às mulheres o espaço da

<sup>78</sup>Para saber mais: <http://espnw.espn.uol.com.br/espn-fc-torcedora-do-cruzeiro-comemora-aumento-de-mulheres-nos-estadios-nunca-tive-problemas/>; <http://www.correiodopovo.com.br/Esportes/?Noticia=351121>; <http://epoca.globo.com/vida/copa-do-mundo-2014/noticia/2013/12/nao-basta-torcer-belas-querem-ir-ao-estadiob.html>; <http://globoesporte.globo.com/platb/olharcronicoesportivo/2012/09/24/as-mulheres-e-o-interesse-pelo-futebol/>; <http://jpress.jornalismojunior.com.br/2015/06/mulheres-familias-entram-campo/>; <http://www.foxsports.com.br/photos/4280/1-pesquisa-aponta-aumento-de-mulheres-nas-torcidas-do-brasil>; entre outras.

<sup>79</sup> Utilizo este termo em contraposição à “inclusão perversa” de Sawaia (2006), que trata justamente de uma aparente inclusão que sustenta e invisibiliza desigualdades.

assistência. Desde o primeiro jogo oficial realizado no país em 1904 (GUTERMAN, 2010), já se podia notar a presença de mulheres nas arquibancadas. Elas pertenciam às classes sociais abastadas e se dedicavam a esta atividade a fim de se manter em um espaço de sociabilidade apresentado como moderno e elitizado. Também o faziam para acompanhar os membros de sua família que durante aquele período praticavam este esporte. Neste momento, segundo Guterman (2010), as “senhoras e senhoritas” se destacavam por sua beleza e estavam sempre acompanhadas de “cavalheiros”, que se dedicavam à apreciação do esporte inglês.

Era notável, mesmo nesta época, a diferença de motivação que levava homens e mulheres a acompanhar o espetáculo. Uma notícia de 1908 sobre uma partida entre América (RJ) e Botafogo, descreveu que enquanto as mulheres embelezavam o espetáculo, os homens se dedicavam a fazer apostas desde o dia anterior ao *match* para definir quem seria o vencedor dentro e fora de campo (GUTERMAN, 2010). Esse episódio marca que embora aquele fosse um espaço permitido às mulheres, já tínhamos uma prática de concessão se firmando: mulheres eram adornos, enquanto homens reforçavam o torcer naquele espaço. Vale ressaltar, ainda, que a prática de apostas e a necessidade de vencer o jogo (os jogos) são intimamente ligadas à virilidade e manutenção da honra, o que se associa a um modelo de masculinidade vigente neste contexto socio-histórico.

Desta forma, temos já nos primeiros anos da história do futebol brasileiro, um espaço que fora cedido e recuperado como um reduto de homens e para homens. Talvez por este motivo, a presença das mulheres neste contexto seja dos aspectos menos conhecidos dessa história, salvo raríssimas exceções de torcedoras ícones. Nem durante a primeira metade do século XX, período de extrema importância para a construção do Brasil enquanto “país do futebol”, a presença feminina nos estádios – dentro e fora das quatro linhas – fora mencionada de forma significativa (FRANZINI, 2005).

A mulher vem sempre associada às questões sentimentais, à delicadeza, ao cuidado, entre outros; enquanto a masculinidade traz elementos da virilidade, força, honra, etc. E tomando como base estas construções, outro ponto histórico pode ser destacado: nos momentos em que a violência se torna importante no contexto dos estádios, as mulheres saem de cena. Dois períodos que ressaltam essa situação são as décadas de 1920 – quando o jogo começou a ser entendido de fato e há uma popularização do futebol que já começa a tomar contornos de um caminho para a profissionalização – e 1980 – o auge das Torcidas Organizadas, ligado à crise do futebol (loteria esportiva). Em ambos, segundo Malaia (2012) e Costa (2007) houve uma diminuição das mulheres nos estádios, já que a violência exacerbada em nada combina com os elementos constitutivos da identidade feminina: maternidade, casamento e trabalho – lembrando que, neste contexto, a prática laboral diz de um ambiente doméstico, ou seja, da mulher ‘trabalhadeira’<sup>80</sup> (CARSON, 1993).

No contexto mineiro, podemos, ainda, tecer outras observações sobre eventos ligados à história do futebol em que fica claro que as mulheres representavam um adorno e eram vistas como peças que decoravam o espetáculo esportivo. De acordo com Souza Neto (2012), desde 1915 as mulheres reivindicavam o status de torcedoras nos *grounds* horizontinos. Ainda assim, não houve uma desvinculação destas torcedoras do ideal de feminilidade tradicional e elas seguiam reproduzindo as relações do âmbito privado em um espaço público. Ainda que muitas delas tivessem colunas em jornais da época, as perguntas respondidas nos meios de comunicação e os temas tratados remetiam ao que se espera de mulheres, mesmo no contexto esportivo. Eram mencionadas roupas, a questão familiar entre outros temas ligados à tríade da identidade feminina mencionada anteriormente.

Outro ponto importante a ser lembrado é o concurso realizado pelo Correio Mineiro

<sup>80</sup> Para saber mais: NASCIMENTO, Adriano Roberto Afonso do; GIANORDOLI-NASCIMENTO, Ingrid Faria; TRINDADE, Zeidi Araújo. A representação social do trabalho feminino para homens casados. **Mental**, Barbacena, v.6, n.11, p.145-164, dez. 2008.

que elegia a Rainha dos Sports. Ele fora disputado pelas torcedoras dos três principais clubes da capital, principais componentes da assistência local nas três primeiras décadas do século XX (SOUZA NETO, 2012). Isso evidencia que mesmo em maior número, este espaço era ocupado por elas, desde que seguissem o que era esperado de mulheres até mesmo neste lugar: havia uma norma vigente, mesmo que simbólica, que sustentava esta participação.

Fazendo um salto histórico e chegando aos dias atuais, ainda voltando os olhares para o contexto mineiro, tivemos, a partir de 2010, o fechamento dos estádios em Belo Horizonte, interditados para que ocorressem as reformas necessárias para a Copa de 2014. Desde então, com a liberação da atual “Arena Mineirão”, como é chamado o Estádio Governador Magalhães Pinto após a reforma, é sempre ressaltado em veículos midiáticos o aumento do número de mulheres neste contexto. E é sobre esta suposta (re)inclusão feminina que pretendo discorrer neste trabalho.

### 3. O Mineirão e a participação feminina nos estádios

Neste ensaio, optei por me ater ao contexto de Belo Horizonte – MG, por ser o local onde estou em contato constante com o mundo do futebol, tanto como torcedora quanto como pesquisadora. Desta forma, tratarei aqui do aumento de mulheres frequentadoras do Estádio Governador Magalhães Pinto, mais conhecido como Mineirão.

Como BH foi escolhida uma das cidades sede da Copa do Mundo FIFA de 2014, foi construído um plano de ação juntamente ao Governo Estadual para que as determinações da *Fédération Internationale de Football Association* (FIFA) fossem cumpridas. Tais mudanças impuseram grande impacto à toda a cidade e no que tange ao espaço dos estádios ficou determinado que estes deveriam ser multifuncionais, “projetados de forma que abriguem outros eventos esportivos e de entretenimento, melhorando assim a sua utilização e viabilidade financeira” (FIFA, 2011, p.44). Havia uma busca por um padrão de infraestrutura internacional, com conforto e segurança sem deixar de lado uma questão comercial, na qual o torcedor passa a ser visto como cliente (ABRAHÃO et. al., 2014). Assim, o “Mineirão” ficou fechado no período de 2010 a 2012 para as reformas que o tornariam o “novo Mineirão”, tendo sido reinaugurado em 03 de fevereiro de 2013 em um clássico mineiro: Cruzeiro Esporte Clube x Clube Atlético Mineiro.

Desde a reabertura do estádio, diversas notícias<sup>81</sup> trazem informações sobre um novo aumento no número de mulheres que o frequentam. Digo “novo aumento” porque um primeiro movimento de participação feminina neste ambiente já fora notado desde a década de 1990, o que é ressaltado por Campos (2010), em seus estudos sobre as mulheres torcedoras do Cruzeiro, em que faz o somatório das torcedoras que vão frequentemente e as que sempre estão presentes no estádio, como opção de lazer. Além disso, trata-se de um novo aumento, tendo em vista que apesar das reconfigurações, no contexto belo-horizontino as mulheres sempre foram integrantes das torcidas de futebol (SOUZA NETO, 2012).

Sobre a questão numérica em si, devemos apontar que apesar de relatos de um maior número de mulheres no contexto futebolístico, ousou chamá-lo “suposto aumento”, tendo em vista a história das torcedoras de futebol e, principalmente, tendo em vista que estas ainda constituem 20,9% do público no Mineirão, de acordo com Campos (2016). Outro ponto importante a ressaltar, principalmente tomando como referência esta associação entre modernização e aumento é a caracterização destas mulheres. Tendo em vista somente as belo-horizontinas, segundo os dados da autora supracitada, são em sua maioria jovens, residentes

---

<sup>81</sup> Ver nota 1.

na região Centro-Sul – que em BH são lugares ocupados por pessoas de classe média alta – e com renda entre cinco e dez salários mínimos. Assim, temos a classe social como uma categoria que deveria ser analisada juntamente a gênero neste contexto. Afinal, não é permitido a todas as mulheres o direito ao lazer.

A partir de dados obtidos em uma pesquisa do GEFuT no ano de 2015 em dois jogos do Campeonato Brasileiro deste mesmo ano, temos que mulheres são 18% do público entrevistado, sendo que grande parte delas tem renda correspondente à citada por Campos (2010). Quanto ao grau de escolaridade, a maioria tem graduação completa. A região de residência está dividida entre a zona sul, zona leste e região da Pampulha, o que não altera o comentário feito acima, já que as duas regionais incluídas nestes dados também se tratam de regiões ricas da cidade de Belo Horizonte. Por fim, o mais importante para iniciar a próxima parte da discussão, todas as mulheres entrevistadas estavam acompanhadas, sendo que apenas uma delas estava na companhia de outra mulher no estádio.

Tomando isto como referência e dados obtidos por Mendes (2015), temos que a inserção de mulheres no meio futebolístico, até mesmo no que tange as Torcidas Organizadas - para muitos, tida como instituição que representa o torcer de forma ideal -, é permeada, ou melhor, mediada por uma figura masculina.

Segundo Costa (2006), “a mulher como ser-que-torce vem se configurando em um perfil feminino cada vez mais comum, perfil que se manifesta por diferentes meios que vão desde a arquibancada até os espaços virtuais da internet” (p.1). Porém, no contexto brasileiro, as mulheres, mesmo com esta possibilidade de inserção, não têm como parte constitutiva de sua socialização e sociabilidade o torcer como um elemento identitário. E, desta forma, desencorajadas, com uma quase obrigatoriedade baseada em normas de gênero, a frequentar o ambiente do estádio e conhecer o mundo do futebol, principalmente se desacompanhadas. Assim, por mais que tenhamos, na atualidade, um grande número de mulheres que busca participar deste espaço esportivo tem sempre uma figura masculina que media este processo e, mesmo que posteriormente elas se reivindicuem como torcedoras e construam suas próprias trajetórias em meio à torcida, comumente estarão acompanhadas no ambiente do estádio.

Isso é reflexo de uma socialização em um contexto sócio-histórico-cultural que prevê espaços generificados. Ou seja, enquanto as mulheres são destinadas ao âmbito privado, os homens tem acesso aos meios públicos. E embora as mulheres se atrevam a ocupar espaços públicos, elas nem sempre subvertem a norma, reproduzindo, assim, relações do âmbito privado. Nos dados supracitados, isso fica evidenciado quando as mulheres vão acompanhadas aos estádios por companheiros afetivo-amorosos, parentes próximos e ou amigos. Sujeitos de sua confiança e que garantam certa sensação de proteção em um espaço com o qual elas não sabem lidar completamente por não terem sido ensinadas a acessar. Desta forma, construções sociais delimitam, através de um binarismo marcado pela lógica sexo-gênero, o que é esperado das pessoas e os lugares designados a elas. Estas desigualdades refletem na socialização e sociabilidade se ligando a uma vigília constante sobre os pares no cotidiano (TRINDADE e NASCIMENTO, 2004), o que se desdobra nesta necessidade de companhia para frequentar o ambiente do estádio de futebol.

Vale ressaltar que esta construção parece ontológica justamente pela sua naturalização, ou seja, desde os primórdios do futebol no Brasil essa lógica de vigilância do corpo feminino em ambientes públicos era praticada, a fim de que nada de indesejável acontecesse às mulheres (BIASOLI-ALVES, 2000). É importante frisar também que há aquelas mulheres que subvertem completamente esta norma, desde a chegada do esporte inglês. Historicamente há relatos de mulheres que frequentavam os estádios por conta e interesse próprios, ainda que este espaço tenha se constituído ao longo dos anos como “uma das mais importantes áreas reservadas masculinas e por esse motivo de potencial importância para o funcionamento de estruturas patriarcais.” (DUNNING, 1992, p. 390). Elas, segundo Moura (2003) iam aos

estádios para “flertar com os [outros] jovens das arquibancadas e tratar os próprios jogadores como objeto de desejo (...), [o que poderia] apontar para um posicionamento diferente do habitual, que vê as mulheres, ainda hoje, como passivas perante a sociedade e o futebol” (p. 21). Porém, apesar da dose de subversão contida nessa prática, estas mulheres contribuíram para a construção de uma representação negativa acerca das torcedoras. É como se estas não tivessem interesse na partida que se desenrola dentro das quatro linhas e só estivessem ali para conseguir um companheiro, ou seja, cumprir com a lógica de que para ser uma mulher de fato deve-se conseguir um marido e se casar. Por este motivo, também, a vigilância se faz necessária – o que reforça ainda mais as relações de poder que permeiam as construções de gênero em relação ao espaço. A manutenção do meio futebolístico como um espaço generificado, mantém uma lógica de dominação que permite o controle e a vigilância sobre as mulheres naquele contexto. A isso chamamos de relação de poder, o que se constitui como uma violência simbólica legitimada pelas normas de gênero (BOURDIEU, 2005).

Outro ponto importante da suposta inclusão de mulheres relacionada ao aumento de sua participação nos estádios é sobre o uso da imagem feminina vinculado às representações identitárias construídas em torno destas. Dito de outra forma, até que ponto não haveria um interesse mercadológico na divulgação deste aumento de mulheres nos estádios. Em um relatório publicado pela Pluri Consultoria sobre uma pesquisa realizada em 2012, para o seminário Brasil Sport Market em que foram ouvidas 1122 mulheres em 6 capitais brasileiras, incluindo Belo Horizonte, foi apresentado que muitas delas não frequentam o espaço pelas condições físicas, como banheiros, falta de cobertura e segurança. O relatório reitera ainda que o maior desejo destas mulheres ao se dirigirem a este ambiente é acompanhar familiares e amigos nas partidas de futebol, o que reforça a imagem apresentada acima. (PLURI CONSULTORIA, 2012). A partir destes dados, a empresa enumera 5 bons motivos para atrair as mulheres para os estádios, que segundo a instituição seriam:

1. Maior propensão ao consumo, no estádio e fora dele, de produtos e serviços relacionados aos clubes;
2. Inibe a violência no estádio;
3. Dá ao evento um perfil de “mais festa” e “menos guerra”;
4. Desperta maior interesse de mídia e patrocinadores;
5. Favorece a formação de novos torcedores, pelo aumento natural do número de crianças nos estádios. (PLURI CONSULTORIA, 2012, n.p.).

Na lógica empresarial é claramente destacado que a mulher dentro do estádio traria uma ideia de higienização do espaço, já que pelas lógicas sociais de gênero ela seria um elemento antagonista ao espaço de violência simbólica e potencialmente, de violências concretas, que se tornou este ambiente futebolístico (DAÓLIO, 1997; PIMENTA, 1997). Assim, como a mulher, que reproduz suas relações familiares até mesmo no espaço esportivo levaria seus filhos e iria, supostamente acompanhada de familiares e amigos, este espaço se torna ‘familiar’, ou seja, permeado de relações tidas como positivas e que passam uma ideia de segurança o que pode atrair ainda mais público.

Tendo em vista a lógica de que mulher também é mais consumista, seria um novo mercado pensado no meio do futebol, o que geraria lucro em potencial para clubes e patrocinadores e, por fim, tendo em vista que é um meio em que homens produzem o espetáculo para espectadores também homens (MELO; LACERDA, 2010), estas mulheres não se desvinculam da lógica de adorno – o que já acontece, basta observar as fotos de campeonatos esportivos em que a torcida é retratada -, o que reforça a ideia de um público maior que passa a acompanhar os jogos tanto indo aos estádios, como por veículos de comunicação como internet e televisão. Ou seja, a lógica de consumo permeando um discurso de possível inclusão para que o lucro seja priorizado e a satisfação dos então torcedores, clientes, seja atendida.

Retomando todos os pontos abordados nesta discussão de forma clara, temos então um suposto aumento de mulheres, que ainda não é um público estatisticamente expressivo nos

estádios em jogos de futebol; temos a caracterização destas mulheres, afinal, não se trata de uma amostra representativa no contexto belo-horizontino, temos o fato de que estas mulheres estão em sua maioria acompanhadas por figuras masculinas no ambiente dos estádios, o que reflete sua socialização ou falta de socialização neste espaço esportivo, e, por fim, o uso que se faz da imagem feminina como uma forma de garantir lucro neste contexto.

#### 4. Considerações finais

O trabalho em questão não se propôs a tratar exaustivamente as questões levantadas, tendo em vista que se trata de uma discussão muito incipiente no contexto do futebol. Principalmente pela atualidade da situação e pelo tempo que leva a elaboração de questões diante de um megaevento esportivo, como foi o caso da Copa do Mundo FIFA de 2014. Desta forma o que busquei trazer foram questionamentos sobre o aumento de mulheres no contexto dos estádios, primeiro porque apesar das novas roupagens que esta participação adquire ao longo do tempo, é fato que mulheres sempre frequentaram as torcidas neste meio. Outro ponto de interrogação é este aumento associado a uma melhoria da qualidade dos estádios sem que seja problematizado que com estas melhorias houve um aumento substancial no preço dos ingressos. Desta forma, se para mulheres este ambiente já era pouco acessível, tendo em vista as normas de gênero que culminaram numa dupla jornada de trabalho nos tempos atuais, deixando pouco espaço nas rotinas para vivenciar o lazer, imagine no contexto atual para mulheres pobres. Em nenhum momento essa suposta inclusão contempla esta feminilidade subalterna que muitas vezes é colocada num contexto de subcidadania.

Além disso, visei questionar neste trabalho o retorno da imagem da mulher a uma lógica patriarcal tradicional que se mantém vigente nos dias de hoje, tendo em vista que mulheres ainda vão ocupar os espaços públicos acompanhadas de figuras masculinas, que ao mesmo tempo em que podem ser seus prováveis algozes nestes espaços, se colocam também como seus protetores. Sendo assim, as desconstruções de culturas machistas que submetem mulheres a estes não-lugares nos espaços públicos e às violências simbólicas e concretas não são feitas e como medidas paliativas se coloca a responsabilidade de proteção nas potenciais vítimas: mulheres. Para além disso, há uma vigilância dos corpos e práticas destas torcedoras, que é garantida, também por meio desta companhia também no contexto esportivo, sem contar a adequação de vestimentas, de práticas e comportamentos que devem seguir um padrão nos estádios, para que sua presença seja garantida neste ambiente.

Por fim, para além desta mediação masculina, foi importante repensar as representações construídas acerca de mulheres que frequentam este ambiente futebolístico, que ainda está vinculado a um desinteresse por futebol em si e focadas em interesses próprios em figuras masculinas que frequentam aquele espaço. Considerei de fundamental importância pensar como a imagem destas mulheres é um ótimo meio de lucro, pensando que elas transmitem uma ideia de um ambiente tranquilo e familiar que pode ser frequentado por todos, desde crianças até idosos, que normalmente são acompanhados por estas, transformando os estádios de futebol em um espaço festivo e não necessariamente de conflitos identitários.

O ponto que fica com tais reflexões é que ainda que haja de fato um aumento das mulheres neste contexto, elas ainda não são consideradas como torcedoras genuínas, sendo apenas um elemento a mais para abrilhantar o espetáculo ou um meio para atrair mais pessoas para este espaço. A lógica de reificação feminina se mantém por trás de uma imagem de inclusão que é perversa na medida em que não é efetiva. Ignorar a desigualdade nas relações de poder e as lógicas sexistas que permeiam este espaço é não se atentar para “a distância

entre a igualdade legal formal e política e a prática de todos os dias” (NOGUEIRA, 2001). O desejo de frequentar o estádio por conta própria, ocupando este espaço e fazendo o seu torcer legítimo se torna político, na medida em que inclui mulheres diversas e não uma imagem única, que é uma entidade ontológica no nosso meio social. Assim, o torcer se coloca como uma forma de enfrentamento e, porque não, combate, ao machismo no ambiente futebolístico.

### Referências bibliográficas

- ABRAHÃO, Bruno Otávio de Lacerda; CAMPOS, Priscila Augusta Ferreira; DANTAS, Marina de Mattos; ALMEIDA JÚNIOR, Plínio; GOMES, Luiz Gustavo Braga; SILVA, Thiago Felipe da. Percepções e manifestações do torcedor mineiro sobre o “novo Mineirão”. **Rev. Brasileira de Ciênc. Esporte**. Florianópolis, v.36, n.2, supl. p.5742 – 5757, abr./jun. 2014.
- AZERÊDO, Sandra. **Preconceito contra a "mulher": Diferença, poemas e corpos**. São Paulo, Cortez, 2007, 120p.
- BIASOLI-ALVES, Zélia Maria Mendes. Continuidades e rupturas no papel da mulher brasileira no século XX. **Psic.: Teor. e Pesq.**, Brasília, v. 16, n. 3, p. 233-239, Dec. 2000.
- BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005
- CAMPOS, Priscila A. F. **As formas de uso e apropriação do Estádio Mineirão após a reforma**. 2016, Tese (Doutorado em Educação Física) – Faculdade de Educação Física da Universidade Estadual de Campinas.
- \_\_\_\_\_. **Mulheres torcedoras do Cruzeiro Esporte Clube presentes no Mineirão**. 2010, 142f. Dissertação (Mestrado em Lazer) – Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.
- CARSON, Alejandro Cervantes. Entrelaçando Consensos: reflexões sobre a dimensão social da identidade de gênero da mulher. **Cadernos Pagu**, 4, p.187-218, 1993.
- COSTA, Leda Maria da. O que é uma torcedora? Notas sobre a representação e auto-representação do público feminino de futebol. **Esporte e Sociedade**, Ano 2, n.4, Nov.2006 – Fev.2007, UFRJ, Rio de Janeiro.
- DAÓLIO, Jocimar. A violência no futebol brasileiro. In: \_\_\_\_\_. **Cultura, educação física e futebol**. Campinas: Editora da UNICAMP, 1997, p.111-8.
- DUNNING, Eric. **Sociologia do esporte e os processos civilizatórios**. São Paulo: Annablume, 2013.
- FIFA, **Estádios de futebol: recomendações e requisitos técnicos**. 5.ed. 2011.
- FRANZINI, Fábio. Futebol é "coisa para macho"?: Pequeno esboço para uma história das mulheres no país do futebol. **Rev. Bras. Hist.**, São Paulo, v. 25, n. 50, p. 315-328.
- GUTERMAN, Marcos. **O futebol explica o Brasil – Uma história da maior expressão popular do país**. São Paulo: Contexto, 2009.
- GUATTARI, F.; ROLNIK, S. **Micropolítica: cartografias do desejo**. 3ª edição. Petrópolis: Vozes, 1993.
- LOURO, G. Gênero, História e Educação: construção e desconstrução. **Educação e Realidade**. Vol.20 (2), jul/dez, 1995.
- MALAIÁ, João. Torcer, torcedores, torcedoras, torcida (bras.): 1910-1950. In: HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque de, MALAIÁ, João M.C., MELO, Vitor Andrade de e TOLEDO, Luiz Henrique de. **A torcida brasileira**. Rio de Janeiro: 7 letras, 2012.

- MELO, Victor Andrade de; LACERDA, Cláudio. Masculinidade e dança, masculinidade e esporte: relações. In: KNIJNIK, Jorge Dorfman. **Gênero e Esporte: masculinidades e feminilidades**. Rio de Janeiro: Apicuri, 2010.
- MENDES, Bárbara Gonçalves. **Flávias, Fernandes e Marias, sem chuteiras: A inserção de mulheres em Torcidas Organizadas de Futebol em Belo Horizonte – MG**. 2015, Dissertação (Mestrado em Psicologia Social) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais.
- MOURA, Eriberto José Lessa. O futebol como área reservada masculina. In: DAOLIO, J. (Ed.), **Futebol, cultura e sociedade** (pp. 131-147). Campinas: Autores Associados, 2005
- \_\_\_\_\_. **As relações entre lazer, futebol e gênero**. 2003. Dissertação (Mestrado em Educação Física) — Unicamp, Campinas.
- PIMENTA, Carlos A. M. **Torcidas organizadas de futebol: violência e auto-afirmação**. Taubaté: Vogal, 1997.
- NOGUEIRA, Conceição. Feminismo e discurso de gênero na psicologia social. **Psicologia & Sociedade** 13:1, pp. 107-128, 2001.
- PLURI CONSULTORIA, 2012, Pesquisa sobre o interesse das mulheres pelo futebol, **Brasil Sport Market**, 2012.
- SAWAIA, Bader. Burihan. (Org.) **As artimanhas da exclusão: uma análise ético-psicossocial da desigualdade**. Petrópolis: Vozes , 2006.
- SCOTT, Joan. Gênero: uma Categoria Útil de Análise Histórica. **Educação e Realidade**. 20 (2), p.71-99, 1995.
- SOUZA NETO, Georgino Jorge. A invenção do torcer em Belo Horizonte: da assistência ao pertencimento clubístico (1904-1930). In: SILVA, Silvio Ricardo; DEBORTOLI, José Alfredo de O. (Orgs.) **O futebol nas Gerais**. (pp 23-47). Belo Horizonte: Editora UFMG, 2012.
- TRINDADE, Zeidi Araújo; NASCIMENTO, Adriano Roberto Afonso do. O homossexual e a homofobia na construção da masculinidade hegemônica. In: SOUZA, Lídio; TRINDADE, Zeidi Araújo (Orgs.) **Violência e exclusão: convivendo com paradoxos** (pp.146-162). São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004.

## **O TORCEDOR-CONSUMIDOR: APONTAMENTOS SOBRE MUDANÇAS NO MODO DE CONSUMIR O FUTEBOL**

### ***THE SUPPORTER-CONSUMER: REFLECTIONS ABOUT CHANGES IN THE WAY OF CONSUME FOOTBALL.***

**Gabriel Moreira Monteiro Bocchi<sup>82</sup>**

**Resumo:** discuto nesta comunicação a construção do “torcedor-consumidor”, em voga no futebol brasileiro sobretudo a partir dos anos de 1990, e potencializada no último decênio. Parto de uma discussão teórica a respeito da elaboração desse conceito, e o discuto com a apresentação de passagens etnográficas que tem como sujeitos torcedores do Sport Club Corinthians Paulista (SCCP) e, como objeto, o modo de venda de ingressos para jogos por meio do programa de “sócio-torcedor” do clube. De maneira perpendicular, apresento alterações nos modos de torcer decorrentes das mudanças vivenciadas por tais torcedores ao longo do ano de 2014, em que a equipe de futebol profissional do clube deixou de disputar as partidas sob seu mando no Estádio do Pacaembu, zona oeste da cidade de São Paulo, e passou a disputá-las na Arena Corinthians, zona leste.

**Palavras-Chave:** antropologia das práticas esportivas; consumo; futebol; torcedores.

**Abstract:** In this paper I discuss the construction of the “consumer supporter” in the Brazilian football, mainly on the 1990’s and intensified in the last ten years. Such work begins with a theoretical discussion on the development of this concept based on ethnographic situations which subjects are Sport Club Corinthians Paulista (SCCP) supporters and objects are the ticket sales for the matches by an association program. At the same time, the work also presents transformations in supporting habits resulting from changes experienced by such supporters throughout 2014, when the matches of the club’s professional football team, which used to be at Pacaembu Stadium, west side of São Paulo city, Brazil, began to take place at Arena Corinthians, at the city’s east side.

**Keywords:** anthropology of sports; consumption; football; supporters.

### **1. Apontamentos iniciais**

As considerações apresentadas nesse texto foram elaboradas a partir de minha pesquisa de mestrado intitulada “etnografia da perspectiva torcedora sobre a troca de estádios pelo Sport Club Corinthians Paulista”, realizada no Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade de São Paulo com orientação do Prof. Dr. Heitor Frúgoli Jr., entre fevereiro de 2014 e agosto de 2016. Nela acompanhei torcedores corinthianos nos “últimos jogos” disputados no Estádio do Pacaembu, e nos primeiros meses de frequência à Arena Corinthians.

Localizada no bairro de Itaquera tal arena foi construída entre os anos de 2011 e 14, no contexto de atualização<sup>83</sup> das praças esportivas brasileiras para a realização de partidas da

<sup>82</sup> PPGAS/USP. E-mail: gabrielmoreiramonteiro@yahoo.com.br

<sup>83</sup> Opto por utilizar o termo “atualização” em vez de “modernização dos estádios”, frequentemente utilizado pela mídia e por torcedores, em consonância com o proposto por Damo & Oliven: “preferimos o termo atualização

Copa do Mundo de 2014 no Brasil, portanto, segue à risca o “Padrão FIFA”<sup>84</sup>. Foi tanto a sede paulista no Mundial de 2014, quanto incorporada ao patrimônio físico e simbólico corinthiano, encerrando a carência do clube, imputada pelos rivais ao longo de décadas, de possuir uma praça esportiva de grandes proporções. Trata-se, portanto, de um equipamento com múltiplas significações. Abordo-a neste trabalho enquanto novo espaço simbólico do *corintianismo*<sup>85</sup> – não ignoro, evidentemente, a relação entre a arena e o megaevento de 2014.

Da interlocução com torcedores do Corinthians em idas a campo, realizadas nos “últimos jogos” do time no Estádio do Pacaembu e nos “primeiros jogos” na Arena Corinthians, é possível pensar uma série de transformações nos modos de fruição dos jogos e na relação de torcedores com o futebol. As mudanças físicas e estruturais propostas pelo “Padrão FIFA”, como a proximidade entre torcedores e campo de jogo e cadeiras em todos os setores, marcam diferenças entre as praças esportivas. Tais são acompanhadas por outras alterações na concepção do futebol em sua matriz espetacularizada, no que diz respeito ao acesso dos torcedores aos jogos, destaque<sup>86</sup>: significativos aumentos no preço dos ingressos para setores populares e decréscimo na oferta destes; compra de ingressos subsumida aos “sócio-torcedores”; criação de espaços para a venda de produtos oficiais do clube que se mesclam aos espaços para torcer, e notadamente ampliam e reforçam as atuações dos torcedores enquanto consumidores.

## 2. O torcedor-consumidor

O ato de torcer tomado em conjunto ao de consumir tem sido construído no futebol brasileiro desde a última década do século XX e desenvolvido ao longo do atual. Processo mais amplo no futebol espetacularizado, decorre do investimento de distintos agentes, como clubes, federações, poder público e iniciativa privada, de conduzir o futebol a partir de referenciais de gestão empresarial.

Os primeiros esforços nesse sentido foram empreendidos a partir de 1991, pela via jurídica e focada na gestão dos clubes, com o envio ao congresso nacional da lei Zico (Lei nº 8.672/93), “primeira tentativa de induzir e mesmo pressionar os tradicionais clubes brasileiros a seguirem ordenamentos gerenciais mais ‘empresariais’” (Toledo, 2012, p. 128). Proposta

---

em vez de modernização, dado que este último vem sendo amplamente utilizado pela mídia e pelo público em geral para se referir ao processo em curso, de conversão dos estádios em arenas. No entanto, quando observamos o processo de longa duração, notamos que o termo modernização é empregado em todas as transições, embora seus significados variem de acordo com o contexto” (2014, p. 119).

<sup>84</sup> Nome com que ficaram popularizados os requisitos elaborados pela FIFA (Federação Internacional de Futebol Associado), entidade organizadora da Copa do Mundo para os locais dos jogos. Organizados em um extenso documento com 248 páginas, o “Football Stadiums: technical recommendations and requirements” (2011), ou, como apontado por Holanda (2014, p. 323) “caderno de encargos”. Criado para orientar as reformas e construções de estádios que receberiam os jogos da Copa do Mundo de 2006, realizada na Alemanha. Em seguida foi indicado pela FIFA como padrão a ser seguido para as praças esportivas que receberiam jogos as duas edições seguintes do Mundial, em 2010 e 2014. A edição consultada foi republicada pela entidade no ano de 2011, no entanto, não houve alterações nos padrões para as praças esportivas.

<sup>85</sup> Clubismo específico dos corinthianos, pautado por carências que, na leitura dos torcedores, confeririam a síntese de “clube popular” ou “time do povo” ao SCCP (Toledo, 2013, p. 153). Com relação a esse tema, o “corintianismo” é atualizado e colocado em disputa, pois há aqueles que entendem que com a arena os torcedores mais pobres são alijados dos jogos do clube, na contramão da própria “gênese” do clube, termo utilizado por Negreiros (1992).

<sup>86</sup> Arlei Damo pensa o futebol a partir de quatro diferentes maneiras de praticá-lo, em que a matriz espetacularizada é definida pela prática esportiva em que os atletas profissionalizados têm de desenvolvê-la sob alto desempenho e sob as regras do sistema FIFA-IB. Os jogos ocorrem em grandes praças esportivas, são destacados por transmissões ao vivo e mobilizam aparatos de mídia especializada (2007, p. 42-45).

pela secretaria dos esportes durante o governo presidencial de Fernando Collor de Melo, foi aprovada em 1993, durante a presidência de Itamar Franco, e substituída adiante, em 1998, pela Lei Pelé (Lei nº 9.615/98), durante o governo de Fernando Henrique Cardoso.

As principais diferenças entre a segunda e a primeira lei estariam em especificidades com relação à não obrigatoriedade da mudança na gestão aos clubes – mas sim um caráter sugestivo – e ao fim do vínculo entre jogadores e clubes com os primeiros como patrimônio dos segundos<sup>87</sup>. Ambas as leis tinham como proposta, no entanto, maior inserção das lógicas neoliberais semeadas nos governos dos citados presidentes da república na gestão do futebol. Aos torcedores restava “a tarefa da espera pelo momento de serem arregimentados a esse processo na condição anestesiada e universalizada de consumidores de um futebol cada vez mais concebido como marca num universo consumista conspícuo” (Toledo, 2012, p. 128-9).

Um marco seguinte, também assentado em aspectos jurídicos, mas voltado aos espectadores de eventos esportivos, diz respeito à criação do “Estatuto do Torcedor”, em 2003 (Lei nº 10.671, de 15/5/2003), e republicado, com alterações, em 2010 (Lei nº 12.299, de 27/7/2010). Com o intuito de garantir direitos de proteção e defesa aos torcedores, toma o participante do evento esportivo sob a condição de consumidor, pautando-o pela relação comercial estabelecida para que o mesmo possa prestigiar tais eventos.

Tal interpretação decorre do artigo 3º: “Para todos os efeitos legais, equiparam-se a fornecedor, nos termos da Lei nº 8.078, de 11 de setembro de 1990, a entidade responsável pela organização da competição, bem como a entidade de prática desportiva detentora do mando de jogo” (Estatuto do torcedor, 2003, cap. 1 art. 3º). A lei citada é o Código de Defesa do Consumidor, e a relação comercial suscitada, então, a compra do ingresso para um jogo de futebol, nos termos de Martin Curi: “O que o torcedor compra é na verdade um pedaço de papel, que dá acesso a um certo setor do estádio durante um certo espaço de tempo” (Curi, 2012, p. 268)<sup>88</sup>.

Os modos de compra e as quantias envolvidas no acesso a esses ingressos também delineiam qual a origem social dos torcedores que os consomem. Nesse aspecto, no caso dos torcedores corintianos no período relatado anteriormente, tem-se uma mudança significativa: para jogos no Estádio do Pacaembu eram colocados a venda cerca de vinte e sete mil ingressos ao preço mais baixo, que em 2013 e 14, variavam entre dezoito e vinte e sete reais para sócio-torcedores e entre trinta e quarenta reais para não associados; na Arena Corinthians, são colocados a venda cerca de quinze mil ingressos aos preço mais baixo, dos quais oito mil são designados a torcedores organizados<sup>89</sup>, cinco mil para sócio-torcedores e dois mil a torcedores visitantes<sup>90</sup>, e o custo destes variou, em 2014 e 15, entre vinte e oito e trinta e cinco reais para os sócios e, nas poucas oportunidades em que houve venda de ingressos deste setor para torcedores não sócio-torcedores, o preço era cinquenta reais<sup>91</sup>.

<sup>87</sup>Sobre esse aspecto, Toledo indica em outra oportunidade: “Formalmente, com esta lei [aprovada em 1º de maio de 1998] os contratos de trabalho regulam a profissão de jogador segundo critérios trabalhistas já consagrados, adaptando-os a esta ‘nova profissão’”, (Toledo, 2000, p. 97).

<sup>88</sup>Ou, como será indicado adiante, com relação ao programa de sócio-torcedor corintiano, o que se compra é um serviço que é creditado em um cartão magnético.

<sup>89</sup>Uma das recomendações da Federação Paulista de Futebol (FPF) para a frequência de torcidas organizadas nas praças esportivas do estado de São Paulo, é a de que tais agrupamentos sejam concentrados em um setor exclusivo. Na Arena Corinthians o setor norte (atrás de um dos gols) foi designado para tal e, no período da pesquisa de campo, tinham acesso a ele apenas torcedores associados a torcidas organizadas e devidamente cadastrados na FPF.

<sup>90</sup>Números que variam conforme a quantidade de ingressos pleiteada, com antecedência, pelo clube que disputará a partida na condição de visitante, mas que não excede o limite de dois mil ingressos. Assim, em partidas em que a equipe adversária ao Corinthians não pleiteou ingressos para sua torcida, corintianos tiveram acesso a cerca de sete mil ingressos, carga total no setor sul, localizado atrás de um dos gols.

<sup>91</sup>O que foi observado em apenas três partidas durante o período de maio de 2014 e abril de 2015, no qual a equipe corintiana disputou trinta e três jogos na arena.

Sobre a diminuição na oferta de ingressos aos preços mais baratos nos novos estádios, Toledo menciona “uma agenda política de exclusão simbólica dos torcedores economicamente mais fragilizados” (2012, p. 157), enquanto Flávio de Campos indica uma “higienização social do futebol” (2014, p. 358). Trata-se, evidentemente, de uma elitização do acesso aos jogos.

A atuação do torcedor como consumidor, no entanto, é ampliada para além da compra de ingressos. No espaço de tempo em que a sua permanência na praça esportiva é legitimada pelo ingresso adquirido, “O torcedor poderia, a princípio, deitar-se num canto e dormir. A proposta é ver o jogo, mas o torcedor pode ignorar isso completamente” (Curi, 2012, p. 268), ele pode também consumir outros produtos e serviços, convertidos em lucro para o clube e seus parceiros, desde que o espaço acessado para acompanhar o jogo torne isso possível.

Tal é sublinhado por Flávio de Campos ao indicar na sofisticação investida nas praças esportivas construídas para o Mundial de 2014 uma “linguagem arquitetônica que privilegia o adorno e o conforto”, com o intuito de torná-las “intensos lugares de consumo” (2014, p. 358). O espaço com tais características estaria em sintonia com a perspectiva de que, ao acessar uma praça esportiva por algumas horas, o torcedor sintá-se à vontade para realizar diversos atos de consumo: comer, beber, adquirir camisetas e demais objetos alusivos ao clube.

Conforme apontado por Hollanda, há uma estreita relação entre as prescrições indicadas no Estatuto do Torcedor, as normas indicadas pelo caderno de encargos da FIFA para as arenas construídas ou reformadas para a Copa do Mundo de 2014 e a conversão do torcedor em consumidor (2014, p. 323)<sup>92</sup>. Nota-se a consonância nesta interpretação com as indicadas por Campos (2014, p. 358), Curi (2012, p. 282) e Toledo (2012, p. 154).

Nesse sentido, tem-se, então, um terceiro marco com relação a intensificação do torcedor-consumidor: as próprias noções de arquitetura que guiaram os projetos de construção das arenas entre 2007 e 2014. Alterações na disposição dos setores acessíveis aos torcedores e diminuição na capacidade de público dos novos estádios, justificaram significativos aumentos no preço cobrado pelos ingressos. A oferta de outros bens a serem consumidos no espaço de tempo que o torcedor permanece dentro das arenas compõe também esse cenário, em que “a aquisição de lucro não depende mais do número de espectadores presentes em uma praça esportiva, mas da capacidade e versatilidade de cada um desses, de maneira individual, consumir produtos esportivos durante o espetáculo de futebol” (Hollanda, 2014, p. 323/4). Fomentar atuações dos torcedores como consumidores configura-se, assim, como uma ação central na atualização em voga no futebol de espetáculo, o que é potencializado com a inauguração das arenas para a Copa do Mundo e os modos de gestão das mesmas.

No caso corintiano, ocorreram alterações significativas na gestão do clube com a eleição da chapa “Renovação e Transparência” para a direção do mesmo, a partir de 2007, que demarcaram mudanças no acesso dos torcedores aos jogos. Sob a presidência de Andrés Sanchez (2007-12) e seus sucessores (2012-15; 2015-atualmente), o clube passou a ser administrado à luz do termo “modernização”, colocada em prática pela via do consumo, em que foram realizados investimentos no programa de sócio-torcedor e em uma rede de loja para a venda exclusiva de produtos com as marcas do clube<sup>93</sup>.

Assim, para pensar os novos padrões para o acesso ao futebol espetacularizado combinados à frequência em uma nova praça esportiva, cabe observar, em um primeiro

<sup>92</sup> O autor se refere ao caso específico da reforma do Estádio do Maracanã, no entanto sua análise se aproxima do presente estudo, uma vez que “A reforma do estádio (...) compreende uma série de mudanças estruturais com vistas à realização da Copa de 2014” (Hollanda, 2014, p. 322).

<sup>93</sup> Em 2003 foi aberta na sede do SCCP a loja “Poderoso Timão”, que, durante a gestão de Andrés Sanchez, recebeu investimentos e se tornou uma rede de franquias com lojas em diversos estados brasileiros. Atualmente a rede conta com setenta e duas lojas, ver: <http://www.redepoderosotimao.com.br/lojas> (acesso em 1/4/2016). Em razão dos limites do texto, não me aprofundarei no âmbito do consumo de produtos diversos disponíveis nestas lojas pelos torcedores.

momento, questões referentes à venda de ingressos por meio do programa de sócio-torcedor corintiano e, em seguida, rearranjos elaborados pelos torcedores para adequar as regras do programa e as especificidades dos setores da arena às suas próprias necessidades e condições financeiras.

### 3. Os “Fiéis-Torcedores”

A figura do sócio-torcedor, conforme discute Toledo, seria inicialmente mobilizada por diversos agentes, “promotora pública, polícia militar, clubes e até mesmo dirigentes de torcidas organizadas” (2012, p. 151). O intuito com tal modelo de associação seria o de “promover os torcedores a consumidores”, como uma forma de diminuir certa passionalidade, vista pelos gestores do futebol como danosa ao espetáculo do futebol profissional (2000, p. 270). Os torcedores mais passionais, na noção desses sujeitos, surgiriam na figura dos torcedores organizados, donde a noção de que uma associação pautada pela atuação do torcedor “como uma espécie de acionista minoritário de seu clube-empresa” (2010, p. 179) refrearia as massas torcedoras e ressaltaria o torcedor individualizado. Trata-se, portanto, de “outra modalidade torcedora que, despolitizada em seus propósitos, repatriaria noções mais conservadoras do torcer, fortemente atreladas às dinâmicas do poder como indutores de uma nova disciplina esportiva para a prática torcedora nas arquibancadas” (2012, p. 150).

Se em um primeiro momento os programas de sócio-torcedor ofereciam aos associados contrapartidas esparsas<sup>94</sup>, o modelo atual, espreado nos últimos anos entre os grandes clubes brasileiros, possibilita uma vantagem central: prioridade e descontos na compra de ingressos para os jogos.

Nesse contexto o Corinthians lançou no final do ano de 2008, o seu programa de sócio-torcedor, nomeado “Fiel Torcedor”, que oferece como principal serviço a compra de ingressos para partidas com mando do Corinthians de maneira antecipada, com desconto sobre o preço de face do ingresso<sup>95</sup> e via internet – paralelamente eram oferecidos descontos nas lojas oficiais do clube. O programa de sócio-torcedor com tal característica enquadra-se na definição de Colin Campbell e Lívia Barbosa sobre “mecanismos legais e sociais de acesso” a produtos e serviços, a partir do qual não se fala “em ‘venda de produtos’, mas em ‘venda de acesso’ a produtos” (2006, p. 25). Associar-se ao programa de sócio-torcedor é adquirir um serviço que tem como principal uso o acesso a outro: ingressos para partidas de futebol.

Até então a venda de ingressos para jogos do Corinthians ocorria unicamente por meio de bilheteria física, instaladas na estrutura de estádios ou de stands montados em shopping centers, estacionamentos de supermercados e as próprias lojas. Os ingressos eram impressos em papel com uma fita magnética ou em material plástico mole e, apenas eventualmente, quando realizada a venda de meia-entrada, traziam impressos dados pessoais do torcedor – o que favorecia a ação de “cambistas”<sup>96</sup>.

A associação ao programa sócio-torcedor se dá a partir do pagamento de um valor anual, que varia entre três planos de associação, nomeados: “Minha Vida”; “Minha História”;

<sup>94</sup> “Proposto de maneira desigual e em tempos díspares, mas nem sempre levado a cabo, tal modelo acompanharia as diversas demandas e interesses políticos de seus implementadores”, (Toledo, 2012, p. 151).

<sup>95</sup> Termo que se refere ao preço cobrado pelo ingresso na venda em bilheteria. Quando os ingressos se esgotam na etapa de vendas via internet para os associados, tal valor não chega a ser praticado, sendo tomado apenas como um referencial para o desconto a que terão acesso os sócio-torcedores.

<sup>96</sup> Nomeação atribuída aos sujeitos que adquirem ingressos e os revendem a um preço superior nas imediações de praças futebolísticas, shows musicais e demais eventos com venda de ingressos.

e “Meu Amor”<sup>97</sup>, cada plano oferece disponibilidade para compra de ingresso em setores específicos. Para jogos no Estádio do Pacaembu, local de mando dos jogos da equipe em São Paulo até abril de 2014, os planos permitiam compra antecipada de ingressos, respectivamente, para os setores: arquibancada de portão principal (verde e amarela), tobogã<sup>98</sup> e o setor “laranja família”, arquibancada especial laranja e cadeiras numeradas (cobertas ou descobertas).



Mapa de setores do Estádio do Pacaembu. (créditos da imagem: Secretaria Municipal de Esportes, Lazer e Recreação).

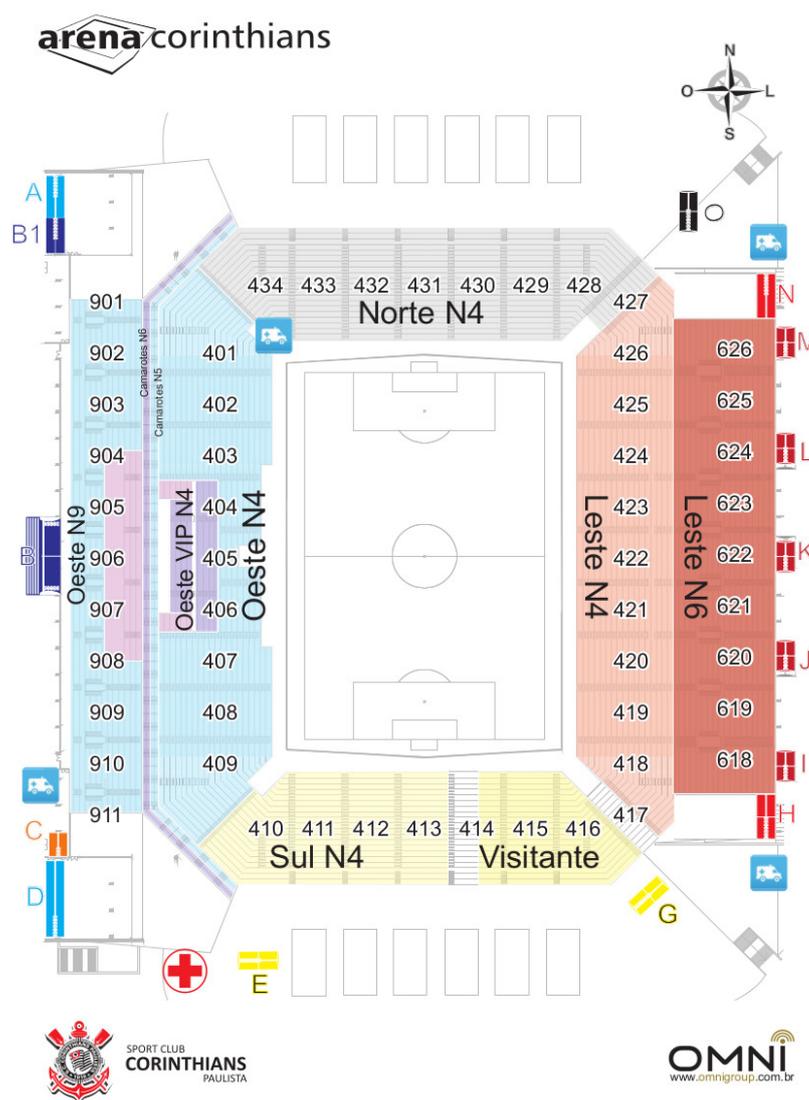
Entre 2014 e 2015<sup>99</sup>, os ingressos para jogos do Corinthians na arena eram vendidos pelo programa Fiel Torcedor a partir da seguinte divisão: associados ao plano “Minha Vida” poderiam adquirir ingressos para os setores sul, leste inferior e leste superior; associados ao plano “Minha História”, ingressos para os setores leste inferior, leste superior e oeste superior; e associados ao plano “Meu Amor”, os setores leste inferior, oeste superior e oeste inferior<sup>100</sup>.

<sup>97</sup> Os nomes dos planos seguem os versos de música criada pelos Gaviões da Fiel e cantada pela torcida corintiana em geral, que consiste na repetição dos versos: “Corinthians, Corinthians minha vida, Corinthians minha história, Corinthians meu amor”.

<sup>98</sup> Setores tomados como equivalentes por estarem posicionados atrás das traves.

<sup>99</sup> Após junho de 2015 ocorreram alterações na dinâmica de vendas, no entanto, como não as acompanhei sistematicamente, opto por abordar acontecimentos tal qual observados.

<sup>100</sup> Em razão da impossibilidade de realizar uma pesquisa que abrangesse todos os setores das praças esportivas mencionadas, tomei como sujeitos da pesquisa os torcedores frequentadores dos setores de ingressos mais baratos, de modo que a análise que se segue a respeito dos sócio-torcedores versa sobre associados ao plano “Minha Vida”.



Mapa de setores da Arena Corinthians. (Créditos: na imagem).

Ao realizar a associação em um site criado e gerido pela Omni, empresa parceira do Corinthians<sup>101</sup>, recebe-se um número de matrícula, sob o qual ficam registradas as movimentações do associado no programa. Alguns dias após o pagamento da primeira anuidade, o sócio recebe, por correio, um cartão magnético que traz impresso o nome, número de matrícula e data de nascimento conforme registro no site. É ressaltado no ato da inscrição e por meio do regulamento do programa que o cartão é “pessoal e intransferível”<sup>102</sup>.

Em janeiro de 2014, quando realizei minha associação ao programa a fim de acompanhar os jogos do Corinthians para realização da pesquisa, o valor da anuidade era cento e oitenta reais, e o desconto oferecido para a compra de ingressos variava de acordo com a quantidade de ingressos adquiridos (de 30% a 40%). A porcentagem do desconto não

<sup>101</sup> A empresa Omni Financeira é responsável pelo site e pela administração do Fiel Torcedor: <http://fieltorcedor.com.br/> (acesso em 1/4/2016).

<sup>102</sup> O que é indicado na cláusula quarta do termo para associação ao programa, disponível em: <http://www.fieltorcedor.com.br/SCCP-Termo%20Fiel%20Torcedor-19.12.2014.pdf> (acesso em 3/5/2016).

foi alterada quando a equipe passou a jogar em sua arena, mudanças efetivas ocorreram com o aumento no preço de face e com a diminuição na oferta dos ingressos mais baratos.

Em janeiro de 2015, quando o clube lançou, por meio do sócio-torcedor, o primeiro “pacotão” de ingressos, foram colocados à venda nesse os ingressos para dez partidas: um amistoso<sup>103</sup>, um jogo classificatório para a Libertadores e oito partidas da primeira fase do Campeonato Paulista. O desconto oferecido sobre o preço de face do ingresso era de 50%, e o pacote com ingressos para o setor sul totalizava duzentos e cinquenta reais, a serem pagos exclusivamente à vista e junto à anuidade do programa, ao custo de cento e oitenta reais, em parcelas, ou cento e sessenta reais, à vista. Quando realizada a venda, muitos jogos não possuíam data definida, porém, com o custo de cada jogo a vinte e cinco reais, “podia compensar”.

Esse pacote foi criticado por torcedores, inclusive aqueles que o adquiriram, por duas razões. Primeiramente, porque o pagamento à vista apenas poderia ser realizado por torcedores de maior poder aquisitivo, em razão do montante a ser investido. E também porque no pacote foram colocados à venda todos os ingressos para o setor sul, e não uma porcentagem. Assim, apenas teriam acesso aos jogos no setor mais barato os torcedores que poderiam pagar duzentos e cinquenta reais, equivalentes aos ingressos e à renovação da associação. Apesar das críticas ao modo da venda o “pacote” foi adquirido por muitos torcedores que temiam não conseguir comprar ingressos para as partidas quando a venda fosse realizada às vésperas dos jogos.

Toda a movimentação para a compra de ingressos por sócio-torcedores ocorre via internet, e em distintas etapas. Inicialmente é realizado o envio de informações ao torcedor, via e-mail e Twitter<sup>104</sup>, com as datas e horários do início da venda de ingressos, tanto para jogos avulsos como para “pacotes”. Quando a venda de ingressos é aberta, o associado reserva a sua entrada, o pagamento pode ser feito por meio de cartão de crédito, previamente cadastrado no site do programa, ou via boleto bancário. Realizada a reserva de um ingresso, o associado tem vinte e quatro horas para efetuar o pagamento, caso não o faça a reserva é automaticamente cancelada pelo sistema de vendas e o ingresso volta a constar como disponível no site.

No caso do plano “Minha Vida”, pelo qual a partir de 2011 alguns jogos começaram a ter maior procura por ingressos do que a oferta foi criado um sistema de pontuação para dividir a venda em outras duas etapas. O cálculo é baseado na assiduidade dos torcedores na compra, em que cada ingresso adquirido concede 1.1 ponto, que ao serem somados indicam o número de pontos que o torcedor possui no programa. Este 1.1 ponto é fracionado: no período de doze meses são somados integralmente, no entanto, após doze meses da compra, para o cálculo da pontuação geral do associado será computado apenas o 0.1 ponto. Assim, se entre janeiro de 2014 e junho de 2015 foram adquiridos 28 ingressos, sendo 20 entre junho de 2014 e 2015, em junho de 2015 a pontuação no programa seria de 25 pontos.

Quando a data da venda de ingressos para uma ou mais partidas é anunciada por meio do e-mail enviado pelo programa, é indicado o número de pontos mínimos necessários para que o torcedor seja incluído na categoria de “mais assíduo”; em seguida, os demais, que são referidos como “todos os sócios adimplentes”. Esta pontuação mínima, no entanto, não segue uma lógica matemática fixa, mas sim a de jogos com maior ou menor procura: se é mantida em 20 pontos para a venda de ingressos para partidas do Campeonato Paulista, para a venda de jogos da Libertadores, em que a procura por ingressos é maior, é elevada para 30.

<sup>103</sup> Contra a equipe inglesa do Corinthian-Casuals, que inspirou o nome para a fundação do SCCP em 1910. Por essa razão a partida foi tomada por muitos torcedores como “histórica”.

<sup>104</sup> Rede social virtual utilizada pelo programa como meio de comunicação com os associados. Por essa razão, tomei o Twitter como um dos espaços da pesquisa, como se verá adiante. Em agosto de 2014 foi criado um serviço telefônico para tal.

Para muitos dos torcedores o Fiel Torcedor oferece duas vantagens: premia os mais assíduos com a prioridade para a compra de ingressos e extingue as longas filas que se formavam em bilheteria em jogos com grande demanda de público – como clássicos e partidas decisivas. Por outro lado, com a diminuição de setores com ingressos mais baratos, o acesso a estes, como visto, é realizado por torcedores que possuem acesso à internet e condição financeira para pagamento da anuidade. Desse modo tem-se na venda de ingressos para jogos do Corinthians por meio do sócio-torcedor uma modernização pautada pelo consumo e, conseqüentemente, pela exclusão dos torcedores de menor poder aquisitivo.

A elitização decorrente da elevação no custo dos ingressos e das regras para venda destes por meio do programa de sócio-torcedor corinthiano, mobilizam os torcedores a acionarem suas redes de sociabilidade no sentido de interagirem para revender ingressos.

#### 4. Torcedores *online* e a revenda de ingressos

A necessidade de compra de ingressos pelos associados ao plano “Minha Vida” – a fim de manterem-se acima da linha de assiduidade estipulada pelo programa – faz com que torcedores adquiram entradas sem saber se poderão ir ao jogo. Vivenciei situações, tanto *online* quanto *offline*<sup>105</sup>, em que um torcedor não conseguiu adquirir um ingresso para determinada partida (ou procurava uma entrada para uma pessoa próxima não associada ao Fiel Torcedor) e lançava mão da rede de contatos via Twitter para comprar um ingresso. Igualmente, havia situações em que, em posse de um ingresso que não seria usado pelo titular do cartão do Fiel Torcedor, o mesmo era anunciado no Twitter.

A dimensão do “ciberespaço”, na qual está inserido o Twitter, é apontada por Rocco Jr. como “uma nova dimensão social”, cujo desenvolvimento “trouxe o surgimento das chamadas redes sociais, nas quais indivíduos podem, com os mais diversos objetivos, se relacionar com outras pessoas com quem tenham afinidades de interesses” (2015, p. 139). A interação por meio dessa dimensão “não elimina as demais pré-existentes. Relaciona-se com elas, é condicionada, mas também altera as demais” (Rocco Jr., 2015, p. 139). Nestas é privilegiada a criação de “um perfil baseado nas referências identitárias construídas e validadas fora da rede” (Ramos, 2015, p. 70); essas “afinidades de interesses” e “referências identitárias” abrangem, evidentemente, discussões sobre futebol, especificamente associadas ao clubismo.

O Twitter, diferente de outras redes sociais como o Facebook, não disponibiliza a opção de grupos de discussão ou diversos campos para a autodefinição, prioriza a interação rápida entre os perfis, por meio de publicações feitas com, no máximo, cento e quarenta caracteres. O perfil individual é composto por uma larga foto a ser utilizada como “capa”, no topo da página, uma imagem de menor resolução, utilizada como “foto de perfil”, no canto esquerdo, seguida de uma breve descrição do perfil, também em cento e quarenta caracteres. Cada usuário detém um endereço na web e é citado, dentro do Twitter, por meio do seu endereço precedido por um símbolo de arroba. Por exemplo, o endereço

<sup>105</sup> Configurou-se como um dos espaços da pesquisa de campo o “cyberespaço”, em que me foquei especialmente no uso do Twitter realizado pelos torcedores. Rede social virtual acessada para interações em momentos que não o das partidas e, por meio da rede de contatos estabelecida entre o *offline* e o *online*, revender ou adquirir ingressos. Sobre o uso do ciberespaço como um dos locais para pesquisa de campo em antropologia urbana, ver Dornelles (2004).

www.twitter.com/carlosSCCP, para ser citado por outros usuários, é referido como @carlosSCCP<sup>106</sup>.

Dada a ausência de espaços mais amplos para que o usuário se autodefinia, no Twitter a exposição do “realismo identitário” indicado por Ramos (2015, p. 70) é feita constantemente, conforme publicações realizadas pelo usuário. Elas permanecem fixas de maneira regressiva (das mais recentes às mais antigas) na página individual – que pode ser de acesso público ou restrito a perfis selecionados pelo usuário – e ao “conhecer” um perfil no Twitter, toma-se ciência dos temas abordados nas postagens realizadas pelo usuário.

Assim, ao tomar conhecimento de um usuário cujo endereço seja @carlosSCCP, a foto utilizada como perfil possua algo relacionado ao Corinthians – um sujeito vestindo uma camisa do clube ou uma imagem do símbolo do clube –, e a foto utilizada como capa também faça alusão ao time (um tipo de perfil comum entre os torcedores-twitteiros com os quais interagi), não é de se surpreender que exista uma volumosa quantidade de publicações sobre tal relação clubística, como comentários de notícias sobre jogadores, ingressos para jogos, links para vídeos com jogos antigos, fotos da pessoa em jogos e, sobretudo, interações com demais perfis do Twitter interessados no tema e com características semelhantes.

O conteúdo da página principal acessada por um usuário do Twitter, a *timeline* (ou “TL”), é composto por publicações dos perfis que são “seguidos”, de modo que se referir à “TL” significa, nesse universo, referir-se aos perfis que lhe seguem, do ponto de vista do usuário do Twitter como um produtor de conteúdo a ser acessado por outros, bem como aos que são seguidos, do ponto de vista do usuário daquele perfil como um leitor de publicações. A formação de uma TL é o primeiro passo após a criação de um perfil, e se dá “seguindo” outros perfis, cujos temas dos *tweets*, termo que se refere às publicações no Twitter, contemplam o interesse do usuário daquele perfil.

As interações com os usuários que compõe a TL se dá com a menção às suas arrobas em publicações ou a partir da ferramenta “reply”, que permite responder diretamente a uma postagem realizada. Os diálogos entre perfis em comum também são visualizados na TL. Há ainda a possibilidade de compartilhar com os perfis que lhe seguem publicações de outros, por meio do “retweet” (ou “RT”), bem como a possibilidade de usuários desconhecidos participarem de uma mesma conversa, de onde é frequente que, dado interesses em comum, se tornem seguidores. Tais características conferem ao Twitter uma dinâmica em rede.

Nos termos utilizados pelos torcedores, ao “ter um ingresso na mão”, mas sem poder ir ao jogo, “é passar ou morrer com ele”, isso diferencia a atuação deles da dos “cambistas”: os ingressos são revendidos pelo mesmo preço que o adquirido, ao passo que os cambistas excedem o valor de face dos ingressos para gerar lucro. Por essa razão a atuação de “cambistas” é tomada, tanto pelo clube quanto pelos torcedores, como pejorativa, justamente por ter como fim um lucro ilícito, que “explora” o torcedor<sup>107</sup>.

<sup>106</sup> A referência entre os torcedores por meio do nome utilizado no Twitter é também acionada nos contatos face a face. De modo que uma pergunta frequente entre os torcedores, ao conhecerem outro em um dia de jogo e notarem que ambos são usuários do Twitter, é “qual a sua arroba?”.

<sup>107</sup> Alguns torcedores com os quais eu interagia relataram situações ocorridas nas imediações do Estádio do Pacaembu em que agrupamentos de torcedores se reuniam na Praça Charles Miller para “pegar os cambistas”, batendo neles, pegando os ingressos que possuíam e os redistribuindo – sob a sigla “OCC”, Operação Capota Cambista, identificava essas ações. Entendiam que tanto essas ações quanto a ampla adesão dos torcedores ao programa de sócio-torcedor, que diminuiu amplamente a produção de ingressos de papel, contribuíram para a diminuição no número de cambistas atuando em dias de jogos do Corinthians, o que já era observado pelos torcedores no Estádio do Pacaembu.

A partir dos contatos virtuais marcam-se encontros, na praça em frente à saída do metrô Itaquera, no bar próximo à estação de metrô Artur Alvim, pontos de encontro próximos a arena<sup>108</sup>, que mobilizam e aproximam sujeitos.

Acompanhei distintas situações da entrega de cartões do Fiel Torcedor de um torcedor para outro, e, com frequência o responsável pelo cartão estava ausente<sup>109</sup>. Como o cartão é “pessoal e intransferível”, e seu uso por terceiros acarretaria no cancelamento da associação ao programa, algumas orientações eram passadas pelo torcedor que revendia o ingresso à pessoa que fosse adentrar na praça esportiva com um cartão no nome de outra pessoa: devem evitar que qualquer funcionário do clube – identificados pelo uso de coletes na cor laranja<sup>110</sup> – tenham o cartão em mãos; a partir da recomendação anterior, caso o cartão não seja validado imediatamente na catraca, tentar entrar por outras, e caso a validação não ocorra, se afastar do portão e ligar para o torcedor que revendeu o ingresso; colocar o cartão dentro de uma capa plástica, a fim de encobrir o nome impresso; evitar que cartões com nomes de mulheres sejam entregues para homens; sempre que possível, entrar na arena junto desses torcedores.

Após ter observado a entrega de cartões por algumas vezes, vali-me do meu uso do Twitter para acompanhar as distintas etapas desse procedimento. Em uma situação como “revendedor” de um ingresso e em outra como comprador, descrevo adiante uma delas.

Na manhã do dia 4/2/2015, em que Corinthians e Once Caldas disputariam partida válida pela Taça Libertadores da América (Libertadores)<sup>111</sup>, Jonathan me informou possuir um ingresso excedente para o setor sul em um cartão de sócio-torcedor, e o ofereceu a mim para que o repassasse para outro torcedor – aproveitei a situação para testar o funcionamento tanto do Twitter como meio para agenciar a troca de cartões, quanto a própria agência desses cartões para encontros antes dos jogos.

Por meio de meu perfil no Twitter informei: “tenho um ingresso *de* sul sobrando para o jogo. Alguém interessado?”. Osvaldo, que com grande frequência utiliza o Twitter para combinar trocas de cartões, respondeu à publicação, estava à procura de um ingresso para um amigo seu, Jorge. Trocamos mensagens e sugeriu que nos encontrássemos a partir das 19h no “Bar do Torcedor”, próximo à estação Artur Alvim. O encontro com Jonathan ocorreria às 21h30min na praça em frente à estação Corinthians-Itaquera.

Osvaldo entregaria cartões do Fiel Torcedor para torcedores que o aguardavam em um dos acessos a arena, de modo que caminhei com Jorge até a praça em frente à saída da estação Corinthians-Itaquera. Em nosso percurso me agradeceu por ter conseguido o ingresso, comentou que por ter se associado recentemente ao sócio-torcedor pelo plano “Minha Vida” estava muito abaixo da pontuação da assiduidade para aquela partida, e quando foi aberta a venda de ingressos para todos os sócios adimplentes, estavam disponíveis apenas ingressos para o setor leste superior, ao preço de cento e vinte reais.

Sua agenda de trabalho, com apenas um dia de folga na semana, o impediria de ir à maioria dos jogos, tanto que sua ida àquela partida envolveu uma negociação junto a seu “chefe”: combinaram que Jorge poderia realizar a sua “folga semanal” em dias no meio da

<sup>108</sup> É importante destacar que essas relações e trocas ocorriam também para jogos no Estádio do Pacaembu, no entanto, no período em que realizei etnografia em jogos disputados no mesmo, não presenciei encontros com tais finalidades. De toda forma, os torcedores comentavam sobre seus principais pontos de encontro nos arredores do Pacaembu: a banca de jornal no início da Praça Charles Miller e a região do círculo gramado de frente para o portão 2.

<sup>109</sup> Exceção feita aos casos em que um sócio-torcedor adquiria um ingresso para um setor tido como “melhor” (setores leste e oeste, com melhor visão do jogo por estarem nas laterais do campo, ou mesmo conseguia um “esquema” para entrar no setor norte junto das torcidas organizadas), e, então, “repassava” o seu próprio cartão.

<sup>110</sup> Referidos como “orientadores de público” ou, conforme termo que ganhou força após a realização da Copa do Mundo, “stewards”.

<sup>111</sup> A Copa Libertadores da América é uma competição organizada pela Confederação Sul-Americana de Futebol (Conmebol) e disputada por clubes de distintos países sul-americanos.

semana com jogos do Corinthians pela Libertadores, a fim de que acompanhasse a partida e isso não prejudicasse seu desempenho no trabalho.

Associou-se ao programa de sócio-torcedor ciente de que não estaria presente em todas as partidas, mas seu objetivo era “começar a colar nos jogos bons, clássico, Liberta<sup>112</sup>”, razão pela qual recebeu o seu cartão e o entregou, junto do *login* e senha para acesso ao site do programa, para Osvaldo, que “administraria” o seu cartão, isto é, compraria e revenderia ingressos no mesmo. Seu planejamento era o de possuir um cartão com o qual ir aos jogos de seu interesse e dentro do que lhe fosse possível conforme sua agenda de trabalho. Dessa forma, se manteria ativo na rede de troca de cartões, tendo ingressos a fornecer para outros torcedores quando possível e adquirindo outros quando necessário.

Ao chegarmos em frente à saída da estação Corinthians-Itaquera, nosso encontro com Jonathan, que acompanharia a partida no setor leste inferior e seguiria para o outro acesso da arena, foi rápido. Jorge agradeceu a Jonathan pela revenda do ingresso e indicou que, se precisasse de um em alguma ocasião, que falasse comigo, pois poderia, de maneira recíproca, lhe revender um ingresso disponível em seu cartão para uma partida em que não pudesse ir.

Nessa situação, Osvaldo, Jorge, Jonathan e Gabriel se envolveram em uma relação que incluiu o uso de ferramentas virtuais, o acesso a distintos locais no entorno da arena e contatos entre pessoas conhecidas e desconhecidas, em razão da entrega de um cartão magnético que validaria a entrada de Jorge para ver o jogo.

## 5. Considerações finais

A partir das necessidades dos torcedores para acompanhar os jogos *in loco*, as limitações colocadas pelo clube com o intuito de criar um sistema de venda de ingressos “pessoal e intransferível” são readequadas. Tal evidencia a atuação de objetos, os cartões dos sócio-torcedores, como atores não humanos em redes de sujeitos humanos, conforme indicado por Bruno Latour: “*qualquer coisa* que modifique uma situação fazendo diferença é um ator” (2012, p. 98, itálico do autor).

A atuação dos cartões do Fiel Torcedor nestas redes se dá com a transformação destes objetos em atores “pessoais e transferíveis”, que alteram situações e aproximam aqueles que os possuem daqueles que os desejam – papéis redefinidos a cada dia de jogo, visto que nesta rede muitos dos torcedores tanto fornecem quanto adquirem ingressos.

Os cartões dos sócio-torcedores, uma das facetas materiais da “modernização do futebol” propalada pelos grandes clubes, pela mídia especializada e por federações, uma vez atores que circulam entre os sujeitos baseados em redes de solidariedade, “fazem com que torcedores ultrapassem os limites da prática instrumental de consumidores de futebol” (Toledo, 2012, p. 155). Utilizados desta forma, quebra-se com a própria lógica de individualização do torcer proposta pelo programa e servem, assim, mais a fortalecer os laços entre os torcedores do que a rompê-los.

À memória do Professor Sérgio Domingues “Krahô”.

---

<sup>112</sup> Modo de se referir à Libertadores. Alguns torcedores, que se orgulhavam por raramente deixar de ir aos jogos, utilizavam esse termo de maneira pejorativa ao se referirem a torcedores que, opostamente a eles, frequentam apenas alguns jogos.

## Referências

- BARBOSA, Livia; CAMPBELL, Colin. **Consumo, cultura e identidade**, Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2006.
- CAMPOS, Flávio. Arquitetura da exclusão: Apontamentos para a inquietação com o conforto. In. ALFONSI, Daniela, CAMPOS, Flávio de. **Futebol objeto das ciências humanas**. São Paulo, Leya, 2014.
- CURI, Martin. **Espaços da emoção**: arquitetura futebolística, torcida e segurança pública. Tese (Doutorado em Antropologia) – Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2012.
- DAMO, Arlei S. **Do dom à profissão**: a formação de futebolistas no Brasil e na França. São Paulo: Aderaldo & Rothschild Ed., Anpocs, 2007.
- DAMO, Arlei S., OLIVEN, Ruben George. **Megaeventos esportivos no Brasil**: um olhar antropológico. Campinas, SP, Armazém do Ipê, 2014.
- DORNELLES, Jonatas. Antropologia e Internet: quando o "campo" é a cidade e o computador é a "rede". In. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 10, nº21, p. 241/27, jan/jun, 2004.
- HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque de. O fim do Estádio-nação? Notas sobre a construção e a remodelagem do Maracanã para a Copa de 2014. In. ALFONSI, Daniela, CAMPOS, Flávio de. **Futebol objeto das ciências humanas**. São Paulo, Leya, 2014.
- LATOUR, Bruno. **Reagregando o Social**: uma introdução à teoria Ator-Rede. Salvador: Edufba, 2012; Bauru, São Paulo: Edusc, 2012.
- NEGREIROS, Plínio José Labriola de Campos. **Resistência e Rendição** - A Gênese do Sport Club Corinthians Paulista e o futebol oficial em São Paulo - 1910-1916. São Paulo: PUCSP, dissertação de mestrado, 1992.
- RAMOS, Jair de Souza. Subjetivação e poder no ciberespaço. Da experimentação à convergência identitária na era das redes sociais. In. **Vivência revista de antropologia**, UFRN, v. 1, n. 45, 2015, p. 57-75.
- ROCCO JR., Ary José. Gaviões da Fiel na rede: pertencimento, violência e consumo no ciberespaço. In. HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque de; NEGREIROS, Plínio Labriola. **Os Gaviões da Fiel**: ensaios e etnografias de uma torcida organizada de futebol. Rio de Janeiro, 7 Letras, 2015.
- TOLEDO, Luiz H. **Lógicas no Futebol**: dimensões simbólicas de um esporte nacional. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, USP, São Paulo/SP, 2000.
- \_\_\_\_\_. Torcer: a metafísica do homem comum. In. **Revista de História**, São Paulo, n. 163, p. 175-189, jul./dez. 2010.
- \_\_\_\_\_. Políticas da corporalidade: socialidade torcedora entre 1990-2010. In. HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque de; ET AL. **A torcida brasileira**. Rio de Janeiro, 7 letras, 2012.
- \_\_\_\_\_. Quase lá: a Copa do Mundo no Itaquerão e os impactos de um megaevento na socialidade torcedora. In. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 19, n. 40, jul./dez. 2013, p. 149-184.

## Documentos

Estatuto do torcedor e legislação correlata. Lei nº 10.671, 2003. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/2003/L10.671.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/L10.671.htm)>; Acesso em: 25 jun. 2016.

Estatuto do torcedor e legislação correlata. Lei nº 12.299, 2010. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/ Ato2007-2010/2010/Lei/L12299.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ Ato2007-2010/2010/Lei/L12299.htm)>; Acesso em: 25 jun. 2016.

FIFA. **Football Stadiums**: technical recommendations and requirements. Official Publication of the Fédération internationale de Football association, 5th completely revised edition, 2011.

## CAIO MARTINS: O PRIMEIRO COMPLEXO ESTÁDIO-PRISÃO DA AMÉRICA LATINA

Henrique Sena Guimarães Lopes<sup>113</sup>

**Resumo:** O presente artigo apresenta a discussão sobre as relações do futebol com a ditadura civil-militar brasileira e a utilização do estádio Caio Martins como prisão logo no início do regime, pouco tempo depois do golpe. Estádio utilizado como mando de campo pelo time Botafogo de Futebol e Regatas em grande parte de sua história.

**Palavras-chave:** estádio-prisão; segurança nacional; repressão.

**Abstract:** This article presents the discussion of football relations with Brazilian civil-military dictatorship and the use of the stadium Caio Martins as a prison early in the regime shortly after the coup. Stadium used as home field for Botafogo de Futebol e Regatas team for much of its history.

**Keywords:** stadium prison; national security; repression.

### 1. Introdução

O Estádio Caio Martins, equipamento que integra o complexo esportivo de mesmo nome, foi inaugurado em 20 de julho de 1941. Seu nome homenageia o escoteiro Caio Vianna Martins, que em 1938, aos 15 anos de idade, sofreu um grave acidente ferroviário em Minas Gerais e recusou ajuda médica em detrimento de outros feridos. Localizado à Rua Presidente Backer, s/n - Santa Rosa, Niterói/RJ, o complexo já foi palco de grandes competições esportivas, a exemplo de dois campeonatos mundiais de basquete. Contudo, o espaço carrega em sua história uma ferida que não cicatriza, foi o primeiro estádio de futebol da América Latina a ser utilizado como prisão.<sup>114</sup> O objetivo deste artigo não é fazer uma análise comparativa com o caso mais conhecido de estádio-prisão, o Estádio Nacional no Chile, pois seria necessária análise mais complexa e não possuímos fontes suficientes para a comparação de ambos os casos, porém, ao longo do artigo algumas referências serão feitas sobre o caso chileno, simplesmente porque foi e ainda é um dos mais conhecidos casos de estádio-prisão nas Américas. O principal objetivo deste trabalho é esclarecer como um espaço de práticas esportivas foi utilizado como uma prisão num período de Estado de Exceção. Além disso, demonstrar de que maneira esse acontecimento está interligado na memória de indivíduos que obtiveram diferentes experiências em distintos momentos históricos. Essa análise será feita através de documentos de ordem política, depoimentos colhidos pela Comissão da Verdade de Niterói e da Comissão Nacional da Verdade.

Documentos da polícia estadual, hoje de posse do Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro [APERJ], atestam o uso do espaço esportivo como um cárcere instituído na ordem

1 Graduado em História, modalidade Licenciatura pela UFMG e aluno da continuidade de estudos, categoria Bacharelado. E-mail: [hsenatst@yahoo.com.br](mailto:hsenatst@yahoo.com.br)

<sup>114</sup> Para maiores informações ver: KNAUSS, Paulo e MAIA, Eric. Niterói, 1964 – Memórias da Prisão Esquecida. A Operação Limpeza e o cárcere político do Caio Martins. *Revista Acervo, Rio de Janeiro*, v. 27, n.º 1, p. 99 - 120, jan./jun. 2014.

regular do Estado durante a ditadura civil-militar, posta a própria nomeação utilizada pelo aparato repressivo, a saber, Presídio Caio Martins (KNAUSS e MAIA, 2014, p. 115). Sob o comando das Forças Armadas, em especial o I Exército, o presídio esteve também intimamente vinculado ao Departamento de Ordem Política e Social (DOPS) e à Secretaria Estadual de Segurança Pública. Na verdade, o uso político do estádio já não era novidade. Sua inauguração foi um dos símbolos da época do governo da interventoria de Ernani do Amaral Peixoto, durante o período do Estado Novo. Foi palco de inúmeros atos cívicos no contexto da Segunda Guerra Mundial, de comemorações do Dia do Trabalhador, repetindo o ritual que era marcado pelos discursos do presidente Getúlio Vargas no estádio de São Januário, na cidade do Rio de Janeiro. Os usos políticos e não esportivos do complexo foram constantes ao longo da história segundo Knauss e Maia (2014).

## 2. O monumento

A palavra latina *monumentum* remete à raiz indo-europeia *men*, a qual exprime a memória (*memini*), uma das funções essenciais do espírito (*mens*). O verbo *monere* significa “fazer recordar”, “iluminar” “avisar” “instruir”. O *monumentum* é um sinal do passado, é tudo aquilo que pode evocar o passado e perpetuar a recordação. (LE GOOF, 1997, p. 95). A maioria das sociedades constroem espaços em que seus valores, seus monumentos históricos, sua memória coletiva, e seus rituais possam se perpetuar. Por este motivo, importantes edifícios e grandiosos monumentos são erguidos. São nesses espaços que diversas pessoas compartilharão memórias, experiências, lembranças comuns e projetarão sua vontade coletiva em direção ao futuro. Os estádios de futebol são desta forma, glorificados e difundidos nos meios de comunicação como obras que se propõem a transmitir à posteridade, a memória de um fato social extraordinário. (ASSUMPÇÃO, 2004, p.148).

Erguido no terreno onde funcionava o gasômetro da cidade, o estádio Caio Martins foi ao longo dos anos palco de várias festividades políticas e práticas esportivas, a grande estrutura do tanque de gás na forma de um globo, que marcava a paisagem da cidade, foi substituída pelos muros do complexo esportivo. Em 1940, a propriedade foi adquirida pelo governo estadual para se tornar a praça de esportes da capital fluminense. Sendo assim, o pequeno estádio foi substituído por uma nova estrutura para dez mil espectadores, com campo de futebol e uma pista de atletismo. Nos anos posteriores, o estádio seria inserido num complexo esportivo com outros equipamentos, como o parque aquático e o ginásio para esportes de quadra fechada. O ginásio, em especial, se destacaria como obra de arquitetura moderna que marcou o segundo governo de Amaral Peixoto, entre 1950 e 1953, já como governador eleito (AZEVEDO, 2011, p.4).

Ao longo da pesquisa nos questionamos qual a relação do escotismo com a cidade de Niterói, já que o nome de um estádio serviu para homenagear um escoteiro de outro estado. Esta dúvida é esclarecida no artigo “*Niterói, 1964 – memórias da prisão esquecida*”:

Caio Vianna Martins foi um jovem escoteiro mineiro da Associação de Escoteiros de Affonso Arinos, que morreu aos 14 anos durante um dos maiores acidentes ferroviários brasileiros, ocorrido em 1938 na região de João Alves, em Minas Gerais. Sua biografia ficou conhecida pelo fato de ter morrido depois de gravemente ferido no contexto do acidente, dispensando ajuda para oferecer socorro a outros feridos. Publicada nas páginas dos jornais da época, como o *Correio da Manhã* de 12 de setembro de 1940, sua declaração de que “o escoteiro caminha com as próprias pernas” tornou-se o emblema de sua bravura. O caso ficou conhecido em todo o país e até hoje inspira o escotismo. A homenagem, certamente, se relacionava também com o fato de Niterói ser um dos maiores centros do escotismo no Brasil.

Não sem razão, durante a inauguração solene do estádio, em 7 de setembro de 1941, órgãos da imprensa – como o *Jornal do Brasil*, da cidade do Rio de Janeiro, no dia 9 de setembro – deram destaque às palavras do general AugustoBorges, presidente da União dos Escoteiros do Brasil, ao interventor Amaral Peixoto, em que dizia que seu ato de nominar o estádio se revestia de “uma coragem cívica”. A cerimônia de inauguração foi completada ainda pela apresentação de números de ginástica e desfile de alunos dos institutos de ensino do estado. Além disso, uma estátua, de autoria do escultor Honório Peçanha, representando o escoteiro que dava nome ao estádio, foi inaugurada pelo prefeito Francisco de Almeida Brandão Júnior, tal como noticia o jornal *O Fluminense* em 5 de julho de 1941. (KNAUSS e MAIA, 2014, p. 118).

### 3. O desenrolar do golpe

Desde 1961, quando o presidente Jânio Quadros renunciara, um golpe-civil militar já vinha se desenhando. Com o apoio de parcelas mais conservadoras da sociedade brasileira, o vice-presidente João Goulart, por pouco não assume. Num primeiro momento, ao retornar de sua viagem da China, ele foi vetado pelos ministros militares. Só assumira depois de uma crise em que o país esteve perto da guerra civil, porque aceitara a fórmula de um regime parlamentarista, cuja essência residia em permitir que ocupasse a presidência desde que não lhe fosse entregue o poder. Goulart só assume de fato, após o plebiscito em 1963 que através da confirmação popular, optou pelo presidencialismo. A tensão política somava-se em um declínio econômico. Era um governo em crise, com a bandeira das reformas de base hasteada no mastro da intimidação. Os investimentos estrangeiros haviam caído pela metade, as greves se duplicaram ao longo de um ano, entre 1962 e 1963 passaram de 152 para 302. O conservadorismo respondeu a um comício feito sobre as reformas, a conhecida Marcha da Família com Deus pela Liberdade reuniram perto de 200 mil pessoas com faixas ameaçadoras e humorísticas; “*Tá chegando a hora de Jango ir embora*” e “*Vermelho bom só batom*”. (GASPARI, 2002, p. 48-49). Conflitos irromperam pelo país, provocados pelos grupos de direita, e enquanto a União Democrática Nacional (UDN), parte do Partido Social Democrático (PSD) e outros partidos políticos menores reclamavam o *impeachment* de Goulart, entidades civis como a Campanha da Mulher pela Democracia (Camde), Fraterna Amizade Urbana e Rural (Faur), União Cívica Feminina (UCF) e outras articularam a realização, nas principais cidades do país, das Marchas da Família, com Deus, pela Liberdade, a fim de atizar a fúria anticomunista nas classes médias, forças desencadeadas do contra reformismo. (MOTTA, 2006, p. 43). Na madrugada do dia 31 de março até a manhã de primeiro de abril, o golpe foi deflagrado com a saída das tropas de Mourão Filho de Minas Gerais a caminho do Rio de Janeiro. João Goulart saiu do Rio de Janeiro, passou por Brasília e pelo Rio grande do Sul, temendo uma guerra civil não aceitou o apoio do III Exército e sucumbiu ao golpe, se exilando mais tarde no Uruguai.

Imediatamente após a ação do golpe, o comando militar iniciou um processo amplo de perseguição às lideranças dos movimentos sociais, inviabilizando qualquer organização de resistência. Rapidamente o novo governo desenvolveu uma ampla ação de perseguições que ficou conhecida como Operação Limpeza. Desde que se instalou a Ditadura de Segurança Nacional no Brasil, as autoridades estabeleceram dois grandes eixos de preocupações imediatas. Por um lado, tudo o que dizia respeito ao combate interno contra qualquer foco de questionamento à nova ordem instituída, o inimigo era interno, portanto, a necessidade de enquadrar/eliminar os setores considerados “subversivos”, “comunistas” ou “terroristas” através da Operação Limpeza e das demais práticas repressivas desenvolvidas e executadas

como políticas de Estado – condição fundamental para realizar a profunda reestruturação capitalista que orientava a iniciativa dos setores golpistas civis e militares.

Na sequência da ação militar golpista, o general Arthur da Costa e Silva acabou se automeando comandante do Exército Nacional e, nesta condição, assumiu o controle do Comando Supremo da Revolução, órgão transitório que definiria o nome do novo presidente. Houve uma reunião com os governadores que apoiaram o golpe e foi escolhido como presidente o general Humberto de Alencar Castelo Branco. Costa e Silva, porém, se tornou ministro da Guerra de Castelo Branco e foi o seu sucessor na Presidência da República. No dia 9 de abril de 1964, o general Costa e Silva, no comando do Ministério da Guerra, expediu o Ato Institucional que ficou conhecido após a decretação de outros atos como o AI-1. Este foi o primeiro instrumento que autorizou, por tempo determinado, as primeiras cassações de mandatos parlamentares e suspensões de direitos políticos, inicialmente estabelecidas pelo próprio Comando e, posteriormente, pelo presidente da República. Importante foi ainda a regulamentação, feita pelo Comando às vésperas da posse de Castelo Branco, dos inquéritos que deveriam culminar nas punições. O responsável por um inquérito policial militar (IPM) teria amplos poderes. Como aponta Carlos Fico, os oficiais superiores encarregados da condução de tais inquéritos comporiam o embrião da futura “comunidade de segurança e informações”, segmento mais radical da chamada “linha dura”, que sempre se mostraria insatisfeita com a duração e o alcance desta primeira Operação Limpeza, reclamando, por isso, o aprofundamento da ditadura e da repressão. Prevendo o fim do prazo de repressão autorizado pelo AI-1, em 13 de junho daquele ano foi criado o Serviço Nacional de Informações, o SNI. Assim, a instalação do novo regime se caracterizou pela afirmação de um *ethos* persecutório caracterizado, sobretudo, pelo anseio de eliminar o inimigo visto como subversivo e engajado na construção de uma república sindicalista, e que se opunha aos valores da democracia liberal (FICO, 2001, p. 27).

### 3.1 O cárcere e suas memórias

Um dos diversos tipos de detenção ilegal e arbitrária realizada pelos agentes da repressão era a prisão em massa e programada de muitas pessoas, sem comprovação de indícios de terem cometido algum delito. As prisões em massa começaram a ocorrer antes mesmo do início do golpe militar, mas já dentro de sua lógica e fundamento, com objetivo de inviabilizar a atuação dos sindicatos e as conquistas que poderiam advir da luta dos sindicalistas em favor dos trabalhadores brasileiros, como exemplo: o caso da Greve dos 700 mil, ocorrida em São Paulo no ano de 1963, na qual cerca de dois mil trabalhadores foram presos. Logo após o golpe civil-militar de 1964, locais como navios, clubes e estádios de futebol foram utilizados como cárceres para prisões coletivas. Foi o caso do Clube Ypiranga, em Macaé (RJ); o Esporte Clube Comercários, em Criciúma (SC); o navio *Raul Soares*, em Santos (SP); o navio *Princesa Leopoldina*, na Guanabara; o navio *Corumbá*, em Campo Grande (MS), entre outros. Especificamente, o estádio de futebol Caio Martins, localizado no município de Niterói (RJ), serviu de “campo de concentração” para diversos presos políticos, já a partir de abril de 1964, tendo sido registradas no Departamento de Ordem Política e Social (DOPS) - criado desde a Era Vargas - do Rio de Janeiro aproximadamente mais de 300 pessoas que teriam ficado detidas ali. Porém, segundo diversos depoimentos, essa contagem foi superior a mil. (Relatório CNV, 2014, p. 309). O ginásio do complexo Caio Martins surge como primeiro estádio prisão da América Latina e também como centro de uma política repressiva aplicada no estado do Rio de Janeiro em consequência do golpe de estado de primeiro de abril de 1964. Com todas as galerias e celas do DOPS do Rio de Janeiro e da

Guanabara lotadas, bem como as centenas de presos políticos que ocupavam as dependências da PMERJ espalhadas pelo estado, a solução encontrada para suprir a demanda de prisões preventivas de subversivos em abril de 1964 foi a ocupação do Ginásio do Caio Martins, em Niterói. A situação de superlotação era tamanha que inclusive a Estadual de Justiça do Estado da Guanabara foi utilizada para apreender os inimigos da revolução.<sup>115</sup>

Em 10 de abril de 1964, fora veiculada a notícia de que o ginásio seria usado como lugar de exposição de “material subversivo” apreendido para “mostrar o perigo a que o povo brasileiro estava exposto”. Por volta do vigésimo dia após o golpe, efetivamente o ginásio do estádio se abriu não para o público de uma partida esportiva, mas para o alojamento da primeira leva de presos que chegava a cem pessoas. Nos dias que se seguiram, vieram presos dos diversos municípios fluminenses, como Cabo Frio, Magé, Cachoeiras de Macacu, entre muitos outros, sempre sob a mesma acusação de subversão.

Segundo pesquisa documental realizada pela Comissão da Verdade de Niterói [CVN], pelo menos 339 pessoas foram presas no local, sendo estas oriundas de todo o estado do Rio de Janeiro. O perfil profissional dos detidos era diverso, sendo possível identificar médicos, advogados, jornalistas, motoristas, bem como outras profissões. Contudo, é possível afirmar que maioria dos encarcerados era envolvida com atividades sindicais. De acordo com o jornal da época, *O Fluminense*, em 21 de abril, alguns respondiam aos inquéritos no próprio ginásio e caso comprovada as acusações imputadas, eram processados de acordo com a Lei de Segurança Nacional. Diversas histórias pessoais ilustram esse momento de perseguição e prisão de gente que foi atingida pessoalmente pelas mudanças políticas do Estado nacional.

Pelo depoimento de um dos presos não fica claro o tipo de tortura que ocorreu, mas o tratamento sempre foi hostil, como afirma em depoimento à Comissão da Verdade de Niterói, Benedito Joaquim Barbosa ex-operário naval:

*“Fui preso em 7 de abril de 1964, porque acharam que eu era comunista. Depois de lá, estive em oito presídios. Fiquei seis meses preso. [...] Havia mais de 500 presos com a gente: advogados, atores de teatro, médicos, camponeses, professores. Nunca houve espancamento, mas outros tipos de tortura.”*<sup>116</sup>

Nélio Aguiar, diretor do sindicato dos trabalhadores químicos na Companhia Nacional Alcalis em Arraial do Cabo, relata que o grupo de presos foi transferido para o ginásio de esportes Caio Martins. Segundo ele, no novo local, foram reunidos os presos detidos em diversos outros lugares e que vinham da maioria dos municípios do estado. No ginásio, havia presos de todas as origens sociais, idades, homens e mulheres. Havendo militantes sindicais como ele, estavam presentes advogados e médicos, entre outras profissões, reunindo todo tipo de gente, cuja marca comum era a militância sindical ou serem simpatizantes dos ideais comunistas. (KNAUSS e MAIA, 2014, p. 109). Manuel Martins, líder estudantil e conhecido como advogado de sindicatos e militante do PCB lembra que em determinado momento, outros tipos de presos também foram reunidos no ginásio do estádio:

Quando a gente foi preso no Caio Martins, houve uma época em que o governo misturou problemas políticos com problemas de jogo de bicho, de contravenção, de crime da economia popular, e prendia todo mundo misturado. E teve o Albano, não sei se vocês já ouviram falar, o fundador da [escola de samba] Viradouro, era um

<sup>115</sup> A ocupação de secretarias estaduais de justiça ou de segurança pública para abrigar e torturar presos políticos, era uma atividade em comum de alguns estados brasileiros.

<sup>116</sup> Ex-operário naval, Benedito foi torturado pela ditadura. Trecho do depoimento prestado à CVN em 17 de julho de 2013, quando da realização de sua primeira sessão pública. Mais informações no artigo: Cartografias da Ditadura: Estádio Caio Martins.

gordão, que foi preso como contraventor e foi misturado lá com a gente. (KNAUSS e MAIA, 2014, p. 111).

Segundo Nélio Aguiar, no ginásio o pessoal era distribuído entre as áreas dos dormitórios de atletas, mais ao alto, as arquibancadas e a quadra do ginásio. As mulheres ficavam em área separada, porém à vista de todos. Firmino Moura<sup>117</sup> afirma que eram em número bem menor. Ainda de acordo com o entrevistado, ninguém era informado dos motivos da prisão e nenhuma formalidade era cumprida. Sobre os interrogatórios, Nélio Aguiar afirma que não passou por nenhum, nem antes do Caio Martins, nem quando ficou no ginásio. Foi só com seu retorno a Cabo Frio que os interrogatórios foram iniciados. Os demais depoentes, porém, que passaram pelo cárcere do Dops, afirmam que foram interrogados durante o tempo em que permaneceram por lá, mas igualmente no ginásio, onde a polícia política também havia se instalado. (KNAUSS e MAIA, 2014, p. 111).

A maioria dos depoimentos indica que durante muitos dias continuaram a chegar diversas pessoas ao ginásio, em um movimento de prisões que se estendeu por dias. Logo, o contingente de presos não foi levado ao mesmo tempo para lá. Aliás, segundo Knauss e Maia, entre os entrevistados, observa-se que alguns foram transferidos mais rapidamente para o ginásio, enquanto outros permaneceram mais tempo na primeira prisão, o que varia também de acordo com o momento da prisão.

Está claro nos relatos que, o local específico utilizado como cárcere foi o ginásio do complexo esportivo. Na ditadura de Augusto Pinochet no Chile, de fato o Estádio Nacional com suas arquibancadas e vestiários, entre setembro e novembro de 1973, foi utilizado também como espaço de prisão, tortura e morte de opositores do regime. Alguns autores gostam de comparar as intensidades dos regimes na América Latina, e afirmam que no Brasil houve apenas uma “dita-branda”. Será? A ditadura brasileira foi a mais longa do continente sul americano, e as comparações devem ser feitas sim com abordagens diferentes, porém, a questão é que torturas e mortes aconteceram, e o “Estado de Exceção” ocorreu de fato no Brasil, os países viveram momentos diferentes, o enquadramento e levantamento quantitativo de mortes para descobrir qual a intensidade do período autoritário acabam por eliminar outras perspectivas. Não podemos esquecer que, para uma ajuda mútua entre os regimes baseados na Doutrina de Segurança Nacional na América do Sul foi criada no final da década de 1970 a formulação e aplicação da Operação Condor. Esta operação foi caracterizada como uma aliança entre as ditaduras instaladas nos países do Cone Sul— Argentina, Bolívia, Brasil, Chile, Paraguai e Uruguai — para a realização de atividades coordenadas, de forma clandestina e à margem da lei, com o objetivo de vigiar, sequestrar, torturar, assassinar e fazer desaparecer militantes políticos que faziam oposição, armada ou não, aos regimes militares da região. Dentre as principais características desta “Operação”, se destacavam: natureza multinacional; ação transfronteiriça dirigida a pessoas exiladas no estrangeiro; estrutura paraestatal de funcionamento; seleção precisa de dissidentes; utilização de grupos extremistas, como “sindicatos do crime” e “esquadrões da morte”; e uso de tecnologia avançada para acesso a um banco de dados comum.<sup>118</sup> É interessante pensarmos que essas atividades já eram realizadas desde 1964 no Brasil, ou seja, mesmo antes da formulação da Operação Condor, outros países exerciam a Doutrina de Segurança Nacional com suas especificidades.

De acordo com o Relatório da Comissão da Verdade em Niterói, sabemos que o Caio Martins começa a funcionar como presídio por volta de 23 ou 24 de abril de 1964. Seu tempo

<sup>117</sup> Firmino Silveira de Moura era bancário, chegou ao posto de gerente, delegado regional do Instituto de Aposentadoria e Pensões dos Bancários (IAPB), perdeu o emprego em 1964. Teve vários mandatos de presidente do sindicato dos bancários em Niterói, posição que ocupava naquele ano. Tornou-se empresário mais tarde.

<sup>118</sup> Brasil. *Comissão Nacional da Verdade. Relatório / Comissão Nacional da Verdade*. Brasília: CNV, 2014. p. 222 – (Relatório da Comissão Nacional da Verdade; v. 1)

de vida como presídio segue até os primeiros dias de julho. Já em 20 de maio, nos informa o *Jornal A Tribuna*<sup>119</sup>, o Secretário de Segurança Pública do Estado do Rio de Janeiro assina o alvará de soltura para um grupo de 46 pessoas que estava preso no Ginásio Caio Martins. A lista foi apresentada, em conjunto, pelos delegados da Ordem Política Social, designados para investigar a situação de cada um dos acusados. (Imagem 01) As liberações começaram a se processar numa média de 10 a 15 por dia, chegando a uma lista de 62 presos foi encaminhada ao Secretário de Segurança Pública, sendo assim, postos em liberdade dentro de 24 horas, dependendo apenas da decisão do Major Paulo Biar. Sabemos que, até o momento, as forças armadas mantém a versão de que o Caio Martins não foi utilizado como presídio. Sendo assim, a pesquisa realizada pela Comissão da Verdade em Niterói acaba por desfazer essa tese. Embora comandado pelas forças armadas, notadamente o exército, o Presídio Caio Martins esteve sempre ligado ao Departamento de Ordem Política e Social e à Secretaria Estadual de Segurança Pública. Na documentação colocada ao final do artigo, vê-se que o Caio Martins teve, pelo menos, três diretores responsáveis. Dois deles ao menos eram militares: o 1º Tenente Rafael Pereira Serieiro (Imagem 02) e o Capitão Homero Barreto (Imagem 03).

### Considerações finais

O crescimento dos meios de comunicação de massa, especialmente com o advento da televisão, possibilitou a ampliação do espaço comunicativo em torno desta prática esportiva. O crescente número de páginas de jornal dedicadas ao esporte e especialização de seus profissionais, possibilitou a ampliação das formas de penetração do futebol nos diferentes extratos sociais. Por meio dos mais variados simbolismos, o futebol serviu como um instrumento condutor e catalisador de ideologias, tensões e opiniões de grupos desse período. Porém, existe no imaginário político brasileiro uma construção histórica que relaciona o futebol ao sistema de propaganda de massa organizado pelos militares para legitimar sua ideologia. A chamada perspectiva do futebol como “ópio do povo” acabou por inibir a possibilidade de estudar o “esporte das multidões” com a devida profundidade que o mesmo merece. Sendo deixado para “escanteio” no período militar, a maior parte da produção historiográfica e sociológica dedicada ao futebol não o considera como um fenômeno significativo para a compreensão das manifestações de oposição e resistência surgidas no decorrer deste período. Por “motivo de força maior”, o regime utilizou o espaço do complexo esportivo Caio Martins.

O espaço físico das cadeias tradicionais não era suficiente para os prisioneiros. Com isso, é muito simplista afirmarmos que só pelo fato de utilizar um espaço físico do futebol, os militares estavam legitimando sua ideologia, claro que a imagem da seleção brasileira foi explorada de várias formas, mesmo assim nem todos os jogadores e comissão técnica eram apoiadores do regime, como por exemplo, o técnico João Saldanha. Essa associação do futebol ao conjunto de bens culturais instrumentalizados pelos grupos conservadores dominantes acaba obliterando as potencialidades políticas de sujeitos que utilizaram o espaço simbólico criado pelo jogo da bola para expressar sua crítica ao contexto político social estabelecido. Muitas histórias se cruzam no espaço do complexo esportivo, como a do jovem Caio Martins e as das vítimas da repressão política. Mas se analisarmos a ideia de memória oficial do estádio e a memória subterrânea, não só a cidade mas o estado do Rio de Janeiro – tendo vista que o presídio recebeu prisioneiros de várias regiões do estado - produz

<sup>119</sup> Importante ressaltar que não tivemos acesso às matérias completas dos jornais citados. A imagem foi retirada do Relatório Parcial da comissão da Verdade de Niterói, não possuindo maiores referências.

esquecimentos e não compartilha lembranças que ficam reservadas ao grupo dos envolvidos diretamente e que constituem uma comunidade particular no contexto geral do centro urbano.

## Lista de Imagens

**Imagem 1:** Jornal A Tribuna – Notícia de soltura para um grupo de 46 pessoas que estavam presas no Ginásio Caio Martins. (Relatório parcial CVN, p.22).<sup>120</sup>



**Fonte:** <<http://www.cvn.gov.br/todos-volume-1/41-documentos-citados-no-volume-i-do-relatorio/615-documentos-citados-capitulo-8.html>>

<sup>120</sup> As imagens utilizadas neste trabalho não necessitam de autorização prévia do autor, pois estão em domínio público e estão disponíveis no Relatório Parcial da Comissão da Verdade de Niterói.

**Imagem 02:** Diretor militar responsável pelo presídio. (Relatório parcial CVN, p.27)

PRESÍDIO GAIO MARTELLI

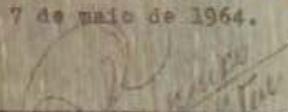
MOVIMENTO GERAL DE PRÊSOS NESTE GINÁSIO DESDE O DIA 20 ABR ATÉ A PRESENTE DATA:-

---

Total de prêsoas que já transitaram neste presídio.....	337
Total recolhido em prisão comum.....	293
Total recolhido em prisão especial.....	44
Total de prêsoas comuns já encaminhadas à D P S .....	43
Total de prêsoas especiais já encaminhadas à D P S.....	5
Total de prêsoas que já prestaram depoimento.....	173
Total de prêsoas que já prestaram depoimento e continuam recolhidos a este presídio.....	152
.. sendo: .. prêsoas comuns.....	138
.. prêsoas especiais.....	14
Total de prêsoas comuns a serem inquiridas.....	112
Total de prêsoas especiais a serem inquiridas.....	25
Total de prêsoas existentes na presente data:.....	289
.. sendo: .. prêsoas comuns.....	250
.. prêsoas especiais.....	39

. . . X X X . . .

Fls. 61, 7 de maio de 1964.

  
 \_\_\_\_\_  
 RAFAEL PEREIRA SIQUEIRA  
 1º Ten Diretor do Presídio

DAL/.

**Fonte:** <<http://www.cvn.gov.br/todos-volume-1/41-documentos-citados-no-volume-i-do-relatorio/615-documentos-citados-capitulo-8.html>>

**Imagem 03:** Diretor militar responsável pelo presídio. (Relatório parcial CVN, p. 28).



ESTADO DO RIO DE JANEIRO

SECRETARIA DE SEGURANÇA PÚBLICA  
**DEPARTAMENTO DE POLÍCIA TRÊNIEX SOCIAL**  
**DELEGACIA DE POLÍCIA SOCIAL**

Mem.

Niterói, 19 de maio de 1.964

Sr. Capitão:

A fim de ser recolhido nesse presídio, na Seção Especial, encaminhe-lhe e Pra fesser JORGE GANDRA MENDES, que permanecerá à dis posição desta Delegacia.

*Recebi  
 em 19-5-64  
 do Sr. Ten. Of. de Dia*

Saudações

*[Handwritten signature]*  
 \_\_\_\_\_  
 Wilson da Silva Jardim

Delegado

**Ilmo. Sr. Capitão HOMERO BARRETO**

**DD. Diretor de Presídio do Estado Cais Martins**

Fonte: <<http://www.cnv.gov.br/todos-volume-1/41-documentos-citados-no-volume-i-do-relatorio/615-documentos-citados-capitulo-8.html>>

## Referências

- AGÊNCIA BRASIL. **Comissão da Verdade prova que Ginásio Caio Martins foi usado como presídio**. Disponível em: <<http://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2014-06/comissao-da-verdade-em-niteroi-prova-que-caio-martins-foi-usado-como-presidio>>. Acesso em: 19/jun./2016.
- \_\_\_\_\_. **Ditadura militar torturou desde os primeiros dias do regime, indica pesquisa**. Disponível em: <<http://memoria.ebc.com.br/agenciabrasil/noticia/2013-12-18/ditadura-militar-torturou-desde-os-primeiros-dias-do-regime-indica-pesquisa>>. Acesso em: 19/jun./2016.
- ARQUIVO CNV. **Nota 15 - 00092.003131/2014-71**: Termo de declaração de Magno da Silveira Couto. Disponível em: <[http://www.cnv.gov.br/images/documentos/Capitulo8/Nota%2015%20%2000092\\_003131\\_2014\\_71.pdf](http://www.cnv.gov.br/images/documentos/Capitulo8/Nota%2015%20%2000092_003131_2014_71.pdf)>. Acesso em: 23/jun/2016.
- \_\_\_\_\_. **Comissão Nacional da Verdade**: Relatório/Comissão Nacional da Verdade. Brasília: CNV, v. 1, 2014, p. 976.
- ARQUIVO CVN. **Comissão da Verdade de Niterói**: Relatório Parcial de Pesquisa e Atividades. Rio de Janeiro: CVN, Jun./ 2014. Disponível em: <<http://www.cnv.gov.br/todos-volume-1/41-documentos-citados-no-volume-i-do-relatorio/615-documentos-citados-capitulo-8.html>>. Acesso em: 19/jun./2016
- ASSUMPTÃO, Luís Otávio Teles. **O temp(l)o das Geraes**: a nova ordem do futebol brasileiro. Montes Claros: Ed. Unimontes, 2004.
- AZEVEDO, Marlice Nazareth Soares de (et al.). **Expressões e vestígios modernistas na capital fluminense nas décadas de 1940, 1950, 1960 e seus valores como patrimônio urbano**. Disponível em: <<http://www.docomomo.org.br/seminario%205%20pdfs/111R.pdf>>. Acesso em: 10/jun./2016.
- FICO, Carlos. **Como eles agiam**: os subterrâneos da ditadura militar: espionagem e polícia política. Rio de Janeiro: Ed. Record, 2001.
- GASPARI, Elio. **A ditadura envergonhada**. São Paulo: Ed. Companhia das Letras, 2002.
- KNAUSS, Paulo; MAIA, Eric. Niterói. 1964 – Memórias da Prisão Esquecida: A Operação Limpeza e o cárcere político do Caio Martins. Revista Acervo, Rio de Janeiro, v. 27, n ° 1, jan./jun. 2014, p. 99–120.
- LE GOFF, Jaques. Documento/Monumento. In: ENCICLOPÉDIA EINAUDI. Imprensa Nacional, Casa da Moeda, v.1, 1997.
- MOTTA, Rodrigo Patto Sá. João Goulart e a mobilização anticomunista de 1961-1964. In: FERREIRA, Marieta de Moraes (org.). **João Goulart: entre a memória e a história**. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2006.
- RÉGIS, Tiago. **Cartografias da Ditadura**: Estádio Caio Martins. Out./2014. Disponível em: <<http://www.cartografiasdaditadura.org.br/mapa/estadio-caio-martins/>>. Acesso em: 25/jun./2016.
- RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Campinas: Ed. Unicamp, 2007.

## **FUTEBOL E MEMÓRIAS INDÍGENAS ENTRAM EM CAMPO NO MUSEU BRASILEIRO DO FUTEBOL**

### ***FOOTBALL AND INDIGENOUS MEMORIES TAKEN THE FIELD IN MUSEU BRASILEIRO DO FUTEBOL***

**Lucas Mendes Abdo**<sup>121</sup>  
**Marcus Ítalo da Cruz Augusto**<sup>122</sup>

**Resumo:** Este artigo tem por objetivo abordar uma das ações educativas desenvolvidas pelo Museu Brasileiro do Futebol (MBF) para a 9ª Primavera de Museus do Ibram. Localizado no estádio Governador Magalhães Pinto, o Mineirão, em Belo Horizonte, o Museu Brasileiro do Futebol é um museu privado pertencente ao conjunto de instituições registradas no Ibram – Instituto Brasileiro de Museus. Por esta razão o MBF participa desde sua inauguração da Primavera de Museus, semana temática de programação cultural que o instituto promove em todo território nacional e na qual os museus participantes procuram desenvolver ações educativas e culturais voltadas para a temática proposta. No ano de 2015, o MBF participou da 9ª Primavera de Museus cujo tema foi “Museus e Memórias indígenas”, ocorrida entre os dias 21 a 27 de setembro daquele ano. Neste artigo apresentaremos as ações educativas e culturais desenvolvidas pelo setor educativo do referido museu para trabalhar o tema junto às escolas e visitantes da instituição. O processo de criação destas ações educativas, envolveram um intenso trabalho de pesquisa que mobilizou os profissionais do setor educativo na realização de vasta pesquisa sobre o tema “futebol e comunidades indígenas” ampliando os conhecimentos da equipe, exigindo esforço conjunto, dedicação, diálogo e interdisciplinaridade.

**Palavras-chave:** Futebol; memórias; indígenas; museus e ações educativas.

**Abstract:** This article has the objective to approach the educative actions developed by the Museu Brasileiro do Futebol for the 9ª Primavera de Museus do Ibram. Localized inside the Governador Magalhães Pinto’s stadium, o Mineirão, in Belo Horizonte, the Museu Brasileiro do Futebol is a private institution belonging to the group of institutions recognized by the Ibram (Brazilian Institute of Museums). For that reason, that museum participates since of your inauguration of the Primavera de Museus, a cultural thematic week in which there are several activities promoted by some museums of Brazil. On that week the museums should develop, educative actions based in the thematic propose and offer it to the public. Between 21 at 27 of September of 2015 the MBF participated of the 9ª Primavera de Museus which the theme was “Museums and Indigenous Memories”. The creation process of the educative actions, has involved an intense work of search that mobilized some professionals of museum educative sector. Realizing a wide search about the “football and indigenous communities” has requiring a group effort, dedication, dialog and interdisciplinarity, helping the educative staff of the Museu Brasileiro do Futebol to improve and grow up in your job and knowledgments.

**Key words:** Football; memories; indigenous; museums and educative actions.

---

<sup>121</sup> E-mail: lucasmendes\_bh@hotmail.com

<sup>122</sup> E-mail: mcruzaugust@gmail.com

## 1. Ser indígena no Brasil contemporâneo

O Brasil é um país de dimensões continentais, cuja projeção no cenário internacional dá-se entre outras razões por suas riquezas naturais, pela sua diversidade étnico-racial e, conseqüentemente cultural. Entretanto, longe de ser um ponto pacífico, o campo da cultura é local de intensas disputas e de silenciamentos, conforme nos demonstra a autora Regina Abreu que, ao citar Michael Pollack (1989, p.4) a autora destaca que

É preciso, no entanto, sublinhar e chamar a atenção que a dominação e o privilégio de uma concepção de tempo sobre outras pressupõem conflitos, disputas e um jogo significativo de ganhos e perdas. É neste sentido que o sociólogo Michael Pollack entende o campo da memória social como um campo de permanentes disputas que incidem diretamente sobre a dinâmica entre a lembrança e o esquecimento. Só para citar um exemplo dramático, no tempo em que Cabral desembarcou em nosso continente, havia em território brasileiro mais de 1.000 línguas faladas por diferentes sociedades indígenas. Hoje, apenas 180 sobreviveram. O antropólogo José Ribamar Bessa Freire que estuda o processo de ensino da língua geral e do português no Brasil colonial recolheu depoimentos onde se verifica a institucionalização da tortura para aqueles que se obstinavam a manter sua língua materna, recusando-se a aprender a língua do colonizador. Para que ocorresse no Brasil esta grande unificação linguística do português, um dos pilares de construção da identidade nacional, fez-se uso da força e da violência. Ou seja, para fazer lembrar é também preciso fazer esquecer. (ABREU, p. 3, 2006).

A ideia da existência de uma democracia racial no Brasil (FREYRE, 1933) que vigorou durante muito tempo no Brasil cai por terra quando nos deparamos com dados cada vez mais alarmantes sobre o genocídio indígena que ocorre no Brasil desde a sua colonização em 1500. Além do desmatamento, a exploração predatória de madeiras e mineradoras, a expansão de grandes latifúndios de monocultura como a soja e a pecuária, os povos indígenas no Brasil também sofrem com a violência simbólica e que se manifestou claramente no último Censo do IBGE em 2010, no qual fica claro o processo de violência cultural e simbólica do qual indivíduos oriundos de comunidades indígenas são vítimas. O último censo do IBGE aponta que aproximadamente 36% das pessoas autodeclaradamente indígenas vivem nas cidades<sup>123</sup> processo de ‘etnogênese’ ou ‘reterritorialização’ estão no centro da discussão quando se quer falar da questão indígena no país.

(...) desde a última década do século passado vem ocorrendo no Brasil um fenômeno conhecido como “etnogênese” ou “reterritorialização”. Nele, povos indígenas que, por pressões políticas, econômicas e religiosas ou por terem sido despojados de suas terras e estigmatizados em função dos seus costumes tradicionais, foram forçados a esconder e a negar suas identidades tribais como estratégia de sobrevivência – assim amenizando as agruras do preconceito e da discriminação – estão reassumindo e recriando as suas tradições indígenas (LUCIANO, 2006, p. 28).

Estes são apenas alguns dos problemas enfrentados pelas populações indígenas no Brasil, que além da violência física, cultural e simbólica as comunidades têm ainda que lidar com as barreiras burocráticas do Estado para ter acesso aos seus direitos, como por exemplo a demarcação de terras indígenas (TI). As demarcações de terras indígenas, cujo número de

<sup>123</sup> Para maiores informações ver: <http://www.cartacapital.com.br/sociedade/o-indio-na-metropole>. Último acesso em 18/06/2016.

homologações vem caindo desde de 2003 conforme dados da organização Povos indígenas no Brasil são, segundo definição da Funai<sup>124</sup>

uma porção do território nacional, de propriedade da União, habitada por um ou mais povos indígenas, por ele(s) utilizada para suas atividades produtivas, imprescindível à preservação dos recursos ambientais necessários a seu bem-estar e necessária à sua reprodução física e cultural, segundo seus usos, costumes e tradições. Trata-se de um tipo específico de posse, de natureza originária e coletiva, que não se confunde com o conceito civilista de propriedade privada. (Fonte: FUNAI, 2016)

Para o autor Gersem dos Santos (2006, p. 82) um dos grandes problemas para as comunidades indígenas brasileiras está na própria estrutura burocrática que o Estado lhes impõe para garantirem acesso à terra, sua integridade, à preservação de sua cultura e tradições. Segundo o autor

Os processos administrativos, financeiros e burocráticos, além de serem ininteligíveis à racionalidade indígena, confrontam e ferem os valores culturais dos seus povos, como o de solidariedade, generosidade e democracia. O modelo hierarquizado de uma diretoria de associação formal, por exemplo, além de criar conflitos de poder dentro da comunidade indígena, cria também diferenciações sociais e econômicas e fragiliza o valor da democracia horizontal, na qual o poder de decisão é um direito inalienável de todos os indivíduos e grupos que compõem a comunidade. O modelo associativo geralmente entra em conflito com os modos tradicionais de organização social, política e econômica da comunidade ou do povo indígena e são pouco compreensíveis para as comunidades, impedindo qualquer apropriação consciente e qualificada desse instrumento. (LUCIANO, 2006, p.82)

Dadas as dificuldades as barreiras burocráticas que impõem grandes dificuldades para a luta no campo político, as dificuldades no reconhecimento de sua cidadania implicam também problemas no que diz respeito à valorização e preservação da cultura dos povos indígenas. Neste sentido, iniciativas como a 9ª Primavera de Museus cujo tema foi “Museus e memórias Indígenas” fazem da cultura um campo propício para levar à grande parcela da população o conhecimento acerca das culturas dos povos indígenas, bem como de seus dilemas e dramas no Brasil contemporâneo. Assim, a proposta do Ibram ao oferecer a 9ª Primavera de Museus, baseou-se no desejo de tornar os povos indígenas atores e autores de sua própria história, empoderados da fala de si, construtores ativos de sua imagem e de sua memória.

## **2. Educação no museu? O Ibram e a Primavera de Museus no Brasil**

A Primavera dos Museus é uma temporada cultural coordenada pelo Instituto Brasileiro de Museus (IBRAM). Este, por sua vez, criado em 2009, a partir da assinatura da Lei número 11.906, é vinculado ao Ministério da Cultura sendo o órgão responsável pela melhoria dos serviços do setor, como o aumento de visitação e arrecadação dos museus, o fomento às políticas de aquisição e preservação de acervos e criação de ações integradas entre os museus brasileiros (IBRAM, 2009). Uma dessas ações é a Primavera de Museus, que acontece desde 2007. Suas edições são anuais, com temas determinados pelo IBRAM com o objetivo de nortear as ações dos museus, sempre no início da estação homônima. O objetivo

<sup>124</sup> Para maiores informações ver: <http://www.funai.gov.br/index.php/nossas-acoas/demarcacao-de-terras-indigenas?limitstart=0#>. Último acesso em 18/06/2016.

da ação é promover, divulgar e valorizar os museus brasileiros, além de aumentar o público visitante e intensificar a relação dos museus com a sociedade (IBRAM, 2009). Em 9ª edição, a temática da Primavera de Museus foi “Museus e memórias indígenas”. Participando pela segunda vez da programação do Ibram, o Museu Brasileiro do Futebol procurou desenvolver através de sua equipe educativa um conjunto de ações educativas para apresentar ao público durante a primavera que no ano de 2015 foi realizada entre os dias 21 a 27 de setembro.

É importante lembrar que a educação é uma prática constante em nossa sociedade, desenvolvida com o intuito de preparação dos sujeitos para uma determinada organização social da qual ele faz parte (AGUIAR, 2007). No início da década de 1960 havia um debate internacional sobre a transformação prática da função social dos museus. Isso levou ao surgimento dos primeiros museus de ciências, na década de 1980, com o olhar voltado para a educação e difusão cultural. É o começo da mudança de perfil do público que frequenta museus no Brasil. Segundo Cazelli (2005, p. 120), somente na década de 1990 que o número de museus de ciência cresceu significativamente. Isso se deve à nova concepção sobre esses espaços, deixando de serem lugares passivos e sem interatividade, e aos investimentos governamentais. Segundo a instituição *International Council of Museums* (ICOM), o museu é uma instituição permanente, sem fins lucrativos a serviço da sociedade e aberto ao público, que adquire, conserva, estuda, expõe e difunde o patrimônio material e imaterial da humanidade com fins de estudo, educação e recreação. Já para o Instituto Brasileiro de Museus (IBRAM), são instituições sem fins lucrativos que conservam, investigam, comunicam, interpretam e expõem, para fins de preservação, estudo, pesquisa, educação, contemplação e turismo, conjuntos e coleções de valor histórico, artístico, científico, técnico ou de qualquer outra natureza cultural, abertas ao público, a serviço da sociedade e de seu desenvolvimento. Esta definição também está presente na Lei Federal número 11.904, de 14 de janeiro de 2009.

Entendidos como espaços de produção de conhecimento e também de preservação da memória, os museus, enquanto instituições de promoção e disseminação da cultura ocupam uma posição de centralidade na promoção do debate acerca da memória cultural e da educação patrimonial do país. No âmbito deste debate, talvez seja mais profícuo falar em “memórias”, no plural, dada a diversidade de seus temas e suas distintas manifestações. Os museus têm assim, segundo nossa visão, a importante tarefa de debater, divulgar, produzir e disseminar conhecimento acerca da memória cultural do país. Este trabalho deve ser feito com qualidade de forma ampla e inclusiva, convidando todos os setores da sociedade a discutir temas que contribuam para a formação de um país mais justo e igualitário, no qual o acesso aos meios de cultura não seja um privilégio de poucos, mas um direito de todos como nos assegura a Constituição.

Parte importante do trabalho realizado nos museus tem a ver com as ações educativas desenvolvidas por estas instituições. Para isso, o MBF conta com um programa educativo que objetiva explorar as múltiplas facetas da exposição e do estádio de forma lúdica, levando o visitante a compreender o futebol em seu contexto social, cultural e político. Caracterizada por sua interdisciplinaridade, sendo composta por profissionais de diversas áreas do conhecimento, a equipe do setor educativo do MBF desenvolve pesquisas, atividades e ações educativas. Baseadas no acervo e nas exposições, estas ações educativas têm por objetivo levar alunos e o público visitante em geral ao estabelecimento de uma leitura crítica do

futebol enquanto fenômeno cultural e social mais amplo. Mas o que vem a ser ações educativas? Segundo o Glossário da Revista Museu<sup>125</sup>, ações educativas definem-se por

Procedimentos que promovem a educação no museu, tendo o acervo como centro de suas atividades. Pode estar voltada para transmissão do conhecimento dogmático, resultando em doutrinação ou domesticação, ou participação, reflexão crítica e transformação da realidade social. Neste caso, deve ser entendida como uma ação cultural, que consiste no processo de mediação, permitindo ao homem apreender em um sentido amplo, o bem cultural, com vistas ao desenvolvimento de uma consciência crítica abrangente da realidade que o cerca. Seus resultados devem assegurar a ampliação das possibilidades de expressão dos indivíduos e grupos nas diferentes esferas da vida social. Concebida desta maneira, a ação educativa dos museus promove sempre benefício para a sociedade, em última instância, o papel social dos museus. (REVISTA MUSEU: CADERNO 04)

A temática da 9ª Primavera de Museus associada aos espaços de educação não-formal permitiu à equipe do setor educativo do Museu Brasileiro do Futebol (MBF) trabalhar a cultura indígena nas origens de clubes de futebol brasileiros, tópico ao qual voltaremos a diante. Aberto ao público em março de 2013, o MBF se apresenta como opção de cultura e lazer em Belo Horizonte. Sediado no Estádio Governador Magalhães Pinto, o Mineirão, o museu expõe, pesquisa e preserva artefatos materiais e imateriais do futebol brasileiro, propiciando aos seus visitantes uma imersão no universo do futebol. Com exposições interdisciplinares e interativas este museu tem por objetivo estimular a reflexão em torno da cultura do futebol, transcendendo a esfera meramente esportiva.

Partilhando dessa mesma visão inclusiva e entendendo a importância desta iniciativa, o Museu Brasileiro do Futebol (MBF) participou pelo segundo ano consecutivo à Primavera de Museus e ofereceu entre os dias 21 a 27 de setembro de 2015 uma programação que incluiu formação de professores. Essa formação contou com a parceria da SMED (Secretaria Municipal de Educação) juntamente com seu núcleo de Relações Étnico-Raciais e de Gênero com a presença de uma liderança indígena, além de visitas temáticas mediadas relacionando a memória indígena e o futebol. Destarte, o referido museu cuja exposição como um todo reflete sobre o futebol enquanto um “fenômeno cultural total” conforme a perspectiva defendida por Hilário Franco Jr. (2007, p.13), buscou desenvolver a temática proposta, explicitando a relação entre os povos indígenas e o esporte e, em especial a relação de alguns clubes para com os povos indígenas.

Dentro do projeto “Visões (Re)Torcidas”, cuja proposta visa deslocar, *retorcer* o olhar do visitante para assuntos e aspectos presentes no universo do futebol para os quais normalmente a maioria das pessoas nem sempre se atenta, o MBF apresenta quatro roteiros: “Pensar o sentir”; “Todo mundo grita gol!”; “No embalo da rede” e “O mundo bola”. No interior destes roteiros são abordados temas como meio ambiente, arte e esporte, violência, machismo, racismo e homofobia no futebol.

“Pensar o sentir” aborda o conceito de “torcedor” de forma esclarecedora e reflexiva. Através das salas do MBF, é possível perceber as mudanças de hábito e estilos dos frequentadores de estádios com o passar dos anos. É destacada, também, a influenciada criação do Mineirão no futebol e na torcida mineira, a relação do torcedor com o estádio, suas diversas formas de manifestação e o papel que ele exerce no espaço que ocupa. Já no “Todo mundo grita gol!” é possível refletir sobre questões polêmicas do mundo do futebol, como machismo, presença feminina, homofobia e racismo. Além disso, evidenciar a história do

<sup>125</sup> Para consulta, ver: <http://www.revistamuseu.com.br/glossario/glos.asp>. Último acesso em 17/06/2016.

futebol através dos seus protagonistas, utilizando as salas do museu pra contar como esse esporte se transformou ao longo dos anos. O terceiro roteiro, “No embalo da rede”, trata sobre música, charge, literatura e escultura utilizadas para criar interação do público com o museu. Este roteiro busca despertar o senso crítico de arte e como ela se relaciona com vários temas, neste caso, o futebol. Auxiliando no processo cognitivo do indivíduo. Por fim, “O mundo bola” evidencia a relação do mundo geográfico com o futebol. O roteiro apresenta ao visitante uma perspectiva sobre a influência de fatores externos sobre a prática do esporte, fenômenos naturais que interferem direta ou indiretamente no desempenho dos jogadores e no resultado das competições, além de buscar de forma diversa as intrincadas e múltiplas relações que o futebol – entendido como prática esportiva e cultural em perspectiva ampliada – estabelece, direta e indiretamente com a Geografia, bem como com os conhecimentos também diversos produzidos por este campo do saber. Deste modo, o futebol na sua relação direta com aspectos particularmente caros ao conhecimento geográfico, nos auxilia na compreensão e discussão de temas como política e geopolítica, economia, relações sociais, clima, fluxos populacionais durante jogos e eventos, a paisagem natural e humana, servindo como um microcosmo de observação de diversos fenômenos geográficos.

Para a Primavera de Museus de 2015 a equipe do setor educativo do Museu Brasileiro do Futebol, desenvolveu a partir de intenso projeto de pesquisa um sub-roteiro dentro d’ “O mundo bola”, o “Memórias indígenas em campo”. Neste, foram abordadas diversas questões relativas às vivências das populações indígenas no Brasil contemporâneo e, particularmente sua relação com o futebol. O sub-roteiro tinha como objetivo trazer para o público dados, conceitos e discussões que os levassem a *retorcer* seus olhares, rever conceitos e pré-conceitos, bem como reavaliar lugares comuns em relação aos povos indígenas, suas culturas, tradições e modos de se relacionar não só com a natureza, mas para com as sociedades e demais grupos humanos com os quais convivem.

Conforme dissemos, para executar a proposta da Primavera de Museus, o “Memórias indígenas em campo” foi executado no interior do projeto “Visões (Re)Torcidas” relacionando-o com o roteiro “O mundo bola” que pensa as relações entre futebol e geografia, particularmente entre as questões que envolvem a sociedade e o meio ambiente. O conceito de Geografia que fundamenta o roteiro “O mundo bola” visa evidenciar as relações do homem como o meio natural, destacando a perspectiva ambiental e também cultural desta relação. Dentro desta perspectiva de relação cultural com o mundo e com o meio natural, o futebol insere-se como fenômeno cultural de extrema relevância uma vez que o esporte é praticado em quase todo o globo. A despeito do que se possa pensar a relação entre os povos indígenas e o futebol não só existe como está presente em nos nomes de clubes, estádios e mesmo de torcidas cujos times angariam para si a raiz de uma tradição histórica que exalta a história de alguns povos.

### **3. Desenvolvimento e execução da ação educativa**

Para atender à proposta da 9ª Primavera de museus, a equipe educativa do Museu Brasileiro do Futebol desenvolveu ampla pesquisa com o objetivo de identificar times de futebol brasileiros que se apoiavam à cultura indígena e traziam traços desta em sua fundação, como o nome do clube, o nome do estádio, mascote, símbolos e hino. Na pesquisa foram encontrados cerca de 53 clubes cujos nomes tinham origem ligada a alguma das 150 línguas e dialetos indígenas que sobrevivem hoje no Brasil. A questão das línguas indígenas, ressalte-se

é particularmente importante para o conhecimento dos povos indígenas, principalmente porque grande parte destes povos tem sua cultura assentada na oralidade. Deste modo, uma vez que a proposição temática da Primavera de Museus seja a questão das “memórias indígenas”, a cultura oral destes povos ganha destaque e deve ocupar, segundo nosso entendimento, a centralidade das discussões acerca da memória. Assim é possível trabalhar com os alunos o papel e a importância das lendas e das histórias no interior das diversas culturas indígenas, ressaltando principalmente a importância que elas têm também para a cultura brasileira.

Ainda falando do aspecto linguístico, acreditamos ser importante evidenciar para alunos, professores e demais espectadores dos museus a enorme influência que as línguas indígenas têm sobre a formação da língua portuguesa. Da toponímia ao cotidiano, diversas palavras que tem sua origem em diferentes troncos e famílias linguísticas, dão nome a cidades, bairros, ruas e avenidas brasileiras, além de também concederem nome a utensílios, comidas típicas e expressões do nosso cotidiano. Conforme explicitamos na introdução deste projeto, foi realizada uma pesquisa para avaliar a representatividade das memórias indígenas na sua relação com o futebol. Assim, explicitamos acima que uma das grandes e marcantes contribuições das culturas indígenas para compor o complexo mosaico cultural brasileiro, deu-se por diversas formas, consolidando-se, sobretudo pela via linguística, cuja presença pode ser notada na nomeação de diversos topônimos Brasil afora.

Apesar da incomensurável importância e influência linguístico-cultural que os povos indígenas legaram à cultura brasileira, a marca deixada por eles é assustadoramente acompanhada por dados estatísticos que exemplificam o lamentável genocídio dos povos indígenas ainda em curso no Brasil e que se arrasta desde que teve início o processo de colonização. Segundo o Censo IBGE de 2010, atualmente no Brasil os indígenas somam um número de 896.917 pessoas. Destes, 324.834 vivem em cidades e 572.083 em áreas rurais, o que corresponde aproximadamente a 0,47% da população total do país. A maior parte dessa população distribui-se por milhares de aldeias, situadas no interior de 698 Terras Indígenas, de norte a sul do território nacional. Estes dados denotam a triste realidade da questão indígena no país e a eles somam-se as lamentáveis notícias atuais do massacre dos Guaranis-kaiowá no Mato Grosso do Sul, o que não difere, entretanto, muito infelizmente da realidade dos Maxakali em Minas Gerais, dos Juruna no alto Xingu após a construção de Belo Monte nem de tantos outros povos que vivem nas reservas indígenas no norte do país.

A pesquisa realizada para o trabalho partiu então do campo linguístico a fim de identificar as relações dos povos indígenas com o futebol. Assim foi realizada uma pesquisa que selecionou 53 times cujos nomes denotavam claramente uma origem em línguas e dialetos indígenas. Feita esta primeira identificação pesquisou-se a história destes clubes e os mesmos foram filtrados a partir do seguinte critério: quais deles assumiam para si e para sua história um passado comum ou uma memória que fizesse jus aos povos indígenas a que se referenciam? Optou-se, portanto pela seleção de clubes cuja história fizesse claramente menção a uma origem indígena<sup>126</sup>, outorgando para a história do clube um passado (com)partilhado com algum dos povos aos quais eles fazem menção quer seja no nome do time, no escudo ou nos nomes dados a seus estádios.

Dentre os 53 clubes encontrados na pesquisa, apenas 7 foram selecionados no final do processo a partir do critério de pesquisa escolhido, foram elas: Esporte Clube Tupy (Vilha Velha, ES); o Goytacaz Futebol Clube (Campos de Goitacazes – RJ); o Aimoré Futebol Clube (São Leopoldo – RS), o Gavião Kyikatejê Futebol Clube (Bom Jesus do Tocantins – PA); o Esporte Clube Guarani (Venâncio Alves – RS), o Guarani Futebol Clube (Campinas – SP) e

<sup>126</sup> Com a exceção do Guarani de Campinas/SP, sem origem indígena direta, mas possui nome que homenageia o autor de *O Guarani*, cuja obra consideramos de extrema importância para a cultura nacional.

por fim a Sociedade Esportiva, Recreativa e Cultural Guarani (Palhoça – SC). O número aparentemente pouco expressivo ao final do processo de pesquisa desconsiderou grande parte dos clubes e deixou “na reserva” até mesmo clubes de grande expressão, sobretudo porque entendemos que a proposta da Primavera de Museus é colocar os povos indígenas num lugar de protagonismo de suas memórias e não apenas de meros coadjuvantes de uma cultura dominante. Neste sentido, naquilo que diz respeito aos clubes e às opções teóricas e metodológicas escolhidas, entendemos que para trabalhar a relação entre estes times e os povos indígenas era preciso uma relação direta entre eles. Assim, optou-se pela escolha de clubes que fizessem menção direta a um passado e memória compartilhada com os povos indígenas. Estas informações foram colhidas a partir de dados retirados nos sites e páginas oficiais dos clubes que outorgavam para si esse passado comum e que o representavam em seus símbolos mais importantes: a bandeira, o hino, o uniforme, mascote ou mesmo estádio, além do contato institucional pelo MBF. Porém, tivemos retorno apenas do Goytacaz com material de pesquisa, flâmula, uniforme e informações sobre o clube.

É claro que a adesão a um passado comum e (com)partilhado para com os povos indígenas não será feita de maneira ingênua. Assim a equipe do Museu Brasileiro do Futebol problematiza durante as visitas, por exemplo, questões como a apropriação cultural. Numa perspectiva crítica, cremos que seja preciso nos questionar se a presença da figura do ‘índio’ na história e no símbolo destes clubes funciona apenas como elemento para compor um “mito fundador”, ou se de fato estes clubes ao fazê-lo, estariam interessados em contribuir para um processo de reconhecimento e legitimação dos povos indígenas. Algumas de nossas opções metodológicas, segundo nos parece, ressaltam bem essa preocupação crítica que orientou a confecção deste projeto, como por exemplo a opção por não trabalhar com o conceito genérico de “índio” e sim com a ideia de “povos indígenas”, evidenciar a existência de “culturas indígenas” para ressaltar que se tratam de uma gama de comunidades que guardam especificidades culturais, linguísticas, ritualísticas. Outro aspecto que destacamos é a preferência em não abordar a categoria de “tribos” consagrada na antropologia, mas que nada mais é que uma projeção da cultura europeia e ocidental que engendra a sua lógica de organização espacial sobre as culturas dos povos indígenas. Neste sentido, priorizamos o uso da ideia de aldeias uma vez que esta palavra não só designa uma forma específica de habitação e ocupação do espaço, como também está presente no vocabulário de diversos povos.

Para finalizar outro importante aspecto que embasa nossa abordagem crítica é a ideia de trabalhar criticamente a autodenominação de algumas torcidas de clubes cuja figura do “índio” é tida como mascote e cujos torcedores por sua vez, autodenominam-se *bugres* ou *bugrinos*. A ideia de problematizar essa autodenominação por parte das torcidas dos clubes vem de uma preocupação de fundo histórico em relação ao termo *bugre* que era comumente empregado na literatura e na documentação história dos séculos XVIII e XIX para designar pejorativamente os “índios” qualificando-os como ‘selvagens’. A acepção ‘bugre’ era utilizada principalmente pelos portugueses e destinava-se a qualificar, sobretudo os povos ditos ‘mais resistentes’ ao violento processo de colonização e conquista de território engendrado pelos europeus. Assim as comunidades e povos indígenas tidos como “mais violentos” como os Maxakali, os Botocudos também chamados de Aimorés, incluindo os Tapuias.

Após este estudo, a equipe desenvolveu um mapa no qual localiza geograficamente os clubes e que foi utilizado como material de apoio para a realização das visitas durante a 9ª Primavera. Devido ao fato de o museu à época não dispor dentre as peças de seu acervo exposto de nenhum dispositivo ou peça que remetesse à cultura indígena, a confecção do mapa foi fundamental para que os educadores tivessem um material de apoio cujo estímulo visual muito contribuiu para explicar o projeto e desenvolver as ideias que o roteiro propunha.

Além da confecção do mapa, graças à pesquisa foi possível estabelecer contatos bastante frutíferos com os clubes e assim adquirir alguns materiais para serem usados nas visitas, como foi o caso da equipe Goytacaz Futebol Clube, uma agremiação esportiva da cidade de Campos dos Goytacazes, no Estado do Rio de Janeiro. Fundada em 20 de agosto de 1912, a agremiação tem como suas cores principais o azul e o branco. O nome do clube foi uma homenagem aos primeiros habitantes da cidade de Campos: os índios goytacazes, que segundo relatos da documentação e literatura históricas do período colonial eram os mais ferozes índios do atual território conhecido como Brasil, além de serem considerados exímios nadadores, o que lhes dava uma vantagem extra nas batalhas.

Algumas informações a respeito da cultura de alguns povos indígenas foram selecionadas para serem trabalhadas juntamente com o material. Optamos por selecionar elementos que melhor descrevessem a relação dos povos indígenas com as questões do “jogo” e da “bola”. Assim, foram abordadas manifestações como Xikunahity (pronuncia-se Zikunariti) um jogo também é conhecido como “futebol de cabeça”, guarda algumas semelhanças com o esporte bretão, entretanto o “chute” só pode ser desferido usando a cabeça. Duas equipes possuem de oito, dez ou mais atletas para cada lado e um capitão. É realizado em campo de terra batida, para que a bola ganhe impulso. Na partida, a bola não pode ser tocada com as mãos, pés ou outra parte do corpo, mas pode tocar no chão, antes de ser rebatida pela outra equipe. A equipe marca pontos quando a bola não é devolvida pelos adversários, ou seja, quando deixa de ser rebatida. Este esporte é praticado tradicionalmente pelos povos Paresi, Salumã, Irántxe, Mamaidê e Enawên-Nawê. A bola utilizada no jogo é de fabricação do povo Paresi e dos Haliti. É feita com a seiva de mangabeira que é um tipo de látex. O processo de confecção tem duas etapas: na primeira a seiva é colhida e colocada sobre uma superfície lisa, da qual, permanece por um tempo até formar uma camada ligeiramente espessa. Na segunda fase, é feito a parte central da bola que inclui o aquecimento da seiva de mangaba em uma panela e resulta numa película. O látex tem suas extremidades unidas, de modo a formar um saco que será inflado com ar, por meio de um canudo. Depois disso, o núcleo ganha formas arredondadas e recebe sucessivas películas de látex, obtidas da primeira etapa, até formar uma bola, secar e resfriar, ganhando consistência suficiente para pular. A bola tem aproximadamente 30 centímetros de diâmetro.

Foi a partir do aprofundamento das pesquisas da relação da cultura indígena com os “jogos de bola” que nos aproximamos do Gavião Kyikatejê Futebol Clube. Este é um clube profissional de futebol brasileiro com a característica marcante de sua raiz indígena - anteriormente formado totalmente por indígenas, hoje um time misto - e destaque em ser o primeiro time de um povo tradicional a disputar a divisão principal de um campeonato estadual, no ano de 2014. Seu antigo treinador, Zeca Gavião, além de ser presidente do time, tornou-se ainda o primeiro indígena a comandar um clube do país. Para disputar o Campeonato Paraense de Futebol, os atletas do Gavião Kyikatejê tinham que se deslocar da sua cidade de fundação, Bom Jesus do Tocantins, até a cidade mais próxima, Marabá, com um estádio que comportasse as instalações necessárias para sediar um jogo do campeonato estadual. O estádio Zinho de Oliveira tem capacidade atual para quatro mil torcedores.

#### **4. Considerações finais**

Um dos maiores equívocos, muitas vezes, cometidos por parcela da população brasileira é a impressão de estagnação da cultura indígena. O senso comum nos leva a acreditar que os indígenas “verdadeiros” são aqueles com características estereotipadas que

perpassam gerações, como o uso de equipamentos rudimentares de caça e pesca e a ausência de vestimentas, as mesmas do século XVI. Como dito anteriormente, o Museu Brasileiro do Futebol possui roteiros temáticos que visam deslocar, *retorcer* o olhar do visitante para assuntos e aspectos presentes no universo do futebol. Desse modo, ao utilizarmos esse esporte – entendido como um fenômeno cultural de forte expressão na sociedade brasileira – como meio de aproximação dos visitantes ao objetivo de *retorcer* o olhar vicioso, atingimos a proposta da 9ª Primavera de Museus.

Dentro do projeto “Visões (Re)Torcidas” utilizamos o mapa, objetivo final das pesquisas, como auxílio para os educadores nas mediações das visitas. Foi a partir deste trabalho, desenvolvido pelos educadores do MBF, que muitos visitantes, após a apresentação de outros pontos de vista acerca da cultura indígena, por exemplo, retorceram seus olhares sobre o senso comum. A compreensão de que a cultura indígena não é estagnada, como todas as outras não são, é apenas o início do projeto “Visões (Re)Torcidas”. Certos de que essa discussão não se esgota aqui, esperamos ter contribuído para despertar nos visitantes outras perspectivas de olhares, sobretudo sobre a cultura indígena do nosso país.

Abaixo reproduzimos o material desenvolvido como resultado final da pesquisa:



Mapa: Visões (Re)Torcidas: “O mundo bola”: Memórias indígenas em campo. Desenvolvidos pelos estagiários Lucas Mendes Abdo e Marcus Ítalo da Cruz Augusto do setor educativo do Museu Brasileiro do Futebol, para a 9ª Primavera de Museus: Museus e Memórias indígenas ocorrida em setembro de 2015.

## Referências

- ABREU, R. M. R. M.; MONTE-MOR, P. **Entrevista com Evandro Teixeira**. Cadernos de Antropologia e Imagem (UERJ), v. 1, p. 187-213, 2006.
- BARBOSA, Ana Mae; COUTINHO, Rejane Galvão. **Arte/Educação como mediação cultural e social**. Editora Unesp. São Paulo, 2009.
- BIANCONI, M. Lucia and Caruso, Francisco. **Educação não-formal**. Cienc. Cult., Dez 2005, vol.57.
- CAZELLI et al. **Tendências pedagógicas das exposições de um museu de ciência**. Museu de Astronomia e Ciências Afins, Universidade Federal Fluminense. Rio de Janeiro, 1997.
- FREIRE, José Ribamar Bessa. **Cinco ideias equivocadas sobre os índios**. Palestra proferida no dia 22 de abril de 2002 no curso de extensão de gestores de cultura dos municípios do Rio de Janeiro, organizado pelo Departamento Cultural.
- JACOBUCCI, Daniela Franco Carvalho. **Contribuições dos espaços não formais de educação para a formação da cultura científica**. Em extensão, Uberlândia, V.7, 2008.
- JESUS, Gilmar Mascarenhas de. **A Geografia e os esportes: uma pequena agenda e amplos horizontes**. Conexões: revista da faculdade de Educação Física da UNICAMP, 1999.
- LUCIANO, Gersen dos Santos. **O índio brasileiro: o que você precisa saber sobre os povos indígenas no Brasil hoje**. Brasília, 2006.
- MARANDINO, Martha. **Educação em museus: a mediação em foco**, 2008.
- NASCIMENTO, Silvânia Sousa do. **O desafio de construção de uma nova prática educativa para os museus**, 2005.
- SILVA, Letícia Hernandez da. **Arte Educação e processos de mediação: do museu para a sala de aula**. Porto Alegre: UFRGS, 2008.
- POLLAK, Michael. **Memória, esquecimento, silêncio**. Estudos históricos. Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, 1989.
- QUEIROZ, Ricardo Moreira; TEIXEIRA, Hebert Balieiro; VELOSO, Ataiany dos Santos; TERÁN, Augusto Fachín; QUEIROZ, Andrea Garcia. **A caracterização dos espaços não formais de educação científica para o ensino de ciências**, 2011.
- ROCHA, Marcelo Augusto; FUSCALDO, Wladimir César. **Educação não formal por meio da reciclagem de resíduos sólidos: Contribuições do projeto Recriar**, 2010.
- YUNES, Lucia. **O museu e a escola**. Texto da apostila do professor, 2011.

**“A GALOUCURA NUNCA PARA DE CANTAR”: TORTURA SÔNICA, INÉRCIA E TEMPORALIDADES EM PARTIDAS DE FUTEBOL DO CLUBE ATLÉTICO MINEIRO.**

**“GALOUCURA NEVER STOPS SINGING”: SONIC TORTURE, INERTIA AND TEMPORALITIES IN CLUBE ATLÉTICO MINEIRO’S SOCCER MATCHES.**

**Pedro Marra<sup>127</sup>**

**Resumo:** Neste artigo, buscamos explorar as relações temporais da disputa futebolística, buscando evidenciar como o controle da passagem do tempo e das mudanças de andamento da partida – o que introduz transformações rítmicas a partir de eventos e lances do jogo – tanto por parte dos jogadores quanto da torcida, são fundamentais para a constituição do resultado esportivo. Nossa pesquisa visa compreender como torcida e jogo constroem-se mutuamente no espetáculo futebolístico por meio da manipulação de sonoridades, compreendidas como mediações técnicas entre corpos diferentes. Aqui, delimitamos e exploramos duas destas técnicas, a Inércia e a Tortura Sônica. As observações partem de trabalho de campo realizado em partidas do Clube Atlético Mineiro, entre 2008 e 2015, no Estádio Independência, em Belo Horizonte.

**Palavras Chave:** Clube Atlético Mineiro; futebol; Inércia; sonoridades; Tortura Sônica.

**Abstract:** In this paper, we aim to explore temporal relations on soccer contests, trying to elicit how the control of time and of the pace changes of a match – which introduces rhythm transformations according to the games’ events and moves – introduced by both players and fans, are crucial to the constitution of the sports results. Our research intends to understand how cheering practices and the game build each other up on the soccer spectacle by means of the manipulation of its sonorities, taken as technical manipulations among different bodies. Here we delineate and explore two of those techniques, Inertia and Sonic Torture. Our notes are based on field work made during Clube Atlético Mineiro’s matches, between 2008 and 2015, at Independência Stadium, in Belo Horizonte.

**Key words:** Clube Atlético Mineiro; Inertia; Soccer; Sonic Torture; Sonorities.

## **1. Introdução:**

Cantar em uníssono por toda a partida ou explodir em ruídos intensos e cantos toda vez que o time tem uma boa chance de marcar um gol? Esta é uma controvérsia acerca da melhor forma de torcer para o Clube Atlético Mineiro – também conhecido como Galo, uma das maiores associações esportivas em Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil – entre seus torcedores. Ao fundo desta discussão, existe uma crença de que os amantes do futebol ajudam os jogadores a ganhar jogos por meio do som que produzem de acordo com o que acontece em campo. Enquanto um lado da discussão baseia-se na ideia de inércia – na qual as canções insistentes da multidão traduziriam-se em uma atitude incansável da equipe em sua postura

<sup>127</sup> E-mail: pedromarra@gmail.com

ofensiva ou defensiva, sufocando ou esfriando o oponente – o outro lado basearia seus argumentos na noção de tortura sônica (CUISICK, 2006): tirando vantagem da arquitetura reverberante do estádio, os inesperados e repentinos sons intensos produzidos em um momento específico e importante da partida quando o oponente já está em dificuldade ajudariam a minar sua vontade, aumentando seu estado letárgico, de forma semelhante à que Cuisick (2006, p. 2) relata acerca do fato da “música desempenhar um papel importante no interrogatório de prisioneiros na guerra contra o terror”.

Este artigo é parte de uma pesquisa de doutorado que objetiva compreender as sonoridades da partida de futebol como técnicas sônicas empregadas pelas multidões de torcedores para agregar ou desagregar coletivos sociais de diferentes ordens nas arquibancadas e assim viabilizar a eles aumentar ou atrapalhar a performance dos jogadores em campo. O trabalho buscará identificar diferentes temporalidades da partida e da temporada esportiva interconectados e delineados pelas técnicas empregadas para produzir tanto a inércia quanto a tortura sônica de acordo com os movimentos dos atletas durante o jogo. O trabalho mobiliza como referencial a teoria dos afetos a fim de compreender tanto o poder do som em fazer certas coisas (DENORA, 2000; THOMPSON e BIDDLE, 2013) e suas características de contágio ou possessão (TARDE, 2007) e virais (GOODMAN, 2010). A fim de realizar este trabalho, a pesquisa acessa gravações de áudio realizadas em trabalho de campo em partidas do Galo, tomadas de duas ou três áreas diferentes da arquibancada que posteriormente são sincronizadas com a narração de rádio dos eventos do jogo. Estes procedimentos metodológicos nos permitem identificar que eventos da partida se relacionam tanto com o unísono quanto com a balbúrdia. O material sônico é também editado e mixado a fim de evidenciar as relações sônicas estabelecidas em tais dinâmicas em peças sonoras que intercambiam arte e ciência, procurando construir formas estéticas de conhecimento.

Inicialmente, desenvolveremos a temática das temporalidades esportivas, buscando delimitar pelo menos três fatores que modelam não só o andamento rítmico do jogo, mas também aspectos qualitativos da expectatorialidade da partida: a duração da disputa, as ações dos atores – jogadores, técnicos, torcedores, arbitragem – em campo, a sequencialidade das partidas em uma temporada, o que delinea diferentes ritmos atléticos e assim momentos de maior ou menor intensidade físicas do jogo. Em seguida, discutiremos as propriedades e características temporais do som, focando suas possibilidades de emprego na harmonização e sincronização de ritmos corporais individuais e coletivos. Finalmente exploraremos a conexão entre as temporalidades do futebol e aquelas sugeridas pelas sonoridades produzidas no esporte, sobretudo a partir das técnicas sônicas da inércia e da tortura sônica. Nesta seção, dois jogos – um que o Galo ganha e outro em que perde – serão tomados e analisados com maior atenção. Nosso objetivo é evidenciar como as sonoridades mediam os eventos do jogo e as formas de torcer, seja reforçando ou modulando os ritmos delineados ou impostos pelo andamento das ações em campo, as expectativas da temporada e o ímpeto da torcida.

## **2. Temporalidades do futebol:**

Dois tempos corridos de 45 minutos cada. 15 minutos de intervalo. Entre 1 e 5 minutos de acréscimo por período a fim de compensar os momentos que a bola não está rolando em campo. Temporadas anuais nas quais se distribuem ao longo dos meses campeonatos com fórmulas de disputa diversas e nas quais a sequência de resultados pode ser definidora: vitórias seguidas – ou sua falta – no momento certo podem embalar uma campanha vitoriosa – ou frustrante – em torneios de pontos corridos, enquanto a administração de resultados e placares é essencial nas Copas organizadas em torno de partidas

eliminatórias. A importância de um jogo: se vale uma posição de destaque na tabela, ou um título; se o campeonato já está decidido e o compromisso esportivo serve apenas para cumprir tabela. Estes são alguns dados temporais com os quais os atores envolvidos na prática futebolística devem lidar a todo momento da disputa, o que evidencia que um controle apropriado do tempo de jogo se torna essencial para a conquista da vitória e de Campeonatos por parte das equipes.

A temática não escapa ao olhar da pesquisa acadêmica sobre o esporte. Diferentes trabalhos abordam a questão da dimensão temporal da prática esportiva, seja no que diz respeito às diversas formas como acontece a cronometragem e suas implicações na eficiência, aproveitamento e dinâmica das ações dos atletas ao longo da disputa (WISNIK, 2008); às diferentes qualidades perceptivas da passagem do tempo em sua prática e espetacularidade de acordo com a situação do confronto no esporte em geral (GUMBRECHT, 2007) ou no futebol em específico (FRANCO JÚNIOR, 2007); ou ainda no que diz respeito às formas como os meios de comunicação de massa lidam com estes diferentes regimes temporais (TELES e ROCHA da SILVA, 2014; TELES, 2014). Por meio deste breve levantamento da literatura acerca do assunto, percebemos pelo menos três eixos aos quais se articulam as dinâmicas temporais no futebol: a duração da disputa, as ações dos atores – jogadores, técnicos, torcedores, arbitragem – em campo, e a sequencialidade e relevância das partidas em uma temporada.

Em primeiro lugar, a longa duração de cada período da partida e o fato da contagem do tempo não se interromper junto com o jogo criam dinâmicas de urgência e ociosidade cuja administração transcende a questão do preparo físico necessário à prática esportiva e se torna um ponto fundamental para a delimitação da estratégia e tática de jogo de uma equipe (WISNIK, 2008, pp. 110-114). Assim, o controle da posse de bola muitas vezes é tomado como um parâmetro para se medir o domínio das ações por um time na análise jornalística: manter a bola nos pés por longo período pode ser um indício de uma melhor performance, já que tal atitude, em princípio, reduz o risco de sofrer e aumenta o de marcar gols. Tal fato delinea também atitudes diferentes das equipes ao longo da duração da partida. Marcar sob pressão nos 15 minutos iniciais ou trocar passes estudando o adversário no mesmo período a fim de aproveitar o melhor momento de atacar? Manter a pressão após assinalar um gol ou recuar esperando uma oportunidade de pegar a defesa adversária desprevenida em contrataque? Deixar o tempo passar nos minutos finais mantendo a bola no campo adversário ou por meio de catimba quando o resultado é satisfatório, ou sair desesperadamente rumo ao ataque, com bolas alçadas na área, quando a busca pela vitória é imprescindível? Tais formas de gestão do tempo da partida delinham formas de jogo que identificam não só estilos de equipes ou de seleções nacionais, mas também períodos históricos do futebol e suas respectivas ocupações de espaço predominante pelos atletas em campo: poderíamos nos alongar aqui indicando a articulação entre a troca incessante de passes laterais no meio de campo onnipresente nos anos 90 e o esquema 4-4-2, a marcação sob pressão dos 2000 e o 3-5-2, e a tática da manutenção da posse de bola e do abafa inicial ao 4-2-3-1.

Tal variedade e articulação de temporalidades desce ao nível mais micro-estrutural da partida, propondo percepções e reações temporais diversas para cada agente envolvido no jogo. De um lado, Hilário Franco Júnior (2007, pp. 380-381) destaca que cada função tática do futebol lida com tempos discursivos diferentes: enquanto a defesa trabalha no condicional, buscando prever e antecipar os movimentos do adversário; a criação de jogadas lida com o futuro, no sentido que procura produzir possibilidades de definição da partida por meio de gols; e o ataque lida com o presente, pois tenta realizar estas virtualidades a cada momento em que se apresentam. O campo de estudos de motricidade busca avaliar tais questões no nível dos movimentos específicos e dos padrões de jogo (MACHADO, BARREIRA e

GARGANTA, 2013) e da ocupação tática espaço-temporal (TRAVASSOS et alli, 2015), a fim de avaliar a eficácia de determinados padrões de jogo.

Técnicos, torcedores e arbitragem lidam a todo momento com passado, presente e futuro. Estes últimos não só devem tomar decisões imediatas sem se afobar e considerando resoluções tomadas em situações de jogo semelhantes anteriores, mas também intervêm diretamente na velocidade e andamento da disputa, de acordo com o critério que utiliza, por exemplo na marcação de faltas – todo encontro físico entre atletas será punido, ou o jogo correrá mais livremente? Os primeiros devem avaliar, a cada partida, o histórico recente de atuações do adversário, bem como avaliar no presente suas atitudes iniciais, a fim de intervir no curso de ações de modo a corrigi-las face a um objetivo futuro de vitória. Finalmente, a torcida não só se envolve em sua habitual rivalidade e jocosidade com o adversário (GASTALDO, 2010) que leva em consideração os confrontos anteriores com os oponentes, mas também envolve-se em ações durante o jogo visando avisar os jogadores de possibilidades que se apresentam ao longo das ações, ou antever lances futuros na esperança de que se realizem mais facilmente, bem como punir sonoramente um eventual erro dos atletas da equipe do coração ou caçoar o equívoco adversário. Destacamos ainda a percepção temporal que se comprime ou distende para todos estes atores do futebol de acordo com lances capitais da partida (GUMBRECHT, 2007), como a cobrança de um pênalti decisivo, ou os últimos minutos de uma partida de final de campeonato.

Mas o futebol também apresenta durações que se estendem para além do tempo de uma única partida. Muitas vezes, a equipe que se torna campeã ao final de um campeonato é aquela que apresenta maior regularidade jogo a jogo, ou a que vence confrontos com adversários diretos na disputa pelo título<sup>128</sup>, ao invés daquela que desempenhou uma performance melhor ou mais bonita em disputas específicas. Assim, a sequência de resultados delimita momentos e períodos mais ou menos eufóricos para os times e torcida, que se aproveitam desta mais valia anímica proporcionada por tal momento de graça a fim de manter a coesão torcedora e conseqüentemente o alto desempenho. Inclusive, as agremiações que geralmente sagram-se campeãs de torneios de pontos corridos são exatamente aquelas que conseguem embalar mais de uma série de vitórias seguidas, intercaladas com poucos empates e derrotas. Esta dinâmica tem sua parte inclusive no fluxo de torcedores aos estádios para assistir às partidas e na sua atitude para com os jogadores. Portanto, uma série de derrotas pode por exemplo – de acordo com o momento do campeonato – induzir protestos contra o mal desempenho em campo, no início do torneio; ou catalisar a lotação do estádio na tentativa de interromper a série de infortúnios e empurrar o time contra um possível rebaixamento.

Mais do que qualidades temporais diversas delineadas por tais dinâmicas, o que toma a frente e que merece destaque para o andamento deste trabalho é que tal variação e articulação de temporalidades produz ritmos diferentes para a prática do futebol. Mais do que a ideia de ritmos longos ou curtos a que se refere Franco Júnior (2007, p. 344), interessa aqui a capacidade de cada um deles em embalar, sincronizar ou harmonizar os corpos dos agentes envolvidos no jogo, bem como o papel que a sua quebra, interrupção ou mudança podem ter na transformação do andamento dos lances do jogo. Henri Lefebvre (2013, p. 16) destaca que os ritmos constituem-se a partir de repetições e diferenças que marcam medidas e frequências nos quais os eventos reaparecem ou divergem. O autor busca compreender as formas como a vida social se imprime sob e contagia os sujeitos a partir das repetições e diferenças articuladas nos ritmos da sociedade, explorando, por exemplo, a forma como os ritmos militares disciplinam corpos no exército, os fluxos midiáticos contemporâneos nos

<sup>128</sup> Em outro artigo (MARRA, 2015b) trabalhei a relação entre o grau de articulação da torcida no estádio, materializado em uníssonos em torno de uma mesma canção ou gritos de guerra, e a importância de uma partida de futebol específica.

acostumam à imediatividade do cotidiano ou como as variações nas marés oceânicas ou de mares interiores imprimem uma vida urbana mais intensa ou regulada em cidades européias à beira do mediterrâneo ou do Oceano Atlântico.

Lefebvre (2013, p. 24) percebe o ritmo como uma manipulação de tempo e espaço de tal forma que as mudanças sociais de grande impacto produzidas pelas revoluções estão diretamente ligadas a transformações rítmicas em que uma pulsação anterior é substituída por uma nova que deve ser incorporada pelos agentes envolvidos. Acreditamos que tal perspectiva se torna de grande valia para o nosso trabalho, na medida em que abre brechas para pensar como o andamento dos rumos de uma partida, campeonato ou temporada pode se alterar. Afinal, um zagueiro só aparece no ataque em condições de surpreender o adversário e marcar um gol se ele muda o registro temporal necessário para a o desempenho de cada uma das funções. O técnico obtém maior visibilidade acerca de sua participação no jogo quando realiza uma escalação inesperada ou uma substituição que transforma, respectivamente, o ritmo da equipe ou da disputa. Ou ainda a torcida se apresenta definidora a partir da variação de cânticos que mudam a cadência dos jogadores ou da sua interrupção em caóticos e intensos ruídos que podem desorientar um adversário resistente mas que mostra-se grogue após um lance de perigo.

### **3. Sonoridades e temporalidades:**

Usualmente o som é definido por suas características temporais, embora a espacialidade também lhe seja inerente – propriedade que se apresenta à escuta em um segundo plano de atenção. Afinal, uma de suas definições correntes baseia-se em sua natureza ondulatória, a partir de suas características vibratórias que implicam na sua periodicidade, ou seja na repetição em tempos determinados de estados de movimento específicos. Assim, uma boa parte do vocabulário utilizado para descrever as sonoridades – agudo, médio, grave, lento, rápido, cadenciado, marcado, etc – remete ao plano das frequências. Este parâmetro acústico define não só o recorte de tempo em que ocorrem tais reiterações de repouso, compressão e dilatação de pressão do meio em que o som caminha, mas também à velocidade e intervalos com a qual diferentes vibrações se sucedem ou repetem em uma determinada duração.

Neste sentido, a composição de melodias, andamentos e ritmos aparecem como formas de manipulação das possibilidades temporais do mundo sônico. Tais formas sonoras aparecem na vida social para além do plano musical ou da dança, modulando ritmos corporais em diversas práticas sociais. Tia DeNora (2000), em trabalho etnográfico acerca dos usos cotidianos da música, mostra como esta forma cultural é empregada para regular diversas atividades humanas, inclusive a prática esportiva. Em seu trabalho de campo em aulas de ginástica aeróbica, a pesquisadora observa como a correta escolha e encadeamento de peças musicais – em termos não só da escolha de repertórios melódicos, rítmicos e de andamentos apropriados para cada momento da sequência física, mas também de sua correta ordenação – lançam e conduzem seus praticantes no exercício, a ponto de escolhas musicais equivocadas do instrutor atrapalharem o rendimento dos alunos. Desta forma, uma aula de ginástica sempre termina com o conjunto de composições de andamento mais lento de forma a coincidir com o momento de relaxamento. O seu início é ligeiramente mais veloz que o seu final, caminha acelerando até a metade de sua duração quando são realizados os movimentos de alto impacto da seção e enfim ralenta novamente. Os ritmos metronômicos e marcados e melodias simples e etéreas também embalam os movimentos. “A musica aqui é uma mediação que descreve ‘como’ – como mover, como pensar, como incluir, como começar, como terminar, como misturar” (DENORA, 2000, p. 93).

Ao invés de perguntar “o que uma música significa?”, DeNora (2000, p. 24) se questiona sobre “O que uma música faz?”, a fim de pensar o musical como um artefato que viabiliza a seu usuário realizar determinadas tarefas que não seriam possíveis sem este recurso, ou que se concretizariam de uma maneira diferente por outros meios. Em outros trabalhos (FRANCO e MARRA, 2011; GARCIA e MARRA, 2016), buscamos generalizar esta potência da música para o campo do sonoro por meio de pesquisas acerca das relações entre as sonoridades de pregões de produtos e serviços populares e a dos locais na cidade onde tais manifestações acontecem e do uso de som pelos habitantes da cidade e estabelecimentos comerciais como forma de disputar, compartilhar e lotear o espaço público da rua. Por meio destes estudos, percebemos que o parâmetro acústico da frequência é preferencialmente empregado sempre que tarefas que envolvem a harmonização e sincronização de corpos (MARRA, 2015) estão em questão. Embalados por uma mesma vibração, os agentes agregam-se em torno de ações coletivas que apontam para um mesmo sentido. Pensar as sonoridades nestes termos aponta para um quadro teórico que lida com o som como afeto, atento para o mundo sônico como uma mediação técnica na qual os corpos afetam-se e deixam-se afetar uns pelos outros (THOMPSON e BIDDLE, 2013) a partir de afinidades que se desenrolam entre os planos físico-químico, biológico e cultural. Neste sentido, algo que soa sempre pressupõe alguém que escuta e vibra em simpatia, de acordo não só com aquilo que se delineia pelas sonoridades em questão, mas também com a disponibilidade corporal dos sujeitos imersos em uma cultura. Simetricamente, a audição envolve ela também a produção de vibrações sonoras em uníssono, em consonância ou em reação àquilo que se ouve.

Tal princípio de afetação mútua entre corpos está em acordo com o ponto de vista acerca da organização de coletivos sociais de Gabriel Tarde, para quem na comunicação verbal, por exemplo, diferentes indivíduos ou grupos “apreendem-se reciprocamente” [...] [formando] “uma espécie de rede cerrada que não cessa de estender-se, os elementos sociais se ligam e se esticam de mil maneiras e de sua cooperação nascem as maravilhas da civilização” (TARDE, 2007, pp. 117-118). Ao funcionar como uma mediação técnica que viabiliza a produção de sintonia, sincronia ou harmonização entre agentes diferentes, as sonoridades trabalham como um meio privilegiado para o princípio de posse ou contágio, processos base para a criação de liame social, de acordo com o sociólogo francês. Assim, no caso do futebol, quando todo o estádio se deixa levar por uma canção originada em uma torcida organizada, todos os torcedores, naquele momento, se deixam possuir pelo grupo uniformizado e tornam-se – ainda que de maneira efêmera – também membros daquele coletivo. A canção que ecoa nas arquibancadas contagia, desta forma, a totalidade dos torcedores com os desejos, anseios, valores e ideias do grupo organizado na qual se originou. O emprego de músicas, gritos, palavras de ordem entre outros ruídos torna-se, portanto uma forma de agência, por meio da qual certos agentes fazem outros agentes atuarem de uma determinada forma, expondo o fato de que “em uma sociedade, nenhum indivíduo pode agir socialmente, nem se revelar de uma maneira qualquer sem a colaboração de um grande número de outros indivíduos, na maioria das vezes ignorados pelo primeiro” (TARDE, 2007, p. 90).

Neste sentido, uma paródia da marchinha de carnaval “Mulata Bossa Nova” ou a balbúrdia ensurdecidora que irrompem intensos na torcida após um ataque perigoso da equipe do coração apropria-se de suas propriedades acústicas sedutoras delineadas no ritmo sincopado, andamento acelerado e melodia alegre não só para organizar os presentes na arquibancada no sentido de apoiar o time em campo, mas também pode afetar os atletas, que se animam ou atordoam com o impacto sonoro produzido. De forma análoga, o incessante cantar no início da partida de letras breves e intercambiáveis sobre melodias repetitivas e ritmo de escola de samba produz uma espécie de transe que visa a manter a equipe no ataque

e o adversário, simetricamente, sob a pressão. Estas sonoridades funcionam, portanto, de maneira análoga aos áudio vírus, nos termos propostos por Steve Goodman pois “seguem seus movimentos, continuamente modulando seu comportamento com sugestões, incrementos de humor, ativadores de memória e reafirmações” (GOODMAN, 2010, p. 123). O recurso à ideia de uma virologia auditiva nos parece aqui bastante oportuna, não só por remeter à capacidade de proliferação e disseminação que uma infecção viral pode ter, mas também por sua ambigüidade construtiva e destrutiva, a depender da situação e dos indivíduos contagiados. O que se torna evidente ao abordar estas questões nos termos aqui propostos é a constituição de uma ecologia acústica não mais interessada na melhoria do ambiente auditivo como pretendiam os primeiros estudos de paisagens sonoras (SCHAEFER, 2001) mas que busca compreender as formas a partir das quais sonoridades são empregadas nas relações entre agentes diversos, produzindo técnicas sônicas de colaboração ou confronto direto, por exemplo.

#### **4. Inércia e Tortura sônica:**

A partir destas considerações acerca das dimensões temporais das partidas de futebol e das sonoridades, buscamos neste artigo propor duas técnicas sônicas empregadas pela torcida do Galo em torno das quais costumam-se articular as práticas torcedoras dos amantes desta equipe mineira, a Inércia e a Tortura Sônica. Lembramos que nossa pesquisa busca compreender como torcida e jogo constroem-se mutuamente no espetáculo futebolístico. Por isso, se faz necessário inicialmente descrever o estilo de jogo que o Atlético tem adotado quando se apresenta como mandante no Estádio Independência, que coincide com o período em que boa parte do trabalho de campo se realizou. Entre 2012 e 2016 a diretoria conseguiu manter a base de jogadores, e com isso, estabeleceu um padrão de jogo baseado no esquema 4-2-3-1, em que procura manter sempre a posse de bola no campo adversário em busca do ataque, seja por meio da troca de passes e movimentação, seja por meio de bolas alçadas na área ou passes longos da defesa diretamente ao ataque que será disputada por um centro-avante alto e forte visando repassá-la a um ponta de velocidade que penetra na diagonal. Se tal postura no gramado visa a sufocar o adversário, obrigando-o a manter-se na defesa, apresenta o ponto fraco de dispor a defesa muito adiantada, o que aumenta a distância entre a última linha de defensores e o goleiro, oferecendo, portanto, o contra ataque ao oponente. O antídoto para este calcanhar de Aquiles é a rápida recomposição da defesa, o que nem sempre acontece de maneira eficiente.

A este posicionamento tático e estratégia de jogo, parece adequada a Inércia como técnica sônica torcedora preferencial. Nesta forma de manifestar apoio ao time, a torcida busca cantar incessantemente o maior tempo o possível – alcançando o unísono por vezes – mantendo-se, portanto, em movimento no mesmo sentido, até que um evento inesperado no jogo a faça mudar de atitude. A analogia aqui é com o princípio que rege a 1ª Lei da Dinâmica e que estabelece que os corpos tendem a manter-se parados ou em movimento, a não ser que o equilíbrio de forças que atuam sobre ele se desfaça, o que inicia uma trajetória, muda sua direção ou o cessa por completo. A intenção é produzir uma espécie de transe, que embala a equipe em sua postura ofensiva – ou defensiva, caso seja ela a sofrer a pressão adversária. Os torcedores, neste sentido, procuram manter o fôlego em suas emissões sonoras a fim de, ao mesmo tempo, “emprestá-lo” aos atletas em campo e “retirá-lo” do oponente. Acuados pela ação do mandante e pela insistência sonora do público, o visitante apresenta dificuldades para respirar, sucumbindo por asfixia, caso a técnica seja bem sucedida.

À inércia, articula-se a tortura sônica, que no caso do futebol consiste na produção sonora intensa e momentânea – por vezes desconexa em gritos, urros, toques em instrumentos de percussão e objetos do estádio como cadeiras, grades e vigas de sustentação que resultam em uma desorganizada e ensurdecadora balbúrdia; em outras ocasiões em uníssono, entoando breves canções de motivação ou palavras de ordem facilmente reconhecíveis pelas arquibancadas; ou ainda em regiões circunscritas da arquibancada, como na prática da cornetagem (MARRA, 2015), em que torcedores localizados próximo ao gramado hostilizam ou caçoam insistentemente um atleta, arbitragem, técnico, etc, seja adversário ou do time para o qual se torce – em momentos chave do jogo, como quando a bola acerta a trave, o goleiro adversário realiza uma defesa difícil, numa sequência de cobranças de escanteio, após uma jogada errada ou no caso de uma cobrança de falta perigosa. O termo é emprestado do trabalho de Suzanne Cuisick (2006) que investiga as formas como a música e o som é utilizado como arma ou em práticas que são consideradas tortura pois desrespeitam protocolos internacionais de direitos humanos, como no interrogatório de prisioneiros de guerra no combate norte americano ao terrorismo. Neste último caso, indivíduos são submetidos a longa exposição a material musical descrito como irritante ou ofensivo, em alta intensidade e em condições ambientais desfavoráveis, como quartos escuros e úmidos, produzindo uma forma de tortura sem contato – e portanto sem deixar marcas – que apresenta uma eficácia maior no objetivo de induzir estados psicológicos de desorientação sensorial e quebra do ego do que, por exemplo, a privação de sono e comida, ou a violência física. No caso do futebol, o inesperado, disruptivo e forte ruído oriundo das arquibancadas a partir de eventos desfavoráveis ao adversário impactariam seus corpos e produziriam um estado de desatenção em momentos em que a concentração é chave para o bom desempenho atlético. Em contraposição, a sonoridade triunfante dos urros de alegria, canções e palavras de ordem vitoriosas inflariam os egos dos atletas da equipe do coração, aumentando o seu ímpeto e até mesmo antevendo o sucesso pretendido no próximo lance.

Assim, a tortura sônica manifesta-se como proto-orgasmo – que se concretiza quando o gol se realiza – para o mandante e como suplício para o visitante. Vale pontuar que se por um lado, no caso dos jogos do Galo, o Estádio Independência parece potencializar ainda mais ambas as técnicas por suas características arquitetônicas que aproximam a torcida do campo e produzem uma intensa reverberação o que dá a sensação de multiplicação do público; por outro é imprescindível levar em conta que a disputa esportiva sempre se realiza contra o esforço do oponente que busca resistir às artimanhas táticas, estratégicas e sensoriais do rival e do local onde se realiza a disputa. Arlei Sander Damo (2005), nos lembra em sua etnografia da formação de atletas de futebol que os clubes costumam oferecer acompanhamento psicológico aos jovens para que se capacitem a resistir às pressões da profissão, inclusive às ofensas e assédio dos torcedores adversário. Algumas promessas não se converteriam em craques exatamente por não apresentarem a força psicológica para suportar tais condições, sendo por isso, dispensados das equipes.

Na maioria dos jogos registrados no trabalho de campo, a inércia é tomada como técnica sônica preferencial da Galoucura, principal Torcida Organizada do Galo, no início de jogo. Quando a equipe entra em campo, os torcedores tradicionalmente entoam o hino e em seguida gritam ou cantam versos com os nomes dos jogadores escalados. Após outras músicas muito populares entre os amantes da equipe mineira, como “Vou ficar de arquibancada pra sentir mais emoção” e outras que denotam o domínio territorial do Estádio Independência, o grupo uniformizado puxa melodias simples e muito semelhantes, sob acompanhamento percussivo de escola de samba, sobre as quais empregam frases motivacionais como “Vai pra cima deles Galo”, “Galô ôôô,” “Dá-lhe Galo” e “Olê olê olê olê/ oh Galo eu vim aqui só pra te ver/ Olê olê olê olá/ a Galoucura nunca para de cantar” e “Ganhar [o campeonato em disputa], e vamos, vamos Galo”. O procedimento dura vários minutos, ou até que um evento

importante – um lance de perigo, um gol, uma falta controversa – aconteça no gramado. Por vezes, o restante da arquibancada entra no transe sugerido pela repetição prolongada, ecoando a Galoucura. Os 12 minutos iniciais da partida válida pelas Oitavas de Final da Copa do Brasil, entre os mineiros e o Palmeiras, de São Paulo exemplificam bem a dinâmica.

Nesta ocasião, a Galoucura passou este tempo cantando apenas dois versos, o “Vai pra cima deles Galo” e o “Da-lhe Galo”, acessando a canção “Mulata Bossa Nova” apenas uma vez, quando o Palmeiras chega com perigo ao gol atleticano – a torcida alviverde presente em pequeno número se torna audível neste momento na parte alvinegra do setor das arquibancadas que ocupava. Em meio à cantoria, irrompem em todos os setores, ao sabor dos acontecimentos, outras sonoridades como vibrações, xieiras, xingamentos, vaias, incentivos, comentários, ordens e reclamações. No entanto, de tempos em tempos toda a arquibancada sintoniza-se com o som que vem da Organizada que não perde o compasso em momento algum – e é sempre ouvida ao menos em segundo plano em todas as gravações – até que o primeiro gol da partida sai em cobrança de escanteio. Então, instala-se uma ensurdecidora balbúrdia – os gravadores não suportam a grande intensidade sonora e distorcem o registro – em comemoração ao evento máximo do futebol. Os instrumentos cessam o batuque e o que se ouve é uma massa sonora resultante de gritos e vibrações individuais e desorganizados que compõem um indefinido mar de vozes. 15 segundos após, a Galoucura se reorganiza e entoia a palavra de ordem “Uh uhu é Galoucura” e em seguida o hino do clube, que sempre é ecoado em toda a arquibancada. Ao fim, como é de praxe, a torcida canta “Galoôô” sobre acompanhamento melódico Gospel norte americano de “When the saints go marching in”. A euforia do público contagia os jogadores do Galo e termina por abater os palmeirenses – que já necessitavam de uma vitória longe de seus domínios para se classificar à fase seguinte – tanto que 5 minutos depois os mineiros marcam pela segunda vez, dando números finais ao confronto.

O momento do gol, portanto, exemplifica ao máximo a técnica da tortura sônica. Outros exemplos dessa dinâmica são o grito de Uhhhhh, as vibrações intensas e a canção “Mulata Bossa Nova” quando um ataque passa perto do gol, a bola atinge a trave, ou a arbitragem toma uma decisão favorável ao Galo; além de xieiras, xingamentos e palavras de ordem como “Ei [jogador adversário, instituição ou juiz], vai tomar no cu” após um erro do adversário, da arbitragem ou de atleta da equipe do coração, uma chance de gol do oponente; e “Bicha”, quando o goleiro rival cobra o tiro de meta. Neste momento, produz-se um unísono nem sempre bem definido, mas de grande intensidade que marca uma situação específica no fluxo da partida. O resultado é a interrupção do andamento dos cantos do público provocado pelos lances em campo, o que introduz uma mudança rítmica tanto na performance da torcida, quanto dos atletas no gramado. Nem sempre esta quebra temporal se mostra benéfica para o Galo. O grito de “Bicha” – que se tornou moda entre as torcidas em todo o Brasil depois da sua introdução no país por torcedores mexicanos durante a Copa do Mundo de 2014 – se mostra condenável, por exemplo, para além de sua conotação machista e homofóbica. Ele raramente é eficaz em seu intuito de atrapalhar a reposição adversária do tiro de meta, mas quase sempre desarticula a arquibancada, produzindo um breve silêncio após sua emissão. Retomar a inércia em seguida pode tornar-se difícil, pois a multidão se vê confusa e encontra uma breve dificuldade em decidir sobre o que cantar.

Um lance do jogo entre o Galo e o Atlas, do México, válida pela fase classificatória da Copa Libertadores de 2015 evidencia esta busca por atuar sobre os eventos da partida por meio da introdução de uma transformação rítmica materializada pela técnica da tortura sônica. Esta partida se mostrava difícil, com os mexicanos demonstrando uma aplicação tática defensiva que impedia o avanço alvinegro. Além disso, a equipe mineira não havia ainda demonstrado desempenho satisfatório no ano, o que deixava a torcida desconfiada e ansiosa por um bom resultado e atuação. Aos 30 minutos do primeiro tempo, Luan arrisca um chute

de longa distância que um zagueiro adversário intercepta de cabeça. O desvio quase engana o goleiro rival e a bola sai em linha de fundo perigosamente, à esquerda do gol. Antevendo um lance de perigo no escanteio que se avizinha, a Galoucura incrementa a intensidade da música que cantava, “Atlético, gostamos muito de você” sendo ouvida por toda a arquibancada que harmoniza-se com a canção, passando a entoá-la. Inclusive, outro grupo torcedor, o Movimento 105, deixa de cantar seus versos – “Vamos Galo”, inspirado nos cânticos das barras argentinas – e assume os da Torcida Organizada. Apesar do cruzamento que segue não ser bem executado, passando por toda a extensão da área sem tocar em qualquer atleta e saindo novamente pela linha de fundo, o público mantém-se intensamente na canção por um minuto. A mudança rítmica não surte o efeito esperado de manter o Galo pressionando o Atlas, que na sequência vai ao ataque e consegue também um escanteio. O público percebe a necessidade de uma nova mudança rítmica e tenta produzir um novo estado de inércia, passando os próximos dois minutos entre vaias e xieiras. O movimento 105 até busca retomar o “Atlético, gostamos muito de você”, mas sem sucesso em alastrá-lo por todo o estádio, já que o momento da partida demandava outra toada.

Esta partida contra o Atlas demonstra a importância da variação rítmica da torcida e da equipe para que estes cheguem ao seu objetivo de vitória, evidenciando limites na eficácia das técnicas de inércia e tortura sônica. A postura defensiva dos mexicanos segurou o ímpeto ofensivo do Atlético durante os 90 minutos de jogo, tornando possível o gol dos visitantes que selou o placar desfavorável em um gol para os mineiros. O toque de bola lateral buscando espaços para penetração na defesa adversária produziu poucas oportunidades de gol, e com isso um pequeno número de oportunidades de tortura sônica. Além disso, estes raros momentos de acréscimo de intensidade – sonora e de performance atlética – não foram eficientes para impactar os jogadores do Atlas e quebrar o esquema tático defensivo rival. Assim, a inércia de canções como o “Galoôô”, “Dá-lhe Galo”, “Vai pra cima deles Galo” e “Ganhar Libertadores”, tão insistentes na ocasião, ao invés de sufocar o adversário, cozinham o próprio Galo em seus domínios.

## 5. Considerações Finais:

Neste artigo, buscamos explorar as relações temporais da disputa futebolística, buscando evidenciar como o controle da passagem do tempo e das mudanças de andamento da partida – o que introduz transformações rítmicas a partir de eventos e lances do jogo – tanto por parte dos jogadores quanto da torcida, são fundamentais para a construção do resultado esportivo. Nestas dinâmicas, certos agentes desempenham papéis específicos, como as Torcidas Organizadas que assumem a função de maestro da arquibancada, a ocupar um espaço privilegiado na proposta do que o público deve cantar a cada momento da disputa. Evidencia-se também uma negociação e confronto entre grupos uniformizados pela sonoridade do Estádio, na medida em que parte da eficácia das técnicas de inércia e tortura sônica aqui delineadas envolve diferentes potencialidades destes coletivos em realizar o contágio dos demais torcedores com seus cânticos e, por conseguinte, afetos, valores e desejos produzindo o uníssono com o qual costuma-se descrever a atuação dos torcedores de futebol no Estádio. Neste processo, torcida e jogo constituem-se mutuamente no espetáculo futebolístico. Para tanto, é imprescindível que os atores – atletas, torcedores, arbitragem – envolvidos na prática esportiva desenvolvam um estado de atenção corporificada (DENORA, 2000), no qual a percepção da “aparência de algo que está aparecendo” [...] [, se torna chave, formulando uma percepção estética que] “ancora a consciência (que é muito receptiva a abstrações, antecipações e retrospectivas) através de períodos de um intenso apelo à presença”

(SEEL, 2014, p. 26-27), para que se tomem as atitudes necessárias de acordo com a oportunidade. Somente assim, os jogadores conseguem obter a vitória ou evitar a derrota, juízes e assistentes tomam as decisões corretas e amantes do esporte empurram sua equipe do coração rumo a seus objetivos.

## Referências:

- CUSICK, Suzane. Music as Torture. **TRANS – Revista Transcultural de Música**. Barcelona, v. 10, 2006. Disponível em <<http://www.sibetrans.com/trans/articulo/153/la-musica-como-tortura-la-musica-como-arma>> Acesso em: 20 de setembro de 2014.
- DAMO, Arley Sander. **Do Dom à profissão**: Uma etnografia do futebol de espetáculo a partir da formação de jogadores no Brasil e na França. 2005. 435 f., Tese (Doutorado) – Programa de Pós Graduação em Antropologia Social, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2005.
- DENORA, Tia. **Music in everyday life**. Cambridge: Cambridge University Press, 2000
- FRANCO, Juliana Rocha e MARRA, Pedro Silva. Som e complexidade urbana: Apontamentos a partir de uma visão sistêmica das sonoridades do comércio popular no Hipercentro de Belo Horizonte. **Ciberlegenda**. Rio de Janeiro v. 24, n. 2, 2011, p. 146-159.
- GARCIA, Luis Henrique Assis e MARRA, Pedro Silva. Pracas polifônicas: o som e a música popular como tecnologias de comunicação no espaço urbano. **Revista Famecos – mídia, cultura e tecnologia**. Porto Alegre, v. 23, n.1, jan/abr. 2016, p. 1-24.
- GOODMAN, Steve. **Sonic Warfare: Sound, Affect and the Ecology of Fear**. Cambridge: MIT Press, 2012
- GASTALDO, Édison. As Relações Jocosas Futebolísticas. Futebol, Sociabilidade e Conflito no Brasil. **Mana**. Rio de Janeiro, v. 16, n. 2, oct, 2010. p: 311-325.
- GUMBRECHT, Hans Ulrich. **Elogio da Beleza Atlética**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- JÚNIOR, Hilário Franco. **A Dança dos Deuses**: Futebol, Sociedade, Cultura. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- LEFEBVRE, Henry. **Rhythmanalysis: Space, Time and Everyday Life**. New York: Bloomsbury, 2013.
- MACHADO, João Cláudio; BARREIRA, Daniel; GARGANTA, Júlio. Eficácia ofensiva e variabilidade de padrões de jogo em futebol. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**. São Paulo, v. 27 n. 4, out/dez. 2013, p. 667-77.
- MARRA, Pedro Silva. Materialidades Invisíveis: parâmetros sonoros como operadores analíticos em pesquisas acerca de sonoridades e sociedade. **TRANS. Revista Transcultural de Música**. Barcelona, 19, 2015a, p.1-19.
- \_\_\_\_\_. “Contagiando multidões”: Práticas sonoras, perfis torcedores e dinâmicas de (des)articulação de torcidas de futebol em partidas do Clube Atlético Mineiro. In: **Anais do XVII Congresso Brasileiro de Sociologia**. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2015b, p. 1-21
- SEEL, Martin. No Escopo da Experiência Estética. In PICADO, Benjamin; MENDONÇA, Carlos Magno Camargos; FILHO, Jorge Cardoso. **Experiência Estética e Performance**. Salvador: EDUFBA, 2014, p. 23-36.
- TARDE, Gabriel. **Monadologia e Sociologia** – e outros ensaios. São Paulo: Cosac Naify, 2007.
- TELLES, Márcio. O replay na teletransmissão esportiva a partir do “tempo morto” do futebol. **Mediação**. Belo Horizonte, v.16, n. 18, jan/jun. 2014, p. 61-76.

TELLES, Márcio e SILVA, Alexandre Rocha. Os tempos mortos do futebol na televisão. **E-compós**. Brasília, v. 17, n. 3, set/dez. 2014, p. 1-16.

TRAVASSOS, Bruno et alli. Sucesso defensivo no futebol: análise de tendências espaço-temporais. **Centro de Pesquisa e Desenvolvimento Desportivo**. Portugal, 2015, pp.1-7

THOMPSON, Marie e BIDDLE, Ian, orgs. **Sound, music, affect**: Theorizing sonic experience. Nova York: Bloomsbury, 2013.

WISNIK, José Miguel. **Veneno Remédio**: O Futebol no Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

## O FUTEBOL AMADOR COMO PRÁTICA DE LAZER: UM ESTUDO SOBRE O USO DO PARQUE ECOLÓGICO DO TIETÊ

### *AMATEUR FOOTBALL AS LEISURE PRACTICE: A STUDY ABOUT THE USE OF ECOLOGICAL PARK TIETÊ*

**Reinaldo Pacheco**<sup>129</sup>

**Resumo:** apresenta-se o resultado da pesquisa sobre o uso público do Parque Ecológico do Tietê com foco no futebol amador. Houve um trabalho de aproximação com os usuários dos campos de futebol, o que resultou, depois da autorização formal para a realização da pesquisa, na captação de mais de 1000 imagens fotográficas e mais de seis horas de gravação em vídeo, ainda em processo de análise e edição. Foram realizadas 12 entrevistas qualitativas com gestores, usuários dos campos, líderes de equipes, organizadores de campeonatos e comerciantes locais. Oferece-se aqui uma seleção de algumas das imagens fotográficas, bem como observações e análise das entrevistas sobre o uso público dos campos de futebol. As relações estabelecidas entre os gestores do parque e os usuários dos campos é pautada em um distanciamento. A falta de manutenção e cuidado com os vestiários e áreas dos campos de futebol contrastam com os investimentos feitos no paisagismo na área interna do parque. Questionar as formas de uso e de gestão do espaço do futebol amador dentro de parques urbanos pode contribuir na busca de alternativas para administrar de forma democrática o acesso a esta atividade e a estes espaços.

**Palavras-chave:** parques urbanos; futebol amador; lazer.

**Abstract:** presents the results of research on the public use of the Tiete Ecological Park focused on amateur soccer. There was an approach work with users of soccer fields, which resulted after the formal authorization to carry out the research, attracting more than 1,000 images and more than six hours of video recording, still under review and editing. Were conducted 12 qualitative interviews with managers, users of soccer fields, team leaders, championships organizers and local merchants. It offers here a selection of some of the photographic images, as well as observations and analysis of the interviews on the public use of soccer fields. The relations between the managers of the park and the users of the fields soccer is guided at a distance. The lack of maintenance and care of the changing rooms and areas of football fields contrast with the investments made in landscaping in the inner area of the park. Questioning forms of use and management of the amateur soccer space within urban parks can contribute to the search for alternatives to manage democratically access to this activity and these spaces.

**Keywords:** urban parks; amateur soccer; leisure.

---

<sup>129</sup> Professor da Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo (EACH-USP Leste), no curso de Lazer e Turismo e no Programa de Mestrado em Ciências da Atividade Física. E-mail: [repacheco@usp.br](mailto:repacheco@usp.br)

## 1. Introdução:

O futebol conheceu enorme popularidade no Brasil que hoje se revela não só no número de praticantes e consumidores dos espetáculos esportivos, como também nas diversas formas de prática desse jogo de bola com os pés. Com o início do novo século, o espetáculo do futebol profissional ganha uma aura "pós-moderna" e os torneios mundiais, tal como a Copa do Mundo, atingem índices de popularidade nunca antes vistos, mostrando uma clara vinculação com a questão do lazer e do turismo. E o último grande "espetáculo" foi em nosso quintal. No entanto, o que nos interessa nesta pesquisa é algo muito menos midiático e glamoroso: é o futebol jogado nos campos de terra esburacados, o chamado "futebol de várzea" ou "futebol amador", prática de lazer muito importante para parcela da população dos bairros populares da metrópole.

Escrever sobre futebol parece ser, no entanto, tarefa ingrata. Melhor seria, talvez, nos reunirmos com os amigos, colocar as empoeiradas chuteiras para fora do armário e "bater uma bola". Afinal, nos últimos anos, especialmente nos períodos que antecedem ou sucedem a Copa do Mundo, tem havido uma inflação intelectual que recai sobre o esporte bretão-tupiniquim e tudo já parece ter sido dito, analisado, criticado. Os cento e noventa milhões de técnicos parecem ter se tornado também intelectuais da bola e todos aqueles que estão nesta discussão futebolística – já que futebol, política e religião se discutem, sim – sempre invocam uma dimensão "sociológica" do fenômeno, ao menos para dizer que "em 1970, o futebol foi usado pelo regime militar". Aliás, diga-se de passagem, a literatura futebolística é repleta de chavões, tal como os programas esportivos na televisão.

Mas, se tanto já foi dito, escrito, analisado e refletido sobre esse fenômeno, o que nos anima a buscar algumas interpretações sobre ele? Em primeiro lugar, o que nos anima é a diversidade desse futebol, normalmente tomado nas análises como fenômeno único, desconsiderando as suas diversas formas de organização e relação com a sociedade que o envolve. Este primeiro fato pode parecer surpreendente, mas devemos sobretudo analisar o futebol enquanto prática de lazer, já que milhares de pessoas usam o seu "tempo disponível" em atividades relacionadas à "cultura do futebol". São inúmeras as formas de entretenimento ligadas ao universo do futebol: desde as modernas ferramentas da informação eletrônica que mobiliza torcedores em torno de portais de notícias, apostas e discussão, até os grupos de pessoas que se reúnem em mesas de bar para acompanhar aquela rodada do campeonato, mesmo que seja um jogo de pequena importância; a visita turística aos estádios-templos, passando pelos "praticantes" das mais diversas formas de jogo – do futebol de "várzea", entendido aqui como futebol amador, até as formas mais comerciais de locação de campos de grama sintética para grupos um pouco mais "endinheirados". O fato é que nunca se consumiu tanto tempo de lazer – e dinheiro – em atividades correlacionadas ao futebol.

Ao observar-se as possibilidades de levantamento de informações para uma possível interpretação sobre o significado do "futebol de várzea" na vida de uma parcela da população de um bairro de características "operárias", numa cidade industrializada do ABC paulista<sup>130</sup>, notou-se logo de saída um equívoco. Nosso suposto "futebol de várzea", ao menos para os atores que o produzem, não é assim denominado e esse foi o pontapé inicial para que, enquanto pesquisador, pudesse estabelecer com os sujeitos da pesquisa uma nova forma de relação, ancorada não nas categorias de análise impostas por um olhar de "fora", mas

<sup>130</sup> Trata-se do relatório da pesquisa realizada pelos pesquisadores Jorge Tokuyochi e Reinaldo Pacheco sobre o futebol amador em São Bernardo do Campo: "A dança do futebol: amadorismo e profissionalização no futebol do ABC", realizado como parte dos requisitos para aprovação na disciplina "Pesquisa de campo em Antropologia" ministrada pelo Prof. Dr. José Guilherme Magnani na FFLCH-USP Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.

impregnar-se também do olhar de “dentro”, dos sujeitos pesquisados. Nossa visão “de fora” não observara o quanto os sujeitos se esforçavam para se livrar do rótulo de “varzeanos”. Portanto, aprendemos que não estávamos falando sobre o futebol de “várzea”, mas sobre o “futebol amador”, uma outra categoria que indica um outro tipo de organização. No mesmo trabalho de campo, descobriu-se várias formas de organização do jogo de futebol, variando desde aquelas menos “institucionalizadas” – sem uniforme, regras esportivas flexíveis, sem árbitros, jogado através do encontro ocasional das pessoas – até as mais institucionalizadas, no sentido de que há também um conjunto de regras esportivas e de comportamento social a serem seguidas, muito mais rígidas que as anteriores.

Assim, embora a discussão que se faz do futebol enquanto objeto de consumo como espetáculo esportivo seja fundamental para a compreensão do fenômeno, não menos importante é considerar o futebol enquanto prática de lazer de inúmeros “atletas de final de semana” e jogado das mais diversas formas, com códigos de sociabilidade e conduta distintos. É dentro desse universo que procuro inicialmente situar os marcos deste estudo, mostrando as influências recíprocas de um sobre o outro, do futebol-espetáculo-esporte sobre o futebol-jogo-lazer, realizado sobretudo no Parque Ecológico do Tietê, no município de São Paulo. Trata-se, portanto, de observar como o espaço público é ocupado por estes grupos de praticantes do futebol amador e como a estrutura de Gestão do Parque se relaciona com as demandas destes grupos.

## 2. Aproximações teórico-metodológicas:

O futebol amador envolve um conjunto complexo de relações entre os sujeitos, um conjunto de regras, um conjunto de práticas, com significações próprias, que não são simplesmente uma reprodução de modelos do esporte profissional. Torna-se fundamental a compreensão do futebol amador enquanto fenômeno de lazer na medida em que parece ser uma manifestação que se realiza independente ou à revelia de qualquer apoio estatal, privado ou do terceiro setor. Revela, antes disso, o embate pela ocupação dos espaços urbanos. Dentro dos limites desse estudo, é o que procuraremos demonstrar. São poucos os estudos que se debruçam sobre essa realidade, sendo os mais significativos os trabalhos de Santos (2001), Hirata (2005) e Tokuyochi (2006).

A prática do futebol, ou melhor, as várias práticas que dele são derivadas, nos revelam um conjunto enorme de atividades cada qual com o seu significado próprio. Portanto, a reprodução do modelo do esporte de “alto nível” até ocorre, porém os sujeitos remodelam as práticas esportivas dando significado que lhes são próprios. Tal fato comprova que os sujeitos sempre possuem um “poder de manobra” que frequentemente os estudos não lhes dão, principalmente quando os sujeitos pertencem às classes populares. Descobre-se, portanto, que o “objeto” é mais dinâmico e mais complexo do que se pensava.

Deve-se destacar que o jogo de futebol pode ser visto tanto como uma prática físico-esportiva de lazer quanto como esporte<sup>131</sup>. Como esporte, o jogo de futebol é aquela atividade onde as regras são inflexíveis. Os jogadores devem cumprir suas funções táticas de acordo com sua posição na equipe. Não há espaço para as brincadeiras, para o lúdico. Os jogadores devem ter uma disciplina tática para alcançar o objetivo máximo do jogo: vencer. O que domina o esporte é a objetividade e a racionalidade. Portanto, o esporte se diferencia do jogo esportivo desenvolvido durante o tempo de lazer pelo seu distanciamento do caráter lúdico e

<sup>131</sup> Bracht (1997) afirma que é o esporte de rendimento que, em linhas gerais, fornece ainda o modelo de atividade para grande parte do esporte enquanto atividade de lazer. Essa perspectiva parece ser insuficiente para caracterizar os diversos significados dessas denominadas “práticas esportivas de lazer”.

de brincadeira. Isto pode levar a falta de criatividade, de improvisações, de surpresas. Pode-se observar, de saída, o futebol amador transitando entre estas duas polaridades. E o esporte, enquanto espetáculo, nada mais é do que uma forma de entretenimento, lazer portanto, para quem o consome, o assiste.

Deve-se destacar que, além disso, houve um expressivo crescimento da literatura que trata sobre o futebol no Brasil, desde os estudos de DaMatta (1982, 1985, 1994), passando por vários outros pesquisadores e intelectuais que se dedicaram a interpretar o significado do futebol no Brasil, tais como Helal (1990), Guedes (1998), Bracht (1997), Toledo (2001, 2002). Constata-se ainda que as análises advêm dos mais diversos campos de construção do conhecimento, desde a antropologia e sociologia, como também a comunicação social, a educação física, a psicologia e a filosofia, dentre outras. Assim, este estudo justifica-se pela importância que essa temática carrega no sentido da compreensão dos rumos da própria construção da cidadania no Brasil. Como veremos no decorrer dos relatos de observação, no caso específico em estudo há uma clara indefinição dos limites entre o que é público e o que é privado, na medida em que há equipes de futebol que usam campos do parque há mais de trinta anos. Afinal, como argumenta Wisnick (2008), o futebol pode ao mesmo tempo ser uma espécie de veneno e remédio para os males da sociedade brasileira. E certamente nos ajuda a compreendê-la. Sendo assim, este estudo teve os seguintes objetivos: compreender o significado do futebol enquanto prática de lazer em suas diversas manifestações; analisar as formas de ocupação do espaço público por praticantes de futebol amador; analisar as relações estabelecidas entre praticantes e os gestores de espaços públicos onde acontece a prática do futebol amador, com especial atenção ao Parque Ecológico do Tietê.

A metodologia adotada busca observar as formas de uso do Parque Ecológico do Tietê e a prática do futebol amador, mediante uma investigação empírica com trabalho de campo no parque e uma pesquisa bibliográfico-documental. Esta última envolveu um levantamento bastante extenso de literatura sobre parques urbanos, gestão pública de esporte e lazer, sociologia do esporte, dentre outros, em busca de subsídios teóricos para a reflexão a respeito do significado social do futebol, do processo de apropriação popular dos espaços públicos, do papel dos gestores de espaços públicos como mediadores dessa apropriação, da relação entre o esporte e o espaço urbano e buscou o exame de pesquisas e trabalhos teóricos recentes a respeito futebol, de sua relação com os estudos do lazer, bem como das múltiplas relações que se estabelecem entre futebol e lazer. Apresenta-se, nesta comunicação, este levantamento amplo com os trabalhos aos quais o pesquisador pode analisar de forma mais detalhada e que integram a lista de referências.

O trabalho de campo foi realizado no Parque Ecológico do Tietê, localizado no município de São Paulo. Deve-se destacar que o próprio campus da EACH USP-Leste foi construído em área remanescente do Parque. A pesquisa tem privilegiado técnicas qualitativas de análise porque esta opção permite mais adequadamente examinar em profundidade os múltiplos aspectos do objeto em questão. Por isso, optou-se por pesquisa de campo de cunho etnográfico. (EZPELETA; ROCKWELL, 1986; GEERTZ, 1978).

Para os propósitos da presente pesquisa, não se trata de verificar, prioritariamente, a incompatibilidade prática entre o atual papel dos gestores públicos de lazer e o atendimento das demandas do futebol amador. Quando se parte para esse tipo de estudo já se está convencido da presença do fenômeno, ainda que não se tenha com precisão sua frequência e extensão. Em termos da pesquisa qualitativa que se está propondo, o que interessa é examinar detidamente o papel atual dos gestores públicos de lazer e investigar em que medida pode-se transformar a concepção e a prática dos gestores, de modo a que a administração dos espaços públicos de lazer se torne compatível com o atendimento de demandas populares, de forma democrática, verificando as dificuldades e as potencialidades dessa transformação. Trata-se de observar como se dá a participação popular no uso e até mesmo na gestão dos espaços

públicos de lazer. E sobre este aspecto tivemos algumas surpresas ao verificarmos que muito do que acontece nos campos de futebol está à revelia de qualquer “controle” estatal, mesmo sendo um espaço público.

A coleta de dados empíricos deu-se por meio de observações e entrevistas, sendo estas do tipo semiaberto. Conquanto se preveja um roteiro semiestruturado dos temas a serem abordados, tal instrumento foi bastante flexível, supondo uma postura também bastante elástica do entrevistador, de modo que o entrevistado discorra amplamente e sem constrangimentos a respeito do tema solicitado. Além disso, as observações e entrevistas não se detiveram em seu aspecto passivo. Em algumas ocasiões o pesquisador se comportou muito mais como observador e ouvinte. Em outras ocasiões, o papel do pesquisador acabou por trazer nitidamente elementos da pesquisa-ação ou da pesquisa participante, em que o pesquisador não se coloca como pretensamente “neutro”, mas reconhece que sua presença também afeta o ambiente pesquisado. Isso pode ser verificado por meio de uma leitura atenta das entrevistas e pelo fato de que, nesta interação com os gestores e usuários, o pesquisador era constantemente solicitado a desempenhar outros papéis: organizador de eventos, fotógrafo de times de futebol, mediador de reivindicações dos usuários, dentre outros.

Assim, nas entrevistas, algum tipo de questionamento às informações e opiniões expressas pelos depoentes acabou sendo realizada. Torna-se importante estabelecer um diálogo, que inclua a contraposição de pontos de vista divergentes aos dos entrevistados, de modo a fazê-los refletir sobre questões que, ou não se fazem usualmente presentes em seu dia-a-dia, ou não aparecem explícitas em seu discurso. Obviamente, não se trata de entrar em conflito com o entrevistado de modo a comprometer sua espontaneidade ao se expressar, mas de problematizar algumas de suas falas, aprofundando com ele a reflexão sobre o assunto e verificando suas ponderações diante de posições divergentes. O trabalho de campo permitiu não apenas a coleta de opiniões e impressões, mas também uma devolutiva aos interessados - gestores e praticantes de futebol - ao final do processo. Aliás, propostas quanto às possíveis mudanças no quadro encontrado são inúmeras. No entanto, espera-se fazer até mesmo um debate público sobre a questão do uso dos campos com todos os interessados.

O contato com os gestores públicos e praticantes de futebol foi constante no decorrer do trabalho de campo. Os usuários só eram encontrados aos finais de semana, mais especificamente aos domingos, já que no sábado pode-se notar uma certa ociosidade de uso dos campos de futebol, normalmente ficando restrito ao uso de crianças e jovens e de maneira pouco organizada. Com relação aos gestores, o acompanhamento do cotidiano da prática de gestão tornou-se impossível, já que poderia comprometer a ação destes sujeitos e mesmo atrapalhar o seu trabalho. Além disso, no decorrer da pesquisa houve uma mudança na direção do parque, de tal forma que comprometeu até mesmo a definição formal da autorização de realização da pesquisa. Portanto, com relação aos gestores, optou-se apenas pela realização de entrevistas, tentando inclusive valorizar a prática profissional de alguns deles que dedicaram vários anos de sua vida profissional ao trabalho de gestão pública destas áreas, por vezes sem a devida estrutura que seria de responsabilidade do Estado. Além disso, as entrevistas com gestores foram realizadas de modo a garantir o anonimato das fontes e, portanto, nenhum servidor público foi identificado pelo seu nome verdadeiro nesta pesquisa. O mesmo ocorreu com comerciantes já que estes temem represálias se fizerem críticas à gestão do parque. No caso dos usuários dos campos de futebol é diferente: há inclusive por parte destes sujeitos um desejo de que sejam identificados. Assim, temos aqui nomes fictícios para os gestores públicos e comerciantes e nomes verdadeiros para a comunidade usuária dos campos de futebol.

Finalmente, é importante lembrar que o estudo é uma pesquisa sobre o uso de um parque público, compreendendo todo o "ambiente" em que se dá esse uso, ainda que o foco seja o futebol amador. Assim, foi inevitável a observação de outros espaços do parque e o

questionamento sobre as formas de gestão destes outros espaços. Além disso, estava prevista a possibilidade de produção de material audiovisual sobre as práticas de lazer no parque, em especial sobre o futebol amador, prática que historicamente foi muito importante na cidade de São Paulo e que ainda se constitui como uma atividade de lazer com relevante ressonância social. A ideia fundamental é a produção de pequenos “documentários” sobre as equipes que usam o parque. No entanto, devido ao compromisso ético que estabelecemos com a direção do parque de só realizar a captação de imagens e entrevistas após a autorização formal, não houve tempo hábil para a produção destes pequenos documentários, embora tivéssemos conseguido captar cerca de 6 horas de imagens diversas em situações de uso dos espaços e que precisam ser editadas.

Assim, como nas demais pesquisas etnográficas realizadas, as observações e “participações” abrangeram todas as atividades que se desenvolvem no interior do parque, ainda que em menor profundidade. Os praticantes de futebol amador foram observados e ouvidos principalmente quanto ao uso dos espaços, sua infraestrutura, em sua participação na gestão do parque ou outras associações comunitárias. E, na medida do possível e com a anuência e participação dos sujeitos pesquisados, foram gravadas imagens das entrevistas e sobre estas práticas de lazer relacionadas ao futebol dentro do parque.

### **3. Futebol Amador: aproximações com os sujeitos.**

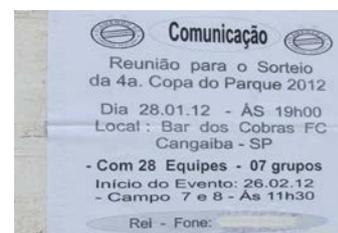
O início da aproximação com os sujeitos pesquisados, usuários dos campos de futebol do Parque Ecológico do Tietê, deu-se durante algumas visitas no segundo semestre de 2011 e durante 2012. Como a autorização formal demorava a sair, em função da mudança na direção geral do parque, optou-se por iniciar uma aproximação com os sujeitos usuários dos campos de futebol, embora ainda fosse muito arriscado começarmos um processo de entrevistas formais sem a autorização legal. Deve-se ter em mente que a pesquisa é realizada dentro de um espaço público institucional, administrados por gestores públicos, que tem todo o direito de saber exatamente o que a pesquisa pretende. Trata-se de um compromisso ético com os gestores públicos. Portanto, embora não fosse possível realizar o início das entrevistas, foram realizados os primeiros contatos com os usuários que se mostraram ao mesmo tempo receptivos e desconfiados em saber que alguém estaria preocupado em conhecer as atividades realizadas. Como veremos, muitas das atividades realizadas pelos grupos de futebol ocorrem à revelia do controle da gestão do parque, o que colocava o pesquisador numa situação delicada: ora era visto como potencial parceiro dos times de futebol na tentativa de melhoria dos aspectos de manutenção dos campos, extremamente precários; ora era visto como um potencial informante da administração sobre os usos privatistas que acabaram sendo identificados no decorrer da pesquisa. O objetivo desta primeira aproximação não foi de colher informações sistematizadas sobre a apropriação e uso dos campos, mas fazer os primeiros contatos, especialmente com as lideranças de equipes de futebol que tradicionalmente usam estes espaços. Deve-se lembrar que o Parque Ecológico do Tietê concentra ainda 18 campos de futebol de tamanho oficial, sendo 13 na área externa. No entanto, um destes campos da área externa foi destruído devido a construção de um centro de treinamento de futebol profissional de um grande clube da cidade e mais recentemente, a instalação de um canteiro de obras de uma estação de metrô. Obviamente, os tradicionais usuários do espaço jamais foram consultados sobre estes planos e só no Jardim Keralux pode-se estimar que cerca de 12 equipes de futebol organizadas frequentam os campos aos finais de semana. No total, segundo informações do gestor responsável pelo uso dos campos, há registro de mais de 150 equipes de futebol cadastradas no setor responsável do parque, sendo

que cerca de 80 delas permanecem em atividade regular. No entanto, deve-se ter em mente que muitas destas equipes que usam os espaços não tem qualquer registro junto à administração do parque, o que faz com que possamos estimar entre 200 e 250 equipes que recorrem ao uso destes campos aos finais de semana. Observa-se que com isso não estamos considerando os usuários dos pequenos campos de futebol, alguns montados de forma improvisada nas áreas gramadas, mas apenas dos campos com medidas oficiais e no qual o jogo é organizado segundo os padrões do futebol amador: uniformes, arbitragem e por vezes, competições organizadas.

Além disso, em função destes contatos e observações iniciais, pode-se, no início de 2012, acompanhar o Torneio Cidade de São Paulo, uma espécie de “torneio relâmpago” envolvendo mais de trinta equipes que disputaram esta competição no decorrer do dia 25 de janeiro, aniversário da cidade. Por meio destes contatos, pode-se ainda participar de uma reunião de sorteio de grupos para um dos tradicionais campeonatos com os times da região e que usam fundamentalmente os campos de número 8 a 11, situados às margens da Rodovia. Esta reunião foi realizada na “sede” de uma das equipes, que na verdade é a garagem da casa de um de seus líderes, na comunidade de Cangaíba. Foi uma reunião absolutamente festiva, com a participação de integrantes de cerca de 28 equipes que durante o primeiro semestre de 2012 disputaram uma competição nos moldes de uma “copa”. Observou-se diversas rodadas desta competição e, obviamente, a mobilização popular é grande e não é respaldada em termos de infraestrutura do parque: são várias crianças e mulheres que acorrem aos campos acompanhando seus companheiros e não contam com a oferta sequer de banheiros públicos decentes, o que dirá de outras práticas de lazer que poderiam ser estimuladas. Os resultados finais desta pesquisa poderão indicar alguns passos para que a gestão do parque se aproprie deste problema e busque, com vontade política, formas de resolvê-lo que fuja dos esquemas clientelistas e eleitoreiros que normalmente envolvem o atendimento de demandas deste público, em especial dos praticantes do futebol amador.



**Foto 1:** Reunião no “Bar dos Cobras FC” para o sorteio da Copa do Parque. Agradecimento especial ao Sr. José Olímpio, liderança que recebeu a equipe de pesquisa em sua casa.





**Imagem 1** – Campos de Futebol do Parque Ecológico (fonte: DE PETRI, 2010). Note-se que os campos 12 e 13, os mais ameaçados por novas ocupações “institucionais” (Corpo de Bombeiros e Polícia Ambiental), sequer aparecem nesta imagem. O campo 12 foi literalmente destruído e usado como canteiro de obras da empresa que construiu um centro de treinamento de futebol profissional. Não foi devolvido ao parque. O campo 13 ainda permanece em uso por equipes amadoras do Jardim Keralux.

#### **4. Parque Ecológico do Tietê: aproximações com os gestores e aspectos da infraestrutura.**

O Rio Tietê (*caudal, volumoso*, em Tupi, ou para alguns, “verdadeiro”) atravessa o estado de São Paulo e tem mais de 1100 km de extensão. Nasce em Salesópolis, na Serra do Mar, a 1.120 metros de altitude e mesmo estando a apenas 22 km do litoral, as escarpas da Serra do Mar obrigam-no a caminhar no sentido inverso, rumo ao interior. Atravessa o estado de São Paulo de sudeste a noroeste até desaguar no lago formado pela barragem de Jupiaá no rio Paraná, no município de três lagos, cerca de 50 quilômetros da cidade de Pereira Barreto (JORGE, 2006).

Segundo De Petri (2010), a ideia de implantação de um grande parque ecológico nas várzeas do rio Tietê surgiu em meados de 1975, em função da necessidade de dar prosseguimento às obras de retificação do rio. Essa retificação, numa extensão de aproximadamente 30 quilômetros, foi concluída em 1941 e apenas atenuou o problema das enchentes.

Coube ao Departamento de Águas e Energia Elétrica (DAEE), criado pelo governo estadual em 1951, equacionar os problemas hídricos em todo o Estado de São Paulo. Na década de 1960 o DAEE contratou um estudo de aproveitamento múltiplo do Alto Tietê, desde sua nascente até a barragem Edgard de Souza, em Santana do Parnaíba. Este estudo pedia a adoção de diversas providências. Ao final da década de 1970, “aliado ao consenso da necessidade de preservação do meio ambiente que se desenvolvia acentuadamente em alguns círculos intelectuais do País, deu origem a ideia de implantação de um parque ecológico nas margens do rio” (DE PETRI, 2010, p.16). Para o referido autor:

A retificação do rio Tietê a jusante da ponte velha de Osasco, trouxe para o DAEE conhecimento sobre a região. (...). De todos os males, evidentemente, o mais grave

foi a ocupação indiscriminada das áreas marginais valorizadas pela retificação (...) e a existência de planos de eliminação das várzeas, principalmente nas esferas municipais de São Paulo e Guarulhos. Ambas as prefeituras depositavam lixo urbano através de aterros sanitários em lagoas e crateras formadas pela extração de areia, durante o primeiro terço do século. Algumas indústrias também interferiam na várzea através da implantação ou expansão de suas instalações. O efeito dessas ações seria sentido fatalmente, em futuro próximo, pois a diminuição do leito maior do rio provocaria, ano a ano, o aumento dos picos de cheia na área da Capital. A necessidade premente de conservação imediata da área evoluiu para a implantação de um parque ecológico, face aos benefícios que traria para a população da grande São Paulo (DE PETRI, 2010, p.19)

Segundo De Petri (2010), em 1976 foi confiado ao arquiteto Ruy Othake o projeto arquitetônico e paisagístico tendo como metas principais: formação de bosques – projeto paisagístico de extensos bosques circundando os equipamentos sociais do Parque, com utilização de plantas que suportassem encharcamentos periódicos; recuperação da fauna e flora – mudas vegetais visando recuperar e desenvolver a flora e fauna originais da região; formação de lagos – grandes lagos isolados para enriquecimento paisagístico e uso recreativo imediato; equipamentos sociais – construção de vários equipamentos sociais, para atividades de lazer, educativas e de pesquisas. O Parque Ecológico do Tietê foi inaugurado em 14 de março de 1982.

Durante o trabalho de campo, foi inevitável um olhar que buscasse alcançar outros aspectos da infraestrutura do parque que não fossem apenas aqueles relativos à prática do futebol amador. Com relação a infraestrutura específica para o futebol amador, observou-se grande precariedade, especialmente nos campos situados fora da área interna do parque. Lembremos que o parque, no que se refere aos espaços de uso público, parece privilegiar a área que fica entre as pistas da Rodovia dos Trabalhadores (Ayrton Senna), daí ser considerada a área interna. Do outro lado da rodovia, em ambos os sentidos, as áreas do parque acabam atuando como estruturas de “amortecimento” da pressão por ocupação. Várias destas áreas foram, então, destinadas ao futebol de várzea, outras concedidas a clubes de futebol profissional (tais como a Portuguesa de Desportos, o Corinthians e o Palmeiras) e tiveram outros usos, tal como a implantação do campus USP Leste. No entanto, observa-se, de maneira geral, que há muita dificuldade na manutenção destes espaços de lazer do parque, mesmo na área interna. Não há um plano diretor do parque que possa orientar a manutenção, ampliação e uso destas áreas.



**Foto 2:** Teatro de Arena na parte “externa” do Parque. Trata-se de um espaço de lazer propício para várias atividades. No entanto, é ocioso.

O Parque tem na parte “interna” um teatro de arena que é também bastante ocioso. Neste período da pesquisa de campo, em nenhum momento houve a utilização destes espaços para atividades programadas. Sabe-se que um dos problemas de se conseguir manter uma

programação de cultura e lazer diversificadas é a falta de recursos humanos e financeiros para que se mantenham estas atividades ao longo do tempo, criando uma nova cultura de uso dos espaços. A proposta de criação do Parque Várzeas do Tietê que deverá oferecer mais de trinta núcleos de atividades de uso público, necessitará discutir os recursos necessários para a manutenção de uma programação diversificada e o necessário aporte de recursos humanos qualificados que consigam alterar, criar e estimular novas culturas de uso dos espaços. A ciclovia que deverá integrar estes núcleos é uma das alternativas mais interessantes de atividade de lazer que poderá inclusive se constituir como alternativa de mobilidade urbana entre os municípios ao longo do Alto Tietê. Observou-se um uso já bastante expressivo da ciclovia, neste primeiro trecho implantado, como espaço de lazer e como possibilidade de deslocamento para outras atividades.



**Foto 3:** Ciclovia na margem da estrada parque. Bastante utilizada aos finais de semana.

Nestes pouco mais de três anos (2011-2013) frequentando o parque aos finais de semana, pôde-se observar diversas práticas de lazer importantes para que uma cidade como São Paulo possa ser considerada um lugar com qualidade de vida. As paisagens e as possibilidades contemplativas do parque são inúmeras e podem ser também melhor divulgadas e estimuladas quanto ao uso consciente. Nota-se que apesar das dificuldades administrativas da atual equipe de gestão, o parque representa muito para os usuários e comunidades do entorno. No entanto, isso não significa que as estruturas de gestão não devam ser melhoradas pois identifica-se claramente um gargalo administrativo com relação aos recursos humanos disponíveis. Segundo informações da direção do parque, em entrevista com gestores responsáveis, foi indicado que o parque tem cerca de 60 funcionários, desde manutenção até a direção. Embora solicitado, como se pode ver nas entrevistas, não foi fornecido ao pesquisador o organograma de funcionamento do parque. O que nos leva a crer que os recursos humanos são insuficientes é a clara dificuldade em planejar usos alternativos de um espaço tão rico, elaborando novos projetos e programas de atividades diversificadas para os mais variados públicos. Assim, essa que é uma das mais importantes áreas verdes da capital, poderia tornar-se referência nos serviços de lazer.

Os entrevistados para esta pesquisa foram os seguintes sujeitos e ressalta-se mais uma vez o anonimato dos gestores públicos e comerciante entrevistado, apresentados com nomes fictícios. Sabe-se que diante do perfil apresentado, se poderia identificar os sujeitos. No entanto, este procedimento evita que o servidor público seja exposto e mesmo as suas declarações gravadas são aqui usadas só para fins acadêmicos de compreensão da problemática investigada, mantendo-se o compromisso ético de não imputar aos sujeitos a responsabilidade por ações ou inações que deveriam ser realizadas pela estrutura mais ampla do Estado.

1) Elvis – Diretor do PET desde meados de 2011.

- 2) Jorge – Coordenador de atividades esportivas, profissional de Educação Física e funcionário do PET desde 1983.
- 3) Da Matta – Funcionário do DAEE desde 1976, trabalha no PET desde a sua fundação, em 1982.
- 4) Felipe – Engenheiro e profissional de Educação Física, coordena o setor de Educação Ambiental do PET.
- 5) Edvaldo – Assistente de coordenação da Educação Ambiental, tem relações com o PET desde os 13 anos de idade quando participava do extinto programa “clube da turma” que atendia crianças e jovens da região. É biólogo e técnico de futebol.
- 6) Sr. Anacleto – Presidente da ASSUAPET – Associação de Usuários e Amigos do PET – desde a sua fundação, em 2003.
- 7) Reinaldo – Organizador de campeonatos de futebol nas dependências do PET.
- 8) Ismael – Líder de equipe de futebol usuária do PET (Clube Atlético Cangaíba).
- 9) Deda – Líder de equipe de futebol usuária do PET (Taboca Futebol Clube, do Jardim Keralux).
- 10) Paulo – Líder de equipe que detém o uso de um dos campos de futebol do PET (Asa Branca Futebol Clube).
- 11) Luiz – Voluntário que organiza o futebol com crianças do Jardim Keralux no Campo 13 do PET.
- 12) Wilson – Comerciante local (permissionário) que mantém barraca de alimentos e bebidas ao lado dos campos nos finais de semana.

## 5. Considerações finais

Pode-se fazer um balanço do que foi alcançado neste período por meio dos objetivos propostos no projeto de pesquisa. O primeiro objetivo elencado foi o de “compreender o significado do futebol enquanto prática de lazer em suas diversas manifestações”. Por meio da aproximação com os sujeitos de pesquisa, pode-se notar o quanto o futebol não se esgota na prática do esporte. A participação no sorteio da Copa do Parque realizada em um dos bares da comunidade de Cangaíba, talvez tenha sido um bom exemplo para tentarmos compreender o alcance da sociabilidade estimulada pela prática do futebol. Além disso, ficou evidente no registro fotográfico a participação de famílias inteiras no domingo de futebol, embora as atividades não privilegiem a participação das mulheres e crianças. No entanto, eles estão lá. Daí ser necessário um aprofundamento deste tipo de estudo para perceber as potencialidades de agregar outras atividades à prática futebolística, de tal forma que estes diferentes públicos sejam contemplados com atividades educativas. Aliás, diga-se de passagem, aquela imagem de que campo de futebol de várzea é um espaço de “desocupados e marginais” cai totalmente por terra na medida em que se pode observar pessoas que se preocupam em promover atividades comunitárias, ainda que o façam na eterna confusão nacional entre o que é o público e o que é privado. No entanto, para além de condenar as atitudes de “privatização” dos campos de futebol por determinados grupos de praticantes, seria importante tentar entender como se deu este processo, incentivado pela própria ausência do Estado na promoção do direito ao lazer de qualidade. As análises das entrevistas corroboraram algumas destas assertivas.



**Foto 4:** Mulheres e crianças acompanhando o domingo de futebol de um dos times do Jardim Z...



**Foto 5:** Área coberta e externa de um dos antigos vestiários, transformada em bar e em área de sociabilidade



**Foto 6:** Área dos vestiários em péssimo estado de conservação decorrente do não monitoramento da área. Serve desta forma a toda sorte de atividades.



**Foto 7:** Aspecto geral de uso dos campos aos domingos. Nota-se ao fundo o bairro de Ermelino Matarazzo.

O segundo objetivo seria o de “analisar as formas de ocupação do espaço público por praticantes de futebol amador”, que se confunde um pouco com a análise anterior. A análise pormenorizada das entrevistas poderá fornecer subsídios interessantes para discutirmos como se construiu essa rede de atores sociais envolvidos com o futebol amador, alguns deles envolvidos profissionalmente, já que fazem de seus campos de jogo uma forma de “renda” para suas equipes e para pequenos comerciantes locais, dependentes dos campeonatos futebolísticos, já que seu comércio fica à beira do campo. Nota-se que os grupos de praticantes que detêm a permissão de uso destas áreas chegam a fazer a locação do espaço para os organizadores de campeonatos, numa clara confusão entre o que é público e o que é privado. Além disso, há árbitros (nunca querem ser entrevistados, sempre muito desconfiados), organizadores de campeonatos e líderes de equipes que ajudam a movimentar uma pequena economia local relacionada a esta atividade de lazer. Pensemos nas despesas com uniformes e veremos que há aí uma cadeia produtiva do futebol amador que poderia ser melhor identificada com o prosseguimento da análise. Observam-se, nos dias de jogos, faixas de “patrocinadores” das equipes e que auxiliam na organização dos campeonatos, notadamente de pequenos comerciantes e empresas da localidade. Os organizadores de campeonatos fazem de sua atividade uma atividade remunerada, já que consiste num serviço específico de “organização de evento esportivo”. Equipes que detêm o uso dos campos passam a ser remuneradas pelo uso do horário. Portanto, são vários os atores sociais que tiram algum proveito econômico pessoal da atividade. Isso pode ser entendido como legítimo, desde que haja contrapartida ao espaço público, o que não ocorre hoje.



**Foto 8:** Vendedor de fotos das equipes e também um dos auxiliares na organização dos campeonatos.



**Foto 9:** Placa anunciando os investimentos em paisagismo. Contraste com as condições de uso público dos campos de futebol.

O terceiro e último objetivo elencado foi “analisar as relações estabelecidas entre praticantes e os gestores de espaços públicos onde acontece a prática do futebol amador, com especial atenção ao Parque Ecológico do Tietê”. Com certeza, a leitura deste relatório pode indicar o grau de dificuldade em se fazer este tipo de pesquisa numa administração pública repleta de medos e muito pouco transparente. No transcorrer da pesquisa, assim que foi entregue ao diretor da época, o projeto de pesquisa e o pedido de autorização, notou-se a dificuldade de compreensão acerca dos objetivos deste tipo de pesquisa. De certo, não temos tradição de pesquisa nesta área no país. No entanto, o olhar de estranhamento era sempre um olhar de desconfiança de que se estaria avaliando o desempenho deste ou daquele servidor público. Assim que houve a mudança de direção do parque é que pudemos retomar a discussão sobre o projeto e finalmente, quase um ano depois de nosso primeiro pedido, pudemos ter acesso aos gestores e a pequena parte documental apresentada. Portanto, para que esta pesquisa fosse entregue a contento, foi necessária uma ampla análise deste material de entrevista coletado. Pode-se adiantar algumas observações: as relações estabelecidas entre os gestores do parque e os usuários dos campos de futebol parecem ser bastante incômodas. No entanto, é o momento de se questionar estas formas de uso e de gestão do espaço e buscar alternativas que poderão dar respostas inclusive a outros parques públicos urbanos que se defrontam com o mesmo problema – administrar com dificuldades o uso de campos de futebol.

A falta de manutenção e cuidado com os vestiários e áreas dos campos de futebol contrastam com os investimentos feitos no paisagismo na área interna do parque. A falta de um Plano Diretor de um parque como este pode explicar a dificuldade de planejamento no uso dos recursos públicos que não cumprem a função de garantir o direito ao lazer, em uma unidade com tal intensidade de uso público.

Agradecimento à FAPESP - Fundação de amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo pelo apoio financeiro para a realização desta pesquisa. A presente pesquisa contou com aprovação da direção do parque e todos os entrevistados aceitaram participar da pesquisa e os arquivos em áudio com os registros de aceite encontram-se de posse do pesquisador. Os resultados foram devolvidos aos interessados, especialmente gestores e usuários.

## Referências:

- BRACHT, Valter. **Sociologia crítica do esporte: uma introdução**. Vitória: CEFD/UFES, 1997. v. 1. 143 p.
- DAMATTA, Roberto. Esporte na Sociedade: um ensaio sobre o futebol brasileiro. In: DAMATTA, Roberto (Org.) **Universo do Futebol**. Rio de Janeiro: Pinakothek, 1982. p.19 – 42.
- DAMATTA, Roberto. Antropologia do Óbvio. **Revista USP. Dossiê Futebol**, São Paulo, nº 22, p.10 - 17, 1994.
- DE PETRI, Edson. **Estudo das agremiações esportivas que utilizam os campos de várzea, como organizações sociais**. Monografia. Pós-Graduação Serviço Social e Políticas Públicas. Universidade Nove de Julho, São Paulo, 2010.
- EZPELETA, Justa e ROCKWELL, Elsie. **Pesquisa participante**. São Paulo: Cortez/ Autores Associados, 1986.
- GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.
- GUEDES, Simoni L. **O Brasil no campo de futebol: estudos antropológicos sobre os significados do futebol brasileiro**. Niterói: EDUFF, 1998. 136 p.
- HELAL, Ronaldo. **O que é Sociologia do Esporte**. São Paulo: Brasiliense, 1990.
- HIRATA, Daniel V. **O futebol varzeano: práticas sociais e disputas pelo espaço em São Paulo**. 2005. 155 f. Dissertação de mestrado em Sociologia - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo. 2005.
- JORGE, Janes. **Tietê, o rio que a cidade perdeu: o Tietê em São Paulo 1890-1940**. São Paulo: Alameda, 2006.
- MAGNANI, José G. & MORGADO, Naira. Futebol de Várzea também é Patrimônio. **Revista do Patrimônio Histórico e Art. Nacional**, São Paulo, nº 24, p.175-184, 1996.
- ROCKWELL, Elsie. Etnografia na pesquisa educacional. In: EZPELETA, Justa; ROCKWELL, Elsie. **Pesquisa participante**. São Paulo: Cortez/Autores Associados, 1986.
- SANTOS, Marco A. da S. **Futebol de várzea como espaço de sociabilidade**. 2001. 120f. Dissertação de mestrado - Faculdade de Ciências Sociais, Pontífice Universidade Católica, São Paulo. 2001.
- TOLEDO, Luiz H. de. Futebol e teoria social: aspectos da produção acadêmica brasileira (1982-2002). **BIB - Revista Brasileira de Informação Bibliográfica em Ciências Sociais**, São Paulo, v. 52, p. 133-165, 2001.
- TOLEDO, Luiz H. de. **Lógicas no Futebol**. São Paulo: Hucitec/Fapesp, 2002. 342 f.
- TOKUYOCHI, Jorge. **Futebol de rua: uma rede de sociabilidade**. São Paulo, 2006. Dissertação de Mestrado. EEFUEUSP.
- WISNICK, José Miguel. **Veneno remédio: o futebol e o Brasil**. São Paulo: Companhia das letras, 2008.

## **VIOLÊNCIA E ABANDONO NO ESTÁDIO DO MARACANÃ: A CONSTRUÇÃO DO CAOS PARA LEGITIMAR O PROCESSO DE PRIVATIZAÇÃO.**

### ***VIOLENCE AND NEGLECT IN THE MARACANÃ STADIUM: THE CONSTRUCTION OF THE CHAOS TO LEGITIMIZE THE PRIVATIZATION PROCESS.***

**Krycia da Silva Perni<sup>132</sup>**

**Resumo:** O Brasil é reconhecidamente como o país do futebol, mesmo sendo a Inglaterra criadora desse esporte. O principal palco do futebol nacional foi o Estádio Mario Filho, de alcunha Maracanã e conhecido mundialmente, sobretudo, por ter sido o maior estádio em capacidade de público. Um estádio com características singulares, que abrigava pessoas de todas as classes e que possuía uma grande representação simbólica para sociedade. Entretanto, com o aumento da violência entre as torcidas e o grande abandono por parte do Estado, o Maracanã sofreu grandes modificações em sua estrutura interna. O presente estudo empenha-se, portanto, em analisar a construção do caos para legitimar o processo de privatização do mesmo. A partir de então, temos um novo modelo de estádio (padrão FIFA) imposto em nossa cultura, tendo como algumas de suas características o consumo e a segregação.

**Palavras-chave:** maracanã; geografia; futebol; caos.

**Abstract:** Brazil is known as the country of football, even though England creator of this sport. The main stage of national football was the Mario Filho Stadium, Maracanã and known worldwide nickname, especially for being the largest stadium in a public capacity. A stadium with unique characteristics, which housed people from all classes and had a great symbolic representation of society. However, with increasing violence between the supporters and the general abandonment by the state, the Maracanã has undergone major changes in its internal structure. This study strives therefore to analyze the construction of the chaos to legitimize the privatization process of the same. Since then, we have a new stadium model (standard FIFA) tax in our culture , and as some of its features consumption and segregation .

**Keywords:** maracanã; geography; football; chaos.

### **1. O início do futebol carioca**

A Inglaterra, durante o século XIX, exerceu um papel imperialista sobre muitos países, pois com suas indústrias a todo vapor buscavam sempre mercados consumidores para seus produtos. Fato este que foi fundamental para a difusão de muitos dos seus hábitos e costumes

---

<sup>132</sup>E-mail: krycia28@gmail.com

para além de suas fronteiras. Dentre essas novas culturas que foram difundidas, a prática do Cricket foi uma das primeiras no século XIX, mas foi outro esporte que mais se destacou e se fortaleceu: o futebol. Principalmente através dos portos espalhados por diversos países aonde chegavam muitos marinheiros e pessoas da elite inglesa para trabalharem na construção das ferrovias e fábricas de tecido espalhados de norte a sul do país (NAPOLEÃO, 2006, p. 81).

Nesse contexto, na relação entre colonizador e colônia que houve aqui no Brasil, uma das heranças deixada pela metrópole portuguesa foram os diversos acordos comerciais com a rainha dos mares. Os muitos ingleses que desembarcavam pelos portos, desempenharam um papel fundamental para o desenvolvimento desse “sport” aqui no Brasil.

No período em que o futebol chega a terras brasileiras, o país vivia um momento de grandes transformações políticas e socioeconômicas, pois tinha deixado de ser uma monarquia para se tornar uma república, e ainda, promulgado a lei que abolia a escravidão.

Vindo da Inglaterra e trazido também pelos filhos da elite brasileira que estudavam na Europa, o futebol será mais um elemento a ser inserido nesse novo modelo de vida que surgia no fim do século XIX. E desde o início da prática desse esporte, é notório alguns dos problemas sociais enraizados no coletivo brasileiro, que foram refletidos principalmente em relação aos pobres e negros.

Por se tratar de um esporte de prática das elites, no qual estava se inserindo em um país com grande número de ex-escravos e com fortes preconceitos em relação à classe social e a etnia, temos no seu início uma prática racista e excludente, sendo legalizada no início desse esporte, que duraram alguns anos no futebol brasileiro.

Os primeiros clubes de “football” formados aqui no Brasil tinham grande influência inglesa, pessoas descendentes do velho mundo viajavam e dentre várias mercadorias traziam a bola, principal objeto para a prática desse esporte, que nesse momento era importada da Inglaterra. Assim, pessoas das classes menos favorecidas, que em grande maioria ainda eram negros, analfabetas e que trabalhavam, ficaram proibidas de praticar o esporte nessas primeiras agremiações.

Na década de 1920 o futebol carioca já estava instalado e com seu campeonato tendo muito sucesso, porém, seguia proibindo jogadores negros no elenco dos times. Em 1923, o Vasco iniciou sua luta contra o racismo no futebol carioca, sendo o pioneiro nessa conquista. O Vasco construiu estádio de São Januário, com capacidade para 40.000 torcedores e o maior do Brasil, sendo o maior símbolo dessa luta. Assim, após alguns anos o futebol se tornou profissional e deixou de ser excludente.

Durante a década de 1930, temos a difusão do rádio, que segundo Mascarenhas (2014), ajudará muito no desenvolvimento e na afirmação desse esporte como a verdadeira “paixão nacional” (p.123) Com o apoio do presidente Vargas, que aliava política e futebol em seus discursos, as ondas dos rádios foram fundamentais para difundir ainda mais esse esporte, já que estes levavam o futebol para a população, principalmente os jogos dos clubes da capital federal<sup>133</sup>, mesmo estando a muitos quilômetros de distância.

Por tudo que os times cariocas já representavam em território nacional, a capital federal merecia um estádio a representasse, e este seria o magistral Estádio Mario Filho.

## **2. A construção do templo do futebol.**

---

<sup>133</sup> Foi durante esta década que o Flamengo conquistou alguns títulos cariocas e que com a ajuda do rádio tornou-se um time muito conhecido pelo território. Assim, além dos campeonatos, este clube ganhou torcedores por onde as ondas do rádio conseguissem alcançar e o transformou num clube com grande torcida nacionalmente. Mascarenhas (2002, p.137)

Somente a partir de 1930 é que temos o início da mudança econômica com construção da indústria de base, promovendo toda uma nova dinâmica na sociedade, principalmente com a introdução das leis que garantiam os direitos trabalhistas, mas ainda não era o suficiente. O Brasil até a década de 1940 ainda era um país considerado agroexportador, onde o café ainda representava a nossa maior riqueza. Para tentar ser grande, o Brasil acreditava que deveria construir obras que representasse seu tamanho, e assim, promover algumas mudanças na sociedade. Um pontapé inicial para esse fato foi a construção de um grandioso estádio nacional para sediar o primeiro mundial de futebol.

O primeiro embrião do Maracanã na capital federal foi no fim da era Vargas, quando apresentaram o anteprojeto ao então prefeito do Rio de Janeiro, Henrique Dodsworth, mas que não foi concretizado. Somente na gestão do presidente Dutra que começou a construção do estádio. Segundo o jornalista Mario Filho esta obra seria para “comprovar a capacidade do povo brasileiro” e em menos de dois anos o estádio do Maracanã estava a disposição para copa de 1950.

Um estádio do governo, que segundo Mascarenhas(2014) “tenta rivalizar com o Pacaembu o posto de melhor estádio público do país (p.124)”. Em seu primeiro projeto, já aparece uma grande evolução em relação a qualquer outro estádio brasileiro, como foi apresentado na manchete do Jornal O Globo: “Será o maior da América do sul – o estádio nacional”.



Foto 1- Manchete do Jornal O Globo 1942<sup>134</sup>

Porém, somente alguns anos depois é que se tem o projeto definitivo do estádio com uma enorme imponência, pois simbolizava para todo o território o poderio do governo federal. Apresentando características democráticas bem marcantes, foi dividido em vários setores para que pudesse abrigar todos os tipos de torcedores, sendo considerado por muitos o mais popular do país. Localizado no bairro de mesmo nome, zona norte carioca, sendo de fácil acesso para pessoas de varias partes da cidade.

Inaugurado em junho de 1950 com uma partida entre as seleções cariocas e paulistas, o grande momento vivido por este estádio foi a “trágica” final do mundial daquele mesmo ano. Um jogo inesquecível entre Brasil x Uruguai e que possuiu uma grande carga dramática para quem estava presente. Sendo bem diferente dos moldes atuais, a partida teve entrada franca e sem nenhum padrão imposto a ser seguido para os que estavam presentes. Um Maracanã que foi pleno em sua essência naquele dia, mostrando o que realmente seria a partir

<sup>134</sup> Acervo O Globo em 17 de Novembro de 1942, Vespertina, Geral, página 8.

daquele momento, um estádio que nunca presenciou tantos torcedores, dentre eles poderíamos encontrar não só homens jovens, mas também, mulheres, idosos e crianças, de todas as classes numa tarde tão festiva.

Um estádio que simbolizava um novo modelo de vida ser seguido, juntamente os inúmeros produtos que começaram a entrar no Brasil a partir de grande introdução de indústrias de bens de consumo, ou seja, um novo cidadão estava sendo criado ou moldado pelas numerosas propagandas, muitas advindas dos EUA, que invadiram nosso país.

Para completar, construíram o Maracanãzinho, inaugurado em 1954, no Complexo do Maracanã, com capacidade de acomodar 13.613 pessoas para assistir os jogos na quadra poliesportiva. Um legítimo legado para reprodução das relações sociais, reconfigurando a capital do país.

O complexo esportivo do Maracanã era do tamanho dos grandes sonhos do governo, sendo um dos símbolos da representação de um país que estava em pleno crescimento econômico, desenvolvimento industrial e a introdução de novos produtos para o consumo. De acordo com Murad (2012) “as décadas de 1940 e 1950 viram um Brasil que queria “mostrar a sua cara” (p.88)”.

Portanto, temos uma nação que a partir daquele momento não pertencia mais um território somente agrícola exportador, mas que abriu as portas para o urbano entrar e não mais sair. Além disso, é um espaço voltado para a população ocupar e dar diferentes usos, pois é um espaço de desporto democrático. “Um novo estádio como símbolo uma nova era de civilidade e engrandecimento da nação (MASCARENHAS, 2014, p.126)”.

### 3. O estádio das multidões e as torcidas

No mundial de 1950, foi registrado o maior público no Maracanã que foi na partida entre Brasil x Uruguai na final da copa com um público de 200.000 torcedores.

Durante a década de 1960, o Maracanã ficou consagrado por apresentar grandes públicos em diversos jogos de times cariocas, entretanto, sempre foi um atrativo para muitos times<sup>135</sup> de fora do estado do Rio de Janeiro que disputaram algumas partidas nesse estádio, como maior exemplo tem o Santos de Pelé. De acordo com Máximo “o Maracanã elegeu o time do Santos seu visitante favorito. Em troca, o Santos elegeu o Maracanã seu estádio, a sua casa. Por isso, fez nele as partidas contra Benfica e Milan, nas decisivas do Intercontinental de clubes de 1962 e 1963”(2010. p.70), e ainda, jogou pela Taça Libertadores no ano de 1968 contra o Peñarol, saindo os brasileiros vencedores da partida por 1x0

Do mesmo modo, ainda na década de 1960 outras partidas internacionais foram realizadas nesse incrível estádio: o empate entre Vasco x Real Madri (este contava com o argentino Di Stefano no elenco) e ainda foi disputada a Taça das Nações entre Brasil, Argentina, Inglaterra e Portugal.

Desta forma, o estádio Mario Filho sagrou-se como principal campo para o futebol brasileiro. E a torcida carioca entendeu muito bem o recado e fez a diferença ao longo dos anos que frequentou, usou e deu significado a esse espaço das multidões. Um estádio que

---

<sup>135</sup> Ainda na década de 50, o Maracanã começaria uma renovação para tentar apagar a marca que deixou a derrota na final da ultima copa. Para isso foi uma das sedes da Copa Rio, que foi um torneio realizado de 1951 pela CBD com patrocínio do governo carioca, eram 8 equipes divididas em dois grupos: Grupo São Paulo e Grupo Rio. No grupo do Rio o representante brasileiro foi o Vasco da Gama e no grupo de São Paulo foi o Palmeiras que Sagrou-se campeão da copa, jogando a o último jogo da final no Maracanã para mais de 100.000 torcedores, contra a Juventus (Itália).

abriga as maiores torcidas do país e que é palco de clássicos como o Fla x Flu e dos milhões<sup>136</sup> (Vasco x Flamengo).

Assim, o Estádio Mario Filho ficou como o grande símbolo do que Mascarenhas (2014) afirma ser o “estádio das massas”, um estádio onde o torcedor é parte do jogo e faz um grande espetáculo. Seria uma representação de um sistema de objetos que está disposto no espaço, onde os torcedores realizam suas ações, o usam e transformam esse espaço (SANTOS, 1996, p.63).

O Maracanã no auge de seus grandes públicos foi um modelo a ser seguido, o estádio mais importante do país e um dos mais famosos do mundo, tanto pela sua estrutura física, como também pela naturalidade da sua torcida, que com o sucesso dos grandes públicos e tendo o campeonato carioca como o mais charmoso, começa a “ditar moda”, para outros torcedores espalhados nos estádios do Brasil.

Ir ao Maracanã era um programa certo de domingo. Com o preço do ingresso bem acessível, muitas famílias iam torcer pelo seu clube. Nesse momento, teremos um Maracanã caracterizado como um espaço produzido pela cultura popular<sup>137</sup> (SANTOS, 1996).

Segundo Murad (2012), as torcidas marcavam sua atuação com cânticos, cores, alegorias e festejos (p.88). Com isso, torcidas símbolos das décadas de 1940 e 1950 como a Charanga Rubro-Negra criada por Jaime de Oliveira e a TOV dirigida por Dulce Rosalina, vascaína que foi a primeira mulher a chefiar uma torcida organizada no Brasil, ficaram muito conhecidas em todo país.

Assim, a sua estrutura física é um fixo na paisagem carioca que atravessa o tempo, pois durante anos recebeu diferentes tipos de torcedores, sendo estes considerados fluxos, já que com o tempo aumentaram em quantidade, foram se diversificando de acordo com a época e transformando este espaço. (SANTOS, 1996)<sup>138</sup>.

E assim, formam o que Haesbaert (2004) denomina de território “Cultural (muitas vezes culturalista) ou simbólico-cultural: prioriza a dimensão simbólica e mais subjetiva, em que o território é visto, sobretudo, como o produto da apropriação/valorização simbólica de um grupo em relação ao seu espaço vivido.” (p.40).

As maiores torcidas organizadas dos principais times cariocas da atualidade foram criadas no período em que o país se encontrava no regime da ditadura: Torcida Jovem do Flamengo (1967), Força Jovem Vasco (1970), Torcida Young Flu (1970) e Torcida Jovem do Botafogo (1969).

#### **4. As brigas entre as torcidas e o aumento da violência no Maracanã**

O futebol popularizou-se de uma forma tamanha no Brasil, sendo um elemento que foi inserido em grande parte do cotidiano da sociedade, gostando ou não desse esporte. Nas cidades, em dias de jogos ditos normais, existe toda uma dinâmica espacial voltada para esse evento, onde requer a atenção de alguns setores, dentre eles o de transportes e o da segurança. Quando temos um clássico entre times da mesma localidade, a atenção no dia do jogo dobra, pois as ruas da cidade já confirmam que aquela data é especial. Igualmente ocorre aqui no

<sup>136</sup> O clássico entre Vasco x Flamengo ganhou esse alcunha devido registrar grandes públicos entre os anos 1970 e 1980. A manchete do jornal O Globo dizia: 174.770 mil torcedores superlotam Maracanã. Com gente até na marquise do estádio, rubro-negro venceu por 3 a 1, jogo disputado em 1976. (Fonte: acervo O Globo, de 5 de abril de 1976). Em 1977, mais de 150 mil viram os vascaínos ganharem o Carioca sobre o Flamengo.

<sup>137</sup> Segundo Santos a cultura popular tem raízes na terra em que se vive, simboliza o homem e seu entorno.

<sup>138</sup> O espaço seria construído como um conjunto de Fixos e fluxos. (Santos, 1996, p.61)

Rio de Janeiro, torcedores dos bairros cariocas já pela manhã deixam as ruas mais alegres com suas brincadeiras e cores que duram por todo o dia, representando uma mesma paixão.

Assim também ocorre com as torcidas organizadas cariocas, que se reúnem antes dos jogos em suas sedes, para juntos irem cantando e gesticulando rumo ao Maracanã. As ruas do entorno do estádio ficam tomadas de cores e agitação de bandeiras por parte dos torcedores. Infelizmente, nem sempre foi feito de uma forma pacífica. Muitos casos de violência entre as torcidas organizadas foram registrados no trajeto do Maracanã em dias de clássicos, principalmente nas décadas de 80 e 90.

Segundo Toledo(1996)

“as torcidas organizadas, são organizações torcedoras pautadas em projetos coletivos, organizadas espacialmente e materialmente [...], genericamente, são a contrapartida popular do futebol profissional cuja organização é estruturada em times, federações, justiça desportiva, confederação (p.13).”

Ou seja, são indivíduos de todos os lugares, pertencentes das diferentes classes e etnias, e que encontram no torcer pelo futebol o seu ponto em comum. Entretanto, também são torcedores mais exaltados, que sempre lutam ao lado do time, independente de onde seja o jogo, em busca da vitória.

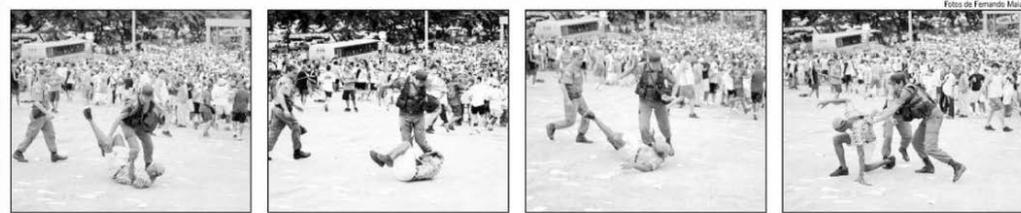
De acordo com Hollanda (2012) os primeiros anos das associações de torcedores no Rio de Janeiro reiteram a inquietude pedagógica de adestramento das massas [...] o objetivo era inculcar disciplinas entre os torcedores em suas horas de diversão nas praças de esporte (p.92). Reiteramos que nesse momento vivíamos ditadura no Brasil, onde a violência era uma das armas utilizadas contra a sociedade.

No Maracanã, até existia alguns desentendimentos entre os torcedores, mas eram conflitos isolados, na maioria dos jogos o clima família era quem comandava (Murad, 2012). Porém, mesmo tendo a maior arquibancada das torcidas organizadas entre os times brasileiros, durante a década de 80 e 90 essa relação ficou abalada. Devido à ocorrência de vários incidentes de violência entre as organizadas dos clubes cariocas, o Maracanã iniciou um momento conturbado, como podemos observar abaixo na manchete do jornal O Globo.

8•ESPORTES O GLOBO 2ª edição • Segunda-feira, 19 de abril de 1999

**A FESTA RUBRO-NEGRA: Antes da decisão, chegada de torcedores provoca momentos de tensão, mas também de bom humor**

**CENAS DE VIOLÊNCIA NA ENTRADA DO MARACANÃ**



**O INÍCIO DO ESPANCIMENTO**  
• Acusado pelos PMs de comportamento desordeiro nas proximidades da Uerj, o torcedor cai ao tentar fugir

**DA IRRITAÇÃO À AGRESSÃO**  
• Irritado, o policial chuta o torcedor, que tenta se defender, mesmo diante de centenas de torcedores

**NOVA AGRESSÃO**  
• Em seguida, o policial volta a agredir com um violento pontapé o torcedor, que começa a se levantar

**ENFIM, SITUAÇÃO CONTROLADA**  
• Depois de rolar pelo chão, o torcedor finalmente consegue se equilibrar, mas é seguro pelo policial

**Polícia não evita tumultos entre torcedores rivais**

PMs agiram com energia mas não impediram os habituais conflitos e roubos de camisas nas duas entradas do Maracanã  
Foto 2- O Globo – 19 abril. 1999<sup>139</sup>.

<sup>139</sup> O Globo, Rio de Janeiro, Esportes, 19 abril. 1999, p.8.

(1993), a formação de um território passa pela existência de relações de poder entre os indivíduos ou grupos de indivíduos que atuam no espaço geográfico. Portanto, nos estádios, podemos observar esses tipos de relações de poder sendo exercidos pelas torcidas de futebol, e ainda pelas ruas antes e depois das partidas.

Raffestin (1993), ainda ressalta que o território é fruto do espaço, ou seja, gerado a partir do espaço, “como resultado duma ação conduzida por um ator sintagmático (ator realizando um programa) seja a que nível for. Apropriando-se concretamente ou abstratamente de um espaço, o ator “territorializa” o espaço (p.129).

A cidade passou a ser dividida por territórios dos torcedores organizados dos times, pois se apropriavam deste espaço, fazendo com que a maioria do público da partida ficasse apreensiva em relação a esse fato. As confusões eram tão frequentes que o jornal O Globo fez um mapa do estádio apontando os pontos críticos para os torcedores em dias de jogos.

## Maracanã troca emoção pela violência

ANTONIO MARIA FILHO

O Maracanã, o maior estádio do mundo, palco de grandes conquistas, de momentos de emoção para o torcedor, já não é mais o mesmo. Agora, em vez de drêbels e gols de placa, ele está ficando marcado pela violência. Os episódios ocorridos recentemente, principalmente o de domingo passado, quando quatro pessoas foram feridas a bala em frente ao Portão 18 e outra teve o pé decepado por uma bomba de fabricação rudimentar, na arquibancada, provam isso.

A segurança do Maracanã, de responsabilidade da Polícia Militar, está longe de garantir a integridade física do torcedor. Nos clássicos, trabalham cerca de 450 soldados, dos quais 150 são especializados em jogos de futebol. Há também um pelotão da Polícia Montada, que percorre as imediações do estádio.

Muitos são os focos de brigas de bares próximos ao estádio, a rampa de acesso e a arquibancada. Alguns chefes de torcida admitem conhecer os responsáveis. Mas preferem calar, por temerem represálias, enquanto outros dizem que a identificação é difícil, porque os que provocam os conflitos transformam as camisas em máscaras.

As brigas começam muito antes dos jogos. Móveis por rivalidade, torcidas se aglutinam fora do estádio. A origem dos conflitos, segundo os próprios torcedores: o roubo do material guardado nas salas do Maracanã, de onde são tirados bandeiras e instrumentos, que, exibidos durante os jogos, provocam os conflitos dentro do estádio. A violência chegou a tal ponto que torcedores se fabricam a bomba “malvina” — feita com pólvora, bola de gude e pedaços de ferro — na própria arquibancada.

Na verdade, o torcedor não corre riscos apenas dentro do Maracanã. Quem deixa o carro estacionado nas imediações do estádio, sob os cuidados dos “flanelinhas”, pode não encontrá-lo na saída ou até ter o rádio ou outro acessório roubado.

Quem chegar cedo ao estádio poderá ser agredido por grupos de torcedores mais fanáticos, que andam de correntes, cativetes e lá comparecem com o único intuito de brigar.

Minha torcida não tem santos, mas a Jovem do Flamengo recruta garotos de 13 anos em frente e os encaminha a academias de boxe talandês — conflitos Antônio Brás, Chefe da Torcida Jovem do Vasco, uma das mais violentas.

Há também os temidos “arrastões” que agem dentro e fora do estádio.

**OS CUIDADOS QUE DEVEM SER TOMADOS**

- 1 — NA CHEGADA** — Nunca chegar antes da abertura dos portões, para evitar se envolver em brigas de grupos rivais.
- 2 — NA ENTRADA** — O melhor é chegar ao Maracanã uma hora antes do jogo. Quem for ao estádio com a camisa do clube, deve ter o cuidado de não ir para o mesmo lugar da torcida adversária.
- 3 — AO ESTACIONAR** — Parar o carro do lado de fora do estádio é um risco muito grande, principalmente nos locais mais distantes. Os “flanelinhas” cobram caro e não cuidam do carro. Atualmente, a Sudeci tem estacionamento dentro do Maracanã, que custa Cr\$ 1 mil, mas as vagas são limitadas.
- 4 — AS BRIGAS** — Não perder tempo do lado de fora do estádio, principalmente bebendo nos bares das proximidades. Dentro do estádio, as cadeiras especiais e as áreas são locais mais recomendáveis. Na arquibancada, em dias de grandes jogos, qualquer lugar é perigoso.
- 5 — OS ASSALTOS** — A saída do estádio é o momento mais perigoso. Os “arrastões” — grupos de assaltantes — costumam agir nos minutos finais da partida e nas ruas que cercam o Maracanã. O melhor é afastar-se o mais rapidamente possível de qualquer grupo que estiver correndo.
- 6 — NOS TUMULTOS** — No caso de o torcedor se ver no meio de um tumulto, o importante é ter calma — tentar afastar-se da área de conflito, massamente, sem demonstrar qualquer atitude hostil.
- 7 — ACIDENTES** — Em caso de acidente, o torcedor deve procurar socorro nos dois postos médicos do estádio. Um é no primeiro andar do Maracanzinho e o outro, no anel de acesso da arquibancada, próximo à entrada da Tribuna de Imprensa.
- 8 — NO TRÂNSITO** — Mesmo dentro do carro, o torcedor não estará livre dos “arrastões” se o tráfego de veículos estiver lento ou engarrafado. O melhor é manter os vidros do carro fechados.

Foto 3 - O Globo, 22 de Set, 1991<sup>140</sup>.

Podemos perceber que os pontos críticos destacados estão tanto no entorno do estádio quanto dentro. O Maracanã das últimas décadas do século XX passou a ter uma segurança não muito efetiva e diversos focos de tumultos foram registrados ao longo da partida, principalmente nos clássicos entre os grandes do Rio, onde os ânimos dos rivais ficavam mais exaltados. Os torcedores muitas vezes passavam por momentos tensos nas arquibancadas e nas gerais. Infelizmente, passaram a ter uma postura mais violenta, e esse fato passou a ser normal no cotidiano carioca.

Com algumas táticas, a PM do Rio de Janeiro fazia esquemas para garantir a segurança e conter as brigas entre as torcidas organizadas rivais. Esses grupos organizados que possuem denominações que sempre representam juventude e força, como Força, Young e Jovem e também adotaram em suas nomenclaturas identidades que também em simbolizam os militares e suas hierarquias (MURAD, 2012).

Alguns desses torcedores deixam de fazer uma linda festa nas arquibancadas e na geral, sendo uma manifestação de amor ao clube que o carioca fazia de uma maneira ímpar, para seguir uma postura mais violenta no estádio. Para Murad (2012) “de carnavalesca, as torcidas passaram a ser e a atuar como coletivos militarizados, seguindo as doutrinas e os

<sup>140</sup> FILHO, Antonio Maria, O Maracanã troca emoção pela violência, Jornal O Globo, Rio de Janeiro, Esportes, 22 set. 1991, p.64.

padrões do militarismo então vigente, que aparecia em toda a sociedade, mesmo de modo indireto” (p.90).



Deste modo, o Maracanã viveu o primeiro momento de alerta com o início dessa onda violenta, onde algumas medidas foram tomadas pelo governo do Estado do Rio de Janeiro, mas que não conseguiu conter a violência. Entretanto, não ficaria somente nessa dificuldade, outro grave problema surgiria com o tempo de uso que seria a manutenção da estrutura física.

## 5. A construção do caos para legitimar o processo de privatização.

Construído para o mundial de 1950, o Maracanã foi inaugurado com algumas obras ainda por terminar. Tornou-se um grandioso estádio, tendo a sua estrutura física invejada por muitos, já que era o maior do mundo. Contudo, essa obra com o passar do tempo necessita de manutenções, reparos e uma grande organização. A SUDERJ<sup>142</sup> era o órgão governamental responsável pela administração do estádio e que com o passar dos anos apresentou algumas falhas, como a falta de segurança mencionada anteriormente e a organização do estádio durante as partidas, tendo muitos problemas relacionados ao bem estar dos torcedores e com o descaso do governo em relação à manutenção do Maracanã.

No início da década de 1990, vivíamos um período de redemocratização da política brasileira, que estava saindo de uma ditadura que durou 25 anos e que deixou muitas marcas negativas para nossa sociedade. O mundo também estava bem conturbado com a queda do Muro de Berlim, o fim da URSS e o início de uma Nova Ordem Mundial que possuía características neoliberais. E esse sistema neoliberal também chega ao Brasil, dando início a uma série de privatizações, tornando o Estado mínimo e cada vez mais dependente do capital privado.

Entre as décadas de 1980 e a final de 1999, o estádio do maracanã sofreu um grande processo de sucateamento das estruturas internas (principalmente banheiros, arquibancadas e lanchonetes), e também de prestação de serviços, como foi o caso da segurança dentro e fora

<sup>141</sup> PESSOA, Flavio e LEITE, Marcelo, A polícia está pronta para guerra com gangues. Jornal O Globo, Rio de Janeiro, Esportes, 03 de dez. 1997, p.44.

<sup>142</sup> A SUDERJ (Superintendência de Desportos do Estado do Rio de Janeiro), responsável pela administração de diversos complexos esportivos fluminenses, entre eles o Maracanã, na capital, e o Estádio Caio Martins, em Niterói.

do estádio. A SUDERJ não cumpria com todos os cuidados que lhe era competido, provocando um ambiente mais hostil a ser frequentado pelos torcedores. O abandono era visível para quem frequentava o estádio e, passou a ser também para todos quando ocorreu um grave acidente. No jogo da final do campeonato brasileiro de 1992, entre flamengo x botafogo, parte da arquibancada do Maracanã com torcedores do flamengo cedeu alguns minutos antes da partida começar, deixando quase 200 feridos e uma alerta de caos para a sociedade.

# O lado trágico da decisão

A decisão do Campeonato Brasileiro por pouco não se transformou numa tragédia de grandes proporções, consequência das precárias condições de segurança do Maracanã — onde a invasão do gramado parece tarefa fácil — e a negligência da Suderj, presidida por Márcio Braga, também presidente do Flamengo. Depois de forte estrondo no meio da torcida organizada Raça Rubro-Negra, torcedores entraram em pânico, iniciando um corre-corre. Os que estavam nos primeiros degraus entre os setores oito e dez da arquibancada, empurrados, forçaram a grade de proteção que, corroída e frouxa, não resistiu e desabou. Alguns torcedores ficaram pendurados e escaparam por pouco. Mas outros caíram sobre o setor cinco e sete das cadeiras, de uma altura de quase cinco metros, machucando também quem estava embaixo. O acidente, que aconteceu às 16h30m, deixou quase 200 feridos, que foram atendidos nos hospitais Souza Aguiar (57), Miguel Couto (24) e do Andaraí (11) ou nos postos



No Souza Aguiar, dor e revolta de parentes

CARTER ANDERSON

Desesperados, parentes e amigos das vítimas do acidente ocuparam a entrada do setor de emergência do Hospital Souza Aguiar (HSA) no início da noite de ontem. Enquanto ambulâncias, helicópteros, carros de polícia e de reportagem não paravam de trazer feridos — muitos de idade em sua maioria — cerca de 40 pessoas tentavam entrar em busca de informações. Nervosos, os segurancas usaram até cadeiras e almofadas para improvisar um cordão de isolamento em torno da entrada do setor para facilitar o atendimento às vítimas. — Não tive culpa, o pai deles precisa saber que eu não tive culpa — gritava chorando, Sérgio Gilberto Medeiros de Almeida, que foi ao jogo com os sobrinhos de 10 anos, Vinícius e Rodrigo, dois dos 57 feridos atendidos no HSA. Sérgio precisou ser consolado por parentes que foram ao hospital assim que souberam do aci-

Foto 5 – Manchete do jornal O Globo - 20 de julho, 1992<sup>143</sup>



No pátio do estacionamento, para onde eram levados, bombeiros, médicos que estavam no estádio e outros voluntários ajudam a acalmar os feridos

Foto 6 - Manchete do jornal O Globo<sup>144</sup>

Barbosa (1999), afirma que a imagem do caos vem assumindo um papel significativo na condução de práticas sociais de reordenamento territorial e paisagístico das cidades (p.60).

<sup>143</sup> O Globo - 20 de julho. 1992, Esportes, 2º Cliche, p.8.

<sup>144</sup> O Globo - 20 de julho. 1992, Esportes, 2º Cliche, p.8.

**VEXAME RUBRO-NEGR0:** Atingido por morteiro, policial perde o olho; traficantes brigam na geral mas escapam

## O caos total que as autoridades não enxergam

Presidente da Suderj diz que superlotou as especiais, liberando o acesso de menores, para preservar famílias

**Pedro Matta Gueros**

• O mineiro João Novaes tinha boas lembranças quando decidiu voltar ao Maracanã, antonem, para a final da Copa do Brasil. Em 1983, ele era um dos 155 mil rubro-negros que comemoraram o título brasileiro sobre o Santos. Ontem, suas frustrações cresceram na proporção inversa ao público, de 82 mil. Em pé, esmagado ao alto das cadeiras especiais, onde havia mais torcedores do que lugares, foi embora no primeiro tempo. Além da derrota, não viu bombas serem atiradas nas geral, onde facções rivais de traficantes se enfrentavam diante da impotência da polícia. Nera a agressão ao presidente do Flamengo no hall da fama. As autoridades também não enxergam o caos. Para elas, o Maracanã é um estádio cada vez mais seguro.

— A situação só melhorou bastante dentro do estádio. Esperávamos um número maior

— Concordo, o problema é social — afirmou o presidente da Suderj, Francisco de Carvalho, o Chiquinho. — A briga na geral entre torcedores do Flamengo mostra que a questão vai além. Há rivalidade entre facções de traficantes. É o poder público, como o Flamengo na noite de ontem, mostrou sua impotência.

— Os policiais não prenderam ninguém na geral porque a coisa foi generalizada — contou Murilo Kieing.

Segundo o major Marcelo havia 600 policiais militares dentro e 800 fora do estádio. Cerca de mil ingressos falsos foram rejeitados nas rotas.

**Facção volta a se comprimir no local de onde caiu em 92**

O uso da força contra os torcedores na entrada do Belen foi justificada como forma de evitar uma invasão.

— Havia cerca de 5 mil integrantes de uma facção sem ingresso que tentaram entrar.



Foto 7 - Manchete do jornal O Globo <sup>145</sup>

Assim, com um processo de sucateamento da estrutura física, juntamente com onda de violência nos jogos no Maracanã, criou-se uma situação de caos <sup>146</sup>, o que fez com que existisse uma legitimação social para toda a reforma do estádio.

Como o futebol é parte integrante da sociedade, este esporte sofre um grande reflexo das medidas político-econômicas que regem o mercado mundial. Não seria diferente aqui no Brasil, e sendo o Maracanã, um estádio do governo, não ficaria isento da política neoliberal imposta pelo mesmo.

Destarte, iniciam-se algumas transformações para tentar, segundo as autoridades governamentais, reorganizar o estádio principalmente na estrutura física, já que o novo modelo que estava sendo construído era bem diferente dos tradicionais. Igualmente temos início ao processo de elitização do futebol carioca, no qual o governo do Estado se alia a questões mercadológicas para sua execução. De acordo com Santos (1996), os sistemas de objetos condicionam a forma como se dão as ações e, de outro lado, o sistema de ações leva à criação de objetos novos ou se realiza sobre objetos preexistentes (p.63).

O processo de mudança do Estádio do Maracanã começa em 1999, quando o Brasil sedia o primeiro mundial de clubes dirigido pela FIFA. Nessa modificação foram colocados assentos no anel superior das arquibancadas, reduzindo sua capacidade de público.

A segunda alteração sofrida pelo Maracanã foi devido à cidade do Rio de Janeiro ser sede dos jogos Pan Americanos de 2007. Nessa reforma foi extinta o setor mais barato e democrático que existia no estádio: a Geral. No lugar da Geral foram colocadas cadeiras, e isso fez diminuir ainda mais a capacidade de público. Esse setor era o que possuía os ingressos mais baratos, pois não possuía cadeiras e os torcedores ficavam em pé durante as partidas. Sendo extinta, não mais existiriam os ingressos acessíveis para a população mais carente e que era frequentadora assídua do mesmo.

Contudo, a maior transformação ainda estava por vir. Justamente quando o Brasil é escolhido para sediar novamente um mundial de futebol, os estádios brasileiros perdem a sua maior referência, pois o Maracanã ficaria fechado para a terceira reforma. Esse ato finaliza

<sup>145</sup> O Globo de 02 de julho. 2004, Esportes, p. 38.

<sup>146</sup> Segundo o dicionário Michaelis significa: ca.os sm sing e pl (gr kháos) 1 Confusão geral dos elementos, antes da formação do mundo. 2 Total confusão ou desordem.

um estádio que sempre teve como característica principal ser do povo e o transforma numa Arena. Esse novo conceito regido pelo capital, fez com que o Brasil perdesse sua identidade nesse esporte.

Observa-se que a busca de invenção da “vida comunitária” - a partir do redesenho dos lugares – recria uma forma de ordenamento territorial urbano que tende a uma forte repartição de populações e segregação de convivências e, no seu limite mais dramático (BARBOSA, 1999, p.64).

Para o cumprimento desse moderno modelo de fazer o futebol, os governantes e os presidentes dos clubes brasileiros, iniciaram uma parceria com empresas privadas para a construção das novas arenas. Deste modo, Harvey (2006), afirma que o empreendedorismo que tem como elemento principal a noção de “parceria público-privada”, em que a iniciativa tradicional local se integra com o uso dos poderes governamentais locais, buscando e atraindo fontes externas de financiamento (p.170).

De acordo com Garland (2005), a capacidade de desfrutar das liberdades pessoais continuamente com base no mercado agora depende de um rigoroso controle de grupos excluídos que não se acredita capaz de apreciar essas liberdades. Na medida em que os infratores e beneficiários da previdência social aparecem como os "outros" e como a principal fonte de seu próprio infortúnio, ele fornece uma oportunidade para as classes dominantes de impor controles rígidos sem abrir mão de suas liberdades. Claro contraste com o controle social de solidariedade, em que todos renunciem de algumas liberdades pessoais para promover o bem-estar coletivo, o individualismo mercado é a liberdade de alguns, que implica na exclusão e o controle rigoroso dos outros (p.320).

A partir de então, além de alterarem a estrutura física, os governos tentam mudar o público que frequentará as partidas de futebol, e assim, incentivam a presença das famílias nos jogos. O aumento do número de mulheres, crianças e idosos nas chamadas Arenas contribui de forma expressiva para a aprovação, da sociedade brasileira, de um novo conceito de estádio de futebol, o qual busca a abolição de velhos costumes populares e a exigência da adoção de novos hábitos (mais elitistas e condicionados ao padrão FIFA), a fim de que seja introduzida uma uniformização mundial nesses novos territórios (GAFFNEY, MASCARENHAS, 2004).

E para Barbosa (1999), contra o caos combinam-se o embelezamento estratégico, a engenharia privada de segurança e as tecnologias soft de controle – a exemplo da utilização de câmeras de vídeo para registrar e vigiar o movimento de ruas e praças (p.61-62).

Igualmente foi feito com o Maracanã, que com sua privatização sofreu todo esse processo de descaracterização em nome de um padrão global a seguir que busca uma homogeneidade. Nesse contexto, com as arquibancadas extintas, proibição de fogos e sinalizadores, a comemoração das torcidas perdeu sua tradição.

## 6. Arremates

Cumprir mencionar que o Maracanã era um estádio singular, que pulsava por com os clássicos dos milhões e com o famoso Fla x Flu com público próximo a 200 mil, já não existe mais. Até a entrada independente do seu time em campo, que era um momento de grande expectativa de festa da torcida, foi retirada para seguir um modelo onde os times entram juntos. Para Castrogiovanni (2003), o processo de globalização aliado à expansão dos meios de comunicações, fez com que os lugares pareçam estar em todos os lugares, pois existe uma padronização mundial em curso.

Segundo Abreu (2013), estas seriam memórias da cidade, pois remetem a uma base material, um lugar específico em que são reapropriadas por parte da sociedade. Logo, a vivência nos estádios, onde vários sentimentos são externados em 90 minutos, trazem-nos muitas memórias coletivas. Fato que com o processo de “modernização” do Maracanã os torcedores de outra época somente terão guardado nas lembranças.

Segundo Gaffney e Mascarenhas (2004), Talvez poderíamos falar de espectadores-células, massa atomizada, mais cliente que torcedor, cada vez mais controlado por medidas da economia, polícia, e a manipulação do espaço dentro os estádios. Como asseguram Gaffney e Bale (2003), a construção do espaço do estádio efetua profundamente o jeito em que os assistentes sentam e se relacionam com o espetáculo. Um cenário de baixo nível de interação entre as pessoas, bem distante do ambiente festivo e bem menos previsível (p.9).

Os torcedores antigos frequentavam outras instalações, com outras regras e tentam se adaptar, e assim, criarem uma nova identidade. Igualmente, Santos (2000) afirma que os atores hegemônicos têm o território como um abrigo, buscando constantemente se adaptar ao meio geográfico local, ao mesmo tempo em que recriam estratégias que garantam sua sobrevivência nos lugares (p.108). É justamente o que ocorre com os torcedores cariocas tradicionais, que foram obrigados a mudarem seus hábitos e se adaptarem às novas regras impostas pelas arenas, para continuarem a frequentar aos jogos de seu clube. Os novos não possuem uma referência do antigo estádio, mas também buscam com modernos costumes vivenciarem este novo espaço que esta sendo produzido.

## Referências

- ABREU, Mauricio. Sobre a memória das cidades. In: **A produção do espaço urbano: agentes e processos. Escalas e desafios** / Ana Fani Alessandri Carlos, Marcelo Lopes de Souza, Maria Encarnação Beltrão Sposito (org) – 1.ed., 2ª reimpressão. –São Paulo: Contexto, 2013, p. 123-145.
- BARBOSA, Jorge Luiz. *O CAOS COMO IMAGO URBIS. Um ensaio crítico a respeito de uma fábula hiperreal*. In: Geographia, Revista do Programa de Pós-Graduação em Geografia da UFF, Ano I, n. 1, Niterói, 1999.
- CASTROGIOVANNI, A.C. “Turismo e espaço, reflexões necessárias na pós-modernidade” pp43-50 in: Gastal, S e Castrogiovanni, A. C. (orgs). **Turismo na pós-modernidade (des) inquietação**, 2003, EDIPUCRS, Porto Alegre – RS.
- COSTA, Maurício da Silva Drumond. Os gramados do Catete: Futebol e política na Era Vargas(1930-1945). In: TEIXEIRA DA SILVA, F. C. (Org.); SANTOS, R. P. (Org.). **Memória social dos esportes - Futebol e política: a construção de uma identidade nacional**. 1. ed. Rio de Janeiro: Mauad Ed., FAPERJ, 2006. v.2. p. 107-132.
- FILHO, Antonio Maria, O Maracanã troca emoção pela violência, **Acervo O Globo**, Rio de Janeiro, Esportes, 22 set. 1991, p.64.
- GARLAND, David. **La Cultura Del Control: crimen y orden social en la sociedad contemporánea**. Barcelona: Gedisa, 2005.
- GAFFNEY, Christopher. MASCARENHAS, Gilmar. O Estádio de Futebol como Espaço Disciplinar. In: **Seminário Internacional Michel Foucault–Perspectivas**. Universidade Federal de Santa Catarina - Florianópolis, SC, set de 2004. Disponível em: <[https://gefut.files.wordpress.com/2015/04/espaco\\_disciplinar\\_estadios-libre.pdf](https://gefut.files.wordpress.com/2015/04/espaco_disciplinar_estadios-libre.pdf)> Acesso em:12 nov 2015.
- GUEIRO, Pedro Mota, O caos total que as autoridades não enxergam. **Acervo O Globo**, Rio de Janeiro, Esportes, 02 jul. 2004, p. 38.

- HAESBAERT, Rogério. **O Mito da Desterritorialização**: do “fim dos territórios” à multi-territorialidade. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.
- HARVEY, David. Do administrativo ao empreendedorismo: a transformação da governança urbana no capitalismo tardio. In: **A produção capitalista do espaço**. 2 ed. São Paulo: Annablume, 2006, pp. 161-188.
- HOLLANDA, Bernardo B.de. A festa competitiva: formação e crise das torcidas organizadas entre 1950 e 1980. In: **A Torcida Brasileira...**[et al.]. Rio de Janeiro: 7 letras, 2012. p. 86-121.
- MASCARENHAS, Gilmar. **Entradas e Bandeiras: A Conquista do Brasil pelo Futebol**. – Rio de Janeiro: EdUERJ, 2014.
- \_\_\_\_\_. “Não vai ter arena”: futebol e direito à cidade. In: **Revista Advir** / Associação dos Docentes da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. n.32 (jul. 2014)- . – Rio de Janeiro : Asduerj, 2014. Pag. 24 a 38.
- MASCARENHAS, G; BIENENSTEIN, G; SÁNCHEZ, F. (Orgs.) **O Jogo Continua: Megaeventos Esportivos e Cidades**. Rio de Janeiro: FAPERJ; EDUERJ, 2011.
- MÁXIMO, João. Sessenta anos de gols e de glórias, In: **Maracanã 60 anos: 1950 – 2010** / Eduardo Bueno, João Máximo, Rogério Assaf, Ruy Castro; ilustrações de Fernando Bueno, Rogério Reis e Dudu Constursi – Porto Alegre: Buenas Ideias, 2010, p.45-124.
- MICHAELIS. **Moderno Dicionário da Língua Portuguesa**. Disponível em: <<http://michaelis.uol.com.br/moderno/portugues/index.php>>. Acesso em: 16 jun. 2016.
- MURAD, Mauricio. **Para entender a violência no futebol**. São Paulo: Saraiva, 2012. 240pp.
- NAPOLEÃO, Antonio Carlos. História das Ligas e Federações do Rio de Janeiro. In: TEIXEIRA DA SILVA, F. C. (Org.); SANTOS, R. P. (Org.). **Memória social dos esportes - Futebol e política: a construção de uma identidade nacional**. 1. ed. Rio de Janeiro: Mauad Ed., FAPERJ, 2006. v.2, p. 81-106.
- O lado trágico da decisão, **Acervo O Globo**, Rio de Janeiro, 2º Cliche, 20 jul. 1992, p.8.
- PESSOA, Flavio e LEITE, Marcelo, A polícia está pronta para guerra com gangues. **Acervo O Globo**, Rio de Janeiro, Esportes, 03 dez. 1997, p. 44.
- Polícia não evita tumulto entre torcedores rivais, **Acervo O Globo**, Rio de Janeiro, Esportes, 19 abril. 1999, p.8.
- RAFFESTIN, Claude. **Por uma Geografia do Poder**. Tradução de Maria Cecília França. São Paulo: Ática, 1993.
- SANTOS, Milton. **A Natureza do Espaço. Técnica e Tempo, Razão e Emoção**, São Paulo: Hucitec. 1996.
- Será o maior da América do Sul o Estádio Nacional, **Acervo O Globo**, Rio de Janeiro, Geral, 17 Nov. 1942, p. 8.
- TOLEDO, Luiz Henrique de. **Torcidas Organizadas de Futebol**. São Paulo: Vozes, 1996.
- TUAN, Y. **Topofilia**. São Paulo: DIFEL, 1980.
- VAINER, Carlos. **Pátria, empresa e mercadoria**. In: A cidade do pensamento único 8.ed.- Petrópolis, RJ:VOZES, 2013.

<http://acervo.oglobo.globo.com/>

## FUTEBOL AMADOR E PATRIMÔNIO CULTURAL: PERCURSOS DE UM DEBATE NECESSÁRIO

### *AMATEUR FOOTBALL AND CULTURAL HERITAGE: PATHS OF A NECESSARY DEBATE*

**Raphael Rajão Ribeiro<sup>147</sup>**

**Resumo:** O presente texto busca examinar pontos em comum entre as trajetórias das discussões acerca do patrimônio cultural no país e dos estudos acadêmicos voltados para o futebol, especialmente em sua expressão amadora. Lançando mão de uma revisão das pesquisas realizadas e das metodologias aplicadas pelos órgãos de preservação, pretende-se destacar elementos relevantes para a reflexão sobre o lugar dessa prática esportiva popular nas cidades brasileiras. Tendo por referência o projeto do “Inventário do futebol amador em Belo Horizonte”, pretende-se abordar perspectivas de registro e salvaguarda desse fenômeno, bem como situar as dificuldades para a compreensão das apropriações e dos sentidos envolvidos no desenvolvimento dessa vertente da modalidade.

**Palavras-chave:** Futebol amador; Patrimônio cultural; Cidades

**Abstract:** The present text aims to examine common points between the debates' path around the national cultural heritage and the academic studies dedicated to football, especially in its amateur expression. Making use of a review of the realized researches and of the applied methodologies by the preservations bureaus, it intends to highlight relevant elements for the thought about the place of this popular sportive practice in Brazilian cities. Taking as a reference the project “Inventory of the amateur football in Belo Horizonte”, it seeks to approach perspectives of registration and safeguard of this social phenomenon, as well to situate the difficulties to understand the appropriations and senses involved in the development of amateur football.

**Keywords:** Amateur football; Cultural heritage; Cities

### 1. Introdução

Em 2016, a Fundação Municipal de Cultura de Belo Horizonte em parceria com a Secretaria Municipal de Esporte e Lazer, por meio do Centro de Memória do Esporte e Lazer – CEMEL, constituiu comissão para a elaboração do “Inventário do Futebol Amador de Belo Horizonte”<sup>148</sup>, projeto que visa reunir informações de modo a contribuir para o desenvolvimento de políticas públicas de esporte, bem como oferecer subsídios para a avaliação do reconhecimento dessa prática como patrimônio cultural da cidade.

Ações que articulam o esporte e as políticas de preservação ainda são raras, contudo ao revisitar-se a produção acadêmica, especialmente sobre o futebol amador, e os debates sobre o patrimônio cultural no Brasil, percebe-se que algumas tendências apresentadas por ambas frentes de análise apontam para uma valorização de elementos comuns, que abrem

<sup>147</sup> E-mail: raprajao@gmail.com

<sup>148</sup> Instituída pela PORTARIA CONJUNTA FMC/SMEL Nº 001/2016, reúne técnicos da Fundação Municipal de Cultura e da Secretaria Municipal de Esporte e Lazer de Belo Horizonte.

interessantes possibilidades de interlocução. As recentes medidas de salvaguarda e registro dos bens culturais lançam mão de perspectivas metodológicas muito similares às que têm sido adotadas nos estudos desenvolvidos nas pós-graduações e nos grupos de pesquisa ligados às universidades, com destaque para aqueles que abordam o futebol em sua expressão comunitária – sendo que para essa classificação, remetemos à divisão das matrizes dos futebolis proposta por Arlei Damo (2007, p. 41-42).

A partir do exame da trajetória das políticas para o patrimônio cultural no Brasil e do desenvolvimento do debate acadêmico sobre o futebol, pode-se notar como referenciais teóricos e metodológicos próximos têm orientado as recentes transformações nessas áreas. Se por um lado, essa tendência contribui para uma crescente percepção do valor cultural do esporte, por outro, ainda pode-se apontar inúmeros limites para uma efetiva compreensão do poder público e da sociedade dos sentidos envolvidos na apropriação das atividades atléticas e de lazer, em especial nas suas expressões mais populares.

## 2. Transformações nas políticas de patrimônio no Brasil

A trajetória das políticas de patrimônio no Brasil remonta ao início do século XX. Naquele momento, repercutindo debates que ganhavam corpo na Europa e geravam medidas de preservação de monumentos identificados como bens comuns da nação, foram formuladas as primeiras propostas de medidas de salvaguarda da memória coletiva brasileira. Como destaca Márcia Chuva, “Alguns projetos para institucionalização da proteção ao ‘patrimônio nacional’ foram produzidos no bojo do nacionalismo que se configurava na década de 1920.”(2009, p. 153). E complementa:

É interessante notar o caráter federativo que tiveram as iniciativas da década de 1920 (...) Embora fossem iniciativas em que a marca da região não estava submetida ao nacional, todas elas referiam-se a um “patrimônio nacional”, característica histórica da noção de patrimônio imbricada à ideia de constituição da nação. (CHUVA, 2009, p.154)

Essas medidas iniciais ganharam corpo e passaram a constituir uma política de âmbito federal a partir da atuação de intelectuais modernistas em consonância com o Governo Vargas, o que originou a criação do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, o SPHAN, por meio do Decreto-lei nº 25 de 1937. Fortemente vinculada a uma perspectiva de monumentos da história e da arte nacional, a atuação do órgão centrou-se, em suas primeiras décadas, sobre a proteção a edificações, em especial aquelas associadas ao barroco, interpretado pelos modernistas como a arquitetura genuinamente nacional (CHUVA, 2009, p. 375).

Como demonstra Maria Cecília Londres Fonseca, a valorização dos aspectos artísticos das obras foi o critério principal para a inscrição nos livros de tomo do SPHAN durante as três primeiras décadas de atuação do órgão. Segundo ela, “prevaleceu nitidamente uma apreciação de caráter estético, baseada nos cânones da arquitetura modernista” (1997, p. 129). Como evidenciou a autora, esses critérios refletiram na escolhas dos bens alvos da política de preservação:

Foram tombados, até o final de 1969, 803 bens, sendo 368 da arquitetura religiosa, 289 de arquitetura civil, 43 de arquitetura militar, 46 conjuntos, 36 bens imóveis, 6 bens arqueológicos e 15 bens naturais. (FONSECA, 1997. p. 125)

Vale destacar que durante quase todo o período, mais precisamente até 1967, o mineiro Rodrigo Melo Franco, o qual era fortemente alinhado com o projeto modernista, manteve-se à frente do órgão. Tal situação favoreceu a predominância de uma tendência dominante de percepção do patrimônio cultural nacional, sem que novas perspectivas fossem abertas.

Foi às margens do órgão, então renomeado IPHAN, que, nos anos 1970, políticas alternativas de identificação e preservação da cultura nacional passaram a ser elaboradas. Essas foram gestadas especialmente no âmbito do Centro Nacional de Referências Culturais/CNRC, instância criada a partir de novas e mais abrangentes questões da realidade brasileira. Como observa Maria Cecília Londres Fonseca:

Essa concepção foi sendo reelaborada e ampliada, na medida em que se propunha atribuir ao CNRC uma finalidade mais ambiciosa. Tratava-se não de eleger símbolos da nação ou de conhecer e divulgar as tradições brasileiras, e sim de buscar indicadores para a elaboração de um modelo de desenvolvimento apropriado às necessidades nacionais. Desse modo, deslocava-se o centro de interesse para a questão atual do desenvolvimento e articulava-se a cultura às áreas politicamente mais fortes do governo. Para isso, era necessário recorrer a instrumentos alternativos de política patrimonial, tanto conceitual como administrativamente. (FONSECA, 1997. p. 163)

As ações do CNRC se deram em diferentes frentes, criando parâmetros que depois foram incorporados à Secretaria de Cultura ligada ao MEC e orientaram a presença de noções importantes na Constituição Federal de 1988. Dentre as iniciativas empreendidas pelo órgão, destaca-se o *mapeamento do artesanato brasileiro* que aponta para outros referenciais de valorização, mais atentos à diversidade cultural nacional.

Toda essa novidade ganhou corpo, em 1979, a partir da fusão entre o IPHAN, o CNRC e outra importante iniciativa, o PCH, Programa Integrado de Reconstrução das Cidades Históricas. O tradicional órgão de preservação do patrimônio histórico e artístico assume novas perspectivas, liderado pelo antigo dirigente do CNRC, Aloísio Magalhães, que então afirmava:

a aproximação que o CNRC deu ao conceito de bem cultural atinge uma área de que o Patrimônio não estava cuidando. Ou seja: o bem cultural móvel, as atividades do povo, as atividades artesanais, os hábitos culturais da humanidade. O Patrimônio atuava de cima para baixo, e, de certo modo, com uma concepção elitista. A igreja e o prédio monumental são bens culturais, mas de um nível alto. São o resultado mais apurado da cultura. O CNRC procurava trabalhar de baixo para cima. (...) Desse contraponto, pode surgir uma hipótese – a de que o CNRC começava a tocar nas coisas vivas, enquanto o IPHAN se preocupava principalmente com as coisas mortas. Pelo contrário, é através das coisas vivas que se deve verificar que as do passado não devem ser tombadas como mortas. (MAGALHÃES, 1985. p. 40 apud FONSECA, 1997. p. 176)

Apontando para as limitações de atuação do órgão, Aloísio Magalhães conseguiu criar novas frentes de atuação, ainda que a valorização do patrimônio edificado tenha seguido destacada no órgão. Contudo, novos parâmetros passavam a orientar os tombamentos, como demonstra Maria Cecília Londres Fonseca:

Fazendo um balanço dos tombamentos feitos nas décadas de 70 e 80, observa-se que, sobretudo nos anos 80, aumentaram consideravelmente as inscrições no Livro Arqueológico, Etnográfico e Paisagístico (46 inscrições, a partir de 1970). As inscrições no Livro Histórico (94, entre 1970 e 1990) foram pouco mais numerosas que as inscrições no Livro de Belas-Artes (86, no mesmo período), mas a diferença não é expressiva. (FONSECA, 1997. p. 241)

Em que pese a ampliação de escopo dos bens protegidos, ainda havia um longo caminho a ser percorrido no que se refere à diversificação de ações de preservação de outros elementos da cultura nacional, dentre eles aqueles de perfil popular e tradicional. Os anos 1990 e 2000 foram momentos importantes para o desenvolvimento de novas práticas, para o que foi fundamental o diálogo com outros campos do saber que não apenas a Arquitetura e a História.

Nesse sentido, as Ciências Sociais, com destaque para a Antropologia, ofereceram importantes contribuições para o desenvolvimento de novas políticas de preservação do patrimônio nacional, as quais tiveram repercussão nas ações desenvolvidas também nos âmbitos estaduais e municipais. Nesse escopo, inclui-se, notadamente, a publicação do Decreto Federal nº 3.551 de 2000 que institui o registro de bens culturais de natureza imaterial e cria o Programa Nacional do Patrimônio Imaterial.

Parte importante da implantação da medida consistiu na publicação do manual de aplicação do Inventário Nacional de Referências Culturais, que propõe uma metodologia de levantamento que é fortemente orientada pelos princípios etnográficos. O documento ainda remete à vinculação da medida com o trabalho iniciado décadas atrás pelo CNRC:

Nesse contexto, o uso da noção de *referência*, proposto pelos consultores ao IPHAN como forma de evitar os impasses metodológicos decorrentes das imprecisões inerentes à noção de *patrimônio imaterial* inicialmente utilizado, recupera a experiência acumulada pelo IPHAN através das atividades do Centro Nacional de Referência Cultural (de 1975 a 1979) e, posteriormente, por meio de levantamentos realizados pelo Departamento de Identificação e Documentação, tais como os levantamentos realizados no núcleo histórico do Serro (MG) em 1995 e, em Diamantina (MG) e Goiás (GO), em 1998. Essa trajetória – que vem se desenvolvendo portanto há mais de duas décadas –, resulta de um esforço no sentido de resgatar, identificar e incorporar, nas políticas de patrimônio, os múltiplos sentidos que a vida social constrói em torno e a propósito das estruturas de pedra e cal e da paisagem natural. É essa também a meta e a razão de ser deste trabalho. (IPHAN, 2000. p. 23)

A implantação de políticas de voltadas para o patrimônio imaterial não foi a única inovação das medidas de preservação, podendo-se citar ainda a adoção da perspectiva de Paisagem Cultural, como uma tentativa de articulação entre elementos naturais do território com apropriações e transformações dos recursos disponíveis em regiões específicas.

Essas modificações apontam, portanto, para tentativas de incorporação de novas perspectivas conceituais e metodológicas aos trabalhos de reconhecimento e preservação do patrimônio cultural que fossem capazes de responder à diversidade das expressões brasileiras. Problema que se coloca a partir de mudanças internas dos órgãos responsáveis, mas igualmente por meio de novas demandas públicas, orientadas tanto por transformações sociais, como pela emergência de novas correntes analíticas da cultura, notadamente as vinculadas à Antropologia.

### **3. Emergência dos estudos sobre o futebol brasileiro como fenômeno social**

Em que pesem as análises ensaísticas publicadas em meados do século XX, com destaque para “O Negro no Futebol Brasileiro”, de Mário Filho (RODRIGUES FILHO, 1994), foi a partir do final dos anos 1970 que houve a incorporação do futebol como um tema de pesquisas acadêmicas na área das Ciências Humanas. Essa emergência de estudos foi

bastante impulsionada pela profusão de investigações de natureza etnográfica voltadas para o meio urbano, o que, em certa medida, deu o tom dos primeiros trabalhos (TOLEDO, 2001, p. 134).

Obra inaugural para a divulgação das pesquisas que vinham se desenvolvendo, especialmente no âmbito do programa de pós-graduação do Museu Nacional, “Universo do Futebol: esporte e sociedade brasileira” (DAMATTA, 1982), reunia um conjunto de artigos que

(...) em que pesem suas significativas nuances, consiste em uma análise cultural do futebol, cujo interesse, em primeiro lugar, é rebater e criticar a noção do futebol como *ópio* e fator de *alienação* do povo e, em segundo lugar, inaugurar uma antropologia voltada para os fenômenos esportivos. (TOLEDO, 2001, p. 134)

Assim, a exemplo do que se viu na diversificação das políticas de patrimônio, a Antropologia cumpriu papel importante na abertura de uma corrente interpretativa do fenômeno esportivo do ponto de vista das Ciências Humanas que permitiu uma ampliação das investigações ao longo das décadas seguintes<sup>149</sup>. Dialogando com estudos culturais contemporâneos, Roberto Damatta, que liderava o grupo de pesquisadores do Museu Nacional, apresentava uma leitura a partir da categoria do ritual, vendo no esporte uma dramatização da sociedade nacional. Ao garantir ao futebol posição de fenômeno relevante para a compreensão da realidade nacional, “Universo do Futebol” permitiu que, não só na Antropologia, mas em diferentes campos das Ciências Humanas, o tema aflorasse como objeto de investigação.

A década de 1990 foi profícua na produção de trabalhos sobre o assunto, momento no qual, no âmbito de diversos programas de pós-graduação, identificavam-se pesquisas sendo desenvolvidas em torno do tema, especialmente no estado de São Paulo. Boa parte desses estudos se articulava com as duas grandes tendências que orientaram a abertura do campo para o futebol, de um lado, as investigações sobre o urbano e, de outro, a reflexão sobre a identidade nacional, seja pelo viés da dramatização da sociedade, seja por outras perspectivas de análise.

Com relação ao primeiro grupo, podem ser citadas pesquisas que examinaram o futebol de fábrica em São Paulo (ANTUNES, 1992); as relações identitárias e o contexto urbano na formação dos clubes paulistanos, em especial o Corinthians (NEGREIROS, 1992); ou as torcidas organizadas (TOLEDO, 1996). O fenômeno da criação de um sentimento nacional e suas interpretações também foi tema recorrente das análises. A título de exemplo, pode-se citar a dissertação “As Raízes do País do Futebol: Estudo sobre a relação entre o futebol e a nacionalidade brasileira (1919-1950)” (FRANZINI, 2000) e a coletânea “A invenção do país do futebol: mídia, raça e idolatria” (HELAL; SOARES; LOVISOLO, 2001). Há ainda estudos que conjugaram as duas questões, como “Footbalmania: uma história social do futebol no Rio de Janeiro, 1902-1938” (PEREIRA, 2000).

A década de 1990, ainda marcou o surgimento de grupos dedicados ao estudo do futebol na perspectiva das Ciências Humanas e fóruns de debate no âmbito dos encontros de diferentes campos do saber (TOLEDO, 2001, p. 135). Toda essa movimentação foi importante para que, na década de 2000, fosse possível presenciar notável ampliação do número de trabalhos, bem como uma considerável diversificação dos objetos e abordagens propostas.

<sup>149</sup> A “Universo do Futebol” somam-se outros artigos publicados no período, bem como o livro “Futebol e Cultura – Coletânea de Estudos”, igualmente editado em 1982, que reunia textos de historiadores.

#### 4. Trajetória dos estudos sobre o futebol amador

Foi na década de 2000, que se observou a produção de investigações mais especificamente dedicadas ao futebol de matriz comunitária, também conhecido como de várzea. Apesar dessa emergência, diversos estudos anteriores abordaram outra dimensão amadora dessa modalidade esportiva, que seria aquela praticada nas fábricas ou por operários. Ambas as perspectivas, dialogam fortemente com os debates que se deram em torno do fenômeno urbano, mas podemos relacionar a precedência de uma sobre a outra, especialmente, pelo lugar ocupado pelo mundo do trabalho no ambiente acadêmico dos anos 1970 e 1980.

Simoni Lahud Guedes foi precursora desse tipo de análise, quando elaborou sua dissertação de mestrado “O Futebol Brasileiro – Instituição Zero”, defendida em 1977 no programa de pós-graduação em Antropologia Social do Museu Nacional/UFRJ. Pesquisa essa apresentada em forma resumida como artigo na já citada coletânea “Universo do Futebol” (DAMATTA, 1982). Pautada em pesquisa etnográfica junto a trabalhadores de uma tecelagem do subúrbio carioca, a autora investigou a trajetória de alguns operários e suas relações com o futebol, especialmente nas perspectivas de ascensão social e de conversão em jogadores profissionais.

Dentre os principais estudiosos do mundo do trabalho nas Ciências Sociais brasileiras destaca-se José Sérgio Leite Lopes. A partir dos anos 1990, o autor publicou alguns artigos que relacionavam a figura do jogador operário, especialmente identificado no ícone Garrincha, com a brasilidade futebolística (LOPES, 1992 e 1994). O tema ainda foi revisitado em capítulo publicado por ocasião da coletânea “Cultura de Classes: identidade e diversidade na formação do operariado” (LOPES, 2004) e em texto componente do dossiê “Esporte e Trabalhadores” dos “Cadernos AEL” (LOPES, 2010).

Outra investigação referencial do futebol operário trata-se da dissertação de mestrado de Fátima Antunes intitulada “Futebol de Fábrica em São Paulo” (ANTUNES, 1992). Dedicada a clubes gestados em empresas paulistas na primeira metade do século XX, perpassa as tensões entre os empregados e os dirigentes para definição dos rumos das associações, a figura do jogador-operário e os diferentes arranjos de inserção desse sujeito, bem como os usos que as indústrias faziam dos times como ferramenta de autopromoção.

O campo de investigação aberto pelas primeiras pesquisas segue sendo explorado por inúmeros estudos que se pautam nas relações entre os universos do futebol e do trabalho. São produções desenvolvidas em campos como a História, a Sociologia e a Antropologia. Dentre os mais recentes, podemos citar “Cultura operária: um estudo de caso do Villa Nova Atlético Clube” (SILVA, 2007), “Da fábrica à várzea: clubes de futebol operário em Porto Alegre” (STÉDILE, 2011) e “Do gosto da mina, do jogo e da revolta: Um estudo antropológico sobre a construção da honra em uma comunidade de mineiros de carvão” (CIOCCARI, 2010a). Esse último, uma tese de antropologia desenvolvida no Museu Nacional, sob orientação de José Sérgio Leite Lopes, que dedica um capítulo a questão dos times ligados às Minas do Leão, no Rio Grande do Sul.

Se por um lado, toda a atenção dedicada aos estudos do mundo do trabalho permitiu que o futebol amador fosse percebido primeiramente no universo das fábricas, as pesquisas mais recentes sobre as periferias urbanas e o lazer popular têm contribuído para a ampliação de investigações dedicadas aos clubes formados nos bairros das grandes cidades, assim como em áreas rurais ou pequenos municípios.

Nessa perspectiva, uma pesquisa seminal que indicou importantes caminhos para a investigação sobre o tema foi o trabalho “Festa no Pedaco: cultura popular e lazer na cidade” (MAGNANI, 1984). Em seu estudo sobre o lazer na periferia de São Paulo, José Guilherme

Magnani lança mão do método etnográfico para examinar as formas de organização e utilização do tempo livre pelos moradores de um bairro distante da capital paulista. Seguindo os pequenos circos que percorriam as regiões mais afastadas da metrópole, chegou ao bairro de Três Corações, onde percebeu os territórios particulares que se constituíam, formando o chamado *pedaço*, ao mesmo tempo um lugar e uma condição de pertença, bem como as práticas de entretenimento criadas pela comunidade, dentre as quais incluía-se o futebol de várzea.

Mais do que apresentar uma análise apurada sobre essa prática esportiva na periferia paulistana, o método etnográfico adotado por Magnani se constituiu em importante referencial para as pesquisas que começaram a ser produzidas acerca do futebol amador ao longo das décadas de 2000 e 2010. Desde seu estudo sobre o lazer popular, muitas outras iniciativas de investigação se desenvolveram a partir do Núcleo de Antropologia Urbana da USP, desdobrando suas reflexões acerca da metrópole paulista e da cultura de sua população, espacialmente aquela sediada nas áreas mais afastadas do centro.

Esse tipo de produção voltada para a cultura popular e os hábitos de lazer das populações periféricas, bem como as perspectivas metodológicas de uma etnografia do urbano serão recorrentes nas pesquisas dedicadas ao futebol comunitário ou de várzea. Esses estudos foram realizados, em sua maioria, no âmbito de programas de pós-graduação em Ciências Sociais, seja na Antropologia ou na Sociologia, mas também podem ser encontrados na Geografia, na História e na Educação Física. Quase predominantemente dedicados à investigação de times cuja atuação se dá no presente, fizeram uso recorrente da observação participante como forma principal de investigação. Foram esses os casos de GOMES, 2013; GONÇALVES, 2002; GONÇALVES, 2011; HIRATA 2005; MYSKIW, 2012; PIMENTA, 2009; RIGO; JAHNECKA; SILVA, 2010; SANTOS, 2001; SILVA, 2008 e SPAGGIARI, 2008<sup>150</sup>.

Investigando a prática em diferentes configurações, do futebol praticado em campos situados na cidade, em especial nas periferias, passando por áreas rurais, até jogos realizados em espaços improvisados, como a rua; os estudos, incluindo-se aqueles da Geografia e da Educação Física, dialogavam intensamente com a etnografia. Exceção cabe ao trabalho “A Associação Atlética Anhanguera e o futebol de várzea na cidade de São Paulo (1928-1950)” (SILVA, 2013) que realizou pesquisa a partir de fontes documentais e de depoimentos orais.

Frente à sua proposta etnográfica, esses trabalhos têm em comum o esforço de descrição da forma como as práticas são desenvolvidas, observando aspectos como as características dos espaços utilizados, a identificação dos envolvidos, as relações estabelecidas entre eles, os preparativos e o desenrolar das atividades. A apresentação do vocabulário próprio do meio também constitui esforço comum das pesquisas.

A partir dessa identificação básica, própria da descrição etnográfica, os respectivos estudos problematizavam temas diversos. A lógica interna da prática é o assunto mais recorrente das pesquisas, que procuram aprofundar o exame sobre as configurações que o futebol ganha em sua expressão amadora, avançando para debates sobre seus pontos de tensão.

Investigação exemplar nessa perspectiva é o trabalho “Nas controvérsias da várzea: trajetórias e retratos etnográficos em um circuito de futebol da cidade de Porto Alegre”

<sup>150</sup> Vale destacar que há outros trabalhos sobre o tema não abordados neste texto, tais como: BAULER, Sílvia Regina Godinho. **O futebol faz rolar mais do que uma bola**: um estudo sobre o significado do futebol numa periferia urbana. 2005. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2005; RIGO, Luiz Carlos. **Memórias de um futebol de fronteiras**. Pelotas: UFPEL Editora Universitária, 2004; SILVA, Joanna Lessa Fontes. **Os significados do futebol amador recifense a partir de sua interdependência com o futebol profissional**. 2009. 138 f. Dissertação (Mestrado) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Pernambuco, 2009.

(MYSKIW, 2012), que, a partir de quatro problemas identificados ao longo de sua pesquisa de campo, desenvolve uma reflexão sobre como esses pontos de polêmica são percebidos pelos diferentes grupos envolvidos e as variadas alternativas para resolução dos impasses. Assim, trata de tópicos concernentes a organização das ligas e dos clubes; a desinstitucionalização das agremiações e a perda de vínculos sociais e esportivos; a violência e a pressão exercida sobre a arbitragem e os adversários e, por fim, sobre a manutenção da disciplina entre os atletas e as artimanhas envolvidas nas disputas.

Em “Desvendando o jogo: futebol amador e pelada na cidade e no sertão” (PIMENTA, 2009), a autora, a partir de um paralelo entre o futebol amador disputado na cidade do Recife e no interior do sertão cearense, busca identificar aspectos figuracionais do jogo. Nessa medida, traça um paralelo entre a previsão das 17 regras que estabelecem as bases para a prática da modalidade em sua matriz profissional e a forma como ela se adapta nos jogos de várzea.

Ainda nessa perspectiva, há trabalhos que exploram as diferentes configurações entre os jogos de futebol amador, como maior rigidez, e as peladas, que muitas vezes ocorrem nos mesmos espaços, sem a mesma estruturação (GONÇALVES, 2002); as lógicas de reciprocidade na troca de jogos entre times das áreas rurais (SPAGGIARI, 2008); ou ainda, as formas de organização dos torneios (RIGO; JAHNECKA; SILVA, 2010).

Para além dos exames das formas de organização interna do futebol de matriz comunitária, há investigações que buscaram estabelecer relações entre essa prática esportiva e fenômenos sociais urbanos. Nessa perspectiva, análises acerca da apropriação do espaço promovidas pelo futebol amador são tendência recorrente nos trabalhos desenvolvidos no campo da Geografia (GONÇALVES, 2011; SILVA, 2008). Esses estudos pautam-se principalmente pelo exame da pelada, expressão mais bricolada desse esporte, tal como indica Arlei Damo (DAMO, 2007).

No trabalho “O futebol varzeano: práticas sociais e disputas pelo espaço em São Paulo” (HIRATA, 2005), o autor aborda a invisibilidade da prática do futebol amador, bem como a liminaridade na qual a modalidade se desenvolve, tensionando entre valores de informalidade e oficialidade, estigmatização e orgulho comunitário, criminalidade e legalidade, dentre outros.

Os vínculos comunitários e a perspectiva de um lazer popular perpassam boa parte dos trabalhos que buscam essa associação entre o futebol amador e a cidade, a exemplo de GOMES, 2013; HIRATA 2005; SANTOS, 2001 e SILVA, 2013. Tratando de times da zona norte paulistana, a dissertação “Futebol de várzea como espaço de sociabilidade” (SANTOS, 2001) aborda a inserção daquela modalidade esportiva junto à comunidade e os riscos de desaparecimento que ela enfrentava na região.

A questão do enfraquecimento dos clubes e dos laços comunitários perpassa outros trabalhos. Analisando o caso belo-horizontino, “Entre campos e cantos: para uma sociologia do futebol amador” (GOMES, 2013) examina dois clubes que vivem situações diversas, enquanto um mais tradicional enfrenta dificuldades de inserção num cenário urbano transformado, que fragmentou os vínculos sociais que mantinha, o outro, mais recente, preserva fortes sentimentos de pertencimento com a população do entorno. A modificação do espaço das cidades também é vista como risco para o desaparecimento das práticas do futebol de rua na investigação apresentada por “A crise da cidade em jogo: o futebol na contramão em ruas da Penha” (GONÇALVES, 2011).

Outro tema recorrente nos trabalhos se refere à oposição entre tradicional e moderno, como um embate freqüente que interfere no desenvolvimento do futebol de matriz comunitária. Regularmente identificada como prática arraigada nas localidades, essa modalidade esportiva enfrenta dificuldades de lidar com as pressões da transformação urbana, seja pela modificação espacial, seja pela emergência de novos hábitos e arranjos de

sociabilidade. Essa dicotomia está presente, por exemplo, no estudo “A Associação Atlética Anhanguera e o futebol de várzea na cidade de São Paulo (1928-1950)” (SILVA, 2013), que perpassa a trajetória da agremiação sediada no bairro da Barra Funda entre as décadas de 1920 e 1930, investigando suas formas de organização, relações de sociabilidade e disputas para a manutenção da prática em uma cidade que mudava de maneira acelerada.

Em muitas das análises, essas percepções de invisibilidade, precariedade e desconformidade do futebol de várzea com as recentes transformações do espaço urbano e de seus mecanismos de coesão social, apontam para as dificuldades de manutenção da prática especialmente nas áreas onde as pressões da renovação imobiliária estão mais presentes. A noção de que se trata de um lazer popular que evoca outros sentidos, muitos deles opostos aos valores projetados sobre o esporte em suas matrizes profissional e educacional, também é recorrente nos trabalhos. O que implica, dentre outros, numa dificuldade de compreensão, por parte de órgãos do poder público e de entidades organizativas, dos valores evocados pelos mais diretamente envolvidos com essa modalidade.

Nessa perspectiva, é corrente nas pesquisas a identificação do futebol amador, especialmente de matriz comunitária, como uma prática que possui um conjunto muito próprio de formas de organização e de valores, o qual, ainda que se referencie no esporte profissional e espetacularizado, não se constitui em simples versão *resumida* ou *empobrecida* do mesmo. Trata-se, portanto, de uma atividade diversa, orientada por outra base cultural e por uma noção própria de uso do tempo livre.

## 5. Futebol amador e patrimônio cultural

Para manutenção de sua prática, em especial de seus campos, os times do futebol de várzea desenvolveram inúmeras estratégias de negociação e busca de apoios, seja junto a grupos empresariais, a forças políticas ou a órgãos públicos. Essa atuação foi fundamental para a permanência da prática, especialmente em áreas que passaram por transformações urbanas mais acentuadas.

Reconhecendo o papel ativo desse grupo para a produção de suas próprias estratégias de manutenção e desenvolvimento, deve-se considerá-lo, para além dos órgãos de preservação do patrimônio e dos pesquisadores do assunto, como outro ator importante na incorporação do futebol amador ao debate sobre os bens culturais das cidades brasileiras. Evidência disso foi o processo para o tombamento do Parque do Povo, em São Paulo.

O local que era ocupado por campos de futebol amador desde a década de 1930, chegou a concentrar mais de uma dezena de espaços de jogo. Situado no Itaim Bibi, passou a sofrer, a partir dos anos 1970, pressões para a desocupação, o que desencadeou a solicitação para abertura de processo de tombamento no ano de 1987 (MAGNANI; MORGADO, 1996, p. 175-179). O início do debate sobre a preservação intensificou a articulação entre os ocupantes do terreno:

A contrapartida pela defesa do parque foi a fundação, nesse momento, da Associação dos Amigos do Parque do Povo. Ela se organizou em torno de um estatuto, uma diretoria e um conselho formado por dois membros de cada uma das instituições que ocupam o parque: os oito clubes de futebol de várzea, o circo e o teatro. A luta organizada através da Associação vai ampliar imensamente a mobilização em favor da preservação do parque, demonstrando, sem dúvida, o legítimo exercício da cidadania na disputa por um espaço urbano que se reveste de uma qualidade essencial: a de, no desfrute de uma forma de lazer, sentir-se pertencer a um lugar e reconhecer-se no tempo. (MAGNANI; MORGADO, 1996, p. 179).

O acolhimento do pedido pelo órgão responsável pelo patrimônio estadual, o CONDEPHAAT – Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Arqueológico, Artístico e Turístico do Estado de São Paulo, apontava para uma ampliação do rol de bens passíveis de proteção que teria relação com as recentes transformações no campo das políticas para o tema, conforme já abordado neste texto.

Para que fosse produzido o processo de tombamento do Parque do Povo, a equipe do CONDEPHAAT recorreu à Universidade de São Paulo, por meio de seu Núcleo de Antropologia Urbana, que, por sua vez mobilizou outros estudiosos para apoiar com a produção de textos que comporiam o dossiê que conferiria proteção ao bem. Nesse ínterim, figuras como José Guilherme Magnani, Luiz Henrique de Toledo e José Sebastião Witter, que já haviam produzido reflexões sobre o futebol, contribuíram com a prestação de consultoria. (MAGNANI; MORGADO, 1996, p. 179-181).

O caso do Parque do Povo, efetivamente tombado em 1995 (SCIFONI, 2013, p. 125), é exemplar nessa articulação entre produção acadêmica emergente sobre o futebol, ampliação do espectro de atuação dos órgãos de patrimônio e mobilização dos envolvidos com as equipes amadoras, constituindo um raro momento que em essa conjunção foi possível. Apesar de um movimento convergente entre as diretrizes para a preservação de bens culturais e as reflexões das investigações recentes sobre esporte, faz-se necessário examinar os limites que ainda se colocam para a consolidação desse diálogo.

Para tanto, o caso do Parque do Povo novamente será mobilizado. Em texto recente, a geógrafa Simoni Scifoni, que compunha a equipe do CONDEPHAAT responsável pelo tombamento do espaço, revisitou o tema. Ela destaca em seu texto as bases para a medida protetiva:

Percebe-se, assim, que este tombamento implicou no reconhecimento de duas dimensões do patrimônio: a primeira de natureza imaterial, ou seja, o futebol de várzea não apenas como uma modalidade esportiva enraizada no cotidiano popular e urbano, mas como uma prática social e como um fato da vida coletiva ligada à dimensão dos lazeres e produtora de sociabilidades, portanto, um fato da cultura. A segunda dimensão, indissociável da primeira, era de natureza material, ou seja, a proteção do lugar, definido como determinada porção do espaço urbano que funcionava como suporte e base material onde a prática ocorreu historicamente. O lugar foi, portanto, percebido oficialmente como carregado de sentidos e significados de memória coletiva, mas em estado vivo e presente no cotidiano urbano e em situação residual, dado o desaparecimento progressivo dos campos de várzea na cidade. (SCIFONI, 2013, p. 125)

Ao articular importantes elementos de reconhecimento tanto da prática, como do campo, que é seu suporte material, o tombamento reconhecia a complementaridade da medida de salvaguarda, na qual uma dimensão não poderia prescindir da outra. De forte traço popular, a apropriação do espaço de jogo pelo futebol de várzea se daria de acordo com seu próprio sistema de organização e suas visões de mundo.

Prática livre de lazer das periferias, essa matriz do futebol tem como uma de suas características a atuação sazonal dos grupos, que não necessariamente jogam durante todo o ano, havendo a constante montagem e remontagem das equipes. Apesar disso, os campos surgem como importante suporte para a articulação da atividade, seja por meio de um time ou de outro, é o espaço, no mais das vezes, o catalisador dessa modalidade esportiva.

As relações que se estabelecem com aquele lugar também são bastante próprias desse lazer popular, impactando fortemente sobre suas características físicas. Como destaca Scifoni:

Quando de seu tombamento, nos anos 1990, o Parque do Povo constituía uma forma peculiar em relação à paisagem que lhe envolvia. Oito campos de futebol, somente um inteiramente gramado, os demais em chão de terra batida. Cercas vivas de

eucaliptos demarcando os campos. Bares e construções de aspecto improvisado, distribuídas em caminhos estreitos e tortuosos. Os jogos, os churrascos aos finais de semana, a bocha, o carteador, a cerveja, os petiscos dos botecos ocorriam em diferentes espaços. Um aspecto geral de paisagem criada de forma espontânea, bem a contragosto de um planejamento de tipo racionalista, definido na prancheta e no papel. Ainda conviviam ali atividades circenses, shows com artistas populares, peças de teatro alternativo. Enfim, um espaço da cidade ocupado para produzir cultura fora do circuito comercial. (SCIFONI, 2013, p. 136)

Toda essa diversidade presente no Parque do Povo cada vez mais conflitava com a paisagem do entorno, um bairro que há muito já vivenciava um processo de renovação urbana, que implicava numa considerável valorização imobiliária. Rapidamente, um discurso sobre a necessidade de requalificação do lugar tombado começou a ganhar força, isso já no final da década de 1990. Os grupos ocupantes da área, responsáveis pelos campos, eram acusados de estarem desvirtuando o objeto da proteção, na medida em que não mantinham uma utilização regular, inclusive identificando-se conflitos e disputas no interior das agremiações (SCIFONI, 2013, p. 138).

Toda essa movimentação desembocou, no ano de 2006, na requalificação do espaço que, nessa medida, vivenciou situação na qual

os campos foram destruídos, os moradores removidos, as instalações dos clubes demolidas, o circo-escola transferido para outro bairro, permanecendo apenas uma área íntegra, aquela ocupada pelo Teatro Vento Forte, que conseguiu resistir por meio da intervenção do Ministério da Cultura. (SCIFONI, 2013, p. 138)

O Parque do Povo, que continuou a ostentar o mesmo nome, deu lugar a uma área verde dotada de extensos gramados, *playground*, pista para caminhada etc. Ali foi criado um campo, administrado pelo conselho gestor do parque, o que teria inviabilizado seu uso regular. Uma medida paliativa chegou a ser aventada, com a criação do “Memorial do Futebol de Várzea”, a qual não foi implementada (SCIFONI, 2013, p. 138-139).

Toda essa experiência aponta aspectos importantes de uma convergência entre as políticas de patrimônio, os estudos acadêmicos sobre o futebol e as demandas públicas do atores envolvidos, mas também indica consideráveis limites dessa articulação. A reversão das medidas de salvaguarda destinadas ao Parque do Povo evidencia as dificuldades de legitimação de práticas de lazer popular e de percepção das especificidades que elas carregam, mesmo se comparadas a outras manifestações esportivas de matriz profissional e espetacularizada.

## 6. Considerações Finais

Inegavelmente, a produção acadêmica recente sobre o futebol como fenômeno social tem tido reverberações não apenas nos espaços universitários, mas tem contribuído para um debate público mais amplo sobre o tema. No que se refere à área cultural, talvez sejam os recentes museus e memoriais dedicados à modalidade as implicações mais visíveis desse movimento. Políticas de preservação também têm se atentado para a prática, como atestam as inscrições da Torcida do Flamengo, das Torcidas dos Clubes de Futebol da Cidade do Rio de Janeiro e da Partida de Futebol Fla-Flu como patrimônio imaterial do município<sup>151</sup>.

<sup>151</sup> Por meio, respectivamente dos decretos municipais nº 28.787 de 04 de dezembro de 2007, nº 35.877 de 05 de julho de 2012 e nº 35.878 de 05 de julho de 2012.

Contudo, ainda são ações pontuais, sem muitos efeitos claros sobre a salvaguarda das manifestações culturais atreladas ao futebol, especialmente aquelas de natureza popular. Seja na matriz espetacularizada do esporte, que vivencia um processo de *gentrificação*, seja em sua expressão comunitária, que ainda ressent-se de ações contínuas do poder público e segue à mercê de pressões imobiliárias, há um longo percurso até a criação de políticas efetivas de proteção e promoção do futebol como expressão cultural nacional e regional.

As inovações das últimas décadas tanto no campo da preservação do patrimônio, quanto nos estudos acadêmicos abrem interessantes perspectivas para transformação dessa realidade que, no entanto, ainda tem vivenciado poucas ações mais concretas. Foi nessa perspectiva que se iniciou, no ano de 2016, a produção do “Inventário do Futebol Amador em Belo Horizonte”. Ao articular os órgãos de cultura e esporte e lazer do município em prol da coleta de informações sobre essa prática esportiva popular, intenta-se subsidiar ambas as áreas com dados que qualifiquem a construção da política pública, seja para o desenvolvimento da atividade atlética, seja para a realização de medidas de salvaguarda e promoção da expressão cultural.

Essas e outras iniciativas têm se alastrado graças a um debate que já se estende por décadas, em diferentes campos do saber. Ocorrendo de forma simultânea, sem uma clara coordenação, em momentos específicos eles convergem, a exemplo do que se passou no estudo para tombamento do Parque do Povo. A ampliação das possibilidades de articulação, com a criação de fóruns capazes de colocar em diálogo os inúmeros envolvidos com as investigações sobre o futebol, por um lado, e sobre as políticas públicas, por outro, se constitui, portanto, num importante caminho para que toda uma reflexão teórica possa contribuir para efetivas intervenções na realidade.

## Referências

- ANTUNES, Fátima Martin Rodrigues Ferreira. **Futebol de fábrica em São Paulo**. 1992. 190 f. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 1992.
- ANTUNES, Fátima Martin Rodrigues Ferreira. O futebol na Light & Power de São Paulo. **Pesquisa de Campo**, Rio de Janeiro, n. 3-4, 1996, p. 51-64.
- CHUVA, Márcia Regina Romeiro. **Os arquitetos da memória: sociogênese das práticas de preservação do patrimônio cultural no Brasil (anos 1930-1940)**. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 2009.
- CIOCCARI, Marta Regina. **Do gosto da mina, do jogo e da revolta: Um estudo antropológico sobre a construção da honra em uma comunidade de mineiros de carvão**. 2010. 503 f. Tese (Doutorado) – Museu Nacional/ UFRJ, Rio de Janeiro, 2010.
- CIOCCARI, Marta Regina. Mina de jogadores: o futebol operário e a construção da “pequena honra”. **Cadernos AEL**, v. 16, n. 28, 2010, p. 79-113.
- DA MATTA, Roberto (et al.). **Universo do futebol: esporte e sociedade brasileira**. Rio de Janeiro: Pinakothke, 1982.
- DAMO, Arlei Sander. **Do dom à profissão: uma etnografia do futebol espetáculo a partir da formação de jogadores no Brasil e na França**. 2005. 435 f. Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2005.
- FONSECA, Maria Cecília Londres. **O Patrimônio em processo: trajetória da política federal de preservação no Brasil**. Rio de Janeiro: UFRJ/IPHAN, 1997.

- FRANZINI, Fábio. **As Raízes do País do Futebol**: Estudo sobre a relação entre o futebol e a nacionalidade brasileira (1919-1950). 2000. 144 f. Dissertação (Mestrado) Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2000.
- GIGLIO, Sérgio Settoni; SPAGGIARI, Enrico. A produção das ciências humanas sobre futebol no Brasil: um panorama (1990-2009). **Revista de História**, São Paulo, n. 163, jul/dez 2010, p. 293-350.
- GOMES, Lívio Rodrigues. **Entre campos e cantos**: para uma sociologia do futebol amador. 2013. 190 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Minas Gerais, 2013.
- GONÇALVES, Alana Mara Alves. **Futebol amador**: campo emergente de sociabilidade. 2002. 97 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Ceará, 2002.
- GONÇALVES, Glauco Roberto. **A crise da cidade em jogo**: o futebol na contramão em ruas da Penha. 2011. 169 f. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2011.
- HELAL, Ronaldo; SOARES, Antonio Jorge; LOVISOLO, Hugo. **A invenção do país do futebol**: mídia, raça e idolatria. Rio de Janeiro: Mauad, 2001.
- HIRATA, D. V. **O futebol varzeano**: práticas sociais e disputas pelo espaço em São Paulo. 2005. 152 f. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2005.
- IPHAN. **Inventário nacional de referências culturais**: manual de aplicação. Brasília: Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, 2000.
- JESUS, Gilmar Mascarenhas de. Várzeas, Operários e Futebol: uma outra Geografia. **GEOgraphia**. Rio de Janeiro, v. 4, n. 8, 2002, p. 84-92.
- LOPES, José Sérgio Leite. A vitória do futebol que incorporou a pelada. **Revista USP**. São Paulo, v. 22, 1994, p. 64-83.
- LOPES, José Sérgio Leite. Classe, etnicidade e cor na formação do futebol brasileiro. In: BATALHA, Cláudio H. M.; SILVA, Fernando Teixeira; FORTES, Alexandre (org.). **Culturas de Classe**: identidade e diversidade na formação do operariado. Campinas: Unicamp, 2004, p. 121-163.
- LOPES, José Sérgio Leite. Da usina de açúcar ao topo do mundo do futebol nacional: trajetória de um jogador de origem operária. **Cadernos AEL**, v. 16, n. 28, 2010, p. 13-40.
- LOPES, José Sérgio Leite; MARESCA, Sylvian. A morte da alegria do povo. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**. São Paulo, ano 7, n. 20, out., 1992, p. 113-134.
- MAGNANI, José Guilherme Cantor. **Festa no pedaço**: cultura popular e lazer na cidade. São Paulo: Editora Brasiliense, 1984.
- MAGNANI, José Guilherme; MORGADO, Naira. Futebol de várzea também é patrimônio. **Revista do Patrimônio**, Brasília, n. 24, 1996, p. 175-184.
- MYSKIW, Mauro. **Nas controvérsias da várzea**: trajetórias e retratos etnográficos em um circuito de futebol da cidade de Porto Alegre. 2012. 415 f. Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2012.
- NEGREIROS, Plínio José Labriola de. **Resistência e rendição** – A gênese do Sport Club Corinthians Paulista e o futebol oficial em São Paulo – 1910/1916. 1992. 188f. Dissertação (Mestrado) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 1992.
- PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. **Footballmania**: uma história social do futebol no Rio de Janeiro, 1902-1938. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.
- PIMENTA, Rosângela Duarte. **Desvendando o jogo**: futebol amador e pelada na cidade e no sertão. 2009. 224 f. Tese (Doutorado) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Pernambuco, 2009.
- RIGO, Luiz Carlos; JAHNECKA, Luciano; SILVA, Inácio Crochemore da. Notas etnográficas sobre o futebol de várzea. **Movimento**. Porto Alegre, v. 16, n. 3, 2010, p. 153-177.

- RODRIGUES FILHO, Mario. **O Negro no Futebol Brasileiro**. Rio de Janeiro: Forno, 1994.
- SANTOS, Edmilson S. dos. A representação dos campos de várzea na cidade: um espaço de memória. **História: Questões & Debates**, Curitiba, n. 47, 2007, p. 203-211.
- SANTOS, Marco Antonio da Silva. **Futebol de várzea como espaço de sociabilidade**. 2001. 175 f. Dissertação (Mestrado) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2001.
- SCIFONI, Simone. Parque do Povo: um patrimônio do futebol de várzea em São Paulo. **Anais do Museu Paulista**. São Paulo, v. 21, n. 2, jul/dez, 2013, p. 125-151.
- SILVA, Alexander Batista e. **Territórios peladeiros da periferia proletária de Goiânia: o jogo de bola que subverte o tempo e o espaço**. 2008. 120 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Goiás, 2008.
- SILVA, Daniela Alves da. **Cultura operária: um estudo de caso do Villa Nova Atlético Clube**. 2007. 96 f. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, 2007.
- SILVA, Diana Mendes Machado da. **A Associação Atlética Anhanguera e o futebol de várzea na cidade de São Paulo (1928-1950)**. 2013. 210 f. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2013.
- SILVA, Eliazar João da. **Bola na Rede: O futebol em São Paulo e no Rio de Janeiro: do amadorismo a profissionalização**. 2000. 306 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Estadual Paulista, 2000.
- SPAGGIARI, Enrico. Ganhar jogo, pagar jogo e ganhar visita: prática futebolística em um bairro rural. **Horizontes Antropológicos**. Porto Alegre, v. 14, n. 30, jul/dez, 2008, p. 165-190.
- STÉDILE, Miguel Enrique. **Da fábrica à várzea: clubes de futebol operário em Porto Alegre**. 2011. 180 f. Dissertação (Mestrado) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2011.
- TOLEDO, Luiz Henrique de. **Torcidas organizadas de futebol**. Campinas: Autores Associados/Anpocs, 1996.
- TOLEDO, Luiz Henrique de. Futebol e Teoria Social: Aspectos da Produção Científica Brasileira (1982-2002). **Bib** – Revista Brasileira de Informação Bibliográfica em Ciências Sociais. São Paulo, n. 52, 2º semestre de 2001, p. 133-65.

## O FUTEBOL E O TORCEDOR BRASILEIRO NA SOCIEDADE DE CONSUMO

Alexandre Gidaro<sup>152</sup>

**Resumo:** O presente artigo busca abordar a caracterização de um perfil de consumidor, que surge a partir da distinção do estilo de vida e do gosto pelos esportes, em especial, pelo futebol, uma das modalidades em que é mais notável o investimento e a participação corporativa. Partindo da articulação do debate crítico sobre a naturalização das dinâmicas de consumo na sociedade contemporânea, o trabalho fundamenta-se no conceito de indústria cultural, considerando a importância da comunicação, da publicidade e da mídia no processo de espetacularização e de commoditização do esporte. Norteiam este artigo as teorias desenvolvidas por Adorno, Baudrillard, Featherstone e Semprini.

**Palavras-chave:** futebol; indústria cultural; consumo; estilo de vida.

**Abstract:** This article discusses about the characterization of a consumer profile, which arises from the distinction of lifestyle and taste for sports, especially for football, one of the ways in which it is most notable the investments and corporate participation. From the articulation of critical debate on the naturalization of consumption dynamics in contemporary society, the work is based on the concept of cultural industry, considering the importance of communication, advertising and the media in the process that makes the sport a spectacle and a commodity. Guide this article the theories developed by Adorno, Baudrillard, Featherstone and Semprini.

**Keywords:** football, cultural industry; consumption; lifestyle.

### Introdução

Mais do que comercializar produtos e bens industriais, as estratégias de marketing praticadas pelas corporações nas últimas décadas concentram-se agora em oferecer acesso a experiências culturais, utilizando-se das mercadorias como suporte. Este fenômeno pode ser observado em diversos campos da estrutura social como a moda, o turismo, os esportes, a música, as artes, e demonstra que cada vez mais os estilos de vida são transformados em *commodities*.

Dentre modalidades esportivas, o futebol talvez seja aquela em que mais é notável a influência corporativa. Por se tratar de um fato social de extrema importância para a cultura brasileira contemporânea e cuja popularidade está diretamente relacionada à sua exposição na mídia, o futebol é alvo das mais diversas estratégias de marketing, em especial, a publicidade e o patrocínio. Partindo de uma perspectiva crítica sobre a sociedade de consumo, este artigo é parte de uma dissertação de mestrado defendida em 2015 e busca analisar o fenômeno da participação corporativa no futebol brasileiro através do marketing esportivo, considerando a comunicação, e principalmente a mídia, como propulsora da espetacularização e da naturalização do consumo do esporte, de maneira que torcer ou gostar de futebol torna-se semelhante a consumir futebol enquanto bem cultural.<sup>153</sup>

<sup>152</sup> Mestre em Comunicação pela Faculdade Cásper Líbero (FCL/SP). E-mail: [ale.gidaro@gmail.com](mailto:ale.gidaro@gmail.com)

<sup>153</sup> Debates mais aprofundados sobre marketing esportivo e a estratégia de patrocínios no futebol são desenvolvidos em outro trabalho do presente autor (GIDARO, 2015), listado ao final deste artigo.

## 1. Indústria cultural e sociedade de consumo

Quando os dois críticos alemães Adorno e Horkheimer publicaram a primeira edição de *Dialética do Esclarecimento*, na década de 1940, já era evidente o discurso corporativo de que os produtos eram criados para satisfazer às necessidades dos consumidores, e que estes, por sua vez, é que eram os senhores da sociedade de consumo. Adorno e Horkheimer indicavam que a publicidade se constituiria como o principal instrumento de disseminação ideológica da sociedade capitalista, sugerindo que através dela prevaleceria a abordagem econômica da ideologia dominante. O conceito de indústria cultural descreve um fenômeno social que acompanha o desenvolvimento da lógica capitalista e sua atualidade pode ser justificada na observação do direcionamento crescente das comunicações e da cultura para o âmbito mercadológico.

Na sociedade concorrencial a publicidade tinha por função orientar o comprador pelo mercado, ela facilitava a escolha e possibilitava ao fornecedor desconhecido e mais produtivo colocar sua mercadoria. (...) Os custos de publicidade, que acabam por retornar aos bolsos das corporações, poupam as dificuldades de eliminar pela concorrência os intrusos indesejáveis. (...) A publicidade é hoje em dia um princípio negativo, um dispositivo de bloqueio: tudo aquilo que não traga seu sinete é economicamente suspeito (HORKHEIMER; ADORNO; 1985, p. 151-152).

A indústria cultural submete todo o contexto social à lógica da mercadoria e à ideologia dominante, utilizando-se da publicidade e da propaganda como ferramentas para a construção de associações vinculadas aos elementos naturais da cultura original. Com o avanço das tecnologias de comunicação, a publicidade se configurou como instrumento estratégico para a consolidação das marcas e das práticas de consumo na sociedade moderna.

A publicidade onipresente das grandes firmas exerce uma tomada total do espaço público, alimenta a imaginação com suas narrativas e suas criaturas fantásticas, forma o gosto e fornece normas estéticas. (...) O nome de marca, depois de se servir de obras célebres para se vestir ridiculamente do signo da excelência, assume-se em seguida como sendo ele mesmo o símbolo e o critério da excelência. E excelente tudo aquilo em que a marca afixa seu logotipo; este servirá para promover a venda de não importa o quê. É a mania que faz o valor do produto, não o inverso (GORZ, 2005, p. 51).

Herbert Marcuse foi outro importante teórico da escola de Frankfurt que desenvolveu estudos sobre o consumo de massa e a alienação, ainda mais acelerados no pós-Segunda Guerra. A crítica de Marcuse baseia-se na argumentação de que a grande velocidade de produção cria a necessidade de um rápido escoamento do consumo, assim, é preciso que o homem se adeque à lógica industrial. As necessidades humanas são manipuladas transformando-se de necessidades sociais em falsas necessidades individuais.

As criaturas se reconhecem em suas mercadorias; encontram sua alma em seu automóvel, hi-fi, casa em patamares, utensílios de cozinha. O próprio mecanismo que ata o indivíduo a sua sociedade mudou, e o controle social está ancorado nas novas necessidades que ela (a sociedade) produziu (MARCUSE, 1968, p. 31).

Marcuse classifica o homem como um fruto de necessidades pré-determinadas, destinado a consumir desenfreadamente, motivado pela ilusão de liberdade e igualdade através do consumo. A alienação e a naturalização do consumo na cultura de massa seriam as responsáveis por suprir a produção capitalista com a criação de novos mercados e a formação de seus consumidores.

Outro pensador que direcionou grande parte de sua produção aos estudos sobre a sociedade de consumo foi o filósofo francês Jean Baudrillard. Para o autor, a alienação social se dá pela naturalização do consumo, que domina o homem através do viés do bem-estar e do conforto ao consumir, “não é a lógica da satisfação (a que prevalece), mas a lógica da produção e da manipulação dos significantes sociais” (BAUDRILLARD, 1995, p. 59). O consumismo atribui ao homem liberdade de escolha, sem que este perceba que há um “condicionamento de diferenciação e de obediência a um código” (BAUDRILLARD, 1995, p. 60).

É o seguinte o princípio da análise: nunca se consome o objeto em si (no seu valor de uso) – os objetos (no sentido lato) manipulam-se sempre como signos que distinguem o indivíduo, quer filiando-o no próprio grupo tomado como referência ideal, quer demarcando-o do respectivo grupo por referência a um grupo de estatuto superior (BAUDRILLARD, 1995, p. 60).

No Brasil, este fenômeno também foi observado pelo filósofo tcheco-brasileiro Vilém Flusser. Em um artigo publicado em 1972 pela Revista Comentário, o autor discorre sobre a contradição implícita na expressão “sociedade de consumo”. Flusser (1972, p. 35) argumenta que “desde o paleolítico até a Segunda Guerra Mundial, os bens produzidos nunca conseguiram suprir a avidez da demanda, e eram, portanto, consumidos praticamente todos”. A capacidade humana de consumir era infinitamente maior do que a de produzir bens e que este modelo cultural já não seria mais aplicável no contexto pós-Guerra. Para ele:

(...) a geração atual não é mais capaz de consumir uma parte considerável dos produtos (materiais e ideais), que sobre ela se precipitam. Este segundo fato representa o verdadeiro problema do consumo, de modo que uma expressão mais adequada à captação da situação seria: sociedade impotente para o consumo (FLUSSER, 1972, p. 35).

Entretanto, existem correntes acadêmicas contemporâneas que indicam que a teoria crítica do consumo, isoladamente, não tem condições de solucionar totalmente algumas das indagações contemporâneas sobre o tema, como por exemplo, as crescentes interatividades e complexidade das operações envolvidas no consumo das mercadorias na modernidade. A este respeito, Featherstone (1995) tem grande competência em concordar com boa parte das idéias dos pensadores frankfurtianos, sem limitar-se apenas à perspectiva da manipulação ou ao seu oposto.

Featherstone (1995, p. 31) aceita que a cultura de consumo tem como base a “expansão da produção capitalista de mercadorias, que deu origem a uma vasta acumulação de cultura material na forma de bens e locais de compra e consumo”. Para o autor, as pessoas classificam umas às outras através dos bens de consumo e “usam as mercadorias de forma a criar vínculos ou estabelecer distinções sociais” (FEATHERSTONE, 1995, p. 31). Em suas palavras:

A preocupação com o estilo de vida, com a estilização da vida, sugere que as práticas de consumo, o planejamento, a compra e a exibição dos bens e experiências de consumo na vida cotidiana não podem ser compreendidos simplesmente mediante concepções de valor de troca e cálculo racional instrumental. As dimensões instrumental e expressiva não deveriam ser vistas como polaridades excludentes; antes, é possível imaginar que a cultura de consumo põe ambas em confronto numa balança (FEATHERSTONE, 1995, p. 123).

O autor indica que, embora o componente da determinação esteja presente na sociedade de consumo, ainda assim, o consumidor tem a oportunidade exercer um papel ativo

no processo de consumo, através do planejamento do seu estilo de vida, e que este por sua vez é o agente de comunicação entre os indivíduos.

Esta abordagem também encontra convergências nos estudos do antropólogo latino-americano Nestor G. Canclini, que argumenta que a experiência de consumo também desempenha um caráter existencial de pertencimento, vinculado a uma cultura coletiva, apontando para uma perspectiva de cidadania nas relações de troca. Para Canclini (2010, p. 53), o consumo “é o conjunto de processos socioculturais em que se realizam a apropriação e os usos dos produtos”.

(...) os que estudam o consumo como lugar de diferenciação e distinção entre as classes e os grupos, tem chamado a atenção para os aspectos simbólicos e estéticos da racionalidade consumidora. Existe uma lógica na construção dos signos de status e nas maneiras de comunicá-los. (...) nas sociedades contemporâneas, boa parte da racionalidade das relações sociais se constrói, mais do que na luta pelos meios de produção, da disputa pela apropriação dos meios de distinção simbólica. (...) O esforço das organizações em revestir de sentido as marcas pode ser infinito; entretanto, ele pode ser completamente em vão se os significados imbuídos à mercadoria não corresponderem à expectativa do consumidor tanto de uso quanto da diferenciação que aquele produto ou serviço pode trazer (CANCLINI, 2010, p. 56).

De maneira similar, Semprini (2006, p. 61) aponta que “alguns aspectos fundadores da cultura pós-moderna parecem estabelecer um vínculo particularmente forte com as lógicas de consumo”. Segundo ele, o consumo foi projetado para o centro das dinâmicas econômicas e sociais, entretanto, “os verdadeiros motores do consumo estão fora e se localizam precisamente na capacidade dos indivíduos de situarem seus próprios atos de consumo em um projeto social que tenha sentido para eles” (SEMPRINI, 2006, p. 53). Em sua argumentação, o autor defende que o poder de decisão sobre o consumo é desempenhado pelos indivíduos ao projetarem seus estilos de vida.

Lembremos, de qualquer maneira, que o universo do consumo, e principalmente as marcas que o habitam, representa um papel importante na produção de mundos possíveis e que os indivíduos podem, eventualmente, decidir se apropriar destes mundos. A partir de um esquema análogo ao de outros lugares de produção imaginária (a literatura, a arte, o cinema), o consumo e as marcas apropriam-se de territórios, desenvolvem temas, constroem relatos atraentes, dotados de sentido para os indivíduos (SEMPRINI, 2006, p. 69).

Também é preciso considerar que a mídia desempenha um papel de grande importância social neste contexto, dada sua capacidade de disseminar crenças e valores ajustados às práticas de consumo, através dos produtos culturais e da publicidade.

Consumimos a mídia. Consumimos pela mídia. Aprendemos como e o que consumir pela mídia. A mídia, não é exagero dizer, nos consome (...) Mas, nesse consumo, em sua trivialidade cotidiana, construímos nossos próprios significados, negociamos nossos valores e, ao fazê-lo, tornamos nosso mundo significativo. Sou o que compro, não mais o que eu faço ou, de fato, penso (SILVERSTONE, 2002, pp. 150-151).

Para Kellner (2001), a cultura da mídia e o consumo caminham paralelamente. Segundo ele, “a cultura veiculada pela mídia fornece o material que cria as identidades pelas quais os indivíduos se inserem nas sociedades tecnocapitalistas contemporâneas, produzindo uma nova forma de cultura global” (KELLNER, 2001, p. 9).

Em geral, não é um sistema de doutrinação ideológica rígida que induz à concordância com as sociedades capitalistas existentes, mas sim os prazeres propiciados pela mídia e pelo consumo (...) usando o espetáculo para seduzir o

público e levá-lo a identificar-se com certas opiniões, atitudes, sentimentos e disposições. (...) A cultura da mídia e do consumo atuam de mãos dadas no sentido de gerar pensamentos e comportamentos ajustados aos valores, às instituições, às crenças e às práticas vigentes (KELLNER, 2001, p.12).

A intenção de relacionar as teorias destes autores baseia-se em buscar esclarecer a importância e complexidade da relação entre cultura e consumo na sociedade capitalista e como esta integração tem agido como organizadora das relações sociais.

## 2. O estilo de vida e o gosto pelo esporte

Desde a década de 1980, a noção de estilo de vida tem sido empregada para descrever a “atitude” e a liberdade de escolha dos indivíduos perante as mercadorias disponíveis no mercado. Para Giddens (2002, p.12) a necessidade de escolha de um estilo de vida age na verdade como uma imposição ao indivíduo.

Na vida social moderna, a noção de estilo de vida assume um significado particular. Quanto mais a tradição perde seu domínio, e quanto mais a vida diária é reconstituída em termos do jogo dialético entre o local e o global, tanto mais os indivíduos são forçados a escolher um estilo de vida a partir da diversidade de opções. Certamente existem também influências padronizadoras – particularmente na forma da criação da mercadoria, pois a produção e a distribuição capitalistas são componentes centrais das instituições da modernidade. (...) a escolha do estilo de vida é cada vez mais importante na constituição da autoidentidade e da atividade diária (GIDDENS, 2002, p.12-13).

O estilo de vida refere-se a um conjunto de ações e comportamentos que permeiam o cotidiano de cada indivíduo e serve como “indicadores da individualidade do gosto e o senso de estilo do proprietário/consumidor” (FEATHERSTONE, 1995, p. 119). Nesse sentido, a expressão indica que a individualidade e a identidade são moldadas por escolhas pessoais dentro de uma perspectiva de consumo. Cada ato de compra expressa o gosto, os valores, a posição social e a identidade. Esta abordagem prevê também que, em tese, o indivíduo tem totais condições de trocar de estilo de vida ao mudar um hábito de consumo.

(...) Os novos heróis da cultura de consumo, em vez de adotarem um estilo de vida de maneira irrefletida, perante a tradição ou o hábito, transformam o estilo num projeto de vida e manifestam sua individualidade e senso de estilo na especificidade do conjunto de bens, roupas, práticas, experiências, aparências e disposições corporais destinados a compor um estilo de vida. No âmbito da cultura de consumo, o indivíduo moderno tem consciência de que se comunica não apenas por meio de suas roupas, mas também através de sua casa, mobiliários, decoração, carro e outras atividades, que serão interpretadas e classificadas em termos de presença ou falta de gosto (FEATHERSTONE, 1995, p. 123).

Para o sociólogo francês Pierre Bourdieu, os estilos de vida são determinados pelos diferentes gostos socialmente adquiridos, mediados por instâncias societárias, como a família, a escola, a mídia e o mercado. A reflexão do autor sobre o gosto revela que as “preferências de consumo e estilo de vida envolvem julgamentos discriminadores que identificam nosso próprio julgamento de gosto e, ao mesmo tempo, o tornam possível de ser classificado pelos outros” (FEATHERSTONE, 1995, p. 38). Desta forma, o gosto ou a propensão por determinada experiência de consumo caracteriza um conjunto de preferências distintivas, que dão origem ao estilo de vida.

Bourdieu também traçou reflexões importantes para a compreensão do papel desempenhado pelos esportes em nossa sociedade. O autor indica a possibilidade dos esportes se constituírem como um campo social, ou seja, um espaço estruturado autônomo, onde há um senso comum e um conjunto de leis que regulamentam as ações dos agentes envolvidos. Assim, poderíamos considerar que o esporte é um fenômeno de múltiplas dimensões, diretamente relacionado a fenômenos de outra natureza, seja esta política, econômica, cultural ou social, assim como considera Bourdieu, não poderíamos deixar de citar que este campo social sofre a influência e a interferência de agentes cuja atividade consiste em explorar a prática esportiva. Além dos indivíduos que fazem da prática esportiva um estilo de vida, também constituiriam um campo esportivo os clubes e as federações, os fabricantes de artigos esportivos e toda a indústria do esporte, a imprensa, os grandes grupos de comunicação de massa e as entidades políticas, e as corporações que, através das mais distintas estratégias de marketing, aproximam-se do esporte como incentivadoras, patrocinadoras, anunciantes, etc.

Pode-se afirmar portanto que a prática esportiva, o fanatismo ou o simples apreço por determinada modalidade, traduz a escolha de um estilo de vida do indivíduo e, logo, o habilita como consumidor potencial dos mais variados bens e produtos inerentes ao campo esportivo. Quando um sujeito se coloca no contexto em que vive como torcedor de um time futebol, por exemplo, seja por uma imposição social ou pelo que Bourdieu chama de habitus familiar ou de classe, coloca também para si a necessidade de consumir toda sorte de bens culturais relacionados ao seu time e à sua torcida.

### **3. O futebol brasileiro na sociedade de consumo**

A história do futebol brasileiro tem relação direta com a história do Brasil, refletindo os momentos político-econômicos do país desde sua chegada. Ao estudar o futebol brasileiro encontramos reflexos das diferenças sociais, do racismo, do militarismo, da redemocratização, da criação de uma identidade nacional e da constituição de uma sociedade de consumo. No princípio, o futebol atendia aos anseios populares por entretenimento e distinção social. Com o advento da profissionalização, o futebol acompanhou a evolução o capitalismo, transformando-se em espetáculo e integrando-se às dinâmicas do consumo, principalmente após a década de 1970. Verificamos então que o esporte se adequou à lógica capitalista e se preparou para transformar a experiência esportiva em espetáculo, gerando rendimento para todos os agentes do campo esportivo. No Brasil e em todo o mundo, os clubes de futebol tornaram-se empresas cuja principal mercadoria é o entretenimento, fruto da espetacularização do jogo. A cada dia novas ações de marketing esportivo que visam a promoção de produtos e marcas aproveitam-se da natureza espetacular do esporte e do ambiente da diversão e do entretenimento para conferir valor às identidades corporativas.

Segundo Pimenta (1997, p. 55), o futebol estabeleceu-se e adaptou-se ao longo das transformações do sistema econômico, “criando à sua volta uma indústria sólida que vai desde a difusão das ‘escolinhas’ (de futebol) – passando pela incursão da mulher ao jogo de bola – até a venda de marcas, famosas ou não, utilizando a imagem dos jogadores e dos clubes”. Atualmente, é praticamente incalculável a quantidade de produtos disponíveis no mercado e que possuem como mote central a prática esportiva, da camisa do time do coração ao canal de televisão escolhido para acompanhar as partidas. O potencial de consumo é ainda superior quando o indivíduo além de torcedor e espectador é também praticante de uma ou mais modalidades esportivas.

Dados da Pesquisa Lance! IBOPE 2014 confirmam que proporção de brasileiros que declaram torcer para algum time de futebol é de 76,6%. Se considerada a estimativa da

densidade demográfica brasileira do IBGE de 2013, que aponta para a marca de 201 milhões de habitantes, podemos concluir que o universo de torcedores no país é de aproximadamente 154 milhões de pessoas. Este número pode ser ainda maior se considerássemos o número de pessoas que não torcem para nenhum clube brasileiro, que acompanham apenas a seleção brasileira ou as notícias do esporte nos meios de comunicação. Embora esta pesquisa tenha revelado uma retração no número de torcedores brasileiros de 4,6 pontos percentuais, em comparação ao mesmo estudo realizado em 2010, o universo de torcedores brasileiro é significativo e demonstram a força e a influência do esporte no país.

De acordo com a Lei 10.671/03, que dispõe sobre o Estatuto de Defesa do Torcedor, “torcedor é toda pessoa que aprecie, apoie ou se associe a qualquer entidade de prática desportiva do País e acompanhe a prática de determinada modalidade esportiva”. É interessante que, do ponto de vista estratégico de marketing, a mesma definição pode ser aplicada ao que chamamos de consumidor de produtos esportivos. Ao tratarmos o torcedor como consumidor, consideramos que este está sujeito à alienação pelos produtos da cultura da mídia, mas que, embora possa ser altamente influenciado pelo discurso dominante da mídia, ainda assim, tem certa liberdade e autonomia para traçar suas preferências dentro de um sistema previamente determinado. Podemos tomar como exemplo disto o fato de que os brasileiros são altamente influenciados pela mídia e pelo Estado para que gostem de futebol, entretanto, há a possibilidade de existirem simpatizantes de outros esportes. Ainda que haja uma implicação social, as pessoas podem simplesmente deixar de acompanhar a agenda esportiva. É claro que o modo espetacular em que se apresentam os produtos esportivos dificulta em muito este tipo de decisão, mas não se pode deixar de considerar tal possibilidade.

### **Considerações Finais**

O futebol é um fenômeno de múltiplas dimensões, que se insere nas esferas cultural, econômica, social e política. Sua caracterização como um campo social envolve a disputa entre diversos agentes, como os torcedores, as entidades esportivas, a mídia e as corporações. Comunicação e consumo funcionam como válvulas que determinam a intensidade e a lógica das relações dentro deste campo. Portanto, o futebol dos dias de hoje demonstra estar plenamente integrado à lógica do capital, enquanto bem cultural e fruto da sociedade do espetáculo.

Ao tomar os rumos da profissionalização e da espetacularização, o futebol transformou-se em um negócio do entretenimento e este processo foi ainda mais acentuado com o suporte da mídia, principalmente com a evolução dos meios de comunicação, que hoje proporcionam a cobertura integral e em tempo real da agenda do futebol.

Demonstramos aqui a importância do torcedor-consumidor neste sistema. Ele é a variável de troca que sustenta e dá sentido a todas as interações e disputas dentro do campo social. Ao projetar seu estilo de vida, ao apreciar o futebol e ao optar por ser corintiano, palmeirense, flamenguista ou vascaíno, o torcedor também decide por criar vínculos e por uma distinção social, opta por uma experiência de consumo que envolve transações implícitas e explícitas. Através da articulação crítica sobre o consumo, buscou-se elucidar a caracterização do futebol como produto cultural, sua adequação à lógica capitalista e sua abertura para a participação corporativa.

## Referências

- BAUDRILLARD, J. **A sociedade de consumo**. Rio de Janeiro: Elfos Editora, 1995.
- BOURDIEU, P. **Questões de sociologia**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.
- \_\_\_\_\_. **Coisas ditas**. São Paulo: Brasiliense, 1990.
- \_\_\_\_\_. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand, 1989.
- \_\_\_\_\_. Gostos de Classe e estilos de vida, in ORTIZ, R. (Org.). **A sociologia de Pierre Bourdieu**. São Paulo: Olho D'água, 2003.
- CANCLINI, N. G. **Consumidores e cidadãos: conflitos multiculturais da globalização**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2010.
- FEATHERSTONE, M. **Cultura de consumo e pós-modernismo**. São Paulo: Studio Nobel, 1995.
- FLUSSER, V. **A consumidora consumida**. Revista Comentário, Ano XIII, vol. 13, nº 51. Rio de Janeiro, 1972.
- GIDARO, A. **Marcas e brasões. Processos midiáticos e estratégias de patrocínio ao futebol brasileiro**. Dissertação de Mestrado. Faculdade Cásper Líbero. São Paulo: FCL, 2015.
- GIDDENS, A. **Modernidade e identidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editores, 2002.
- GORZ, A. **O Imaterial**. São Paulo: Annablume, 2005.
- HORKHEIMER, M.; ADORNO, T. W. **Dialética do esclarecimento: fragmentos filosóficos**. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.
- KELLNER, D. **A cultura da mídia**. Bauru: EDUSC, 2001.
- MARCUSE, H. **A ideologia da sociedade industrial**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1968.
- PIMENTA, C. A. M. **Torcidas Organizadas de Futebol. Violência e auto-afirmação. Aspectos da construção de novas relações sociais**. Taubaté: Vogal Editora, 1997.
- SEMPRINI, A. **A marca pós moderna: poder e fragilidade da marca na sociedade contemporânea**. São Paulo: Estação das Letras Editora, 2006.
- SILVERSTONE, R. **Por que estudar a mídia?** São Paulo: Loyola, 2002.

# MÉTODOS DE ENSINO DO FUTSAL NA EDUCAÇÃO FÍSICA DO ENSINO FUNDAMENTAL

## *FUTSAL TEACHING METHODS IN PHYSICAL EDUCATION OF BASIC EDUCATION*

Mariana Nunes de Carvalho<sup>154</sup>

Marcos Gonçalves Maciel<sup>155</sup>

Vinícius Moraes de Souza<sup>156</sup>

**Resumo:** O presente estudo teve como objetivo analisar sobre os métodos de ensino adotados pelos professores de Educação Física no 3º ciclo do ensino fundamental para o ensino do Futsal. Esta pesquisa é caracterizada como qualitativa, descritiva e transversal. A escolha das escolas e dos professores foi de forma intencional. Adotou-se um questionário semiestruturado para a coleta dos dados, e para sua interpretação usou-se a análise de conteúdo e a estatística descritiva. Participaram da pesquisa 15 docentes que atuavam em escolas públicas e particulares na cidade de Contagem/MG. Os resultados demonstraram que o método de ensino “aberto” como sendo o mais utilizado; quanto ao conhecimento conceitual sobre os métodos de ensino, nenhum dos participantes soube responder os objetivos ou justificarem o motivo da escolha dos mesmos. Conclui-se que há a necessidade de maior apropriação conceitual sobre os métodos de ensino por parte dos professores para o ensino do Futsal.

**Palavras-Chave:** educação física; métodos de ensino; futsal.

**Abstract:** This study aimed to investigate the teaching methods adopted by physical education teachers in the 3rd cycle of elementary school to the Futsal. This research is characterized as qualitative, descriptive and cross. The choice of schools and teachers has been intentionally. Adopted a semi-structured questionnaire for data collection, and his interpretation was used content analysis and descriptive statistics. The participants were 15 teachers who worked in public and private schools in the city of Contagem/MG. The results demonstrate that the teaching method "open" as the most used; as the conceptual knowledge of teaching methods, none of the participants could answer the objectives or justify the reason for choosing them. It is concluded that there is a need for greater conceptual appropriation of teaching methods by teachers to the Futsal.

**Keywords:** physical education, teaching methods, futsal.

### 1. Introdução

Os Parâmetros Curriculares Nacionais – PCN – (BRASIL, 1998) propõem que o ensino da Educação Física seja dividido em três blocos de conteúdos distintos, a saber: 1) Conhecimentos sobre o corpo; 2) Esportes, ginástica, lutas, jogos e brincadeiras; 3)

<sup>154</sup> Grupo de Estudos de Ócio de Desenvolvimento Humano. Universidade do Estado de Minas Gerais – Unidade Ibirité. E-mail: [mnc7@hotmail.com](mailto:mnc7@hotmail.com)

<sup>155</sup> Grupo de Estudos de Ócio de Desenvolvimento Humano. Universidade do Estado de Minas Gerais – Unidade Ibirité.

<sup>156</sup> Universidade do Estado de Minas Gerais – Unidade Ibirité.

Atividades rítmicas e expressivas. Um dos conteúdos que compõem o segundo bloco é a modalidade Futsal.

Os conteúdos desse esporte envolvem desde as habilidades motoras como o domínio do corpo, atividades de manipulação de bola, assim como, habilidades técnicas específicas de cada função tática dos jogadores que envolvem os sistemas de ataque e defesa (RÉ, 2007). Assim sendo, a aprendizagem dos fundamentos (técnica) do Futsal é indispensável para se ter um bom desempenho tanto individual quanto coletivo nessa modalidade.

Segundo Oliveira (1997) alguns métodos de ensino são adotados pela Educação Física Escolar para uma maior eficiência e eficácia no processo ensino-aprendizagem; tendo, também, que considerar algumas variáveis como faixa etária, nível de desenvolvimento motor e experiência com a atividade proposta aos alunos. Dentre esses métodos, de acordo com o autor em tela, pode-se destacar: ensino aberto; analítico-sintético, ou parcial; global-funcional, ou simplesmente, global; misto.

Considerando os aspectos apresentados, pode-se fazer alguns questionamentos: Os professores de Educação Física Escolar adaptam os métodos de ensino do Futsal no ensino fundamental de acordo com as características e faixa etária dos alunos? Os métodos adotados refletem uma intencionalidade pedagógica que contribui para a formação integral do aluno, ou apenas, representam uma reprodução do ensino acrítico do movimento? Os docentes sabem diferenciar os objetivos, vantagens e desvantagens de cada método adotado para o ensino do Futsal? Considerando esses aspectos, o objetivo deste estudo foi analisar sobre os métodos de ensino adotados pelos professores de Educação Física no 3º ciclo do ensino fundamental para o ensino do Futsal.

## **2. Procedimentos metodológicos**

Este estudo é caracterizado como qualitativo, descritivo, transversal (THOMAS; NELSON; SILVERMANN, 2007). A escolha das escolas e dos profissionais de Educação Física foi intencional; as escolas estão localizadas na região dos bairros Industrial, Amazonas e Inconfidentes, na cidade de Contagem, região metropolitana de Belo Horizonte/MG. Adotou-se como instrumento para a coleta dos dados, um questionário semiestruturado, contendo informações sociodemográficas dos participantes e de questões referentes à temática investigada. Como critério de inclusão para a participação na pesquisa, estipulou-se que os professores deveriam ter um tempo mínimo de docência de dois anos, que trabalhassem em escolas com o 3º ciclo do ensino fundamental.

O estudo foi conduzido segundo as normas do Conselho Nacional de Saúde (466/2102), envolvendo pesquisas com seres humanos. Inicialmente, foi feito um contato com as escolas que atendessem os critérios de inclusão, para obter a anuência. Posteriormente, para conseguir o número de voluntários, realizou-se uma visita aos professores elegíveis; os que aceitaram participar da pesquisa assinaram o termo de consentimento livre e esclarecido.

Após a escolha dos participantes, a pesquisadora marcou juntamente com os mesmos, o melhor dia e horário para que pudessem responder o questionário em seu local de trabalho, durante um intervalo de folga entre as aulas.

Um estudo piloto foi realizado com cinco professores para testar a compreensão sobre as questões abordadas. A versão final do questionário passou por algumas modificações conforme o diagnosticado pelo projeto piloto. Foi usada a técnica de saturação para a interrupção da coleta (CRESWELL, 2007). Para a interpretação dos dados foi realizada a análise de conteúdo (BARDIN, 1997) e a estatística descritiva.

### 3. Resultados

A amostra foi composta por 15 professores licenciados em Educação Física, sendo que 60% dos docentes realizaram uma especialização *Lacto Sensu* nas seguintes áreas: Inclusão de pessoas com deficiência, Direção Escolar, Treinamento Desportivo, Educação Física Escolar, Nutrição e Biomecânica. As demais características sociodemográficas da amostra são apresentadas na tabela 1.

Tabela 1. Características sociodemográficas da amostra

Idade	Tempo de experiência (média/anos)	Sexo (%)	
		Masc.	Fem.
34,9±7,9	9,3	53,3	46,7

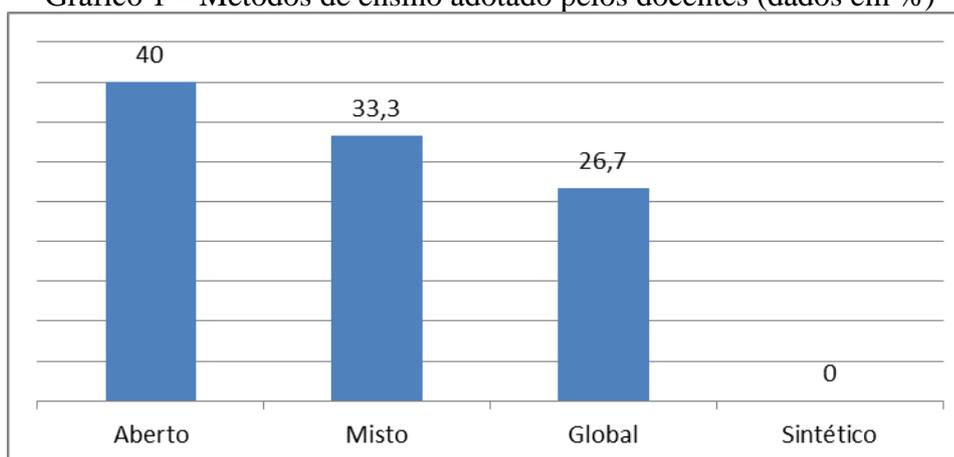
Fonte: Elaborada pelos autores.

Os resultados da pesquisa serão apresentados abaixo conforme as perguntas contidas no questionário do estudo.

#### 3.1. Método de ensino de Futsal adotado pelos professores nas escolas

Essa pergunta teve como objetivo identificar quais métodos de ensino adotados pelos docentes, bem como a justificativa da sua escolha. O gráfico 1 representa as respostas dadas pelos docentes, sendo que nenhum docente justificou, o porquê opta pela escolha do método de ensino citado.

Gráfico 1 – Métodos de ensino adotado pelos docentes (dados em %)



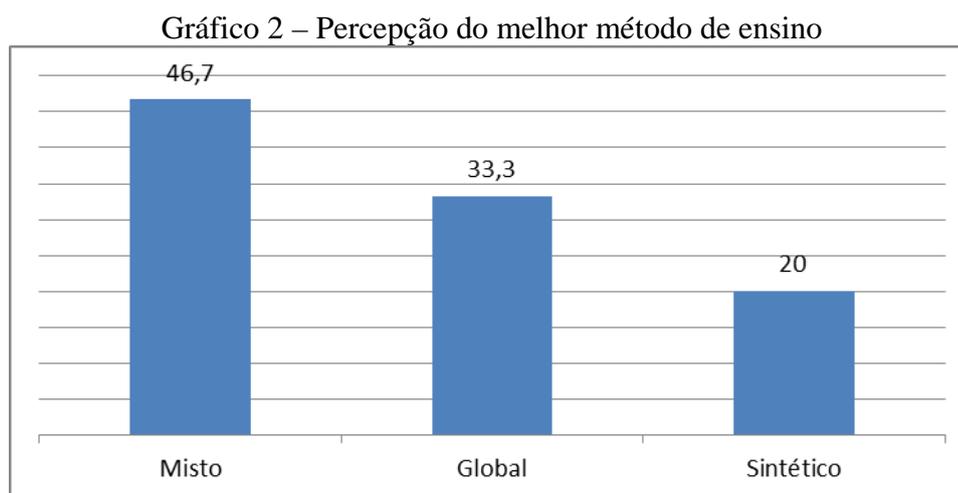
Fonte: Elaborado pelos autores

#### 3.2. Objetivos dos métodos de ensino

Essa pergunta teve como objetivo identificar se os professores tinham domínio sobre os conceitos de cada método de ensino citado; todavia nenhum docente explicou os objetivos dos métodos de ensino.

### 3.3. Escolha do método de ensino para alunos do 3º ciclo do ensino fundamental

Essa pergunta teve como objetivo identificar, segundo a percepção docente, qual o melhor método a ser adotado para o ensino do Futsal aos alunos do 3º ciclo do ensino fundamental.



Fonte: Elaborado pelos autores

### 3.4. Adaptação do método de ensino conforme o desempenho da turma<sup>157</sup>

A pergunta teve como objetivo identificar se o professor considera importante adotar diferentes métodos de ensino para a aprendizagem do Futsal de acordo com o desempenho da turma. A média das respostas foi de 4,4.

### 3.5. Adaptação do método de ensino conforme a faixa etária

A pergunta teve como objetivo identificar se o professor considera importante adotar diferentes métodos de ensino para a aprendizagem do Futsal de acordo com a faixa etária. A média das respostas foi de 4,1.

### 3.6. Adaptação do método de ensino de acordo com a infraestrutura oferecida pela escola

<sup>157</sup>As perguntas de nº 4 a 8, adotou uma escala *Likert*, com escala variando de 1 (discordo totalmente) a 5 (concordo totalmente).

A pergunta teve como objetivo identificar se o professor considera importante adotar diferentes métodos de ensino para a aprendizagem do Futsal de acordo com a infraestrutura oferecida pela escola. A média das respostas foi de 3,3.

### **3.7. Adaptação do método de ensino de acordo com o número de alunos**

A pergunta teve como objetivo identificar se o professor considera importante adotar diferentes métodos de ensino para a aprendizagem do Futsal de acordo com o número de alunos na turma. A média das respostas foi de 3,5.

### **3.8. Importância do emprego do processo avaliativo**

A pergunta teve como objetivo identificar se o professor considera importante avaliar os métodos de ensino empregados. A média das respostas foi de 3,9.

### **3.9. Avaliação do método de ensino em suas aulas**

A pergunta teve como objetivo identificar se o professor avalia os métodos de ensino adotado em suas aulas. Os resultados demonstram que 60% dos docentes não avaliam o método de ensino adotado; porém, não explicaram como e quais critérios são utilizados para esse procedimento.

### **3.10. Trabalho exercido em escolas de esporte especializado - Futsal**

Foi perguntado aos docentes se já trabalharam ou trabalham em escolas de esporte especializado de Futsal. O objetivo da pergunta foi identificar se os docentes possuem experiência quanto ao ensino da modalidade do Futsal além do ambiente escolar. Apenas 26,7% (quatro) tiveram ou têm essa experiência, tendo um tempo médio de vivência, quatro anos ( $\pm 2,7$  anos).

### **3.11. Método de ensino usado nas escolinhas de Futsal**

O objetivo desta pergunta foi identificar se há distinção quanto ao emprego dos métodos de ensino para a modalidade de Futsal em ambientes distintos. Dos quatro professores que trabalham em escolinha de Futsal, a metade adota o método analítico-sintético e, a outra metade o misto.

## 4. Discussão

Para uma proporcionar uma melhor compreensão dessa seção, a análise das respostas apresentadas foi agrupada segundo as suas similaridades descritas no item anterior.

### 4.1. Identificação dos objetivos e diferenças dos métodos de ensino (perguntas 3.1 a 3.3).

O método de ensino mais usado pelos professores para o desenvolvimento da modalidade do Futsal para os alunos do 3º ciclo foi o método aberto (40%). Os resultados encontrados não corroboram com o estudo de Andrade e Sardinha (2010), que identificou que o método global foi o mais utilizado pelos professores de Educação Física, para ministrar as suas aulas de Futsal. Semelhantemente, também, os dados deste estudo não corroboram com os de Pinto e Santana (2005), sendo que esses autores encontraram na amostra pesquisada, uma unanimidade pela escolha do método parcial para o ensino dessa modalidade esportiva. Esses dados apresentam uma diferenciação quanto à opção dos profissionais em adotar tais métodos.

Em seguida, fazemos breve explicação sobre os métodos de ensino citados pelos docentes, bem como uma sucinta discussão a respeito, a começar pelo método mais citado, o método aberto. Este de acordo com Oliveira (1990), baseia-se na teoria sociológica do interacionismo simbólico<sup>158</sup> e na teoria libertadora de Paulo Freire. Essa abordagem tem como objeto de estudo o movimento e suas relações sociais, bem como os conteúdos são construídos por meio da definição de temas geradores, e são desenvolvidos promovendo-se ações problematizadoras (HILDEBRANDT, 1986). No entanto, conforme o autor em tela, enfatiza a importância do movimento livre em detrimento ao movimento técnico, “[...] As possibilidades de vivência de movimento dos seres humanos no seu mundo são complexas e têm vários níveis. Contudo, o sistema do esporte reduz essas complexas possibilidades de movimento” (HILDEBRANDT, 1986, p. 67).

Assim, o ensino do método aberto visa possibilitar ao aluno coparticipar das decisões sobre objetivos, conteúdos e métodos de ensino das aulas, e, portanto, do planejamento do ensino, visando recolocar a subjetividade do aluno no centro da reflexão didática. Essa questão é discutida por Hildebrandt ao destacar que “Deve ter ficado claro que o processo de ensino dos alunos será subjetivado quando os conteúdos do ensino da Educação Física forem modificados para se tornarem adequados aos alunos, isto é, preparados de modo a ocupar os alunos produtivamente de acordo com seus interesses e necessidades [...]” (HILDEBRANDT, 1986, p. 29-30).

Além de indicar qual o método de ensino usado para o ensino da modalidade de Futsal, também foi solicitado aos docentes, que fizessem breve explicação sobre o(s) do(s) método(s) citado(s). Como resultado, apenas cinco docentes souberam explicar corretamente o objetivo tanto dos métodos parcial e o global; somente um, definiu o método global, e, outro, o misto. Nenhum docente soube descrever o objetivo do método de ensino aberto, embora tendo sido o mais citado no estudo. Esses dados demonstram uma falta de clareza quanto ao conhecimento teórico que balizam esses métodos de ensino, o que por sua vez, pode interferir na eficiência e eficácia do processo ensino-aprendizagem dessa modalidade.

Segundo Costa (2003) o método parcial, consiste em ensinar destrezas motoras por partes para, posteriormente, uni-las; ou seja, as habilidades são treinadas fora do contexto de

<sup>158</sup> Este termo foi elaborado por George Herbert Mead, porém, foi cunhado por Herbert Blumer, seguidor de Mead. Este sublinha o aspecto subjetivo do comportamento humano presente no grupo social e tem como princípio fundamental que pessoas, individual ou grupalmente, existem em ação.

jogo para que, depois, possam ser transferidas para as situações de jogo. Ainda segundo esse autor, pode-se classificar os exercícios nesse método de acordo com o número de fundamentos envolvidos na sua realização, visando uma melhor distribuição no momento de organizar uma sequência pedagógica ou série.

Por sua vez, ainda conforme o autor em tela, o método global, envolve a realização da totalidade do movimento, e caracteriza-se pelo aprender jogando. Esse método apropria-se dos jogos pré-desportivos (jogos com algumas alterações nas suas regras) para o jogo formal; também, utiliza-se, inicialmente, de forma de jogos menos complexa, cujas regras vão sendo introduzidas aos poucos. Ainda de acordo com Costa (2003), esse método tem se mostrado mais consistente quando comparado aos analíticos, pois atende o desejo de jogar dos alunos, conseqüentemente, estes ganham em motivação e o processo ensino-aprendizagem é facilitado.

Quanto ao método misto, segundo Santana (1996), apresenta como característica a utilização de dois métodos ao mesmo tempo, o global e o parcial. Para o autor, esse método é pertinente, já que as vantagens do método parcial neutralizam as desvantagens do método global, e as vantagens do método global neutralizam as desvantagens do método parcial. Em termos práticos, por exemplo, inicia-se a aula pelo método global, passando em determinado momento a utilizar o método parcial (para se desenvolver e/ou aperfeiçoar a técnica) e termina a aula voltando ao método global, isto é, realizando o jogo.

Quando perguntado aos docentes sobre qual seria o melhor método de ensino adotado no 3º ciclo – considerando características como o desenvolvimento motor dos alunos –, os mesmos apontaram o método misto como sendo o mais indicado. Estes resultados não corroboram ao estudo de Pinto e Santana (2005), que relataram que o melhor método seria o parcial; porém, corrobora aos de Andrade e Sardinha (2010), que identificaram como o mais usado o método misto, seguido pelo global. Esses dados podem demonstrar uma diferenciação quanto ao conhecimento teórico e experiência prática dos docentes no que diz respeito à apropriação dos distintos métodos de ensino em virtude das diferentes realidades encontradas em cada estudo analisado.

Novamente, ao se pedir que os docentes justificassem o motivo da escolha do método de ensino adotado, considerando essa necessidade de adaptação, não souberam fazê-lo. López (2002) e Voser (2004) relatam a necessidade dos docentes ter pleno conhecimento teórico dos métodos de ensino empregados, para poder desenvolver um ensino adequado. Assim como, Costa (2003), Pinto e Santana (2005) ressaltam a necessidade dos professores conhecerem as (des)vantagens de cada método de ensino para promoverem a aprendizagem dos alunos, bem como que a falta de preparo desses profissionais para o enfrentamento de novas estratégias metodológicas proporcionam um descrédito dessas propostas.

#### **4.2. Adaptação do método ensino (perguntas 3.4 a 3.7)**

A literatura aponta a necessidade da adaptação do método de ensino segundo algumas variáveis como a faixa etária, o número de alunos, o estágio de aprendizagem e a infraestrutura disponível (GRECO, BENDA, 1998; GRECO, 2001; LOPEZ, 2004). Na amostra estudada, os docentes destacaram como as principais necessidades de adaptação dos métodos de ensinios empregados, a observação quanto ao desempenho e faixa etária dos alunos (apresentaram uma média de 4,4 e 4,1 respectivamente), o que demonstra uma coerência com a literatura. Porém, esses profissionais, consideram menos importante a necessidade de adaptação dos métodos em relação ao número de alunos da turma e a infraestrutura disponível (3,5; 3,9 respectivamente), o que demonstra uma baixa valorização

de variáveis tão importantes para a aprendizagem da modalidade, segundo os autores em tela. Todavia, Andrade e Sardinha (2010) relatam que a adoção do método de ensino global, permite uma maior flexibilidade na adaptação das aulas, devido às poucas condições de infraestrutura ofertada pelas escolas, sobretudo, as públicas para o ensino da modalidade do Futsal.

### **4.3 Avaliação do método (perguntas 3.8 e 3.9)**

No conjunto de questões que envolviam a temática avaliação quanto ao emprego dos métodos de ensino, os resultados demonstram que 60% dos professores acham importante avaliar a aprendizagem do Futsal; porém, não o fazem. Esse fato pode ser atribuído possivelmente à falta de domínio sobre os aspectos metodológicos que envolvem não somente a avaliação dessa modalidade esportiva, mas, também, na Educação Física Escolar como um todo; bem como, o desconhecimento dos docentes, dos diferentes instrumentos avaliativos que podem ser empregados para esse fim.

A respeito da relevância do processo avaliativo, o Conteúdo Básico Comum de Minas Gerais (MINAS GERAIS, 2006), aponta alguns objetivos a serem alcançados: a) diagnosticar o que o aluno está aprendendo, e se o professor está ensinando de forma adequada; b) contribuir para planejar o ensino; c) detectar ao longo do processo ensino-aprendizagem os avanços conquistados, bem como as dificuldades que precisam ser superadas pelos alunos; d) identificar o nível de aprendizagem dos mesmos. Percebe-se que a ausência desse procedimento no processo ensino-aprendizagem dessa modalidade esportiva nas aulas de Educação Física Escolar, acarreta em um hiato nesse processo, ou seja, pode proporcionar uma deficiência quanto ao desenvolvimento das habilidades necessárias para a prática dessa modalidade esportiva; não apenas dessa, mas, também, de todos os outros conteúdos dessa disciplina.

A realização da avaliação do processo ensino-aprendizagem não contribui tão somente para acompanhar a eficiência e eficácia das habilidades motoras, e da tática, mas, também o desenvolvimento de outras importantes dimensões que compõem o ser humano, como a social e a motivacional, que podem ser desenvolvidas por meio dessa modalidade esportiva. Fato esse, que contempla os outros objetivos pedagógicos propostos pela disciplina de Educação Física Escolar.

### **4.4. Adoção do método conforme o ambiente: Escolar e escola de esportes especializados (perguntas 3.10 e 3.11)**

Os profissionais apresentaram uma divergência em relação à escolha do método de ensino adotado para essa modalidade quando se mudava o ambiente, ou seja, no escolar e nas escolas de esportes especializados. Na primeira instituição, os docentes apontaram a escolha do método aberto (40%), seguido pelo misto (33,3%); enquanto que na segunda, optam pelos métodos parcial (50%), e o misto (50%), respectivamente. Greco e Brenda (1998) alegam que a adoção do método parcial é mais apropriada para o ensino da técnica do jogo esportivo. Por outro lado, segundo Costa (2003), o método misto seria mais indicado, pois, permite que o professor utilize dentro da mesma aula, exercícios e jogos, independente da ordem ou quantidade de atividades estabelecidas.

Esse fato, nos leva a questionar quais os motivos que justificam essa diferenciação de métodos para ensinar a mesma modalidade? Possivelmente, as variáveis como o número de alunos atendidos, as condições de infraestrutura oferecida – material e espaço físico – em cada ambiente, a motivação individual/coletiva do(s) alunos, bem como a própria motivação do profissional, possam interferir nessa escolha.

## 5. Considerações finais

A modalidade de Futsal caracteriza-se por apresentar um contexto aberto de jogo, ou seja, imprevisível. O desenvolvimento de situações reais de jogo permite a adoção de distintos métodos de ensino a serem utilizados em determinado contexto de aprendizagem, possibilitando situações em que o aluno se depara a todo o momento com a necessidade na “resolução de problemas” e tomadas de decisões rápidas.

Assim sendo, este estudo teve como objetivo investigar sobre os métodos de ensino adotados por professores de Educação Física para o ensino do Futsal no 3º ciclo do ensino fundamental. Destarte, é importante ressaltar que todos os métodos de ensino apresentam vantagens e desvantagens, isto é, não há um método ideal. A escolha de um método em detrimento de outro, dependerá da observação pelo professor de diferentes variáveis identificadas no contexto em que tal modalidade será ensinada. Não menos importante, é destacar os objetivos pedagógicos apresentados pela Educação Física Escolar ao ensinar o Futsal.

Ademais, cada grupo de alunos pode reagir de maneira diferente ao vivenciar determinado método de ensino empregado pelo docente. Assim a combinação dos diversos métodos parece ser a forma mais apropriada de ensino, tendo como ponto crucial, o contexto e a intencionalidade, em que deve ser introduzida uma técnica e/ou tática específica dessa modalidade, em relação ao processo ensino-aprendizagem estipulado.

Por meio dos dados apresentados neste estudo, identificou-se que o método aberto foi o mais utilizado, seguido pelo misto; por sua vez, não corroborando com os achados em outros estudos similares. Todavia, sem fazer nenhum tipo de juízo de valor, tão somente uma análise dos resultados encontrados, identificou-se que os docentes deste estudo não dominam conceitualmente os conteúdos desses métodos (objetivos, vantagens e/ou desvantagens), conforme proposto pela literatura da área. Esse fato pode interferir diretamente na escolha dos mesmos, inclusive de maneira equivocada, e conseqüentemente no processo ensino-aprendizagem dessa modalidade. Semelhante, é importante destacar que essa falta de clareza conceitual dos diferentes métodos de ensino, pelos docentes, pode ter influenciado nas respostas apresentadas neste estudo. Igualmente, aponta-se a pouca importância atribuída pelos professores participantes deste estudo, a algumas variáveis que podem influenciar no desempenho da aprendizagem, e, que, portanto, deveriam ser consideradas para a adaptação das aulas de Futsal, tendo em vista os métodos de ensino adotados.

Em função dos métodos de ensino estarem obrigatoriamente vinculados aos objetivos gerais e específicos de determinado conteúdo a ser ministrado, as decisões de selecioná-los, requer uma utilização didaticamente adequada. Portanto, deve-se considerar que há uma relação de interdependência entre objetivo-conteúdo-método. Assim, da mesma forma que o método é determinado pela relação objetivo-conteúdo, pode também influenciar na determinação de objetivos e conteúdos, ou seja, os métodos na proporção que são utilizados para a transmissão e assimilação de determinadas matérias, atuam na seleção de objetivos e conteúdos.

**Agradecimentos:** Marcos G. Maciel recebe bolsa de estudo para o doutorado da Fundação de Amparo a Pesquisa do Estado de Minas Gerais (FAPEMIG – PCRH 90402/14).

### Referências

- ANDRADE, Alan Franklin Silva. **Análise comparativa entre o método de ensino global funcional e o método analítico sintético**. Faculdade Alvorada. Brasília 2010.
- BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. Edições 70. 2011.
- BRASIL. Ministério da Saúde Conselho Nacional de Saúde. Resolução Nº 466, de 12 de dezembro de 2012. Disponível em: <[http://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/cns/2013/res0466\\_12\\_12\\_2012.html](http://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/cns/2013/res0466_12_12_2012.html)>; Acessado em: 28 de jun. 2016.
- BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais**. Terceiro e Quarto Ciclos do Ensino Fundamental. Educação Física. 1998.
- BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Lei 9394, de 20 de dezembro de 1996.
- COSTA, Claiton Frazzon. **Futsal: aprenda a ensinar**. Florianópolis: Visual Books, 2003.
- CRESWELL, Jonh W. **Projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto**. 2 ed. Porto Alegre. Artmed, 2007.
- FONSECA, Gerard Maurício. **Futsal: metodologia do ensino**. Caxias do Sul: EDUCS, 1997.
- GRECO, Pablo Juan; BENDA, Rodolfo Novelino. **Iniciação esportiva universal: da aprendizagem motora ao treinamento técnico**. v. 1, Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998.
- GRECO, Pablo Juan. **Métodos de ensino-aprendizagem-treinamento nos jogos esportivos coletivos**. In: GARCIA, E.S; LEMOS, K.L.M. Temas atuais VI - Educação física e esportes. Belo Horizonte: Health, 2001. cap. 3, p. 48-72
- HILDEBRANDT, Reiner; LAGING, Ralf. **Concepções abertas ao ensino da Educação Física**. Rio de Janeiro: Livro Técnico, 1986.
- LÓPEZ, Javier López. **Fútbol: 1380 juegos globales para el entrenamiento de la técnica**. Sevilla: Wanceulen, 2002.
- MINAS GERAIS. **Conteúdos Básicos Comuns de Educação Física: Ensinos Fundamental e Médio**. Secretaria de Estado de Educação, 2006.
- OLIVEIRA, Amauri A. Bássoli de. Analisando a prática pedagógica da Educação Física. **Revista da APEF** de Londrina. Londrina, v. VII, n. 13, 1992.
- OLIVEIRA, Amauri A. Bássoli de. **Metodologias emergentes no ensino da Educação Física**. Revista da Educação Física/ EM, Maringá, Brasil, v.1, n.8, p. 21-27, 1997.
- PINTO, Fabiano Soares; SANTANA, Wilton Carlos de. **Iniciação ao futsal: as crianças jogam para aprender ou aprendem para jogar?** Revista Digital. 2005.
- RÉ, Alessandro Hervaldo Nicolai. **Uma visão macroscópica da influência das capacidades motoras no desempenho esportivo**. In: SILVA, L.R.R. **Desempenho esportivo: Treinamento com crianças e adolescentes**. São Paulo: Phorte, 2006.
- RÉ, Alessandro Hervaldo Nicolai. **Desempenho de adolescentes no Futsal: relações com medidas antropométricas, motoras e tempo de prática, 2007**. Tese (Doutorado) - Escola de Educação Física e Esporte, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.
- RÉ, Alessandro Hervaldo Nicolai. **Características do futebol e do Futsal: implicações para o treinamento de adolescentes e adultos jovens, 2008**. Escola de Educação Física e Esporte, Universidade de São Paulo, São Paulo.
- SANTANA, Wilton Carlos. **Futsal ou futebol de salão? Uma breve resenha histórica**. 2002. Seção Apontamentos. Disponível em: <http://www.pedagogiadofutsal.com.br>. Acessado em 30/02/2011.

SILVA, Julio Manuel Garganta da. O ensino dos jogos desportivos coletivos. Perspectiva e tendências. v.4, n.8. **Movimento**, Universidade do Rio Grande do Sul. 1998. Disponível em: <http://www.seer.ufrgs.br/index.php/Movimento/article/view/2373/1070>. Acessado em: 14 abr. 2012.

VOSER, Rogério da Cunha, GIUSTI, João Gilberto. **O Futsal e a escola: uma perspectiva pedagógica**. Porto Alegre: Artmed, 2002.

VOSER, Rogério da Cunha. **Iniciação ao Futsal, abordagem recreativa**. 3º ed. Canoas, 2004.

THOMAS, Jerry R.; NELSON, Jack K.; SILVERMANN, Stephen J. **Métodos de pesquisa em atividade física**, 5ª ed. Porto Alegre: Artmed, 2007.

## PAIXÃO CLUBÍSTICA NO FUTEBOL, MIGRAÇÃO ESTUDANTIL INTERNACIONAL E LUGAR: ALGUMAS APROXIMAÇÕES

### *PASSION BY CLUBS IN FOOTBALL, INTERNATIONAL STUDENT MIGRATION AND PLACE: some approaches*

Leandro Batista Cordeiro<sup>159</sup>

**Resumo:** O presente trabalho busca tecer reflexões iniciais em torno da seguinte tríade: paixão clubística no futebol, migração estudantil internacional e lugar. Como ponto de partida, trazemos a baila algumas considerações a respeito da importância que o futebol e os clubes adquiriram na sociedade brasileira. Em seguida abordamos o fenômeno migratório e a migração estudantil. Ao final nos aportamos em alguns autores da geografia para compreender o *lugar* como uma importante categoria teórica. Com isso, refletiremos sobre o futebol e o pertencimento clubístico no cotidiano de estudantes migrantes que se deslocam para fins de estudo em outros países, ou seja, em outros *lugares*. Dessa forma, acreditamos que o futebol e a paixão clubística podem ser importantes referenciais para sujeitos que se encontram para além de nossas fronteiras.

**Palavras chave:** futebol no Brasil; paixão clubística; migração; migração Estudantil internacional; lugar.

**Abstract:** This study aims to weave initial reflections on the following triad: club passion in football, international student migration and place. As a starting point, we bring to the fore some considerations about the importance of football and the clubs acquired in Brazilian society. Then we address the phenomenon of migration and student migration. In the end we invested in some authors of geography to understand the place as an important theoretical category. Thus, we reflect on football and belonging to a club in the daily lives of migrant students moving for study in other countries, or elsewhere. Thus, we believe that football and the club passion can be important references to subjects that are beyond our borders.

**Key words:** football in Brazil; passion by clubs; migration; student migration international; place.

### 1. Entrando em campo...

Segundo Tiesler e Coelho (2006), a participação imediata ou televisionada nos eventos de futebol, a comunicação do conhecimento futebolístico, *a identificação com uma equipe*, a prática do jogo e, no caso dos mais jovens, o sonho de se tornarem jogadores profissionais, desempenham um importante papel para milhões de pessoas de todo o mundo, independentemente, ou quase, do lugar onde vivem e das suas condições de vida. Isto torna o futebol uma das principais formas/expressões culturais e simbólicas da modernidade.

---

<sup>159</sup> E-mail: [leoufvjm@gmail.com](mailto:leoufvjm@gmail.com)

Dessa maneira, o *futebol e a identificação futebolista* encontram-se hoje amplamente disseminados em diferentes continentes, culturas e classes, sendo por isso considerados fenômenos globais e, uma vez que pode ser vivido e partilhado para além das fronteiras nacionais, sociais, culturais e linguísticas, o futebol proporciona um código de comunicação universal (TIESLER, 2012).

Giulianotti aponta o futebol como elemento central em diversas culturas e afirma que:

sua centralidade cultural, na maior parte das sociedades, significa que o futebol tem uma importância política e simbólica profunda, já que o jogo pode contribuir fundamentalmente para as ações sociais, filosofias práticas e identidades culturais de muitos e muitos povos” (GIULIANOTTI, 2002, p.08).

Assim, nas mais diversas longitudes e latitudes do globo terrestre, da Ásia à América do Sul, da África à Oceania, da Europa à América do Norte, passando pela América Central, o futebol se instaurou como importante componente sociocultural, relacionando-se com as inúmeras facetas (históricas, políticas, econômicas, culturais) que compõem os contextos locais, regionais e nacionais.

No caso do Brasil, o futebol encontrou terreno fértil e se instaurou como um dos elementos que ajudam a configurar a nação, se espraiando pelos mais diversos cantos e recantos do território nacional. E nesse cenário apareceram os clubes, que com o passar do século XX ganharam espaço no cotidiano de muitos brasileiros, do Oiapoque ao Chuí.

A partir desse panorama, se perspectivarmos um estudante brasileiro tendo o futebol e o pertencimento clubístico como elementos importantes em sua vida, e agora esse sujeito se encontra em terras estrangeiras, em razão de sua participação em intercâmbios e/ou programas internacionais de educação, ou seja, quando ele sai do nosso país em direção a outro *lugar*, o que poderiam representar esses dois elementos (futebol e pertencimento clubístico) no cotidiano do estudante migrante?

Assim, a partir da tríade *paixão clubística no futebol, migração estudantil internacional e lugar* buscaremos trazer à baila algumas reflexões a respeito dos possíveis significados do futebol e do pertencimento clubístico para sujeitos que se encontram no exterior para fins de estudos.

Para tanto, inicialmente trataremos do futebol na cultura brasileira para, posteriormente, abordar o fenômeno migratório e a migração estudantil e, ao final, buscaremos apoio na teoria geográfica para compreender o *lugar* como uma importante categoria teórica para a reflexão em pauta.

## 2. Trocando alguns passes...

No Brasil, ao voltar os olhos para as cenas histórica e cultural do país nos últimos cento e vinte anos não há como o futebol passar despercebido, muito ao contrário.

Ao longo da primeira metade do século XX, o futebol se disseminou completamente pelo Brasil, tornando-se fator de integração territorial e um dos mais poderosos elementos definidores da nacionalidade. Para aquilatar um pouco da sua importância e ubiquidade, basta um olhar panorâmico sobre qualquer porção do seu vasto território. Mesmo nas mais remotas regiões notar-se-á que dois objetos na paisagem caracterizam o essencial de nosso ecúmeno: um pequeno templo católico e um campinho de futebol. Costuma-se dizer que a capela pode eventualmente faltar, pois haverá sempre aquela outra do povoado mais próximo. Mas não o campinho, lugar

de animado encontro regular domingueiro, centralidade que comparece como unidade básica referencial na vida de relações (MASCARENHAS, 2012, p.67-68).

Conforme Borges (2006), no Brasil o futebol passou a ser jogado cotidianamente há pouco mais de um século, tornando-se uma das nossas maiores riquezas enquanto nação, uma das nossas principais caixas de ressonância social e um elemento que nos identifica como brasileiros, seja aqui ou no exterior.

Segundo Giglio ao fazer parte do cotidiano do povo brasileiro, o futebol tornou-se a modalidade favorita da nação. A formação das Ligas de clubes, e as disputas de campeonatos “[...] criou um importante elo entre o esporte e a sociedade [...] fundamentais para a consolidação do futebol como esporte nacional” (GIGLIO, 2007, p.41).

Knijnik (2006) destaca que no Brasil o futebol está absolutamente imbricado no seio das diversas culturas nacionais, sendo parte integrante e simbólica de manifestações culturais de norte ao sul do país, consolidando-se em uma das principais *marcas* da paisagem brasileira.

Nesse sentido, Vogel (1982) nos lembra que basta andar por aí para ver os campos de futebol, pois fazem parte do cenário urbano e rural do Brasil. Quanto a este aspecto, o autor acrescenta que em um gramado de um jardim público, em um terreno baldio ou mesmo na rua, com dois pedaços de pau e uma bola de meia, surge um campo, onde, tarde após tarde, bandos de garotos jogam partidas que parecem não ter fim.

Novamente nos aportamos em Mascarenhas, quando o autor destaca que no Brasil o futebol se tornou muito mais que mera modalidade esportiva. Prossegue o autor sugerindo que a sua rápida e profunda disseminação propiciou-lhe a condição de elemento central de nossa cultura, constituindo um amplo sistema de práticas e representações sociais, uma complexa teia de sentidos e significados, com densa impregnação na paisagem urbana (MASCARENHAS, 2012).

Sobre futebol e sociedade brasileira, DaMatta entende que

O futebol seria popular no Brasil porque ele permite expressar uma série de problemas nacionais, alternando percepção e elaboração intelectual com emoções e sentimentos concretamente sentidos e vividos. Numa sociedade internamente dividida em múltiplas esferas, cada qual com uma ética diferenciada, e até mesmo opostas (embora complementares entre si), instituições que permitem essas junções da casa com a rua, do cidadão com o pai-de-família, do membro do governo com a massa de pessoas da cidade, dos deuses que tudo sabem e podem com os homens que pedem aqui em baixo, são instituições fadadas ao sucesso e a servir como meios privilegiados pelos quais a vida se define com sua força e sua plenitude em sociedades como a brasileira (DA MATTA, 1982, p.40).

Assim, não há dúvidas que o futebol é um elemento fundamental da cultura e da sociedade brasileiras, transcendendo sua qualidade esportiva e criando relações sociais, estruturas identitárias, bem como um forte universo simbólico, com destaque especial para o *engajamento* entre torcedores e os inúmeros clubes de futebol espalhados em solo nacional.

Estar engajado! É a partir daí que se concretiza o pertencimento clubístico no futebol. Mas, afinal, do que se trata estar engajado e, conseqüentemente, o que significa o pertencimento clubístico?

Damo lança luz sobre essas questões ao afirmar que o pertencimento clubístico é uma forma de vínculo imutável e única, uma relação sentimental que une os torcedores a seus clubes, denotando uma modalidade de envolvimento intensa.

Ela especifica, no espectro do torcer, um segmento de público militante, não necessariamente pela frequência aos estádios, nem mesmo pelo vínculo a grupos organizados, mas pelo engajamento emocional. À diferença dos simpatizantes, que escolhem os times para os quais irão torcer conforme a circunstância, e por vezes as conveniências, razão pela qual o envolvimento raramente se estende para além do jogo, os aficionados seguem uma mesma agremiação durante a vida, estendem as emoções vividas no espaço-tempo do jogo para além dele e por vezes são capazes de atitudes tidas como irracionais (DAMO, 2007, p.52).

Sobre a relação entre torcedores e clubes de futebol, Llopis Goig (2013) salienta que a simpatia por um clube de futebol é um dos eixos de interação que articulam as dinâmicas em torno das quais se configuram comunidades de interesses, identificações e estilos de vida, constituindo o que autor denomina de culturas futebolísticas, que em sua visão é conjunto de orientações, práticas e sentimentos cujo eixo central seria a identificação com um clube de futebol.

Assim, ao engajar-se o torcedor passa a pertencer a um sistema integrado de comunidades afetivas: o clubismo. Por ser um sistema simbólico, classifica e hierarquiza os clubes e é capaz de dotar de sentido as inter-relações entre os clubes e torcedores, possibilitando a atribuição de significado ao futebol de uma forma mais ampla. Assim, temos uma trama composta por elementos de ordem econômica, social, cultural e, como não poderia deixar de ser, composta também de valores e identidades locais, regionais e nacionais (DAMO, 2007).

Mas, como se forjam a paixão pelo futebol e o pertencimento clubístico? Em que situações cotidianas é possível observar essa relação entre determinados sujeitos e o futebol?

Visto que o lazer pode ser compreendido como uma necessidade humana e como dimensão da cultura caracterizada pela vivência lúdica de manifestações culturais no tempo/espaço social (GOMES, 2011), acreditamos que as práticas sociais no âmbito do lazer ajudam responder às duas perguntas anteriores, pois vislumbramos o tempo e o espaço social do lazer como o lócus privilegiado onde nascem e emergem a paixão futebolística e o pertencimento a um clube de futebol.

Quanto ao lazer, Gomes nos lembra o seguinte:

O lazer representa a necessidade de fruir, ludicamente, as incontáveis práticas sociais constituídas culturalmente. Essa necessidade concretiza-se na ludicidade e pode ser satisfeita de múltiplas formas, segundo os valores e interesses dos sujeitos, grupos e instituições em cada contexto histórico, social e cultural. Por isso, o lazer precisa ser tratado como um fenômeno social, político, cultural e historicamente situado. (GOMES, 2014, p.12)

Assim, percebemos o futebol no Brasil e para os brasileiros como uma prática social constituída histórica e culturalmente e que encontrou terreno fértil no âmbito do lazer. Desta forma, há, por exemplo, o futebol praticado na rua ou no campo de grama sintética, assistido pela televisão ou escutado no rádio, jogado virtualmente com sujeitos de outros lugares, lido nos jornais e o futebol nos estádios, ou seja, um número significativo e variado de situações nas quais o futebol se concretiza como prática social de lazer.

Gomes e Faria (2005) ressaltam que o lazer pode ser visto como um emaranhado de sentidos e significados dialeticamente partilhados nas construções subjetivas e objetivas dos sujeitos, em diferentes contextos de práticas culturais, sociais e educativas. Os autores ainda destacam que o lazer participa da complexa trama histórico-social própria de cada realidade e

representa um dos fios tecidos, culturalmente, na rede humana de significados, símbolos e significações.

É por esse caminho que perspectivamos a relação entre lazer, futebol e pertencimento clubístico, ou seja, como elementos que se entrecruzam e que, juntamente, são importantes quanto à construção subjetiva dos sujeitos, neste caso específico quanto à identidade futebolística e clubística.

Continuando, Gomes (2014) ainda ressalta que as manifestações culturais vivenciadas ludicamente são práticas que podem assumir múltiplos significados e papéis peculiares para os sujeitos. Isto se torna relevante quando o nosso olhar se volta para o futebol e para o pertencimento clubístico no cotidiano de estudantes brasileiros migrantes e, portanto, com residência temporária no exterior.

A partir do exposto, uma questão nos motiva nesta reflexão: o que podem significar o futebol e o pertencimento clubístico para estudantes brasileiros que migraram para terras estrangeiras, ou seja, para outro lugar?

Na visão de Dal Gallo e Marandola Junior (2010, p.174), “migrar significa adentrar, integrar e interiorizar um dado modo de vida, isto é, adotar dadas práticas (culturais e sociais), ritmos e rotinas diárias associadas (invariavelmente) a um dado contexto espacial”.

Assim, estar num novo lugar significa situar-se, tecendo um sentimento coerente de estar no mundo *aqui agora*, como um constante e permanente encontro (DAL GALLO, 2011). Já Massey (2009, p. 176) afirma que “chegar a um novo lugar quer dizer associar-se, de alguma forma ligar-se à coleção de estórias entrelaçadas das quais aquele lugar é feito”.

A continuação, Dal Gallo e Marandola Jr. (2010) sugerem que deixar seu lugar implicaria numa separação do sujeito de seu mundo de coisas e pessoas, isto é, do seu casulo protetor (GIDDENS, 2002), ou, indo mais adiante, daquilo que nos dá segurança existencial (MARANDOLA JR, 2008).

Talvez, por isso, a seguinte advertência feita por Dal Gallo:

Se nos propusermos a pensar a condição do migrante e questionarmos sobre seu processo de inserção no local de destino, nos depararemos com um movimento que toca diretamente o ser dos migrantes. O deslocar-se dos migrantes de seus lugares para lugares alheios implica um abalo direto no ser: migrar coloca um questionamento ao ser do migrante, à sua segurança ontológica (DAL GALLO, 2011, p.48).

A nosso ver, entendemos que tal separação teria a potencialidade de provocar um estado de desconforto e insegurança, na medida em que o deslocar-se causaria um distanciamento dos referenciais identitários. Talvez, por isso, os migrantes busquem recriar seus lugares e (re)estabelecer seus laços afetivos e identitários, no intuito de (re)afirmar seu modo de vida, ou melhor, seu modo de existência (ENTRIKIN, 1980).

Assim, o migrante engendraria uma série de atividades que conectam origem-destino. Tal conexão ocorre através de meios tradicionais como: telefone, cartas, telégrafo, a própria televisão e jornais e meios mais atuais como os blogs, os programas de comunicação instantânea, páginas de relacionamento (Orkut ou Facebook, por exemplo), os e-mails, etc., os quais permitem a comunicação à distância entre migrantes e não-migrantes (DAL GALLO, 2011).

No que se refere à migração estudantil, OJIMA et al (2014) ressaltam que a mobilidade motivada por estudo se caracteriza como um tipo de movimento populacional que vem ganhando força na contemporaneidade, principalmente em função da existência de convênios que favorecem o intercâmbio de estudantes.

Neste mesmo sentido, Desidério (2006) destaca que a quantidade de estudantes estrangeiros que busca a qualificação de sua formação em outro país tem aumentado

consideravelmente com o tempo e esse tipo de migração internacional está ligada predominantemente ao ensino superior (graduação, mestrado e doutorado).

Mediante esse tipo específico de migração são estabelecidos intercâmbios, no intuito de troca de experiências e aquisição de *novos* conhecimentos técnicos e científicos, além de se fortalecer as relações bilaterais ou multilaterais entre as nações envolvidas no processo migratório (OJIMA et al, 2014).

O programa *Erasmus*, consolidado e desenvolvido inicialmente somente no contexto da União Europeia, é talvez um dos casos mais emblemáticos da internacionalização do ensino superior. Através dele, todos os alunos do ensino superior na União Europeia (EU) podem pleitear a realização de parte de seus estudos universitários fora de seu país de origem, mas dentro da União. Atualmente a EU ampliou o referido programa, criando o *Erasmus Mundus*, o qual permite a mobilidade de alunos de todo o mundo para realizarem estudos em universidades europeias, assim como o deslocamento de estudantes europeus para outros países fora da União Europeia.

No caso brasileiro, um exemplo de ação estatal que buscou promover a internacionalização da universidade brasileira no cenário global, mediante acordos com instituições educacionais e órgãos estrangeiros, é o Programa Ciências sem Fronteiras; trata-se de uma ação governamental desenvolvida pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES, órgão do Ministério da Educação, e pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPQ, órgão do Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação, a qual, desde 2011, tem permitido o deslocamento de estudantes para diversas localidades estrangeiras.

Conforme dados apresentados pelo Painel de Controle do Programa Ciências sem Fronteiras<sup>160</sup>, até Janeiro de 2016 foram distribuídas 92.880 bolsas entre as seguintes modalidades: graduação sanduíche no exterior (73.353), atração de jovens talentos (504), mestrado no exterior (558), pesquisador visitante especial (775), doutorado no exterior (3.353), doutorado sanduíche no exterior (9.685), pós-doutorado no exterior (4.652).

Dessa forma, o programa supracitado tem ocasionado nos últimos anos um fluxo considerável de estudantes brasileiros para o exterior, com ênfase em graduandos de inúmeras Instituições de Ensino Superior (IES) nacionais.

A continuação, Marandola Jr. e Dal Gallo (2010) afirmam que se antes mudar-se significava distanciamento absoluto, hoje migrantes internacionais, inclusive aí os estudantes, conseguem manter vívidos os *laços* com a terra de origem, ficando, em muitos casos, integrados existencialmente a ela e apenas funcionalmente ligados ao lugar de moradia atual. Nesse caso, talvez o futebol seja um dos *fiões* que ajudam a tecer tais *laços* entre brasileiros migrantes e o seu país de origem.

Reforçando a ideia apresentada no parágrafo anterior, Xavier de Brito (2010) destaca que o desejo mais caro da maioria dos sujeitos em mobilidade espacial é encontrar no exterior uma maneira (ou maneiras) de continuarem ligadas a seu país. Com efeito, talvez uma dessas maneiras seja através do que a autora denominou de “práticas culturais de origem” (idem, p.446), onde o futebol e o pertencimento clubístico se encaixariam.

Assim, partimos da hipótese de que o futebol e o pertencimento clubístico, que constituem importantes elementos socioculturais no Brasil, representariam algo particularmente poderoso na vida cultural cotidiana dos estudantes migrantes, bem como pontos de referência cruciais na ligação destes ao seu *lugar* de origem.

Para efeito de ilustração, entendemos que a imagem abaixo apresentada é interessante, na medida em que os estudantes estrangeiros presentes na fotografia não escapariam à tendência de reconstruir espaços alinhados sobre certos aspectos de sua cultura de origem e, pois, estariam *nutrindo* a alma e, nesse caso, o *alimento* é o futebol.

<sup>160</sup> Disponível em <http://www.cienciasemfronteiras.gov.br/web/csf/painel-de-controle>.



Figura 1: Estudantes intercambistas na Universidade de Laval (Quebec, Canadá) assistem ao jogo entre Real Madrid e Barcelona, válido pelo Campeonato Espanhol (2014-2015)  
Fonte: Arquivo pessoal de Matheus Vonderscher

Assim, nos inclinamos a defender a posição de que a identificação futebolística pode desempenhar um papel importante no processo de manutenção e de reconstrução dos elos culturais no contexto de vida migrante, onde os diferentes atores interagem entre si formando uma rede de relações sócio-espaciais a partir do futebol, sendo este um elemento importante da sociabilidade, pois tem a capacidade de criar comunidades afetivas e, talvez, ampliar o sentimento de pertencimento.

Porém, é importante ressaltar que os modos como o futebol se estabelece na vida social dos estudantes migrantes, assim como a sua importância e significado simbólico a diferentes níveis de interação no *novo* ambiente, são variáveis. Tudo dependerá do contexto específico, onde põem em jogo as relações socioculturais.

No caso específico da imagem acima, os universitários estão assistindo ao jogo entre Real Madrid e Barcelona, válido pelo Campeonato Espanhol de Futebol, temporada 2014-2015. Podemos notar que há pelo menos 30 sujeitos presentes (não é possível perceber se há outros estudantes, em razão do enquadramento da imagem).

Para assistirem ao jogo os sujeitos conectam um computador à internet e fazem a reprodução das imagens capturadas em um aparelho de televisão, permitindo que os presentes tenham acesso a um dos maiores clássicos do futebol mundial, mesmo há aproximadamente 5.282 km de distância do estádio Santiago Bernabeu, local da realização da partida.

Portanto, a partir da imagem apresentada, é possível pensar sobre a inclinação do migrante a aludir, na constituição de seus lugares (no local de destino), às suas referências, vivências, experiências e memória de sua terra natal, visto que as vontades dos migrantes girariam sempre em torno dos referenciais espaciais e culturais vividos pelo ser do migrante, de modo que a narrativa existencial, ou a segurança ontológica possa ser mantida (DAL GALLO, 2011), afinal, os *custos* sociais e emocionais do desenraizamento geográfico necessitam ser mitigados, na busca de uma constante conciliação com o novo ambiente.

Decorre daí a necessidade de nos atentarmos para o conceito e/ou compreensão do que seja *lugar*.

Conforme Carlos (1996, p.20) “é no lugar que se desenvolve a vida em todas as suas dimensões”. Prossegue a autora ressaltando que são as relações que criariam os sentidos dos

lugares, na medida que o lugar só pode ser compreendido em suas referências, que por sua vez seriam produzidas por um conjunto de sentidos, sendo estes impressos pelo uso (CARLOS, 1996). Mas, afinal, ao que realmente estamos nos referindo quando nos remetemos ao termo *lugar*?

Para responder a essa pergunta valer-nos-emos novamente de Carlos (1996), quando autora destaca que o lugar é o mundo do vivido, onde se formulam os problemas da produção no sentido amplo, isto é, o modo como é produzida a existência social dos seres humanos, visto que o lugar permite pensar o viver, o habitar, o trabalho, o lazer enquanto situações vividas, revelando, no nível do cotidiano, os conflitos do mundo moderno.

Assim, o lugar seria a base da reprodução da vida e poderia ser analisado e compreendido a partir da tríade habitante-identidade-lugar. Nesse sentido, as relações que os indivíduos mantêm com os espaços habitados se exprimem nos modos de uso, nas condições mais banais, no secundário e no acidental. É o espaço passível de ser sentido, pensado, apropriado e vivido através do corpo. Decorre daí a necessidade de considerar o corpo, pois é através dele que o homem habita e se apropria do espaço, mediante os modos de uso (CARLOS, 1996).

Nesse contexto, nos lembra Corrêa (2002) que as ideias, habilidades, linguagem, relações em geral, propósitos e significados comuns a um dado grupo social são elaborados e reelaborados a partir da experiência, contatos e descobertas. Disso decorreria a necessidade de se analisar o significado dos saberes, técnicas e crenças de um dado grupo, traduzidos em representações e práticas, as quais dão sentido à vida do grupo (CORRÊA, 2002).

Daí advém o papel precípua da geografia cultural ressaltado por Corrêa (2002), ou seja, analisar os significados que os diversos grupos sociais atribuem, em seu processo de existência, aos objetos e ações em suas espaçotemporalidades.

Talvez, por isso, caiba aqui a advertência feita por Ortega (2000), quando a autora afirma que o espaço geográfico está unido ao tempo, sendo uma construção social que muda com a dimensão temporal, tornando-se produto e produtor de relações sociais e não um espaço físico inerte.

Nessa mesma linha de raciocínio, Tuan (1975) nos lembra o seguinte: o lugar é um centro de significância construído pela experiência do sujeito.

Carlos (1996) reforça a ideia anterior, ao ressaltar que o caminho que se abre à análise é pensar o cotidiano, que é tecido pelas maneiras de ser, conjunto de afetos, as modalidades do vivido, próprios a cada sujeito que habita certo lugar, produzindo uma multiplicidade de sentidos.

Desta forma, poderíamos dizer, a partir de Dal Gallo (2011) que o sentido do lugar é, então, uma construção vivenciada e, assim, conceber a migração de estudantes através dos lugares permite alcançar a geografia migrante desses sujeitos, geografia esta concretizada por um ser migrante em sua trajetória e travessia de uma condição de “estar-entre” perpassada pela transitoriedade ontológica.

Nesse sentido, Carlos (1996) chama a atenção ao lembrar o seguinte: é preciso levar em conta que a história (e a história de cada migrante) tem uma dimensão social que emerge no cotidiano das pessoas, no modo de vida, no relacionamento com o outro, entre estes e o lugar, no uso.

A partir do exposto, acreditamos que o futebol e o pertencimento clubístico podem desempenhar os seguintes papéis no cotidiano do estudante/torcedor migrante:

- a) Estímulo à conexão transnacional entre o migrante e sujeitos não migrantes, sejam familiares, amigos, torcedores do mesmo clube, etc. Assim, o futebol e o pertencimento clubístico se colocariam como *motivos* (entre vários outros)

para a comunicação entre os estudantes/torcedores deslocados e sujeitos que permaneceram no lugar de origem. Tal conexão seria facilitada pelas Novas Tecnologias de Informação e Comunicação, com destaque para os Smartphones, mediante os quais os estudantes/torcedores podem manter contato com pessoas que se encontram há milhares de quilômetros de distância.

- b) Contribuição quanto à manutenção de vínculos com o lugar de origem, *diminuindo a distância* entre este o lugar de destino. Para o estudante/torcedor migrante o futebol e o pertencimento clubístico podem ser mediadores importantes quando se vislumbra o lugar de origem. Assim, seriam pontes através das quais os sujeito deslocado manteria conexões com o clube de futebol para o qual torce.
- c) Constituição de tempos/espços de sociabilidade e lazer, estimulando a coexistência intercultural. Com isso, o futebol e o pertencimento clubístico podem se constituir enquanto fatores que levem os estudantes/torcedores brasileiros a se relacionarem com outros atores sociais, quer seja com outros estudantes migrantes (brasileiros ou não) ou com qualquer outro perfil de pessoa, como os nativos por exemplo.
- d) Reconhecimento identitário. Partimos do entendimento de que o futebol e o pertencimento clubístico são importantes referenciais identitários dos estudantes/torcedores migrantes e, portanto, capazes de contribuir quanto ao reconhecimento identitário em terras estrangeiras.
- e) Configuração de uma linguagem capaz de mediar a comunicação entre estudantes/torcedores brasileiros e os demais sujeitos no cotidiano. Nesse sentido, acreditamos que o futebol pode facilitar de certa forma a comunicação entre falantes de línguas diferentes, já que as *regras do jogo* são as mesmas em qualquer lugar do mundo.

### 3. Apito final... e em seguida a prorrogação

Consideramos que a tarefa de relacionar os elementos propostos nesta reflexão (*pertencimento clubístico no futebol, migração estudantil internacional e lugar*) foi algo bastante interessante e ao mesmo tempo relevante, tendo em vista que entendemos tais aspectos (futebol e pertencimento clubístico) como importantes referenciais e, portanto, significativos, para estudantes/torcedores brasileiros que estão, estiveram ou estarão no exterior, em razão da sua participação em algum programa de intercâmbio estudantil.

Assim, o que nos propusemos foi tentar, de certo modo, fazer algumas aproximações entre tais aspectos, a partir de alguns autores que temos utilizado como suporte para a tese em curso no Doutorado Interdisciplinar em Estudos do Lazer da Universidade Federal de Minas Gerais.

Dessa forma, no bojo do presente texto, voltamos nosso olhar para o estudante brasileiro que se desloca para outro país e cidade, para além de nossas fronteiras nacionais, ou seja, que migra com finalidades educacionais, encontrando-se, em muitos casos (como, por exemplo, na Austrália) distante do seu *lugar* de origem e, inevitavelmente, em um *lugar* sempre diferente de onde advém.

Acreditamos que esse sujeito, caso tenha o futebol e o pertencimento clubístico como algo presente e relevante em sua vida, levará *na alma e na mala* esses dois referenciais, independentemente das fronteiras que tenha ultrapassado e do lugar onde *agora* está.

## Referências

- BORGES, L.H.A. **Do complexo de vira latas ao homem genial**: o futebol como elemento constitutivo da identidade brasileira nas crônicas de Nelson Rodrigues, João Saldanha e Armando Nogueira. Brasília: Dissertação de Mestrado, Universidade de Brasília. Departamento de História, 2006.
- CARLOS, A.F.A. **O lugar no/do mundo**. São Paulo: Hucitec, 1996.
- COLLINS, R. **Sociological insight**. New York, Oxford University Press, 1992.
- \_\_\_\_\_. **Interaction Ritual Chain**. New Jersey: Princeton University Press, 2004.
- CORRÊA, R.L. A geografia cultural e o urbano. In: CORRÊA, R.L.; ROSENDAHL, Z. **Introdução à geografia cultural**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.
- DAL GALLO, P. M. Lugar e identidade na experiência migrante: entre eventualidade e transitoriedade. **Geograficidade**, v.01, n.01, Inverno 2011, p. 44-58.
- DAL GALLO, P. M.; MARANDOLA JUNIOR, E. J. O METODO DO DIARIO: buscando a experiência de ser migrante. **Ateliê Geográfico**. Goiânia-GO, v. 4, n. 3, ago/2010, p.173-185.
- DAMO, A. S. **Do dom à Profissão**: a formação de futebolistas no Brasil e na França. São Paulo: Aderaldo & Rithschild Ed., Anpocs, 2007.
- DESIDÉRIO, E. J. **Migração internacional com fins de estudo**: o caso dos africanos do programa estudante-convênio de graduação em três universidades públicas no Rio de Janeiro. 2006. Dissertação (Mestrado em Estudos Populacionais e Pesquisas Sociais) – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), Rio de Janeiro, 2006.
- ENTRIKIN, J. Nicholas. O humanismo contemporâneo em Geografia. **Boletim Geografia Teorética**, Rio Claro, v. 10, n. 19, p. 5-30, 1980.
- GIGLIO, S. S. **FUTEBOL**: Mitos, ídolos e heróis. 2007, 160 f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2007.
- GIULIANOTTI, R. **Sociologia do Futebol**: Dimensões históricas e socioculturais do esporte das multidões. São Paulo: Nova Alexandria, 2002.
- GOELLNER, S. V. As atividades corporais e esportivas e a visibilidade das mulheres na sociedade brasileira do início deste século. **Movimento**, Rio Grande do Sul, v. 5, n. 9, p. 47-57, 1998.
- \_\_\_\_\_. Mulher e esporte no Brasil: entre incentivos e interdições elas fazem história. **Pensar a Prática**, Goiás, v. 8, n. 1, p. 85-100, jan./jun. 2005.
- GIDDENS, Anthony. **Modernidade e identidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.
- JUNIOR, N. J. S.; MELO, V. A. Violentos e desordeiros: representações de dois clubes do subúrbio na imprensa carioca (década de 10). **Rev. Bras. Educ. Fís. Esporte**, São Paulo, v. 27, n. 3, p. 411-22, jul./set. 2013.
- KNIGHT, J. Internationalization remodeled: definition, approaches and rationales. **Journal of Studies in International Education**, v. 8, n. 1, 2004.
- LLOPIS-GOIG, R. Identificación con clubes y cultura futbolística en España. Una aproximación sociológica. **RICYDE. Rev. int. cienc. deporte**. Madrid, 33(9), 236-251, 2013.
- MARANDOLA JR, E; GALLO, D. Ser migrante: implicações territoriais e existenciais da migração. **R. bras. Est. Pop.** Rio de Janeiro, v. 27, n. 2, p. 407-424, jul./dez. 2010.
- MARANDOLA JR., E. Insegurança existencial e vulnerabilidade no habitar metropolitano. **Caderno de Geografia**, Belo Horizonte, v.18, n.29, p.39-58, 2008.
- MASCARENHAS, G. O futebol no Brasil: reflexões sobre paisagem e identidade através dos estádios. In: DELOIZY, F.B; SERPA, A. **Visões do Brasil**: Estudos Culturais em geografia. Salvador: EDUFBA e Edições L' Harmattan, 2012.

- MASSEY, Doreen. **Pelo Espaço: Uma Nova Política da Espacialidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2009.
- OJIMA, R. et al. Migrações internacionais motivadas por estudo: uma análise sociodemográfica dos estudantes estrangeiros radicados no Brasil. **Revista PerCursos**. Florianópolis, v. 15, n.28, p. 166 – 189. jan./jun. 2014.
- ORTEGA, Graciela Uribe. Identidade cultural, território e lazer. In: SESC/WLRA. **Lazer numa sociedade globalizada**. São Paulo: SESC, 2000. p. 165-178.
- SILVA NETTO, G.M. **Pertencimento Clubístico: uma avaliação da produção socioantropológica e novas possibilidades analíticas**. Anais do 36º Encontro Anual da Anpocs, Águas de Lindóia, 2012.
- TUAN, Yi-Fu. Place: an experiential perspective. **The Geographical Review**, v.6, n.2, p. 151-165, 1975.
- VOGEL, A. O momento feliz – Reflexões sobre o futebol e o ethos nacional. In DaMATTA, R. et all. **Universo do Futebol: Esporte e Sociedade Brasileira**. Rio de Janeiro: Pinakotheke, 1982.
- XAVIER DE BRITO, A. Habitus de migrante: Um conceito que visa captar o cotidiano dos atores em mobilidade espacial. Brasília, **Revista Sociedade e Estado**, V. 25, N. 3, Setembro/Dezembro, p.431-464, 2010.

## A SISTEMATIZAÇÃO DO ENSINO DO FUTSAL NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA

### *THE SYSTEMATIZATION OF TEACHING FUTSAL IN PHYSICAL EDUCATION CLASSES*

Mariana Nunes de Carvalho<sup>161</sup>  
Marcos Gonçalves Maciel<sup>162</sup>

**Resumo:** A sistematização é compreendida como o processo de organização e distribuição dos conteúdos de ensino ao longo do processo escolar. Assim sendo, o objetivo deste trabalho foi investigar sobre essa temática quanto a modalidade esportiva Futsal, nas aulas de Educação Física Escolar no 3º ciclo do ensino fundamental. Este estudo caracteriza-se como sendo qualitativo, descritivo e transversal. A escolha das escolas e dos professores seguiu uma perspectiva intencional. Para a coleta dos dados foi usado um questionário semiestruturado; sendo definida uma amostragem por saturação. A interpretação dos resultados foi realizada pela análise de conteúdo e pela estatística descritiva. Participaram da pesquisa oito professores de Educação Física, cinco homens e três mulheres, com média de idade de 41,5 anos ( $\pm 12,3$ ), com um tempo médio de experiência docente de 17,2 anos. Em geral, os docentes não realizam a sistematização do ensino do Futsal, devido a problemas organizacionais e estruturais encontrados no ambiente escolar. Conclui-se que há a necessidade de se refletir sobre a adoção dessa temática nas aulas de Educação Física escolar, tendo em vista o processo ensino-aprendizagem do Futsal.

**Palavras-chave:** futsal; ensino fundamental; sistematização; conteúdos.

**Abstract:** The systematization is understood as the process of organization and distribution of educational content throughout the school process. Therefore, the objective of this study was to investigate on this issue as the sport Futsal, in physical education classes in the 3rd cycle of basic education. This study is characterized as qualitative, descriptive and cross. The choice of schools and teachers followed an intentional perspective. For data collection was used a semi-structured questionnaire; It is defined by a sampling saturation. Interpretation of the results was performed by content analysis and the descriptive statistics. The participants were eight physical education teachers, five men and three women with a mean age of 41.5 years ( $\pm 12.3$ ), with an average of 17.2 years of teaching experience. In general, teachers do not realize the systemization of the Futsal teaching, due to organizational and structural problems encountered in the school environment. We conclude that there is a need to reflect on the adoption of this theme in the lessons of Physical Education, in view of the teaching-learning process Futsal.

**Keywords:** futsal; elementary school; systematization; content.

---

<sup>161</sup> Grupo de Estudos de Ócio de Desenvolvimento Humano. Universidade do Estado de Minas Gerais – Unidade Ibirité. E-mail: [mnc7@hotmail.com](mailto:mnc7@hotmail.com)

<sup>162</sup> Grupo de Estudos de Ócio de Desenvolvimento Humano. Universidade do Estado de Minas Gerais – Unidade Ibirité.

## 1. Introdução

O ensino dos diversos conteúdos da Educação Física Escolar deveria seguir uma sequência ou sistematização ao longo do processo de escolarização, conduzindo o aluno a experiências agradáveis, despertando o interesse pela sua prática. Todavia, segundo Rosário e Darido (2005), esses conteúdos são distribuídos sem nenhuma sistematização, sendo apresentados de forma desordenada ou aleatória, ou seja, são transmitidos de forma geral sem critérios pedagogicamente consistentes. Esse fato tende a proporcionar uma deficiência no desenvolvimento das habilidades motoras e técnicas dos diversos conteúdos ministrados por essa disciplina durante a educação básica.

De acordo com Kawashima, Souza e Ferreira (2009), sistematizar os conteúdos da Educação Física Escolar nada mais é do que organizá-los de modo coerente ao longo dos anos escolares, considerando as características dos alunos como nível de desenvolvimento motor, idade, sexo, experiências prévias. Para tanto, segundo esses autores, essa disciplina necessita de propostas pedagógicas que justifiquem sua existência e permanência na matriz curricular da escola; ademais, a sistematização dos conteúdos da Educação Física Escolar pode contribuir para alcançar esse fim.

Conforme Voser e Giusti (2002) nos primeiros anos do ensino fundamental, o esporte deve ser aplicado sempre na perspectiva lúdica com enfoque nas habilidades motoras básicas. Todavia, o ensino desses conteúdos deve ser pautado em uma sistematização ao longo da educação básica, devendo-se evitar sua escolha aleatória e de forma assistemática.

O Futsal como uma das modalidades esportivas a ser desenvolvida nas aulas de Educação Física Escolar, também deveria seguir essa proposta, tendo em vista, ser uma dessas modalidades mais praticadas nesse ambiente em todo o país. Considerando esses aspectos, o objetivo deste trabalho foi investigar se professores de Educação Física adotam uma sistematização para o ensino do Futsal no 3º ciclo do ensino fundamental.

## 2. Procedimentos metodológicos

Este estudo é caracterizado como qualitativo, descritivo, exploratório (THOMAS; NELSON; SILVERMANN, 2007). A escolha das escolas e dos profissionais de Educação Física foi intencional. Adotou-se como instrumento para a coleta dos dados, um questionário semiestruturado, contendo informações sociodemográficas dos participantes e de questões referentes à temática investigada. Como critério de inclusão para a participação na pesquisa, estipulou-se que os professores deveriam atuar no 3º ciclo do ensino fundamental.

O estudo foi conduzido segundo as normas do Conselho Nacional de Saúde (466/2102), envolvendo pesquisas com seres humanos. Inicialmente, foi feito um contato com as escolas que atendessem os critérios de inclusão, para se obter a anuência. Posteriormente, para conseguir o número de voluntários necessários, realizou-se uma visita aos professores elegíveis; os que aceitaram participar da pesquisa assinaram o termo de consentimento livre e esclarecido.

Um estudo piloto foi realizado com cinco professores para testar a compreensão sobre as questões abordadas, foram feitas modificações necessárias de acordo com as respostas dos docentes, para uma elaboração final e a aplicação definitiva do questionário.

Após a escolha dos participantes, a pesquisadora entregou aos mesmos o questionário para a coleta dos dados, marcando o melhor dia para a sua devolução, pois alegaram não ter tempo para responder adequadamente as perguntas durante o horário das aulas. Foi usada a

técnica de saturação para a interrupção da coleta (CRESWELL, 2007). Para a interpretação dos dados foi realizada a análise de conteúdo (BARDIN, 1997) e a estatística descritiva.

### 3. Resultados e discussão

Participaram da pesquisa, oito professores de Educação Física, de escolas localizadas próximas à região em comum entre os municípios de Contagem e de Belo Horizonte/MG, sendo cinco do sexo masculino e três do sexo feminino, com média de idade de 41,5 anos ( $\pm 12,3$ ). O tempo de experiência docente foi de 17,2 anos, variando de seis a 33 anos. Quanto ao tipo de escola que atuam, três lecionam em escolas estaduais e os demais em municipais. Quanto ao ter cursado alguma pós-graduação, somente um professor não fez; um não respondeu; sendo os demais, tendo se especializado em nível *Lato Sensu*, nas áreas de Psicomotricidade, Educação Física escolar, Psicologia da educação, Treinamento Esportivo, Fisiologia do exercício/Cinesiologia, Educação Física escolar adaptada e saúde.

Quanto ao entendimento dos professores sobre o objetivo da sistematização do conteúdo de ensino, somente um não respondeu adequadamente a essa questão, compreendendo-a como a “adequação didática de cada etapa da modalidade a ser desenvolvida”. Mutti (2003, p. 5) relata que didática é “o conjunto de recursos técnicos que mira a aprendizagem do educando, objetivando levá-lo a atingir um estado de maturidade que o capacite a deparar-se com a realidade, de maneira consciente, equilibrada e eficiente”. Esse mesmo autor declara que a didática trata em como transmitir os conhecimentos adquiridos por meio de métodos lógicos de investigação. Portanto, a definição apresentada por esse participante não está correta em relação à literatura.

Considerando o entendimento sobre em que consiste a sistematização, de acordo com Kawashima, Souza, Ferreira (2009, p. 458), “[...] sistematizar os conteúdos da Educação Física escolar nada mais é do que organizá-los de modo coerente com cada nível de ensino”; segundo Antunes e Dantas (2010, p. 206) a sistematização é entendida “como o processo em que um conjunto de princípios entrelaçados numa ligação lógica, formando um todo harmônico”, ou seja, é a elaboração do planejamento de ensino de acordo com certas especificidades quanto ao processo ensino-aprendizagem.

Ao se perguntar aos docentes sobre quais conhecimentos necessários para se programar a sistematização do ensino do Futsal, foi identificado: domínio do conteúdo ensinado – regras; tática e técnica; experiência; conhecimento das habilidades motoras; as fases de desenvolvimento do sujeito. De acordo com Mutti (2003), Greco e Silva (2008) algumas das características que devem ser observadas para o ensino de uma modalidade esportiva coletiva são: idade; sexo; experiência com a modalidade; nível/estágio de aprendizagem motora; características físicas (maturação, biótipo, fisiológicas) e psicológicas; interesse do grupo; domínio da modalidade. Considerando as respostas dadas pelos entrevistados e as apresentadas pela literatura da área, percebe-se uma coerência entre as mesmas.

Foi perguntado aos participantes se realizam a sistematização do ensino do Futsal em suas aulas. A maioria dos professores, seis, respondeu que adotam esse procedimento; um disse que não realiza; e outro relatou que parcialmente. O professor que não a realiza, alegou que há uma elevada rotatividade e infrequência dos alunos na rede pública, na qual trabalha, inviabilizando a realização da sistematização. O docente que afirmou que a adota parcialmente, argumentou que depende das condições oferecidas pelas escolas, infraestrutura física e/ou material para fazê-la.

Todavia, embora cientes dessas questões, conforme Rosário e Darido (2005), Kawashima e Branco (2008) a realidade no ambiente escolar demonstra que o ensino do esporte na escola é trabalhado de forma desorganizada, sem a devida continuidade e a evolução necessária ao processo ensino-aprendizagem. Pois, normalmente, os docentes acabam não desenvolvendo de forma sistematizada os conteúdos, repetindo-os da mesma forma ao longo de toda a educação básica. Antunes e Dantas (2010) também apontam a ausência de iniciativas de desenvolvimento e estruturação dos conhecimentos a serem ensinados na EFE, e quando existem, não estão explicitadas como esses são conhecimentos sistematizados.

Kawashima e Branco (2008) relatam que se deve sempre procurar sistematizar determinada modalidade respeitando as características e individualidades de cada aluno, partindo sempre do processo do mais fácil para o difícil; do simples para o complexo; do conhecido para o desconhecido. Esses mesmos autores apresentam uma proposta do ensino dos conteúdos do Futsal para o 3º ciclo, a saber: 1) *Fundamentos técnicos*: a) 7ª série – Habilidades específicas (drible, finta e cabeceio); Sistemas: ofensivos: 1.2.1; defensivos: zona (habilidade: marcação); contra-ataque. 8ª série – Habilidades específicas (antecipação e proteção de bola); Funções específicas de cada jogador (incluir habilidades do goleiro); Sistemas: ofensivos: 2.2; defensivos: zona e individual contra-ataque. 2) *Procedimentos didáticos* (para ambas as séries) – Incentivar aos alunos construir seus próprios jogos à partir de materiais ou objetivos sugeridos pelo professor; tarefas (circuitos de atividades); brincadeiras; jogos reduzidos (mini jogos); jogos adaptados; jogos com unidade de jogo; jogos sem unidade de jogo; utilização de vídeos e textos sobre o assunto; observação de jogos ao vivo ou pela televisão; elaboração de painéis de exposição na escola, sobre diversos temas acerca dos conteúdos trabalhados no futsal.

Complementando esses apontamentos, ainda que contemplado de maneira indireta por Greco e Silva (2008), o ensino de uma modalidade esportiva coletiva, deve compreender os seguintes elementos: 1) *Estrutura substantiva* (o quê ensinar) – compreende as capacidades inerentes do rendimento esportivo. Essas capacidades, por sua vez, determinam os conteúdos a serem programados e ministrados para desenvolver as competências das crianças e adolescentes ao longo do tempo, de forma direcionada a oportunizar posteriormente as decisões sobre como será a prática do esporte na idade adulta. Essa estrutura abrange os diferentes níveis de rendimentos em esportes, sendo composta pelas capacidades: a) biotipológicas (genótipo e fenótipo); b) motoras (condicionais: força e resistência; coordenativas; mistas: velocidade e flexibilidade); c) técnicas; d) táticas; e) psicológicas (cognitivas, volitivas, emocionais); f) socioambientais. 2) *Estrutura temporal* (quando ensinar) – se constitui de quatro etapas: a) formação; b) transição; c) decisão; d) readaptação. Essas etapas apresentam internamente diferentes fases relacionadas: pedagógica, didática e metodologicamente entre si. Assim, tanto as etapas quanto as fases que as constituem apresentam objetivos específicos. Estes por sua vez, são determinados, por exemplo, na interação de fatores como idade cronológica, a experiência, a cultura corporal de movimentos, a maturidade biológica. Os objetivos específicos de cada etapa estão concatenados e se relacionam entre si constantemente. As etapas apresentadas, portanto, permeiam uma visão sequencial necessária que deve ser considerada. 3) *Estrutura pedagógico-metodológica* (como ensinar) – propõe uma prática educacional do esporte que oportuniza a formação da personalidade do sujeito através do esporte, do processo de ensino-aprendizado. A aprendizagem do aluno ocorre de forma implícita (incidental), através da sequência de jogos e atividades que o professor oportuniza, mas de forma altamente intencional, sistematizado e orientado com a progressão das dificuldades para a compreensão do jogo que se oferece ao aluno.

Kawashima e Branco (2008), Santana (2002) relatam que para o ensino fundamental os conteúdos do Futsal desenvolvidos deverão contemplar: domínio do corpo, habilidades básicas, manipulação de bola, passe, recepção, drible, finalização, habilidades específicas do futsal; domínio, controle, condução, chute, cabeceio, passe, drible, finta, marcação, antecipação, proteção de bola e habilidades do goleiro e sistemas.

Outra questão abordada por este estudo, diz respeito à sistematização do ensino e sua relação com os aspectos didático-pedagógicos. Assim, foi perguntado aos participantes desta pesquisa, quais desses aspectos consideram mais relevantes para o ensino do Futsal ao longo do 3º ciclo do ensino fundamental. As respostas corretamente relacionadas a essa questão se referiam a: “coordenação motora dos alunos”, “material disponível”, “espaço físico adequado”, “planejamento”. Todavia, também, foram citadas respostas que não estavam coerentes com o proposto pela literatura consultada, como: “inclusão”, “ludicidade”, “trabalho coletivo”, “posicionamento”.

De acordo com Mutti (2003) os aspectos didáticos pedagógicos para o ensino do Futsal podem ser classificados por: 1) Definição dos objetivos (geral/específicos); 2) Competência e habilidades a serem alcançados; 3) Planejamento das aulas; 4) Escolha dos conteúdos (aspectos técnicos e táticos) e recursos materiais; 5) Escolha dos métodos de ensino; 6) Definição das estratégias didáticas; 7) Definição das estratégias avaliativas; 8) Características dos alunos. Percebe-se que há uma distinção entre os aspectos didático-pedagógicos que balizam uma aula, e a escolha de estratégias que serão adotadas para o seu desenvolvimento.

Para além dos aspectos procedimentais do ensino do Futsal, isto é, buscando compreender como essa modalidade esportiva é desenvolvida de forma educacionalmente ampliada, foi perguntado aos docentes quais dimensões de ensino eram enfatizadas em suas aulas quanto a esse conteúdo. No entanto, três participantes não a responderam, e, nenhum dos que a responderam a fizeram de forma totalmente correta. Esse fato demonstra uma falta de clareza dos participantes quanto aos aspectos conceituais que envolvem a temática.

Segundo os PCN (BRASIL, 1997) as dimensões de conteúdos são classificadas em atitudinal, conceitual e procedimental. Assim sendo, ao longo de todo o ensino fundamental, os professores deveriam distribuir/sistematizar os conteúdos pertinentes a cada dimensão considerando as características de cada faixa etária, que por sua vez, está vinculado aos aspectos maturacionais, motores, cognitivos e psicológicos dos educandos. Os PCN indicam que as dimensões de conteúdo deveriam ser desenvolvidas de forma a promover:

[ ] valorização dos procedimentos sem restringi-los ao universo das habilidades motoras e dos fundamentos dos esportes, incluindo procedimentos de organização, sistematização de informações, aperfeiçoamento, entre outros. Aos conteúdos conceituais de regras, táticas e alguns dados históricos factuais de modalidades somam-se reflexões sobre os conceitos de ética, estética, desempenho, satisfação, eficiência, entre outros. E, finalmente, os conteúdos de natureza atitudinal são explicitados como objeto de ensino e aprendizagem e propostos como vivências concretas pelo aluno, o que viabiliza a construção de uma postura de responsabilidade perante si e o outro. Essa explicitação minimiza a construção de valores e atitudes, por meio do chamado currículo oculto. propõe-se, ainda, a inclusão de conteúdos conceituais, procedimentais e atitudinais relativos aos próprios processos de aprendizagem, visando à construção de uma autonomia para aprender a aprender (BRASIL, 1997, p. 45).

Conforme Kawashima, Souza, Ferreira (2009) a Educação Física Escolar necessita de propostas pedagógicas que justifiquem sua existência e permanência na matriz curricular. Para esses autores, a sistematização dos conteúdos pode contribuir para torná-la mais próxima

da dinâmica da cultura escolar e assim contribuir para o seu reconhecimento entre a comunidade acadêmica.

Uma última questão contemplada neste estudo, que permeia o processo de sistematização do ensino do Futsal, diz respeito ao aspecto avaliativo. Perguntou-se aos docentes se eles realizavam algum procedimento avaliativo quanto ao ensino desse conteúdo. Como respostas, identificou-se que metade dos participantes não adota nenhuma estratégia de avaliação para verificar o desenvolvimento dos alunos quanto à aprendizagem do conteúdo Futsal. A outra metade relatou que realiza uma avaliação, porém, de forma não sistematizada e estruturada, baseando-se, sobretudo, em observações sem registro, e sem critérios definidos, claros e coerentes com os objetivos que uma avaliação deveria apresentar.

Os PCN (BRASIL, 1997, p. 59) consideram que a avaliação é um procedimento importante, tanto para o aluno como para o professor, ou seja, serve para dimensionar os avanços e as dificuldades dentro do processo de ensino-aprendizagem, e torná-lo eficiente e eficaz. Ainda segundo esse documento, os instrumentos de avaliação deverão atender à demanda dos objetivos educativos expressos na seleção dos conteúdos, e também, conforme as distintas dimensões de ensino.

A avaliação é uma tarefa didática necessária e permanente do trabalho docente, que deve acompanhar passo a passo o processo de ensino-aprendizagem. Através dela os resultados que vão sendo obtidos no decorrer do trabalho conjunto do professor e dos alunos são comparados com os objetivos propostos a fim de constatar progressos, dificuldades, e reorientar o trabalho para as correções necessárias.

Esse documento classifica de forma geral, três propostas de avaliação, a diagnóstica, a processual, e a final. Os PCN destacam que a predominância das intenções avaliativas deverá ocorrer seguindo, preferencialmente, uma perspectiva processual, ou seja, facilitar a observação do aluno no processo de construção do conhecimento.

Segundo os PCN (BRASIL, 1997), a avaliação processual das dimensões de ensino deverá ser integrada, podendo ter momentos formalizados que enfatizem uma ou outra de suas dimensões. Outra relevante questão a ser elencada, refere-se aos instrumentos adotados para o desenvolvimento do processo avaliativo. Conforme esse documento, esses instrumentos estão diretamente relacionados à abordagem dos conteúdos em função dos objetivos propostos (BRASIL, 1997).

Esse documento propõe que os professores poderão adotar diversos instrumentos de avaliação para cada conteúdo, e, também, conforme os objetivos específicos ministrados, por exemplo: 1) fichas de acompanhamento do desenvolvimento pessoal; 2) relatório de uma atividade em grupo ou fichas de observação com critérios definidos sobre a participação e a contribuição no desenvolvimento de algumas atividades em grupo; 3) relatório de apreciação de um evento esportivo ou de um espetáculo de dança, onde determinados aspectos fossem ressaltados; 4) ficha de avaliação do professor quanto à capacidade do grupo de aplicar as regras de um determinado jogo, reconhecendo as transgressões e atuando com autonomia; 5) dinâmicas de criação de jogos, produção e transmissão para outros grupos. Portanto, o constante contato com o aluno e a observação direta permite o uso de instrumentos variados para analisar facetas diferenciadas do desempenho do aluno, favorecendo orientações para a tomada de decisão docente.

#### **4. Considerações finais**

Este trabalho teve como objetivo investigar a sistematização para o ensino do Futsal no 3º ciclo do ensino fundamental. Sistematizar esse conteúdo é o ato de organizá-lo de forma

coerente com os diferentes estágios de desenvolvimento dos alunos, pautando-se em quatro princípios básicos: objetivo, conteúdo, estratégia e avaliação. No entanto, para além da organização da aprendizagem, o movimento aprendido deve possuir algum significado para o aluno (aprendizagem significativa), e isto só será possível quando as dimensões dos conteúdos são tratadas conjuntamente. Aponta-se que, para um ensino de qualidade, há necessidade não somente de variar os conteúdos dessa modalidade esportiva, mas também de tratá-los com profundidade em uma abordagem que envolva os diferentes aspectos que podem propor diferentes sentidos e variações de sua forma de se jogar na escola.

A sistematização do Futsal deve ser progressiva em relação à complexidade, no qual os conteúdos devem ser contemplados ao longo do ensino fundamental. Todavia, deve-se mudar o nível de complexidade em cada série escolar, isto é, seguir o princípio da espiralidade, em detrimento da linearidade do processo ensino-aprendizagem. Embora esse aspecto seja relevante, o conteúdo Futsal não se limita à simples aprendizagem, sobretudo, de habilidades motoras, mas devem focar, também, o desenvolvimento de competências cognitivas, afetivas e sociais. Portanto, deve superar o reducionismo da ideia do seu ensino ser, prioritariamente, o gesto motor, isto é, as diferentes técnicas ou fundamentos que o compõe.

Os resultados encontrados neste estudo demonstram que os participantes, em sua maioria, apesar de adotarem a sistematização do conteúdo do Futsal em suas aulas, não seguem as orientações contidas na literatura da área, ou seja, contemplando uma intencionalidade e os aspectos didático-pedagógicos necessários para o desenvolvimento adequado do processo ensino-aprendizagem. Diversos fatores foram identificados para encontrar essa realidade, desde uma falta de clareza conceitual sobre a temática, às questões estruturais limitantes apresentadas pelas escolas, como a rotatividade dos alunos nas aulas, à carência de recursos físico-materiais.

Talvez o fato mais relevante diagnosticado pelo estudo, foi a confirmação da ausência entre os professores de Educação Física, da cultura de promover adequadamente a sistematização dos conteúdos dessa área de conhecimento. Portanto, o que se percebe nessas aulas é a repetição dos mesmos conteúdos ao longo de toda a educação básica, sem o devido desenvolvimento dos mesmos em termos de complexidade e aprofundamento, tornando-os em uma mesmice, isto é, à uma simples repetição de movimentos estereotipados e destituídos de quaisquer valor pedagógico. Esse fato contribui para desmotivar a participação dos alunos nas aulas, bem como para desvalorizar no meio escolar a importância que essa aula possui.

Todavia, a proposta de uma sistematização não tem por finalidade pautar-se em um modelo pronto, pelo contrário, deve ser flexível, considerando o contexto encontrado, norteando a ação pedagógica docente. Assim, a distribuição dos conteúdos de forma organizada e o planejamento prévio de suas ações são de fundamental importância para uma adequada intervenção docente.

Enfim, segundo nossa análise, a incorporação da sistematização, não deveria apresentar uma concepção fechada e rígida. Para a docente, este processo se constrói e se modifica ao longo dos anos, sofrendo adaptações e transformações constantemente, através de suas análises e reflexões. Sendo que, a experiência lhe atribuiu maior segurança para a construção de tal proposta. Entretanto, a ausência desses procedimentos pode comprometer o processo ensino-aprendizagem e formativo do aluno.

**Agradecimentos:** Marcos G. Maciel recebe bolsa de estudo para o doutorado da Fundação de Amparo a Pesquisa do Estado de Minas Gerais (FAPEMIG – PCRH 90402/14).

## Referências

- ANTUNES, Fabia Helena Chiorboli; DANTAS, Luiz. Sistematização do conhecimento declarativo em educação física escolar de 5<sup>a</sup> à 8<sup>a</sup> séries do ensino fundamental. **Rev. Brasileira de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v.24, n.2, p.205-21, abr./jun. 2010. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbefe/v24n2/v24n2a05.pdf>>; Acessado em: 13 de jun. 2013.
- BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. Edições 70. 2011.
- BRASIL. Ministério da Saúde Conselho Nacional de Saúde. Resolução Nº 466, de 12 de dezembro de 2012. Disponível em: <[http://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/cns/2013/res0466\\_12\\_12\\_2012.html](http://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/cns/2013/res0466_12_12_2012.html)>; Acessado em: 28 de jun. 2016.
- BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: Educação Física**. Brasília, 1998. v. 7.
- CRESWELL, Jonh W. **Projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto**. 2 ed. Porto Alegre: Artmed, 2007.
- GRECO, Pablo Juan; SILVA, Siomara, A. **A metodologia de ensino dos esportes no marco do programa segundo tempo**, p. 81-111. (In): Amauri Aparecido Bássoli de Oliveira; Gianna Lepre Perim (ORG). Fundamentos pedagógicos para o programa segundo tempo. 2<sup>a</sup> edição. Maringá: eduem, 2008, 296 p.
- KAWASHIMA, Larissa Beraldo; SOUZA, Laura Beraldo; FERREIRA, Lilian Aparecida. Sistematização de conteúdos da educação física para as séries iniciais. **Motriz**, Rio Claro, v.15 n.2 p.458-468, abr./jun. 2009. 11f. Disponível em: <<http://www.periodicos.rc.biblioteca.unesp.br/index.php/motriz/article/view/2161/2392>>; Acessado em: 18 de fev. 2011.
- KAWASHIMA, Larissa Beraldo; BRANCO, Maíra de Freitas. A pedagogia do Futsal no contexto educacional da escola. **Revista Digital – Buenos Aires – Año 13, nº 119**, abril, 2008. Disponível em: <<http://www.periodicos.rc.biblioteca.unesp.br/index.php/motriz/article/view/2161/2392>>. Acessado em: 23 de ago. 2011.
- LOPES, Alexandre Apolo da Silveira Menezes. **Futsal: metodologia e didática na aprendizagem**. São Paulo: Phorte, 2004.
- MINAS GERAIS. **Conteúdos Básicos Comuns**. Secretaria Estadual de Educação de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2006.
- MUTTI, Daniel. **Futsal: Da iniciação ao alto nível**. 2<sup>a</sup> edição. São Paulo: Phorte, 2003.
- RÉ, Alessandro Hervaldo Nicolai. **Desempenho de adolescentes no Futsal: relações com medidas antropométricas, motoras e tempo de prática**, 2007. Tese (Doutorado) - Escola de Educação Física e Esporte, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.
- ROSÁRIO, Luís Fernando Rocha; DARIDO, Suraya Cristina. A sistematização dos conteúdos da educação física na escola: a perspectiva dos professores experientes. **Motriz**, Rio Claro, v.11 n.3 p.167-178, set./dez. 2005. Disponível em: <<http://www.rc.unesp.br/ib/efisica/motriz/11n3/10LRF.pdf>>; Acessado em: 10 de abr 2011.
- SANTANA, Wilton Carlos. **Futsal ou futebol de salão? Uma breve resenha histórica**. 2002. Seção Apontamentos. Disponível em: <<http://www.pedagogiadofutsal.com.br>>; Acessado em: 10 de abr 2011.
- SOUZA, Vinícius Morais de. **Métodos de ensino do futsal na Educação Física Do ensino fundamental**. 53 fls. Monografia, licenciatura em Educação Física. Fundação Helena Antipoff, Ibirité, 2011.

TENROLLER, Carlos Alberto; MERINO, Eduardo. **Métodos e planos para o ensino dos esportes**. Canoas: Ed.: ULBRA, 2006, 204 p.

VOSER, Rogério da Cunha. **Iniciação ao Futsal, abordagem recreativa**. 3º ed. Canoas, 2004.

VOSER, Rogério da Cunha; GIUSTI, João Gilberto. **O Futsal e a escola: uma perspectiva pedagógica**. Porto Alegre: Artmed, 2002.

THOMAS, Jerry R.; NELSON, Jack K.; SILVERMANN, Stephen J. **Métodos de pesquisa em atividade física**, 5ª ed. Porto Alegre: Artmed, 2007.

## UMA ANÁLISE POLÍTICO-ECONÔMICA CRÍTICA DO FUTEBOL: POTENCIALIDADES DE ESTUDOS A PARTIR DA EPC

### *A POLITICAL ECONOMIC ANALYSIS OF FOOTBALL: POTENTIAL STUDIES FROM EPC*

Irlan Simões da Cruz Santos<sup>163</sup>  
Anderson David Gomes dos Santos<sup>164</sup>

**Resumo:** Esse artigo tem o objetivo de apresentar as possibilidades de estudo do futebol a partir da Economia Política da Informação, da Comunicação e da Cultura (EPC), em diálogo com esse tradicional campo de estudos da Comunicação Social (dentre outras áreas) no Brasil e na América Latina. Primeiramente apresentaremos o histórico da EPC; para posteriormente tratarmos sobre o campo de estudos brasileiros sobre o futebol, a fim de detectar os pontos com pouca abordagem nos sentidos propostos. Com isso, exporemos estudos já existentes e mostraremos potenciais temas de análise.

**Palavras-chave:** Futebol; Economia Política da Comunicação; Cultura; Esportes; Propostas de estudo.

**Abstract:** This article aims to presents the possibilities of football studies from the Political Economy of Information, Communication and Culture, in dialogue with this traditional field of Social Communication's field (among other areas) in Brazil and Latin America. Firstly will be presented a historical review of EPC; than treat on the field of Brazilians studies of football, to detect points with little approach in the proposed way. This way, will be shown studies already done and potential study analysis.

**Keywords:** Football; Political Economy of Communication; Culture; Sports; Study Proposals.

### 1. Introdução

Os estudos da Economia Política da Informação, da Comunicação e da Cultura – doravante EPC, sigla como é conhecido este eixo teórico-metodológico interdisciplinar – já se apresentam com um alto grau de consolidação dentro da academia brasileira, mostrando-se como área de grande relevância na cátedra de diversas disciplinas e com pesquisadores brasileiros como referências na construção desse campo de estudos em toda a América Latina. Paralelamente ao seu desenvolvimento, nas últimas décadas os estudos sobre o futebol no Brasil mostraram uma considerável ampliação qualitativa e quantitativa, atingindo diversas áreas do saber e, paulatinamente, consolidando seus espaços institucionais.

<sup>163</sup> Mestrando no Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) e jornalista graduado em Comunicação Social pela Universidade Federal de Sergipe. E-mail: [iirlansimoes@gmail.com](mailto:iirlansimoes@gmail.com)

<sup>164</sup> Professor da Unidade Santana do Ipanema/Campus Sertão da Universidade Federal de Alagoas (UFAL). Graduado em Comunicação Social, jornalismo, pela UFAL, mestre no Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS) e membro do grupo de pesquisa Comunicação, Economia Política e Sociedade (CEPOS). E-mail: andderson.santos@gmail.com

São quadros bem positivos para os pesquisadores interessados. Porém, em que pese a superação das possíveis limitações enfrentadas por esses dois “campos”, o que temos até aqui é que o diálogo entre eles ainda é muito frágil. O objetivo desse artigo é exatamente fazer uma ponte entre a EPC e os estudos do futebol no Brasil, num prosseguimento dos esforços que empreendemos desde o ano de 2014.

Num primeiro artigo (SANTOS; SANTOS, 2015), buscamos apresentar ao corpo dos pesquisadores filiados aos estudos da EPC como o futebol se constituía como um objeto não apenas interessante para a aplicação dos pressupostos teórico-metodológicos do campo, mas igualmente como uma parte preponderante para compreender o desenvolvimento da Indústria Cultural em nível global. Naquele esforço o foco era pensar o estudo do futebol dentro da Comunicação Social, na qual a EPC é uma escola de peso, que constituía algumas especificidades diante dos estudos gerais desse esporte em especial.

Aqui nessa nova oportunidade buscaremos deslocar o alvo, apresentando ao corpo dos pesquisadores do futebol – em toda a sua pluralidade e heterogeneidade – a viabilidade de uma abordagem político-econômica crítica do futebol. Mostraremos o potencial da aplicação desses arcabouços conceituais para a interpretação de diversos fenômenos que relacionam futebol, política, economia, cultura e sociedade; de modo a munir o já extenso conteúdo sobre o tema no Brasil.

Ao que segue, desenvolveremos três etapas do artigo. No primeiro ponto, trataremos da Economia Política da Comunicação e Cultura, de modo a apresentá-la brevemente aos pesquisadores com menor intimidade com o campo. Posteriormente faremos um levantamento do histórico do estudo do futebol no Brasil, de modo a perceber as lacunas abertas para os recortes teóricos que aqui estamos propondo. Por fim, apresentaremos as interfaces do estudo da EPC com os estudos do futebol, expondo tanto os estudos já desenvolvidos anteriormente, como as potenciais temáticas que muito ganhariam com uma abordagem político-econômica crítica nos marcos que estamos sugerindo.

## **2. Apresentando a Economia Política da Informação, da Comunicação e da Cultura**

Ainda que os estudos em Economia Política da Informação, da Comunicação e da Cultura no mundo tenham indicações ainda nos anos 1960, criados num intuito de se analisar a economia de setores de comunicação, consideraremos para este artigo apenas o desenvolvimento deste campo na América Latina<sup>165</sup>.

A EPC se desenvolve no nosso subcontinente a partir dos anos 1980, com o avançar dos estudos críticos sobre a influência althusseriana, numa proposição de retornar à análise da sociedade a partir dos estudos de Marx. Desta volta, surgiram os Estudos Culturais e a EPC, que posteriormente traçaram caminhos distintos, entre estudos particulares e gerais. Esses debates internos do campo crítico dos estudos da comunicação se arrastam até os dias de hoje, com diversas tentativas de diálogo e novos momentos de tensionamento. Fizemos essa discussão em Santos e Santos (2016), onde apresentamos esses pontos e propusemos, igualmente, uma reaproximação das duas escolas para fortalecer os estudos do futebol.

Na perspectiva do campo econômico, a EPC representa uma avançar crítico às Teorias do Desenvolvimento e da Dependência, desenvolvidas nas décadas de 1950 a 1970. O texto que marca o início de seus estudos no Brasil é “A questão do público de televisão no Brasil: reflexões sobre a pesquisa de Lintas”, publicado em 1987, pela Intercom-Revista Brasileira de

<sup>165</sup> Mota e Santos (2015) consideram que a EPC tem três grandes escolas no mundo: América Latina, América do Norte e Europa. As diferenças estão tanto no entendimento de como as indústrias culturais funcionam, assim como em determinados conceitos, a partir do viés marxista, casos de trabalho e mercadoria.

Ciências da Comunicação. Autor do artigo, o jornalista César Ricardo Siqueira Bolaño, desenvolve uma “teoria marxista da comunicação” na pós-graduação em Economia da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), de forma independente ao realizado na Comunicação em outros países.

Os anos 1990 e a primeira metade dos anos 2000 serviram para o avançar, inclusive organizacional, deste subcampo científico. São importantes neste processo a criação de grupos de trabalho na Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação (Intercom) e na Asociación Latinoamericana de Investigadores de la Comunicación (ALAIIC), que deram origem à Rede de Economia Política das Tecnologias de Informação, Comunicação e Cultura (Rede EPTIC), que em 1999 criará a Revista Internacional EPTIC Online e articulará a União Latina de Economia Política da Informação, da Comunicação e da Cultura (ULEPICC), associação criada em 2002 (MOTA; SANTOS, 2015).

A EPC é uma teoria interdisciplinar, que dialoga, dentre outras áreas, com a Sociologia, a História, as Ciências Políticas, mas que tem como base conceitual a Crítica à Economia Política, agregada a análises próprias das Ciências Econômicas e da Comunicação, para estudar as indústrias culturais.

Uma das definições mais utilizadas é a de Mosco (2009, p. 48), cuja tradução apresentamos a seguir:

Pode-se conceber a economia política como o estudo das relações sociais, particularmente as relações de poder, que constituem mutuamente a produção, a distribuição e o consumo dos recursos. [...] Ademais, a economia política tende a centrar-se num conjunto específico de relações sociais organizadas ao redor do poder ou da capacidade para controlar outras pessoas, processos e coisas, inclusive no caso da resistência. Isto conduziria ao economista político da comunicação a observar as formas cambiantes de controle ao largo do circuito da produção, distribuição e consumo.

Em termos de objetivos, Bolaño (2008, p. 109) indica que “o problema que trata a EPC é o da extensão da lógica capitalista para o terreno da Comunicação e da Cultura”, sendo este distinguido devido às especificidades do trabalho cultural, tendo como uma de suas características fundamentais o caráter aleatório de realização dos bens culturais.

A EPC desenvolve-se no Brasil especialmente para os estudos relacionados ao mercado de televisão (aberta e fechada), especialmente a partir de estudos dos pesquisadores César Bolaño e Valério Cruz Brittos, com avanço em determinados momentos para análises voltadas também ao rádio e à internet, observando as estratégias dos diversos agentes envolvidos e as determinantes estruturais (políticas, econômicas e tecnológicas) (BOLAÑO, 2004), além da relação com outras indústrias, que atuam com infraestrutura ou passam a ser novos agentes no mercado comunicacional.

Santos e Santos (2015, p. 385) apresentam alguns dos diferentes conceitos que surgiram desta teoria para analisar diferentes mídias:

[...] importando termos da teoria econômica para o estudo das indústrias culturais, casos de barreiras e estruturas de mercado, análise da concorrência e padrões de produção. Dentre eles, destaque para a aplicação da mercadoria audiência, entendida como o produto especial “que caracteriza a Indústria Cultural e que lhe dá peso específico na articulação do conjunto do sistema capitalista nos nossos dias” (Bolaño, 2000, p. 215), já que é ela que atrai os interesses do capital e do Estado.

Com o avançar das décadas, a relação entre comunicação, cultura e economia fica ainda mais intrincada, como fica claro com a maior presença do negócio em elementos culturais. É o caso claro do futebol, que acabou por não receber significativa tanta atenção nesses quase 30 anos de consolidação da EPC latino-americana, apresentando-se como um objeto com amplas possibilidades de estudo.

Assim, reafirmamos o intuito de apontar a EPC, em diálogo com outros estudos das Ciências Sociais e Humanas, como ferramenta importante para “entender o funcionamento da gigantesca máquina de produção de mercadorias (dos jogadores e partidas aos produtos oficiais) que se construiu a partir do futebol, com destaque para a presença da Indústria Cultural nisso” (SANTOS; SANTOS, 2016, p. 393).

### 3. Estudos do futebol no Brasil

Antes de tratar das possibilidades concretas, temas e subtemas de estudo do futebol a partir da EPC, cabe repassar brevemente o campo dos estudos deste esporte no Brasil, a fim de detectar as lacunas que indicamos ter nos levado a elaborar este artigo.

É sabido que o futebol atravessou um longo tempo sendo considerado um “tema menor” na academia brasileira. Ao menos até o período da redemocratização do país no final da década de 1970, que proporcionou que a produção científica adotasse outros vieses epistemológicos e temáticos (SILVA, 2009), o futebol era alvo de pouquíssima produção intelectual. A maior parte do conteúdo que se mostrava disponível era de caráter não-científico, como romances, crônicas e material de cunho jornalístico. Inclusive por conta disso, ainda hoje há discussões sobre a validade do uso desse material para se repensar o futebol brasileiro daquela época.

Da mesma forma, o tema também enfrentava um “descaso” das Ciências Sociais. Segundo Helal (2011), as poucas produções sobre a temática estavam mais voltadas a leituras althusserianas, muito por conta dos usos políticos sobre o futebol, feitos pelo regime civil-militar que se iniciou na década de 1960. A matriz de origem crítica – que inclusive está na raiz da EPC – partia de um pressuposto de combate às formas de “aparelhos ideológicos do Estado”, e por conta disso acabou por ter difusão limitada e pouco interessada na interpretação do fenômeno do futebol para além das suas apropriações propagandísticas.

Esse “descaso” só seria superado em meados dos anos 1980, quando estudos de diversas linhas da Antropologia e Sociologia se debruçariam sobre o tema do futebol para entendê-lo como elemento da cultura nacional. Helal (2011) destaca nomes como DaMatta, Neves Flores, Guedes e Vogel, responsáveis pela fundação de uma “sociologia do esporte” brasileira, quando do lançamento da coletânea *Esporte na Sociedade: um Ensaio Sobre o Futebol Brasileiro*, em 1982. A partir deles diversas outras vertentes do estudo do futebol se abrem, com escopos e teorias distintas.

Hoje o futebol já superou tais limitações e já pode ser estudado a partir de produções de alto nível em áreas como Antropologia, Sociologia, História, Geografia, Comunicação Social e Educação Física. Essas áreas, em geral, têm elaborado estudos que superam os limites tradicionais de suas disciplinas, com produções vinculadas a diversos grupos de pesquisa. Esses grupos estão espalhados por todo o território nacional, com variados objetivos teóricos. A partir do levantamento protagonizado pelo Grupo de Estudo sobre Futebol e Torcidas (GEFUT/UFMG) (SILVA et. al, 2009), pode-se considerar que a produção acadêmica nacional sobre o tema é consistente e ampla. Há uma boa quantidade estudos enquadrados na categoria de “espetáculos esportivos”, que, segundo os autores, trata de “trabalhos que se debruçassem sobre temas referentes à análise do futebol enquanto negócio e suas relações com consumo e administração deste produto” (Ibid., p.5).

Ainda que a análise econômica tenha ganhado seu espaço, inclusive já contando com trabalhos seminiais, como é o caso de *Esporte-Espectáculo e Futebol-Empresa*, de Marcelo Proni (1998), e mais recentemente *A Virada Econômica do Futebol*, de Antônio Holzmeister Cruz (2010); ainda são abordagens que não contemplam os objetivos de uma análise político-

econômica crítica do futebol.

Tratando especificamente da Comunicação Social, talvez a área mais propensa a acolher estudos da EPC, um levantamento feito por Wilson da Costa Bueno (2011) a partir do Diretório dos Grupos de Pesquisa registrados no CNPq até agosto de 2011, trouxe um panorama que ilustra um pouco dessa pluralidade. Segundo o autor, em pesquisa a partir das palavras e conceitos-chave fortes na área, foram encontrados 82 grupos de pesquisa, sendo que 52 deles estão vinculados a departamentos de Educação Física e apenas 6 vinculados à própria Comunicação.

É possível que esse panorama tenha se alterado até o ano atual, mas ainda é possível traçar algumas análises sobre o campo. É o caso de atentar às assertivas de Helal (2011) e Gastaldo (2011), quando avaliavam a fragilidade institucional da pesquisa do futebol na Comunicação Social; que tem sido brevemente revertida a partir da formação do GP de Comunicação e Esporte da Intercom. Da mesma forma, são frequentes os eventos que convergem pesquisadores de distintas áreas, que passam a agregar a um amplo corpo de estudos do futebol brasileiro.

Os megaeventos esportivos podem ser vistos como fatores que incentivaram e proporcionaram a formação de novos grupos de pesquisas nas universidades, assim como favoreceram o lançamento de dossiês temáticos de revistas consagradas, o que deu evidência a muitos trabalhos. Num período de 10 anos, foram realizados no Brasil três eventos de caráter internacional. Iniciado em 2007 com os Jogos Panamericanos no Rio de Janeiro, que foram percebidos como elemento de crescimento da área; as análises e o maior reconhecimento dessa temática cresceu ainda mais com a Copa do Mundo 2014 e as Olimpíadas 2016, fortalecendo, inclusive, leituras críticas.

Ao que pudemos averiguar, nenhum desses grupos de estudos que se debruçam sobre o futebol, seja em termos gerais ou dentro da Comunicação Social, dialoga diretamente com a EPC brasileira, o que corrobora o nosso esforço proposto aqui. Entendemos que trata-se de uma lacuna que é necessário preencher tanto para potencializar esses estudos brasileiros, como um filão muito interessante de pesquisas que provavelmente produzirão conclusões de caráter inédito sobre o esporte mais amado do mundo.

Vejamos então o que já foi produzido até aqui em termos de uma EPC para o futebol, e quais as formas de abordagem podem ser feitas, considerando a amplitude dessa temática que ano após ano apresenta novidades e alterações na sua estrutura global.

#### **4. Desafios e interfaces de um estudo da EPC com o futebol**

Em levantamento realizado em Santos e Santos (2015), verificou-se que ainda não há material extenso sobre futebol na EPC brasileira. O esporte aparece em poucos momentos, com maior presença a partir de 2011 devido a trabalhos pontuais de conclusão de curso e de Mestrado. Até então, o esporte aparece com o viés da EPC em dois trabalhos de Bolaño (1999; 2003) sobre a capoeira, em que se destaca o esporte cumprindo “funções mais próximas às da esfera pública burguesa clássica, para transformar-se, depois, em indústria cultural” (BOLAÑO, 2003).

Até o dossiê temático “Estudos Críticos, Comunicação e Esportes” publicado na primeira edição de 2016, a Revista EPTIC Online, principal e mais antigo periódico científico sobre a EPC no mundo e editado na Universidade Federal de Sergipe (UFS), só haviam sido publicados 5 artigos que tratam em algum momento de futebol, sendo, ainda segundo Santos e Santos (2015), apenas 2 os que se debruçaram sobre este tema numa perspectiva crítica.

Esses poucos estudos não dialogam totalmente em termos de referências históricas.

Esse é um dos principais desafios da empreitada proposta, uma vez que é preciso inclusive filtrar quais os escopos teóricos – dentro do amplo campo de pesquisas no Brasil – realmente possuem pontos de convergência com uma possível EPC do Futebol. Como já dissemos em outra oportunidade:

É necessário articular uma bibliografia básica que dê cabo de servir como uma coluna vertebral dos estudos do futebol na EPC. Essa base comum daria subsídios para que os múltiplos estudos que viessem a ser produzidos não destoassem quanto ao entendimento das etapas de desenvolvimento da indústria do futebol até aqui (SANTOS; SANTOS, 2015, p. 392).

Esse adendo é aqui entendido como central. Uma vez que o campo de estudos do futebol já está consolidado, não é de se espantar que venha se compondo de matrizes teóricas, e mesmo políticas, de várias origens e colorações. Compor um arcabouço teórico com base historiográfica e sociológica coerente capacitaria a consolidação de uma possível “Crítica à Economia Política do Futebol brasileiro”. Garantir essa estrutura básica permitirá a abertura de canais de diálogo com outras áreas que já se debruçam sobre os estudos do futebol e seus efeitos nas cidades contemporâneas.

A atualização de leituras mais clássicas, que datam de períodos em que a estrutura do futebol era distinta da atual, também é um outro desafio. É preciso olhar esses estudos como produtos de seus tempos, por óbvio incapazes de oferecer trilhas e chaves teóricas que contribuam com o entendimento do futebol dos tempos atuais. Isso porque:

As novas relações de poder refletem um complexo cenário de disputa de interesses que envolvem, dentre outros: empresas que agenciam carreira de atletas; grandes fornecedoras de material esportivo; empresas especializadas em eventos e gestoras de Arenas Multiuso; anunciantes pontuais e parceiros/patrocinadores; e mesmo as próprias federações, que adotam estratégias cada vez mais sofisticadas de negócios. Desta forma, esses atores precisam ser compreendidos a partir dos estudos da concorrência. Seus interesses, muitas vezes antagônicos e conflituosos, dão a tônica das principais mudanças históricas relativas à estrutura internacional do futebol (SANTOS; SANTOS, 2015, p. 389).

Igualmente desafiador seria estabelecer um acordo epistemológico e um quadro conceitual comum para designar diferentes momentos históricos de desenvolvimento da indústria do futebol. Nesse caso, detectar os momentos-chave que geraram mudanças significativas na estrutura produtiva desse bem cultural, salientando os descompassos espaço-temporais. É o caso de se analisar a primeira metade do século XX, que marcou o longo processo de admissão do profissionalismo do jogador, e as relações globalizadas em que os ditames macroeconômicos se sobrepõem drasticamente à “ordem” do jogo – caso do futebol midiático e da formação de uma elite de ligas que concentram recursos e os melhores jogadores.

Esses eventos históricos se dão de forma descentralizada, ainda que a indústria do futebol pareça cada vez mais articulada, considerando inclusive com a atual “elasticidade” dos variados atores econômicos que a compõem. Analisar movimentos mais amplos e compreendê-los dentro de realidades mais específicas requer um acompanhamento sistemático desses aparentemente pequenos movimentos que impactam toda a cadeia produtiva.

De todo modo, o atual arcabouço teórico da EPC brasileira e latino-americana já apresenta avanço considerável, mostrando-se muito útil para desenvolver algo especificamente para o futebol. Em especial, podemos considerar as contribuições consideráveis para o estudo das transformações ocorridas nos anos 1970/80, com a crescente desregulamentação financeira e a ampliação das tecnologias de telecomunicações, que terá ainda maior crescimento a partir dos anos 1990 com o desenvolvimento da internet e de suas

ferramentas comunicacionais, que possibilitam maior tráfego de dados em tempo real. São marcos históricos que tiveram impactos profundos no futebol e já foram satisfatoriamente estudados dentro do campo da EPC, casos de estudos dedicados ao capital financeiro (ROCHA; SANTOS, 2014), à indústria fonográfica (V. SANTOS, 2012) e à indústria audiovisual (BRITTOS, 2001; MARTINS; DE MARCHI, 2012), à indústria fonográfica e à Economia Política da Internet (BOLAÑO; HERSCOVICI; VASCONCELOS; CASTAÑEDA, 2011). Em sentidos macroeconômicos, até onde avançamos, esses estudos garantem a compreensão de diversos elementos que dão base à investigação da indústria do futebol.

Esse panorama corrobora os nossos objetivos primeiros. Com tantas possibilidades em aberto, o próprio campo de uma “Crítica à Economia Política do Futebol” está em aberto, sedento de contribuições e temáticas de estudo que possam complementá-lo e torná-lo suficientemente consistente, ao ponto de servir de referências de outras áreas de estudos que se usufruam dele. O convite que aqui fazemos, portanto, é também para a composição de um corpo de pesquisadores que se debruce na própria formação desse campo de estudos.

Um panteão teórico consolidado de uma “Crítica à Economia Política do Futebol” seria de suma importância para alimentar estudos de variadas vertentes dentro do futebol. Numa perspectiva introdutória deste esforço, os trabalhos e a parceria dos autores deste artigo servem como pontapé inicial para tal empreitada. De nível epistemológico, destacamos um artigo sobre a utilização da EPC e dos Estudos Culturais para estudos ligados ao futebol (SANTOS; SANTOS, 2016) e outro artigo, aqui já citado, em que buscamos trazer possibilidades de estudos para a EPC tendo o futebol como objeto de estudo (SANTOS; SANTOS, 2015). Além de estudos individuais de ambos, um deles de A. Santos (2014) sobre as possibilidades de estudo sobre o jornalismo esportivo a partir da EPC, e os que aplicaram a este eixo teórico-metodológico para estudar a apropriação televisiva do futebol a partir do caso da Rede Globo e o Campeonato Brasileiro de Futebol (A. SANTOS, 2013) e a mudança com as novas arenas (CRUZ SANTOS, 2014).

Fora do Brasil esse esforço já vem sendo feito de forma bem interessante. Para além de uma extensa bibliografia de base crítica sobre a economia do esporte em todo o mundo (que, inclusive, também buscam dialogar EPC e estudos culturais), na Inglaterra os trabalhos de Arniban Karak (2015) e da dupla David Kennedy e Peter Kennedy (2010) têm apontamentos semelhantes aos que propomos. Guardadas às devidas proporções e disparidades, é possível apreender elementos interessantes dessas experiências, inclusive como apontamentos futuros para o futebol brasileiro, uma vez que esses autores se debruçam sobre os fenômenos que ocorrem no epicentro financeiro da indústria.

A ampliação geográfica da indústria do futebol vem sempre inaugurando novos momentos interessantes de investigação acadêmica, na qual a EPC pode oferecer importantes e concisos conceitos e arcabouços teóricos que contribuem com o entendimento desses fenômenos. Os novos fenômenos mercadológicos, que mudam o caminho países subdesenvolvidos-Europa para a ida de jogadores de futebol – casos dos Estados Unidos, em suas duas fases, com a chegada de Pelé e, posteriormente, de David Beckham; e os fenômenos mais recentes de China e Índia – só são possíveis de serem observados a partir de uma visão macroeconômica. Como é algo em desenvolvimento, e passível de comparação com outros esportes, abrem uma direção para novos estudos ainda maiores, sendo a EPC uma ferramenta teórica importante para tal análise, dada a sua interdisciplinaridade.

## 5. Conclusão

Como pudemos ver ao longo de todo, o artigo a análise político-econômica crítica do

futebol se faz importante em diversos sentidos. Por um lado, poderá cumprir uma lacuna existente nos estudos do futebol brasileiro, em que pese a sua consolidação e dimensão qualitativa e quantitativa; por outro lado, poderá trazer elementos teóricos e metodológicos ainda ausentes para determinados temas de análise. Nesse caso, útil para complementar abordagens teóricas que poderiam ser munidas de um escopo que desse conta de uma leitura do processo de produção, circulação e consumo das tantas mercadorias que estão relacionadas ao futebol.

Desde o espetáculo presencial, até produtos ligados aos clubes e, principalmente, no ponto de vista do espectro midiático, cada vez mais sofisticado e presente no dia-a-dia das pessoas. A EPC já dispõe de extensa produção teórica para proporcionar um maior crescimento qualitativo do campo dos estudos do futebol no Brasil.

O futebol é um objeto inesgotável de estudos, tanto pela sua dimensão global de atração de um público que praticamente inexistente em qualquer outro produto cultural, quanto pela sua configuração mercantilizadora, conflituosa, sempre cambiante e contraditória. Se por um lado podemos avaliá-lo do ponto de vista de uma indústria de lucros exorbitantes, com atores econômicos em constante mudança – cujos interesses privados ora se estabelecem do ponto de vista financeiro, ora do ponto de vista político –; também podemos investigá-lo enquanto um campo de disputas das pessoas comuns. Seja por rejeição à sua extrema mercantilização, seja pela tentativa de manutenção de culturas de sociabilidade já estabelecidas, essas em frequente conflito com os interesses desses atores econômicos.

Da mesma forma, acreditamos ter atingido o objetivo de inspirar o interesse pelo estudo crítico da cultura e da comunicação em jovens pesquisadores, tão necessário para a compreensão de um mundo em mudança constante, com alterações de padrões de produção, trabalho e vivências cada vez mais velozes e complexas.

Acreditamos que o estudo crítico é crucial para a conquista e a manutenção de direitos sociais muito caros, que volta e meia estão ameaçados pela lógica voraz e implacável da captura capitalista da natureza e de todos os aspectos da vida humana. Uma lógica que ao passo que avança na sua necessidade básica de transformação de tudo em mercadoria, também proporciona exclusão e expropriação daqueles que, como é o caso do próprio futebol, são responsáveis diretos pela própria criação e construção desses bens.

## Referências

- BOLAÑO, César. A capoeira e as artes marciais orientais. **Candeeiro**, Aracaju, v. 3, p. 51-56, out. 1999.
- BOLAÑO, César Ricardo Siqueira. A centralidade da chamada Economia Política da Comunicação (EPC) na construção do campo acadêmico da comunicação: uma contribuição crítica. In: BOLAÑO, César (Org.). **Comunicação e a Crítica da Economia Política: Perspectivas teóricas e epistemológicas**. São Cristóvão: Editora UFS, 2008.
- BOLAÑO, César R. S. Esporte e Capoeira. Identidade Nacional e Globalização. **Candeeiro**, Aracaju, v. 9-10, p. 33-42, out. 2003.
- BOLAÑO, César. **Mercado Brasileiro de Televisão**. São Cristóvão: Universidade Federal de Sergipe; São Paulo: EDUC, 2004.
- BOLAÑO, César; HERSCOVICI, Alain; VASCONCELOS, Daniel; CASTAÑEDA, Marcos. **Economia Política da Internet**. 2.ed. São Cristóvão: EDUFS, 2011.
- BRITTOS, Valério Cruz. **Capitalismo contemporâneo, mercado brasileiro de televisão por assinatura e expansão transnacional**. 2001. 425f. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Culturas Contemporâneas, Universidade Federal da Bahia -

UFBA, Salvador, BA, 2001.

CRUZ, Antonio Holzmeister Oswaldo. **A virada econômica do futebol**: observações a partir do Brasil, Argentina e uma Copa do Mundo. 2010. 228 f. Tese (Doutorado em Antropologia) - Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2010.

CRUZ SANTOS, Irlan Simões. **“O público que devemos abolir”**: a elitização do futebol brasileiro e as novas arenas. 92 f. Monografia (Graduação) – Curso de Graduação em Comunicação Social, Universidade Federal de Sergipe – UFS, São Cristóvão, SE, 2014.

GASTALDO, Édison. Comunicação e esporte: explorando encruzilhadas, saltando cercas. **Comunicação, Mídia e Consumo**, v. 8, n. 21, p.11-37, mar. 2011.

HELAL, Ronaldo. Futebol e comunicação: a consolidação do campo no Brasil. **Comunicação, Mídia e Consumo**, v. 8, n. 21, p.11-37, mar. 2011.

KARAK, A. **Accumulation by Dispossession: A Marxist history of the formation of the English Premier League**. Disponível em: <<http://www.umass.edu/economics/sites/default/files/Karak.pdf>>. Acesso em: 12 mar. 2016.

KENNEDY, D; KENNEDY, P. Towards a Marxist political economy of football supporters. **Capital & Class**, v. 34, n. 2, 2010, p. 181-198.

MARTINS, João Martins Damasceno; DE MARCHI, Leonardo. Sobre a reestruturação das indústrias culturais no entorno digital: o estudo de caso do audiovisual e da fonografia. In: BRITTOS, Valério Cruz; KALIKOSKE, Andres (Orgs.). **Economia Política das Indústrias Culturais**: Comunicação, Audiovisual e Tecnologia. Porto (Portugal): Media XXI, 2012, p. 97-116.

MOSCO, Vincent. **La Economía Política de la Comunicación**: reformulación y renovación. Barcelona: Bosch, 2009.

MOTA, Joanne Santos; SANTOS, Anderson David Gomes dos. O avanço teórico-metodológico da Economia Política da Informação, da Comunicação e da Cultura a partir da Revista EPTIC Online. In: **Anais del Congreso de la ULEPICC**. Havana: ULEPICC, 2015.

PRONI, Marcelo Weishaupt. **Esporte-Espetáculo e Futebol-Empresa**. 1998. 275 f. Tese (Doutorado em Educação Física) - Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1998.

ROCHA, Bruno Lima; SANTOS, Anderson David Gomes dos (Orgs.). **Desvelando a farsa com o nome de crise**: uma análise do capital financeiro pela economia política. Porto Alegre: Deriva, 2014.

SANTOS, Anderson David Gomes dos. **A consolidação de um monopólio de decisões: a Rede Globo e a transmissão do Campeonato Brasileiro de Futebol**. 271 f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação, Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS, São Leopoldo, RS, 2013b.

SANTOS, Anderson David Gomes dos. Possibilidades de estudos da EPC para o jornalismo (esportivo). In: DOURADO, Jacqueline Lima (Org.). **Economia Política do Jornalismo**: campo, objeto, convergências e regionalismo. Teresina: EDUFPI, 2013c. p. 127-150.

SANTOS, Anderson David Gomes dos; MOTA, Joanne Santos. 10 anos da ULEPICC-Br: contribuições para a EPC a partir de seus eventos e sua práxis. **Revista EPTIC**, v. 7, n. 2, p. 57-75, maio-ago. 2015.

SANTOS, Anderson David Gomes dos; SANTOS, Irlan Simões da Cruz. Futebol e Economia Política da Comunicação: revisão de literatura e propostas de pesquisa. **Revista Redes.com**, n. 12, p. 378-395, jul.-dez. 2015.

SANTOS, Anderson David Gomes dos; SANTOS, Irlan Simões da Cruz. Economia Política e Estudos Culturais: discussão teórica e uma proposta de pesquisa para o futebol. **Revista Eptic**, v. 18, n. 1, p. 53-68, jan.-abr. 2016.

SANTOS, Verlane Aragão. Os Desafios e as Possibilidades do Uso das Novas Tecnologias no Campo da Música. In: SAID-HUNG, E. & BRÜNDLE, G. (Orgs.). **Las sociedades en red**:

libertad de expresión, consumo comunitario y desafíos profesionales y artísticos. Bogotá: Universidad del Norte, 2012, p. 53-61.

## UM GESTO ELEVADO: DEFININDO A POSIÇÃO DE AMADOR.

### *BOLD GESTURE DEFINING AMATEUR STATUS.*

Rodrigo Carrapatoso de Lima<sup>166</sup>

**Resumo:** Ao longo das primeiras décadas do século XX, os partidários do pretenso amadorismo no futebol começaram a combater o profissionalismo daqueles jogadores que “voavam” para outros clubes. O amadorismo, tido com o ato de não receber qualquer tipo de provento para exercer a atividade futebolística, era tratado como uma premissa fundamental a ser seguida. Defendia-se que o profissionalismo corrompia os valores educativos e morais. Qualquer interesse, seja pecuniário ou outro tipo de vantagem, corrompia o esporte e era digno de desconfiança. Na década de 30, o amadorismo foi se desfazendo e perdendo seu caráter tradicional, tendo suas marcas iniciais minadas pela realidade. Oficialmente, o amadorismo na Federação Pernambucana de Desportos permaneceu em vigor até 1937. Um ano antes um fato expressivo marcou a nova realidade da prática do futebol no Recife. Oriundo de uma família tradicional, um jogador participou na capital federal do famoso FLA-FLU. Após defender o tricolor carioca e ter participação decisiva na vitória deste, ele toma um *gesto elevado* definindo sua posição de amador. Enquanto se debatia a possibilidade de adoção do regime profissional em Pernambuco, para não macular sua condição de amador, ele decide devolver ao clube carioca o dinheiro recebido após a vitória.

**Palavras-chave:** futebol; profissionalismo; amadorismo; pernambuco.

**Abstract:** During the first decades of the 20th century, the supporters of the alleged amateurism in football began to fight the professionalism of those players who "fly" to other clubs. The amateurism, known as the act of not get any income to play any footballing activity, was treated as a fundamental premise to be followed. It was held the idea that the professionalism would corrupt educational and moral values. Any interest, either pecuniary or other advantage, would corrupt the sport and was worthy of suspicion. In the 30s, amateurism was crumbling and losing its traditional characteristics, having many of those undermined by reality. Officially, the amateurism in Pernambuco Sports Federation (Federação Pernambucana de Desportos) remained in force until 1937. A year before, a significant event marked the new reality of football practice in Recife. Coming from a traditional family, a footballer played in the Federal Capital the famous FLA-FLU. After playing for Fluminense and having a decisive role on its victory, he took a bold gesture defining his amateur status. Whilst debating the possibility of either adopt professionalism scheme or not in Pernambuco, in order to not sully his amateur status, he decides to give back to Fluminense the money he received after the victory.

**Keywords:** football; professionalism; amateurism; pernambuco.

---

<sup>166</sup> Mestre em História e Técnico em Assuntos Educacionais pela Universidade Federal de Pernambuco. E-mail: rodrigocarrapatoso@yahoo.com.br

## 1. Introdução

Nas duas primeiras décadas do século XX, a cidade do Recife, assim como outras cidades do país, atravessava um profundo processo de transformações urbanas e sociais resultantes das mudanças políticas e econômicas no Brasil. A chegada da República e a abolição da escravidão davam à nação ares de liberdade, igualdade, democracia e modernidade. Outras transformações viriam, ligadas aos ideais de modernidade e progresso, almejando os padrões de civilização, disseminados pelas grandes cidades europeias e que ocorriam de acordo com a expansão das práticas capitalistas.

A cidade do Recife, então, era o centro comercial e financeiro do Nordeste do Brasil revelando-se pólo irradiador dos novos valores modernistas, cosmopolitas, civilizadores e progressistas dessa região. A elite urbana recifense, composta, basicamente, das antigas famílias rurais, comerciantes, industriais e banqueiros, seguiam as tendências e modismos da Capital Federal, o Rio de Janeiro, e da Europa de modo geral.

Uma verdadeira revolução urbanística modernizadora estava em andamento no Recife. Com o crescimento bastante expressivo da população se fazia necessário a reorganização dos serviços de luz elétrica, abertura e calçamento de ruas e avenidas, de transporte, de higiene e saúde públicas. É significativo o crescimento de vários serviços urbanos que contribuíram para modernizar a cidade. As palavras de ordem eram “urbanizar, civilizar e modernizar” (REZENDE, 2000, p.51).

Na capital pernambucana do início do século XX era patente se mostrar próximo e íntimo aos avanços tecnológicos e infraestruturais da época. As classes dominantes da capital pernambucana desejavam estar sintonizadas com as mudanças que ocorriam nas grandes cidades do mundo, promovendo reformas urbanas e sanitárias. Nesse sentido, a preocupação com a estética era bastante recorrente. Exemplo disso é o seguinte apontamento:

*Toda a capital civilizada tem uma rua que é considerada como o expoente do seu adiantamento e por onde se pode aferir do grau de sua cultura. O Rio de Janeiro tem a Avenida Central e aliada a rua do Ouvidor nós temos a rua Nova. É o ponto de reunião dos elegantes e lugar onde as nossas gentis patrícias vão exhibir as suas toilettes, a rua onde estão localizados os estabelecimentos de diversões, as principais casa de moda, os cafés e até as livrarias, onde os literários da terra fazem a sua estação. É a rua Nova a principal artéria do Recife, o centro de sua civilização. [...] Muita cousa, porém ainda precisa fazer para que a rua Nova seja considerada o mais bello ponto do Recife moderno. Enquanto demorem allí os velhos e anti hygienicos pardieiros que afetam sua esthetica, a rua Nova continuará com o seu bolorento aspecto colonial. [...] Modernos já são os prédios da Casa Alemã (o mais importante dali), do Cinema Royal, da Casa Ingleza, da Sapataria Ingleza e alguns outros. [...] A maior parte, porém necessita de urgente remodelação: prédios baixos e feios, sobradinhos de edificação grotesca, ali estão a pedir a acção do martello e da picareta.[...] Era uma medida de que fazia juz aos maiores applausos. (O Recife Moderno: A rua Nova e os seus prédios, Jornal Pequeno, capa, 24 ago. 1915)*

Ocorreram também grandes transformações no dia-a-dia das pessoas. O espaço aberto agora era um ambiente concorrido. Antes ocupadas pelas camadas mais humildes, para seu sustento e divertimento, as ruas eram paulatinamente usadas por aqueles que as consideravam perigosas. As vias públicas passaram a ser frequentadas também pelas elites recifenses que viviam reclusas. Essa procura por novos espaços de convivência e sociabilidade atingiram também o futebol.

O cotidiano do Recife modificava-se. Seus moradores frequentavam novos locais de lazer e entretenimento. Os divertimentos públicos tomaram a cidade. Essa expressão, usada

por autoridades da época em documentos oficiais, englobavam desde festas de igrejas, bailes públicos, comemorações em datas cívicas, até os eventos esportivos como o futebol e o remo.

O modo como a expressão era usada na época sugere que os contemporâneos consideravam “divertimentos públicos” qualquer tipo de manifestação lúdica e recreativa que, não sendo proibida por lei, gerasse uma aglomeração de pessoas em determinado espaço da cidade. (COUCEIRO, 2003, p.55)

Reforçando a composição de um novo estilo de vida que se construía no Recife, na virada do século, o que se via era a generalização das práticas esportivas entre os altos círculos sociais, tais como o turfe, o remo, o ciclismo, a esgrima e o futebol. Este último, revestido de caráter elitista, sob uma visão mais atenta, teve suas partidas transformadas em espaços de sociabilidade da “nossa melhor sociedade”.

Já difundido no continente europeu, o futebol tem na recepção brasileira mais uma das modernidades a serem incorporadas. Havia transcorridos poucos anos após a Proclamação da República (1889) e a intenção era acompanhar os ideais europeus de civilidade.

[...] se notava considerável número de pessoas dando, como sempre, o tom de destaque: gentis mademoiselles que com seus risos constantes, emprestavam aquelle recanto sportivo maior graça e encanto. (Football. Diário de Pernambuco, p.03, 28 jul. 1915)

Atribuía-se ao futebol uma série de vantagens, tais como desenvolvimento do caráter, cavalheirismo, higienização dos corpos, coordenação dos movimentos. Dessa forma, o futebol tornava-se importante opção de lazer e de exercício físico, ganhando cada vez mais adeptos. “*A educação physica que não já muito era julgada sem importância, em nosso meio, tem se adiantado consideravelmente*” (Jornal do Recife, 08 ago.1915, pág. 05).

Como nas principais cidades brasileiras, em Recife, o futebol teve seu “começo” atrelado aos jovens endinheirados, estudantes de Medicina, Direito e Engenharia, industriais, grandes comerciantes e profissionais liberais que buscavam na prática futebolística, além de uma atividade física moderna e civilizada, uma distinção social e racial.

Nas duas primeiras décadas do século XX o futebol se tornou um modismo da “nossa melhor sociedade”. Os jogos eram verdadeiros eventos sociais com a presença também do público feminino que ostentavam suas *toilettes*. Assim, a parcela rica e elegante do Recife incutia ao futebol *status* de elegância e refinamento.

## 2. A resistência ao profissionalismo

Ao longo das primeiras décadas do século XX, na visão de parte de seus praticantes, a atividade futebolística era revestida por amor. O *sportman* estava engajado no futebol somente pelo prazer e benefícios físicos e mentais próprios e sociais derivados dele. Com base nos preceitos dos ingleses, o futebol era dito como um esporte capaz de ressaltar as virtudes dos homens: elegância, ética, aceitação e respeito às regras e aos códigos esportivos, em que os competidores são adversários esportivos e não inimigos.

Desde cedo, os partidários do pretense amadorismo no futebol começaram a combater o profissionalismo daqueles jogadores que “voavam” para outros clubes. Comparados às aves de arribação, os jogadores que trocavam de time são criticados por tal atitude.

É muito comum nos sertões, quando a secca se alastra em que não há grãos, nem fructas ou mesmos vermes na terra, devido ao calor excessivo, certas aves mudarem

de pousada. Phenomeno semelhante se dá no meio sportivo. Durante a temporada – o rigor do inverno – as victorias dos clubs prendem o sócio; elle é um grande defensor de suas cores. Quando, porém, os jogos terminam no que começam as férias sportivas – o calor do verão – alguns sócios, quaes outras paracys começam a arribar – muito lhes merece o título de aves de arribação. O Contrário, que succede a estas aves, que, terminado o vigor do verão, voltam a sua terra natal, muitos delas [sic] para o ninho, o contrario, repetimos, se da com os sócios de foot-ball, que, quando procuram novos horizontes, poucos delles voltam ao lar paterno. E é assim o nosso meio sportivo: há dessas ingratições. Que façam um exame na sua consciência aquelles que procuram nesta época o rumo de glorias que o seu club não lhe pode conferir. (A secca no sertão sportivo – As aves de arribação. *Jornal Pequeno*, 22 jan. 1918, p.02).

As notícias de mudança de clube por parte dos jogadores ganhavam as páginas dos jornais recifenses. Em uma delas, o futebolista acusado de ser uma ave de arribação escreve ao vespertino para se defender das “*pequenas injustiças*” e “*salvaguardar toda [...] dignidade de cidadão brasileiro e de verdadeiro sportman*”. A carta publicada na coluna de esportes deixa claro algumas características do amadorismo, orientado pelos valores da moral e identidade ao clube.

Tendo eu lido no *Jornal Pequeno* [...] que eu ia jogar na presente temporada sportiva pelo Varzeano, cumpre-me vir terminantemente negar tal notícia e vos asseverar [...] que sou cumpridor de minha palavra e que não sou ave de arribação para abandonar meu club – o Sport Club do Recife – pelo qual fui campeão este anno passado e ao qual tenho verdadeiro amor de verdadeiro sportman que me prése em ser (Uma carta do Sr. João Baptista do Sport. *Jornal Pequeno*, p.02, 28 jan.1918).

Além da chegada de jogadores de times recifenses, com o aumento do retorno financeiro, os clubes começaram a apostar em jogadores de outros estados, com mais experiência e prática futebolística. Essa prática era vista também como um passo para o profissionalismo, que poderia transformar o mundo sportivo numa “*verdadeira orgia, sem estabilidade e sem firmeza moral*”.

Existem muitos players que jogam exclusivamente pelo interesse, pela conveniência pessoal e mais nada. Existem também, muitos foot-ballers que jogam por amor ao club, sabendo ser sportmen. [...] É pois, muito provável, que este ou aquelle jogador abandone o seu club para ir disputar por outro, e ainda passe desse outro para outro..., que lhe ofereça mais vantagem monetária. Ora, [...] ficará provado que esse jogador não tem amor a club algum. Esta prova de volubilidade estrictamente condicional, não só provará o caracter interesseiro do player, como também deixara patente aos olhos de toda gente as suas tendências para o profissionalismo. (Foot-ball. *Jornal O Imparcial*, Rio de Janeiro, in *Jornal Pequeno*, p.02, 11 mar. 1919)

No entendimento do ideal amador os jogadores de futebol eram símbolos de desenvolvimento moral e físico. Visto como entretenimento da ociosidade, a prática do futebol não era compatível com o lucro. O amadorismo, tido com o ato de não receber qualquer tipo de provento para exercer a atividade futebolística, era tratada com uma premissa fundamental a ser seguida. Defendia-se que o profissionalismo corrompia os valores educativos e morais que foram implantados pelos ideais amadores.

Para os amadoristas, o futebol deveria ser praticado com amor, para o deleite do praticante. Qualquer outro interesse, seja pecuniário ou outro tipo de vantagem, corrompia o esporte e era digno de desconfiança. Os defensores do futebol como elemento regenerador através do desenvolvimento físico repudiavam esse tipo de comportamento: utilizar a prática do futebol como meio de se acumular capital.

De maneira contraditória, os clubes viam no campeonato um lugar de demonstração da

sua competência. Existindo, assim a necessidade de atestar suas façanhas honoríficas com troféus e medalhas. Gradativamente as amarras do amadorismo pareciam querer se arrebentar, contribuindo assim para o processo de profissionalização dos jogadores de futebol.

Com este processo, gastam-se rios de dinheiro, enfraquecem-se as finanças e energias dos clubs, acarretando para Pernambuco as criticas rudes dos centros desportivos do sul. Seriam muito mais pratico, muito mais louvável e nobre, que os *emporios importadores* cuidassem de trazer para aqui, em beneficio de seus clubs, entraineurs habilitados. Isto feito, em breves tempos constataríamos no nosso meio uma perfeita metamorfose de costumes, livrando-se o apreciável jogo dos *truees* grosseiros e praticas condemnaveis. (Foot-ball. Jornal Pequeno, p.02, 31 mar. 1919)

O início da década de 1920 foi um período conturbado para a Liga Desportiva Pernambucana. A campanha contra o profissionalismo, iniciada em 1916, recrudescera neste ano, sendo intenso o debate nas instâncias de decisão da Liga e na imprensa recifense.

Representante do Clube Náutico, Barbosa Lima em reunião da Liga, após dissertar sobre importação e profissionalismo, apresentou um projeto onde pedia o cancelamento dos registros de inscrição de três jogadores do Sport Club do Recife e quatro do America Football Club, considerados pelo mesmo como profissionais.

Após quatro meses de intensos debates, com publicação de cartas nos jornais, destituição da mesa da Liga, “desaparecimento” do presidente, suspensão de reuniões devido à troca de violentos apartes, falta de quórum em outras, renúncia do orador da Liga, finalmente realizou-se no dia 13 de abril a reunião onde se debateu o projeto de Barbosa Lima Sobrinho apresentado desde janeiro.

Ficou decidido nesta assembleia que os jogadores acusados de praticarem o profissionalismo tivessem seus registros suspensos por três dias para que apresentem ao conselho documentos que comprovem que são amadores. A apresentação destas provas que livrassem da acusação de profissionalismo de jogadores nos clubes que compõem a Liga demorou mais do que o prazo inicial. “*Em Pernambuco não ha profissionaes*” estampava a matéria do Jornal Pequeno do dia 24 de abril.

A reunião do conselho geral da L.P.D.T. realizada sexta-feira transacta foi sem duvida uma das mais importantes das que se têm verificado. [...] Há seguramente tres mezes que irrompera com uma violencia extraordinaria uma nova campanha contra o profissionalismo norteada por ínvios, não respeitando, não sua marcha, os protestos do direito e as verberações da justiça. [...] Natural e necessariamente em opposição a esta phalange de intelligencias brilhantes porém machiavelicas, se organizou o bloco da resistência inspirado na razão e tendo por unico objetivo defender spartacamente o direito que preciclitava. Estes eram os pacifistas. Ficaram, portanto, de um lado a junta *Revolucionaria* e do outro *A Pacifista*. (O epilogo de uma campanha. Em Pernambuco não há profissionaes. Jornal Pequeno, p.02, 24 abr.1920)

As batalhas tiveram lugar no plenário e nas colunas dos jornais durante os últimos meses. O desfecho das discussões foi a decisão de que os jogadores imputados como profissionais teriam de se defender perante a Liga, tendo que confirmar sua qualidade de amador, ou seja, tiveram que provar que vivem por conta própria, que tinham renda própria.

Às 7,45 teve começo a sessão. Vinte e quatro representantes se achavam presentes, isto é, ninguém faltou.[...] O sr. presidente começa a fazer a leitura dos documentos apresentados pelos jogadores cada um per si. Vem em primeiro lugar as provas pertencentes ao sr. José Sanches Bermudes, do America. Estes constam de um atestado de importante firma dos srs. Seixas & Irmãos, dizendo o mesmo auxiliar de um dos seus estabelecimentos e mais um título de eleitor. Em discussão, pede a

palavra o dr. Barbosa Lima Sobrinho, que procura convencer o conselho do pouco valimento daquelas provas, extranhando que nesta grande crise possa viver um rapaz que passa deante apenas com os vencimentos de 150\$000. (Finalmente o direito triumphou. Perante o conselho geral da L.P.D.T. os jogadores accusados de serem profissionaes, defendem-se cabalmente. Jornal Pequeno, p.02, 26 abr.1920)

Apesar da resistência de alguns elementos mais conservadores a inserção de jogadores “importados” era cada vez mais crescente. A crescente necessidade de jogadores cada vez mais preparados e treinados demonstra o grau de seriedade que o futebol estava agregando. O campo futebolístico, marcado pela tensão entre amadorismo e profissionalismo, transformava-se. A busca pela vitória parecia direcionar o futebol amador para um novo caminho: o profissionalismo.

### 3. A transição

A década de 1930 marca a transição do amadorismo para o profissionalismo dos jogadores em Pernambuco. Entendemos que esse processo de profissionalização estava ligado ao crescimento da competitividade e “intimamente entrelaçado, muitas vezes de forma complexa, com a estrutura da sociedade em geral”, conforme Norbert Elias e Eric Dunning (1992, p. 302).

O avanço da seriedade dos envolvidos nas partidas de futebol, sejam jogadores, sejam torcedores, aumenta também o nível de tensão e de rivalidade hostil nos confrontos, gerando ainda transgressões às regras. Identificados com seus clubes, os torcedores “até podem invadir o campo numa tentativa de suspender por completo o encontro” (DUNNING e ELIAS, 1992, p. 305). Sobre o campeonato pernambucano de 1935 temos a seguinte passagem.

Foi um campeonato longo e tumultuado. Começou em maio de 1935 e acabou em março de 1936, isto porque muitas partidas não chegavam ao seu final e os clubes voltavam a campo para jogar só o restinho de tempo que faltara no momento da interrupção. [...] Os motivos eram vários: invasão de campo; jogo que se encerrava à falta de luz; clubes que entregavam os pontos; briga entre jogadores e, completando a bagunça, juiz escalado que não comparecia. (ALVES, 2000 p.233)

O ano de 1933 marca o início de uma profunda secessão na organização esportiva nacional, chamada à época de *dissídio esportivo*. Segundo Drumond (2014), embora nos discursos oficiais do período essa disputa pertença a grupos adeptos do amadorismo contra os defensores do profissionalismo, essa querela foi muito mais profunda e substancial. “Disputava-se o controle do campo esportivo brasileiro [...] o real causador dessa disputa: o embate entre duas elites que pleiteavam o controle do esporte nacional” (p.70).

Em resumo, Drumond nos traz que com a chegada de um novo grupo político à capital federal, após a chamada Revolução de 1930, novo grupo de dirigentes teria emergido, se chocando assim com os antigos dirigentes já estabelecidos entre as elites do campo esportivo. Portanto, o novo quadro político nacional acarretou também na disputa pelo controle da entidade que controlava o futebol nacional, a Confederação Brasileira de Desportos (CBD).

Atento ao que acontece no Rio de Janeiro neste período, o Diário de Pernambuco publica notícia do O Jornal acerca deste “*momento sportivo nacional*”.

O dissídio que dividiu o sport em duas correntes, já agora dispostas a empregar todos os meios para se anularem reciprocamente, pelo que está vendo, promette assumir proporções imprevisíveis.[...] Fazendo-se um estudo da situação, desde a campanha que deu por terra com o falso amadorismo, que sustentava um systema

insincero de praticar o sport, verifica-se, desde logo, que não houve o desprendimento necessário de parte a parte. A implantação do profissionalismo, todos reconhecem, trouxe benefícios grandes, que poderiam ter sido completos si se tivesse processado em um ambiente de paz e tranquilidade. Assim não aconteceu porque nem todos concordaram com a ideia profissionalista. (Diário de Pernambuco, 28 mar. 1935, p. 06).

A questão do amadorismo *versus* profissionalismo dos jogadores de futebol volta á tona na década de 30 no Recife com a interessante trajetória do *Tramways Sport Club*.

Clube pertencente à companhia inglesa que explorava o serviço de bonde e de luz elétrica do Recife, o *Tramways* ganhou visibilidade ao ser campeão da série Branca em 1934, conquistando assim a ascensão à série Azul<sup>167</sup>. Nesta divisão, o elétrico, como era conhecido o *Tramways*, conquista ainda mais notoriedade quando foi bicampeão (1936 e 1937) de maneira invicta, fato até hoje não repetido.

Em 1935, o sistema vigente na relação entre clubes e jogadores pernambucanos oficialmente era o amadorismo, mas a realidade confrontava esta fala oficial. Enquanto organizava o seu esquadrão para o campeonato deste ano, levantou-se uma questão em relação ao falso amadorismo que estaria em andamento na formação da equipe *elétrica*.

O que o “Tramways” fez e está fazendo é, MUTATEI MUTANDIZ (sic), o que têm feito e continuam a fazer os diversos clubs filiados. O avanço aos bons jogadores e a sua permanência às vezes, às expensas do club n’um falso amadorismo. [...] Todos, porem, dão empregos aos jogadores e garantem a sua qualidade de amadores. O que é muito pior, ao nosso ver, é negar-se existência do profissionalismo e no entanto consentem alguns clubs que varios dos seus jogadores sejam verdadeiros parasitas de seus cofres, não trabalhando, passando os dias e noites pelas portas dos bilhares e cafés, sem ao menos simularem empregados de qualquer empresa da firma comercial camarada. O “Tramways”, nesse assumpto, soube colocar-se bem. (Diário de Pernambuco, 31 mar. 1935, p. 07).

Na leitura deste trecho, ao autor deixa claro que o chamado falso amadorismo era comum naquele contexto. Admitia-se que alguns jogadores, através de contatos de seus dirigentes, simulavam serem empregados de qualquer “*empresa camarada*”. O que seria inadmissível era jogador que nem sequer dissimulava estar empregado, um verdadeiro “*parasita*” dos cofres do clube.

Como fica claro, o pagamento da habilidade com a bola nem sempre era com dinheiro. A garantia de um bom emprego numa empresa parceira do clube ao qual o jogador estava vinculado era a forma de “remuneração”.

Essa ambiguidade no futebol pernambucano de falso amadorismo criou, de certa forma, cenário a favor do profissionalismo. A preocupação dos anos 20 do mote de amadorismo puro parece ter se dissipado. Paulatinamente, os periódicos se distanciavam da defesa do amadorismo, percebendo que a realidade do futebol nos anos 30 era de profissionalismo disfarçado, embora o discurso moral em relação aos princípios do amadorismo era ainda latente.

No amadorismo, o “sportman” se salienta pelo desinteresse. É um apaixonado dos “sports”, vendo-o pelo subjectivismo dos seus propositos ou efeitos. No profissionalismo, não. O que se salienta é o interesse, porque o profissional se radica ao lado do objetivo material, fazendo d'elle meio de vida, o seu ganha-pão. O amador se prende a um club pelo coração. O profissional pela barriga. O dinheiro é seu pavilhão. (Diário de Pernambuco, 12 jan. 1936, p. 07).

<sup>167</sup>Organizadas pela Federação Pernambucana de Desportos, a série Branca era equivalente à segunda divisão, enquanto a primeira divisão era a série Azul. Essas cores fazem referência à bandeira pernambucana.

Nesse debate o profissionalismo passou a ser visto como um caminho rumo à modernização no futebol pernambucano, seguindo exemplo do que acontecia em outros estados brasileiros e até mesmo em outros países.

Si o Brasil tivesse se quedado indiferente ao movimento internacional de propaganda profissional do foot-ball, longe estaria de competir com os grandes centros foot-ballers. Teve que ir ao encontro dessa remodelação internacionalizada. Logo, si Recife fechar as portas a esse surto progressista que ora se vislumbra, terá que ficar manietado a esse falso amadorismo. (Diário de Pernambuco, 31 mar. 1935, p. 07).

No desporto pernambucano, a favor do profissionalismo, importante argumento era que este dava condições materiais para a aquisição e/ou permanência de jogadores talentosos nas suas forças representativas. Tinha-se em vista que a vitória de um clube de futebol local dava à cidade do Recife o estatuto de respeito e autoridade frente ao cenário futebolístico nacional. O futebol convergia em um canal de afirmação do sentimento regional pernambucano<sup>168</sup>, *“proporcionando aos clubs do Recife meios de organizarem novos quadros, fortes e descentes, de modo a garantir a Pernambuco o logar que lhe compete”*. (Diário de Pernambuco, 31 mar. 1935, p. 07).

As exigências estatutárias da Federação Pernambucana de Desportos eram de que só deviam jogar futebol nos clubes filiados os amadores devidamente registrados. Para isso, declarações dos filiandos ou do registrandos eram provas suficientes da legitimidade dessa condição. Dessa forma, possíveis irregularidades estavam sendo cometidas, o que levou a uma situação de inquietação no meio esportivo.

A indefinição da situação do vínculo dos jogadores no futebol pernambucano era visto com ressalvas. A exigência “moral” dos regulamentos de proibir a prática futebolística remunerada, como era esperada numa realidade tipicamente amadorista, passava progressivamente a perder sentido. A intensificação do “mercado de atletas” aproximava o futebol ao universo comercial.

A questão do profissionalismo em Pernambuco é coisa velha. Sempre existiu. Mesmo nos “meninos” de todos os clubs. Basta que elles sejam pobres, estudantes ou não tenham profissão, os clubs conservam esses jogadores com o rotulo de amadores e os sustenta e faz suas despesas. Destas columnas temos combatido francamente esse profissionalismo disfarçado com as sete capas amadoristas. Mas, se a F.P.D. não permite o profissionalismo ás claras, e consente na vinda de jogadores de outros Estados, aceita o profissionalismo ás escuras, e dahi a ironia de alguns directores de clubs, quando dizem: “esses moços são amadores; a F.P.D. quem o diz” e nós respeitamos a mentora. (Diário de Pernambuco, 11 mar. 1936, p. 06).

Com os novos atores em campo, o amadorismo ia se desfazendo e perdendo seu caráter tradicional, tendo suas marcas iniciais minadas pela realidade. Com essas transformações e novas (ou não tão novas) práticas, o perfil ideal de jogador, antes enquadrado em barreiras econômicas, sociais e raciais, parece ter mudado. Em nome da qualificação técnica de seus clubes, os “donos da bola” aceitam a inserção de “talentos do futebol” oriundos de camadas sociais diferentes das habituais de outrora.

<sup>168</sup>Sobre o regionalismo no futebol pernambucano, visto como importante meio de propaganda do estado, ver a dissertação “Recife entra em campo: história social do futebol no Recife (1905-1937)”.

Não nos interessa que o individuo jogue foot-ball por amadorismo ou profissionalismo. O que nos apraz é admirar o jogo tecnico, rigorosamente dentro das regras adoptadas. Combateremos, entretanto todo aquelle que se faz de gralha, querendo passar por amator, quando na verdade é profissional, sem possuir qualidades, ao menos, para ser profissional ás direita.

\*\*

COMBATER de hoje em deante o falso amadorismo, vae ser o nosso trabalho. Precisamos romper o véo decertas conveniencias, despindo certos moralistas que ostentam ufanosos o conceito de amator, fingindo jogar foot-ball desprendidamente, quando, a verdade, é outra e bem diversa. . (Diário de Pernambuco, 1º abr. 1936, p. 06).

Oficialmente, o amadorismo em Pernambuco permaneceu em vigor até 1937, data da inscrição do primeiro atleta profissional na Federação Pernambucana de Desportos. Luiz Zago, procedente de Minas Gerais, figurou no Atlético Mineiro por 18 meses e veio defender outro time alvi-negro, o Central Sport Club, da cidade de Caruaru, agreste pernambucano (ALVES, 2000, p. 243).

Um ano antes, em 1936, um fato expressivo marcou à nova realidade da prática do futebol no Recife. A notoriedade de um jogador pernambucano, “*crack*” da sua posição, “*porque joga com franco conhecimento tecnico e, sobretudo, com inteligência*”<sup>169</sup>, oriundo de uma família tradicional, o levou a ser chamado a jogar no Rio de Janeiro o famoso FLA-FLU. A convite do Fluminense Football Club, Arthur Carneiro viajou e jogou *matches* da decisão de um torneio preliminar no Rio de Janeiro, que como capital federal, concentrava grande parte das atenções do País<sup>170</sup>.

Defendendo o tricolor carioca em setembro de 1936, Arthur Carneiro gabava-se por ainda ser amator. “*Autorizo desmentir categoricamente assinatura contracto. Jogarei domingo primeira melhor de três contra Flamengo e como amator.*”<sup>171</sup> escreveu o jogador ao desmentir boato de que estava para atuar no Rio de Janeiro como profissional. No sudeste, Carneiro teve participação decisiva, quando em uma das partidas sofreu o pênalti que resultou em gol, o único da vitória tricolor frente aos rubro-negros. Numa melhor de três, o Fluminense saiu vitorioso e como premiação, os jogadores tricolineiros receberam o “bicho” de cem mil réis<sup>172</sup>.

Dias depois de chegar ao Recife, Arthur toma um *gesto elevado* definindo sua posição de amator, quando decide devolver o bicho ao clube carioca. Enquanto se debatia a possibilidade de adoção do regime profissional em Pernambuco, Arthur Carneiro, membro de distinta família, para não macular sua condição de amator, prefere devolver o dinheiro recebido após a vitória. “*A minha posição de amator e sportista recommenda-me por uma questão de elegância moral o não recebimento de dadia semelhante*”, escreveu o jogador tratado como integrante da “trinca de ouro” do futebol pernambucano, junto com seu irmão e primo Fernando e Zezé Carneiro.

Arthur é, sem favor, o “*crack*” da sua posição, porque joga com franco conhecimento tecnico e, sobretudo, com inteligência. [...] Ella (a F.P.D) bem sabe da dedicação dos Carneiros, Arthur, Fernando e Zezé, membros da distinta família [...] E, no dia em que essa turma volte a pisar o grammado de nossos campos, envergando a camisa alvi-rubra, a camisa azul da F.P.D., todos os bons

<sup>169</sup> Diário de Pernambuco, 02 fev. 1936, p.06.

<sup>170</sup> Diário de Pernambuco, 08 set. 1936, p.08.

<sup>171</sup> Diário de Pernambuco, 13 set. 1936, capa.

<sup>172</sup> Diário de Pernambuco, 04 out.1936, p.04.

pernambucanos saberão aplaudil-a, sinceramente, lealmente, formulando, assim , por esse meio, os seus agradecimentos à honrada família Carvalheira (Diário de Pernambuco, 02 fev. 1936, p.06).

Ligado ao aristocrático Clube Náutico Capibaribe e pertencente à uma família tradicional, Arthur entendia que, enquanto amador, sua atividade desportiva estava ligada aos seus próprios sentimentos de afetividade desportiva, impondo-se pelo desinteresse a gratificações monetárias.

Ao aristocrático clube da Avenida Rosa e Silva não poderia faltar a sua família tradicional . E até certo ponto não se sabia se os Carvalheira eram do Náutico ou se o Náutico era dos Carvalheira. Os dois irmãos, - aliás os dois em duplicata,- Fernando-Zezé, Artur e o saudoso Emídio, ligaram a vida de um família à existência de um clube: - Carvalheira e Clube Náutico Capibaribe. (CARVALHO, 1945. p.14)

A atitude de Arthur Carvalheira, parece ser o ultimo suspiro do ideal amadorístico tão em voga nas duas primeiras décadas em Pernambuco. Na década de 1930 surgiu novos tempos. O profissionalismo foi paulatinamente adotado, após período de semiprofissionalismo, quando este mostrou que ficava cada vez mais difícil conservar os *nobres* valores do amadorismo.

Por fim, entendemos que este trabalho não encerrar a discussão do tema. Temos a intenção de continuar as pesquisas, na tese de doutorado num futuro próximo.

## Referências

- ALVES, Givanildo. Federação Pernambucana de Futebol: 1915-1999: 85 anos de bola rolando. Recife: Bagaço, 2000.
- CAPRARO, André Mendes. Football, uma prática elitista e civilizadora – investigando o ambiente social e esportivo paranaense do início do século XX. Dissertação - Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 2002.
- \_\_\_\_\_. Identidades imaginadas: futebol e nação na crônica esportiva brasileira do século XX. Tese - Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 2007.
- CARVALHO, Sócrates Times de. A família imperial. Nordeste, Recife, ano 1, n.2, p. 14, 25 dez, 1945. Esportes.
- COUCEIRO, Sylvia Costa. Artes de viver a cidade: conflitos e convivências nos espaços de diversão e prazer no Recife nos anos 1920. Tese. Universidade Federal de Pernambuco. Recife, 2003.
- ELIAS, Norbert; DUNNING, Eric. *A busca da excitação*. Lisboa: Difel, 1992.
- GOMES, Eduardo de Souza; PINHEIRO, Caio Lucas Moraes (orgs.). *Olhares para a profissionalização do futebol: análises plurais*. Rio de Janeiro: Multifoco, 2015.
- LIMA, Eduardo José Silva. Recife entra em campo: historia social do futebol do Recife (1905-1937). Dissertação, Universidade Federal Rural de Pernambuco. Recife, 2013.
- LIMA, Rodrigo Carrapatoso de. Aves de arribação – o processo de “importação” de jogadores na cidade do Recife: conquistando glórias a preço de ouro (1915-1920). Dissertação, Universidade Federal de Pernambuco. Recife, 2013.
- MORAES, Hugo da Silva. Jogadas insólitas: amadorismo, profissionalismo e os jogadores de futebol do Rio de Janeiro (1922-1924). Dissertação (Mestrado em História Soci al). Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2009.
- PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. *Footballmania: Uma História social no Futebol*

*do Rio de Janeiro: 1902-1938*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 2000.

REZENDE, Antonio Paulo. *O Recife. Histórias de uma cidade*. Recife: Fundação de Cultura da Cidade do Recife, 2000.

SALLES, José Geraldo do Carmo. *Entre a paixão e o interesse: o amadorismo e o profissionalismo no futebol brasileiro*. 2004. Tese (Doutorado em Educação Física) - Faculdade de Educação Física, Universidade Gama Filho, Rio de Janeiro, 2004.

SILVA, Joanna Lessa Fontes. *Entre amadorismo e profissionalismo - o exemplo do processo de esportivização brasileiro a partir do futebol*. In: XII Simpósio Internacional Processo Civilizador, 2009, Recife. ANAIS XII Simpósio Internacional Processo Civilizador, 2009.

YAMANDU, Walter; GÓIS JUNIOR, Edivaldo. *Profissionalismo “marrom” do futebol e a imprensa paulista (1920 – 1930)* *Recorde: Revista de História do Esporte* vol. 5, n.2, junho-dezembro de 2012, p. 1-13.

## VIOLÊNCIA, TORCIDAS E INTOLERÂNCIA NO FUTEBOL: O CASO DOS *HOOLIGANS* COMO FENÔMENO DA EXPRESSÃO DA AGRESSIVIDADE FORA DAS “QUATRO LINHAS”

Vinícius Triches<sup>1</sup>

**Resumo:** O tema do trabalho é a violência, comportamento associado a um ato em que intencionalmente se causa algum tipo de dano ou intimidação moral a outra pessoa ou ser vivo. Propõe-se uma discussão sobre as formas de expressão e percepção da violência, com foco no universo do futebol, mais especificamente no que se refere ao entendimento do comportamento dos torcedores ingleses conhecidos como *hooligans*, famosos ao longo dos anos 1980 e ainda um nome recorrente quando da associação entre futebol e violência. Através da realização de uma pesquisa de caráter exploratório e bibliográfica, percebeu-se que há uma associação entre violência e futebol quando há um engajamento e/ou fanatismo maior do torcedor em relação a um determinado clube, fato este que o faz ter, em determinados momentos, ódio e desprezo pelas torcidas rivais. Relativamente aos *hooligans*, percebeu-se que estes foram de certa forma um dos resultados do processo de desorganização social na Inglaterra, bem como o excesso do consumo de drogas lícitas e ilícitas ajudou a fomentar os seus comportamentos hostis. Caberia refletir cada vez mais sobre o tema, buscando encontrar soluções para um problema que, mesmo sendo alvo de preocupação permanente nas últimas décadas, ainda encontra reiteradamente meios por onde possa se apresentar.

**Palavras-chave:** violência; torcidas; *hooligans*; futebol.

**Abstract:** The work's theme is violence, behavior associated with an act that intentionally causes any kind of damage or moral intimidation of another person or living being. It is proposed a discussion of the forms of expression and perception of violence, focusing on the football universe, specifically in regard to understanding the behavior of England fans known as *hooligans*, famous throughout the 1980's and still a recurring name when the association between football and violence. an exploratory research and literature was conducted. It was noticed that there is an association between violence and football when there is engagement and / or greater fanaticism of the fans in relation to a particular club, a fact that does have, at certain times, hatred and contempt for the rival fans. With regard to *hooligans*, one can see that these were somehow one of the results of social disorganization process in England, as well as excessive consumption of licit and illicit drugs helped to foster their hostile behavior. It would reflect more and more on the subject, seeking to find solutions to a problem that even the target of constant concern in recent decades, also repeatedly find means by which to perform.

**Keywords:** violence; twisted; *hooligans*; soccer.

---

<sup>1</sup> Bacharel em Ciências Econômicas (UFRGS), Especialista em Metodologia do Ensino na Educação Superior (UNINTER), Mestre em Economia (UFSC) e Doutorando em Psicologia Social (UK – Argentina). Professor de Ensino Superior da Faculdade da Serra Gaúcha (FSG). E-mail para contato: [vtriches@yahoo.com.br](mailto:vtriches@yahoo.com.br).

## 1. Introdução

A discussão sobre o comportamento potencialmente agressivo do ser humano sempre foi um dos principais interesses dos estudiosos que, ao longo da história, tentaram entender, de alguma maneira, as diferentes maneiras em que se deu a formação das sociedades regionais e nacionais, onde as representações das formas de integração entre os seres humanos sempre foi um dos seus principais alicerces de constituição e permanência.

É neste sentido que ao longo dos séculos a configuração de relações sociais de caráter mais inclusivo e democrático passou pelo estudo do comportamento do indivíduo no que se refere às formas de interação com outros indivíduos ou nos variados grupos sociais, onde as diversas formas de exposição dos sentimentos e ações humanas sempre foram acompanhadas de uma ideia geral que dizia ser necessária uma percepção ou entendimento das possíveis causas das expressões e atos.

O caminho básico para entender e assim poder lidar de forma objetiva com este “manancial” de sentimentos difusos, causador constante de diferenciados conflitos e sociais, é a criação e valorização de uma estrutura social onde, acima de qualquer outro aspecto, as relações devam ser permeadas pelo permanente respeito ao próximo em todas as suas dimensões, base esta que está ancorada no estímulo a tolerância entre as pessoas.

Entretanto, cabe lembrar que um dos principais mecanismos de expressão da intolerância e incompreensão entre os seres humanos foi, desde os primórdios, a violência, ou seja, o comportamento humano que visa, de forma intencional, gerar algum tipo de dano físico ou intimidação moral a outra pessoa ou ser vivo. Hannah Arendt destaca que “ninguém que se dedique à meditação sobre a história e a política consegue se manter ignorante do enorme papel que a violência desempenhou sempre nas atividades humanas” (ARENDR, 2004, p. 7). Mesmo assim, a autora menciona que acaba por ser bastante surpreendente que os atos violentos tenham sido raramente objeto de consideração por parte dos pesquisadores.

Uma dos canais de expressão tradicionais do comportamento violento de indivíduos ou grupos sociais, isto é, isoladamente ou através de grupos sociais, foi, ao longo das últimas décadas, a esfera esportiva, onde o futebol foi em diversas ocasiões um “palco” repleto de ações/atos que ocasionaram agressões de caráter físico e/ou psicológico, como, por exemplo, o uso de expressões preconceituosas e as brigas entre torcidas rivais ou até entre torcedores de uma mesma agremiação.

É com esta percepção que o presente trabalho tem como objetivo fundamental a apresentação e o debate de um caso emblemático no que se refere ao estudo do comportamento violento por parte de um grupo social, sendo este “validado” por sua relação direta com a paixão por algum aspecto do futebol que estes julgavam representar.

Cabe discutir, então, quem foram e de que diferentes formas pensavam e agiam os famosos torcedores ingleses conhecidos como *hooligans*, representativos principalmente ao longo dos anos 1980 como expressão do fenômeno citado acima, conforme amplamente divulgado na mídia internacional neste período e ainda hoje objeto de menção/lembração quando uma situação eventual que relaciona torcida e violência acontece.

O presente trabalho se divide em seis partes. A segunda é destinada a apresentar os procedimentos metodológicos adotados, ou seja, as formas e/ou técnicas de pesquisa a serem empregados ao longo do processo de pesquisa. A terceira apresenta uma discussão sobre a violência no Brasil e no mundo, com base em uma conceituação da mesma, apresentando os principais pressupostos que as ações violentas tem se sustentado ao longo dos séculos, ao mesmo tempo em que faz uma breve reflexão histórica e contemporânea sobre a questão. Já a quarta tem como foco debater a violência e a intolerância no futebol brasileiro, sul-americano e mundial, buscando observar, através de um olhar histórico, a repetição de determinados comportamentos de caráter agressivo por parte dos torcedores organizados envolvidos com o

futebol ao longo dos tempos. A quinta parte destaca a expressão da violência nos limites do futebol através de um caso específico, sendo este o dos torcedores *hooligans* nos anos 1980. Finalmente, a sexta e última parte apresenta as considerações finais.

## 2. Procedimentos Metodológicos

Na busca de alcançar o objetivo fundamental do presente artigo, optou-se por um desenho de pesquisa de caráter exploratório, com foco exclusivo em pesquisa bibliográfica. Gil (2007, p. 41) destaca que as pesquisas exploratórias têm como objetivo proporcionar maior familiaridade com o problema a ser estudado, visando tornar este mais explícito ou então buscar a constituição de hipóteses sobre a temática e o problema de pesquisa escolhido.

O delineamento do processo metodológico, no que se refere ao seu procedimento para obtenção de dados, foi, conforme já destacado acima, a pesquisa bibliográfica, sendo esta “[...] aquela que se realiza a partir do registro disponível, decorrente de pesquisas anteriores, em documentos impressos, como livros, artigos, teses, etc.” (SEVERINO, 2007, p. 122). No presente artigo foram utilizados como fonte de pesquisa, basicamente, artigos de revistas acadêmicas reconhecidas nacionalmente, bem como livros clássicos sobre a discussão da temática da violência e suas principais repercussões e abordagens, dentre outros.

## 3. As matizes da violência no Brasil e no mundo: Conceito, pressupostos e breve reflexão histórica e contemporânea

Considerado pela grande maioria de estudiosos do tema como um fenômeno complexo e multifacetado, a violência acaba sendo vista na maioria das vezes como um elemento de difícil conceituação, dado suas diferentes formas de expressão, estas representadas pela visualização de suas principais causas. Camarnado Jr. (2007, p. 12) afirma que, para compreender o fenômeno, deve-se reconhecer que a violência é um processo de caráter mundial, histórico e multideterminado, que se assenta em uma rede de questões macrossociais e estruturais. É neste sentido que:

Resulta, portanto, em um fenômeno de conceituação complexa, gerando inúmeros embates e controvérsias entre os variados campos do saber, fazendo emergir a polissemia de repertórios quando dos discursos concernentes ao tema. (CAMARNADO JR., 2007, p. 12).

Abramovay *et. al.* (2002, p. 17) destaca que variados conceitos de violência tem sido propostos ao longo do tempo para falar de práticas, hábitos e disciplinas, de tal modo que todo o comportamento social poderia ser visto como violento em alguma perspectiva.

Já Minayo (1994, p. 7) lembra que desde tempos imemoriais o ser humano se preocupou em entender a essência do fenômeno da violência. Na busca desta resposta, buscou-se perceber a sua natureza, sua origem e os meios apropriados para atenuá-la, preveni-la e eliminá-la da convivência social.

Andrade e Fonseca (2008, p. 592) tentam colocar uma luz na difícil questão ao relacionar o ato violento a todo o tipo de evento que é representado por relações, ações, negligências e omissões que “[...] são realizadas por indivíduos, grupos, classes e nações que ocasionam danos físicos, emocionais, morais e/ou espirituais a outrem”. Dentre desta

perspectiva, mencionam que as raízes da violência costumam se encontrar nas estruturas sociais, econômicas e políticas, bem como nas consciências individuais.

Já para Chauí (1999, p. 3-5) *apud* Abramovay *et. al.* (2002, p. 17) a violência poder ser entendida como:

[...] 1) tudo o que age usando a força para ir contra a natureza de alguém (é desnaturar); 2) todo ato de força contra a espontaneidade, a vontade e a liberdade de alguém (é coagir, constranger, torturar, brutalizar); 3) todo ato de transgressão contra o que alguém ou uma sociedade define como justo e como direito. Consequentemente, violência é um ato de brutalidade, sevícia e abuso físico e/ou psíquico contra alguém e caracteriza relações intersubjetivas e sociais definidas pela opressão e intimidação, pelo medo e pelo terror [...].

Pode-se verificar que, de uma maneira direta e objetiva, o ato de caráter violento sempre esteve presente na história da humanidade, não sendo este um aspecto exclusivo da contemporaneidade, embora nos dias atuais a questão pareça aparentemente atrair maior atenção quanto ao seu entendimento, fundamentalmente no que se refere as suas causas e consequências, questão esta que pode ser visualizada no maior interesse pelo tema como área de estudos e pesquisas sociais.

Relativo a esta perspectiva, Camarnado Jr. (2007, p. 15) confirma que, ao examinar as produções sobre o tema, adotando uma perspectiva histórica, esta acaba por apontar um caráter de permanência em todas as sociedades, bem como o mesmo tem um caráter de ambiguidade, “[...] ora sendo considerado um fenômeno positivo ora negativo, o que lhe confere o *status* de fenômeno complexo”.

Andrade; Fonseca (2008, p. 592) lembram que ao longo da história inúmeros exemplos de violência foram cometidos contra aqueles considerados “diferentes”, caracterizados basicamente pelas minorias de poder, os negros, as mulheres, as crianças e os idosos, dentre outros. Tal percepção de “diferença”, que muitas vezes é traduzida em desigualdade, é o que “[...] tem propiciado e justificado as situações de violência que foram e ainda são perpetradas pelo ser humano”.

Mesmo que a perspectiva citada acima seja bem evidente das formas de perceber as expressões da violência de caráter explícito ao longo dos séculos pelo ser humano, Abramovay *et. al.* (2002, p. 17) insiste que a noção de violência é, por princípio, algo de caráter ambíguo. Para tanto, destaca que não existe uma única percepção do que seja a violência, mas sim uma multiplicidade de atos considerados violentos, “[...] cujas significações devem ser analisadas a partir das normas, das condições e dos contextos sociais, variando de um período histórico a outro”.

Na busca de elementos que considerem as origens do fenômeno em questão, vários autores e estudiosos se debruçaram em apresentar tentativas para explicá-la. Entretanto, tais abordagens ainda não são completamente consensuais, fato este que pode ser percebido através de uma rápida pesquisa nos debates de especialistas que eventualmente são objeto de exposição nas páginas dos grandes jornais nacionais.

Minayo e Souza (1998, p. 514-515) destacam que, mesmo com esta eterna discussão sobre o tema, dois lados podem ser verificados no trato a questão que tenta identificar as causas da violência, de uma forma objetiva e direta. O primeiro destaca que a violência é resultante de necessidades biológicas, psicológicas ou sociais, cuja fundamentação dá-se na sociobiologia ou na etologia (teorias que subordinam a questão social às determinações da natureza); já o segundo advoga da tese de que a violência é um fenômeno de causalidade apenas social, cujos propulsores podem ser a dissolução da ordem, a “vingança” dos oprimidos ou ainda a fraqueza do Estado.

As autoras destacam que, para entender o primeiro grupo, é necessário ver a violência como um fenômeno de caráter extraclassista e atemporal, de caráter universal, sendo esta um instrumento técnico para a reflexão sobre as diferentes realidades sociais. Neste sentido, destaca autores como Nielburg, Thomas Hobbes e Lawrence.

Também é percebido por outras teorias, mas que tem como base o primeiro grupo citado, a ideia da substituição de processo social e histórico pelo conceito de “agressão”, este último tendo procedência da Biologia, Etologia (doutrina da conduta dos animais em seu meio natural), Genética e Medicina. A agressividade é percebida, nestas categorias, como “[...] parte do instinto de sobrevivência e forma natural de reação dos animais em certas condições e situações, tendo, portanto, conotação de ‘neutralidade’ e ‘naturalidade’” (MINAYO; SOUZA, 1998, p. 515). São citados, dentre desta perspectiva, Thorpe e Lorenz.

Já no que se refere ao segundo grupo, este tem como pressuposto um conjunto não homogêneo de teorias cuja referência é perceber as raízes sociais da violência.

Uma destas teorias, destacam as autoras, explica o fenômeno como “[...] resultante dos efeitos disruptivos dos acelerados processos de mudança social, provocados, sobretudo, pela industrialização e urbanização” (MINAYO; SOUZA, 1998, p. 518). Dentre os teóricos responsáveis, destacam-se Merton e Huntington, que, ao analisar as transições sociais, sustentam basicamente:

[...] a ideia de que os movimentos de industrialização provocam fortes correntes migratórias com destino às periferias dos grandes centros urbanos, onde as populações passam a viver sob condições de extrema pobreza, desorganização social, expostas a novos comportamentos e sem condições econômicas de realizarem suas aspirações. Dessa forma, a violência encontraria clima propício para seu incremento nas grandes metrópoles, sacudidas por estas bruscas mudanças. Variáveis como o tamanho das cidades, a aglomeração de pessoas, a perda de referências familiares e de raízes culturais favoreceriam a formação de culturas subperiféricas, à margem das normas e leis sociais, produzindo-se as chamadas “classes perigosas”. (MINAYO; SOUZA, 1998, p. 518).

Independente do entendimento ou concordância de um ou outro dos grupos, a violência é um fenômeno social que atinge cada vez mais os governos e as populações, sendo este de forma global ou local, de acordo com Abramovay *et. al.* (2002, p. 13). Assim, o que se percebe, de acordo com os autores, é que nos dias atuais não existem mais, como era visto em tempos anteriores, grupos sociais protegidos das ações de caráter violento, mesmo que sempre alguns tenham condições melhores de buscar formas de proteção institucional e individual.

Este aspecto evidencia que atualmente não existem mais a presença de nichos “selecionados” da sociedade expostos à violência, normalmente exemplificados através de aspectos sociais, raciais, econômicos e/ou geográficos. Na verdade, o que ocorre, de acordo com os autores, é que, considerando as diferentes modalidades de violência, esta pode ser acentuada por gênero, idade, etnia e classe social, independentemente se como vítima ou como agente.

A expressão das formas de violência, eterno problema da teoria social e da prática política e relacional da humanidade, de acordo com Minayo (1994, p.08), pode ser percebida de três formas básicas, ou seja, violência estrutural, de resistência e da delinquência.

A violência estrutural é aquela que oferece um marco à violência do comportamento e tem aplicação tanto nas estruturas organizadas e institucionalizadas da família como também nos sistemas econômicos, culturais e políticos que acabam por conduzir a opressão de grupos, classes, nações e indivíduos, aos quais são negadas conquistas pertencentes à sociedade, tornando-os mais vulneráveis que outros ao sofrimento e a morte;

Já a violência de resistência tem como foco as diferentes formas de resposta dos grupos, classes, nações e indivíduos oprimidos pela ação da violência estrutural. Assim, se trata de uma situação onde impera a resposta à violência com base em mais violência.

A terceira e última forma é aquela conhecida como violência da delinquência. Neste caso, o que se verifica são ações fora da lei socialmente reconhecida. Dentre os principais fatores que contribuem para a expansão da delinquência estão, ainda de acordo com Minayo (1994, p. 8), a desigualdade, a alienação do trabalho e nas relações, o menosprezo de valores e normas em função do lucro, o consumismo, o culto à força e o machismo, dentre outros.

Trazendo a discussão para o entendimento atual da questão, pode-se perceber que nos últimos tempos há um posicionamento maior por parte da sociedade para controlar ou combater as ações violentas nas suas mais diferentes dimensões.

É nesta perspectiva que Andrade; Fonseca (2007, p. 592) destaca que a violência, há aproximadamente 03 (três) décadas, passou a ser vista e/ou entendida como uma questão de justiça e direitos humanos, “[...] sendo denunciada e investigada como resultado de políticas públicas e do trabalho de organizações não governamentais”.

Tal processo foi, de uma forma objetiva, uma reação ao fato de que as instituições sociais sempre foram constituídas visando impor o cumprimento das diferentes relações de poder existentes em cada período histórico, inclusive os controles, limites e contratos sociais conseguidos na luta com o poder, de acordo com Sudbrack (2010, p. 111).

Arendt (2004, p. 9), lembrando o intelectual e revolucionário alemão Karl Marx, destaca que o Estado é um instrumento de violência sob o controle das classes dominantes, mesmo que o verdadeiro poder das classes dominantes não consistisse ou se baseasse na violência. Assim, o mesmo “[...] definia-se através do papel desempenhado pelas classes dominantes na sociedade, ou, mais exatamente, por seu papel no processo de produção”.

É neste sentido que, dentro do processo de constituição do “Brasil moderno” ao longo do século XX, levado a cabo com o desenvolvimento da industrialização e urbanização como molas propulsoras deste novo paradigma, o caráter conservador das relações de poder sempre foram mantidas, mesmo que em uma nova estrutura. Assim:

No Brasil, durante as últimas décadas, o Estado sustentou a acumulação do capital com a manutenção de práticas oligárquicas de apropriação do aparelho estatal, preservando assim as relações sociais autoritárias e excludentes. O modelo de desenvolvimento perpetua-se através de um processo de elitização como resultado da brutal concentração de renda. Com isso, retroagimos a uma realidade social do século XIX com um “exército de reserva” que, sem emprego e sem perspectivas de futuro, engrossa as fileiras da marginalidade, constituindo-se nas chamadas classes perigosas, de onde provém a maioria das vítimas combatidas cotidianamente pelo aparelho policial, enquanto inimigos da sociedade. (SUDBRACK, 2010, p. 112).

O citado processo acima não seria uma exclusividade brasileira, sendo este um fato que acabaria caracterizando o amadurecimento do sistema econômico capitalista nos países hegemônicos, principalmente na fase de transição da sociedade rural para a urbana e também agrícola para a industrial.

Tentando entender esta transição e, mais particularmente, as suas consequências, Weyrauch (2011, p. 4) destaca que a cidade industrial da virada dos séculos XIX-XX transformou-se em um cenário por excelência das contradições econômicas, onde de um lado a acumulação de riqueza dava-se de uma forma galopante, “[...] de outro uma pobreza crescente visível nas ruas pela circulação de uma massa de desamparados institucionais distante do mínimo necessário à sobrevivência humana”.

A retomada da obra *Oliver Twist*, de Charles Dickens, é uma das formas da autora destacar que, neste período, a fome, a desnutrição, a prostituição e a delinquência grassavam

nos segmentos mais pobres da população londrina, bem como também a mesma destaca que, ainda em 1730, “[...] o escritor Daniel Defoe já reclamava ao prefeito de Londres não mais haver segurança nas casas e nas ruas” (WEYRAUCH, 2011, p. 4), visto que os centros das cidades acabaram por se transformar em cenários onde imperava o horror, a violência e a revolta neste período, entre outros aspectos.

Dentro desta perspectiva, pode-se perceber que há uma associação entre as formas de perceber a violência urbana com a situação de pobreza na cidade. Uma das formas de perceber isto é que a violência urbana tem uma relação direta com a segregação socioespacial existente, onde, ao longo do tempo, sempre as piores e mais problemáticas áreas

[...] foram compulsoriamente designadas à população de baixa renda, onde os transportes, as escolas, os postos de saúde ficam longe de atendê-la satisfatoriamente. Assim, a violência urbana é essencialmente exercida pelos poderes das cidades e do país, que em vez de torná-las valor de uso social reforçam sua dimensão de valor de troca, transformando-a em mercadoria a quem comprá-la melhor. (WEYRAUCH, 2011, p. 4).

#### **4. Violência, torcidas e intolerância no futebol brasileiro, sul-americano e mundial: um olhar histórico caracterizado pelo eterno “mais do mesmo”**

Percebido como um “esporte de massas” nos diferentes países onde tem e teve relevante penetração social e exposição midiática permanente, o futebol sempre foi uma seara importante para a expressão de diferentes práticas e comportamentos da ação e interação humana. Assim, se verifica que o esporte bretão foi, historicamente, um campo fértil para a visualização de atos e condutas onde houve o predomínio ao respeito, solidariedade e afeto por parte de pessoas, grupos sociais ou as próprias instituições esportivas, mas nem sempre isto se deu de forma permanente.

É importante ver que nos dias atuais os clubes, conforme amplamente divulgado pelas diferentes mídias, através de suas estruturas diretivas, bem como uma parcela de suas torcidas organizadas (ou não), acabam exercendo um papel relevante na realização de ações/atos de estímulos ao respeito e tolerância ao próximo, fato este que pode ser visto nas recentes campanhas contra o racismo, a homofobia e outras formas de preconceito que, infelizmente, ainda estão arraigadas em determinados grupos sociais.

Também é perceptível o papel que estas instituições passaram a exercer, com auxílio de uma parte de seus torcedores, no que se refere à solidariedade com determinados estratos da sociedade que passam por algum tipo de dificuldade momentânea ou permanente. Campanhas de arrecadação de alimentos e roupas são práticas já arraigadas historicamente, mas o que se percebe nos últimos anos é que os grandes clubes acabaram por criar um “braço social” para dar um suporte mais efetivo de suas ações de cunho solidário que visa atenuar as dificuldades de uma parcela da população.

Entretanto, cabe mencionar que o futebol também foi, historicamente, um palco onde nem sempre as ações e os sentimentos de natureza positiva e propositiva foram a base do convívio social. Racismo, homofobia, xenofobia e, infelizmente, expressões explícitas de violência também caracterizam o histórico do futebol nas mais diferentes situações e locais.

Lopes; Cordeiro (2010, p. 76) destacam que os estudos científicos sobre a violência no futebol tiveram origem nos anos 1960, basicamente através de produção de pesquisas de origem britânica, entre os quais estão autores como Ian Taylor, Peter Marsh e Eric Dunning. Já a partir da década de 1980 há a ocorrência de um processo de globalização dos estudos

sobre o assunto, ou seja, começam a surgir publicações em diversas partes do mundo, estando entre estes a Áustria, Bélgica, Holanda, Argentina e o Brasil, dentre outros.

O avanço deste processo de discussão sobre a temática leva, de acordo com os autores, a uma possibilidade de mobilização de novas interpretações sobre o assunto, agora podendo salientar as diferenças culturais existentes entre os grupos de torcedores considerados violentos no diferentes âmbitos locais, nacionais e internacionais. Tais diferenças é o que tem “[...] marcado a história da rivalidade violenta e da oposição simbólica própria a cada um deles” (GIULIANOTTI, 1999 *apud* LOPES; CORDEIRO, 2010, p. 77). A consequência deste processo é que:

A partir de então, um amplo e complexo processo de produção de categorias sociológicas e psicológicas, que visam tanto descrever quanto classificar e analisar esses grupos de torcedores, tem sido produzido ao redor do mundo. No Brasil, a categoria “torcedores organizados” é utilizada para denominar determinados grupos de torcedores que são habitualmente associados a atos de violência dentro e fora de nossos estádios. (LOPES; CORDEIRO, 2010, p. 77).

Historicamente pode ser observado que as torcidas organizadas surgiram no Brasil na década de 1940, segundo destacam Lopes; Cordeiro (2010, p. 77), período em que o futebol já era considerado uma paixão nacional, fato este que foi alavancado pela massificação do rádio. Os primeiros agrupamentos de torcedores teriam sido a Charanga, do Clube de Regatas do Flamengo (CRF), no estado do Rio de Janeiro, e a Torcida Uniformizada do São Paulo (TUSP), do São Paulo Futebol Clube (SPFC), no estado de mesmo nome.

Comparativamente as formas de organização das torcidas atuais, as duas citadas tiveram uma forma de atuação bem diferente, visto que estas ainda não contavam com uma estrutura burocrática própria e seus vínculos davam-se de forma direta com o clube de futebol, sendo que estes muitas vezes até financiava as suas despesas. Também era observado que estas torcidas estavam muito associadas a “torcedores símbolos”, sendo que estes contavam com grande prestígio perante a imprensa da época. Outro fator interessante era que a identificação se dava exclusivamente com o “clube do coração” e não com o agrupamento em si, tão habitual nos dias atuais. Finalmente, tais torcidas praticamente não se envolviam em atos violentos.

Lopes; Cordeiro (2010, p. 78) destacam que as torcidas organizadas, na forma em que são conhecidas hoje, são um fenômeno recente no Brasil, estando o seu surgimento situado no final de década de 1960 e início da seguinte. Tal período se caracterizou como o de início da presença de um grande número de jovens nas arquibancadas nacionais, contando a partir deste momento com vestimentas, modos de atuação e cânticos de guerra específicos para o ato de torcer por seu clube. Também é própria do mesmo período uma maior cobrança dos clubes, dos jogadores e dos dirigentes por parte deste de “novo torcedor”.

Já nos 1990 e 2000, as torcidas organizadas aumentam significativamente o seu número de integrantes no país, agregando basicamente jovens, crescimento este que “[...] estabelece e sustenta um tipo de ‘cultura torcedora’, que se assemelha em alguns aspectos com outros grupos de torcedores da América do Sul e da Europa” (LOPES; CORDEIRO, 2010, p. 78).

É desta forma que se busca entender as maneiras de expressão da violência por parte das torcidas organizadas. Qual é o sentido da prática da violência em meio ao ambiente futebolístico? Em que se baseia a intolerância vista nos contumazes enfrentamentos entre as torcidas rivais?

Uma pista para elucidar as questões acima está nos documentários *The real football factories* (2006) e *The real football international* (2006), de autoria de Peter Day, segundo destacam Gregório; Celes (2011, p. 183).

Conhecidos de forma geral como *hooligans* todo o tipo de torcedor que, em algum evento esportivo, especialmente o futebol, acaba por entrar em confronto com os torcedores de outro clube, o documentário faz um retrato do problema em países como a Inglaterra (a verdadeira pátria dos *hooligans*, conforme será visto posteriormente), Turquia, Croácia, Argentina, Itália e Brasil, dentre outros.

Independente do nome que venham a receber (“Ultras” na Itália e “Barra Brava” na Argentina, por exemplo), o que parece unir os diferentes grupos de torcedores é a presença de um mesmo sentimento por um clube, o que os leva a formar uma entidade. A raiz dos futuros problemas parece estar no fato de que “tratam-se de torcedores exaltados, em que a paixão pelo time é semelhante, ou até maior, à paixão pela família e os amigos” (GREGÓRIO; CELES, 2011, p. 183).

Trata-se, de forma inequívoca, a uma percepção de valor em que iguala o clube como a razão de existir do sujeito envolvido, o que dá uma conotação comparada à razão religiosa. Logo, há um amor desenfreado pelo seu clube, amor este que se retroalimenta no ódio e desprezo aos clubes e torcedores rivais, fator este que desencadeia a violência.

O fato que parece justificar esta tese é que, de maneira geral, estes tipos de torcedores não utilizam armas de fogo em suas práticas de enfrentamento aos rivais. Pedras, paus e rojões, bem como as próprias mãos e pés, são os instrumentos tradicionais de expressão da violência. Assim, percebe-se que o “[...] objetivo não é matar, e sim bater. Matar é somente uma consequência da agressão” (GREGÓRIO; CELES, 2011, p. 188).

Tal obsessão no comportamento violento extremo, aliado a falta de percepção mínima de respeito e tolerância para o próximo, tem obviamente uma relação direta com as diferentes transformações econômicas e sociais ocorridas no Brasil e no mundo ao longo das últimas décadas.

Pimenta (2000, p. 123) afirma que, dentre desta perspectiva, há evidentemente uma articulação entre a violência das torcidas com os aspectos político, econômico e sociocultural, fatores estes que são vivenciados nas diferentes relações individuais e grupais da sociedade. Para tanto, tenta compreender este processo:

Em outras palavras, o conflito entre os poderes econômico e social marcou a construção do espaço urbano das grandes cidades, prevalecendo o interesse do capital e, de alguma forma, esse processo interferiu, inclusive, na identidade social dos jovens que se expressam através da negação do outro (enquanto ser social), da disputa e da violência prazerosa entre os grupos rivais. (PIMENTA, 2000, p. 123).

A consequência deste processo é que, ainda de acordo com o autor, as práticas de violência oriundas destas torcidas ditas como “organizadas” são inflexionadas e redimensionadas na base dos “jogos de relações” que são travados permanentemente no cotidiano de nossa sociedade. A violência torna-se então “[...] o elemento aglutinador e constitutivo dos agrupamentos de torcedores” (PIMENTA, 2000, p. 124).

Relevante é destacar então que entre as abordagens que deram origem ao estudo do tema futebol, sociedade e violência está a desenvolvida pelo sociólogo marxista Ian Taylor, de acordo com Almeida (2012, p. 106). Com a perspectiva de que o *hooliganismo* pode ser considerado um movimento de resistência das classes trabalhadoras face ao “emburguesamento” do futebol, Taylor irá projetar nos *hooligans* um conjunto de comportamentos de caráter antissocial, estando entre eles a violência, a agressividade e o racismo.

Mais recentemente recebe destaque no estudo da relação entre violência e futebol a abordagem teórica desenvolvida por um conjunto de sociólogos da Universidade de Leicester (Inglaterra). Denominada de “Escola de Leicester”, a mesma tem abordado a forma como a

“masculinidade agressiva”, produzida e reproduzida nos bairros periféricos da cidade de acordo com os autores, se manifesta nos estádios de futebol, segundo Almeida (2012, p. 106).

Tendo como suporte teórico as teses do sociólogo alemão Norbert Elias, os pesquisadores destacam que a violência é “[...] produto dos setores mais ‘rudes’ das classes trabalhadoras, dentre das quais subsistiriam valores que exaltam a masculinidade, a agressividade e a defesa do território” (DUNNING, 1994; 2009 *apud* ALMEIDA, 2012, p. 107). Obviamente que tal argumento é frequentemente objeto de crítica por outros pesquisadores, visto que se foca em generalizar o funcionamento social, cultural e afetivo das classes trabalhadoras.

Independente da percepção teórica que venha a ser adotada, importante é perceber as formas que se dão a associação do futebol com a violência na sociedade, tanto em áreas de atuação histórica e contemporânea como também no processo de mensurar e entender estas práticas.

Murad (2012, p. 30) menciona que não se deve generalizar e, menos ainda, criminalizar as torcidas organizadas como um todo. Tal percepção é oriunda de pesquisa realizada pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) e pela Universidade Salgado Oliveira (Universo), referente aos anos de 2009 e 2010, que aponta o fato de que a violência praticada entre torcedores no Brasil é praticada somente por uma minoria das torcidas organizadas, cujos percentuais oscilam entre 5% a 7%, valores estes já encontrados em pesquisas anteriores sobre o tema.

Considerando que os torcedores organizados já são uma minoria entre o universo de milhões de torcedores brasileiros, o número verificado configura que a prática da violência é associada a uma fatia muito restrita das pessoas associadas ao futebol. Mesmo assim, a questão não deixa de ser importante, mas deve ser tratada de forma equilibrada e honesta por parte da sociedade:

Temos de encontrar uma dialética, uma síntese entre esses dois opostos: de um lado, a criminalização; de outro, a banalização. O próximo passo é ficar atento, rejeitando a sedução de um raciocínio simplista e reducionista, constatando que o futebol é assim mesmo (a banalização) ou que a torcida organizada é sinônimo de violência (a criminalização). [...] Por enquanto, o número desses delinquentes “torcedores”, na realidade não é tão grande quando parece. [...] Não são predominantes, são minoria, embora ainda assim perigosos e dignos de preocupação. (MURAD, 2012, p. 30-31).

A preocupação está no fato de que infelizmente o Brasil é o campeão mundial no que se refere à morte de torcedores: no período de 1999 a 2008 foram contabilizadas 42 mortes, ou seja, uma média de 4,2 por ano, segundo a mesma pesquisa. Assim, o Brasil ultrapassou a Itália e a Argentina, países que estavam a sua frente no início do período investigado.

A explicação para o “avanço” brasileiro e o recuo dos outros países, é que tanto a Itália como a Argentina começaram a se organizar para o enfrentamento da questão e o Brasil ainda não. Assim, foram efetivadas medidas de dureza na repressão, inteligência na prevenção e políticas governamentais para a reeducação do público envolvido com o futebol, em geral, e, de forma mais específica, também com as torcidas organizadas, ainda acordo com Murad (2012, p. 37-38).

A triste notícia para o Brasil e para o esporte que é a paixão nacional da maioria dos brasileiros é que, ao verificar a evolução dos números, se a média foi de 4,2 mortes por ano na década (1999 a 2008), caso seja verificado somente os últimos cinco anos da amostra (2004 a 2008) a média aumenta para 5,6; já se for somente para os últimos dois tem-se 07 óbitos ao ano. Já para 2009 e 2010 verificou-se que ocorreram, respectivamente, 09 e 12 mortes.

Finalmente, visando elucidar a violência no seio do futebol no Brasil e no mundo, fica a pergunta: qual é o perfil do torcedor que tem envolvimento com atos violentos neste esporte?

Murad (2012, p. 56) afirma que no Brasil a idade dos torcedores violentos varia entre 15 a 24 anos, a maioria deles, ou seja, 71%, estão desempregados ou tem emprego informal, tem proveniência de todas as faixas de renda e escolaridade, embora haja predomínio de membros da classe média baixa e com escolaridade de Ensino Fundamental e Médio. Também é percebido no Brasil que existe predominância masculina (cerca de 90%, em média), envolvimento com tráfico de drogas e gangues urbanas, a existência de consumo crescente de drogas ilícitas e álcool, comunicam-se e organizam confrontos pela internet e que normalmente realizaram treinamento anterior em lutas marciais (boxe tailandês, jiu-jitsu e caratê, entre outras) e são adeptos de táticas militares.

### **5. A expressão da violência total e destruidora no futebol inglês e mundial: o caso dos torcedores *hooligans* nos anos 1980**

Um dos casos mais emblemáticos da expressão da violência associada ao futebol foi o dos torcedores ingleses conhecidos como *hooligans*, menção já realizada anteriormente no presente trabalho. Tais torcedores atingiram grande fama ao longo dos anos 1980, sendo que ainda é recorrente nos dias atuais a menção aos mesmos quando alguma manifestação violenta acontece no mundo futebolístico. Mas afinal: qual a origem do termo e porque estes torcedores são até hoje ainda uma referência da violência no futebol?

A resposta para a primeira questão está na figura de Edward Hooligan, considerado um dos maiores arruaceiros da cidade de Londres no século XIX, de acordo com Pereira (2013, p. 2). Oriundo da Irlanda e visando fugir da fome, acabou por migrar para a Inglaterra na segunda metade do século XIX, mas não obteve êxito e sorte, visto que:

Viveu uma existência maldita num dos bairros operários do raio urbano da capital do império. Fez da sua vida uma ode à violência e ao alcoolismo. Era conhecido por todos os bares da cidade. Cada vez que entrava para beber uma guinness, os donos sabiam que iriam ter problemas. Muitas vezes não pagava, outras tantas causava discussões que acabavam com vidros partidos, detenções e algum que outro morto. O seu nome era conhecido e temido, tanto pela polícia como pelos restantes habitantes da capital. (PEREIRA, 2013, p. 3).

Em um período onde havia o predomínio do álcool e da violência com o cotidiano da capital inglesa, a história deste irlandês serviu de base para que seus seguidores, igualmente violentos, transferissem a “[...] a sua sede por golpes e cerveja das ruas para os estádios” (PEREIRA, 2013, p. 2).

Mesmo não tendo evidências de que Edward era um amante do futebol, seu nome logo começa a ser associado, dada a grande fama local alcançada, a inúmeros comportamentos e incidentes violentos ocorridos na cidade (incluindo nos pequenos e lotados estádios londrinos), principalmente a partir de 1890, quando a expressão “hooliganismo” surge impressa no Jornal *The Times*. Seu legado havia permanecido (Edward já havia falecido na prisão) e de forma rápida estava chegando ao universo do futebol.

As décadas seguintes foram caracterizadas por uma violência cada vez maior no futebol inglês, a partir de agora já percebida como associada pela rivalidade entre os clubes. Exemplos disso estavam nos londrinos *West Ham United* e no *Millwall Football Club*, considerados os mais temidos pelos torcedores de outros clubes, mas também podiam ser

vistas em equipes de outras cidades, como o *Manchester United Football Club*, *Newcastle United Football Club* e *Sheffield United Football Club*.

Pereira (2013, p. 4) destaca que neste período a violência acontecia em momentos pontuais e somente dentro dos próprios estádios. Já a partir dos anos 1960 os confrontos começam a ser praticados antes e depois dos jogos, tendo como “palcos”, por exemplo, as estações de trens e os ônibus urbanos, período em que muitas vezes os enfrentamentos eram previamente combinados por torcedores de clubes rivais para acontecerem em determinado local.

É com esta perspectiva que os *hooligans* podem ser associados com grupos de torcedores de engajamento constante e coletivo na violência, de acordo com Giulianotti (2002) *apud* Lopes; Cordeiro (2010, p. 78).

O perfil deste tipo de torcedor é descrito pelo jornalista norte-americano Bill Buford, autor da obra *Entre os vândalos*, lançada em 2010, de acordo com Lima (2014, p. 1). Além de eventualmente utilizarem armas de fogo, os torcedores caracterizados como *hooligans* tem por hábito o manejo de pedaços de madeira, tacos de beisebol, barras de ferro, facas, bombas, rojões e tudo o mais que encontrarem na frente. Seu *modus operandi* é definido ainda da seguinte forma:

Formam, também, na hora do combate, a famosa linha de frente, ou seja, posicionam na dianteira do grupo aqueles que, realmente, apresentam uma coragem acima da média e sabem brigar com galhardia. Na hora do ódio grupal, reina a impiedade. Quem lhes cruzar o caminho ou for lembrado pode ser alvo de xingamentos ou agressões físicas, de modo que os *hooligans* sabem ofender, de maneira enfática, as autoridades policiais ou os políticos, especialmente quando são de outro país. (LIMA, 2014, p. 1).

Historicamente, o auge da relação entre violência e futebol na Europa vai se dar então nos anos 1980, período em que também é iniciado um enfrentamento maior dos governos, federações, opinião pública e da sociedade em geral a este problema.

Tal reação é iniciada após a tragédia ocorrida no ano de 1985 na cidade de Heysel, na Bélgica, pela final da Liga dos Campeões da Europa entre o *Liverpool Football Club* (clube da Inglaterra) e a Juventus (Itália), segundo Murad (2012, p. 175). O saldo do “evento” foi 39 feridos e centenas de feridos. Assim:

A União das Federações Europeias de Futebol (UEFA) abriu inquérito para apurar responsabilidades e concluiu pela culpa do *hooliganismo*; suspendeu, portanto, os clubes ingleses de todas as competições europeias até a temporada 1990/1991, com evidentes prejuízos econômicos e simbólicos. (MURAD, 2012, p. 175).

Já a reação dentro da Inglaterra ao episódio tem como meta reorientar completamente a relação entre futebol e torcida, com foco na criação de um gabinete cuja função era “[...] estudar, entender e combater a violência nos esportes, particularmente os distúrbios dos *hooligans*, em estádios de futebol (MURAD, 2012, p. 175).

Quatro anos depois nova tragédia acontece envolvendo o futebol inglês: em uma partida entre dois clubes locais (*Liverpool*, novamente, e o *Nottingham Forest Football Club*), 96 pessoas são mortas no episódio que ficou conhecido como o “desastre de Hillsborough”, de acordo com Lima (2007, p.1). A consequência é a elaboração de um documento intitulado *Relatório Taylor*, elaborado pelo juiz aposentado Peter Taylor, onde são apontadas as principais causas da tragédia.

Murad (2012, p. 177) menciona que o relatório faz recomendações com o intuito de “[...] planejar, organizar e preservar os estádios, pensando-os como espaços públicos, e o

espetáculo esportivo, como direito do consumidor e do cidadão”. Dentre as principais ações necessárias para atingir estes objetivos estão, de acordo com Lima (2007, p. 1), a revisão da capacidade de público de todos os estádios, instalação de assentos numerados em todos os setores dos estádios, novas provisões no que se refere aos primeiros socorros e serviços de emergências, retirada dos alambrados e o monitoramento do público nas arenas esportivas.

Tais medidas acabaram por alcançar êxito no combate à violência dentro dos estádios, mas de modo geral houve um “deslocamento” dos atos violentos para outros locais, como, por exemplo, as estações de trem, os *pubs* (bares ingleses) e as regiões centrais das cidades, fatos este que, mesmo não tendo mais acontecido tragédias da mesma magnitude, continuaram a serem responsáveis pela preocupação das autoridades e sociedade inglesa até os dias atuais.

## 6. Considerações Finais

O recrudescimento pelo interesse em determinados temas e assuntos é algo corriqueiro nas discussões de nossa sociedade. Uma destas temáticas sempre presentes são as diferentes formas em que se dão o conjunto de relações humanas a partir dos diferentes grupos sociais que se encontram representados em nossa sociedade.

A busca deste objetivo passa pela percepção das maneiras explícitas e implícitas em que se apresentam os comportamentos e expressões dos indivíduos em relação aos outros indivíduos isoladamente ou em agrupamentos. É neste contexto que se percebe atos e sentimentos que podem ser associados à tolerância, zelo, amor, respeito, ódio, rancor, desprezo e, infelizmente, também, a violência em suas diversas formas de representação.

A violência, entre os seus canais tradicionais de expressão, tem o mundo do esporte entre um deles, fato este que é percebido cotidianamente por uma rápida leitura aos jornais, revistas e sítios eletrônicos que tem interesse no noticiário esportivo diário ou semanal. Dentro deste contexto, o futebol é canal representativo corriqueiramente na ocorrência de comportamentos hostis e violentos por seus praticantes, torcedores ou demais pessoas envolvidas: brigas entre os jogadores dentro do campo, conflitos entre torcidas organizadas e não organizadas dentro e fora das “quatro linhas”, vandalismo e outros comportamentos antissociais associados.

Foi dentro deste contexto que o presente trabalho buscou perceber a natureza em que se dá a violência no Brasil e no mundo, visando entender os seus pressupostos fundamentais, bem como realizar uma breve reflexão histórica e contemporânea que dá pistas sobre os mecanismos de sua reprodução. Também foi percebido que infelizmente o comportamento de cunho violento tem uma trajetória consistente no futebol brasileiro, sul-americano e mundial, fato este que pôde ser percebido principalmente na trajetória de organização e expressão das torcidas organizadas ao longo das últimas décadas.

Tal expressão de violência máxima no futebol pode ser vista na experiência inglesa, datada principalmente nos anos 1980, dos torcedores conhecidos como *hooligans*. Com um perfil extremamente violento e ansioso pela busca permanente de novos conflitos com as torcidas rivais, os mesmos foram responsáveis para fomentar a discussão e a formatação posterior de uma nova forma de relacionamento entre a sociedade, futebol e tolerância, inicialmente na Inglaterra, mas que logo se espalhou se espalhou além das suas fronteiras.

Finalmente, se deve lembrar que a experiência de enfrentamento a violência nos limites do futebol deve ser um processo permanente, dado o importante papel que o citado esporte tem na integração social e cultural das diferentes classes sociais, bem como na representatividade econômica cada vez maior que este tem alcançado.

A experiência inglesa fornece boas lições para o enfrentamento deste processo, mas o caminho na busca da tolerância e respeito no futebol deve ser um processo continuado, espaço este em que os novos desafios vão sendo sempre apresentados, merecendo acompanhamento e tratamento adequado por parte de todos os atores sociais envolvidos.

## Referências

- ABRAMOVAY *et. al.*, Miriam. **Juventude, violência e vulnerabilidade social na América Latina: desafios para as políticas públicas**. Brasília: UNESCO, BID, 2002.
- ALMEIDA, Pedro. Futebol, racismo e eurocentrismo. Os média portugueses na cobertura do Campeonato Mundial de Futebol na África do Sul. **Revista Crítica de Ciências Sociais** [Online], 98, 2012, p. 103-124, Disponível em: < <http://rccs.revues.org/5064>> Acesso em: 11 ago. 2015.
- ANDRADE, Clara de Jesus Marques; FONSECA, Rosa Maria Godoy Serpa da. Considerações sobre violência doméstica, gênero e o trabalho de equipes de saúde de família. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**. 2008, 42 (3), p. 591-595.
- ARENDDT, Hannah. **Da violência**. São Paulo: Civilização Brasileira, 2004.
- CAMARNADO JR., Dariusio Vicente. As faces da violência: da conceituação polissêmica à sua emergência no campo da saúde. In: ROMARO, Rita Aparecida; CAPITÃO, Cláudio Garcia. (orgs.). **As faces da violência: aproximações, pesquisas e reflexões**. 1. ed. São Paulo: Vetor, 2007, p. 11-31.
- GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Editora Atlas, 2007.
- GREGÓRIO, Gregorio de Sordi; CELES, Luiz Augusto. Por que brigar? Uma perspectiva psicanalítica a respeito dos hooligans. In: VIANA, Terezinha de Camargo. (org.). **Sobre psicanálise, subjetivação, arte e cultura**. Lisboa: Placebo, 2011, v., p. 181-194.
- LIMA, Luiz César Cunha. **O Relatório Taylor**. Clubjus, Brasília/DF: 10 nov. 2007. Disponível em: < [www.clubjus.com.br/cbjur.php?artigos&ver=2.11535](http://www.clubjus.com.br/cbjur.php?artigos&ver=2.11535)> Acesso em: 30 nov. 2015.
- LIMA, Vanderlei de. Os **valentes hooligans ingleses**. Organizadas Brasil – o Portal das Torcidas Organizadas. Postado em 15 jun, 2014. Disponível em: < <http://www.organizadasbrasil.com/artigo/OS-VALENTES-HOOLIGANS-INGLESES-39.html>> Acesso em: 11 ago. 2015.
- LOPES, Felipe Tavares Paes; CORDEIRO, Mariana Prioli. Torcidas organizadas do futebol brasileiro: singularidades e semelhanças com outros grupos de torcedores da América do Sul e da Europa. **Espaço Acadêmico**. n. 104, Jan. 2010, p. 75-83.
- MINAYO, Maria Cecília de Souza. A violência social sob a perspectiva da saúde pública. **Cad. Saúde Públ.**, Rio de Janeiro, 10 (supplement 1): p. 07-18, 1994.
- MINAYO, Maria Cecília de Souza; SOUZA, Edinilsa Ramos de. Violência e saúde como um campo interdisciplinar e de ação coletiva. **História, Ciências, Saúde - Manguinhos**. IV (3): p. 513-531. Nov. 1997 - Fev. 1998.
- MURAD, Mauricio. **A violência no futebol**. São Paulo: Saraiva, 2012.
- PEREIRA, Miguel Lourenço. Edward Hooligan, o pai do hooliganismo. **Futebol Magazine**. Postado em 10 jun. 2013. Disponível em: < <http://www.futebolmagazine.com/edward-hooligan-o-pai-do-hooliganismo>> Acesso em: 11 ago. 2015.
- PIMENTA, Carlos Alberto Máximo. Violência entre torcidas organizadas de futebol. **São Paulo em Perspectiva**. v. 14, n. 2, São Paulo, Abr./Jun. 2000, p. 121-128.

- SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do Trabalho Científico**. 23. ed. rev. e atual. São Paulo: Cortez Editora, 2007.
- SUDBRACK, Aline Winter. As vítimas do ódio: violência, estado e vulnerabilidade social no Brasil. In: ALMEIDA, Maria da Graça Blaya (org.). **A violência na sociedade contemporânea**. Dados eletrônicos. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2010, p. 111-120.
- WEYRAUCH, Cleia Schiavo. Violência urbana. **Dimensões**. Programa de Pós-Graduação em História (UFES), v. 27, 2011, p. 02-22.

## **A EXPOSIÇÃO DO MUSEU BRASILEIRO DO FUTEBOL: ESCRITA DA HISTÓRIA E CULTURA DO ESPORTE.**

### ***THE EXHIBITION OF THE BRAZILIAN SOCCER MUSEUM: WRITING HISTORY AND SPORT CULTURE.***

**Thiago Carlos Costa<sup>173</sup>**

**Resumo:** Esta comunicação apresentará a proposta conceitual que norteou o trabalho curatorial da exposição de longa duração do Museu Brasileiro do Futebol-MBF, sediado no Estádio do Mineirão em Belo Horizonte. Inserido na reforma do Estádio Mineirão para sediar em Belo Horizonte os jogos das Copas das Confederações em 2013 e da Copa do Mundo em 2014, o MBF foi projetado para ser um dos legados deste evento esportivo. Neste contexto, a missão do Museu Brasileiro do Futebol era de trazer ao público, histórias do Estádio Mineirão, do futebol mineiro, além do futebol no Brasil. Considerado um dos elementos marcantes da identidade cultural brasileira, o futebol caracteriza-se pela sua ludicidade, popularidade e apelo emotivo. Portanto, o objetivo central da exposição é apresentar e problematizar de forma informativa e lúdica, como o futebol se tornou um dos elementos centrais da cultura brasileira, contextualizando-o com artefatos históricos e semiológicos.

**Palavras-chave:** Futebol, Museu, Esporte, Memória, Exposição.

**Abstract:** This paper presents the conceptual framework that guided the curatorial work of long-term exposure of the Brazilian Football Museum-MBF, based at the Mineirao Stadium in Belo Horizonte. Inserted in the reform of the Mineirao Stadium in Belo Horizonte to host the matches of the Confederations Cup in 2013 and the World Cup in 2014, the MBF is designed to be one of the legacies of this sporting event. In this context, the mission of the Brazilian Football Museum was to bring to the public, stories Mineirao Stadium, mining soccer, as well as football in Brazil. Considered one of the striking elements of Brazilian cultural identity, football is characterized by its playfulness, popularity and emotional appeal. Porting, the main objective of the exhibition is to present and discuss an informative and entertaining way, as football has become one of the central elements of Brazilian culture, contextualizing it with historical and semiotic artifacts.

**Keywords:** Football, Museum, Sport, Memory, Exhibition.

### **1. Apresentação**

*O futebol é a última representação sacra do nosso tempo.  
É rito profundo e também evasão.*

**Pier Paolo Pasolini**

*Para nós, o futebol não se traduz em termos técnicos e  
táticos, mas puramente emocionais.*

**Nelson Rodrigues**

---

<sup>173</sup> Graduado em História pela PUC-Minas (2004), Mestre em Letras pela UFMG (2014); membro-pesquisador do Núcleo de Estudos de Futebol, Linguagens e Artes (FULIA) da UFMG; Coordenador do Museu Brasileiro do Futebol, no Estádio Mineirão. E-mail: thiago\_costa@yahoo.com.br

A presente comunicação tem como objetivo apresentar o conceito que norteou o trabalho curatorial da exposição de longa duração do Museu Brasileiro do Futebol-MBF, sediado no Estádio do Mineirão em Belo Horizonte. Inserido na reforma do Estádio Mineirão para sediar em Belo Horizonte os jogos das Copas das Confederações em 2013 e da Copa do Mundo em 2014, o MBF foi projetado para ser um dos legados deste evento esportivo. Neste contexto, a missão do Museu Brasileiro do Futebol era de trazer ao público, histórias do Estádio Mineirão, do futebol mineiro, além do futebol no Brasil. Considerado um dos elementos marcantes da identidade cultural brasileira, o futebol caracteriza-se pela sua ludicidade, popularidade e apelo emotivo. Portanto, o objetivo central da exposição é apresentar e problematizar de forma informativa e lúdica, como o futebol se tornou um dos elementos centrais da cultura brasileira, contextualizando-o com artefatos históricos e semiológicos.

No plano central do Museu Brasileiro do Futebol, havia objetivo de se instalar um equipamento cultural em um galpão de aproximadamente 1.500m<sup>2</sup> localizado na entrada do Portão G2 do “novo Mineirão”<sup>174</sup>. Para tanto a proposta curatorial da exposição partiu de uma primeira exposição inaugural chamada “Esfera Coletiva”, aberta ao público em março de 2013. Esta mostra apresentava em sete salas, de maneira histórica e descritiva desde a construção do Estádio Governador Magalhães Pinto – Mineirão, em 05 de setembro de 1965, com a proposta da época de ser um dos maiores e mais modernos estádios do Brasil. Assim a exposição “Esfera Coletiva”, apresentava por meio de fotografias, textos, vídeos, instalações multimídias dos jogos no Mineirão. A exposição também apresentava a “sala das fichas”, com terminais de multimídia com fichas digitalizadas com de três mil jogos que ocorreram no Estádio, entre 1965 a 2010, ao mesmo tempo a parede da sala é revestida de várias destas fichas dispostas de forma aleatória, mas que dão a sensação de se estar dentro de um grande arquivo de aço. Na sala seguinte, a “Sala das Bandeiras”, apresentava uma série de bandeiras doadas pelos times visitantes que jogaram no Mineirão entre 1965 a 2010. Esta sala ainda contava com uma diversidade de reproduções de fotografias de jogos e objetos marcantes ao dos 45 anos de história do estádio. Na sequência um corredor dava acesso ao processo de registro fotográfico da reforma que preparou o estádio para a Copa do Mundo dentro das determinações da FIFA para os estádios que se candidatam a receber partidas deste tipo. São fotos que retratam como entre 2010 a 2012, o Mineirão teve a sua fachada restaurada, a sua cobertura ampliada, seu entorno adequado aos padrões da FIFA, e internamente as arquibancadas ficaram mais próximas do campo de jogo. Ao final dessa exposição o visitante tinha acesso a curta-metragem chamado, “Hoje é dia de futebol”, onde pessoas relatavam suas histórias pessoais relacionadas ao futebol e particularmente no Estádio do Mineirão. Os relatos iam desde a primeira vez que as pessoas foram ao estádio, passando pelos jogos marcantes, apresentando o mesmo como um espaço de experiências e construção de memórias coletivas.

Conforme acordado no Plano Museológico contratado pelo Poder Público do Estado de Minas Gerais que foi pactuado junto à concessionária do Estádio, a empresa Minas Arena, o Museu Brasileiro do Futebol deveria se tornar uma opção de qualidade para preservação e difusão da memória do futebol mineiro e brasileiro. Assim foi destinada ao museu uma área física de 1.500m<sup>2</sup>, para exposições, áreas técnicas para abrigar trabalhos educativos, de pesquisa e preservação de acervos. Assim foi pactuado, quatro módulos de entrega do espaço iniciado em dezembro de 2012, com a entrega ao Estado até maio de 2014, com vistas a entregar o museu completamente pronto para população local e estrangeira. Como foi dito

---

<sup>174</sup> Abro aspas aqui para delimitar “novo Mineirão”, como o estádio reformado para a Copa entre 2010 e 2012, e entregue ao público em fevereiro de 2013.

anteriormente a primeira exposição contou o processo de construção e reformulação do estádio para a Copa do Mundo de 2014. A área ocupada pela exposição com mais uma área técnica-administrativa consistia em torno de 400m<sup>2</sup> distribuídas em sete salas de exposição, portanto sobravam mais de 1.000m<sup>2</sup> de área livre para aproveitamento de exposições e outras instalações.

## 2. O índice da proposta curatorial

*Difícilmente se descobrirá um brasileiro que, ao menos uma vez na vida, não haja metido o pé numa bola, e que ficasse imune ao sortilégio do jogo nacional.*

**Milton Pedrosa**

No decorrer desse tempo, um estudo minucioso do Plano Museológico e das carências imediatas do museu para com o público, foi realizado. Para isso, era necessário pensar o museu como espaço de produção de conhecimento, e assim foi pensada uma exposição de longa duração que anexasse à exposição em cartaz de modo que abrangesse os potenciais de pesquisa e entendimento do futebol, de modo a torna-lo palatável a todos os públicos que visitam o estádio e esse novo espaço cultural. Portando esses foram os insumos que subsidiaram a concepção da proposta curatorial da exposição de longa duração para o Museu Brasileiro do Futebol.

A proposta curatorial da exposição além de suprir carências e equívocos existentes era o de propor novas salas expositivas e proporcionar um caráter mais consistente a missão do museu, que é o de preservar, pesquisar e difundir a memória do futebol mineiro e brasileiro. Foram pensadas as readequações de duas salas e a construção de mais seis novas salas de exposições para essa etapa do museu a serem entregues entre janeiro e maio de 2014. Assim alinhado ao pensamento museológico contemporâneo alinhamos o entendimento de uma exposição passando pela seguinte tese;

Se entendermos o objecto, segundo a concepção formalista de **Gombrich**, seria a conjunção de formas e cores ; o objecto por si só, desvinculado do seu contexto. Por outro lado, a concepção iconológica de **Panofsky**, nos atenta para o mundo dos significados que as formas possuem; o seu conteúdo. (SILVA, 1999:70)<sup>175</sup>

Partindo desta lógica os objetos no museu, como bola, bandeiras, camisas, fotografias e outros, em princípio são apenas coisas fora do seu lugar de uso e um outro espaço, como item de uma linguagem visual. No espaço expositivo do museu, devemos transcender estas características óbvias e propor mecanismos de entendimento dos significados simbólicos destes objetos. Aí reside o papel do museu contemporâneo, como um espaço para construção de conhecimento crítico, e que proponha ao seu público uma fruição entre o objeto exposto e o tema da mostra. Assim, textos de parede, instalações multimídias, e uma museografia com iluminação e vitrines adequadas, auxiliam como ferramentas fundamentais nessa concepção de exposição.

---

<sup>175</sup> SILVA, Daniella Rebouças. As formas de ver as formas: uma tentativa de compreender a linguagem expositiva dos museus. Cadernos de Sociomuseologia, nº16, 1999.

Portanto, a exposição de longa duração do museu brasileiro do futebol como ferramenta para experiências de comunicação e imersão passa pelo entendimento da escrita da história do futebol e do entendimento da memória deste esporte como este objeto de estudo. Assim, para se explorar e propor uma leitura do futebol como fenômeno cultural total, é preciso desconstruí-lo do seu lugar-comum e reconstruí-lo no percurso expositivo de modo a propor que visitante espontâneo e agendado faça este mesmo percurso do olhar.

### 3. A constituição das salas de exposição

A constituição de salas de exposições pressupõe a ideia de se criar teses tridimensionais, onde o texto deve ser explícito em textos de parede, imagens, objetos e instalações multimídias. Assim, as salas contariam cada a sua história, mas em um contexto mais amplo amarrariam a narrativa para composição da identidade do museu enquanto lugar de memória e produção de sentido. Pensando em uma lógica alinhada ao pensamento Walter Benjamin, em relação à memória histórica como uma construção de narrativas e experiências.

“articular historicamente o passado, conhecê-lo “como ele de fato foi”. Significa apropriar-se de uma reminiscência, tal como ela relampeja no momento de um perigo”. (BENJAMIN, 1994:224)<sup>176</sup>

Assim, uma das grandes lacunas da exposição “Esfera Coletiva”, era começar o MBF por uma sala dedicada a Copa de 1950. Nessa sala era apresentada por meio de imagens e um pequeno texto a partida entre as seleções dos Estados Unidos e da Inglaterra, no Estádio Raimundo Sampaio – Independência. Sinalizo que era um equívoco por dois fatores, o primeiro não problematizava a Copa de 50, em um contexto mais amplo, com significados esportivos e memorialísticos para os visitantes. E também não apresentava Belo Horizonte, e muito menos o cenário esportivo local antes da construção do Mineirão na década de 1960. Para suprir essa carência a primeira sala a ser revisada era essa, que pela nova curadoria se chamaria a “Belo Horizonte e a Era Pré-Mineirão”, que apresentaria a construção de Belo Horizonte entre 1894 e 1897, o surgimento dos primeiros times da cidade nos primeiros anos do século XX. Além da chegada do esporte em Belo Horizonte, com a constituição do primeiro time da capital, o Sport Club Foot-Ball criado por Victor Serpa em 1940. Nas décadas seguintes é apresentada como a ocupação e crescimento da cidade acompanhou a consolidação e construção dos primeiros estádios da capital mineira, como elementos de exemplificação do nascimento e fortalecimento dos times da capital, Atlético, América e Cruzeiro. Nesse contexto é apresentado o Estádio Independência, palco de três jogos da Copa do Mundo de 1950, e que foi o maior estádio da cidade até a construção do Mineirão em 1965. Nesta, linha o visitante tem na primeira sala do Museu Brasileiro do Futebol uma noção do que seria a chamada “era Pré-Mineirão”, e projetar a relevância da construção deste estádio.

Em sequência a segunda sala a ser reformulada era a “Sala dos Depoimentos”, que por um projeto museográfico mal sucedido não cumpria sua missão de estimular depoimentos orais sobre momentos marcantes do futebol. Assim a sala foi refeita, com um projeto gráfico mais atraente, composto de grafismos e reproduções fotográficas de lances de jogos importantes e momentos como provas, concursos, postais e outros vividos no estádio. Para execução do novo projeto, foi implantada uma mesa multimídia com um sistema

<sup>176</sup> BENJAMIN, Walter. Sobre o Conceito da História. In: Magia e Técnica, Arte e Política. Obras escolhidas. Volume 1. Trad. Sergio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1994.

automatizado onde o visitante não precisaria mais de um educador ou funcionário do museu para registrar seu depoimento memorável no estádio. Nesse mesmo projeto museográfico o depoimento do visitante passa a ser veiculado dentro da exposição em uma televisão fixada na parede da sala, integrando o visitante ao espaço de modo mais objetivo. Outro projeto que esta “Sala da Memória”, possibilitará em médio prazo será a constituição de um acervo de depoimentos destes visitantes e também de personagens protagonistas do futebol, como jogadores, técnicos, dirigentes, jornalistas, torcedores e outros. Sendo que este acervo poderá servir de insumo para um projeto de história oral e um banco de depoimentos para pesquisas temáticas ou consulta para pesquisadores e ou o público geral do museu.

A terceira sala reformulada da exposição de abertura do museu, chamada o “novo Mineirão”, apresentava ao centro a maquete do projeto arquitetônico do estádio cercado por imagens artísticas de futebol nas paredes. A readequação desta sala se fez necessária para se registrar e para ser a “Sala das Confederações”, local destinado a apresentar imagens e duas camisas do torneio teste para o Mundial de 2014. O Mineirão sediou três partidas deste evento teste, e como legado recebeu de doação duas camisas de seleções que aturam no estádio, uma da seleção do Taiti e outra da seleção do Japão. Paralelamente, a sala continuava com a maquete do projeto atual, mas agora contava também com uma série de reproduções fotográficas produzidas ao longo da competição que registrava cenas destas três partidas.

Portanto com esses ajustes estava iniciada a primeira adequação da antiga exposição de abertura que seria integrada a cinco novas salas, dando assim ao museu uma exposição de caráter de longa duração. A primeira nova sala é a “Sala ABC do Futebol”, um espaço com caráter enciclopédico com objetivo de apresentar o futebol de modo geral, para quem gosta de futebol e não compreende regras, histórias e curiosidades do esporte. No início da sala, o visitante tem acesso a um corredor que propõe o seguinte percurso onde são apresentados os modos de jogos ancestrais de bola ao longo da história da humanidade. De modo a se pensar as origens históricas do futebol como um exercício interessante de pesquisa em torno de seus significados e suas transformações na perspectiva de entendê-lo como esporte e representação cultural. Assim, uma diferenciação frontal que precisamos estabelecer aqui uma diferenciação entre o jogo de bola realizado por diferentes povos desde a Antiguidade, na Ásia, América Central e Europa em torno de 3000 a.C., passando pela Idade Média, por volta de 1500 a.C., e o futebol que conhecemos hoje, originário da Inglaterra do século XIX, o *football association*. Portanto, não podemos afirmar que o *tsu-chu*, o *tlachtli*, o *episkyros*, o *harpastum*, o *kemari*, o *soule* e o *calcio fiorentino* sejam ancestrais diretos do futebol moderno que conhecemos hoje. Mas a proposta da exposição, é o de apresentar o caráter antropológico do jogo de bola ao futebol e pensar os caracteres rituais, simbólicos e bélicos desses jogos, além de como e onde se passaram. Pois o futebol moderno é resultado de um conjunto de fatores presentes somente no contexto histórico da Inglaterra do século XIX, como a revolução industrial, a criação das disciplinas escolares e a difusão das informações entre os grupos populares dos centros urbanos.

Apresentando o *Football Association*, inglês da segunda metade do século XIX, como prática esportiva daquele contexto histórico e como o mesmo é difundido pelo mundo. Na sequência é apresentado como o futebol chegou ao Brasil, com suas transformações simbólicas, sociais e possibilidades de interpretação. Alinhado a seguinte perspectiva;

Em termos transdisciplinares, no intuito de delimitar com maior propriedade essas categorias que compõem o elemento épico, devemos atentar para “o funcionamento simbólico e ritualístico do futebol”, “a natureza mítica do futebol”, a “dramatização mítica”, a “linguagem simbólica”, “o futebol como liturgia do universo”, e, enfim, “o futebol como epopeia do humano”, aspectos esses destacados por António da Silva Costa em seu estudo intitulado “Do futebol a uma nova imagem do homem e

da sociedade”, fundamentado por noções oriundas da Sociologia e da Antropologia. (CORNELSEN, 2012:61)<sup>177</sup>

Passando por este corredor informativo das características históricas, sociológicas, linguísticas e antropológicas do futebol no mundo e no Brasil, o visitante encontra na Sala ABC do Futebol, o mesmo de modo enciclopédico. O projeto museográfico explora a sala como um todo, em uma parede são descritas as dezessete regras do futebol, em outra os esquemas táticos históricos, em outros aspectos linguísticos e filosóficos do futebol. Em uma das paredes o visitante tem acesso ao *Bolapé: o glossário do futebol*, que visa reunir e apresentar termos, apelidos e gírias que permeiam o universo do futebol, desde os campinhos até as arquibancadas, passando pelos jornais e outros meios de registro e comunicação. Em telas touch screen, o visitante acessa termos de A a Z, com verbetes explicativos do mundo do futebol, como, *açougueiro, canela de vidro, gândula, pipoqueiro, retranca, zona do agrião* e outras palavras. A proposta é convidar o visitante a interagir com este universo linguístico do futebol, aproximando os interessados ou não no tema.

Outro destaque da sala é a videoinstalação batizada de *Ludopédio*, que propõe de modo lúdico e informativo uma apresentação do futebol, passando das funções de cada posição dos jogadores, pelos esquemas táticos, e pelas regras do jogo, dando destaque a regra do impedimento. A projeção consiste em uma espécie de um jogo de botão virtual que narrado e legendado explica das ações para o visitante.

O segundo novo espaço é a sala “Os Imortais do Futebol”, nela o visitante é convidado a conhecer um pequeno trecho da vida dos protagonistas do jogo; jogadores, treinadores e dirigentes. Em uma museografia que remete a um panteão grego, a sala é dividida na “Era pré-Pelé”, que vai de 1900 até 1970 e a “Era pós-Pelé”, ao todo são dispostas quase 200 notas biográficas destes personagens do futebol. O outro destaque da sala é para 36 figuras de destaque no futebol mineiro e brasileiro que foram divididas em 3 times, escaldos de fora a propor um encontro de gerações distintas ao longo do tempo. Para facilitar o entendimento da proposta da exposição projeto, estes 36 personagens foram registrados por meio de ilustrações que surgem para os visitantes.

No terceiro novo espaço, a “Sala de Olho da Bola” é destacada as mídias impressa, radiofônica, televisiva e a internet como ferramentas de difusão e consolidação do futebol na sociedade brasileira. Com exposição de objetos como rádios, microfones, mesas de som, revistas, fotografias, livros, vistos aqui como ferramenta de trabalho e produção dos cronistas esportivos. Em terminais multimídias, os visitantes podem acessar gols importantes da história do futebol brasileiro com narrações de radialistas importantes. O objetivo geral desta sala consiste em dedicar uma homenagem á memória da crônica esportiva brasileira e internacional, onde é evidenciada a sua importância na construção do futebol como fenômeno de massa ao longo dos séculos XX e XXI.

Na sala seguinte, o quarto novo espaço, a “Sala Campos Gerais”, que é dedicada à memória histórica e descritiva do futebol mineiro, representado pelos clubes, jogadores, técnicos, campeonatos e outros personagens do futebol local. Nessa sala o visitante tem acesso a banco de dados, batizado de *Campos Gerais*, localizado no centro da sala onde pode realizar uma busca aos times de Minas pelos seus municípios. A base de dados é disponibilizada em 12 computadores, que possuem em sua base em torno de 110 times distribuídos em 70 municípios mineiros. Nesta pesquisa o visitante encontra informações históricas e estatísticas de cada um dos municípios e visualiza os escudos dos times, que quando acessados apresentam um breve histórico do time e a possibilidade de se visualizar em

<sup>177</sup> CORNELSEN, Elcio Loureiro. Hinos de futebol nas gerais: dos hinos marciais aos populares. Revista Aletria, - maio.-ago.n. 2,v. 22, 2012.

modo ampliado os escudos e uniformes dos mesmos. A proposta inicial é ousada, pois visa cobrir os 853 municípios mineiros através de seus times, profissionais ou amadores.

Também compõem a sala camisas dos principais times de Minas Gerais, com em torno de 50 camisas, além de ingressos, bolas, fotografias, bustos e troféus relevantes para a história dos times e do futebol mineiro. Em uma parede foi revitalizado o antigo *Hall da Fama*, do Mineirão, que apresenta as marcas de pés e mãos de 23 jogadores, que vão desde Pelé, Piazza, Dirceu Lopes, Palinha, Jair Bala, Dario, até Euller e Ronaldo. Também mereceram uma roupagem midiática os gols de placa do estádio, que são apresentados com as placa originais e vídeos dos respectivos gols, acompanhada de um adesivo de parede com a explicação da origem do . Em parede da sala é apresentado uma linha do tempo, que trata de eventos históricos do futebol mineiro de 1900 até os dias atuais. Para fechar a sala, no centro dela é exibida uma videoinstalação com projeção ano a ano dos municípios mineiros que participaram do campeonato estadual.

Por último, o quinto espaço expositivo deste projeto, é a “Sala Futebol e Outras Artes”, onde são apresentadas as representações do futebol na cultura brasileira, pensando o futebol integrado as linguagens artísticas. Propondo ao visitante observar como o futebol dialoga e é representado na sala com a música, dança, literatura, escultura, audiovisual, charge e cartum, fotografia, propondo ao visitante a refletir como o futebol está presente na cultura brasileira. Por exemplo, no nicho da dança é apresentado um pequeno trecho do espetáculo *Oncotô*, do Grupo Corpo, onde na música *Big Bang, Bang*, de José Miguel Winisk e Caetano Veloso, a dança e o futebol se fundem em uma sincronia rítmica única. Além disso, a videoinstalação é acrescida de comemorações de jogadores ao som da música. Já em outro espaço da Sala são apresentados 11 jogadores históricos do futebol mineiro e brasileiro pelo olhar de cartunistas e chargistas locais. Foram retratados jogadores como Tostão, Reinaldo, Cerezo, Eder, Raul, Ronaldinho Gaúcho e Alex, por exemplo.

No módulo dedicado à Música e Futebol, foram disponibilizadas em torno de 150 canções, de todos os estilos musicais que apresentam o futebol como tema principal ou foram apropriadas pelo jogo. No final da Sala, talvez uma das mais bem sucedidas videoinstalações do Museu, que é a sobre Literatura e Futebol. Nesta projeção são apresentadas 15 poesias de poetas mineiros produzidas para o projeto “Pelada Poética”, onde as poesias são narradas/interpretadas pelos próprios poetas e acompanhadas de animações gráficas que projetam um livro de um 1.80 m de altura por 1.80m de largura, dando a sensação ao visitante de entrar no livro narrado.

## Considerações Finais

Portando, o objetivo da nova exposição consistia em contar o processo histórico de formação do futebol como esporte e cultura no Brasil, com suas idas e vindas. Muito por pensar o futebol em duas bases conceituais a primeira é a de que,

“Se Albert Camus pôde encontrar o grande mestre da vida no futebol, talvez seja porque este contém a contradição básica da existência. De um lado é expressão o absurdo, a dimensão existencial que mais atraiu o escritor franco-argelino. De outro é o ensaio para se lutar contra esse absurdo, pois “a revolta é próprio movimento da vida, que não pode ser negada sem que se renuncie a viver”. Quando ele afirma que a vida é “longa obstinação” na qual “nenhum ser pode salvar-se completamente sozinho”, talvez tivesse em mente o futebol. Quando pensa no absurdo, talvez se lembrasse, por ter sido goleiro (amador, a tuberculose impediria a carreira profissional), “que a bola nunca vinha do lado que se imaginava.” Realmente, a mensagem básica da obra de Camus é a do próprio futebol – a felicidade é tão

preciosa que porque caminha ao lado da tragédia.” (FRANCO JÚNIOR, 2007: 395)<sup>178</sup>

Talvez este encantamento com o futebol por parte de seus amantes tenha na imprevisibilidade do jogo uma de suas identidades mais marcantes por conta das características culturais do modo de vida da sociedade contemporânea ocidental. Por outro lado o entendimento do futebol no Brasil, que também esteve presente nesta proposta curatorial é,

“Para além do bem e do mal, o futebol brasileiro insiste, desafiadoramente e ironicamente, como *o emplasto de Brás Cubas que deu certo*. Quando os sinais legíveis do Brasil são interpretados no mundo como levemente inconsequentes no seu chamado prazer, ao mesmo tempo que o país, regido pelos *frívolos* e os *graves* – “as duas colunas máximas da opinião” –, se torna superficial e pesado, ele testemunha ainda, ou testemunhou, junto com a música popular, e não deslocado da literatura, uma das mais originais propostas do nosso esboço de civilização: a respiração do fora do produtivismo sem trégua, a capacidade de comunicação entre lógicas múltiplas, e a leveza profunda”. (WINISK, 2008: 430)<sup>179</sup>

Portanto a exposição em cartaz no Museu Brasileiro do Futebol do Mineirão tem como objetivo principal propor ao visitante uma comunicação que ajude este a imergir na cultura do futebol como uma construção histórica ampla, ainda que com todas as suas limitações. Assim a exposição descrita acima aos interessados no futebol que não curtem museus, ou as pessoas que gostam de museu e não gostam de futebol e as pessoas que não gostam de nenhum dos dois olharem para o futebol de outro ponto.

## Agradecimentos

Para encerrar, gostaria aqui também de agradecer ao professor e Elcio Loureiro Cornelsen pelas orientações, indicações bibliográficas e bons debates no grupo FULIA-UFMG que possibilitaram em muito a viabilidade deste trabalho. Também agradeço ao professor Silvio Ricardo da Silva pelas preciosas conversas e reflexões em torno do futebol nos estudos do lazer, ao apoio dos colegas do Gefut por sempre prestigiarem as ações do Museu. Vale ressaltar a importante e decisiva contribuição dos pesquisadores Gustavo Cerqueira Guimarães, Raphael Rajão Ribeiro e Cleber Araujo Cabral, que com suas pesquisas e textos ajudaram a compor esta exposição.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALBERTI, Verena. *Manual de história oral*. 3. ed. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2005.  
 AZOUBEL NETO, David. *O futebol como linguagem: da mitologia à psicanálise*. Ribeirão Preto, SP: FUNPED-Editora, 2010.  
 BELLOS, Alex. *Futebol: O Brasil em Campo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003.  
 BENJAMIN, Walter. Sobre o Conceito da História. In: *Magia e Técnica, Arte e Política*. Obras escolhidas. Volume 1. Trad. Sergio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1994.

<sup>178</sup> FRANCO JÚNIOR, Hilário. *A dança dos deuses: futebol, sociedade, cultura*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

<sup>179</sup> WINISK, José Miguel. *Veneno remédio: o futebol e o Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

BURKE, Peter. *Testemunha ocular: história e imagem*. trad. de Vera Maria Xavier dos Santos, Bauru, SP: EDUSC, 2004.

CORNELSEN, Elcio Loureiro. *Hinos de futebol nas gerais: dos hinos marciais aos populares*. Revista Aletria, - maio.-ago.n. 2,v. 22, 2012.

CORNELSEN, Elcio; VIEIRA, Elisa Maria Amorim; SELIGMANN-SILVA, Márcio (org.). *Imagem e Memória*. Belo Horizonte: FALE/UFMG, 2012.

DAMATTA, Roberto. *A bola corre mais que os homens: duas copas, treze crônicas e três ensaios sobre futebol*. Rio de Janeiro: Ed. Rocco, 2006.

DAMATTA, Roberto. *Futebol: ópio do povo ou drama de justiça social*. In: DAMATTA, Roberto. *Explorações: ensaios de sociologia interpretativa*. Rio de Janeiro: Ed. Rocco, 1986, p. 101-120.

FILHO, Mario. *O negro no futebol brasileiro*, 4. d., Rio de Janeiro: Mauad, 2003.

FRANCO JÚNIOR, Hilário. *A dança dos deuses: futebol, sociedade, cultura*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

GUMBRECH, Hans Ulrich. **Produção de presença: o que o sentido não consegue transmitir**. Tradução: de Ana Isabel Soares. Rio de Janeiro: Contraponto e PUC-Rio, 2010.

GUTERMAN, Marcos. *O futebol explica o Brasil: uma história da maior expressão popular do país*. São Paulo: Contexto, 2009.

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Ed. Vértice, 1990.

LE GOFF, Jacques. *História e Memória*. trad. Irene Ferreira, Bernardo Leitão e Suzana Ferreira Borges, Campinas, SP: Ed. Unicamp, 2003.

ROSENFELD, Anatol. *Negro, macumba e futebol*. org. Jacó Guinsburg, São Paulo: Perspectiva, 2007.

RIBEIRO, Raphael Rajão. *A bola em meio a ruas alinhadas e a uma poeira infernal: os primeiros anos do futebol em Belo Horizonte (1904-1921)*. 2007. 180 f. Dissertação (Mestrado em História) - Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2007.

SILVA, Daniella Rebouças. *As formas de ver as formas: uma tentativa de compreender a linguagem expositiva dos museus*. Cadernos de Sociomuseologia, nº16, 1999.

SILVA, Marcelino Rodrigues da. *Mil e uma noites de futebol: o Brasil moderno de Mario Filho*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2006.

WISNIK, José Miguel. *Veneno remédio: o futebol e o Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

UFMG

ULIA  
NÚCLEO DE ESTUDOS  
LINGUAGENS E ARTES



# FUTEBOL

SIMPÓSIO INTERNACIONAL  
LINGUAGEM • ARTES • CULTURA • LAZER



EEFTO UFMG  
ESCOLA DE EDUCAÇÃO  
FÍSICA, FISIOTERAPIA  
E TERAPIA OCUPACIONAL



ISBN: 978-85-61537-25-8